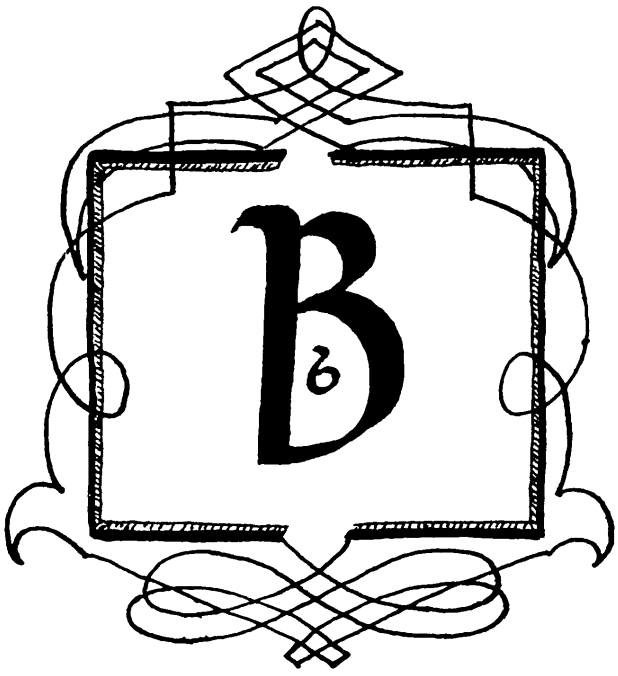


1. Formas Antigas

fenício (semítico), 1000 A.C. grego ocidental, 800 A.C. latino, 50 D.C.



2. Nos Manuscritos Gregos do Novo Testamento



3. Formas Modernas

B *B* b *b* B B b b *B b* B *B* b *b*

4. História

B é a segunda letra do alfabeto português. Nos idiomas semíticos, era chamada *beth*, «casa». Essa palavra começava com o fonema consonantal *b*, razão pela qual a letra «b» veio a ter, universalmente, esse som. Provavelmente essa letra desenvolveu-se a partir de um hieróglifo egípcio que representava uma casa. Os gregos adotaram a letra, chamando-a de *beta*. Finalmente, o conjunto inteiro das letras usadas em um idioma veio a chamar-se *alfabeto*, termo formado do grego *alpha* + *beta*. Essa letra passou para o latim, e daí para muitos idiomas modernos.

5. Usos e Símbolos

B é o nome da sétima nota musical, também chamada *si* na escala do Dó. Nos sistemas de gradação, essa letra representa *bom*, sendo menos do que A e melhor do que C (médio). Entretanto, pode indicar algo de qualidade inferior, como o grau B, em contraste com o grau A. Na combinação B. A., dentro dos graus acadêmicos, representa Bacharel em Artes; e B.S. indica Bacharel em Ciências. *B* é empregado como símbolo do manuscrito *Vaticano*, descrito no artigo separado *B*.

Caligrafia de Darrell Steven Champlin

B

Símbolo usado para designar o manuscrito bíblico *Codex Vaticanus*, que indubitavelmente é um dos melhores em existência. As objeções a essa avaliação ignoram vários fatos: a. Que muitos dos mais antigos manuscritos em *papiro* têm um texto similar ao do Vaticanus, de tal modo que em sentido algum o mesmo aparece solitário. b. Que muitos dos mais antigos *manuscritos unciais* também confirmam esse texto (chamado neutro ou alexandrino, pelos críticos textuais). c. Que várias das mais antigas *versões* (latina, boárica, saídica, etc.) confirmam esse texto. d. Que alguns dos primeiros *pais* da Igreja usaram um texto bastante similar ao do codex B (Vaticanus). Esse manuscrito data da primeira metade do século IV D.C., e poderia ter sido um dos cinqüenta manuscritos que Eusébio preparou, por ordem do imperador Constantino. No A.T., o manuscrito é completo, excetuando as primeiras trinta e nove páginas, e dez páginas dos Salmos. As porções que faltam no N.T. são Heb. 9:14 até o fim, as epístolas pastorais e o Apocalipse. O manuscrito foi escrito em finíssimo velino. Não tem iniciais em corpo maior, nem pontuação, não tem acentuação, nem divisões em capítulos ou seções, conforme se vê em manuscritos posteriores, embora tenha uma forma de divisão toda peculiar, bem como dois outros manuscritos, XI e 579. Há total ausência de ornamentação, e isso, juntamente com as diferenças acima mencionadas, confirmam sua antiqüíssima origem.

O nome desse manuscrito deriva-se do fato de que é um dos tesouros da Biblioteca do Vaticano, em Roma. Tem estado ali desde antes de 1475. Um correspondente de Erasmo, em 1533, enviou-lhe certo número de passagens selecionadas, a fim de demonstrar que esse manuscrito era superior a qualquer um que Erasmo tinha, para a compilação do seu Textus Receptus (ver o artigo). Mas o manuscrito não foi franqueado ao exame público. Por muito tempo, as autoridades do Vaticano mostraram-se muito zelosas, temendo que o manuscrito fosse danificado, e o zelo excessivo impediu seu uso. Porém, em 1889-1890, foram feitos fac-símiles fotográficos do manuscrito inteiro, de tal modo que seu estudo tornou-se possível para todos. Quanto a maiores detalhes sobre esse manuscrito e a questão inteira envolvida, tanto quanto aos documentos existentes como à teoria da crítica textual, ver o artigo sobre os *Manuscritos da Bíblia*. (KE ME)

BÃ

Um nome próprio que aparece em I Esdras 5:37, e que algumas traduções dos livros apócrifos emendam para Tobias. Um homem é chamado Bã, cujos descendentes figuram entre os exilados que retornaram da Babilônia, mas que não puderam provar que realmente pertenciam a Israel. Os trechos paralelos de Esd. 2:60 e Nee. 7:62 dizem «Tobias». (Z)

BAADER, FRANZ V.

Suas datas: 1765-1841. Foi médico praticante, professor honorário da Universidade de Munique. No campo religioso foi místico e filósofo. Seu estilo de redação, muito aforístico, com muita fantasia, analogia e etimologia, fez com que as suas obras tivessem um sentido vago. Ele combinava idéias de Jacó Boehme, Shelling e Fichte (ver os artigos a respeito deles). Afirmava que o conhecimento humano é idealmente (e possivelmente), um co-conhecimento com o conhecimento divino. Assim, sendo, o homem poderia ser receptor de conhecimento, e não criador do mesmo. Baader aderiu à doutrina católica, em consonância com as linhas traçadas por Anselmo, acusando a Reforma Protestante de ser mais uma revolução do que uma reforma. (E)

BAAL (BAALISMO)

A palavra e seu uso. Essa é a palavra hebraica que significa «proprietário», «senhor» ou «marido». É usada em I Crô. 5:5; 8:30 e 9:36 como um nome pessoal; e, de modo geral, designa a divindade cananéia desse nome. As identificações incluem aquelas com restrições a algum mero lugar de adoração, como Baal-Peor (Núm. 25:3), Baal-Gade (Jos. 11:17), Baal-Hermom (Juí. 3:3), etc. Algumas vezes, tais combinações indicam uma característica da divindade, e não algum lugar com o qual estaria associada, como Baal-Berite (Baal do pacto, em Juí. 8:33); Baal-Zebube, talvez uma corruptela de Baal-Zebul (que significa «príncipe», em II Reis 1:2). O próprio termo sugere que a divindade era considerada *proprietária* de um determinado lugar, pelo que exerceria controle ali, no tocante a certos aspectos da vida humana, mas, sobretudo, no tocante à fertilidade.

Baalismo. A adoração a Baal era, essencialmente, uma religião da natureza, cuja ênfase principal era a fertilidade. O Oriente Próximo exibiu várias formas de religião da fertilidade, e essa religião dos cananeus era a mais desenvolvida entre elas, quanto a esse aspecto. Israel deixou-se arrastar pela influência do baalismo por meio de sincretismo (os hebreus incorporaram-no, ou ao menos aspectos seus, à sua fé), tendo havido uma reação profética (os profetas que reagiram contra esses elementos corruptores).

Fontes informativas. O A.T., os tabletes de Ras Shamra (ver o artigo) e Filo Bíblio.

Idéias. *El* seria o pai dos deuses, mas não teria muito contato com os homens. Aserá era a deusa-mãe. Um filho (ou neto) de destaque deles seria Baal. Sua consorte, Astarte (que no A.T. aparece como Astarote ou Astorete), era a deusa da fertilidade (ver o artigo sobre ela). Nos tabletes de Ras Shamra, Anate aparece como a consorte de Baal. Seu maior inimigo era Mote (a morte). O clima da Síria e da Palestina contribuía para a elaboração dessa religião. As chuvas cessam em março-abril. Só começa a chover novamente em outubro-novembro; e, durante o intervalo, pouca vegetação pode crescer. A menos que as chuvas voltem, a fome é inevitável. Assim, os cananeus personificaram as forças que fazem a vegetação voltar à vida. A razão pela qual as chuvas cessariam é que Baal seria morto em uma luta feroz contra Mote. E as chuvas retornariam porque os amigos de Baal (como o Sol - Shapsh ou Shemesh) e Astarte (fertilidade), devolveriam-lhe a vida (princípio da ressurreição). A terra floresceria novamente porque Baal e Astarte copulavam. Assim, temos nisso uma forma de religião que é, essencialmente, a adoração à natureza. Quando os homens perturbam os deuses ou deixam de agradá-los, há perturbações nas condições atmosféricas, ou nas vidas das famílias e das tribos.

Festividades. A fim de promover o sentimento religioso do povo e honrar os deuses, foram instituídas

festas que apelavam ao impulso procriador e a licensiosidade, incluindo a prostituição masculina e feminina, que se tornou um acompanhamento indispensável nesses cultos de fertilidade. Isso prosseguia durante os períodos de festividade e fora dos mesmos.

Influência sobre Israel. Essa religião exerceu grande influência sobre Israel, especialmente no norte (Israel, em contraste com Judá), onde as idéias e as culturas pagãs tornaram-se parte, mais rapidamente, da perspectiva religiosa dos israelitas. Isso provocou os protestos dos profetas. Sob tais circunstâncias foi que Elias e seus sucessores postularam a pergunta se o Deus de Israel era Yahweh ou Baal (ver I Reis 18). Os símbolos dessa adoração foram condenados pelos profetas, incluindo a árvore ou bosque sagrado, a coluna e os terafins (imagens, que incluíam figurinhas da deusa da fertilidade, que se tornaram populares e numerosas entre os israelitas). O protesto levantado pelos profetas contra esse tipo de religião pode ter sido um dos fatores que raramente permitia que Deus fosse chamado de *Pai*; e o A.T. não tem palavra que corresponda a *deusa*. Além disso, a expressão *filho de Deus*, aplicada ao homem, é rara no A.T. Tais termos poderiam ser erroneamente entendidos, em termos pagãos. No judaísmo havia o cuidado de se evitar a terminologia sexual no seio da família, porquanto isso era por demais comum nas religiões politeístas e de fertilidade, entre os vizinhos de Israel.

Fatores do vigor da religião de fertilidade. 1. Israel não expulsou os cananeus de suas terras, mas antes, misturou-se com eles em casamento. 2. Aqueles que tinham acabado de entrar na Terra Prometida tinham acabado de sair das experiências no deserto. Formas religiosas que fomentavam festividades e os prazeres sensuais eram alternativas tentadoras. Ou, pelo menos, elementos tomados por empréstimo dessas atividades que sem dúvida eram muito atrativos. 3. A lei de Israel era austera. Sempre será mais fácil seguir o curso de menor resistência. Assim, persistia por um lado a fé em Yahweh, e esta ia-se misturando com elementos cananeus. Esse processo sincretista é ilustrado em passagens como Juí. 2:1-5; 2:11-13,17, 19; 3:5-7; 6:25. A mesma coisa se dava com combinações de palavras, como Jerubaal (ver Juí. 7:1), Beeliada (ver I Crô. 14:7), Es-Baal e Meribe-Baal (ver I Crô. 8:33,34), que surgiram de outros nomes próprios. As ostraca de Samaria (cerca de 780 A.C.) demonstram que para cada dois nomes que envolviam o nome de Yahweh, um era uma forma qualquer composta de Baal. O trecho de I Reis 18 mostra-nos que o baalismo tornou-se tão forte em Israel que somente sete mil deles permaneceram fiéis à antiga fé. Elias conseguiu evitar o colapso total da fé judaica. Embora continuassem havendo reformas e o protesto dos profetas (ver Osé. 2:16,17), parece que foi necessário o cativeiro para impor a purificação necessária.

Dois grandes mitos de Baal. Os textos de Ras Shamra contêm esses mitos, a saber: 1. O conflito com o Príncipe do Mar e Juiz do Rio (o deus das águas obtém a ascendência e, arrogantemente, intimida os outros deuses). Baal, com a ajuda de alguns outros deuses, é capaz de derrotá-lo, confiando-o à sua devida esfera de atividade. Talvez essa luta seja simbolizada pelo leviatã da Bíblia, que poderia ser o mesmo *lotan*, a serpente enroscada, e que possivelmente seja idêntica ao Príncipe do Mar. — Alguns supõem que o Dia do Senhor (segundo originalmente concebido no judaísmo) poderia referir-se à vitória de Yahweh sobre as forças do caos. E esse conceito poderia depender do mito cananeu, acima descrito. 2. Outrossim, havia o deus que morria e ressuscitava; Baal, morto por Mote, era então ressuscitado pelo deus Sol e por Astarte. Tal suposta ressurreição era acompanhada por grandes festividades de sensualismo. Apesar de que o judaísmo, como é óbvio, nunca desenvolvesse qualquer coisa similar, excetuando casos de empréstimos diretos extraídos das religiões de seus vizinhos pagãos, alguns estudiosos supõem que o próprio conceito de ressurreição pode ter sido provocado, pelo menos em parte, por essa antiga crença. Não há como determinar até que ponto isso pode ter sido verdade. Mas a verdade do conceito da ressurreição em nada é prejudicada ainda que os povos pagãos, de maneira crua, tivessem antecipado e expressado essa idéia à sua maneira ímpia. (E ID SMIT Z)

BAAL-BERITE

No hebraico, **Senhor do pacto.** Era um deus cananeu, adorado pelo povo de Siquém, após a morte de Gideão (ver Juí. 8:33 e 9:4). Essa adoração era promovida mediante o ídolo do deus. Abimeleque, neto de Gideão, tomou setenta peças de prata da casa desse deus a fim de contratar homens para o ajudarem em sua rebelião (ver Juí. 9:4). Não se sabe como interpretar a palavra *pacto*, associada a esse deus. 1. Poderia ser um pacto geral: a aliança entre o povo e essa divindade; ou 2. poderia ser um pacto particular: a divindade chamada como testemunha do pacto de Siquém com Israel. Provavelmente devemos pensar nessa segunda alternativa. (ND S Z)

BAAL-GADE

No hebraico, **Senhor de sorte.** Nome de uma cidade no vale do Líbano, sob o monte Hermom (ver Jos. 11:17; 12:7 e 13:5). Ficava localizada no extremo norte das conquistas de Josué. A localização precisa é desconhecida, mas ficava entre o monte Líbano e o monte Hermom, talvez perto da moderna aldeia de Hasbeiya. Tell Haush, a doze quilômetros ao norte de Hasbeiya, tem sido identificado como o lugar, por alguns estudiosos. Esse lugar, de fato «todo o Líbano, na direção do pôr-do-sol, de Baal-Gade, sob o monte Hermom, até à entrada em Hamate», não foi conquistado por Israel antes da morte de Josué. Alguns têm identificado esse lugar com Baalbeque, mas tal identificação não tem resistido à investigação. (ID S)

BAAL-HAMOM

No hebraico significa «Baal das multidões». (Ver o artigo com esse título). Seja como for, era uma localidade nos montes de Efraim, perto de Samaria. Entre essa localidade e Dotã, foi sepultado o marido de Judite (ver Judite 8:3). No Antigo Testamento, o local é mencionado exclusivamente em Can. 8:11, onde se lê que ali Salomão tinha uma vinha.

BAAL-HANÃ

No hebraico, **Baal é gracioso.** Foi nome de duas pessoas, no A.T.

1. Um rei de Moabe que reinou após Saul (ver Gên. 36:38). Talvez fosse filho de Acbor, sucessor de Saul. Foi sucedido por Hadar ou Hadade (ver Gên. 37:39; Ver também I Crô. 1:49,50).

2. Um gederita, superintendente real das oliveiras e sicômoros nas planícies baixas, sob Davi (ver I Crô.

27:28), em cerca de 1015 A.C. (S)

BAAL-HAZOR

No hebraico, **Vila de Baal**. Lugar onde Absalão guardava seus rebanhos e realizou sua festa de tosquia (ver II Sam. 13:23). Não é a mesma Hazor (ver Nee. 11:33), atualmente Tell 'Asar. Por longo tempo, Absalão vinha planejando vingar-se de Amom, por haver desvirginado sua irmã, Tamar. A festa foi apenas um pretexto para que pudesse pôr as mãos sobre Amom. O plano deu certo. Absalão conseguiu matar Amom, e então foi esconder-se, durante algum tempo. É provável que o lugar onde a festa foi realizada fosse uma casa nas montanhas, sendo um lugar cerca de 1200 m acima do nível do mar. O lugar tem sido identificado com Jebel el-'Asur, a nordeste de et-Tayibeh, a pequena distância, e a leste da estrada para Siquém. (ID S)

BAAL-HERMOM

No hebraico, **Senhor de Hermom**. Tem sido identificado por alguns com Baal-Gade (ver o artigo a respeito), mas não há certeza quanto a isso. Seja como for, era um lugar onde Baal era adorado (ver o artigo a respeito), e estava localizado na Transjordânia, nas vertentes do monte Hermom. Ficava defronte da entrada para Hamate, onde habitavam os heveus (ver Juí. 3:3). Essa referência nos dá a idéia de que era uma montanha a leste do Líbano, chamada por esse nome. A atual Banjas mui provavelmente assinala o local. (Ver Jos. 13:5). (ID S UN)

BAAL-MEOM

No hebraico, **Senhor da habitação** (ver Núm. 32:38 e I Crô. 5:8). Foi uma cidade construída pelos descendentes de Rúben. Era uma das mais importantes cidades da fronteira de Moabe, juntamente com Bete-Jesimote e Quiriataim (ver Eze. 25:9). Fazia parte das possessões moabitas, ao tempo de Ezequiel (ver Eze. 25:9). Também era chamada pelo nome de Bete-Baal-Meom (ver Jos. 13:17), Bete-Meom (ver Jer. 48:23), e Beom (Núm. 32:3). Há uma inscrição na Pedra Moabita (ver o artigo a respeito) que diz que Mesa, rei de Moabe, edificou-a e ali construiu um reservatório. É provável que o lugar tivesse mudado de mãos com freqüência, entre Israel e Moabe, por diversas vezes. Ficava localizado em Ma'in, a quase quinze quilômetros a leste do mar Morto, segundo têm descoberto os arqueólogos. (ID UN)

BAAL, MEU

No hebraico, **Meu Senhor**. Um nome usado para indicar Deus (ver Os. 2:16), embora o termo fosse tipicamente pagão, e, naturalmente, trouxesse tal conotação. O povo recebeu ordem para não usar o nome, por esse motivo. Mas a referência pode significar apenas que Deus agora seria chamado *Ishi* (marido), e não Baal, porquanto essa mudança de nome estava ensinando uma lição espiritual. Israel deveria manter um correto relacionamento com Deus, como se fosse uma esposa para com seu esposo, e não meramente o relacionamento de um servo para com o seu senhor. Todavia, o desuso do nome Baal provavelmente também serviria de medida contra o paganismo. (ID)

BAAL-PEOR

No hebraico, **Senhor de Peor**. Era uma divindade adorada em Moabe, quando Balaão provocou a apostasia em Israel. Isso sucedeu quando Israel estava acampado em Sitim (ver Núm. 25:3 *ss.*). Todos os adoradores foram mortos, mediante o julgamento divino (ver Deu. 4:3). Essa apostasia particular prosseguiu, sendo relembrada muito tempo mais tarde (ver Sal. 106:28 e Osé. 9:10). Nesta última referência a adoração ao ídolo é chamada de «vergonhosa idolatria», e seus adoradores de «abomináveis». Alguns supõem que essa forma de adoração incluía excessos sexuais e perversões. Esse deus era a divindade local do monte Peor (daí o nome), e provavelmente estava vinculado ao Baal dos fenícios. (Z)

BAAL-PERAZIM

No hebraico, **Senhor dos calções**. Davi dera esse nome a um lugar, onde obteve a vitória em uma batalha contra os filisteus (ver II Sam. 5:20; I Crô. 14:11 e Isa. 28:21). Esse nome é curioso por ser o único que se compõe com o nome Baal, acerca do qual temos informações específicas sobre como o nome foi dado. O local é atualmente desconhecido, embora dois locais, próximos de Jerusalém, tenham sido sugeridos: a moderna Sheikh Bedr, a noroeste de Jerusalém, e um lugar no vale dos Gigantes, a sudoeste de Jerusalém. No trecho de Isaías 28:21, o lugar é chamado Monte Perazim. (ID S UN)

BAAL-SALISA

No hebraico, **Senhor de Salisa**. (Ver II Reis 4:42). Era um lugar no distrito de Salisa (ver I Sam. 9:4). Eusébio e Jerônimo disseram que era uma cidade a quinze milhas romanas de Diópolis, perto do Monte Efraim. Era o lugar de nascimento do homem, de nome desconhecido, que, em tempo de fome, trouxe a Eliseu vinte pães de cevada e espigas de trigo que alimentaram cem homens. A quantidade de alimento era minúscula, para tanta gente. Mas houve um milagre de multiplicação, tornando o alimento suficiente a todos, pois ainda sobrou muito alimento após todos já estarem satisfeitos. O paralelo miraculoso de Jesus, na multiplicação dos pães e dos peixes, em Mat. 14:16 e *ss.*, é óbvio. Ambos os eventos ilustram como a provisão de Deus é surpreendente, podendo derrotar tanto a fome física quanto a fome espiritual. As pessoas sempre se surpreendem quando lhes é conferida uma provisão inesperada, e elas dizem: «Louvado seja o Senhor». Porém, em breve esquecem-se da providência divina, e tornam a surpreender-se, em futuras ocasiões. (G HA)

BAAL-TAMAR

No hebraico, **Senhor da palma**. Era um lugar perto de Gibeá, na tribo de Benjamim, onde as outras tribos lutaram com os benjamitas (ver Juí. 20:33). Eusébio chamava-a de Betamar, o que é um intercâmbio verbal com Bete e Baal. O lugar estava associado à palmeira de Débora (ver Juí. 4:5), que ficava entre Betel e Ramá, uma posição que talvez explique o nome. Israel fora à batalha para castigar o pecado de Benjamim (ver Juí. 20:33). O local atualmente é desconhecido, mas ficava perto de Gibeá, que dista seis quilômetros e meio de Jerusalém. Alguns identificam as ruínas em Erhah como o local. (UN Z)

BAAL-ZEBUBE

No heb., **Senhor das moscas**. Belzebul, segundo

se pensa, significa *deus do monturo*, que expressa repulsa ao príncipe de toda impureza moral. Todavia, alguns supõem que a palavra significa «senhor da habitação», onde se ocultariam maus espíritos. As variantes textuais nos manuscritos confundem o quadro. Baal-Zebube aparece no A.T., e Belzebul no N.T. (ver II Reis 1:2; 1:3,6; 1:16; Mat. 10:25,27; Mar. 3:33; Luc. 11:15 *ss*). Originalmente, Baal-Zebube era um deus filisteu, ao qual Acazias, filho de Acabe, rei de Israel, mandou consultar, após ter caído de seu quarto elevado, em Samaria (ver II Reis 1:2). Acazias esperava receber algum bom presságio da parte dessa divindade, acerca de sua condição, mas foi repreendido por Elias, por tal lapso. A morte foi declarada como certa, como castigo. Não se sabe porque essa divindade era chamada *das moscas*. Alguns têm sugerido que isso se deve ao fato de que ele protegia seus adoradores das moscas. Outros pensam que significa que a sua mensagem e provisões eram rápidas, como moscas. Ou então, a quase onipresença das moscas poderia sugerir uma divindade que está em todos os lugares. A forma neotestamentária varia nos manuscritos, e muita discussão se concentra em torno de seu significado e uso. Ver o artigo separado sobre Belzebul. (I IB ID)

BAAL-ZEFOM

No hebraico, **Senhor do Inverno,** ou **Senhor do norte.** Uma cidade pertencente ao Egito, localizada na fronteira do mar Vermelho. (Ver Êxo. 14:2 e Núm. 33:7). Ali acamparam os filhos de Israel antes de atravessar o mar. Ao que parece, foram apanhados em uma armadilha, pelo que devia ser uma espécie de península. Ali postados, viram os exércitos egípcios que se aproximavam. Os filhos de Israel ficaram aterrorizados, queixando-se diante de Moisés por qual razão tinham sido apanhados em uma armadilha. Porém, Moisés exortou-os a que confiassem em Deus. Foi então que o povo de Israel atravessou o mar por terra seca; e os exércitos egípcios, tentando fazer a mesma coisa, foram afogados nas águas do mar, que retornaram ao seu devido lugar.

O próprio nome fala de um bem conhecido deus da literatura de Ugarite. Há evidências de que essa divindade estava associada ao porto egípcio de Tapanes. Posteriormente, Jeremias foi levado para esse porto, pelos judeus que fugiam de Jerusalém, pois recusavam-se a render-se a Nabucodonosor.

Não se sabe qual a localização exata de Baal-Zefom, mas supõe-se que ficava ou perto do mar Mediterrâneo, em Tapanes, a 35 km a suleste de Rameses, ou para o suleste daquele lugar. Tapanes é a atual Tell Defneh, na extremidade norte do ístmo. (I IB SIM Z)

BAALÁ

No hebraico, **senhora.** Há variações desse nome, como Quiriate-Jearim (ver Jos. 15:9), Baalim de Judá (ver II Sam. 6:2), Quiriate-Baal, em Judá (ver Jos. 15:60 e 18:14).

1. A cidade de Quiriate-Jearim, a quase quinze quilômetros a oeste de Jerusalém, talvez a moderna Tell-el-Azhar. Ela é mencionada em conexão com as fronteiras do território de Judá (ver Jos. 15:9,10,11, 29; I Crô. 13:6).

2. Uma cidade ao sul de Judá, talvez a Baalá de Jos. 19:3, ou a Bealote de Jos. 15:24. Ficava na Sefelá, anteriormente parte do território de Simeão, tendo sido identificada com Khirbet el-Meshash, cidade no extremo sul de Judá (ver Jos. 15:29).

3. Uma cadeia montanhosa de Ecrom a Jabneel, na fronteira norte de Judá, talvez na colina atualmente conhecida como Mughar e associada a Khirbet el-Meshash (ver Jos. 15:11).

4. Baalá, uma cidade de Dã, na fronteira (ver Jos. 19:44), associada a Bel 'ain.

5. Uma cidade a oeste de Gezer, talvez a mesma mencionada no número anterior. O lugar foi construído por Salomão, para servir de cidade-armazém (ver I Reis 9:18 e II Crô. 8:6).

6. Baal, devendo ser identificada com Baalate-Beer (ver o artigo), na fronteira com Simeão (I Crô. 4:33). (Z)

BAALATE

Ver **Baalá**, números 4 e 5.

BAALATE-BEER

No hebraico, **poço santo,** ou **Baal do poço.** Era uma cidade do território de Simeão, evidentemente o santuário de uma deusa. Deve ser identificada com «Ramá do Sul» (ver Jos. 19:8; I Crô. 4:33), a qual muitos pensam ser a mesma que a de número 6, sob o título Baalá. Não se sabe o local exato, mas pensa-se que fica no extremo sul de Neguebe, e próximo de um poço. (ID S)

BAALBEQUE

Ver *Senhor do Vale.*

Vem do sírio e significa *cidade de Baal* ou *Senhor do Vale*. Era uma antiga cidade, que separava o Líbano das montanhas do Antilíbano. Seu nome grego era Heliópolis, *cidade do sol*. Baal era um elemento comum em nomes próprios compostos, visto que o seu culto era generalizado e forte na Palestina e na Síria. Ver o artigo sobre Baal (Baalismo).

Situação. Ficava localizada no declive mais baixo das montanhas do Antilíbano, no início de um pequeno vale, dando para a planície de El-Bekaa. Através desse vale corria um riacho que se dividia em vários filetes de irrigação. Ficava localizada cerca de 65 km de Trípoli.

Importância. Antes dos tempos helenistas, era uma importante cidade, embora mais tarde tivesse declinado. Todavia, sua importância muito aumentou no período romano posterior. Josefo chama-a de Heliópolis (ver *Anti.* xiv.3,4); e o mesmo faz Plínio (ver Hist. Nat. v.22). Inscrições romanas mostram que o imperador Antônio Pio construiu um grande templo em honra a Júpiter, na cidade, o que se tornou uma das maravilhas do mundo. Isso é confirmado por João de Antioquia (Hist. Chro. lix.xi). Mediante moedas romanas, sabe-se que Heliópolis tornou-se uma colônia romana por ordem de Júlio César, e que era sede de uma guarnição romana no tempo de Augusto. Obteve a *Jus Italicum* da parte de Severo. Após a era de Constantino, os templos de Baalbeque começaram a declinar; mas, aparentemente, alguns deles foram posteriormente usados como centros de adoração cristã. A cidade continuou a ser um lugar importante até a época das invasões islâmicas, enriquecida por templos, palácios, jardins, fontes e residências luxuosas. Era bem fortificada e podia resistir a qualquer cerco. Porém, após repetidos ataques, capitulou. No ano de 1400, foi pilhada por Timour Beg. Então caiu nas mãos de uma bárbara tribo, os Metaweli. Foi conquistada por Ejezzar Pasha. O distrito inteiro terminou sob a supremacia

turca.

Arqueologia. As ruínas da cidade cobrem uma grande área, sendo mundialmente famosas. Há alicerces de edificações antiqüíssimas, obscurecidas por templos e edifícios romanos. O templo de Júpiter era um edifício maciço, de 89 m de comprimento por 18,30 m de largura, rodeado por dezenove colunas coríntias de cada lado, e dez na frente e nos fundos. Essas colunas tinham 18,90 m de altura e 2,30 m de diâmetro. Uma parede de separação, feita de pedras, tinha 20 m de altura x 4,5 m de espessura. Um templo construído em honra a Baco está melhor preservado, localizado a 40 m ao sul do templo de Júpiter. Os restos de uma Acrópole, de pórticos e de um átrio, com várias edificações, continuam visíveis. Os edificadores romanos que originaram a glória do lugar foram Antônio Pio e Caracala. A mãe deste último era síria, e pode tê-lo influenciado a isso.

Atualmente há uma pequena e miserável aldeia, a leste das ruínas. (ID UN WIE)

BAALE-JUDÁ

No hebraico, **Senhores de Judá**. Uma cidade de Judá, de onde Davi trouxe a arca para Jerusalém (ver II Sam. 6:2), provavelmente a mesma Baalá de Jos. 15:9 e I Crô. 13:5,6. Ver o número 1 do artigo sobre Baalá (UN)

BAALINS

No hebraico, *grande Senhor*, sendo o plural de Baal. O termo encontra-se em Juí. 2:11; 3:7; I Sam. 7:4; I Reis 18:18; Jer. 2:23; Osé. 11:2 e outros trechos. Ver o artigo sobre Baal (Baalismo).

BAALIS

No hebraico, *exultação*. Foi rei dos amonitas ao tempo do cativeiro babilônico (597 A.C.) (ver Jer. 40:14). Ele enviou Ismael para matar Gedalias, que governava o remanescente dos judeus que não tinham sido levados para a Babilônia (ver Jer. 40:14). Gedalias fora nomeado por Nabucodonosor. Ele não acreditou no rumor de que Baalis tinha enviado Ismael para assassiná-lo, e essa confiança decretou a sua morte. (S Z)

BAANÃ

No hebraico, *filho de opressão*. Nome de seis personagens do A.T.

1. Um filho de Ailude, que era um dos doze oficiais que Salomão encarregara de prover alimentos para a casa real. Ele controlava os distritos de Taanaque, Medigo, Bete-Seã, perto de Zaretã, e Abel-Meolá, além de Jocmeão (ver I Reis 4:12).

2. Filho de Hisai, outro desses oficiais, cujo distrito era Aser e Bealote (ver I Reis 4:16).

3. Pai de Sadoque, que ajudou a reparar as muralhas de Jerusalém, em 470 A.C., após o cativeiro babilônico (ver Nee. 3:4). Talvez o mesmo homem de número 6, sob Baaná. Ver abaixo.

4. Filho de Rimom, o beerotita, o qual, com seu irmão, Recabe, matou Isbosete quando este estava no leito, levando sua cabeça a Davi, em Hebrom. O propósito deles era o de forçar a união dos reinos, pois então Isbosete era rei de Israel. Baaná era o capitão chefe do rei, pelo que a ação teve elementos de traição. Davi irou-se diante do acontecido, acusando os irmãos de haverem assassinado um homem inocente, quando jazia sem defesa em sua cama. Portanto, Davi ordenou que os dois fossem mortos, e seus cadáveres foram mutilados e pendurados na forca, sobre o poço de Hebrom (ver II Sam. 4:2-12), em 992 A.C.

5. Um netofatita, um dos guerreiros de Davi (ver II Sam. 23:29; I Crô. 11:30), pai de Helebe ou Helede.

6. Um dos exilados que retornou em companhia de Zorobabel, do cativeiro babilônico (ver Esd. 2:2 e Nee. 7:7). Talvez deva ser identificado com o Baaná que ocupa o terceiro lugar nesta lista, acima. Provavelmente trata-se do mesmo indivíduo que, com Neemias e outros, selou um pacto feito na época (ver Nee. 10:27). (ID S Z)

BAARA

Uma das esposas de Saaraim, um benjamita (ver I Crô. 8:8).

BAASA

O sentido desse nome é incerto no hebraico, mas talvez signifique *mau* ou *ofensivo*. Era filho de Aías, da tribo de Issacar. Foi o terceiro rei de Israel e fundador de uma dinastia (900—880 A.C.). Parece que ele não era de sangue nobre (I Reis 16:2), tendo-se levantado a uma posição de autoridade por haver assassinado a Nadabe, filho de Jeroboão I, rei de Israel. A matança envolveu a família real inteira, quando o rei estava assediando Gibetom, uma cidade dos filisteus (ver I Reis 15:27). O extermínio dessa família cumpriu a profecia de Aías (ver I Reis 16:5 *ss.*). Tendo começado entre homicídios, era apenas natural que ele desse prosseguimento aos maus atos de Jeroboão, e eventualmente foi punido por Deus. Foi avisado com antecedência sobre como as coisas se sucederiam (ver I Reis 16:1-5), mas isso não o impediu de prosseguir em suas ações perversas. Tentou fortificar Ramá, mas foi compelido a desistir devido a um ataque armado, desfechado por Ben-Hadade. Este era o rei sírio ao qual Asa, rei de Judá, pedira para ajudá-lo contra o reino norte, de Israel (ver I Reis 15:16-21). Romperam as hostilidades entre o sul (Judá) e o norte (Israel), durante os vinte e quatro anos do reinado de Baasa (911-888 A.C.). Seu reinado foi pontilhado de terrores, guerras e traições, e Jeú predisse o total extermínio de sua família, como castigo divino, o que de fato sucedeu (ver I Reis 16:11).

Baasa foi o instrumento divino que impôs julgamento à casa de Jeroboão (ver I Reis 16:29,30). Mas ele mesmo nada aprendeu desse fato. Acabou classificado entre dois outros reis especialmente malignos, a saber, Jeroboão (I Reis 14:11) e Acabe (I Reis 21:19). (BRI ED)

BAASÉIAS

No hebraico, **o Senhor é ousado**. Contudo, alguns manuscritos dão um nome diferente, cujo sentido é *obra do Senhor*. Foi um dos antepassados de Asafe (ver I Crô. 6:40).

BABEL (Torre e Cidade)

No hebraico, **porta de deus**. Nome de uma das principais cidades fundadas por Ninrode, em Sinear (Suméria), antiga Babilônia. — O nome figura juntamente com Ereque e Acade, em Gên. 10:10. A tradição babilônica diz-nos que foi originalmente fundada pelo deus Marduque, e que foi destruída por

Sargão, em cerca de 2350 A.C. Ele levou terra do lugar a fim de fundar uma nova capital, a saber, Agade (ver o artigo sobre Acade). A história bíblica desse lugar, juntamente com sua torre, é relatada em Gên. 11:1-11. Ali, o termo *Babel* é explicado pela etimologia popular com o sentido de CONFUSÃO ou *mistura*. Isso é feito através de uma referência a um termo hebraico similar, *balal*, porque *babel* e essa palavra são parecidas, embora dotadas de significado diverso. Por meio dessa associação verbal, as duas palavras tornaram-se sinônimas, com o sentido de *confusão*, especificamente por causa do relato da torre de Babel, onde lemos que houve a confusão de línguas.

A expressão *torre de Babel* não se encontra no A.T., mas, em Gên. 11:4 aparece a palavra «torre». A própria torre foi feita de tijolos e asfalto, e não de pedras. É provável que a construção tivesse o intuito de ser um elevado sinal demarcatório. E visto que os antigos não faziam idéia da vastidão do espaço—pois somente na história recente da astronomia os homens chegaram a fazer boa idéia disso—talvez se pensasse que uma torre poderia atingir a habitação de um deus ou dos deuses. Contudo, a expressão «até aos céus» não indica necessariamente tal coisa. Poderia indicar apenas até bem alto no firmamento. A intenção, pois, pode ter sido simplesmente a ostentação. Eles teriam uma grande cidade, assinalada por altíssima torre, que poderia ser vista de longa distância, aumentando assim o prestígio da cidade. Naturalmente, essa torre seria usada com propósitos astrológicos, ficando assim envolvida nas suas práticas religiosas. Portanto, seria um monumento da religião pagã. Alguns supõem que a construção era um *zigurate*. (Ver o artigo a respeito). Em outras palavras, um templo-torre com terraços, cada andar um tanto menor que o outro. Porém, a arqueologia não tem descoberto qualquer edifício dessa natureza antes de 4000 A.C. (a proposta data da torre de Babel), embora tais construções possam ser encontradas nas ruínas da Assíria e da Babilônia, pertencentes a datas posteriores. Por essa razão, alguns intérpretes negam que esteja em foco um zigurate, afirmando que alguma outra forma de torre deve ter sido construída. A descrição do livro de Gênesis corresponde ao que se sabe a respeito das construções usuais da Babilônia. O épico babilônico da criação, ao descrever a construção da Babilônia celestial (Tablete 6, linhas 58-61), diz: «Durante um ano inteiro eles fabricaram tijolos. Ao chegar o segundo ano, eles levantaram alto a cabeça de Esagila». Tijolos cozidos ao sol e no forno foram usados, e foi empregado asfalto como massa de ligação. A combinação de um templo torre com uma cidade era típica na construção de cidades, na Mesopotâmia. Os próprios templos eram impressionantes, tanto mais por causa de ereção de uma elevada torre, na área do templo. Porém, essas torres sempre eram zigurates, até onde a arqueologia tem sido capaz de determinar. A palavra *Esagila*, na citação acima, era o santuário de Marduque, e significa *casa cuja cabeça foi levantada alto*. E a própria torre foi chamada *Etemenanki*, que significa *casa do alicerce do céu e da terra*.

Arqueologia. O primeiro zigurate construído na Babilônia pode ser datado em cerca de 3000 A.C., ou quando muito, na última metade do século XL A.C. O mais antigo zigurate existente é o da antiga Uruque, que a Bíblia chama de Ereque (ver Gên. 10:10), moderna Warka. Mais de duas dúzias de zigurates são conhecidos pela arqueologia, todos os quais, naturalmente, vieram à existência depois do de Ereque. A construção usual tinha três andares, mas pelo menos um dos zigurates tinha sete andares. Tais construções têm sido encontradas em Borsipa, a dezesseis quilômetros a sudoeste da Babilônia, em Ur, em Uruque (na Bíblia, Ereque), e em outras cidades da Mesopotâmia. Alguns supõem que o modelo original dessas construções foi a torre de Babel, que serviu de arquétipo para todas as outras torres. Mas isso é apenas uma suposição. A arqueologia não tem encontrado quaisquer evidências desse tipo de construção em um período tão antigo como aquele proposto para a torre de Babel. Outros supõem que o julgamento divino sobre a torre foi tão completo que coisa alguma restou para ser descoberta pela arqueologia. Porém, o A.T. nada diz sobre tal destruição, dando a impressão de que, quando as línguas se multiplicaram, o povo simplesmente desistiu da idéia de uma grande cidade, com sua torre magnificente. Em outras palavras, o projeto foi abandonado. (Ver Gên. 11:8).

Os zigurates na Babilônia. Se a torre de Babel foi, realmente, um zigurate, deve ter sido projetada antes de 4000 A.C. Esse tipo de construção pode ser encontrado no terceiro milênio A.C. A restauração de um zigurate, na Babilônia, teve lugar em 681-665 A.C., por Esaradom. O zigurate reconstituído, como é óbvio, era mais antigo que o tempo desse monarca, mas por quanto tempo, não sabemos dizer coisa alguma. Heródoto (460 A.C.) viu e descreveu um zigurate construído por Nebopolassar (625-605 A.C.) e por Nabucodonosor II (605-562 A.C.). Esses reis repararam um zigurate quase destruído. Um zigurate foi demolido por Xerxes, na Babilônia, em 472 A.C.

Outros zigurates. Em Ur. Esse tinha uma base de 61 m por 43 m, cujo primeiro terraço ficava a pouco mais de 15 m de altura. Um templo dotado de torre, na cidade de Borsipa, atualmente chamada Birs-Nin-rode, tem sido identificado pelas tradições judaica e árabe como a torre de Babel; mas provavelmente essa opinião não é correta. Tinha sete andares, com 43 m de altura. Em *Durkurigalzu* (moderna 'Agar Quf), a 32 km de Bagdá, para oeste, com 57 m de altura, é o mais alto zigurate que se conhece.

A confusão das línguas. Um dos grandes mistérios da origem dos idiomas. 1. A Bíblia fornece-nos uma resposta teológica: Adão e Eva foram naturalmente criados com a capacidade de falar uma língua, uma língua adredemente preparada para eles. A grande variedade de idiomas é explicada pela mesma teologia com base no relato sobre a torre de Babel. Subitamente, por decreto e ato divinos, as pessoas começaram a falar em diversas línguas; e foi então que abandonaram o projeto de construir uma cidade com uma torre, na Babilônia. 2. Intérpretes liberais, céticos e científicos rejeitam ambos os relatos, como sendo mitológicos, como lendas para dar resposta a questões difíceis. 3. Uma sugestão alternativa é que assim como surgiram humanóides provenientes do reino animal inferior, assim também uma parte do processo evolutivo proveu essas criaturas com a habilidade de produzir sons que podem ser organizados em idiomas. Os substantivos teriam aparecido primeiro. As pessoas deram nomes às *coisas*. Então surgiram os verbos. As pessoas deram nomes às *ações*. Contra isso, deve-se dizer que as línguas antigas que conhecemos são extremamente complexas e matemáticas. Isso dificilmente poderia dar-se no caso de uma língua desenvolvida por esse processo ao acaso, através da simples nomeação das coisas. Qual selvagem ou semi-selvagem teria podido inventar o complexo sistema verbal e o sistema de casos que caracterizam muitas línguas antigas, e que funcionam com uma precisão matemática? 4. Outros estudiosos

sugerem que a complexidade das línguas deve ser explicada por um longo período de desenvolvimento, antes mesmo da raça adâmica. Isso dá a entender que Adão e seus descendentes representam um novo começo, mas não um começo absoluto. Assim, a complexidade dos idiomas tem atravessado uma história que nos é totalmente desconhecida, e que já existia (por meio de um longo desenvolvimento), quando começou a raça adâmica. Contra essa idéia podemos dizer simplesmente que não há qualquer evidência em seu favor, a menos que aceitemos as declarações dos psíquicos que sustentam tal teoria. Em seu favor, pode ser declarado que, na realidade, há evidências de raças pré-adâmicas. Ver os artigos sobre os *antediluvianos*, a *agricultura* e a *astronomia*. 5. A resposta dos cientistas é que simplesmente não temos respostas para todas as perguntas. Portanto, as respostas dadas acima são as melhores conjecturas e mitos de que dispomos. (I IB ID ND)

BABILÔNIA

Esboço:

1. Nome
2. Localização da cidade e do país; descrição
3. Fundação e pré-história
4. História
5. Religião e moral
6. Principais cidades da Babilônia
7. Arqueologia

Nota: Quanto a descrições da *cidade* da Babilônia, ver o sétimo ponto, *cidades principais* (a).

1. Nome

O termo acadiano **babli, babilani** significa **porta dos deuses**. A palavra Babilônia era empregada para aludir à cidade que era capital da Babilônia. Ocupava o território que agora é o sul do Iraque. Por associação popular, o termo hebraico *balal* (confusão) (ver Gên. 11:9), foi ligado à Babilônia como o local onde houve essa confusão, causada pela impiedade. (Ver o artigo sobre a *torre de Babel*). Porém as duas palavras («porta dos deuses» e «confusão») não são a mesma coisa, exceto no conceito popular. Outros nomes da cidade que ora comentamos, nos textos babilônicos, são *tin tir ki*, «vida das árvores» ou «sede da vida», e *e-ki*, «lugar de canais». O termo «sesaque», que em algumas versões (mas não na nossa versão portuguesa), em Jer. 25:26 e 51:41, é considerado por alguns como um «atbash» (ver o artigo a respeito) que envolve o nome Babel, no qual «s» = «b», pode ser uma rara ocorrência do antigo nome da cidade, *ses-ki*.

2. Localização da cidade e do país; descrição.

A Babilônia ficava na terra de Sinear (ver Gên. 10:10), na região que agora fica no sul do Iraque, no sudoeste da Ásia. A cidade estava localizada às margens do rio Eufrates (ver Jer. 13:4,5,7 e 46:2,6). Um outro nome bíblico para ela era «a terra dos caldeus» (Jer. 24:5; Eze. 12:13). Na remota antiguidade, tinha o nome de Acade (ver Gên. 10:10). (Ver o artigo a respeito). O território posteriormente recebeu o nome de *Caldéia*, apelativo dado à região inteira, após o surgimento da dinastia caldaica (ver o artigo a respeito, e o quarto ponto do presente artigo). Assim, os babilônios também são qualificados como caldeus (ver Eze. 23:15,17,23). O país era regado pelos rios Tigre e Eufrates. A Bíblia localiza o jardim do Éden ali (ver Gên. 2:14), como também a torre de Babel, e a região para onde os judeus foram exilados (ver o cativeiro babilônico).

Descrição: De acordo com os modernos padrões de dimensão dos países, a Babilônia era pequena, pois tinha apenas cerca de 13.000 quilômetros quadrados. Era limitada ao norte pela Assíria (Samarra Jebel Hamrin, como fronteira); a leste pelas colinas da Pérsia (ver o artigo sobre *Elão*); a oeste pelo deserto da Arábia; e ao sul pelas praias do golfo Pérsico.

A cidade: A Babilônia estava localizada às margens do rio Eufrates (ver Jer. 13:4,5,7), chamado de «grande rio Eufrates», em Gên. 15:18. Era cercada por duas muralhas. A muralha externa teria sido construída por Belus e depois foi reparada por Nabucodonosor. A cidade tinha a forma de um quadrado. A extensão da circunferência das muralhas é dada com diferenças, pelos diversos autores, de 7.250 m a 9.650 m. Tinham entre 18 m a 21 m de altura. Eram suficientemente largas, no alto, para que um carro com quatro cavalos fizesse meia-volta em cima delas. Aquelas muralhas eram uma notável defesa para a época. Não obstante, aguardava-as a destruição (ver Jer. 51:58). A própria muralha seria derrubada, e a cidade seria arrasada.

3. Fundação e Pré-História

O trecho de Gên. 10:10 informa-nos que a cidade foi fundada por Ninrode, tornando-a contemporânea de Ereque (moderna Warka) e de Acade (moderna Agade). Em comum com outras culturas, ao falar sobre sua capital ou sobre suas cidades importantes, a tradição babilônica assegura que o lugar tivera origem divina. Marduque, deus babilônico, teria sido o fundador da cidade. Porém, os próprios mitos babilônicos não exibem o nome dessa divindade senão já no século XVIII A.C. A mais antiga referência histórica é a que faz alusão a Sarcalisarri (cerca de 2250 A.C.), que nos diz como ele removeu a terra da cidade a fim de erigir Agade, um lugar próximo, que seu pai, Sargão, havia começado a construir. Essa renovada reedificação, feita por Sarcalisarri, foi efetuada a fim de preservar a santidade do local. A referência no livro de Gênesis parece indicar uma data, talvez cem anos antes disso, quando a cidade teve o seu começo.

Pré-história. O local, entretanto, vinha sendo habitado desde uma data muito mais antiga do que transparece em Gên. 10:10. Alguns estudiosos, porém, preferindo deixar de lado a marcação de datas por genealogias, presumem que essa referência em Gênesis nos faz retroceder até 4500 A.C. Seja como for, povos chamados sumérios,- antecederam os semitas, na baixa Babilônia. Há estudiosos que pensam que os sumérios seriam camitas, conforme a narrativa de Gênesis indica, — no tocante aos descendentes de Ninrode. Os sumérios desenvolveram uma elevada civilização, incluindo a escrita cuneiforme. Ver o artigo sobre a *Suméria*. Tabletes de argila desse período indicam uma linguagem não-semita. Alguns nomes, contudo, indicam certa influência semítica, o que dá a entender que talvez houvesse povos semitas na área, desde os tempos mais remotos. Esses povos construíam cidades-estados e eram politeístas. Mas, na Babilônia, alcançou particular proeminência a tríada formada por Anu (o firmamento), Enlil (a atmosfera e a terra) e Ea (as águas).

Obeide. Esse nome deriva-se de Tell-el-Obeid, um pequeno cômoro — acerca de sete quilômetros a noroeste de Ur, sendo usado para designar a mais antiga civilização conhecida na Babilônia. Implementos encontrados em Ur e em Ereque ilustram essa civilização.

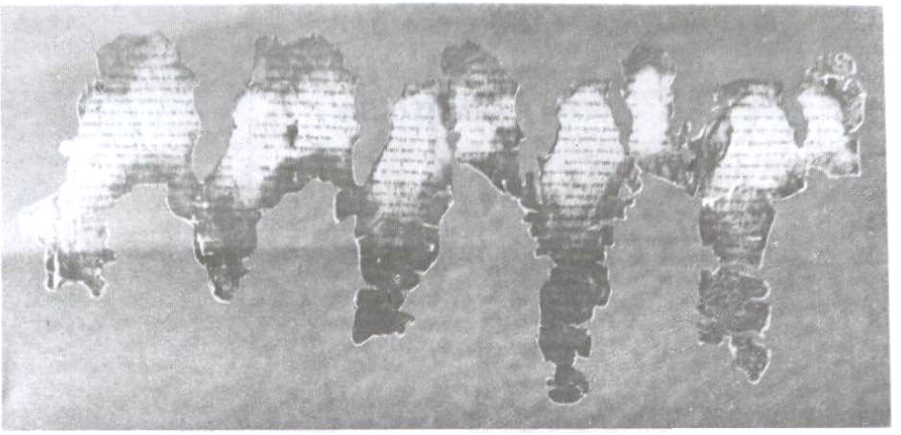
Ereque (Warka). Desde tempos tão remotos quanto o quarto milênio A.C., uma outra cultura distintiva tem sido descoberta, com o mais antigo zigurate (ver o



Cilindro em terra-cotta que relata a queda da Babilônia por Ciro, o Grande.



Inscrição de Nabucodonozor, dando direitos ao rei Ritti-Marduk



Fragmentos de Isaías de Qumran, Cortesia, Hebrew University



Fragmentos do rolo de Daniel (1:10-2:6) primeiro século, foto por John C. Trever — Cortesia, Dept. de Antiguidades, Jordânia

Os profetas viram a queda da Babilônia.

artigo a respeito), os primeiros selos cilíndricos e o começo da escrita, como características distintivas.

Jemdet Nasr, no vale Mesopotamiano, perto da Babilônia, representa uma outra cultura, posterior (3200-3000 A.C.), com seus instrumentos de bronze, que deu origem ao surgimento de várias cidades, como Surupaque (Fara), Ewhunna (Tell Asmar) e Quis.

4. História

a. *Fundação e pré-história.* Ver o terceiro ponto, acima.

b. *O mais antigo período* dinástico (cerca de 2800-2360 A.C.).

De acordo com a lista dos reis sumérios, oito ou dez deles reinaram antes do dilúvio. Todas as coisas sucederam por divina determinação. Esses reis estiveram associados às cidades de Eridu, Badtibirra, Laraque, Sipar e Surupaque. O dirigente da última dessas cidades foi o herói sumério da história do dilúvio. Essa história é proeminente nos registros babilônicos no período de cerca de 2000 A.C. Há muitos relatos independentes sobre o dilúvio, sugerindo que Noé não foi o único que escapou desse desastre. Ver o artigo sobre o *dilúvio*.

Após o dilúvio, houve outra divina intervenção. «O reinado desceu do céu». Surgiram cidades-estados, como as de Quis, Uruque, Ur, Awan, Hamazi, Adabe, Lagase e Mari. Essas cidades-estados viviam em freqüente disputa com a Babilônia, o centro das disputas. Governantes importantes foram Etana, um pastor que supostamente desceu do céu, além de doze reis, de Uruque, que teriam reinado por um total de 2310 anos, incluindo entre eles Gilgamés, um proeminente herói épico. Outro herói épico foi Aga. Esses homens podem ter sido figuras históricas, que as lendas glorificaram, de tal modo que, tal como nos relatos épicos gregos, parecem ser semideuses. O poder de Ur assinala a porção final do período dinástico. Uruque foi subjugada e Ur ganhou proeminência, através da guerra, naturalmente. A lista de reis sumérios designa quatro reis desse período, cujos reinados cobriram um período de cerca de cento e setenta e sete anos. Então Ur foi ferida por armas de guerra. Túmulos descobertos, pertencentes a esse período, revelam uma alta civilização. Escavações efetuadas em Lagase (uma outra dinastia do período posterior do antigo período dinástico) revelam grandes construções como templos, canais e outras edificações. O governante, Enanatum, derrotou seus vizinhos, a saber: Uma, Uruque, Ur, Quis e Mari. Sua batalha contra Uma é retratada na estela do Abutres. Porém, as guerras terminam e recomeçam, e assim, mais tarde Lagase foi derrotada por Uma. Lugalzagesi era o novo potentado de Uma. Ele também tornou-se o rei de Uruque e Ur, tendo-se firmado como a figura mais poderosa de todo aquele período. A fama e o poder sempre eram conquistados através da violência, naturalmente. E a espiritualidade do homem não tem melhorado muito desde então. O império de Lugalzagesi tornou-se uma espécie de protótipo dos grandes impérios que se sucederam naquela região, e que são tão importantes dentro da narrativa bíblica.

c. *Os acadianos* (2371-2191 A.C.)

Os semitas aumentaram o seu domínio na Babilônia, liderados pelo poderoso Sargão. Ele teve uma história humilde, bem como uma história de arca de juncos, semelhante à história de Moisés. Construiu um extenso império, usando novas técnicas de guerra, com arco e flecha como o principal armamento. Foi capaz de derrotar Lugalzagesi, de Uma, Quis e Uruque. A palavra *acadiano* é de origem semita, equivalente a Agade, a principal cidade dos povos semitas sobre os quais estamos discutindo. Sargão foi sucedido por Rimus-Manistusu e por Narã-Sin, seu filho e seu neto, respectivamente. Este último foi finalmente derrotado por uma coligação dirigida por Utuegal, de Uruque. Porém, esse governo teve natureza local, visto que Lagase reteve o seu poder, bem como diversas outras cidades. Gudéia, rei de Lagase, ampliou o seu poder e trouxe muitas riquezas, pelo que houve uma espécie de renascimento sumeriano, ou era áurea.

d. *Período Neo-sumeriano e a Terceira Dinastia de Ur* (2070-1960 A.C.).

Gudéia foi construtor e organizador. Ele edificou um templo famoso, trazendo madeira de cedro do monte Amanus, no norte da Síria, de uma distância imensa para a época. Salomão, mil anos mais tarde, fez a mesma coisa (ver I Reis 5:6). Gudéia foi sucedido por seu genro, e Ur, uma vez mais, tornou-se o centro do poder. Ur-Namu (2113-2096 A.C.) reconstruiu a cidadela, com seu zigurate e seus templos (ver o artigo sobre Ur). Ur ampliou o seu poder até a distante Assur e Diyala. E os governantes que vieram depois de Ur-Namu receberam poderes divinos, conforme nos mostram seus monumentos e seus selos, com uma tiara cornuda, própria da divindade. Alguns pensam que Ur-Namu teria sido também honrado dessa forma. Foi aparentemente durante essa dinastia que Abraão nasceu e mais tarde deixou a cidade. Existem muitos milhares de documentos pertencentes a esse período, confirmando-o historicamente.

e. *Invasões dos Elamitas e dos Amorreus* (1960-1830 A.C.).

Houve períodos severos de escassez de alimentos que debilitaram o império. Vieram os seminômades dos desertos ocidentais, que invadiram a região e derrubaram o governo sumério. Esses invasores vinham do Elão (elamitas) e de Mari (amorreus). Sob Ibi-Sin, Ur foi saqueada pelos elamitas. Os amorreus se estabeleceram em Isin e Larsa. Um governante elamita, Kirikiri, estabeleceu seu poder em Esnuna. O unido império sumério foi dividido em facções. Alguns supõem que foi nessa época que Abraão foi convocado a deixar o lugar (ver Gên. 11:31). A mudança das circunstâncias em Ur também modificou o destino pessoal de Abraão.

f. *Antigo Período Babilônico* (1830-1550 A.C.).

A nova Babilônia deu começo à sua ascensão, particularmente sob a liderança de Hamurabe (ver o artigo sobre ele). Os reinos amorreus continuaram lutando entre si. Essa instável situação deu a certo número de estados menores a oportunidade de obterem a independência. A Babilônia foi um desses estados menores. Hamurabe foi o sexto monarca da primeira dinastia da Babilônia. Suas datas são variegadamente estabelecidas, como 1792-1750 A.C., 1728-1686 A.C., ou 1642-1626 A.C. Hamurabe herdou pequena região para governar, mas não tardou a ampliá-la. Tabletes de Mari mostram que Hamurabe contava com dez a quinze reis a ele subordinados, embora Rim-Sin, de Larsa, Ibalpiel, de Esnuna, Amutpeil de Qatana, e Iarinlim de Yamhad também tivessem suas respectivas esferas de influência. Contudo, Hamurabe obteve uma série de vitórias, e derrotou Rim-Sin, seu rival, rei de Larsa, bem como Emutbal e Esnuna. A Assíria, bem como Mari, foram subjugadas. Finalmente, os territórios de Hamurabe espalharam-se desde o Golfo Pérsico (que na época ficava muito mais para dentro do

continente) até Mari. Portanto, Hamurabe tornou-se o fundador da primeira dinastia babilônica, em seu sentido mais universal, como uma potência mundial. Parece que Hamurabe era de origem cassita (ver abaixo). Sua fama dependeu mais de suas atividades como legislador do que como conquistador militar. O artigo separado a seu respeito ilustra esse ponto. O código de Hamurabe, descoberto em Susa, em 1901, pertence ao período de cerca de 1700 A.C. Foi durante esse tempo, igualmente, que a famosa criação épica, *Enuma elish*, tomou a forma que veio a ser conhecida por nós (embora sua origem fosse ainda mais antiga). As descobertas feitas em Nuzu, um antigo centro hurriano, cerca de dezenove quilômetros a noroeste da moderna Kirkuk, têm derramado muita luz sobre esse período.

Hamurabe foi sucedido por uma longa linhagem de reis, acerca dos quais pouco se sabe. Um tablete encontrado alista cerca de cem nomes, embora seja impossível arranjá-los em ordem cronológica. Esses nomes eram todos semitas.

g. *Invasão e dinastia cassita* (1550-1169 A.C.)

Em cerca de 1595, o hitita Mursili I assediou a cidade da Babilônia, mas os cassitas (ou cosseanos), provenientes das colinas orientais, gradualmente assumiram o controle do país. Um deles estabeleceu uma nova capital, Dur-Kurigalzu, edificada por Kurigalzu I. Seguiu-se uma longa linha de sucessores, de tal modo que, durante certo número de séculos, eles dominaram o país. Mas então Tukulti-Ninurta, rei da Assíria, invadiu e conquistou a Babilônia (entre 1260-1232), mas, após apenas sete anos, foi dali expulso.

h. *Segunda Dinastia de Isin* (1146-1123 A.C.).

Quando terminou o predomínio cassita, pela erosão gradual provocada por vários povos invasores, surgiu uma nova dinastia na Babilônia. Esses novos monarcas eram todos babilônios nativos. Entre eles destacava-se Nabucodonosor I (1146-1123 A.C.). Ele derrotou os elamitas e os hititas, mas foi derrotado pelos assírios. Tiglate-Pileser I, da Assíria, completou a conquista da Babilônia, marchando contra o sucessor de Nabucodonosor I, Marduque-Nadin-Ahi. Entrementes, a nação judaica estava surgindo no Ocidente, e nenhuma das nações circunvizinhas (debilitadas por conflitos contínuos) pôde fazer-lhes oposição.

i. *A Dominação Assíria* (745-626 A.C.).

Desde tão cedo quanto 1100-900 A.C., tribos aramaicas e a Assíria começaram a interferir nos negócios da Babilônia. Tiglate-Pileser II (729 A.C.), o Pul referido em II Reis 15:19, conquistou a Babilônia. O artigo separado sobre a Assíria fornece os detalhes sobre esse império. Aqui damos apenas alguns poucos eventos importantes: Em 722 A.C. foi derrotada Samaria (Israel do norte), pelo que aí temos o cativeiro assírio de Israel. Esse cativeiro foi gradual, estendendo-se pelo espaço de cento e cinqüenta anos. Uma parte do mesmo ocorreu antes de 722 A.C. (ver o artigo sobre o *cativeiro*). Em 689 A.C., a Babilônia revoltou-se contra Senaqueribe, mas ele a saqueou e a incendiou até o rés do chão. Foi reconstruída por Esaradom e continuou fazendo parte do império assírio até 625 A.C.

j. *Período Neobabilônico ou caldeu* (626-539 A.C.).

A 22 de novembro de 626 A.C., Nebopolassar, governador das terras do mar (golfo Pérsico), assentou-se sobre o trono da Babilônia. Ele estabeleceu a paz com os elamitas, e então, no ano seguinte, derrotou os assírios, em Salate. Juntamente com Ciaxares, rei dos medos, o rei dos caldeus destruiu Nínive, em 612 A.C. Assim nascia o império neobabilônico ou caldeu. Seu filho, Nabucodonosor, derrotou Neco, do Egito, em Carquemis, em 605 A.C. Esse império, pois, passou a controlar todo o sudoeste da Ásia. Nabucodonosor (605-556 A.C.) teve um longo e brilhante reinado. Em seu tempo, ele destruiu Jerusalém (587 A.C.), e enviou Israel do sul (Judá) para o cativeiro. (Ver Jer. 52:12). (Ver os artigos sobre o *cativeiro* e *cativeiro babilônico*). Zedequias, o rei dos judeus, — foi capturado, cego e enviado — para Babilônia (ver Eze. 12:13). Quanto à deportação de Judá, ver Jer. 12:12-30 e II Reis 25:8-12. Foi esse mesmo Nabucodonosor quem lançou os três jovens hebreus na fornalha ardente (ver Dan. 3:13-25), embora tivesse se mostrado tão gentil para com Jeremias. Daniel interpretou os sonhos de Nabucodonosor. Esse monarca foi punido por um período de loucura; mas, posteriormente, foi exaltado e honrado por Deus (ver o quarto capítulo de Daniel). Transformou a cidade da Babilônia na mais esplendorosa das capitais, tornando-a no principal centro do mundo civilizado da época.

Nabucodonosor foi sucedido por seu filho, Amel-Marduque (na Bíblia, Evil-Merodaque) (ver II Reis 25:27 e Jer. 52:31). Seu reinado estendeu-se desde 562 a 650 A.C. Foi assassinado por Niriglissar (560-556), que o sucedeu. Mas Niriglissar também foi assassinado. Então um nobre babilônico, Nabonido, assumiu o governo. Apontou seu filho, Belsazar, como co-regente. (Ver o artigo separado sobre *Belsazar*). Nabonido foi o último rei do império babilônico. Agora surgia no horizonte o império persa.

l. *Queda da Babilônia e História Subseqüente.*

No décimo sétimo ano do governo de Nabonido (539 A.C.), Ciro II, rei da Pérsia, capturou a Babilônia. Ele penetrou na cidade quando a população inteira, dependendo das muralhas inexpugnáveis que cercavam a cidade, entregara-se à festividade e ao deboche, durante um período de festejos. Heródoto informa-nos que Ciro havia anteriormente feito secar o Palacopas, um canal que atravessava a cidade de Babilônia, levando as águas supérfluas do Eufrates para o lago de Nitocris, a fim de desviar o rio para ali. Assim, o rio baixou de nível, e os soldados puderam penetrar na cidade através do leito quase seco do rio. O registro cilíndrico de Nabonido não menciona esse fato. Além disso, o registro cilíndrico de Ciro não menciona o feito, sendo possível que a referência de Heródoto mencione uma captura posterior da Babilônia, por Dario, em 516 A.C. Alguns eruditos, porém, preferem ficar com a posição de Heródoto, sobre essa questão, supondo que houve uma omissão de evidência nesse caso, como em outros registros também. (Ver o artigo separado sobre *Ciro*).

Após haver sido capturada, a Babilônia declinou, especialmente depois que Ciro fez de Susa a sua capital. Ele adquiriu o título de «...meu pastor...» (Isa. 44:28; 45:1). Daniel prosperou, e aos judeus foi permitido retornarem a Jerusalém, pelo que cumpriu-se a profecia de Jeremias (ver Jer. 25:12; 29:10 e 33:7-14). Em 530 A.C., Ciro foi sucedido por Cambises (ver o artigo a seu respeito). A cidade da Babilônia permaneceu sob o governo persa desde 539 até 323 A.C. A morte de Cambises deu margem a uma rebelião, e pretendentes apossaram-se do trono. Em dezembro de 522 A.C., Dario I restaurou a lei e a ordem. Durante o seu reinado (522-486 A.C.), ele permitiu que os judeus reconstruíssem o templo de Jerusalém, sob Zorobabel (ver Esd. 4:5; Ageu 1:1 e Zac. 1:1). Monarcas persas continuaram governando a Babilônia, a saber: Xerxes (486-470 A.C.). Ver também sobre Assuero. Artaxerxes I (464-423 A.C.),.

Dario II (423-408 A.C.), que pode ter sido o Dario, o persa, mencionado em Nee. 12:22, a fim de ser distinguido de Dario, o medo. A Pérsia continuou dominada pela Média até o surgimento de Ciro II, o conquistador da Babilônia, que também subjugou os medos, em cerca de 549 A.C. Todavia, a Média continuou sendo uma importante província, e houve uma espécie de amálgama cultural entre os dois povos, o que explica o nome medos-persas. (Ver Dan. 5:28 e Est. 1:19). Ver também o artigo sobre a Média, quanto a esse tipo de relacionamento com a Pérsia.

A 1º de outubro de 331 A.C., Alexandre o Grande (Alexandre III) foi bem acolhido pelos babilônios ao entrar, após a sua vitória sobre os medos, em Gaugamel, perto de Ebril. Dali por diante prevaleceria o império grego. Alexandre controlou a Babilônia até o ano de 323 A.C. Ali ele efetuou algumas renovações, mas o trabalho de reconstrução cessou, por ocasião de sua morte em 13 de junho de 323 A.C. Os generais de Alexandre dividiram entre si várias áreas do império grego. Os selêucidas governaram a Babilônia entre 312 e 171 A.C. Foram sucedidos pelos partas, que governaram a região de 171 A.C. a 226 D.C. Então veio à existência a dinastia sassânida, que governou a área da Babilônia, de 226 a 641 D.C. Essa foi a dinastia nacional da antiga Pérsia. *Sasã* era o avô de Ardasir I, o primeiro rei sassânida, o que explica o nome dessa dinastia. Em 641 D.C., a região caiu sob o poder dos árabes islamitas.

A cidade de Babilônia declinou durante o período helênico, tendo sido abandonada antes da época de Jesus Cristo. Após a queda de Jerusalém, no ano 70 D.C., a Babilônia contou com grande população judaica, tendo-se tornado um dos quartéis da erudição judaica. No tempo de Estrabão (faleceu em 24 D.C.) e de Diodoro Selêucia (contemporâneo de Estrabão), a cidade ficou reduzida a ruínas. Jerônimo informa-nos que sabia que nesse tempo (século IV D.C.), o local da Babilônia se reduzira a um local de caçadas dos monarcas persas, e que, a fim de preservar a caça, as muralhas eram reparadas, vez por outra.

5. Religião e Moral

Visto que a história da Babilônia é muito longa, temos uma grande variedade de crenças e instituições religiosas, que procuramos sumariar aqui.

a. *Antigas divindades sumérias* foram assimiladas pelos semitas, após o tempo da primeira dinastia da Babilônia (cerca de 1800 A.C.). A versão final da biblioteca de Nínive, no século VII A.C., enumerou os deuses em mais de 2.500. Mas, em qualquer período isolado, o número desses deuses sempre foi bem menor. Contudo, isso mostra quão politeísta era aquela gente.

b. *O panteão e a tríada.* Os deuses mais importantes eram *Anu* (o An dos sumérios), o deus do céu, cujo templo principal ficava em Uruque (ver sobre Ereque). Ele era o deus semita, El. Sua esposa era Inana ou Inim, que posteriormente foi confundida com Istar. Havia também o deus do ar, *Enlil*, que acabou amalgamado com Bel (Baal) e com Marduque (ver sobre Merodaque). Sua esposa era Ninlil ou Ninusague, posteriormente também identificada com Istar. A terceira deidade dessa tríada era *Ea* (o Enki dos sumérios, senhor das águas profundas, deus da sabedoria e gentil para com os homens). Este teria permitido que o conhecimento divino fosse transmitido aos homens através do emprego da adivinhação. Seu templo, É.abzu, ficava em Eridu, e sua esposa tinha os nomes de Damgal, Ninma ou Damkina, sendo a esposa da terra e do céu.

c. *Divindades secundárias.* A Istar dos semitas, que a princípio era uma divindade masculina, foi depois identificada com Inana. Daí por diante, Istar foi transformada na deusa do amor, uma heroína de guerra. Também foi considerada filha de Sin, o deus-lua dos babilônios. Era adorada em templos, juntamente com a esposa de Sin, Nigal. Shamash era o deus-sol, e sua esposa, Aya, veio a ser identificada com Istar. Sumutu era o filho de Sin, e era o deus do poder, da justiça e da guerra. Tinha templos em Sipar e em Larsa. Todos os deuses principais contavam com santuários e altares separados dos templos. Adade (de origem semita) era o deus das tempestades, identificado com o deus cananeu arameu Adu ou Hadade (ver o artigo a respeito). Nergal e sua esposa, Eresquigal, governavam o submundo. Ele era o senhor das pragas, das febres e das enfermidades. Com o surgimento dos amorreus, tornou-se proeminente na Babilônia a adoração a Marduque (em sumério, amar.uto, o jovem touro do sol). Foi associado ao épico da criação (*enuma elis*). Tinha cinqüenta títulos diferentes. Nabu era o deus da ciência e da escrita, e tinha templos em diversas cidades. Assur tornou-se o deus nacional da Assíria. Amurru era uma deidade dos semitas ocidentais, que veio a ser identificada com Anu, Sin e Adade. Dagom também tinha origem semita, mas terminou exercendo vasta influência. Damuzi era um deus da vegetação, que morria, mas não ressuscitava. Ninurta era deus da guerra e da caça, e era honrado tanto pelos babilônios quanto pelos assírios.

d. *Alguns elementos teológicos.* O sistema de deuses representava uma larga distribuição de poderes e ofícios. Havia deuses dos mundos superior e inferior, e todos os reinos estavam sujeitos às leis divinas, dentre as quais mais de cem têm sido enumeradas. Os deuses eram concebidos em termos antropomórficos. Espíritos, bons e maus, eram inúmeros, com suas respectivas áreas de influência. Os deuses eram considerados imortais e poderosos, embora finitos. As questões que surgem incluem as grandes questões da origem das coisas (criação), os fundamentos do governo do mundo, e o relacionamento desses governos aos deuses. As leis eram tidas como de origem divina. Os homens interessavam-se pela busca da imortalidade. Procuravam determinar as relações entre os homens e o mundo dos espíritos.

e. *Sacerdócio.* Eles tinham um elaborado sistema sacerdotal, dentro do qual o rei era o sumo pontífice. Na época dos sumérios, o templo também era o centro financeiro. Havia sacerdotisas, tanto quanto sacerdotes, acompanhadas pela promoção da adoração a vários deuses e deusas. Havia aqueles que cuidavam da liturgia e da música. Havia exorcistas que cuidavam dos maus espíritos; e havia astrólogos que procuravam obter orientação do céu, bem como todas as variedades de adivinhos, com o mesmo propósito. Os demônios eram encarados como especialistas em tipos especiais de tentações e perturbações, e havia ritos para contrabalançar essas especialidades. A medicina estava intimamente ligada à religião. Havia um elaborado sistema de sacrifícios. Havia muitas festividades e feriados religiosos. A adoração e o devido respeito aos deuses exercia um efeito direto sobre quão bem se poderia esperar que corressem a vida nacional e a vida dos indivíduos. O dinheiro tinha de passar pelos templos, e suas muitas atividades incluíam a comum instituição pagã da prostituição sagrada, usualmente efetuada em honra a algum deus ou deusa da fertilidade. Havia todo um complexo sistema de santuários e altares, onde o povo, à parte dos templos, podia rezar, fazer

promessas e buscar a orientação dos deuses.

f. *Ética e moral dos babilônios*

Como suplemento do que diremos aqui, ver o artigo sobre *Hamurabe*, que inclui as leis de Hamurabe, e que obviamente entram no quadro na natureza da ética e da moral da Babilônia.

Visto que a Babilônia representava a mescla de muitas culturas, a ética babilônica também representa uma longa tradição de misturas. Com freqüência é impossível distinguir entre o que era de origem suméria (não-semita) e o que era semita (principalmente de origem amorréia).

Filosofia da ética. O ideal baseava-se na suposta era áurea passada, quando os homens viviam em harmonia sem qualquer necessidade ou enfermidade, unidos quanto à fé religiosa e gozando de juventude eterna. A ética refletia um hedonismo moderado; mas também era uma ética *divina*, devido ao fato de que eles pensavam que a sorte de indivíduos e de nações dependia do relacionamento mantido com os deuses. Julgava-se que o universo fosse controlado pelas leis divinas (*me*), cujas principais virtudes seriam a paz, a bondade e a justiça, e cujos principais vícios seriam a falsidade, o temor e a contenda. O mal (e, portanto, o problema do mal) era discutido, concluindo-se que fazia parte de um plano divino, posto que inescrutável. Porém, o bem era preferível ao mal, porquanto teria a promessa da vitória final sobre o mal. A ordem moral fora traçada pelo deus *Du tu* (sumério), ou *Shamash* (acadiano). Esse deus era onisciente e cuidava dos praticantes do bem, mas punia os malfeitores. Os males sociais eram a opressão dos mais fracos, os juízes inescrupulosos, os subornos, os pesos adulterados, os tiranos, os ladrões e os mentirosos. A deusa Nanshe era a protetora especial dos órfãos e das viúvas, bem como dos pobres. Eram baixadas leis sociais que procuravam evitar os abusos. O rei agia como representante especial dos deuses. Ele era responsável em transmitir um bom exemplo aos seus sucessores (*Lenda Cutereana de Narã-Sin* 1.25). Havia abundante literatura com seu acúmulo de *sabedoria*, de onde todos podiam aprender, através da mediação do rei e dos sacerdotes. Essa literatura incluía ensaios, fábulas, parábolas, dilemas, contos folclóricos, disputas e diálogos morais. O provérbio era um modo favorito de instruir nas questões morais. Essa literatura inclui títulos como: *Conselhos da Sabedoria, Aviso a um Príncipe, Instrução de Surupaque* (o mais antigo deles, 2500 A.C.). Isso formava uma coletânea de material dado após o dilúvio, visando instruir a humanidade. A obra *Conselho a Shube' awelum* descrevia a conduta apropriada para com as mulheres, os pais, a escolha de uma esposa ou a seleção de bois. Observâncias religiosas eram ditadas como uma prática diária. Os *Conselhos da Sabedoria* recomendavam adoração e sacrifícios diários e a reverência que implora o favor, os sacrifícios que prolongam a vida e as orações que expiam pela culpa. O desprazer divino e o castigo divino seguiam-se aos atos maldosos. A ética sexual dependia das leis determinadas pelo estado, mais do que de princípios religiosos. Mas, visto que toda e qualquer lei era considerada divina, essas regulamentações também eram tidas como de origem divina, de origem religiosa. As leis proibiam o comportamento sexual extramarital, o adultério, a sedução e estupro. O estupro de uma donzela noiva era punido com a morte (Lei de Esnuna 26). O mesmo documento ameaçava severa punição ao estuprador de uma jovem escrava, tanto quanto de uma mulher livre. Mulheres casadas e concubinas tinham de andar veladas em público, mas uma prostituta não precisava usar o véu (ver a discussão de Paulo, em I Cor. 11:5 *ss* , quanto à sua insistência sobre o uso do véu pelas mulheres crentes). O homossexualismo era considerado uma falta grave da decência social geral, mas não como um crime ou uma ofensa ao matrimônio. (Leis da Assíria Média, 19 e 20).

As leis eram melhores do que a prática diária. As leis éticas acima descritas são bastante impressionantes. Porém, sabemos, através de muitas fontes, que, na prática, os povos não se equiparavam a seus elevados ideais, como sucede em todas as culturas, e certamente até na moderna Igreja evangélica. A prostituição religiosa era uma vexação moral. Contudo, essa era uma comum instituição nas antigas religiões pagãs, e um grande problema que Paulo precisou enfrentar em Corinto. Heródoto descreve a desgraça dessa prática entre os babilônios. Os templos eram ali transformados em bordéis legais e religiosos. O dinheiro assim adquirido era dedicado às deusas do templo, pagando as despesas e aumentando os fundos de construção. A Babilônia, em seu período de exaltação, tornou-se rica. E o luxo sempre promove toda a variedade de vícios. Q. Curtius, historiador romano de meados do século I D.C. (v.1), queixou-se como segue: «Coisa alguma poderia ser mais corrupta do que a moral deles (dos babilônios) e coisa alguma é melhor ajustada para excitar e atrair aos prazeres sem moderação. Os ritos de hospitalidade eram poluídos pelas concupiscências mais grosseiras e desavergonhadas. O dinheiro dissolvia todos os laços, de parentesco, de respeito ou de estima. Os babilônios eram excessivamente dados ao vinho. As mulheres (que freqüentavam as festividades) a princípio faziam-no com algum grau de propriedade, mas iam ficando cada vez mais degradadas...e terminavam lançando fora toda a modéstia e as próprias roupas». Foi por isso que os profetas hebreus lançaram invectivas poderosas contra tal estado de coisas. (Ver Isa. 14:11; 47:1; Jer. 51:39 e Dan. 5:1).

6. Principais cidades da Babilônia

a. *Babilônia.* A história da Babilônia é, essencialmente, a história da cidade de Babilônia. Por isso, tudo que dissemos acima aplica-se, em sua maior parte, a uma e à outra. Adicionamos aqui algumas descrições específicas da cidade de Babilônia:

A cidade era tão vasta que aqueles que habitavam no centro da mesma não sabiam que seus pontos extremos haviam sido capturados (ver Jer. 51:31). Heródoto diz que a circunferência da cidade media quase cem quilômetros. A cidade tinha a forma de um quadrado, cada lado com mais de 24 quilômetros. Havia terras aráveis e de pastagem suficientes para suprir as necessidades de sua população, que era de mais de um milhão de habitantes, um número imenso, para o mundo antigo. As muralhas contavam com cem portões de bronze, vinte e cinco em cada lado (ver Isa. 45:2). A altura dessas muralhas era de 107 m, com cerca de 27 m de espessura. Um profundo e largo fosso com água circundava as muralhas, cujas partes inferiores eram cimentadas e seguras com tijolos, mantidos no lugar com asfalto. As ruas eram traçadas formando ângulos retos, e as ruas cruzadas que levavam ao Eufrates, eram fechadas em suas extremidades por portões de bronze. O templo de Belo era um zigurate com oito torres quadradas. Os jardins suspensos formavam um quadrado com 120 m de lado, construídos em terraços. A parte mais alta continha árvores. Plataformas de madeira, que se estendiam de uma pilastra à outra, feitas de pedra, formavam pontes que uniam as duas partes da cidade. Havia duzentas e cinqüenta torres nas

muralhas, guardando a cidade de qualquer inimigo que se aproximasse. Numerosos canais cruzavam a região para efeitos de drenagem e irrigação (ver Sal. 137:1: «Às margens dos rios da Babilônia nós nos assentávamos e chorávamos...Nos salgueiros que lá havia pendurávamos as nossas harpas...»). Os maiores dentre esses canais eram navegados por embarcações, e estavam ligados aos rios Eufrates e Tigre.

Localização. Ficava às margens do rio Eufrates e cerca de 88 km ao sul da moderna cidade de Bagdá, e imediatamente ao norte da moderna Hila, no centro do atual Iraque.

Heródoto afirma que os gregos aprenderam dos babilônios o relógio de sol e a divisão do dia em 12 partes. A primeira eclipse do sol, que é contada na história, foi observada na Babilônia, em 19 de março de 721 A.C. A ciência da astronomia (via astrologia) deve sua origem aos caldeus, que conduziram tais observações desde os tempos mais remotos. Veja o artigo sobre *Astronomia*.

Divisões da cidade. Muitos detalhes dos distritos das cidades e seus templos têm sido descobertos pela arqueologia e nas referências literárias. Tanto quanto nós sabemos, havia 53 de tais distritos. Alguns dos nomes dados a eles eram algumas vezes usados para designar a cidade toda, como Shuanna, Shushan, Tuba, Tintir, Kullab.

A localização agora. A localização é agora ocultada por um número de elevações largamente espalhadas. A maior, Qasr, cobre a antiga cidadela; Merkes, um distrito da cidade; para o norte, Bawil, o palácio do norte e de verão de Nebuchadrezzar; Amram ibn 'Ali, o templo de Marduk; e Sahn, a localização do zigurate ou torre templo.

b. *Outras cidades* de importância na Babilônia. A região antigamente compreendia Sumer e Akkad. Akkad era a região norte da mais baixa planície aluvial do Tigre Eufrates, na qual estavam a Babilônia, Borsipa, Kish, Kuthah, Sippar e Agade (Acade). As principais cidades de Sumer eram Nippur, Lagash, Umma, Larsa, Erech (Uruk, Gên. 10:11), Ur, a cidade de Abraão, e Eridu. As presentes localizações de Eridu, Ur e Lagash eram provavelmente em, ou muito próximo do Golfo Pérsico, em cerca de 3000 A.C. Esta fértil planície aluvial, irrigada pelos rios Tigre e Eufrates, tornou-se o berço da civilização. Nesta parte mais baixa da Mesopotâmia, a 55 milhas do sul da presente Bagdá, onde uma vez ergueu-se na baía do Eufrates, a cidade tinha o altivo nome de *Babilu*, «portão de Deus», ou Babilônia. Embora a história do baixo vale não comece com esta cidade, Babilônia cedo tornou-se proeminente e seu nome é ligado principalmente à região a qual não é familiarmente conhecida como Babilônia.

O sentido figurativo da Babilônia. Nos escritos proféticos do A.T., a idéia ligada à Babilônia é *confusão*. Veja o artigo em *Torre de Babilônia*. Esta confusão é própria do paganismo, não simplesmente de línguas. Para o uso de Babilônia no N.T., veja o artigo separado em *Babilônia, Novo Testamento*.

7. **Arqueologia**

As descobertas arqueológicas na Babilônia têm sido extensas. Mais de vinte cidades diferentes foram descobertas e ilustradas com muitos artefatos. Abaixo damos um exemplo disso: 1. *Adabe*, a 77 km a suleste de Diwaniyah, foi descoberta a planta da cidade. 2. Al'Ubaid, a seis quilômetros e meio a noroeste de Ur, onde foram descobertos um terraço, relevos e mosaicos. 3. Babilônia, onde foram encontrados inúmeros edifícios, templos, larés particulares, um teatro grego, uma acrópole, os tabletes acaemenianos do norte da Babilônia, o portão de Istar, etc. 4. Borsipa, a onze quilômetros a sul-sudoeste de Babilônia, onde foram encontrados um zigurate, inscrições em cilindros; Ezida, ao norte de Babilônia, o palácio de Nebuchadrezar II, as muralhas da cidade. 5. Der, a 26 km a sudoeste de Bagdá, onde foram descobertos tabletes e a planta da cidade. 6. Dilbate, a 29 km a sul-suleste de Bila, Tell Dailem, onde foram encontrados tabletes do período persa. 7. Drehem, Tell Duraihim, a 5 km ao sul de Nipur, onde foram encontrados muitos tabletes. 8. Dur-Kurigalzu, a 19 km a oeste de Samawa, a capital dos cassitas, onde foram encontrados um zigurate, templos, um palácio e tabletes. 9. Ereque, a 40 km a leste de Samawa, Uruque, onde foram encontrados mosaicos, um templo e túmulos dos partas, o Anu-Antum do tempo dos selêucidas, que era um palácio parta, além de textos cuneiformes arcaicos, templos e zigurates com dezoito pisos; e em Uruque, ao norte da Babilônia, templos partas. 10. Eridu, a 39 km a sudoeste de Nasiriyah, onde foram encontrados cerâmica, instrumentos de ferro e um zigurate. 11. Esnuna, a 88,5 km a suleste de Bagdá, onde foram encontrados um palácio do período Isin, templos anteriores a Sargão, tabletes em escrita cuneiforme e estatuetas. 12. Harmal, a quilômetro e meio de Bagdá, onde foram encontradas inscrições e construções de tijolos do templo da antiga Babilônia, o templo de Hani, tabletes e o código de Esuna. 13. Jemdat Nasr, a 24 km a nordeste de Hillah, o palácio de Jemdat Nasr, cerâmica e textos arcaicos. 14. Kish, a 16 km a nordeste de Hillah, onde foram encontrados um edifício do estilo da Babilônia do norte, um templo muito antigo, vários edifícios, tabletes, cemitérios, zigurates, palácios e templos diversos. 15. Kutalla, a 40 km a sudoeste de Nasiriyah, onde foram encontrados edifícios e templos. 16. Kutha, a 32 km a nordeste da Babilônia, onde foram encontrados uma necrópole e tabletes. 17. Lagash, a 19 km a nordeste de Shatra, onde foram encontradas estátuas de Gudea, cerâmica e inscrições. 18. Larsa, a 40 km a oeste nordeste de Nasiriyah, onde foram encontrados um zigurate, um templo, mesas, palácios e inscrições. 19. Nipur, a quase 10 km a norte-nordeste de Afak, túmulos mais recentes. 20. Surupaque, a 10 km a nordeste de Shatra, restos de objetos de um período anterior a Sargão. 21. Sipar, a 29 km a suleste de Bagdá, onde foram encontrados um zigurate, um palácio e tabletes. 22. Umma, Tell Jokha, a 40 km a norte-noroeste de Shatra, onde foram encontrados muitos tabletes de Ur III, a planta da cidade, e edifícios. 23. 'Uqair, Tell 'Uqair, a 38 km a nordeste da Babilônia, perto de Uruque-Jamdat Nasr, onde foram encontrados cerâmica, mosaicos e um templo edificado sobre uma plataforma. 24. Ur, Tell Muqayyar, a mais de 22 km a oeste-sudoeste de Narisiyah, os alicerces de um zigurate, trincheiras, o templo de Eharsag, um zigurate no estilo de Ur III, do norte da Babilônia, o cemitério real, um fosso para água, templos, palácios, casa, etc. 25. Nuzi (vide), 4.000 tabletes com muita informação. (ID ND PAR SAG UN Z)

BABILÔNIA, A MERETRIZ Apocalipse 17:1-6

Não nos devemos olvidar de que o Apocalipse foi originalmente escrito para a igreja cristã primitiva, que sofria perseguições por parte do império romano. Essa perseguição era especialmente intensa porque os cristãos se recusavam a adorar o imperador romano, conforme se requeria no culto ao imperador. A besta

saída do mar representa a Roma secular e pagã. Historicamente, representa o imperador Nero; profeticamente, o «Nero redivivo» ou anticristo. A besta saída da terra representa a Roma religiosa, o culto ao imperador (historicamente falando); mas, profeticamente, ela representa o «João Batista» do anticristo, o falso profeta, que promoverá por todo o mundo o culto ao anticristo, mediante os meios de comunicação em massa. Na antiguidade, a própria cidade de Roma fora deificada, e uma deusa, chamada «Roma», veio a ser a deusa protetora das cidades romanas da Ásia Menor. Roma era a divindade tutelar de Cartago. Em 29 A.C., foram erigidos por Otávio templos dedicados a «Dea Roma» e a «Divus Julius». Também houve templos dedicados ao próprio Otávio em Pérgamo, na Nicomédia e na Bitínia. Os remanescentes desses templos pagãos até hoje podem ser vistos em Pérgamo. Isso talvez sejam os restos do «trono de Satanás», que figura na epístola à igreja de Pérgamo, no livro de Apocalipse. Parece que o culto de Roma estava associado à adoração dos «imperadores falecidos», ao passo que o culto ao imperador dirigia-se aos imperadores reinantes. De tudo isso é que se desenvolveu uma espécie de doutrina da «Roma eterna». Não há que duvidar que o vidente João, no décimo oitavo capítulo de Apocalipse zombava dessa idéia, sendo provável também que ele fustigava todas as formas de «idolatria romana», representadas no culto a Roma e no culto ao imperador.

A meretriz, que figura no Apo. 17, é essa idolatria romana de muitas facetas, ainda que o culto ao imperador seja o ponto mais destacado, conforme se vê por todo o Apocalipse. Roma se tornara o centro das formas mais ousadas e horrendas de idolatria. Mas João predisse que nada disso perduraria, pois estava condenado a sofrer a mais contundente derrota que se possa imaginar. Também não se deve duvidar que João esperava que isso ocorresse em seus próprios dias, pois não antecipava a aplicação a «longo prazo» de suas predições. Nessa expectação, que não se cumpriu em seus próprios dias, João não se mostrou diferente dos profetas do A.T., como Isaías, que esperava o reino messiânico para imediatamente depois do julgamento da Assíria (ver os capítulos dez e onze do livro de Isaías) ou como Daniel, que pensou que o fim ocorreria imediatamente após o julgamento de Antíoco IV Epifânio. Jeremias esperava o *reino* para imediatamente depois do retorno do exílio. É evidente, pois, que as visões dos profetas ultrapassavam seu próprio entendimento e as suas expectações pessoais, que tão freqüentemente ficaram sem cumprimento, ainda que Deus tenha decretado seu cumprimento para os últimos dias.

Normalmente, as predições bíblicas têm um cumprimento a curto prazo e outro a longo prazo. Portanto, nos «últimos dias», veremos o aparecimento tanto de um império político, a federação dos dez reinos, controlada pelo anticristo, que terá a cidade de Roma como seu centro, como também veremos o aparecimento de um novo «culto ao imperador», que consistirá na adoração conferida ao homem do pecado. Esse culto tornar-se-á tão forte que dominará as mentes dos homens e os tornará virtuais escravos da malignidade; pois Satanás será adorado por intermédio do anticristo (ver Apo. 13:4). A maior perseguição religiosa de todos os tempos será promovida pelos aderentes do culto ao anticristo; e essa adoração será corrupta e maligna de tal modo que fará o comunismo parecer santo comparativamente. No artigo intitulado, *A Tradição Profética e a Nossa Época*, fazemos a tentativa de reunir várias predições que ilustram as condições incrivelmente más que esperamos ver pessoalmente, ou que, pelo menos, serão vistas pelos nossos filhos. Pois acreditamos que o anticristo já está vivo. O artigo acima referido nos apresenta as razões para essa crença.

Para o vidente João, essa «idolatria», quer em seu aspecto antigo—«culto ao imperador», quer em seu aspecto futuro—«culto ao anticristo», é a «meretriz». Mas essa meretriz também será a Roma política e econômica. Não se duvida que João não pôde antecipar muitas das «implicações» dessas predições. Somente os próprios acontecimentos nos ensinarão o que precisamos saber acerca dessas coisas.

A dupla destruição. É claro que nos capítulos dezessete e dezoito do livro do Apocalipse, nas sete visões da condenação de Roma, se retrata a destruição tanto «política» quanto *religiosa* de Roma. Porém, erraríamos se fizéssemos unicamente a Igreja Católica Romana ser a Roma «religiosa». Sem dúvida, porções de todas as denominações cristãs serão atraídas para o terrível culto ao anticristo. Muitos dos chamados cristãos serão enganados, encarando o anticristo como um novo Messias. Na verdade, entretanto, o «culto» ao anticristo será uma religião inteiramente nova, combinando idéias e crenças do Oriente com as do Ocidente. Também será uma religião extremamente «antidivina» e «anticristã», por inclinar-se para as idéias do ateísmo e do agnosticismo. Tornar-se-á algo tão imensamente maligno que o comunismo parecerá algo santo, paralelamente a isso.

Não cremos que qualquer denominação verdadeiramente evangélica venha a ser enganada de tal modo que aceite esse culto ao anticristo como algo provindo do Senhor, e que dê lealdade ao anticristo. O mais provável é que as denominações evangélicas venham a ser «purificadas» pelo fogo da tribulação, e que finalmente se formará a *unidade* de todas as denominações evangélicas, e um «movimento subterrâneo» (porquanto a igreja visível desaparecerá, tão atroz será a perseguição religiosa). Não há como chamar o «romanismo» de a meretriz tonta como o sangue dos santos e dos mártires de Jesus, quando, historicamente, reconhecemos que isso é uma referência ao «culto ao imperador». Esse culto era algo inteiramente fora dos círculos cristãos. Mas é verdade que o culto ao anticristo, em muitos lugares do mundo, se assemelhará, pelo menos no princípio, com uma espécie de «neocristianismo». Todavia, todas as denominações cristãs que realmente sejam formadas de pessoas regeneradas, e que se apegam às doutrinas centrais da Bíblia, como a «trindade», a «divindade de Cristo», etc., não poderão ficar enganadas para sempre.

Duvidamos que a Roma do décimo sétimo capítulo do Apoc. seja o «romanismo», e que a do capítulo dezoito seja a Roma secular e *comercial*. Devemos considerar esses quadros apenas como ângulos diversos de uma única coisa. Ambos retratam a «meretriz», porquanto ambos representam a Roma pagã e ímpia — uma do ponto de vista do *culto ao imperador*, e outra do ponto de vista político e econômico de Roma. Particularmente em foco, por toda a parte, está a «cidade de Roma», e isso ocorre em ambos esses citados capítulos. (Ver Apo. 17:18, onde a «meretriz» é aquela «grande cidade». Comparar com Apo. 18:7, que retrata a «rainha», o que aponta para a mesma figura feminina, mas note-se que essa rainha é uma prostituta). Isso se harmoniza com Apo. 17:2-5. Outrossim, Apo. 18:10 mostra que continua em foco a «cidade» de Roma. O décimo nono versículo reitera a idéia. Mas a cidade

«subentende» o império inteiro, por ser seu centro e capital. Essa é uma interpretação que se coaduna com o qué sabemos que João atacava em seus dias; e supomos que outro tanto se dará no caso do aspecto profético dos capítulos dezessete e dezoito. Temos aqui as «sete visões» da queda de Roma, e, naturalmente, cada visão dará um ponto de vista diverso de uma mesma e única queda. Profeticamente falando, isso retrata a queda do anticristo, porquanto seu poder envolverá muitos aspectos, religioso, político, militar, etc. Em todos esses aspectos, entretanto, ele cairá; e é isso que os capítulos dezessete e dezoito do Apocalipse estão descrevendo. Notemos que em Apo. 17:9 e *ss* temos a Roma «política», mas imediatamente antes disso, no sexto versículo do capítulo 17, temos uma alusão inequívoca ao «culto ao imperador», que perseguia aos cristãos que não anuíam a esse culto. Portanto, não há como pôr o capítulo dezessete em contradistinção ao décimo oitavo capítulo, estabelecendo qualquer distinção básica entre eles, a não ser que ali são retratados diferentes aspectos da queda da mesma Roma.

Também não devemos ver em Apo. 17 o reavivamento da «literal cidade da Babilônia», que viria a ser a capital política e comercial do anticristo. Babilônia é apenas um código para Roma, conforme se vê nas notas expositivas sobre Apo. 14:8 no NTI, e é evidente que o vidente João escreveu contra Roma, e não contra a literal cidade da Babilônia. Isso é uma verdade histórica, e também será uma verdade profética. A profecia bíblica demonstra claramente (ver Apo. 17:9 e *ss*) que o centro de atividades do anticristo será a literal cidade de Roma, e não a cidade da Babilônia, reconstruída.

Para alguns intérpretes, o trecho de Apo. 17:16 fala de uma **«Roma religiosa», que a Roma política se** deleitará em destruir. E o décimo oitavo capítulo desse livro presumivelmente aludiria a essa Roma política, diante de cuja queda subseqüente o mundo inteiro se *lamentará*. Porém, não são retratadas aqui duas Romas, uma política e outra religiosa. Os povos oprimidos se «alegrarão» ante a queda de Roma (ver Apo. 17:16), mas, ao perceberem que isso os prejudicará, pois Roma os tornou ricos, se lamentarão. Os pequenos poderes sempre se regozijam ante a queda dos poderes maiores, mas geralmente logo descobrem que seu bem-estar está vinculado a estes últimos, pelo que têm motivos de pensar novamente, com maior sobriedade.

O décimo oitavo versículo mostra que a «cidade» de Roma está essencialmente em foco, embora ela represente o império todo. Alguns intérpretes supõem haver aqui uma clara distinção (nos capítulos dezessete e dezoito), entre a cidade de Roma e o império romano.

A razão por que alguns eruditos fazem tão radical distinção entre as duas Romas é que, nos versículos dezesseis a dezoito, há a predição de uma destruição de Roma por parte da besta e sua federação de dez reinos. O pano de fundo histórico disso é a tradição (que nunca teve lugar, historicamente falando) de que o «Nero redivivo», que era identificado com o anticristo nas antigas tradições cristãs, retornaria a Roma, à testa de um exército parta, a fim de assaltá-la, cometendo «matricídio». (Ver os Oráculos Sibilinos 5:363-369). Portanto, é fácil entender isso «historicamente». Porém, como entender isso profeticamente não é tão fácil. Os intérpretes protestantes não têm dificuldades aqui, pois supõem que o anticristo, após ter cooperado com a Igreja Católica Romana, utilizando-se dela (como também de seus aliados, as denominações protestantes apóstatas), repentinamente destruirá toda a imensa organização. Mas, apesar disso ser uma conveniente interpretação «protestante», de forma alguma é certo que isso é o que se deve ver em Apo. 17:1-6. Provavelmente haverá a unidade dos cristãos apóstatas (de todas as denominações) que prestarão lealdade ao anticristo e promoverão seu culto, os quais serão subseqüentemente perseguidos e destruídos por ele; e isso poderia cumprir o aspecto profético das descrições à nossa frente. Contudo, sentimo-nos sobre terreno precário quando começamos a «nomear as denominações». Esse «cristianismo apóstata» sem dúvida se unirá a muitíssimas *outras* religiões mundanas, porquanto a influência do anticristo será universal. É claro que o anticristo não procurará destruir o culto que o incensa, mas tão-somente um certo aspecto do mesmo, e as denominações cristãs apóstatas, por exemplo poderão cair em seu desagrado, sendo reduzidas a quase nada. A predição sobre a destruição da «meretriz» (ver Apoc. 17:16), provavelmente inclui a idéia de que todas as religiões do mundo desaparecerão, por serem destruídas, ou serão absorvidas no culto ao anticristo. Todas as religiões, excetuando seu culto imediato, terão de existir apenas subterraneamente, incluindo os membros fiéis a Cristo da igreja cristã.

BABILÔNIA NO NOVO TESTAMENTO

Há várias coisas a serem consideradas a esse respeito:

1. *Uso literal*. Babilônia é literalmente mencionada na genealogia de Jesus, quando há alusão à deportação de Judá para a Babilônia, no século VII A.C. (ver Mat. 1:11,12,17). Estêvão também aludiu ao fato, em Atos 7:43. Nesse trecho, ele alterou o fraseado de «além de Damasco», usado na LXX, para «além da Babilônia», visto que esse foi o destino do povo judeu, quando de sua deportação.

2. Em I Pedro, no fim dessa epístola, a palavra «aquela» (ver I Ped. 5:13), que envia saudações, poderia ser a esposa de Pedro. Mas, conforme dão a entender quase todas as traduções, o que está em foco é a igreja na Babilônia. Isso tem sido sujeitado a diversas interpretações: poderia estar em vista a literal cidade da Babilônia, isto é, as pessoas em reduzido número que habitavam nas redondezas; poderia estar em vista a cidade de Roma, simbolicamente descrita por Pedro como Babilônia; ou o apóstolo poderia ter-se referido ao mundo incrédulo como Babilônia, outra aplicação metafórica do termo. Vamos expandir o comentário sobre essas possibilidades:

a. *A Babilônia da Mesopotâmia*. Sabemos que a cidade da Babilônia, no século I D.C., contava com um pequeno segmento judaico, entre sua população. Os judeus foram dispersos dali, mas foi por breve período (ver Josefo, *Anti.* XVIII.ix.6-9). Trajano visitou a cidade em 115 D.C. Com base em I Pedro 5:13, a Igreja Ortodoxa pensa que Pedro realmente esteve na cidade. Apesar disso ser uma forte possibilidade, não há qualquer evidência histórica em favor da presença de Pedro naquele lugar, excetuando essa interpretação dos ortodoxos quanto a esse trecho da primeira epístola de Pedro. Muitos protestantes e evangélicos têm favorecido essa interpretação com bases dogmáticas, a fim de contradizerem a doutrina católico romana de que Pedro foi o primeiro papa. Porém, ainda que Pedro tivesse estado em Roma, isso não teria feito dele o primeiro papa. A questão do papado envolve muito mais do que a localização desse apóstolo. (Ver sobre o *papado*).

b. *A cidade de Roma*. Babilônia era um antigo

nome críptico para indicar a capital do império romano. Há uma antiga tradição de que Pedro terminou os seus dias de vida terrena nessa cidade, tradição essa que quase certamente corresponde à realidade dos fatos.

c. *Uma Babilônia no Egito*. Havia um posto de fronteira, pertencente aos romanos, no Egito, que tinha esse nome, de acordo com Estrabão (Geo. XVII.1.30) no século I D.C. Porém, não há qualquer evidência de que Pedro esteve ali, ou de que ali havia uma igreja cristã. Um herege alexandrino, Basílides, reivindicava autoridade petrina para os seus escritos, através de seu intérprete, Glauquias (ver Clemente de Alexandria, *Stromateis* VII.17). Todavia, coisa alguma dá apoio a essa reivindicação.

d. Poderia tratar-se de um lugar qualquer, que Pedro chamou de Babilônia, a fim de não desvendar o local onde se ocultava. Porém, em favor de tal idéia nada há, senão meras conjecturas.

Evidências em favor da cidade de Roma, capital do império romano. Não há que duvidar que as referências de Apo. 18:2-24, que falam sobre «Babilônia», aludem à cidade de Roma. No Apocalipse, Roma é caracterizada em tons mais negros: Ela é a mãe das meretrizes, fonte de todas as abominações praticadas à face da terra (ver 17:5); a cidade está cercada por muitas águas e edificada sobre sete colinas, dado este que realmente ocorre com Roma (ver 17:9); a cidade é um centro internacional de governo (ver 14:8 e 17:1); a cidade é poderosa devido ao seu comércio e à sua frota marítima (ver 18:3,11,19); a cidade é grande perseguidora dos santos do Senhor (ver 17:6 e 19:2); a cidade é notória por suas riquezas, luxo e dissipação (ver 18:11-17). Somente a cidade de Roma ajusta-se a essas descrições. Além disso, o nome Babilônia, em Apo. 17:5,7, precisa ser interpretado simbolicamente, porquanto é chamado de «mistério». Os *Oráculos Sibilinos* (v. 143) chamam Roma de Babilônia. Roma era a nova Babilônia, em contato direto com o cristianismo, tal como a antiga Babilônia estava em contato com Israel. Assim como Deus derrubou a primeira, haverá de derrubar a segunda. Finalmente, há muitas citações extraídas dos pais da Igreja que asseguram que Pedro terminou sua vida terrena em Roma. Mas, como já salientamos, isso não faz dele um papa, porque essa doutrina depende do desenvolvimento de certos dogmas e tradições, que se desenvolveram nos séculos posteriores ao cristianismo primitivo, inteiramente à parte do Novo Testamento e contradizendo os ensinamentos do mesmo. (NTI Z)

BABISMO

Ver Bahaísmo.

BACA

No hebraico significa «pranto», palavra que aparece, pela primeira vez, em Salmos 84:6, mas que nossa versão portuguesa traduz, erroneamente, por «árido»: «O qual, passando pelo vale *árido*, faz dele um manancial...» Na Bíblia, essa é a única passagem que se refere a tal vale. Mas o verbo hebraico cognato figura no Antigo Testamento por cento e catorze vezes, sendo variegadamente traduzido, como «chorar». «queixar-se», «lamentar-se», etc. Nossa versão portuguesa também labora em erro em II Sam. 5:23,24 e I Crô. 14:14,15, onde a palavra hebraica é traduzida por «amoreira». Alguns intérpretes preferem pensar no bálsamo, no álamo, ou na faia, ao passo que outros nem aceitam que se tratasse de uma árvore. A referência, pois, permanece obscura, embora se deva pensar em alguma espécie vegetal, nessas duas referências, que exudasse algo. Ver o artigo *Vale do Baca*.

BACA, Vale de

Ver o artigo sobre Baca. Como vimos ali, a palavra «Baca» não figura na nossa versão portuguesa, a qual é traduzida pelo adjetivo «árido». Os intérpretes têm pensado que a palavra hebraica «Baca» é alusão a alguma espécie de árvore, que teria dado nome ao vale, por ser ali abundante. Porém, se tal palavra realmente significa «pranto», então não teríamos de pensar em algum vale literal, mas apenas em um estado de tristeza. Nesse caso, o salmista, estando no exílio, ou, pelo menos, longe de sua pátria (dependendo das circunstâncias em que o Salmo 84 foi escrito, único lugar onde há menção a esse vale), alude à tristeza de não poder contemplar Jerusalém, o que era privilégio de outros. Mas, se realmente há referência a uma árvore, e, portanto, a um vale literal, então o mais provável é que esteja em foco o bálsamo, que exuda uma goma, o que poderia ser comparado ao «pranto». Alguns estudiosos, diante da dificuldade, preferem substituir a palavra hebraica *hibbika* pelo que diz o texto massorético, *habbaka*, que significa «fluxo». Nesse caso, teríamos uma metáfora de alegria e plenitude, porquanto estaria em pauta um vale que flui água, por ter muitas fontes, um lugar que falava em prosperidade. (ID S Z)

BACBUQUE

No hebraico «garrafa», especialmente uma de gargalo estreito. Era chefe de uma das famílias dos netinins, que retornaram do cativeiro babilônico (ver o artigo) em companhia de Zorobabel (ver Esd. 2:51 e Nee. 7:53), em cerca de 536 A.C. (S)

BACBUQUIAS

No hebraico, «esvaziamento» ou «dilapidação por Yahweh». Parece haver duas pessoas com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento: 1. O segundo entre vários irmãos levitas, que habitava em Jerusalém após o retorno da Babilônia (ver Nee. 11:17 e 12:9). 2. Aparentemente, na opinião de outros, o Bacbuquias referido em Nee. 12:9 seria um porteiro, também levita. Os intérpretes dizem-se capazes de encontrar dois ou três homens com esse nome; e nada de certo se sabe sobre essa questão, pois os informes bíblicos são insuficientes para lançar luz sobre a mesma. (S Z)

BACENOR

Oficial do exército de Judas Macabeu, que participou da guerra contra Górgias, governador da Iduméia (ver II Macabeus 12:35).

BACH, JOHANN SEBASTIAN

Viveu de 1685 a 1750. Foi músico e compositor alemão cujas muitas peças musicais transcendem à era barroca em que ele viveu, destacando o criador das mesmas como um dos mais importantes compositores de todos os tempos. Nasceu em Eisenach, a 21 de março de 1685. Ficou órfão aos dez anos de idade, deixou Eisenach e foi para Ohdruf, lugar onde nascera seu irmão mais velho, Johann Christoph. Em 1700 tornou-se membro da escola

particular da Igreja de São Miguel, em Luneiburgo. Em 1703, passou a trabalhar sob o patrocínio do duque de Weimar, e em seguida tornou-se organista da igreja de São Bonifácio, em Muhlhausen. Depois disso, envolveu-se em muitas atividades em várias cidades, o que lhe permitiu desenvolver extraordinariamente, os seus dotes musicais. Teve muitas controvérsias com associados seus; e com freqüência, sofria oposição. Excetuando suas notáveis façanhas musicais, sua vida não teve lances relevantes. A maioria de seus contemporâneos não percebia que estava ao lado de um dos compositores imortais da história da música.

As cantatas religiosas do século XVIII atingiram o seu ponto culminante nas duzentas e noventa e cinco cantatas de Bach. Em quarenta delas, ele usou apenas a voz de um solo, posto que com acompanhamento orquestral. Na maioria dos casos, as peças começam com um grande coro, prosseguindo com uma série de recitais e árias, e terminando com um simples coro, por parte de toda a congregação. As modernas cantatas apelam muito para o oratório. Bach também compôs peças corais para o órgão. Também devemos considerar as suas fugas, uma forma polifônica de composição, que usa principalmente instrumentos musicais, embora também incluindo o coro, como na sua Missa em B Menor. Bach também foi o autor de muitos hinos e missas. Seu impacto sobre a música em geral, e sobre a música religiosa em particular, não pode ser calculado. Ver os artigos sobre cada uma das formas musicais mencionadas neste parágrafo, bem como o artigo sobre a *Música*. (AM E)

BACIA

Tradução de várias palavras hebraicas e gregas, a saber:

1. *Aggan*, «bacia», usada por três vezes (ver Êxo. 24:6, em português, «bacia»; Isa. 22:24, em português, «taça»; e Can. 7:2, em português, «taça»).

2. *Kefor*, «taça», usada por seis vezes com esse sentido, e por três vezes com o sentido de «geada». Para exemplificar: I Crô. 28:17; Esd. 1:10; 8:27; e, no segundo sentido: Êxo. 16:14; Jó. 38:29 e Sal. 147:16.

3. *Mizraq*, «bacia grande». Usada por trinta e duas vezes. Para exemplificar: Êxo. 27:3; 38:3; Núm. 4:14; I Reis 7:40,45,50; Nee. 7:70; Jer. 52:18,19; Zac. 9:15 e 14:20.

4. *Saf*, «prato», mas também «porta». No primeiro sentido é palavra usada por sete vezes. Para exemplificar: Êxo. 12:22; II Sam. 17:28; Jer. 52:19.

5. No grego temos a palavra *niptér*, «jarra», usada no Novo Testamento por apenas uma vez, em João 13:5, embora seu cognato, o verbo *nípto*, «lavar», seja usado por dezessete vezes.

No tabernáculo, armado no deserto a mandado de Deus, havia uma bacia de bronze no átrio, entre o altar dos holocaustos e a tenda (ver Êxo. 30:17,21; 38:8 e 40:30-32), onde Aarão e seus filhos lavavam as mãos e os pés, antes de entrarem na tenda da congregação, ou quando ministravam diante do altar. O simbolismo desse objeto é patente. Jesus sumariou a questão quando disse a Pedro: «Se eu não te lavar, não tens parte comigo» (João 13:8).

BACIA DE LAVAR

Expressão encontrada exclusivamente em Salmos 60:8 e 108:9, onde Deus afirma: «Moabe, porém, é a minha bacia de lavar», dando a entender que Moabe era desprezível aos olhos de Deus, como uma bacia onde as mãos e os pés sujos são lavados.

BACKUS, ISAQUE

Nasceu em 1724 e faleceu em 1806. Foi ministro congregacional, separatista, batista e historiador. Sua maior contribuição foi ser um dos campeões da liberdade religiosa, incluindo a intercessão junto a oficiais do governo norte-americano. Escreveu a história da Nova Inglaterra e certo número de outros livros. (AM F)

BACO

Ver **Dionísio**.

BACON, BENJAMIN WISNER

Suas datas são 1860-1932. Foi um pastor congregacional, erudito de Bíblia, professor de Yale do Novo Testamento. Foi um dos líderes no campo da erudição bíblica, autor de importantes livros e artigos. Seus livros incluem: *The Fourth Gospel in Research and Debate; Is Mark a Roman Gospel? The Gospel of Mark, Its Composition and Date; Studies in Matthew, the Gospel of the Hellenists.* (AM E)

BACON, FRANCIS

Nasceu em 1561 e faleceu em 1626, em Londres. Foi o precursor do empirismo britânico, descendia de uma família que já havia prestado relevantes serviços. Tendo entrado na carreira política e na advocacia, foi feito lorde por Tiago I, e posteriormente recebeu o título de visconde de São Albano. Mas, em 1621, ele foi acusado de corrupção, foi multado e banido da corte. Alexandre Pope tinha Bacon na mente quando escreveu: «...o mais brilhante, o mais sábio e o pior elemento da humanidade» (Ensaio, *Sobre o Homem*, VIII).

Como filósofo, Bacon exerceu imensa influência, tendo iniciado e influenciado a linha de pensadores que inclui Locke, Hume, Mill e Bertrand Russell. Seu ponto de vista era concreto, prático e utilitarista. Dizia-se defensor da fé cristã; mas às vezes expressava-se com tal ironia que deixava dúvidas quanto à sua real posição. Manifestou-se contra o escolasticismo, distinguindo claramente entre a razão e a revelação. Seu alvo era facilitar as investigações da ciência, por meio do método matemático, sem misturar a religião na questão. Ele equiparava o conhecimento ao poder, e antecipava um domínio tecnológico em grande escala, que resultaria em uma utopia econômica e social.

Empirismo. Bacon rejeitava a simples indução com seus valores numéricos. Antes, salientava a necessidade de averiguar as generalizações, bem como a necessidade de pesquisar instâncias negativas que contradiziam as conclusões. Talvez a sua maior debilidade consistisse no fato de que ele não entendia que um cientista, vez por outra, precisa por de lado o empirismo rígido, confiando na sua intuição acerca da verdade ou quanto a descobertas que somente mais tarde seriam comprovadas experimentalmente. Algumas vezes, um cientista tem de expor alguma hipótese bem imaginada. Quanto a essa fraqueza, Bacon foi criticado por Kant.

Em seu livro, *Novum Organum*, Bacon expôs os interesses e os motivos humanos que jazem por detrás da atitude filosófica e das conclusões de um homem. Ele chamava esses preconceitos de *ídolos mentais*. Esses preconceitos são os seguintes: 1. Os ídolos da

tribo, que são os erros humanos que existem porque pertencemos à raça humana, e imaginamos que essa espécie pode ser a medida de todas as coisas. De fato, há muitas idéias falsas à solta. 2. Os ídolos da caverna são os erros que surgem devido aos preconceitos individuais. Esses erros são tão numerosos quanto as idéias que circulam nas mentes das pessoas. 3. Os ídolos do mercado, que são os erros que se originam da influência das palavras na mente, com base na idéia que a existência de uma palavra indica que deve haver uma realidade que corresponda àquela palavra. Mas a verdade é que as palavras são ambíguas e confusas, e disso-resulta que a verdade tem de transpor o obstáculo formado pelos próprios idiomas. 4. Os ídolos do teatro, que são erros gerados pela influência da filosofia tradicional, devido ao exagerado respeito a heróis filósofos como Aristóteles, cuja ciência, embora boa para sua época, tornou-se obsoleta há muito tempo, embora muitos tenham deixado de perceber isso por inúmeras gerações. Hume e outros pensadores deram continuidade à campanha de Bacon contra tais ídolos.

O grande alvo de Bacon era a *Grande Restauração*, que devolveria ao homem o domínio sobre o mundo natural. Em seu livro, *The New Atlantis*, ele falou sobre a sociedade ideal, governada por princípios científicos. Essa sociedade teria um colégio intitulado Casa de Salomão, dirigido por um grupo de sábios, científica e experimentalmente orientados e motivados. Alguns supõem que essa foi a idéia que gerou a Real Sociedade Inglesa.

Principais obras. Há três ensaios: *Two Books on the Advancement of Learning; The New Organon* e *The New Atlantis*. (AM E F EP MM P)

BACON, ROGER

Nasceu em 1214 e faleceu em 1294. Foi filósofo inglês e monge franciscano. Estudou em Oxford e na Universidade de Paris. Mais tarde fez conferências em ambas essas universidades, concentrando a atenção sobre a ciência transmitida pelos escritores árabes. Foi suspeito de falta de ortodoxia, pelo que Boaventura, em 1257, proibiu suas conferências em Oxford, fazendo-o cessar as suas publicações. O papa Clemente IV liberou-o da proibição, e ele pediu para escrever um tratado sobre as ciências. Disso resultaram os seus livros *Opus Majus, Opus Minus* e *Opus Tertium*. Retornou a Oxford em 1268. Mas o infortúnio, motivado pelas perseguições religiosas, prevaleceu novamente. Suas obras foram condenadas pelo superior dos franciscanos, e Bacon foi aprisionado por catorze longos anos.

Princípios básicos. Para Bacon havia quatro grandes fontes do erro: as autoridades, os costumes, a opinião da maioria destreinada e o ocultamento da ignorância sob a máscara de sabedoria. Em segundo lugar, ele pensava que as ciências fundamentam-se na matemática, dizendo que o empirismo e a especulação jamais são suficientes para estabelecer a verdade. A ciência, portanto, precisa perscrutar tudo, jamais dependendo dos dogmas. Em terceiro lugar, as experiências devem repousar sobre a percepção dos sentidos externos. Todavia, também há a percepção interna, quando a iluminação divina faz incidir sua luz sobre algo; mas então deixamos de lado o campo das ciências e nos envolvemos na teologia. Quando isso sucede, deixamos para trás o conhecimento imperfeito e passamos a buscar ao Criador. Bacon combinava a filosofia platônico agostiniana com as especulações árabes e a ciência empírica. (BE E F EP MM P)

BADE, WILLIAM FREDERIC

Nasceu em 1871 e faleceu em 1936. Foi um erudito da Bíblia, naturalista, arqueólogo e professor de literatura do Antigo Testamento e de hebraico, no Colégio Moraviano, de 1898 a 1902. Também foi professor de literatura do Antigo Testamento e de idiomas semitas na Escola Pacífica de Religião, de 1902 a 1936. Dirigiu várias expedições arqueológicas à Palestina, e publicou o resultado das mesmas. Escreveu os livros: *Old Testament in the Light of Today* e *Life and Letters of John Muir*, além de vários documentos e artigos sobre temas bíblicos, naturais e arqueológicos. (AM E)

BAEANOS

Uma tribo que Judas Macabeu colocou em sua lista de inimigos a serem eliminados, porquanto haviam feito emboscadas contra os judeus. Essa tribo só é mencionada em I Macabeus 5:4,5, sendo a única referência que há sobre eles em toda a literatura.

BAETIL

Uma pedra sagrada, geralmente um meteorito, que era adorada como se fosse dotada de algum poder sobrenatural. Diana dos Efésios era uma pedra dessa espécie. (E)

BAGOAS

Eunuco encarregado dos negócios de Holofernes recebeu o encargo de convidar Judite a um banquete em companhia de Holofornes, conferindo a ela as cortesias reservadas aos convidados especiais. Foi Bagoas quem descobriu o corpo decapitado de seu senhor (ver Judite 12:11,13,15; 13:3 e 14:4). (Z)

BAHAÍSMO

Um movimento religioso iniciado na Pérsia, na segunda metade do século XIX por Bahaullah, como um ramo do islamismo. O caminho foi preparado por *Bab* (portão), a começar em 1844, que anunciou a vinda «daquele que Deus tornará manifesto». Em 1850, quando Bab foi martirizado, seus seguidores tomaram o seu nome, tornando-se membros da fé babi, ou seja, do *babismo*. Com o aparecimento de Baha Ullah, que se declarava o profeta prometido, nasceu a fé bahai, ou bahaísmo. Desde então tem-se transformado em uma religião internacional, com seu próprio calendário.

Crenças principais. 1. A essência de Deus está acima de nosso entendimento, pelo que conhecemos apenas as suas manifestações. 2. Essas manifestações nos são dadas principalmente através dos profetas, entre os quais poderíamos alistar Abraão, Moisés, Davi, Cristo, Maomé e Baha Ulla. 3. Essas manifestações não são independentes e nem contraditórias, mas formam uma unidade. No entanto, destinam-se a diferentes épocas e culturas, transmitindo aos homens variados graus de verdade. 4. Os principais profetas são chamados divinos, não por serem tais em si mesmos, mas porque transmitem a luz divina, aparecendo como representantes de Deus. 5. Esses profetas trabalham em prol da mesma causa, a união final da religião no mundo. 6. — Novas manifestações virão, quando isso for necessário, não podendo haver fim na série de manifestações, visto que nunca chegará o tempo em que o avanço se torne impossível. 7. O progresso individual na senda da

perfeição nunca poderá parar, porque Deus é o alvo (a perfeição absoluta), e esse alvo jamais será perfeitamente atingido. Os homens, entretanto, passarão a compartilhar da natureza divina, prosseguindo sempre em direção à maior perfeição. 8. A paz mundial, a unidade de todas as religiões, a educação universal, a igualdade dos sexos são itens importantes da fé bahai. (AM EP)

BAHA ULLAH

Ver **Bahaísmo**.

BAHYA BEN JOSEPH IBN PAQUDA

Um judeu que foi juiz de um tribunal rabínico, e também filósofo que viveu na primeira metade do século XI D.C., em Saragoça, na Espanha. Ele escreveu um livro em árabe, em 1040, chamado *Guia dos Deveres do Coração*, o qual pode ser considerado como a primeira tentativa para sistematizar a ética judaica. Bahya também promoveu os estudos científicos. Inclinava-se ao ponto de vista filosófico do neoplatonismo, e apresentou vários argumentos para provar a existência de Deus. (E P)

BAIN, ALEXANDER

Filósofo e psicólogo escocês, nasceu em 1818 e faleceu em 1903. Educou-se em Aberdeen, ensinou em Glasgow e Aberdeen, e exerceu influências sobre John Stuart Mill. É considerado um utilitarista (ver o artigo sobre o *utilitarismo*). Bain salientava a introspecção, utilizando-se das leis da associação, na análise dos estados mentais. Ele aprovava as técnicas de laboratório, sendo considerado um dos fundadores da psicologia moderna. Escritos: *The Senses and the Intellect*, 1855; *The Emotions and the Will*, 1859; *Manual of Rhetoric*, 1864; *Logic, Deductive and Inductive*, 1870.

BAINHA DA ESPADA

Ver o artigo geral sobre **Armas, Armadura**. A bainha era um receptáculo para proteger a espada ou adaga, usualmente feita de couro. Ver I Sam. 17:51; II Sam. 20:8; Eze. 21:3-5,30; Jer. 47:6; João 18:11. O vocábulo hebraico figura por um total de sete vezes, *Taar*. No grego temos a palavra *théke*, que ocorre por apenas uma vez, em João 18:11.

BAIO

Ver **Cor, Cores**.

BAIO (ou Du Bay) MICHAEL

Suas datas são 1513 e 1589. É o autor de um sistema teológico que nega a gratuidade da justiça original, afirma a corrupção intrínseca da natureza humana, mediante o pecado original, e rejeita a noção da graça inerente por ocasião da justificação. O papa Pio V (ver o artigo a seu respeito) condenou o seu sistema (com suas 79 proposições), e Baio retratou-se, tendo falecido como católico romano. (E)

BAÎTE

Nome de uma cidade, em Moabe, que aparece em algumas versões em Isa. 15:2. Nossa versão portuguesa diz «templo», embora alguns estudiosos prefiram interpretar o nome como «filha».

BAITERUS

Chefe de uma família que retornou do cativeiro babilônico à Palestina (ver o artigo a respeito), em companhia de Zorobabel (ver I Esdras 5:17). O nome é omitido nos paralelos de Esd. 2:3 *ss* e Nee. 7:8 *ss*.

BAKUNIN, MIKAHIL

Filósofo russo que nasceu em 1814 e faleceu em 1876. Estudou na Alemanha e envolveu-se no levante de Dresden, em 1849, tendo sido aprisionado por oito anos na Rússia e exilado para a Sibéria. Escapou para a Europa e estabeleceu residência na Suíça, tendo sido expulso da Internacional em 1872. Seus escritos: *The State and Anarchy*, 1873; *God and the State*, 1882. *Suas idéias*: 1. Qualquer pessoa privilegiada é depravada em seu intelecto e em seu coração. Portanto, deve ser aniquilado qualquer privilégio, político ou econômico, cultivando esse aniquilamento como uma arte. Os revolucionários não deveriam deixar-se moderar pela religião, pelo patriotismo ou por qualquer outra espécie de restrição. 2. Um homem teria necessidade de obedecer somente às leis da natureza, que ele encontra dentro de si mesmo. Isso importa em total subjetivismo, sem qualquer restrição por parte da sociedade. Se os homens obedecessem à sua própria natureza, desapareceria a necessidade das organizações políticas, o que não passa de uma utopia e ilusão. (P)

BALÁ

O sentido da palavra, no hebraico, é incerto, ainda que alguns afirmem que significa «enrugado» ou «velho». Era uma cidade no território de Simeão (ver Jos. 19:3). Devido à similaridade de nomes dados na lista, presume-se que se trata da mesma cidade de Judá chamada Baalá em Jos. 15:9 e Bila, em I Crô. 4:29.

BALAÃO

No hebraico, o termo tem sentido desconhecido, embora talvez signifique «devorador», ainda que alguns digam que significa «estrangeiro». Balaão foi um adivinho pagão que vivia em Petor, cidade da Mesopotâmia (ver Deu. 23:4), pertencente aos midianitas (ver Núm. 31:8).

1. *Pano de fundo*. Ele tinha algum conhecimento de Deus, julgando que os próprios poderes dos adivinhos, profetas e poetas derivam-se de Deus. Temia o avanço dos israelitas. Julgava que ninguém lhes poderia oferecer resistência. Eles já haviam conquistado Jericó e certas regiões dos moabitas, e os midianitas poderiam ser as próximas vítimas. A destruição ameaçava por toda a parte.

2. *Confrontos*. Balaque, rei de Moabe (1401 A.C.), firmou uma liga com os midianitas e enviou mensageiros a Balaão, para que ele viesse ajudá-lo com suas adivinhações (ver Núm. 22:5 *ss*). Balaão não se sentiu tranqüilo diante do convite, e recebeu expressa proibição da parte de Deus, ao iniciar viagem (ver Núm. 22:9 *ss*). Portanto, sentiu que não podia amaldiçoar a Israel, e despachou os mensageiros de volta a Balaque. Porém, este enviou a Balaão uma embaixada de mensageiros ainda mais honrosos, com promessas de recompensá-lo e honrá-lo. Balaão retrucou que não se deixaria tentar, mas que diria somente aquilo que Deus lhe permitisse dizer. E acompanhou os mensageiros, sob a condição de que só diria aquilo que Deus lhe permitisse dizer. A ira de

Deus manifestou-se contrária a Balaão, no episódio de sua jumenta, que agiu de maneira estranha, ao sentir a presença do anjo. E a jumenta, fustigada por Balaão, falou através do poder do anjo. Ela lembrou Balaão de todo o bom serviço que lhe havia prestado, e de como ela não merecia tão brutal tratamento. Foi então que Balaão divisou o anjo, armado de espada. Ao dizer que poderia voltar, recebeu ordens para seguir caminho, e assim o fez. Ao encontrar-se com Balaque, reafirmou que só diria o que lhe fosse permitido da parte do Senhor. De acordo com suas instruções, foram preparados sete altares. Por três vezes Balaão tentou falar contra o povo de Israel, mas foi controlado a proferir bênçãos, e não maldições. (Ver Núm. 24:17). Por esse motivo, ao invés de proferir maldições, Balaão instruiu Balaque para que pusesse tropeços no caminho do povo de Deus, por meio da corrupção e da fornicação (ver Núm. 31:16). Balaão nada ganhou com sua impiedade. Houve uma batalha entre Israel e os midianitas, e Balaão foi morto durante a refrega. Todavia, Israel também recebeu o devido castigo, por ter-se deixado corromper (ver Núm. 31:16). O vigésimo quinto capítulo do livro de Números mostra-nos que essa batalha redundou em graves perdas para os midianitas.

3. *Uma lição.* A narrativa ilustra um importante princípio espiritual, que reza: «Benditos os que te abençoarem (ó Israel), e malditos os que te amaldiçoarem» (Núm. 24:9).

4. *Uso metafórico do episódio.* O ensino de Balaão. No Novo Testamento encontram-se várias interpretações dos atos de Balaão, vinculadas a lições espirituais: a. O trecho de II Pedro 2:15 refere-se ao «caminho de Balaão». Trata-se da comercialização do dom profético, ou, de maneira mais geral, o dinheiro e outras vantagens materiais exageradas, adquiridos mediante a comercialização da religião. b. Em Apocalipse 2:14 há menção à «doutrina de Balaão», que é a corrupção de pessoas piedosas, levando-as a abandonarem sua atitude separatista e a se degradarem na imoralidade e no mundanismo. Vê-se, assim, que é possível corromper àqueles que não podem ser amaldiçoados (ver Núm. 31:15,16; 22:5; 23:8). c. Em Judas 11, lemos sobre o «erro de Balaão», que consiste na suposição de que Deus deve amaldiçoar o seu povo, quando este pratica o que é errado. Deus julga, mas não amaldiçoa aos seus. A missão de Cristo protege as almas dos crentes, mas não é por isso que eles escapam ao castigo, quando merecido (ver Heb. 12:5). d. A mistura do bem com o mal. A vida de Balaão sugere-nos ainda uma outra lição, que não precisa ser salientada por algum termo especial. Em um homem, mesmo que seja profeta, pode haver a mescla do bom com o ruim, com intenções nobres e atos vis, ou a mistura da verdade com idéias do paganismo. Todos nós tornamo-nos culpados desse erro, em maior ou menor grau, pois isso faz parte daquilo que significa alguém ser um pecador. E essa mescla torna-se mais notória ainda quando envolve um presumível líder espiritual. Quanto a notas expositivas mais completas sobre «o caminho», «a doutrina» e «o erro» de Balaão, ver essas referências e a exposição das mesmas no NTI.

5. *Detalhes dos usos metafóricos*

Balaão. Sua narrativa pode ser encontrada em Núm. 22-24. Segundo as tradições judaicas, Balaão se tornou símbolo de todos quantos ensinavam ou encorajavam o povo de Israel a envolver-se na idolatria, o que, naturalmente, incluía os vícios pagãos que acompanhavam esse sistema, os quais eram os excessos da gula, do alcoolismo e da prostituição. (Ver Filo, *Moses* I.53-55; Josefo, *Antiq.* iv.6.6 e *Sanedrim* 106a). Balaão não foi um inimigo declarado de Deus. Professava adorar a Deus, mas traiu ao povo antigo de Deus, levando-os a aceitarem idéias e maneiras pagãs, tendo assim tentado destruir o caráter deles como um povo «separado». Os seguidores de Balaão dos tempos cristãos não possuem «integridade de alma». Podem ser indivíduos «religiosos», mas se caracterizam por defeitos vastos e sérios em sua vida espiritual, e terminam por exercer uma influência negativa sobre a maioria das pessoas, ao invés de contribuírem para a piedade.

Por não poder «amaldiçoar» ao povo de Israel, Balaão tentou corrompê-lo, e isso levando seus varões a ter relações sexuais com mulheres moabitas, assim manchando a separação deles. Assim sendo, produziu a união entre a igreja e o paganismo, exatamente o que sucedia em Pérgamo. O culto do imperador tentava os crentes a transigirem com a idolatria; mas o gnosticismo parece ter sido a principal força que buscava corromper a moral da igreja cristã. Os crentes de Pérgamo deixaram de ser «peregrinos» à face da terra. Acomodaram-se ao paganismo, até mesmo dentro dos limites da igreja. A imoralidade em seus líderes (e, por conseguinte, nos seus discípulos) era aceita como «normal» na ética cristã. Portanto, o evangelho perdeu ali o seu «imperativo moral».

No tocante a «Balaão», nas páginas do N.T., examinar as notas expositivas no NTI sobre: 1. O *caminho de Balaão*, II Ped. 2:15. 2. Sobre o *«erro de Balaão»*, Jud. 11:2,3. 3. A *doutrina de Balaão*, ver Apo. 2:14. A atitude moral de Balaão na vida se tornou a doutrina oficial, a «ética cristã», em Pérgamo. A imoralidade tornou-se algo desejável, como se tivesse «finalidades boas» no seio da igreja cristã. Em outras palavras, a «mentalidade pagã», no tocante às questões sexuais e outras, tornou-se a mentalidade prática e a doutrina da igreja dali. Os gnósticos julgavam ser aconselhável contaminar o corpo, a fim de degradá-lo, o que ajudaria no sistema mundial, em sua tentativa de destruir a matéria. Tolamente imaginavam que anjos se punham a seu lado, sussurrando em seus ouvidos, procurando conduzi-los a todas as formas de deboche.

A armar ciladas diante dos filhos de Israel, Apo. 2:14. Balaão, literalmente procurou levar os israelitas a adotarem idéias pagãs, a tomarem esposas pagãs, a se envolverem na idolatria e seus vícios. Espiritualmente falando, eles estavam «caindo». O termo grego aqui usado é «skandalon», «armadilha», ou qualquer coisa que leva alguém a «tropeçar» ou «cair». O ardil de Satanás consistiu do atrativo de mulheres pagãs, dos deleites pervertidos da adoração pagã. Satanás tem suas «tentações», que agem como «armadilhas». Transformam-se então em «vícios», que são extremamente difíceis de extirpar. A mulher licenciosa tem manoplas de ferro. Suas vítimas não conseguem escapar com facilidade. O homem licencioso tem um vício de aço, que oprime o seu cérebro. Não pode ser libertado facilmente, a despeito de todas as boas influências. Esses são «ardis» das influências satânicas. Essas coisas podem cativar até mesmo aos líderes da igreja, tal como sucedeu em Pérgamo e continua a acontecer até hoje. O poder do evangelho, dessa maneira, é anulado.

para comerem coisas sacrificadas aos ídolos, Apo. 2:14. Esse era um dos maiores problemas da igreja neotestamentária. Quanto a um exame completo sobre a questão, ver as notas expositivas no NTI sobre o oitavo capítulo da primeira epístola aos Coríntios. O comer de coisas sacrificadas aos ídolos é algo que

pode ocorrer em mais de uma maneira. As carnes assim oferecidas podem ser vendidas nos mercados, após terem servido a seus propósitos, nos templos pagãos. O crente pode adquirir dessa carne, sem sabê-lo, ou mesmo sabendo do fato. Para Paulo, essa possibilidade era uma «questão indiferente», enquanto algum irmão mais escrupuloso não fizesse objeção, ofendendo-se porque alguém «comia» dessa carne. Todavia, outros crentes entravam em templos pagãos, convidados por seus vizinhos para alguma festividade, em honra ao deus ou deuses, patronos do templo em questão. Esses raciocinariam como segue: «Um ídolo nada é, pelo que tudo isso não passa de uma fraude; e a carne aqui oferecida à venda é tão boa como qualquer outra». Se um crente assim agisse, sua ação se tornava muito mais questionável. Além disso, Paulo relembrou aos crentes que a adoração pagã na realidade, tem demônios por detrás da mesma. De fato, o ídolo nada é, mas é possível que, através do ídolo, algum poder espiritual negativo real esteja sendo adorado, como um «demônio». (Ver I Cor. 10:20 quanto a essa crença). Era comum a *idolatria* ser vista no judaísmo como símbolo externo e físico da adoração aos demônios, em que estes recebiam homenagem dos homens. Se esse é o caso, então nenhum crente tem o direito de entrar em um templo pagão, pois, na realidade, o «ídolo nada é», mas é um meio de entrar em contacto com os poderes malignos. Portanto, honrar a um ídolo, em qualquer sentido, também é honrar ao «poder espiritual por detrás do ídolo». Ver a progressão da censura neotestamentária ao «comer carnes oferecidas a ídolos». No oitavo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, a questão é «indiferente». Mas I Cor. 10:25 nos fornece boa razão para condenarmos alguns aspectos dessa prática. O trecho de Rom. 14:19,22-25 é mais estrito, e Atos 15:20 é uma proibição total, o que se reitera em Apo. 2:14. A princípio, Paulo mostrou-se tão liberal quanto era possível ser. Mas a experiência mostrou não ser viável, nesse caso, a liberalidade. Portanto, gradualmente Paulo foi «fortalecendo» suas proibições e censuras. Finalmente, a igreja proibiu toda essa prática, provavelmente em todos os seus aspectos. Aquele que entrasse em um templo pagão, a fim de participar de uma festividade, também seria tentado a praticar algo da «prostituição sagrada», dando dinheiro às mulheres que, supostamente, serviam à divindade honrada, dinheiro esse que, subseqüentemente, entrava para os cofres do templo pagão. Somos informados que em Corinto, na época do apóstolo dos gentios, havia nada menos de mil «prostitutas sagradas», envolvidas nesse nojento negócio.

e praticarem a prostituição, Apo. 2:14. Tradicionalmente, a idolatria sempre esteve vinculada à prostituição. Havia «prostitutas sagradas», conforme foi descrito acima. Alguns deuses e deusas eram adorados, desvergonhadamente, em meio a orgias sexuais desenfreadas. Em I Cor. 6:9, podemos notar a lista dos vícios, em que se lê sobre os «fornicários» e «idólatras», nessa ordem. Várias listas de vícios do N.T. apresentam esses dois pecados, embora não necessariamente juntos. (Ver Apo. 22:15). (Ver o artigo sobre *Vícios*).

A festividade deleitosa. — Várias referências, nos escritos clássicos, mostram que as festas idólatras, nos templos pagãos, faziam parte importante da vida social dos antigos gregos e romanos. *Tucídides* (ii.38) mostra que tais festas (que envolviam sacrifícios), faziam parte dos entretenimentos populares. Suetônio (*Cláudio*, 33) relata como Cláudio, o imperador romano, estando certo dia no fórum, ao sentir o aroma delicioso de uma festa, que estava em preparativos no templo de Marte, deixou o tribunal e tomou lugar à mesa, ao lado dos sacerdotes, a fim de regalar-se. É claro que os crentes, muitos dos quais tinham sido criados entre tais eventos sociais, que envolviam festividades e sacrifícios, com facilidade continuariam tais práticas, embora não mais sentissem que estivessem homenageando a qualquer deidade pagã. Isso fazia parte da estrutura social da época, bem como da vida social. Aqueles que punham ponto final a todas as suas relações com os templos, não se separavam apenas religiosamente, mas até mesmo socialmente.

Em tempos de perseguição, a questão ainda se tornava mais aguda. Provar os vinhos das libações oferecidas aos deuses pagãos, ou comer das carnes a eles oferecidas, eram considerados atos de homenagem a tais divindades, em cujos templos essas festividades tinham lugar. Ao mesmo tempo, tal ação indicaria que o indivíduo renunciava ao cristianismo. (ID NTI UN)

BALADÃ

Pai de Merodaque-Baladã, rei da Babilônia (ver II Reis 20:12 e Isa. 39:1).

BALANÇAS

No hebraico, temos uma palavra que sempre aparece no plural, *moznayim*, «par de balanças», que aparece por dezesseis vezes no Antigo Testamento (ver Lev. 19:36; Jó. 6:2; 31:6; Sal. 62:9; Pro. 11:1; 16:11; 20:23; Isa. 40,12,15; Jer. 32:10; Eze. 5:1; 45:10; Dan. 5:27; Os. 12:7; Amós 8:5 e Miq. 6:11).

Os antigos hebreus tinham meios de medir os pesos, conforme somos informados em Lev. 19:36 e outros trechos. Nos primeiros tempos hebreus, o ouro e a prata eram comercializados a peso, o que requeria o uso de balanças. As balanças tinham contrapesos de valores específicos, usualmente pedras de diferentes dimensões. Naturalmente, pessoas desonestas usavam dois tipos de peso: os mais pesados, com que vendiam coisas e os pesos mais leves, com que as compravam. Isso explica as expressões em Miq. 6:11 e Osé. 12:7. «Poderei eu inocentar balanças falsas? e bolsas de pesos enganosos?» Os arqueólogos têm descoberto: desenhos de balanças, algumas menores e outras maiores, mas sempre seguindo o mesmo princípio, dois pratos bem equilibrados; em um deles punha-se a mercadoria a ser pesada, e no outro, os pesos. Algumas vezes, os dois pratos eram suspensos por meio de um anel, e de outras vezes, havia uma cruzeta horizontal, equilibrada no meio, em cima de um pino. Talvez seja por esse motivo que o trecho de Isaías 46:6 usa um outro termo hebraico, que significa «cana» ou «vara», embora nossa versão portuguesa também traduza esse outro vocábulo hebraico por «balanças».

No Novo Testamento temos a palavra grega *zugós*, «balança», em Mat. 11:29,30; Atos 15:10; Gál. 5:1; I Tim. 6:1 e Apo. 6:5.

Usos simbólicos: 1. Os homens são postos na balança, quando são julgados pela lei, ou através dos juízos divinos. É assim que o verdadeiro caráter deles é desvendado (ver Dan. 5:27; Jó. 31:6 e Sal. 62:9). 2. O povo de Deus deve ter balanças justas, o que tipifica a honestidade moral (ver Lev. 19:36; Pro. 11:1). As balanças justas são consideradas «do Senhor», porque ele é quem determina a honestidade, nas consciências humanas (ver Pro. 16:11). 3. As balanças enganosas revelam uma condição degenerada e desonesta (ver Amós 8:5 e Osé. 12:7). 4. A balança que o cavaleiro

do cavalo negro brandia, em Apo. 6:5, indica a escassez de alimentos que haverá quando da Grande Tribulação, conforme se vê no versículo seguinte. 5. As nuvens postas na balança (em português, «equilíbrio das nuvens»), em Jó 37:16, evidentemente aludem à maneira como elas existem na natureza, cumprindo o propósito que Deus lhes determinou. Isso, por sua vez, significa que Deus exerce pleno controle sobre a natureza. (BAR UN WRI WRIG)

BALAQUE

Ver o artigo sobre Balaão, quanto a detalhes da história de sua associação com Balaão. Balaque era filho de Zipor, rei dos moabitas (ver Núm. 22:2, 4). Israel obtivera grande vitória sobre os amorreus; e Balaque, tomando conhecimento disso, e julgando que também seria atacado pelos israelitas, tentou impedir o avanço do povo de Deus, solicitando os serviços de Balaão, profeta pagão famoso em seus dias, a fim de amaldiçoar a Israel (ver Núm. 22:1-6). Sob instruções de Balaão, Balaque edificou três altares em diferentes lugares, com o propósito de atrair a maldição divina contra Israel. Mas disso resultaram somente bênçãos e grandes profecias preditivas. Finalmente, Balaque e suas forças foram derrotadas por Israel. No entanto, antes de ser derrotado, e seguindo instruções de Balaão, Balaque conseguiu corromper a alguns dentre o povo de Deus, mediante pecados sexuais (ver Núm. 25:1 e Apo. 2:14). Por causa desse incidente, o nome de Balaque veio a designar aqueles que são insensatos o bastante para tentarem distorcer a vontade de Yahweh (ver Jos. 24:9 e Juí. 11:25). (ID UN Z)

BALAÚSTRES

No hebraico, **mesillah**, «terraço», «caminho elevado». Na LXX, *anábasis*, «subida», «escada». Está em foco um caminho elevado, acima do nível normal do terreno, por ser este lamacento ou mesmo pantanoso. O termo aparece por vinte e sete vezes (por exemplo: Núm. 20:19; Juí. 20:31,32,45; I Sam. 20:12,13; II Reis 18:17; Isa. 7:3; 62:10; Jer. 31:21).

Figuradamente, a palavra é usada para aludir à marcha dos gafanhotos, em Joel 2:8; o curso das estrelas, em Juí. 5:20; a conduta dos retos, em Pro. 16:17; e a subida para Sião, na mente dos piedosos (Sal. 84:5).

BALDE

Um receptáculo para transportar água e retirá-la do poço. Os mais antigos eram feitos, evidentemente, de couro (Isa. 40:15). Havia uma cruzeta, posta na boca, para mantê-lo aberto. Esses baldes continuam sendo usados, até hoje, na Palestina. O avanço obtido no uso dos metais terminou produzindo vários tipos de baldes metálicos.

Metaforicamente falando, temos o balde de Deus nas nuvens, de onde ele derrama, simbolicamente, a chuva, a neve, a saraiva, etc. (Núm. 24:7). Essa bênção do derramamento torna o povo de Israel grande e numeroso. A própria nação de Israel é retratada como um homem que transporta dois baldes de água, transbordantes, o que se refere à abundância material.

BALEIA

Está em foco, principalmente, o animal que engoliu o profeta Jonas (ver Jon. 1:17 *ss*), e que nossa versão portuguesa traduz por «grande peixe».

Dois pontos deveriam ser enfatizados: 1. O elemento miraculoso é ressaltado desde o começo do relato: «Preparou o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites no ventre do peixe». (Jonas 1:17). 2. O Senhor Jesus declarou que o episódio era factual, e não fictício: «...assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra» (Mat. 12:40). No hebraico, em Jonas, a palavra significa «peixe». Em Mateus, a palavra grega significa «monstro marinho».

Muita discussão tem havido sobre a natureza do animal envolvido no caso. Alguns estudiosos pensam que a tradução «peixe» não é possível e nem necessária, pois sabe-se de episódios em que homens têm sido engolidos por baleias, para serem vomitados em seguida. As baleias podem engolir até mesmo animais de maior porte e peso que um homem, como os golfinhos e focas. Todavia, o fato de que o hebraico diz «peixe» parece conclusivo, sobretudo diante do fato de que no hebraico há uma palavra especialmente reservada para indicar a baleia, a qual não é usada no episódio que vitimou Jonas.

O que realmente importa no relato, todavia, não é qual animal engoliu o profeta, se um mamífero ou um peixe, e, sim, tudo que envolveu um milagre providencial de Deus, que Jesus usaria como ilustração do período em que Ele jazeria sepultado, entre Sua morte e ressurreição.

BALEIA DE JONAS

Mat. 12:40: *Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra.*

Baleia é tradução de AC e KJ; AA diz *grande peixe*. A palavra se refere a um monstro marinho, um peixe enorme. Ocorrências modernas demonstram que há peixes capazes de engolir um homem inteiro.

Será possível ser engolido por uma baleia e continuar vivo para contar a história? A ciência responde «*Não*», mas a resposta correta é «*Sim*». Os registros oficiais do Almirantado Britânico provêm evidências documentadas sobre a espantosa aventura de James Bartley, um marinheiro britânico que foi engolido por uma baleia, e escapou com vida para contar a história! O Sr. Bartley estava fazendo sua primeira viagem (que terminou também por ser a única), como marinheiro de um navio baleeiro, cujo nome era *Estrela do Oriente*, em fevereiro do ano de 1891. Estavam a algumas centenas de quilômetros a leste das ilhas Falkland, no Atlântico Sul.

Em certo momento foi arpoada uma grande baleia, que então mergulhou às profundezas abissais. Quando ela subiu para respirar, ocorreu que seu corpanzil esmigalhou o bote, e muitos homens caíram no mar. Dois homens não puderam ser encontrados e um deles era o Sr. Bartley. Depois de muito serem procurados, foram dados finalmente por perdidos.

Pouco antes do pôr-do-sol, naquele mesmo dia, a baleia moribunda flutuou até à superfície. A tripulação rapidamente prendeu uma corda na baleia e a arrastou até o navio-mãe. Posto que era tempo de verão, foi necessário despedaçar imediatamente o gigantesco animal. Em pedaços foi sendo cortada a baleia. Pouco depois das onze horas da noite, os exaustos tripulantes removeram o estômago e o enorme fígado da baleia. Esses pedaços foram levados para a coberta e notou-se que havia algum movimento

no interior do estômago da baleia.

Fizeram uma grande incisão no estômago da baleia, e apareceu um pé humano. Era James Bartley, dobrado em dois, inconsciente, mas ainda vivo. Bartley soltava grunhidos incoerentes ao recuperar um pouco mais a consciência, e durante cerca de duas semanas pendeu entre a vida e a morte. Passou-se um mês inteiro antes que pudesse contar perfeitamente a história do que lhe acontecera.

Lembrava-se de que quando a baleia atingiu o bote, ele foi atirado ao ar. — Ao cair, foi engolfado pela gigantesca boca da baleia. Passou por fileiras de minúsculos e afiados dentes, e sentiu uma dor lancinante. Percebeu que estava escorregando por um tubo liso, e então desapareceu na escuridão. De nada mais se lembrava, senão depois de ter recuperado a consciência, uma vez libertado do estômago da baleia.

Muitos médicos de vários países vieram examiná-lo. Viveu mais *dezoito anos* depois dessa experiência. Sua pele ficara com uma desnatural coloração esbranquiçada, mas não sofreu outros maus efeitos além desse. Na lápide de seu túmulo foi escrito um breve relato de sua experiência, com o acréscimo: «James Bartley, 1870 a 1909, um moderno Jonas». (Extraído do livro *Stranger than Science*, por Frank Edwards, págs. 11-13).

BALLOU, HOSEA

Nasceu em 1796 e faleceu em 1861. Foi educador, erudito, clérigo e universalista, que ajudou a publicar as primeiras revistas universalistas. Foi autor da obra *Ancient History of Universalism*, que fornece considerável discernimento histórico quanto a esse conceito. Foi o primeiro presidente do Tufts College, de 1854 a 1861, e membro da junta de supervisores do Harvard College, de 1843 a 1858. (E)

BALMES, JAMES

Nasceu em 1810 e faleceu em 1843. Tornou-se conhecido em face de seu argumento, no livro de sua autoria, *Protestantism Compared with Catholicism*, no sentido que a tolerância parcial é apropriada, mas não a tolerância completa ou universal. Visto que não se pode falar em tolerar a verdade, esse termo só pode ser aplicado àqueles casos em que a verdade ainda está sendo disputada. É nesses casos que precisamos ser tolerantes. A tolerância divina, sem dúvida, é muito mais vasta do que isso, porque, do contrário, a humanidade inteira estaria em dificuldades diante de Deus. (P)

BALSA

Ver o artigo sobre **Embarcações e Navios**.

BÁLSAMO

No hebraico temos uma palavra que indica uma goma medicinal, usada por seis vezes no Antigo Testamento (ver Gên. 37:25; 43:11; Jer. 8:22; 46:11; 51:8 e Eze. 27:17). O «bálsamo de Gileade» aparece como tema de hinos. Talvez se trate da espécie vegetal *Commiphora opobalsamum*, que não é nativa na Palestina, embora bastante comum na Arábia. Josefo informa-nos que a rainha de Sabá trouxe sementes dessa planta e as deu a Salomão, e desde então ela passou a ser cultivada em Israel. Ao menos sabe-se com certeza que, em tempos posteriores, tornara-se uma planta comum na Palestina.

A planta que produz a goma é uma planta perenemente verdejante. Tem flores brancas, formando cachos de três flores. Dá-se um corte em seu tronco, de onde exuda a seiva. Esta transforma-se em glóbulos duros, de onde se extrai a substância. Talvez as «especiarias» referidas em II Reis 20:13 e I Reis 10:10 tenham em vista o mesmo produto.

O «bdélio», aludido em Gên. 2:12, é uma espécie diferente, que talvez seja a *Commiphora africana* ou o bdélio índico ou africano, que originalmente se pensava ser uma pedra semipreciosa. Os eruditos não têm recebido favoravelmente a identificação do «bálsamo de Gileade» com a *Melissa officinalis*, uma erva de cheiro adocicado. A referência em Jeremias 8:22, acerca do bálsamo e do médico em Gileade, tudo associado em uma única sentença, sem dúvida indica que essa substância era considerada como dotada de valor medicinal. Isso tem levado alguns eruditos a suporem que a *Silphium terebinthinaceum* está em vista, visto que é sabido que essa espécie era usada com fins medicinais. Essa espécie produz uma resina levemente fragrante. Não era espécie nativa da Palestina, embora passasse a ser cultivada ali em data desconhecida. Os árabes lhe dão grande valor, e Josefo chega a mencioná-la. Ainda outra opinião dos especialistas favorece a *Balanites aegyptiaca*. Conforme se está vendo, a planta não tem sido inequivocamente identificada.

Em Ezequiel 27:17 encontramos uma outra palavra hebraica, mas que nossa versão portuguesa também traduz por «bálsamo», seguindo a Vulgata Latina, que a traduz por «balsamum», em acordo com várias outras autoridades antigas. Essa árvore, embora não fosse nativa da Judéia, era cultivada nos jardins próximos de Jericó, nas margens do rio Jordão, conforme nos diz Josefo (*Guerras* I.7,6). A goma por ela produzida era preciosa, e seu peso valia tanto quanto a prata em peso. Tratava-se da espécie *Balanites Aegyptiaca*. Sua resina era usada para curar ferimentos, e sob a forma de chá, para os problemas estomacais. Todavia, alguns estudiosos preferem pensar na *Pistacia lentiscus*, que cresce até cerca de 3 m de altura, produzindo flores e frutos. Os cortes feitos em seu tronco ou em seus ramos produzem uma goma chamada «mástique». Os glóbulos de resina são branco-amarelados, translúcidos, aromáticos e adstringentes.

A identificação exata das árvores, das plantas, dos animais e das aves mencionadas na Bíblia geralmente é problemática, ou mesmo impossível, conforme se vê no caso do bálsamo.

Uso simbólico do bálsamo. As misericórdias curadoras de Deus, que podem curar os males morais e espirituais de um homem, são simbolizadas pelo bálsamo. Em Jeremias 8:22 e 51:8, a misericórdia de Deus é que livrava potencialmente a nação de Israel das suas angústias. (ND Z)

BÁLSAMO (pessoa)

Quando Esdras leu a lei diante do povo, de acordo com os livros apócrifos (ver I Esd. 9:43), sete homens puseram-se ao seu lado direito, e Bálsamo era um deles. Em Nee. 8:4, a referência paralela, o nome é Maaséias. (Z)

BALTASAR

Essa é a forma grega de Belsazar (ver Dan. 1:7; 2:26; 5:1; 7:1; 8:1 e Baruque 1:11). Na tradição posterior, também aparece como nome de um dos magos que visitaram o menino Jesus. A tradição também declara que eles seriam três (talvez devido às

três formas diferentes de presente, ouro, incenso e mirra), embora haja tradições em que esse número varia. Ver o NTI, nas suas notas sobre Mat. 2:1, bem como o artigo desta enciclopédia sobre os *magos*.

BALUARTE

Cinco palavras hebraicas estão por detrás dessa idéia, a saber:

1. *Chel*, «forte», palavra que ocorre por nove vezes (por exemplo: Isa. 26:1; Lam. 2:8; Naum 3:8).

2. *Chelah*, «fortim», palavra que aparece por apenas uma vez, em Sal. 48:13.

3. *Matsod*, «fortaleza», palavra que figura por apenas uma vez, com esse sentido, em Ecl. 9:14.

4. *Matsor*, «fortaleza», palavra que aparece por vinte e seis vezes (por exemplo: Deu. 20:20; Jer. 10:17; Miq. 7:12).

5. *Pinnah*, «esquina», palavra que figura por vinte e oito vezes (por exemplo: II Crô. 26:15; Sof. 1:16; 3:6).

Todas essas palavras envolvem a idéia de lugar de difícil acesso, indicando algum lugar dotado de defesas naturais (Deu. 20:20), de instalações militares, de rampa, etc. (Sal. 48:13), ou então, alguma fortaleza ou torre (II Crô. 8:5). A idéia básica é de lugar cercado por muralhas ou defesas. No grego temos a palavra *edraíoma*, «estabilidade», usada apenas em I Tim. 3:15, aplicada à Igreja. Nossa versão portuguesa diz ali, «baluarte», onde algumas versões em outros idiomas, dizem «base» ou «fundamento». O ministério da Igreja de Cristo garante que os homens edificam sobre o alicerce da verdade.

BAMÁ

No hebraico significa «lugar alto», exatamente conforme a palavra é traduzida na versão portuguesa, em Eze. 20:29, único trecho bíblico onde a palavra hebraica aparece. A etimologia da palavra é desconhecida, embora pareça estar relacionada ao ugarítico ou ao acádio que significa as «costas» de uma pessoa ou de um animal. (Ver Deu. 33:29, onde aparece uma palavra hebraica similar, e que nossa versão portuguesa traduz por «alteza»). Excetuando algumas poucas referências, os lugares de adoração dos gentios (como também os de Israel, quando idólatras), localizados em lugares elevados, montes, bosques, etc., são indicados por esse outro termo hebraico. A arqueologia tem comprovado a existência desses lugares altos. Uma grande plataforma oval, medindo dez metros de comprimento, oito metros de largura e seis metros de altura, foi encontrada em Megido. O alto da plataforma era atingido mediante um lance de escada, e ali eram oferecidos sacrifícios. Data do terceiro milênio A.C. Outros desses lugares altos têm sido encontrados em Nahariya, perto de Haifa (séculos XVIII ou XVII A.C.), em Malhah, a suleste de Jerusalém (séculos VII ou VI A.C.). O trecho de Ezequiel 20:29, no original hebraico, parece conter um jogo de palavras: «Que (mah) propósito tem essa vinda (ma) a este lugar alto?» E talvez essas palavras fossem proferidas zombeteiramente. Ver também o artigo sobre *Lugares Altos*. (MCC S Z)

BAMIÁ

Uma cidade situada sobre uma colina, não mencionada na Bíblia. Segundo as tradições, embora dificilmente elas se mostrem corretas, diante dessa cidade havia um rio, que desaguava no Gurjestão. A cidade não tinha jardins e nem pomares, sendo também a única cidade da região situada sobre uma colina. Teria sido a residência de Sem, filho de Noé. (S)

BAMOTE

No hebraico significa «lugares altos de Baal». Era um lugar na Transjordânia, onde os israelitas fizeram uma parada (ver Núm. 21:19,20). Ficava ao norte do rio Arnon. Talvez seja a mesma localidade chamada Bamote-Baal, em Josué 13:17. Era um lugar pertencente aos moabitas, e adquiriu tal nome devido à adoração idólatra que ali havia. Foi nesse local que o rei Balaque (ver o artigo a seu respeito) pediu para Balaão (ver o artigo a respeito) amaldiçoar o povo de Israel. A pedra Mesha, com inscrições que datam de cerca de 830 A.C., assevera que o rei Mesha erigiu o lugar, juntamente com outros similares, em Dibom, Bezer e Medeba. À tribo de Rúben foi dada essa cidade (ver Jos. 13:17), como parte de sua herança. A localização exata é desconhecida atualmente, embora seja tentativamente localizada na margem ocidental do platô da Transjordânia, ao sul do monte Nebo, perto da moderna Khirbet el-Quweiqiyeh. (AH GROL).

BANAIA

Forma do nome **Zabade** (vide), em certas obras apócrifas.

BANAS

Também grafado como Banuas, foi ancestral de alguns levitas que retornaram com Zorobabel do exílio babilônico (ver I Esdras 5:26). O nome não aparece no paralelo canônico de Esdras 2:40.

BANCO, INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS

As Escrituras não designam especificamente qualquer instituição financeira para custear dinheiro; mas falam apenas nas *mesas* dos cambistas (ver Mat. 21:12; Mar. 11:15; João 2:15). No trecho de Luc. 19:23, entretanto, há menção de algo que se aproxima da idéia de um «banco». (Nossa versão portuguesa diz «banco», mas isso é uma interpretação, pois o grego diz apenas *trápeza*, «mesa»). A prática de empréstimo de dinheiro a juros não era aprovada dentro da economia pastoril agrícola da antiga nação de Israel (ver Êxo. 22:5; Lev. 25:37). Portanto, verdadeiros bancos, e negócios bancários, foram estabelecidos em Israel somente após o exílio (ver sobre o *cativeiro babilônico*). Antes desse tempo, as pessoas entregavam o seu dinheiro aos cambistas, a fim de obterem algum dividendo, ou então meramente ocultavam ou enterravam o dinheiro, para guardá-lo em segurança, visto que a taxa de inflação era mínima (ver Jos. 7:21 e Mat. 13:44). Palácios e templos eram usados para guardar dinheiro, embora, como é claro, os ricos contassem com seus cofres. Na antiga nação de Israel, podia-se cobrar juros em casos de empréstimos, mas não de compatriotas israelitas, conforme se vê nas referências acima sobre Êxodo e Levítico. Os profetas condenavam as taxas de juro excessivas (ver Deu. 23:19,20).

Nos tempos romanos, os bancos tornaram-se importantes na Palestina. Geralmente as atividades bancárias eram efetuadas nas praças dos mercados, onde os banqueiros montavam uma mesa. Isso explica as referências neotestamentárias, dadas acima. O

câmbio de moedas era algo necessário, além de empréstimos. Além das moedas estrangeiras que circulavam, o templo só aceitava determinado tipo de moeda; e os cambistas naturalmente enganavam àqueles que vinham cambiar seu dinheiro. Havia empréstimos de todos os tipos e para todos os propósitos: para compras, para as despesas diárias, para amortizações, etc. No mundo antigo as taxas de juros sempre eram altas, visto que a exploração do próximo é própria da natureza humana. Em Roma e Atenas, essa taxa chegava até a 48 por cento. Além de emprestar e cambiar dinheiro, os banqueiros ajudavam a outros em investimentos e na montagem de negócios, na Palestina e no exterior. Através dos séculos, os judeus tornaram-se exímios banqueiros, envolvidos no comércio interior e exterior. Até hoje, alguns dos maiores banqueiros do mundo são judeus, como os Rothchilds da Inglaterra e do continente europeu. Todos os aspectos essenciais do comércio e das instituições bancárias foram desenvolvidos já no primeiro século da era cristã. Não sentimos que estamos especulando muito quando afirmamos que o anticristo haverá de utilizar-se do sistema bancário, no futuro, para obter suas finalidades opressivas. «A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita, ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta, ou o número do seu nome» (Apo. 13:16,17).

BANCOS, TÁBUAS

No hebraico, **qereah**, «tábua». Essa palavra aparece por cinqüenta e uma vezes, a começar em Êxo. 26:15, e principalmente nesse livro da Bíblia, indicando as tábuas usadas na construção do tabernáculo no deserto. Mas, por uma vez, em Eze. 27:6, indica os bancos do navio simbólico que representava Tiro, onde se lê: «...os teus bancos fizeram-nos de marfim engastado em buxo da ilha dos quiteus».

BANHO

Nas Escrituras há duas classificações gerais a respeito de banhos: 1. Para efeito de higiene pessoal. 2. Como ato religioso, cerimonial.

1. *Lavagem do Corpo*. Envolvia atos como esfregar o corpo com a ajuda de água, talvez derramada de uma jarra ou balde (Lev. 15-17; Núm. 19:7,8,19, onde é usada a palavra hebraica *rachats*). Outro modo era a imersão em rios, lagos ou poços. Somente as classes mais abastadas transportavam água para tomar banho (II Sam. 11:2). Poços como os de Siloé e de Ezequias (Nee. 3:15,16), às vezes sombreados com pórticos (João 5:2), proviam lugares de banhos públicos, que tão populares tornaram-se nos tempos gregos e romanos. Josefo (*Guerras* 1:17,7) menciona que os soldados se banhavam. Havia as termas de Tiberíades (Eusébio, *Onomast.*), bem como as termas próximas às praias do mar Morto (Josefo, *Anti.* xviii.2; xvii.6). Também lemos acerca de banhos públicos entre os antigos egípcios. Os ricos tinham piscinas, que usavam tanto como balneário como para efeitos de recreação (Josefo, *Anti.* xvii.11; xv.3).

Não há muitas menções, no Antigo Testamento, a banhos com propósitos higiênicos, embora o calor e a poeira das terras orientais tornem os banhos tão necessários. Heródoto (ii.27) conta que os sacerdotes egípcios banhavam-se nada menos de quatro vezes ao dia, embora isso incluísse abluções mais de natureza ritualista. No Antigo Testamento, um sinal de hospitalidade para com os recém-chegados era prover-lhes um banho (Gên. 18:4; 19:2; I Sam. 25:41). Bate-Seba estava no banho, quando Davi a viu pela primeira vez (II Sam. 11:2). As palavras de Noemi à sua nora, Rute (Rute 3:3), sugerem que era costume as pessoas banharem-se, antes de visitarem alguém de classe superior.

2. *Banhos Cerimoniais e Ritualistas*. O ato de lavar as mãos e os pés, antes das refeições principais, era um antigo hábito em Israel, talvez vinculado às purificações religiosas. As pessoas também se banhavam após o período de lamentação pelos mortos, porquanto isso subentendia poluição (II Sam. 12:20). Os israelitas também banhavam-se antes dos cultos religiosos (Gên. 35:2; Êxo. 19:10; Jos. 3:5; I Sam. 16:5). O sumo sacerdote banhou-se por ocasião de sua instauração (Lev. 13:6), como também o fazia no dia da expiação, antes de oferecer o ato de propiciação (Lev. 16:4,24). Servir de auxiliar do banho de outrem era considerado um ato de humilhação (I Sam. 25:41). Esse costume os primitivos cristãos transferiram para o Novo Testamento, no ato do lava-pés, descrito com detalhes em João 13. Quanto às lavagens cerimoniais, ver Mar. 7:8. Acerca de como todas essas abluções foram suplantadas por princípios espirituais em Cristo, ver Heb. 9:10. As notas, no NTI, fornecem amplas informações a respeito dessas questões.

3. *Usos Simbólicos*. a. Em face do aspecto de purificação, está em foco o batismo, em seu sentido literal e espiritual (Rom. 6:3; Tito 3:5). b. Santificação (Mar. 7:8). c. Lava-pés. que simboliza a igualdade entre os irmãos, a humildade e a purificação das falhas diárias. d. As lavagens cerimoniais do Antigo Testamento simbolizavam vários tipos de purificação, tudo o que recebeu cumprimento no ofício expiatório de Cristo, em seus vários aspectos (Heb. 9:10). e. A vingança de Deus, pois, em algumas versões, é dito que a espada do Todo-poderoso banha-se de sangue, punindo os habitantes da terra (Isa. 34:6). (ED EDE ID IB NTI)

BANI

Esse nome vem de uma raiz hebraica que significa «edificar». É apelativo de várias personagens do Antigo Testamento, a saber:

1. Um dos trinta heróis guerreiros de Davi, um gadita (ver II Sam. 23:36). O paralelo, em I Crônicas 11:38, diz «filho de Hagri», que parece envolver uma corrupção do texto.

2. Um antepassado de Merari, um levita, através de Etã, cujo filho serviu no tabernáculo, ao tempo de Davi (ver I Crô. 6:46).

3. Um filho de Judá, por Utai, da tribo de Perez, um daqueles que retornaram para habitar em Jerusalém, após o exílio babilônico (ver I Crô. 9:4).

4. Antepassado de certos homens que retornaram do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel (ver Esd. 2:10 e I Esdras 5:12). É chamado pelo nome de Binui, em Nee. 7:15.

5. Um ancestral de Selomite, que retornou da Babilônia juntamente com Esdras (ver Esd. 8:10), conforme se vê em Esdras 8:36.

6. Um homem cujos descendentes haviam tomado mulheres estrangeiras, estando ainda no cativeiro (ver Esd. 10:29). Em I Esdras 9:30 ele é chamado Maani.

7. Um levita cujo filho ajudou a reparar as muralhas de Jerusalém (ver Nee. 3:17).

8. Um homem que assessorou a Esdras na explicação sobre a lei. Ele era levita (ver Nee. 8:7). É

chamado Aniute, em I Esdras 9:48.

9. Um levita que foi um dos signatários do pacto que resultou do reavivamento do interesse pelas questões espirituais, nos dias de Neemias (ver Nee. 10:13).

10. Um dos chefes do povo que também assinou o pacto, e que talvez seja a mesma pessoa que a de número 9 (ver Nee. 10:14).

11. Pai de um oficial dos levitas em Jerusalém, que pertencia aos filhos de Asafe, que eram cantores (ver Nee. 11:22).

Esse nome tem sido confundido com Binui ou Buná, de tal modo que é impossível garantir-se a identificação de alguns desses personagens. (ID S)

BANI (Livros apócrifos)

Um homem mencionado em I Esdras 9:34 e em Esd. 10:34 como o fundador de uma família, cujos membros foram obrigados a divorciar-se de suas esposas estrangeiras, depois do retorno do cativeiro.

BANIAS

Era uma aldeia que ficava ao sul das colinas do monte Hermom, e que os árabes modernos chamam pelo mesmo nome, embora originalmente seu nome fosse Paneion. O nome derivava-se do deus Pan, que ali era adorado. Nichos de suas estátuas até hoje podem ser vistos no local. Cesaréia de Filipe (ver o artigo a respeito), ocupava o local. O rio Jordão tem um de seus braços originadores naquele lugar.

BANQUETE

Quatro palavras hebraicas e uma grega estão envolvidas no estudo desse tema, quase sempre envolvendo a idéia básica de «beber». Em Amós 6:7 temos uma palavra que significa «grito» (de alegria ou de tristeza). Em Jó 41:6 temos uma palavra que significa «preparar». Em Cantares 2:4, a «sala de banquete» deveria ser traduzida mais apropriadamente por «sala de vinho». Em Ester 7:1, que diz «veio...Hamã para beber...», encontramos uma palavra hebraica usada por duzentas e onze vezes, exatamente com o sentido desse verbo. E uma quarta palavra hebraica é usada por quarenta e cinco vezes, com o sentido de «banquete» (por exemplo: Ester 5:4-6,8,12,14; Dan. 5:10). A palavra grega *pótos*, «bebedice», aparece somente em I Pedro 4:3.

Ocasiões para banquetes. Podemos pensar nas festividades, religiosas ou sociais, nos aniversários (ver Gên. 40:20; Mat. 14:5); no desmame de um filho e herdeiro (ver Gên. 21:8); nos casamentos (ver Gên. 29:22; Mat. 22:2-4), por ocasião da tosquia das ovelhas (ver I Sam. 25:2); e também, conforme nos parece estranho em nossa cultura, por ocasião dos sepultamentos (ver II Sam. 3:35), ainda que, na oportunidade relatada, Davi se recusasse a fazê-lo.

Horário dos banquetes. Usualmente os banquetes tinham lugar no fim do dia, à noitinha, o que corresponde ao nosso jantar (ver Isa. 5:11). Geralmente, esses banquetes continuavam por alguns dias, (ver Juí. 14:12). Lembremo-nos da festa de casamento na qual Jesus se fez presente. Houve muito vinho, e a festa durou por muito tempo. Os excessos tornavam-se inevitáveis nessas oportunidades (ver Ecl. 10:16 e Isa. 5:11).

Convites. Os servos transmitiam verbalmente os convites (ver Pro. 9:3; Mat. 22:3). O convite de última hora também era feito (ver Mat. 22:8 e Luc. 14:7), restringido àqueles que tivessem manifestado sua disposição de se fazerem presentes. Nenhuma razão trivial era aceita como recusa a um convite desses. Nos evangelhos, a questão tornou-se símbolo do convite do Senhor para que os homens recebam o reino de Deus e a salvação.

Etiqueta. Os convidados eram identificados mediante uma espécie de tabuleta ou cartão, e eram admitidos ao salão do banquete. Uma vez que todos os convidados estivessem presentes, o proprietário fechava a porta, para que ninguém mais pudesse entrar (ver Luc. 13:25; Mat. 25:10). Os convidados eram saudados com um ósculo, na entrada (ver Tobias 7:6; Luc. 7:45), e seus pés eram lavados (ver Luc. 7:44), o que era um costume generalizado no Oriente. Além disso, cabelos e barba eram ungidos (ver Sal. 23:5). Os lugares eram designados aos convidados de acordo com a importância de cada um (ver I Sam. 9:22 e Luc. 14:8). Algumas vezes, eram fornecidos trajes especiais para tais celebrações (ver Ecl. 9:8 e Apo. 3,4,5).

O *mestre-sala* (ver João 2:9 e Ecl. 32:1) usualmente era o proprietário da casa, embora nos banquetes nas cortes reais houvesse algum oficial designado para o posto. O mestre-sala tinha autoridade de admitir quem deveria fazer-se presente, e o que os convidados deveriam fazer.

Os pratos servidos durante o banquete dependiam das posses do dono da casa, pelo que um banquete podia ser simples ou muito luxuoso, com itens importados. Nunca faltava o vinho, que era servido puro, ou então misturado com água e especiarias (ver Pro. 9:2; Can. 8:2). Com freqüência havia bebedeiras, do que resultavam todos os tipos de excessos (ver Isa. 5:12 e Amós 6:5).

Sentados à mesa ou reclinados? Nos primeiros tempos de Israel, costumava-se sentar à mesa. Mas o hábito de reclinar-se em divãs, dos gregos e romanos, terminou sendo adotado em Israel, em tempos posteriores. Na época de Jesus, as refeições eram tomadas em posição reclinada. Assim, na última Ceia, compreende-se como João podia estar «aconchegado» a Jesus (ver João 13:23), e como pôde reclinar-se «sobre o peito de Jesus» (ver João 13:25).

Como se levava o alimento à boca? Garfos, colheres e facas só se tornaram de uso comum já nos fins da Idade Média. Portanto, as pessoas levavam o alimento à boca com as mãos. Se o alimento era líquido, geralmente era apanhado com um pedaço de pão, no qual era ensopado. Um prato podia ser servido para diversos comensais; o que significa que todos podiam meter juntos a mão no prato, o que é refletido em João 13:26, na cena da última Ceia. Durante o banquete, circulavam servos, salpicando as cabeças dos convidados com perfumes ou óleos.

Cozinha. Ver o artigo sobre a *arte culinária.* Os alimentos eram cozidos, assados, estufados, grelhados, preparados com molhos e especiarias. Grande número de panelas e vasos era usado nessas ocasiões.

Guardanapos. Visto que as pessoas levavam à boca o alimento com a mão, esta ficava engordurada. Pedacinhos de pão eram usados para limpar as mãos dos convivas; os mesmos tornavam-se alimentos dos cães (ver Mat. 15:27 e Luc. 16:21). Mas, nesse processo, os convivas eram ajudados pelos servos que circulavam entre eles. Esse humilde ofício era prestado por Eliseu a seu mestre, Elias (ver II Reis 3:11).

Entretenimento. Nos banquetes, muitas vezes havia músicos que tocavam instrumentos, havia dançarinos, havia mímicas e os convivas apresentavam quebra-cabeças uns aos outros. O banquete platônico mostra

que os filósofos também tinham suas ocasiões festivas, com comes e bebes, antes de se formar a atmosfera apropriada para os debates filosóficos. Os excessos eram freqüentes em tais banquetes, embora a intenção dos convidados fosse boa. (Ver Isa. 28:1; Sabedoria de Salomão 2:7; II Sam. 19:35; Juí. 14:12; Nee. 8:10 e Luc. 15:25).

Uso figurado. O banquete representa o convite de Cristo, o Seu pacto, a Igreja, a comunhão íntima com o Senhor. Além disso, a rejeição por parte de convidados não qualificados e a entrada no salão do banquete por meios astutos, simbolizam a necessidade das pessoas se qualificarem para o convite do evangelho. Os banquetes satisfazem certas necessidades do corpo. O banquete oferecido por Cristo satisfaz as necessidades do espírito. Um convite a um banquete precisava ser tomado a sério. O dono da casa exercia controle sobre a porta, admitindo e rejeitando a quem ele quisesse fazê-lo (ver Mat. 22:3; Luc. 12:25 e João 2:9). As vestes especiais, fornecidas aos convivas, pintam a provisão espiritual da santidade e da preparação espiritual (ver Apo. 3,4,5). Os convidados eram ungidos, o que simboliza a unção do Espírito, com sua presença e suas graças (ver Sal. 23:5). Havia convidados mais importantes e menos importantes. Nem toda a realização espiritual está em um mesmo nível. As pessoas variam quanto à espiritualidade (ver Luc. 14:8; ver também, quanto a símbolos gerais, o trecho de Can. 2:4). O pacto do Senhor com o seu povo é simbolizado pela Ceia do Senhor (ver Mar. 14:25; comparar com Apo. 3:20). (ID ND S UN Z)

BANUAS

Uma forma alternativa do nome próprio **Banas** (vide).

BAQUEBACAR

Nome hebraico que significa «diligente procurador». Um levita que voltou do exílio babilônico em 445 A.C., em companhia de Zorobabel. Esse nome aparece somente no trecho de I Crô. 9:15, embora talvez se trate da mesma personagem chamada Bacbuquias, em Nee. 11:17. (S Z)

BAQUIDES

Era filho de Baquim, general do rei sírio Demétrio, e era governador da Mesopotâmia. Viveu durante o tempo de Antíoco Epifânio, e mesmo depois. Foi enviado por aquele rei sírio à Judéia, encabeçando um exército, a fim de forçar o estabelecimento de certo sumo sacerdote, em 161 A.C., chamado Alcimo. Baquides deixou um destacamento para proteger Alcimo contra Judas Macabeu. Quando, apesar disso, Alcimo se enfraquecia, Baquides, após um ano, retornou com um exército de tropas escolhidas, tendo derrotado e morto a Judas Macabeu em Laisa (ver I Macabeus 9:18). Então Baquides conseguiu entravar Jônatas Macabeu, e fortificou Jerusalém (ver I Macabeus 9:49,50). Porém, após a morte de Alcimo, que ocorreu no ano seguinte, Baquides retirou suas tropas. No ano subseqüente, 158 A.C., Baquides retornou à Judéia, por convite de alguns judeus descontentes. Terminou firmando um acordo de paz com Jônatas Macabeu, segundo termos razoáveis, deixando-o governar o estado judeu (ver I Macabeus 9:70 *ss*). (ID S)

••• ••• •••

BAR (Prefixo)

Como prefixo, «bar» é um aramaísmo no hebraico. Seu uso, tão antigo quanto Salmos 2:12, mostra que vem de tempos remotos. Era prefixo vinculado ao nome do pai de alguém, como «Bar-Abas», que significa «filho de Abas». Ver Mat. 27:16. Com esse prefixo aramaico em Daniel 7:13, temos a expressão «Filho do homem». Tal prefixo também podia transmitir as idéias de «relacionado a» ou de «da classe de». (Z)

BARAITA

Termo aramaico referente a certas tradições tanaaitas (ver o artigo a respeito), não incorporadas na Mishnah (ver o artigo). Sua relação para com a Mishnah assemelha-se à relação entre os livros apócrifos (ver o artigo) e os livros canônicos do Antigo Testamento. (E)

BARAQUE

No hebraico significa «relâmpago». Era filho de Abinoão, de Quedes de Naftali (ver Juí. 4:5. Ver também Jos. 19:37 e 21:32). Ele pertencia ao distrito que mais sofreu às mãos dos cananeus. Jabim, rei de Canaã, vinha oprimindo Israel pelo espaço de vinte anos. A profetisa Débora convocou Baraque para tentar resolver a situação. Baraque organizou um exército de dez mil homens das tribos de Naftali e Zebulom, as tribos que mais haviam sofrido sob Jabim. A idéia era marchar até o monte Tabor, com promessas de que o general de Jabim, Sísera, haveria de ser derrotado. Mas Baraque recusou-se a entrar em batalha sem a presença de Débora. Ela concordou em ir, mas advertiu-o de que ela teria o crédito pela vitória e não Baraque. Houve o choque armado. Sísera contava com um grande exército. Quando a derrota de Baraque parecia certa, subitamente os cananeus foram assaltados por um pânico estranho, irracional. Disso resultou tremenda matança. A batalha teve lugar em cerca de 1120 A.C.

Após a batalha, Baraque e Débora compuseram um cântico de vitória, em louvor a Yahweh. As tribos que ajudaram na obtenção da vitória são elogiadas, mas as tribos que se mostraram indiferentes, como as de Aser, Dã e Rúben, foram censuradas (ver Juí. 4 e 5). Embora Baraque tivesse precisado da ajuda de uma mulher (e qual homem não precisa de tal ajuda, ocasionalmente!), ele obteve menção honrosa entre os heróis da fé, em Hebreus 11:32. Ver as notas adicionais a respeito de Baraque, no NTI, nesse versículo. (ID S)

BARAQUEL

No hebraico significa «Deus abençoa». Era pai de Eliú, um buzita da família de Rã, os últimos dos três «amigos» que entraram em discussão com Jó. (Ver Jó 32:2,6). (S)

BARAQUIAS

Podemos entender seu nome como «Bar Aquias», ou seja, «filho de Aquias». Era pai de Zacarias, aquele que foi assassinado entre o santuário e o altar (ver Mat. 23:35). No Novo Testamento não há qualquer narrativa sobre o martírio de Zacarias, filho de Baraquias. Alguns estudiosos sugerem que isso ocorreu, mas que não foi registrado. Outros eruditos sugerem que deveria ser algum outro Zacarias. Ver o artigo sobre *Zacarias*, como também os comentários

sobre o problema, nas notas expositivas sobre Mat. 23:35, no NTI. (NTI Z)

BARAT, Stª Madalena Sofia

Nasceu em 1779 e faleceu em 1865. Foi uma freira francesa, fundadora e primeira superiora geral (1806 a 1865) da Sociedade do Sagrado Coração. Sob sua orientação, a organização propalou-se pelo mundo. Era mulher dotada de incomum energia, de profunda religiosidade e de extraordinários poderes mentais. Foi elogiada por sua sabedoria na direção do grupo, e por seus atos singulares de caridade e humildade. A espiritualidade não acompanha os apertados limites que lhe costumamos impor. (E)

BARBA

No hebraico, **zaqan**, «barba», palavra usada por dezenove vezes (por exemplo: Lev. 13:29,30; I Sam. 17:35; I Crô. 19:5; Sal. 133:2; Jer. 41:5; Eze. 5:1). *Sapham*, «bigode», usada por cinco vezes (por exemplo: II Sam. 19:24), única vez em que nossa versão portuguesa traduz a palavra como «barba». Nas outras ocorrências, a tradução é «bigode» (ver Lev. 13:45; Eze. 24:17,22 e Miq. 3:7).

A maioria dos povos antigos não compreenderiam o moderno costume de raspar a barba, enquanto que tão poucos deixam a barba crescer; pois, na antiguidade dava-se precisamente o contrário. Entre os povos semitas a barba era sinal de virilidade, de tal forma que termos cognatos para *ancião* ou *adulto* eram palavras verbais e nominais que dizem respeito à barba. (Ver Êxo. 4:29).

A arqueologia tem descoberto muitos monumentos antigos que reproduzem variegadas formas de barba, que diferiam de cultura para cultura, ou mesmo dentro de uma dada cultura. Alguns usavam a barba curta e aparada, porém, outros longa e esvoaçante. Era considerado um adorno masculino ter barba profusa. Também era sinal de honra. Se a veracidade de alguém fosse posta em dúvida, a dúvida podia ser enfrentada com as palavras: «Olhe para a barba dele!» Assim, igualmente, faziam-se juramentos pela barba. «Por minha barba juro que...» palavras que podiam ser acompanhadas pelo gesto da mão tocando a barba. O oposto também era verdadeiro. Uma censura poderia acompanhar uma declaração como esta: «Que vergonha para a sua barba!» Uma saudação podia incluir a declaração: «Que Deus preserve a sua barba!»

Tão importante era a barba, no Egito, que até mesmo mulheres, em certas festividades, relacionadas a importantes dias oficiais, usavam barbas falsas, segundo se vê em estátuas e gravuras. Em Israel, assim como os cabelos de uma mulher eram a sua glória, outro tanto dava-se com a barba de um homem. Os sacerdotes eram proibidos de aparar as beiradas de suas barbas. Raspar a barba era considerado um ato de contrição, podendo retratar mudanças radicais para o pior (Isa. 7:20). Aos prisioneiros de guerra raspava-se a barba, em sinal de zombaria. A ausência de barba, ou barba raspada era sinal de servilismo. O rei dos amorreus lançou opróbrio sobre os embaixadores de Davi cortando pela metade as suas barbas e enviando-as de volta (II Sam. 10:1-5). Muitos gregos e romanos barbeavam-se, tirando a barba totalmente; e isso, para os israelitas, era marca de paganismo, algo a ser evitado.

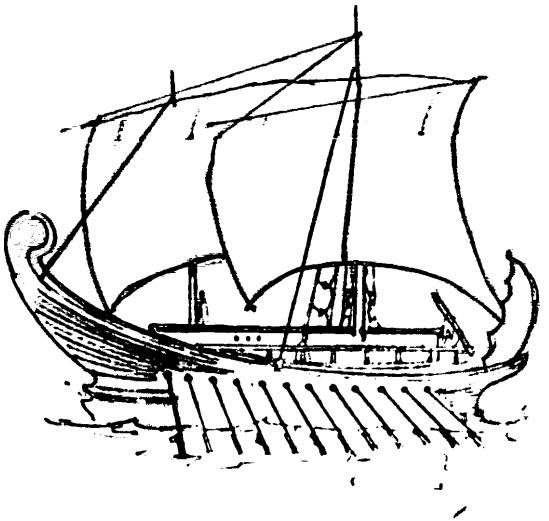
Uso figurado. O povo de Deus é comparado aos pêlos da barba e aos cabelos de Ezequiel, dando a entender que eram muito queridos (Eze. 4:1-5:4). Em Isaías 7:20, quando o Senhor ameaçou raspar as cabeças e as barbas dos homens de seu povo, isso deu a entender que grande número deles seria sujeitado a julgamento divino. (G ID S Z)

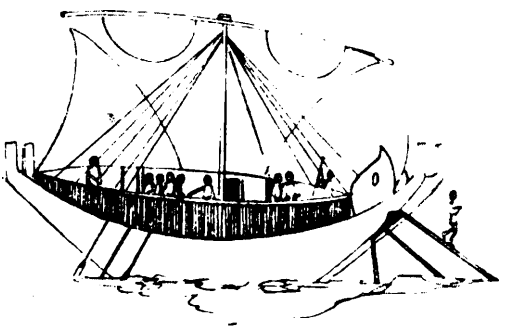
BÁRBARO

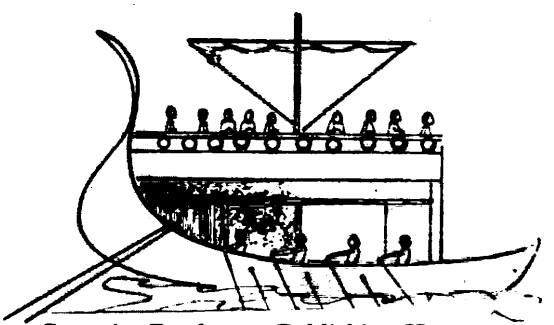
No grego, **bárbaros**, «estranho», «estrangeiro», e, portanto, rude, sem polidez. Nos escritos clássicos e nas páginas do Novo Testamento, o termo usualmente é usado para denotar nações que não eram gregas, às quais sua linguagem era desconhecida. Por isso, lemos em Romanos 1:14: «...sou devedor tanto a gregos como a bárbaros...» Em Colossenses 3:11 encontramos a seguinte classificação: «...grego... judeu...bárbaro, cita...» Em I Coríntios 14:11, a palavra é usada para indicar uma língua desconhecida pelo ouvinte. Em Ovídio, *Trist*. V.10,37 temos um conceito similar. Em Atos 28:2, os naturais da ilha de Malta são chamados «bárbaros» porque originalmente tinham sido uma colônia cartaginesa, e falavam o púnico. Na LXX, em Salmos 114:1, é usada a palavra para indicar povo de «língua estranha». Estrabão (xiv.2) supunha que a palavra *bárbaros* originalmente era um som imitativo, quando algum grego queria imitar um idioma que lhe fosse estrangeiro, produzindo então sons dissonantes, nessa imitação. Visto que os gregos consideram sua cultura superior às outras culturas, gradualmente o vocábulo «bárbaro» foi adquirindo seu moderno significado de cru, incivil, ou mesmo imoral. Tal uso tinha seu paralelo entre os judeus, que se referiam aos pagãos em tons de zombaria. Os gregos referiam-se aos romanos com certo tom de desdém na voz. Assim, quando Paulo aludia aos bárbaros, deixava claro que o evangelho também se destinava a eles. Deus não escarnecia dos «bárbaros», como o faziam os gregos e outros. Até mesmo os «citas» (que para os antigos eram o que os «selvagens» são para nós) eram destinatários da prédica evangélica. O uso que o Novo Testamento faz da palavra «bárbaro» não é pejorativo, o que é típico do amor de Deus, que deseja que todos os homens sejam salvos, vindo ao conhecimento da verdade (ver I Tim. 2:4). (ID S Z)

BARBEIRO

Palavra que no hebraico é usada somente por uma vez, em Ezequiel 5:1, *gallawb*. Raspar a cabeça até hoje é costume bastante comum nos países orientais. Algumas seitas religiosas da Índia distinguem-se por essa prática. Alguns deixam apenas um tufo de cabelos no alto da cabeça, ou acima de cada orelha. Na Síria, os homens de certa idade com freqüência raspam a cabeça, permitindo que a barba cresça. Os jovens barbeiam o rosto e aparam bem curtos os cabelos da cabeça. O lábio superior nunca é raspado, exceto no sul da Índia, onde o ato é feito como sinal de luto. A ausência de bigodes é considerada por muita gente, na Síria, como sinal de ausência de virilidade. Portanto, ali os barbeiros têm sempre muito trabalho a fazer, e eles estabelecem suas barbearias em lugares convenientes para atrair fregueses. Na passagem de Ezequiel, o Senhor ordenou que o profeta usasse uma espada afiada como uma navalha de barbeiro, para cortar seus cabelos e sua barba. Os cabelos assim cortados, deveriam ser usados em vários atos simbólicos dos julgamentos divinos. Na antiguidade, as navalhas eram feitas de pedra lascada, de cobre, de bronze ou de ferro. Os arqueólogos têm encontrado pinturas em túmulos, no Egito, que mostram barbeiros trabalhando. (S Z)







Cortesia, Zondervan Publishing House

Barcos antigos de:
Ascalom
Síria
Fenícia



Paulo, o rapaz, observando os navios de Tarso

Hardy

BARCLAY, ROBERT

Nasceu em 1648 e faleceu em 1690, em Ury, na Escócia. Recebeu educação teológica calvinista em Paris, mas acabou convencido da verdade dos quacres (ver o artigo a respeito). Entre 1666 e 1670 ele foi o principal teólogo sistemático dos quacres. Sua obra mais bem conhecida é a Apologia, que já foi editada e reimpressa por muitas vezes. Essa obra tem um certo tom calvinista, refletido pela Confissão de Westminster e pelo Breve Catecismo. Os quacres até hoje consideram-no uma grande autoridade de suas crenças. Ver o artigo sobre a *Sociedade dos Amigos*. (AM E)

BARCO A REMO

Ver os dois artigos sobre **Embarcações** e sobre **Navios**. Os barcos a remo eram barcos longos e baixos que enfrentavam mar alto, impulsionados por velas e remos, ou então somente por remos. Ver Isa. 33:21, onde estão em pauta navios de guerra, impulsionados por remos. A idéia ali é que o Senhor seria a defesa de Jerusalém, como se ela fosse uma grande cidade protegida por um rio, onde nenhum navio de potência hostil podia chegar. Ver também Ezequiel 27:8. O vocábulo hebraico em questão é confirmado em uma nota cananéia das cartas de Amarna, *anaya* 245.28.

BARCOS

No hebraico, «pintor». Foi cabeça de uma das famílias dos netinins (ver Esd. 2:53 e Nee. 7:35). Alguns de seus descendentes retornaram do exílio com Zorobabel, em cerca de 536 A.C.

BARCOS (NAVIOS)

Embora os israelitas fossem um povo agrícola, não voltados para as lides marítimas como os fenícios, tinham jangadas que atravessavam o rio Jordão, embora ficassem apenas subentendidas, como em II Samuel 19:18. Também tinham barcos de pesca usados no mar da Galiléia (Mar. 4:36; João 6:1,23). Davi precisou depender da marinha fenícia de Hirão (II Sam. 5:11 *ss*). Salomão teve sua marinha (I Reis 9:26). Os navios de Társis traziam ouro, marfim, símios e pavões, a fim de decorar o luxuosíssimo reino de Salomão, trazendo uma nova carga de três em três anos (II Crô. 9:21).

Navios de outros povos são mencionados em Pro. 31:14; Sal. 107:23 *ss* e 104:26. Paulo usou navios mercantes para fazer viagens pelo império romano, em suas jornadas missionárias. Sabemos que os egípcios usavam navios para fazer viagens não só pelo rio Nilo, mas também pelo Mediterrâneo. O tráfico entre a Biblos da Fenícia e o Egito era feito por mar, e os navios envolvidos eram chamados «viajantes de Biblos». O papiro era transportado nesses navios, para o Egito, para a confecção de livros (rolos) de papiro. Porém, tais navios também transportavam muitas outras mercadorias. Os egípcios também tinham embarcações de fundo chato para transporte de pedras, para suas construções pesadas. Embarcações semelhantes eram usadas nos rios Tigre e Eufrates. Jangadas de madeira, postas a flutuar com a ajuda de peles infladas de ar, também eram usadas. Havia um intenso tráfico marítimo com a Índia, através do golfo Pérsico. Porém, nenhum povo se tornou tão famoso como marinheiros quanto os fenícios. Eles velejavam por todo o Mediterrâneo, havendo quem dissesse que eles chegaram às ilhas Britânicas, propagando a sua cultura até a Espanha. Os navios antigos usavam tanto velas quanto remos, como meio de propulsão.

Origens. Até onde a arqueologia tem podido revelar, a navegação começou desde 3500 A.C. Navios com popa indentada (para que ali fosse posto um remo leme), bem como com velas quadradas, podem ser vistos nas pinturas egípcias, ou então esculpidos sobre túmulos. Mas as embarcações egípcias geralmente eram feitas de papiro ou de madeira. Porém, por altura do reino médio (2130-1780 A.C.) o Egito já contava com navios grandes, alguns com nada menos de 54 m de comprimento. Talvez esses navios fossem de origem fenícia. Nesse período, os navios eram usados no comércio com o Chipre e com as costas gregas (Núm. 24:24).

Tipos de Embarcações. a. Havia aquelas tripuladas por marinheiros, que podiam ser grandes ou pequenas, mencionadas nos textos de Amarna com o nome de *anayi*, palavra cananéia talvez relacionada ao termo indo-europeu *naus*, *navis*. Ver I Reis 9:27. b. Os navios de Társis eram cargueiros que levavam pesadas cargas, como minérios. Eram navios próprios para travessias pelo mar Mediterrâneo, tendo até 60 m de comprimento. (Ver Eze. 27:25). Com freqüência eram construídos formando esquadras (I Reis 9:26). Esses navios tinham proas redondas e fileiras de remos, tanto quanto sessenta, além de velas. Alguns navios fenícios tinham emblemas na proa, como a cabeça de um cavalo. c. — Os navios egípcios são descritos sob *Origens*. d. O navio em que Jonas embarcou (Jon. 1:5) era grande, dotado de tombadilho, tripulado por marinheiros e comandado por um piloto (Jon. 1:6; Eze. 27:8). e. Havia as barcaças, navios de fundo chato, usados para a travessia de rios. f. Havia pequenas embarcações usadas na pesca, principalmente na Galiléia, tão pequenas que uma grande carga de peixe era capaz de fazê-las naufragar (Mat. 4:21; Mar. 1:19; João 21:3 *ss*). Provavelmente eram impulsionadas tanto por remos quanto por velas (Mar. 6:48; João 6:19). g. Havia navios usados no Mediterrâneo, de muitos tipos. Os navios longos, cujo comprimento era de cerca de oito vezes mais que a sua largura, eram capazes de transportar entre 15 e 75 toneladas, com remos e velas. Os navios menores permaneciam não muito longe das praias, exceto em condições muito favoráveis. É possível que as viagens de Paulo fossem feitas nessas embarcações costeiras. Mas, quando ele viajou para Roma, tomou um cargueiro de cereais, um navio bem maior. Estes últimos geralmente transitavam na rota entre Roma e o Egito, podendo ter uma tripulação entre duzentos e trezentos homens. Luciano (*Navigium* 1 *ss*) descreve um desses navios, em cerca de 150 D.C. Esses navios eram dotados de um mastro central, com várias velas, além de uma vela dianteira, posta em um mastro mais à frente, para emprestar ao navio maior manobrabilidade.

— No grego essa vela chamava-se *ártemon* — Na proa havia alguma figura esculpida ou pintada, representando o nome do navio (Atos 28:11) e a popa usualmente era mais elevada, como o pescoço de um cisne, onde havia uma estátua da divindade patrona do porto de origem do vaso. Dois remos grandes, à popa das embarcações, serviam de lemes, podendo ser operados independentemente ou em conjunto. Usualmente as âncoras eram feitas de madeira, com pesos de pedra ou de chumbo, e três ou mais âncoras eram levadas a bordo.

Perigos das viagens marítimas. Antes de tudo, havia o grave problema da falta de uma navegação científica, de tal modo que um navio podia perder-se em alto-mar. Os antigos navios de madeira podiam

desintegrar-se facilmente por ocasião das tempestades, pois, devido à falta de algum meio poderoso de propulsão, os navios ficavam ao léu sob as intempéries. Durante o inverno, quando as tempestades tornavam-se freqüentes, a navegação era quase inteiramente suspensa. Isso ia desde meados de novembro a meados de fevereiro (Atos 20:3,6; 27:11; I Cor. 16:6 *ss*; II Tim. 4:21; Tito 3:12). Um mês antes disso e um mês depois disso ainda eram considerados dias perigosos para a navegação, embora houvesse quem se arriscasse (Atos 27:9). Quando o firmamento ficava enevoado, impedindo a visão do sol e das estrelas, a navegação ficava muito difícil, porque esses objetos celestiais serviam de pontos de referência quanto à direção em que se navegava.

Usos Metafóricos. a. Como um *símbolo psicológico* o navio representa a vida de uma pessoa, — a velejar ou singrar através das vicissitudes, sujeito às tempestades e à destruição, em busca de um destino. b. Um navio também pode simbolizar o corpo físico, o veículo da alma. c. Em Hebreus 6:19, há menção à *âncora* da alma, que fala sobre as provisões e poderes espirituais que nos são providos pelo acesso a Deus. Essa âncora representa, supremamente, a esperança da vida eterna, que se tornou uma realidade através da missão de Cristo, e que penetrou para além do véu do Santo dos Santos. d. O leme de um navio, embora sendo relativamente pequeno, pode fazer uma grande embarcação mudar de rumo, assemelhando-se à língua de um homem, a qual, apesar de pequena, tem enormes potencialidades para o bem ou para o mal. (HA ID ND SMITH STOR) Tiago 3:4

BARDESANES

Suas datas são 154 e 222 D.C. Nasceu em Edessa, na Síria, onde se tornou um mestre pioneiro do cristianismo. Foi o fundador da literatura cristã siríaca, tendo sido escritor de muitos hinos cristãos em siríaco. Foi elogiado por Eusébio, mas condenado por Efraem e outros pais sírios do século IV D.C. Tentava livrar Deus de qualquer responsabilidade pela existência e atuação do mal, asseverando que Deus era *organizador*, mas não criador do mundo. Foi acusado de manifestar tendências gnósticas. (E)

BARGANHA COLETIVA Ver **Negociações Coletivas.**

BARIÁ

No hebraico, «fugitivo». O homem desse nome era filho de Semaías, descendente de Davi, no tempo de Salomão (I Crôn. 3:22), em cerca de 1058 A.C.

BARJESUS

Alguns eruditos têm pensado que o nome **Elimas** deve ser considerado como tradução de «Barjesus», e não como um outro apelativo; porém, nenhuma das possibilidades ventiladas pelos estudiosos parece provável. Talvez esse homem simplesmente tivesse dois nomes próprios, conforme se dava com muitos judeus daqueles dias. Nesse caso, «Barjesus» (que significa «Filho de salvação») seria o seu nome judaico. No entanto, era conhecido pela população de fala grega pelo nome de «Elimas». F.C. Burkitt sugere que Elimas talvez seja uma corruptela das palavras gregas «*oloimos*», que significam «sujeito pestilento» (assim declara esse autor em seu artigo *The Interpretation of Bar-Jesus*, no Journal of Theological Studies, IV, 1902, págs. 127-129). Esse sentido não é muito provável, porquanto um homem considerado como representante dos espíritos ou deuses dificilmente seria assim denominado por aqueles que procuravam a sua orientação e ajuda. Portanto, Elimas, com o sentido de «sábio», com derivação de uma raiz aramaica, é a idéia mais razoável, embora isso não seja universalmente aceito pelos estudiosos do assunto.

Theodore P. Ferris (em Atos 13:6) sugere que a maldade das artes mágicas consiste no fato de que procura torcer a vontade de Deus segundo a vontade dos homens, sendo, por isso mesmo, de natureza egoísta—não adora a Deus, mas tão-somente procura utilizar-se dele. Diz esse autor: «A religião, nesse caso, torna-se o meio da obtenção de uma finalidade, e não uma finalidade em si mesma. É oferecida como uma varinha mágica, capaz de transformar gansos em cisnes, e chumbo em ouro. Com esses trajes modernos, Elimas continua percorrendo as ruas de todas as cidades modernas».

As artes mágicas também podem ser criticadas por sua tentativa de manipularem os poderes espirituais inferiores, ignorando a Cristo e a Deus Pai. Isso, portanto, faz dessas artes uma modalidade de paganismo, ao passo que o cristianismo aponta Cristo para os homens, o mais elevado poder cósmico, o Filho de Deus, e através dele a volta para Deus Pai. A preocupação de alguns indivíduos diz respeito a «como ser algo em troca de nada...Não admira que sejam solo fértil para os feiticeiros, que lhes mostram atalhos curtos. A fé é difícil; a força mágica é fácil. Elimas caminha pelo caminho fácil, e os seus seguidores formam legiões». (Theodore P. Ferris, em Atos 13:6).

No que tange às relações entre a sociedade antiga para homens como Elimas, opina Alford em Apoc. 13:6: «A aristocracia romana estava peculiarmente debaixo da influência dos astrólogos e dos mágicos, alguns dos quais eram judeus. Lemos sobre tais indivíduos em conexão com Mário, Pompeu, Crasso, César, e posteriormente, Tibério; e as queixas de Horácio e Juvenal mostram-nos quão completamente, e por quão dilatado tempo, Roma andou inundada de impostores orientais de todas as variedades. (Ver Horácio, Sat. i.2.1; e Juvental, *Sat*. iio.13-16; vi.542-546; x.93).

«As classes mais baixas dos judeus, tanto em Atos 13:6 como em Atos 19:14, parecem ter-se viciado especialmente com tais práticas. Comerciavam com o prestígio religioso de sua raça, e se ufanavam, em adição a isso, acerca dos livros sagrados de adivinhações e encantamentos que teriam chegado até eles desde os tempos de Salomão». (E.H. Plumptre, em Apo. 13:6).

Falso profeta. É um dos qualificativos que Lucas dá a Barjesus. — Não porque ele fosse fraudulento e não possuísse reais poderes psíquicos, porquanto as Escrituras do A.T. não procuram fazer tais homens sempre enganadores, mas antes, porque era impelido por um espírito mentiroso e perverso, que talvez deva ser encarado como um demônio. Sua fonte de poder era maligna, por conseguinte. Embora talvez tenha predito o futuro corretamente, em certas oportunidades, ou até mesmo efetuado curas de enfermidades e realizado muitas outras maravilhas, não era um profeta de Deus e nem possuía qualquer autoridade da parte de Cristo. Portanto, era um *falso* profeta, um líder religioso que convinha ser evitado. Era falso profeta, mágico e judeu e isso era excelente combinação para fazer dele uma espécie de *vagabundo espiritual*.

BARJONAS

No hebraico, «filho de Jonas», o nome patronímico

do apóstolo Pedro, em Mat. 16:17. Em um trecho paralelo, João 1:42, ele é chamado «filho de Jonas». Somente o manuscrito it(aur) lhe dá o nome de *Bariona*, em João 1:42.

BAR KOCHBA, SIMEÃO

Foi um dos líderes da revolta dos judeus contra Roma, nos dias de Adriano (132-135 D.C.). Essa foi a segunda principal tentativa dos judeus libertarem-se de Roma, após terem sido totalmente derrotados em sua primeira tentativa, em 70 D.C. Essa segunda revolta teve por causa a tentativa de Adriano fundar uma cidade não-judaica, *Aelia Capitolina*, no mesmo local de Jerusalém. Bar Kochba, pois, proclamou um estado judaico independente e lançou moedas. Os romanos ordenaram que Júlio Severo, que fazia parte do governo da Bretanha, esmagasse a revolta. Os judeus lutaram árdua e longamente, mas após três anos foram derrotados. O quartel dos rebeldes ficava nos wadis e nos penhascos onde o deserto da Judéia termina, às margens do mar Morto. Após fazerem pesquisas fotográficas, a bordo de um helicóptero, os arqueólogos foram capazes de localizar um acampamento de comandos romanos, em um platô. Os romanos não conseguiram vencer os judeus que se ocultavam em complexas cavernas inacessíveis. Assim, — tentaram matá-los por inanição, — mas muitos judeus cometeram suicídio. As muitas descobertas arqueológicas na área também têm feito muito para iluminar a vida dos rebeldes. Uma caverna era recoberta, pelo menos em parte, com cestas cheias de ossos; além disso, foram encontrados objetos de metal, tomados dos romanos; sandálias e outros artigos de vestuário, como também contas, pentes, talcos, potezinhos de perfumes, e um jogo completo de toalete. Também foram encontrados documentos que aparentemente pertenciam ao próprio Bar Kochba. Entretanto, vários tipos de caligrafia podem ser distinguidos nesses documentos. Um desses documentos ordena o aprisionamento de um certo Tahun Ben Ishmael, bem como o confisco de seu trigo, exigindo o castigo de alguns que haviam construído moradias em desafio às normas determinadas por Bar Kochba. Finalmente, Bar Kochba morreu na batalha de Betar, em 135 D.C. Alguns o consideravam como o Messias, mas ele foi apenas mais um rebelde que lutou e morreu pelo que julgava ser uma causa justa. (E Z)

BAR MITZVAH

No hebraico, «filho de mandamento». Expressão aplicada a duas coisas: 1. A um menino judeu ao completar os treze anos de idade, quando então assume deveres e responsabilidades religiosas. 2. Solenização do acontecimento, quando, no sábado seguinte, ele é convocado como um dos sete homens que lêem a porção semanal da lei; ou como o oitavo homem, que lê a haphtarah, ou lição profética. Em algumas oportunidades, o rapazinho apresenta um discurso religioso. O evento também é celebrado pela sua família. A partir da ocasião, o rapaz ocupa lugar entre os homens, freqüentando regularmente a adoração pública e usando as filactérias durante as orações matutinas dos dias de semana. (E)

BARNABÉ

Atos 4:36: *Então José, cognominado pelos apóstolos Barnabé (que quer dizer, filho de consolação), levita, natural de Chipre.*

Essa é a primeira menção a Barnabé em todo o livro de Atos; e é provável que por um período considerável de tempo, antes da conversão e do ministério de Saulo de Tarso, Barnabé agiu como líder principal da comunidade helenista judeu-cristã e das igrejas formadas pelo mesmo grupo. Era homem de família judia, da classe sacerdotal, que se tinha fixado na ilha de Chipre. João Marcos, que era de Jerusalém, era seu primo (conforme a maioria dos modernos intérpretes acredita, e não seu sobrinho, no dizer das traduções mais antigas). Clemente de Alexandria presta-nos a informação de que Barnabé era um dos setenta discípulos (ver *Hipt.* viii; *Stronmateis* ii.20.116). Os manuscritos ocidentais do livro de Atos (em 1:23), confundem-no com José Barsabás, que surge pela primeira vez quando da eleição do substituto de Judas Iscariotes. Contudo, não há evidência alguma em prol disso, e o mais certo é que tal hipótese apareceu meramente por causa da semelhança de nomes. Barnabé é descrito como homem «*bom, cheio do Espírito Santo e de fé*», (Atos 11:24). Em diversas ocasiões, realmente, pôde demonstrar o seu excelente caráter, segundo vemos em diversos pontos da história deste livro, a saber:

1. Em Atos 9:27 podemos observar como ele agiu como *intermediário* entre Saulo de Tarso, já convertido, e os apóstolos, tendo-lhe preparado o caminho para conhecê-los pessoalmente. E isso foi uma grande intervenção, pois até pouco tempo antes Saulo de Tarso era grande perseguidor dos cristãos.

2. Foi *Barnabé* quem representou os apóstolos em Antioquia, e mediante a sua influência Saulo de Tarso se interessou por aquele trabalho, em face do que passou ali um ano inteiro, ajudando a desenvolver o trabalho da missão entre os gentios. E foi justamente em Antioquia que os discípulos do Senhor foram, pela primeira vez, chamados «cristãos». Ver Atos 11:19-30.

3. As primeiras ofertas enviadas aos santos pobres de Jerusalém foram mandadas pelas mãos de Barnabé e Saulo de Tarso, o que também evidencia o fato de que, por essa altura dos acontecimentos, os dois líderes cristãos se tinham tornado amigos íntimos e cooperadores no trabalho de Deus. (Ver Atos 11:27-30).

4. Pessoalmente, Barnabé não possuía personalidade tão rigorosa como a de Paulo, conforme aprendemos em Gál. 2:13, onde este último menciona o fato de que até mesmo Barnabé, temporariamente, interrompeu sua comunhão com os crentes gentílicos de Antioquia, por causa das pressões feitas por elementos judaizantes na primitiva igreja cristã. Nessa reprimenda de Paulo, até Pedro foi atingido, juntamente com todos os que tinham culpa na questão, por permitirem tal condição na igreja.

5. Paulo e Barnabé foram companheiros na *primeira* viagem missionária entre os gentios, o que resultou no estabelecimento de uma cadeia de igrejas cristãs, razão pela qual o cristianismo se propagou por todo o mundo então conhecido (ver Atos 13:14). Até esse ponto, Barnabé fora a figura liderante, enquanto Paulo era o seu «protegido»; mas, daqui por diante Paulo assume a liderança, por ser a personalidade dominante. Não obstante, grande parte do crédito da formação do grande missionário e apóstolo dos gentios, Paulo, deve ser atribuída a Barnabé, que foi poderoso instrumento do Espírito Santo na vida de Paulo.

6. Finalmente houve o *rompimento* de relações mais fraternais, entre Paulo e Barnabé, por causa da questão se deveriam ou não levar juntamente com eles a João Marcos, ao iniciar-se a segunda viagem missionária, por ter esse jovem desertado da missão

gentílica, quando talvez sua presença fosse mais necessária. Paulo se recusava a tomá-lo em sua companhia, mas Barnabé não queria desistir de sua ajuda, só por motivo de seu primeiro erro. Por isso, Barnabé deu continuidade ao seu ministério, levando consigo João Marcos até Chipre. (Ver Atos 15:36-41). Mas Paulo se associou a Silas, e assim teve início a segunda viagem missionária de Paulo.

Não obstante esse conflito, as referências que muito depois Paulo faz a João Marcos são cordiais e favoráveis (ver II Tim. 4:11), o que demonstra o valor de Marcos no ministério do evangelho. Outrossim, a tradição atribui a João Marcos a autoria do segundo evangelho, na ordem em que aparece em nossas Bíblias, mas que se pensa seriamente ter sido o evangelho original, no qual se escudaram os autores dos evangelhos de Mateus e Lucas—o evangelho de Marcos. Tudo isso demonstra o acerto da decisão de Barnabé ao reter Marcos em sua companhia, e talvez a decisão precipitada, negativa e intransigente de Paulo, ao rejeitá-lo. Todavia, o Espírito Santo desmantelou o mal que daí poderia proceder, para o bem de todos. Também podemos observar que as alusões posteriores de Paulo a Barnabé são amigáveis e simpáticas, o que nos permite entender que não houve grande dano, em resultado de sua discordância acerca de João Marcos. (Ver I Cor. 9:6; Gál. 2:1,9 e Col. 4:10).

Barnabé foi um dos poucos elementos a ser chamado de **apóstolo** juntamente com os doze, o que exibe a excelência geral de sua pessoa e de seu ministério. (Ver Atos 14:14). É apenas natural que em volta dele se tenham criado muitas tradições e lendas. Uma antiqüíssima epístola anônima, que figura entre os escritos patrísticos, recebeu o seu nome, embora o mais provável é que tal epístola não tenha sido de sua lavra. Tal epístola data dos primórdios do segundo século de nossa era e se caracteriza por um tom fortemente antijudaico. Mas é evidente que tal epístola foi considerada como de algum valor, em muitas igrejas cristãs antigas, sendo lida publicamente por elas e tida quase como canônica. (Ver Eusébio, *História Eclesiástica* iii.25). A chamada epístola aos Hebreus também tem sido atribuída à sua pena, por muitos estudiosos, pelo menos desde os tempos de Tertuliano (150 D.C.), e alguns deles têm mesmo pensado que a primeira epístola de Pedro tenha sido escrita por ele. No entanto, acerca de todas essas conjecturas nada se pode dizer com certeza. Há também um chamado Evangelho de Barnabé, mas trata-se de uma obra muito posterior, já dos tempos medievais.

No calendário anual da igreja anglicana, Barnabé recebe o título de «apóstolo», sendo o único dos santos, se não considerarmos os *doze*, excetuando Paulo e os evangelistas, a ser honrado com um dia marcado em vermelho no calendário, como dia de feriado.

O seu nome original era *José*, mas recebeu o nome «Barnabé» possivelmente a fim de assinalar a sua admissão à função de profeta ou mestre na igreja, mais ou menos como Simão recebeu também o nome de «Pedro», a fim de indicar algo especial em sua personalidade e função, ou como Saulo de Tarso recebeu o nome de Paulo. O epíteto «Barnabé» é proveniente de uma palavra que é usada acerca do Espírito Santo para descrever o seu ofício de Consolador, Conselheiro e Ajudador, que no original grego aparece como «paracleto». Por conseguinte, assinala Barnabé como um homem *consolador, exortador, auxiliador* ou *filho de profecia*. No grego, o vocábulo «paracleto» indica alguém chamado para o lado de outrem, a fim de ajudá-lo. (Quanto a esse termo como título do Espírito Santo, ver as notas expositivas em João 14:16, no NTI, que descrevem as cinco grandes declarações do Senhor Jesus sobre o divino «paracleto»). Alguns intérpretes, entretanto, preferem traduzir o seu nome por «filho do encorajamento», o que seria um termo suficientemente amplo para incluir as várias idéias possíveis em torno de seu nome. No entanto, Adolfo Deissman («Bible Studies», Edinburg: T. and T. Clark, 1901, págs. 307-310) prefere a derivação do seu nome de «Nebo», aparentemente um deus-demônio dos pagãos; porém, não é nada provável que Lucas houvesse usado tal nome para indicá-lo. Além disso, a própria interpretação que Lucas oferece sobre o nome de Barnabé indica-nos que, por detrás do mesmo, havia algo como o vocábulo grego *paracleto*, ou alguma outra idéia similar. O nome «Filho de profecia» se derivaria do hebraico «bar Nebi», e alguns estudiosos têm pensado que esse é o termo aramaico por detrás do nome aqui dado, no original grego. Porém, sem importar qual o nome aramaico que Lucas assim traduziu para o grego, o fato é que o próprio Lucas forneceu o sentido popular de seu nome como «Filho de consolação», ou «Filho de exortação», ou, mais geralmente ainda, «Filho de encorajamento». De fato, *encorajamento* é a idéia central do vocábulo grego «*paraklesis*», embora essa palavra tenha sido traduzida, em diversos lugares, como consolo, exortação e consolação, conforme se vê nos trechos de Atos 9:31; 13:15; 15:31; 16:9 e 20:12.

Variante Textual. Algumas traduções mais antigas, ao invés de José, dizem aqui «Joses», seguindo os mss P, 1, 13, 31 e as versões sah e si(p), tendo sido assim também citado o seu nome por Crisóstomo. Porém, em sua grande maioria, os manuscritos mais antigos, como P(8), P(74), Aleph, ABDE vg cop si(sch) arm aeth, dizem *José*. Sem dúvida alguma «José» representa o texto original. Quanto a informações sobre os manuscritos do N.T. e seu emprego na determinação da forma correta do texto sagrado, ver o artigo sobre *Manuscritos*. Alguns poucos manuscritos minúsculos posteriores, sem qualquer importância especial, como os mss 181 e 460, dizem *Barsabás*, ao invés de Barnabé. Porém, isso é confundir Barnabé com o candidato ao apostolado José Barsabás, que figura no trecho de Atos 1:23 e foi preferido em favor de Matias, para o lugar perdido por Judas Iscariotes. Essa identificação é altamente incerta e surgiu meramente por motivo da similaridade dos nomes dessas duas personagens diversas. Seja como for, o texto correto, neste caso, é «José Barnabé». Não obstante, os escritores rabínicos com freqüência preferiam «Joses» em lugar de «José», sendo provável que se trate apenas de duas formas do mesmo nome.

BARNABÉ, EPÍSTOLA DE (e outros escritos a ele atribuídos)

Certo número de obras tem sido atribuído a Barnabé: Atos de Barnabé, Epístola de Barnabé e Evangelho de Barnabé. Tertuliano supunha que a epístola canônica aos Hebreus foi escrita por ele, mas isso envolvia mais uma opinião pessoal do que mesmo uma tradição. O livro Atos de Barnabé é apócrifo e tardio, pertencente ao século V D.C. ou mesmo mais tarde. Relata suas supostas viagens missionárias e seu martírio final.

Epístola de Barnabé:

1. *Manuscrito.* Faz parte do manuscrito do Novo Testamento intitulado Codex Sinaiticus. Sua presença ali mostra que a obra tinha um elevado prestígio,

embora seja considerada pela maioria como parte das obras apócrifas do Novo Testamento (ver o artigo sobre os livros apócrifos do Novo Testamento). Também faz parte de um codex descoberto em Constantinopla, em 1885, pelo arcebispo Bryennios. Há outros oito manuscritos gregos que o contêm, e há uma versão latina que contém os capítulos primeiro a décimo sétimo da obra. Alguns supõem que essa versão latina é mais próxima de sua forma grega original, antes que os Dois Caminhos, também chamado Ensino dos Apóstolos (caps. 18 e 21), tivessem sido adicionados. Clemente de Alexandria citava a obra como Escritura Sagrada.

2. A citação desse livro, por Clemente de Alexandria, mostra que nos fins do II séc. D.C., a obra já estava sendo bem distribuída. Provavelmente a obra foi escrita em grego, em cerca de 130 D.C. Ali há uma referência à destruição do templo de Jerusalém, que ocorreu depois do ano 70 D.C., segundo esse livro. Parece haver uma alusão às atividades de Adriano, em Jerusalém; e, se essa alusão é correta, então a data precisa ser fixada em cerca de 130 D.C.

3. *Autor.* Provavelmente o autor era alexandrino. Ele promove o ponto de vista alexandrino de que o Antigo Testamento é verdadeiro, embora precise ser compreendido alegoricamente, e não literalmente. As leis do Antigo Testamento são por ele interpretadas alegoricamente. Os seis dias da criação são interpretados como indicação de que o mundo perdurará por seis mil anos, antes da volta de Cristo, mediante o emprego do trecho de Sal. 90:4 como base: «Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi, e como a vigília da noite». Certas cifras são ali interpretadas de modo fantástico, como os trezentos e dezoito homens da casa de Abraão, que presumivelmente corresponderiam ao grego TIH: o T = cruz; o IH = 18, ou seja, Jesus. Tal atividade pode ser identificada com um excesso de interpretações alegóricas. Uma coisa é indiscutível: não foi Barnabé quem escreveu esse livro, embora nada de positivo possa ser dito no tocante a outro nome qualquer, como autor.

4. *Lugar de Origem.* As descrições dadas acima sob «Autor» indicam uma origem alexandrina, como também o uso que Clemente de Alexandria fez do livro como obra canônica. Orígenes aparentemente concordava com a opinião de Clemente. Mas outros (com menor taxa de probabilidade) vêem uma origem asiática (Ásia Menor), embora não haja evidências convincentes nesse sentido.

5. *Conteúdo.* Há muitas citações extraídas do Antigo Testamento, do livro de Isaías conforme a LXX, e de outros livros veterotestamentários, como também de vários livros não canônicos, como II Esdras e I Enoque. Várias passagens do Novo Testamento são ali refletidas, como Mat. 22:14; 9:13; Luc. 5:32; Rom. 2:11; I Ped. 1:17; II Tim. 1:10; Apo. 1:7, e outras. Após a saudação encontramos os TRÊS DOGMAS. Esses dogmas parecem ser os seguintes: 1. a esperança da vida; 2. a retidão; e 3. o amor da alegria e do júbilo. Os sacrifícios são ali descontinuados, e a retidão é exigida. A caridade e o cuidado pelos pobres são coisas importantes. O fim do mundo está próximo. O sangue expiatório de Jesus Cristo é enfatizado. Cristo aparece como quem foi predito pelos profetas do Antigo Testamento. A circuncisão é a do coração, e não a do prepúcio. Um anjo maligno teria desviado os judeus, para darem valor à mera circuncisão física. Outrossim, há muitos preceitos éticos que governam todos os aspectos da vida, regras dietéticas, relações sexuais, etc. O batismo e a cruz, segundo diz essa obra, seriam descritos alegoricamente no Antigo Testamento. Assim como Jacó suplantou Esaú, assim também os cristãos suplantam os judeus. O templo é o próprio povo de Deus. Seis mil anos serão a história do mundo, até à segunda vinda de Cristo.

Os dois caminhos. Os quatro capítulos finais da obra descrevem o caminho de luz e o caminho de trevas. A luz é equiparada ao amor, à simplicidade, à humildade, à pureza, à mansidão, à generosidade e à atitude pacificadora. O ódio é comparado à idolatria, à hipocrisia, ao adultério, ao homicídio, ao orgulho e a diversos vícios. E o autor conclui: «Que possais obter a salvação, filhos do amor e da paz».

6. *Teologia.* A salvação é obtida por meio dos sofrimentos de Cristo e da obediência do homem aos mandamentos, espiritualmente interpretados. O batismo e a cruz nos conferem a vida eterna. O Filho de Deus veio em carne (encarnação). Após o sábado milenial haverá um outro mundo, que será o oitavo dia. (AM GR KR Z)

BARNABÉ, EVANGELHO DE

Essa obra, que alguns estudiosos pensam que realmente nunca existiu, é aludida por diversos autores antigos especialmente no *Decreto de Gelásio* (cerca de 500 D.C.). Um longo manuscrito italiano com esse título chegou até nós. Seu conteúdo é islâmico, aparentemente escrito por algum apóstata cristão. Essa obra exprime vários pontos de vista gnósticos. Sua data fica entre o século XIII e o século XVI D.C. Tem uma forte ênfase ética, mas, tal como a maioria dos escritos patrísticos e apócrifos medievais, é altamente imaginário e contém muito material fictício. Foi preservado em manuscritos espanhóis e italianos. (AM Z)

BARNABITAS

Nome popular dado à Congregação dos Sacristãos Regulares de São Paulo, fundada em 1530 por Antônio Maria Zaccaria. O propósito da congregação é pregar, catequizar, enviar missionários, etc., dando ênfase especial às epístolas do apóstolo Paulo. Os membros fazem os três votos religiosos comuns da Igreja Católica Romana, além de mais um voto no qual afirmam que não procurarão qualquer dignidade eclesiástica, a menos que a isso sejam convidados pela Santa Sé. (E)

BARNES, ALBERT

Ministro presbiteriano norte-americano, nascido em 1789 e falecido em 1870. Deu apoio à teologia de Nathaniel W. Taylor (ver o artigo a seu respeito), que difere do calvinismo estrito e não se harmoniza com a Confissão de Westminster. Tornou-se o fulcro de uma controvérsia e foi julgado por heresia, mormente por causa do que disse em um sermão, intitulado «O Caminho da Salvação». (E)

BARODIS

Antepassado de uma família de servos de Salomão que retornou do exílio babilônico em companhia de Zorobabel (ver I Esdras 5:34). Seu nome não figura nas listas de Esdras 2:57 e Neemias 7:59.

BARONIUS, CÉSAR

Suas datas são 1538 e 1607. Foi um historiador

eclesiástico. Nasceu em Sora e foi educado em Veroli e Nápolis. Uniu-se ao Oratório, em Roma, em 1557, sob Filipe Neri, ao qual sucedeu, em 1593. Em 1596 tornou-se cardeal e bibliotecário do Vaticano. Por duas vezes, quase se tornou papa, mas a delegação espanhola barrou seu nome, por razões políticas. Tornou-se mais conhecido por causa de suas grandes obras históricas, os *Annales Ecclesiastici*, que foram escritos para refutar o *Séculos*, de Magdeburgo. Ele copiava os erros e os corrigia baseado em fontes históricas gregas. Seu trabalho foi um trabalho pioneiro no registro objetivo da história. (E)

BARRA

Na Bíblia portuguesa a palavra aparece como tradução de um termo hebraico, *metil*, que figura apenas por uma vez no Antigo Testamento, na expressão: «...o seu arcabouço como barras de ferro» (Jó 40:18), referindo-se à fortíssima constituição do hipopótamo. Uma outra palavra hebraica, que significa, literalmente, «barra», isto é, *mot*, figura por quatro vezes no Antigo Testamento (ver Núm. 13:23; traduzido por «vara» em nossa versão; Naum 1:13—traduzida por «jugo» em nossa versão; e Núm. 4:10,12—traduzida por «varais» em nossa versão). (Z)

BARRABÁS

No hebraico é uma palavra derivada do aramaico «filho do pai» ou «filho de Abas». No Talmude, esse nome é de ocorrência comum. No Novo Testamento (ver Mar. 15:7; Luc. 23:25 e Mat. 27:16-26), o nome é dado a um criminoso, culpado de sedição e homicídio, que merecia morrer por crucificação, de acordo com a lei romana. A lei judaica também requereria a sua execução, se os judeus tivessem o direito de pôr em vigor a sua lei. No entanto, ante o desejo insistentemente expresso, por parte de certos líderes judeus, que queriam livrar-se da incômoda presença de Jesus, Barrabás foi libertado em lugar de Cristo, quando Pilatos ofereceu aos judeus a escolha. A questão toda é longamente comentada no NTI, em Mat. 27:16-26. Orígenes informa-nos que o primeiro nome de Barrabás também era Jesus, algo confirmado por muitas cópias do Novo Testamento que chegaram até nós. Apesar disso representar a opinião de uma minoria em nossos dias, muitos críticos textuais consideram que isso reflete o melhor texto, mas que o primeiro nome de Barrabás foi suprimido, por julgar-se impróprio que, nos evangelhos, um criminoso também fosse chamado pelo nome de Jesus. O problema textual é detalhadamente ventilado no NTI, em Mat. 27:16. A soltura de Barrabás é registrada em todos os quatro evangelhos, o que mostra o quanto o episódio chocou aos cristãos primitivos. Ele era um prisioneiro «notório», o qual as autoridades muito gostariam de apanhar, por ser um homem violento e perigoso para ser deixado solto. No entanto, Barrabás foi solto, e não Jesus. O impacto de tal troca só pôde ser sentido por aqueles que sabiam da má reputação e dos crimes de Barrabás. Alguns estudiosos supõem que Barrabás foi um terrorista que estivera envolvido em várias tentativas de derrubar o governo romano na Palestina. Isso é sugerido pelo emprego da palavra «amotinadores», usada em Marcos 15:7.

No tocante à soltura de algum prisioneiro, por ocasião da festa da páscoa, nada sabemos dizer historicamente, embora saibamos que costumes assim eram generalizados, relacionados a festividades e feriados religiosos. Josefo (*Anti.* XX. ix.3) e Lívio (V.13) mencionam tal costume. Não passa de uma fantasia a tentativa feita por alguns, de fazerem de Barrabás filho de um rabino, somente porque o nome desse homem aparece no evangelho apócrifo dos Hebreus, com a forma de «filho de seu senhor». Coisa alguma se sabe sobre sua história subseqüente, e até mesmo as tradições orais, que usualmente preenchem os hiatos com histórias fictícias, nada dizem a seu respeito.

Barrabás como um tipo simbólico. É legítimo salientarmos que a crucificação de Jesus possibilitou a soltura de um notório criminoso. E assim, Barrabás tornou-se símbolo de todos os pecadores que são libertados através do sacrifício do Senhor Jesus. (ID NTI S UN)

BARREIRA DE COR

Trata-se da prática de barrar pessoas de seus direitos normais, como acesso a lugares públicos, a recusa de oportunidades de empregos e de educação em escolas públicas ou particulares, a certas pessoas, por motivos raciais. Modernamente, isso se dá em países onde os negros são uma minoria, ou onde os negros, embora maioria, ainda não conseguiram autonomia. Porém, não são apenas as pessoas africanas que sentem na pele o fustigar da barreira da cor. Outros povos também têm sofrido a mesma coisa, como os ciganos, os armênios e os judeus. Talvez estes últimos não exatamente por causa da cor da pele, mas por diversos outros motivos, desde religiosos até políticos. Trata-se de certo aspecto do fenômeno da segregação. Ver os artigos sobre o *Apartheid*, *Relações Raciais* e *Segregação*.

Todos reconhecem a injustiça envolvida em tais práticas; mas as soluções demoram a aparecer, devido a muitas razões, incluindo até mesmo o problema da falta de melhor educação, que prepara as pessoas a ocuparem posições mais vantajosas, mantendo-as em posições de inferioridade econômica, a questão da integração de culturas e estilos de vida em choque. Essas coisas, na verdade, nada têm a ver com preconceitos sobre tonalidade da tez.

Além disso, em alguns lugares, organizações políticas e radicais de todas as nuanças tiram vantagem do problema racial para promover a perturbação e a subversão sociais. Dessa maneira, a oposição à segregação continua sendo um meio de defesa contra os assédios das filosofias políticas estrangeiras. Porém, não há que duvidar que algumas pessoas realmente são impulsionadas por preconceitos tolos, alicerçados sobre as diferenças raciais, que são mínimas, pois todas as raças humanas são mutuamente fertilizáveis, o que mostra que a espécie humana é uma só. Isso mostra quão insensato é o racismo. Não obstante, devemos compreender que muitas pessoas temem as diferenças, e que certas características raciais são consideradas sinais de inferioridade, e que outras são tidas como sinais de superioridade. Diz Paulo, em Atos 17:26: «...de um só (Deus) fez toda raça humana para habitar sobre toda a face da terra...» As variantes raciais são potencialidades exteriorizadas que já haviam em Adão. Entre crentes, o racismo é simplesmente inconcebível. «...porque todos vós sois um em Cristo Jesus» (Gál. 3:28). (H NTI)

BARROWS, JOHN HENRY

Nasceu em 1847 e faleceu em 1902. Era natural de Medina, no estado norte-americano de Michigan. Foi ministro congregacional, formou-se no Olivet College, e estudou nos seminários de Yale, Union e Andover.

Foi pastor por várias vezes, por breves períodos. Organizou o Parlamento Mundial de Religiões e a Exposição Mundial Colombiana de Chicago, em 1893. Estimulou o interesse pelas religiões étnicas. Foi conferencista Haskell da Universidade de Chicago, em 1895, e apresentou preleções na Índia e no Japão. Foi presidente do Oberlin College, de 1898 até à sua morte. Foi autor de vários livros de interesse sobre religiões comparadas, sobre Henry Ward Beecher e de obras como *Christianity the World Religion*; *A World Pilgrimage; Spiritual Forces in American History; Christian Conquest of Asia*. (E)

BARSABÁS

No hebraico, «filho de Saba», ou então, na opinião de alguns eruditos, «filho do sábado». Era o nome patronímico de dois dos primeiros cristãos judeus, que talvez fossem irmãos: 1. José, um discípulo que foi nomeado juntamente com Matias, para ser substituto de Judas Iscariotes no apostolado. Tinha por sobrenome Justo, e se chamava José Barsabás (ver Atos 1:23). O texto indica que ele conhecera bem a Jesus, sendo testemunha ocular de tudo quanto ocorrera ao Senhor em seus anos de ministério. 2. Um certo Judas Barsabás, enviado a Antioquia em companhia de Silas, levando a decisão do concílio de Jerusalém (ver Atos 15:22). Era profeta e um dos líderes da igreja de Jerusalém (ver Atos 15:32).

BARTACO

Pai de Apame, concubina de um rei que não podemos identificar. Esse homem foi intitulado de *ilustre*, provavelmente por causa de algum elevado ofício que ocupava. Os nomes de seu pai e de sua filha sugerem uma origem persa (ver I Esdras 4:29).

BARTH, KARL Ver também, *Crise, Teologia da*.

Teólogo reformado. Nasceu em 1886, em Basel, na Suíça. Em 1911 foi pastor evangélico em Safenwyl. Em 1921, professor de teologia reformada, em Goettingen. Em 1925, professor em Muenster-in-Westphalia. Em 1930, professor em Bonn. Em 1935, foi exilado pelos nazistas, e desde então, até sua morte, foi professor em Basel.

Foi homem de caráter forte e de piedade pessoal, dotado de vigor profético e de grande intensidade de propósitos, cuja vida e obras têm despertado interesse internacional. Foi influenciado pelo neokantianismo e por Kierkegaard (ver o artigo sobre uma e outra questão), bem como pelo socialismo religioso de Ragaz e Kutter. Foi um dos principais expoentes da *teologia de crise*, que exalta a Palavra de Deus como manifestação do Inteiramente Diferente. Lembrou aos evangélicos que todas as nossas atividades teológicas são apenas tentativas hesitantes para expressar o que é inexprimível. Seus pensamentos, nessa área, foram reverberados por Emil Brunner e Eduardo Thurneysen (ver os artigos sobre um e outro). Em cerca de 1925, entrou em um estágio em que seu pensamento sofreu influências de Calvino e do calvinismo ortodoxo (ver os artigos a respeito). Ele enfatizava a teologia bíblica, e não a teologia natural, insistindo sobre a coerência e autoridade absoluta das conclusões racionais extraídas das Sagradas Escrituras. Relutava em participar do conflito na Igreja que surgiu na Alemanha, até que a Gestapo embargou a ele mesmo e a seus livros na Alemanha. Foi uma das mentes liderantes por detrás da declaração de Barmen (ver o artigo a respeito), em 1934, bem como no conflito contra a Igreja do estado nazista. Seu comentário sobre a epístola aos Romanos (1919; nova edição em 1922), foi uma espécie de manifesto de revolta contra a teologia liberal. Ele falava com vigor em favor da soberania de Deus, da finitude e pecaminosidade do homem, da prioridade divina na graça e na revelação, e do caráter escatológico da mensagem neotestamentária.

Barth demonstrou que as promessas otimistas da teologia liberal haviam falhado, e que os homens tinham de buscar esperança nos antigos princípios religiosos. Visto que fora plenamente treinado no liberalismo alemão, tendo ficado desapontado com o sistema nazista, isso deve ter sido uma das razões pelas quais procurava e expunha uma nova ortodoxia. Sua teologia tornou-se conhecida como neo-ortodoxia por estes motivos: 1. opunha-se a muitas posições liberais; 2. não acompanhava a ortodoxia tradicional quanto a várias questões. Para exemplificar, seus pontos de vista sobre as Escrituras demonstram respeito e um uso firme, embora considerasse a Bíblia eivada de erros e uma representante fragmentada da Palavra de Deus, que transcende a qualquer livro; porquanto essa Palavra consiste na comunicação de Deus na revelação, que se processa de muitas maneiras, e não apenas de forma literária. Quanto a detalhes sobre essa e questões relacionadas, ver o artigo separado sobre a *neo-ortodoxia*.

Idéias Principais. 1. O Deus transcendental. Deus seria inteiramente diferente do homem, e nossa linguagem quando muito, é uma tentativa gaguejante de dizer algo acerca dele. Isso também se aplica às nossas declarações bíblicas. Portanto, Barth depreciava a teologia natural. As idéias humanas de Deus, na realidade, tornam-se outros tantos *ídolos* que os homens criam. 2. A verdade é um resultado da graça, e não da busca racionalista. Sabemos de Deus e de sua existência através da *revelação*, e não através de racionalizações. Em seus esforços para estabelecer esses princípios, Barth terminou criando uma *teologia dialética*. 3. Devemos substituir a analogia do ser pela analogia da fé. 4. A guda distinção é feita entre a revelação e a religião. A religião tem tendências nitidamente idólatras, mesmo às mãos de teólogos conservadores, que criam um Deus à sua própria imagem e transformam em ídolos as suas idéias e doutrinas. A revelação pode ser irracional ao homem, mas seus ensinos nos dão a entender tudo o quanto sabemos sobre a verdade. 5. A ênfase de Barth recaía sobre a Palavra de Deus, nas Escrituras e com base nelas, como autoritárias, em contraste com os outros meios de conhecimento religioso, racional e natural. Não se pode negligenciar a autoridade da Igreja, mas essa autoridade repousa sobre a autoridade da Palavra de Deus, no tocante à sua autenticidade; e, se ultrapassar isso, deve ser posta em dúvida. Também há a autoridade da erudição. As tentativas do aprendizado e a definição devem ser respeitadas, mas essa autoridade não é absoluta, podendo ser posta em dúvida — à medida que o nosso conhecimento avança. Outrossim, há a autoridade da *experiência religiosa*. O conhecimento espiritual vem através da oração e das experiências místicas. Tais experiências, contudo, precisam ser equilibradas e apoiadas pelas Escrituras e pela tradição cristã. Em conseqüência, a autoridade torna-se uma combinação de fatores que se fundem harmonicamente com a fé. Ver o artigo sobre a questão da *autoridade*.

Obras Principais de Barth. Epistle to the Romans, 1919; *Word of God and Word of Man*, 1928; *Anselm*, 1931; *Church Dogmatics*, 4 volumes, 1923-1935; *Credo*, 1935; *Dogmatics in Outline*, 1947; *Evangelical*

Theology, an Introduction, 1962. (C E P)

BARTIMEU

Transliteração grega do hebraico, «filho de Timeu», o esmoler cego de Jericó, a quem Jesus devolveu a visão (ver Mar. 10:46; Mat. 20:29-34 e Luc. 18:34,43). Ver uma completa exposição sobre o relato, com suas implicações espirituais e morais, no texto de Mateus, no NTI. As diversas narrativas sinópticas diferem quanto a detalhes. Lucas não fornece o nome do cego. Mateus fala em dois cegos, e não em um só. Nenhuma tentativa para dar solução a essa última discrepância tem obtido total bom êxito. Além disso, há o detalhe de que a cura teve lugar antes (Lucas) ou depois (Mateus e Marcos) da visita de Jesus a Jericó. Alguns estudiosos supõem que o episódio ocorreu entre a antiga Jericó (a cidade cananéia original) e a nova Jericó (cidade erigida por Herodes). Outros supõem que dois cegos foram curados, mas que, por alguma razão desconhecida, Marcos e Lucas não mencionaram um deles, talvez porque Bartimeu era o mais vocífero dos dois, ou então tivesse se tornado um discípulo bem conhecido de Jesus. Não há necessidade de se especular desse modo. Jesus tinha o poder de curar os cegos, sem importar se fosse um, dois ou muitos; e isso é o que o relato ensina, e o que importa, afinal de contas. Além disso, devemos considerar a *lição espiritual*. Todos os homens são espiritualmente cegos e precisam da cura referida no evangelho. E uma lição adicional é a persistência do cego. Não tolerava perder a oportunidade de ter uma conversa com Jesus , e assim foi curado. A persistência espiritual nos faz avançar ao longo da estrada que conduz a Deus. (ID ND Z)

BARTOLO DE SASSOFERRATO

Suas datas são 1314 e 1347. Foi um grande jurista que tentou aplicar os princípios da jurisprudência romana às condições políticas e religiosas de sua época. Tendo sido estudante brilhante, já era advogado aos vinte anos de idade. Ensinou em Pisa (1339-1343) e em Perúgia (1343-1347). Uma opinião sua era que a Igreja e o estado devem ser parceiros iguais, contra o ensino de Agostinho, de que à Igreja compete governar o estado. (E)

BARTOLOMEU

No grego, transliteração do hebraico, «filho de Tolmai», um dos doze apóstolos originais. Ver o artigo geral sobre os *apóstolos*.

1. *Nome e família*. Alguns eruditos identificam-no com o Natanael referido no evangelho de João. Se essa identificação é falsa, então a única coisa que sabemos a seu respeito é que Jesus tinha um discípulo de nome Bartolomeu, e nada mais. Os evangelhos sinópticos nunca mencionam o nome Natanael, ao passo que o quarto evangelho nunca menciona o nome Bartolomeu. A justaposição dos nomes Filipe e Bartolomeu, nas diversas listas dos apóstolos, sugere que Natanael e Bartolomeu eram dois nomes de um mesmo homem. Todos os companheiros de Natanael, em João 1:50,51) são apóstolos conhecidos, pelo que sabemos que ele fazia parte do grupo dos apóstolos. A promessa de Cristo a Natanael, de que ele seria testemunha da vida do Filho do homem (ver João 1:50,51) sugere uma identificação apostólica. Apesar dessa identificação não poder ser comprovada, não há objeções válidas contra ela. Bartolomeu também tem sido identificado com Mateus, e com o discípulo de Emaús, cujo nome não é dado em Lucas 24:13-22, mas essas são conjecturas destituídas de apoio escriturístico.

2. *Nas listas dos apóstolos*. O nome de Bartolomeu é registrado em todas as quatro listas dos nomes dos «doze», a saber. Mat. 10:3; Mar. 3:18; Luc. 6:14 e Atos 1:13. Nos evangelhos sinópticos ele sempre figura no segundo grupo de quatro nomes, e sempre depois do de Filipe, que encabeça aquele grupo. Porém, no livro de Atos, o nome de Tomé aparece entre o de Filipe e o de Bartolomeu.

3. *História*. Bartolomeu era nativo de Caná da Galiléia (ver João 21:3) e foi apresentado a Jesus por Filipe. Nesse encontro, ao vê-lo, Jesus observou a respeito da sinceridade de Bartolomeu: Eis um verdadeiro israelita em quem não há dolo! (João 1:47). Bartolomeu foi um dos discípulos a quem o Senhor apareceu após sua ressurreição, às margens do mar de Tiberíades. Também foi testemunha ocular da ascensão (ver o artigo a respeito), e retornou com os demais discípulos a Jerusalém (ver Atos 1:4,12,13).

4. *Tradição*. Eusébio (*História Eclesiástica* v.10) afirma que quando Pantaeno (ver o artigo) saiu em missão à Índia (fins do século II D.C.), encontrou entre eles o evangelho de Mateus, em hebraico, que ali fora deixado por Bartolomeu. Jerônimo (*De Vir. Illustr.* c. 36) assevera algo similar, ajuntando que Pantaeno trouxe de volta essa cópia de Mateus para Alexandria. Mas a palavra «Índia» parece ter tido uma aplicação mais nata, nos escritos de Eusébio, do que lhe damos atualmente, pelo que os lugares onde o apóstolo Bartolomeu trabalhou continuam na dúvida. Outros autores mencionam a missão desse apóstolo na Índia. Alguns dizem que ele viajou, posteriormente, à Grande Armênia, tendo ali convertido a muitos ao cristianismo. De acordo com o Martirológio Romano, ele foi «esfolado vivo pelos bárbaros e, por ordem do rei Astíages, recebeu o golpe de misericórdia mediante decapitação». Por causa dessa lenda, com freqüência ele é apresentado na arte, como no *Julgamento Final* de Miguelângelo, como esfolado e segurando a própria pele nas mãos. É difícil determinarmos a exatidão de tradições que chegaram até nós vindas de fontes informativas tão remotas dos acontecimentos, ou seja, mais de duzentos anos depois dos acontecimentos relatados. Em todas essas tradições usualmente há mais fantasia do que verdade. A festa de São Bartolomeu cai no dia 24 de agosto. (AM BARK ID JAM S UN Z)

BARTOLOMEU, EVANGELHO (PERGUNTAS) DE

1. *Manuscritos*. Há cinco recensões dessa obra: duas em grego, duas em latim e uma em eslavônico; mas nenhuma delas é completa.

2. *Tradições*. Jerônimo (*Migne Patrologia Latina*, xxvi.17a) menciona um livro com esse nome. Uma referência ao mesmo pode haver no Decreto de Gelásio. Algumas outras poucas referências, tardias e incertas, têm sido encontradas, uma das quais vincula a obra ao evangelho hebraico de Mateus, embora isso seja improvável.

3. *Data*. Não pode ser anterior aos séculos V ou VII D.C., embora talvez esteja baseada em material mais antigo, possivelmente pertencente ao século III ou IV D.C. Alguns estudiosos supõem que uma obra mais breve foi expandida posteriormente.

4. *Conteúdo*. O apóstolo Bartolomeu faz uma pergunta a Jesus, antes de sua paixão; e então recebe a seguinte resposta: «Nada posso revelar-te, antes de ter despido este corpo de carne». Esse diálogo dá

início ao livro. Entretanto, Bartolomeu não se deixa desencorajar, e pergunta onde Jesus foi, quando morreu. Isso provoca um relato sobre a descida de Cristo ao hades, uma história similar àquela que aparece no livro Atos de Pilatos (ver o artigo). O segundo capítulo contém a resposta de Maria à pergunta dos apóstolos, no tocante ao papel por ela desempenhado no drama sagrado. Ela fala sobre a anunciação, com típicos detalhes apócrifos. Chamas emanam de sua boca, e ela avisa aos apóstolos de possíveis más conseqüências se eles persistirem em tentar sondar os mistérios. Mas Jesus apaga as chamas e salva o dia. No terceiro capítulo, os apóstolos pedem para que lhes seja mostrado o abismo. No quarto capítulo, Pedro insiste com Maria que peça a Jesus para mostrar-lhes os céus. Mas isso não ocorre, porquanto todos relutam em exprimir o pedido, e disso resultam muitas discussões. Maria então ajunta que Pedro é a «rocha» sobre a qual a Igreja está edificada. Fica demonstrado que Maria reverteu a maldição imposta por causa da transgressão de Eva. Bartolomeu pede para ver o grande adversário dos homens. Então Beliar é trazido, seguro por seiscentos e sessenta anjos, preso a uma cadeia. E é anunciado que outros nomes de Beliar são Satanael e Satanás. Satanás então relata a história de sua queda. No último capítulo, Jesus responde à indagação de Bartolomeu no tocante ao pecado mais grave, que é o pecado contra o Espírito Santo. (JAM Z)

BARTOLOMEU, LIVRO DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO POR

1. *Manuscritos*. Há um texto em cóptico, no Museu Britânico. Há fragmentos escritos em cóptico em Paris e Berlim, que apresentam diferentes recensões da obra. O manuscrito existente em Londres parece ser uma espécie de paráfrase do texto mais antigo, representado por esses fragmentos.

2. *Conteúdo*. Os episódios são frouxamente alinhavados, com algumas contradições, como aquela que diz que Tomé, que duvidou da ressurreição de Cristo, expôs tal dúvida depois de seu grande ato de fé, quando ressuscitou dos mortos seu filho, Siofanes, em nome de Jesus. No manuscrito existente em Londres faltam as primeiras cinco páginas onde aparece o episódio. Mas é provável que ali estivesse contida, entre outras coisas, a história de Ananias, pois mais adiante há uma alusão ao episódio, que presumivelmente já havia sido ventilado. Além disso, há o relato do sepultamento de Jesus por José de Arimatéia, a chegada da morte personificada e de seus filhos ao túmulo, e a queixa da morte diante do corpo morto de Cristo. Também há menção à descida de Jesus ao hades, onde ele cria grande agitação e liberta as almas. Ali, o Senhor também amaldiçoa a Judas Iscariotes. A narrativa sobre a ressurreição apresenta-nos o jardineiro, Filógenes, o qual, presumivelmente, foi quem cedeu seu túmulo a Jesus. Mas o texto mistura elementos do relato dos evangelhos sinópticos, confundindo Maria Madalena com a mãe de Jesus. A ascensão de Jesus ao céu é descrita, após o que aparecem oito hinos que acompanham a recepção de Jesus, na glória, por parte de Adão e dos justos. E então cada um dos apóstolos, após uma nova revelação de Jesus no monte das Oliveiras, ascende ao céu e à glória. Nesse ponto aparece o episódio de Tomé e Siofanes, referido acima. Uma declaração quase no fim do livro fornece-nos o título: «Este é o Livro da Ressurreição de Jesus, o Cristo, nosso Senhor, em alegria e júbilo». Bartolomeu adverte a Tadeu como segue: «Não deixes este livro cair nas mãos de qualquer homem que seja incrédulo ou herege».

3. *Data*. Os estudiosos calculam que a data dessa obra é tão tardia quanto os séculos V ou VI D.C. (JAM Z)

BARTOLOMEU, MASSACRE DE SÃO

Nome dado ao grande massacre dos huguenotes (ver o artigo a respeito), na França, que começou no dia de São Bartolomeu, a 24 de agosto de 1582. Esse massacre influenciou a tendência do pensamento e da ação dos protestantes, endurecendo os mesmos. Ver sobre *Guerras da Religião*. Ver também o artigo sobre *Perseguição*.

BARUQUE

No hebraico, «bendito». Foi nome de vários personagens bíblicos:

1. Um amigo fiel e amanuense do profeta Jeremias (ver Jer. 32:12-16; 43:3 e 51:51). Pertencia à nobreza da tribo de Judá, filho de Nerias e irmão de Seraías, camareiro-mor de Zedequias (ver Jer. 51:59), em cerca de 604 A.C. No quarto ano do rei Jeoiaquim, Baruque começou a escrever todas as profecias entregues por Jeremias, a fim de lê-las diante do povo. Também leu essas profecias diante dos conselheiros do rei. O rei sentiu-se muito desgostoso diante do que ouviu, e, apanhando o rolo, cortou-o em pedaços e jogou-os no fogo. Em seguida, ordenou que Jeremias e Baruque fossem detidos, mas eles se ocultaram, e escaparam à detenção. Foi produzida uma outra cópia das profecias, sendo adicionada a predição da ruína de Jeoiaquim e sua casa (ver Jer. 36:27-32).

O próprio Baruque sentiu-se aterrorizado por causa das profecias, mas recebeu a promessa de que seria livrado das calamidades preditas contra Judá e Jerusalém. No quarto ano do rei Zedequias, em 595 A.C., segundo se supõe, Baruque teria acompanhado Seraías à Babilônia, o lugar por ele denunciado. O rolo onde estava registrada a profecia foi atado a uma pedra e lançado no rio, dando a entender a ruína de Babilônia (ver Jer. 51:61). Essa informação também é dada no livro de Baruque. Durante o cerco de Jerusalém (587 A.C.), Jeremias comprou um terreno de Hanameel, seu primo, deixando o título com Baruque (ver Jer. 32:12). Baruque foi acusado de influenciar Jeremias a tomar o partido dos caldeus (ver Jer. 43:3), e foi lançado na prisão em companhia do profeta. Ficou ali até a cidade ser capturada (ver Josefo, *Anti.* x. 9,1). Por permissão de Nabucodonosor, foi residir com Jeremias em Mispa, mas depois foi forçado por outros judeus, revoltados, a ir para o Egito (ver Jer. 43:6). Nada mais diz a Bíblia a respeito de Baruque, embora a tradição afirme que, após a morte de Jeremias, ele foi para a Babilônia, onde faleceu, doze anos após a destruição de Jerusalém. Josefo (*Anti.* x.11) menciona a grande habilidade de Baruque no idioma hebraico, afirmando também que Nabucodonosor o tratou com respeito.

2. Filho de Zabai, que ajudou Neemias a reconstruir as muralhas de Jerusalém (ver Nee. 3:10).

3. Um homem que apôs sua assinatura no pacto de Neemias (ver Nee. 10:6).

4. Um filho de Col-Hoze, descendente de Judá através de Perez (ver Nee. 11:5).

Existem duas obras apócrifas que supostamente foram escritas pelo primeiro desses quatro homens de nome Baruque. (ID ND S UN Z)

BARUQUE, LIVRO DE (apócrifo)

Ver o artigo geral sobre os **Livros Apócrifos**. Na LXX, o livro de Baruque aparece após o livro de Jeremias. Juntamente com o livro de Lamentações, esse livro aparece ali como um suplemento do livro de Jeremias, embora não figure na Bíblia hebraica.

1. *Canonicidade.* O livro de Baruque é o único dos livros deuterocanônicos a figurar no catálogo do célebre quinquagésimo nono Cânon do Concílio de Laodicéia. É citado pelos pais Irineu, Cipriano, Clemente de Alexandria, Eusébio, Ambrósio, Agostinho, Crisóstomo, Basílio, Epifânio e outros. Tão grande uso testifica o grande prestígio do livro. Alguns estudiosos supõem que esse livro figurava em outros catálogos antigos, como parte da literatura de Jeremias, pois os compiladores simplesmente nunca mencionavam o livro de Baruque como independente do livro de Jeremias. Finalmente, foi citado como um livro separado, pelo Concílio de Florença; e, ainda mais tarde, pelo Concílio de Trento, que o tornou parte integrante da Bíblia de edição católica romana. Não obstante, tem havido opositores à sua canonicidade desde o princípio, e no próprio Concílio de Trento houve quem dissentisse de sua inclusão no cânon do Antigo Testamento. Jerônimo não considerava bem o livro, tachando-o de espúrio e pseudepígrafo. Juntamente com o resto dos livros apócrifos, nunca participou dos cânones protestantes. Ver o artigo sobre o *Cânon*.

2. *Autor.* O livro apresenta-se como de autoria de Baruque, filho de Nerias, o amanuense do profeta Jeremias (ver Jer. 32:12-16 e 43:3). Ver o artigo sobre *Baruque*. Visto que o livro consiste em quatro composições distintas, dificilmente Baruque pode ter sido o seu autor. Quando muito, foram incorporadas algumas tradições que podem ser atribuídas a Baruque. O mais provável é que seja apenas uma obra pseudepígrafa. Se o original foi escrito em grego, isso seria um argumento contra a autoria de Baruque, a menos que fosse uma tradução, o que também é possível. Alguns estudiosos pensam que o verdadeiro autor do livro foi uma pessoa desconhecida que, durante o reinado de Ptolomeu Lago, desejava confirmar a verdadeira religião dos judeus, diante de pessoas dessa raça que residiam no Egito, atribuindo suas próprias idéias a Baruque, a fim de emprestar um maior prestígio à obra. Vários eruditos pensam, contudo, que o original foi escrito em hebraico, mas nem por isso supõem que seja obra da pena de Baruque.

3. *Data.* Afirma-se que o livro teria sido escrito por *Baruque*, cinco anos após a queda de Jerusalém, isto é, em 581 A.C. Mas certas discrepâncias históricas, existentes no livro, mostram que sua composição é posterior a isso. Os especialistas usualmente datam o livro entre o séc. II A.C. e o séc. I D.C., embora haja poucas informações definidas para fixar qualquer data específica. A terceira seção do livro inclui material comum aos Salmos de Salomão, uma obra pseudepígrafa do século I A.C. Todavia é possível que esta última é que tenha feito citações do livro de Baruque, pelo que isso nada nos adianta quanto à data de sua composição.

4. *Unidade, conteúdo e propósito.* O livro parece compor-se de quatro composições diferentes, com pouca relação umas com as outras. a. Introdução histórica e confissão de pecado (1:1 — 3:8); b. Louvor à sabedoria, identificada com a lei mosaica (3:9 — 4:4); c. Lamentação e consolo (4:5 — 5:9); d. Uma epístola aos exilados (6:1-72). A quarta e última parte parece ser a mais antiga (pertencente [cerca] de 300 A.C.), ao passo que as outras porções são mais recentes, pertencentes aos séculos I e II A.C. Em suas várias porções, o livro foi escrito para promover a fé judaica entre as comunidades da dispersão (ver o artigo a esse respeito). Por isso, ali há temas como o da culpa nacional de Israel, da perfeição da lei, da esperança de restauração e da renovação da glória de Jerusalém. O trecho de Baruque 3:37, onde é dito que a Sabedoria apareceu sobre a terra, parece ser uma interpolação cristã, embora possa ser uma personificação da lei, conforme se vê também em Eclesiástico 24:7-11. A terceira seção do livro parece ter tido um original grego, ao passo que as demais seções mais provavelmente foram escritas em hebraico. (AM CH JE Z)

BARUQUE II (APOCALIPSE SIRÍACO DE BARUQUE)

O livro foi escrito originalmente em hebraico, embora tenha chegado até nós somente através de uma tradução do siríaco. Foi compilado em cerca de 130 D.C., com base em material composto em cerca de 50-100 D.C. Expõe e defende crenças do judaísmo farisaico do período neotestamentário, e assemelha-se em alguns pontos ao livro de IV Esdras. Circulou largamente entre os primeiros cristãos. Interessante é sua assertiva de que «cada homem é o seu próprio Adão», no ponto onde o livro aborda a história da queda no pecado. Insiste sobre a justificação pelas obras, e encerra alguns curiosos paralelos com o Novo Testamento.(AM)

BARUQUE III (APOCALIPSE GREGO DE BARUQUE)

Foi escrito originalmente em hebraico, mas foi preservado até nós em uma tradução grega. Data do século II D.C. Inclui idéias judaicas, influenciadas pela mitologia oriental. Fala sobre os sete céus e sua angelologia é complexa. Algum editor cristão posterior acrescentou interpolações, a fim de tentar influenciar judeus a abraçarem o cristianismo. Essa obra só foi descoberta perto dos fins do século XIX. (AM)

BARZILAI

No hebraico, «ferro» ou «forte». Foi nome de vários homens na Bíblia.

1. Um idoso e rico gileadita de Rogelim, que se distinguiu devido à sua fidelidade a Davi, quando este fugiu para a Transjordânia, perseguido por Absalão. Enviou um suprimento liberal de alimentos para uso do rei e para aqueles que o acompanhavam (ver II Sam. 17:27 e 19:32). Após o retorno de Davi ao trono, Barzilai recusou o convite de ir residir na corte real. Entretanto, sugeriu que seu filho, Quimã, fosse em seu lugar. É que as pessoas idosas, ao sentirem que seus anos de vida aproximam-se do fim, preferem permanecer em casa. Deixam que as gerações mais jovens lancem-se a aventuras. Davi, quando fez recomendações a Salomão, pediu-lhe que mostrasse bondade para com a família de Barzilai, aceitando-os como membros da casa real (ver I Reis 2:7).

2. Progenitor de uma família de sacerdotes que vieram a Jerusalém, havendo retornado do exílio com Zorobabel, em 538 A.C. Todavia, sua família não conseguiu comprovar sua ascendência, pelo que foram proibidos de participar dos alimentos sagrados e considerados poluídos. Esse Barzilai adquirira o nome por meio de sua esposa, quando se casou com

uma mulher que era descendente de Barzilai, o gileadita (personagem tratado acima). Essa situação de embargo teria de continuar até que um sacerdote pudesse consultar o Urim e o Tumim (ver o artigo a respeito), conforme se vê em Esd. 2:16-63 e Nee. 7:63,64. O livro de I Esdras confere-lhe o nome de Jadus.

3. Barzilai, o meolatita, sogro de Mical, filha do rei Saul (ver II Sam. 21:8,9), em cerca de 1021 A.C. Seus cinco netos foram entregues aos gibeonitas, para serem mortos em vingança contra a culpa de sangue de Saul. (S Z)

BASÃ

No hebraico, «fértil» ou «frutífero». Era uma planície destituída de pedras, no lado oriental do alto rio Jordão, ladeando o mar da Galiléia. Desconhecem-se os seus limites exatos, mas aparentemente começava no monte Hermom, no norte, Salacá, no oriente, em Gileade, no sul, e em Gesur e Maacá, no ocidente. O rio Iarmuque atravessava essa região, em sua porção sul. Incluía as regiões de Argobe (ver Deu. 3:4) e Golã (ver Deu. 4:43). Ficavam ali as cidades de Edrei (ver Deu. 3:1), Carnaim e Astarote (ver Deu. 1:4 e Jos. 9:10), e Salcá (ver Deu. 3:10). No período helênico, ficavam ali, igualmente, as cidades de Hipos, Díon, Gamala e Selêucia. Moisés descreveu as cidades ali existentes no seu tempo como «fortificadas com altos muros, portas e ferrolhos», povoadas por gigantes (ver Deu. 3:5). Ao tempo da conquista da Terra Prometida, lê-se que ali havia sessenta cidades muradas (ver Deu. 3,4,5; I Reis 4:13). Após o exílio, a região foi dividida em quatro distritos: Gaulonites ou Jaulã; Auranitis ou Haurã (ver Eze. 47:16); Argobe ou Traconites e Batanéia, atualmente Ardel-Bathanhey. Todas essas províncias foram concedidas a Herodes o Grande. E, quando de sua morte, a Batanéia tornou-se parte da tetrarquia de Filipe, segundo diz Josefo (*Guerras* ii.6 e *Anti.* xviii.4,6). Quando Filipe morreu, o território foi anexado à província da Síria, pelo imperador Tibério. Mas, em 37 D.C., o território foi concedido a Herodes Agripa, filho de Aristóbulo, pelo imperador Calígula. Então Herodes Agripa recebeu o título de rei (ver Atos e Josefo, *Anti.* xvii.6.10). Após a sua morte, o território reverteu a Roma, mas, subseqüentemente, foi concedido por Cláudio a Agripa II (ver Atos 25:13).

As alusões às riquezas e à fertilidade dessa terra são freqüentes nas páginas do Antigo Testamento (ver Deu. 32:14; Eze. 39:18; Isa. 2:13; Zac. 11:2; Eze. 27:6 e Amós 4:1).

A arqueologia demonstra que a área era ocupada desde o começo da era do bronze (cerca de 3200-2300 A.C.), tendo sido continuamente habitada desde então, tendo passado por todas as vissicitudes acima descritas. O antigo nome sobrevive no árabe, **el-Bathaniyeh,** e a cidade de Golã deu nome aos territórios de Gaulanites e Jaulã. É provável que os famosos carvalhos de Basã, em Eze. 27:6, ficassem na área de Jaulã, que continua sendo uma região intensamente arborizada. (AH HP WRI Z)

BASÃ HAVOTE-JAIR

Na LXX encontramos «Basã», as vilas de Jair». A alusão é a um grupo de cidades ao norte da Transjordânia. Havia um grupo de aldeias em Basã, em Argobe, que foi conquistado por Jair, filho de Manassés (ver Núm. 32:41 e Deu. 3:14). Há uma narrativa acerca dos trinta filhos de Jair, um dos juízes de Israel que fundou essas cidades, segundo lemos em Juí. 10:4. Isso explica o nome que aparece na LXX, «vilas de Jair». Em I Crônicas 2:22, o número dessas aldeias figura como de vinte e três. O mais provável é que esse número tivesse variado, de acordo com as vicissitudes da guerra. Somente em Deu. 3:14 o nome completo é dado. Nos registros assírios de Adade-Nirari (1305-1274 A.C.), os *Iauri* podem ser uma referência ao mesmo lugar. (Z)

BASCAMA

Localidade mencionada em I Macabeus 13:23, perto da qual Jônatas Macabeu foi morto e sepultado por Trifo. É chamada «basca», por Josefo (ver *Anti.* xiii.6,6). Alguns estudiosos identificam a localidade com a moderna el-Jummeizeh, a nordeste do mar da Galiléia. (Z)

BASEL, CONCÍLIO DE

Perdurou de 1431 a 1448, convocado pelo papa Martinho V, a fim de tratar do cisma dos hussitas, entre outras coisas. As cruzadas contra os boêmios (povo formador da atual Checoslováquia), não tinham conseguido subjugá-los. Esse concílio declarou possuir uma autoridade superior à do papa; mas o sucessor de Martinho, Eugênio IV, não reconheceu a reivindicação daquele concílio. Os hussitas (ver o artigo a respeito) foram atendidos em algumas de sua exigências, incluindo o cálice por ocasião da missa, e não somente a hóstia. Mas esse direito foi posteriormente negado pelo papa Pio II. O partido calistino, entre os hussitas, foi recebido na Igreja de Roma, e a base do acordo foi decidido. Eugênio foi capaz de reafirmar a superioridade do papa sobre os concílios. Mas uma revolta, finalmente, o depôs em 1439, e foi eleito um novo papa, Félix V. Com o pontificado do papa Nicolau V, a disputa foi resolvida, tendo sido abandonado o conceito de uma autoridade superior dos concílios em relação ao papa. (E)

BASEMATE

No hebraico, «fragrante». É nome de várias mulheres do Antigo Testamento.

1. Uma das esposas de Esaú (ver Gên. 26:34), filha de Elom, o heteu. Portanto, Esaú ignorou o mandamento divino para que os membros da família escolhida não se casassem com cananeus. Tal casamento causou tristeza a Isaque e Rebeca. Ada, outra das esposas cananéias de Esaú, provavelmente era uma irmã de Basemate.

2. Outra das esposas de Esaú, filha de Ismael e irmã de Nebaiote (ver Gên. 36:3). Em Gênesis 28:6-9, ela é também chamada de Maalate. Esse novo casamento de Esaú ocorreu quando ele percebeu que o casamento de Jacó com uma jovem da parentela de Abraão havia agradado a Isaque, redundando em bênção para Jacó. Essa mulher tornou-se a mãe de Reuel. Seus vários filhos com Esaú tornaram-se figuras importantes em Edom.

3. Filha de Salomão que se tornou esposa de Aimaás, um dos oficiais do governo de Salomão, cujo trabalho era prover provisões de boca para a casa do rei durante um dos meses do ano (ver I Reis 4:15).

BASES DO SANTUÁRIO

Devido à confusão criada pelas traduções, precisamos considerar três palavras hebraicas diferentes. Uma delas, que aparece em I Reis 7:50, indicava uma

dobradiça de porta (sendo assim traduzida em nossa versão portuguesa). Muitas dobradiças inscritas têm sido encontradas nas escavações feitas na Mesopotâmia. Uma outra palavra hebraica indica o posto, ao lado da folha da porta, posta na dobradiça. E a terceira palavra, devidamente traduzida em português por «base», ligava entre si os postes das cortinas e das paredes do tabernáculo. Essa palavra hebraica é usada por cinqüenta e quatro vezes no Antigo Testamento. Para exemplificar, Êxo. 26:19,21,25; Núm. 3:36,37; Can. 5:15. Algumas dessas bases eram feitas de prata, e outras de bronze. (Ver Arquitetura).

BASILIANOS

São os monges da Igreja Ortodoxa que seguem a regra de São Basílio o Grande (ver o artigo), o qual foi arcebispo em Cesaréia da Capadócia. Basílio fundou um mosteiro em cerca de 356 D.C., e desenvolveu uma regra para servir de norma aos membros da comunidade. Essa regra tornou-se o modelo para outras regras posteriores, para governar os mosteiros. Foram feitas algumas revisões por São Teodoro de Estudion (ver o artigo), e sob essa forma revisada, a regra vem sendo obedecida até o presente. Visto que os hierarcas das Igrejas Ortodoxas são escolhidos dentre os monges, o monasticismo tem exercido uma influência maior no Oriente do que no Ocidente. Até mesmo na Igreja latina há alguns mosteiros basilianos. A mente grega busca a contemplação, e a Igreja Ortodoxa sempre exibiu profundo misticismo. (E)

BASÍLICA

Nos tempos romanos, as basílicas eram os mercados. Mais tarde, o nome foi dado a edifícios para assembléias públicas, tribunais de lei, etc. Eram grandes salões com naves e coxias, separados por arcos colunares e usualmente dotados de ápices (ver o artigo), que são projeções em um edifício, em uma ou em ambas as extremidades. Os primeiros templos cristãos supostamente foram construídos tendo as basílicas por modelo. Até hoje, a Igreja Católica Romana usa o termo *basílica* para indicar uma de suas igrejas de grandes dimensões. (E)

BASÍLIDES

Um gnóstico do século II D.C., que ensinou em Alexandria, companheiro de Valentino, que talvez tenha sido o mais famoso de todos os gnósticos. Não contamos com qualquer de seus escritos, mas aparentemente ele escreveu um evangelho e uma exposição sobre o mesmo, com vinte e quatro volumes.

Idéias. 1. Deus vive inteiramente fora do mundo, sendo totalmente transcendental. 2. Deus criou uma semente, o Logos ou Palavra divina. Essa Palavra contém, em si mesma, as sementes da criação, e dela é que todas as coisas manam. 3. Ele rejeitava a idéia de que Deus criou as coisas, e em lugar dele punha essa Semente-Logos. 4. A Semente Logos encarnou-se, tornando possível o drama da salvação, incluindo a restauração de todas as coisas. 5. Os sofrimentos mostram que o pecado é uma realidade; e a transmigração da alma seria necessária para solucionar o problema, a fim de que o indivíduo possa chegar à perfeição. 6. O principal ensinamento ético de Basílides era o de que os homens precisam controlar todos os seus desejos, não amando e nem odiando a ninguém—uma espécie de apatia estóica moderada. Ver o artigo sobre o *gnosticismo*. (E P)

BASÍLIDES, EVANGELHO DE

Basílides, proeminente mestre gnóstico do século II D.C. (ver o artigo a seu respeito), segundo se lê, escreveu um evangelho com um comentário a respeito, com vinte e quatro volumes, em cerca de 130 D.C. (ver Eusébio, *Hist. Ecl.*). Não fica claro se se tratava de um evangelho de sua própria composição, ou se era um comentário seu sobre algum evangelho canônico. Fragmentos existentes são similares aos evangelhos de Mateus e Lucas. Orígenes tinha consciência da existência de tal obra (ver Homilética 1). Alguns estudiosos supõem que a obra é uma revisão de Lucas, ou então que era uma espécie de harmonia dos evangelhos, que foi arranjada a fim de satisfazer às necessidades dos gnósticos. O próprio Basílides afirmava haver recebido ensinamentos secretos da parte de Matias, embora não se saiba se isso tem qualquer coisa a ver com o seu evangelho. (AM JAM Z)

BASILIDIANOS

Nome dado aos seguidores de Basílides (ver o artigo a respeito), o qual foi um gnóstico do segundo século da era cristã e ensinou em Alexandria. Eles afirmavam que Jesus tornou-se divino no dia do Seu batismo, por João Batista, pois, a partir daquele momento, foi possuído pelo espírito de Cristo. Segundo a doutrina deles, foi nessa oportunidade que o Salvador divino, o *Nous* (mente), deu início à sua missão, mediante a pessoa de Jesus.

Uma antiga doutrina gnóstica dizia que o batismo de Jesus foi episódio mais importante que o de Sua morte e ressurreição (Jesus teria vindo com a água). O apóstolo João, em I João 5:6, corrige: «Este é aquele que veio por meio de água e sangue, Jesus Cristo; não somente com água, mas com a água e com o sangue. E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade». Isso escreveu João porque os gnósticos também negavam que Cristo houvesse realizado a expiação dos pecados com seu sangue. Ver as notas no NTI, nessa referência, onde a doutrina é amplamente descrita. Ver também o artigo sobre o *gnosticismo*. (E NTI P)

BASÍLIO DA CAPADÓCIA

Ver o artigo sobre a **Patrística**, item 10.

BASÍLIO O GRANDE

Suas datas são 330 e 379 D.C. Foi um eclesiástico, arcebispo de Cesaréia da Capadócia, teólogo e representante do ideal monástico. Foi instrumento da criação de fórmulas que articularam a ortodoxia da Igreja grega. Era dotado de natureza mística, desejando transcender a tudo quanto era físico e ascender a Deus no espírito. Desejava viver exclusivamente para Deus. Ver o artigo sobre os *basilianos*, *capadócios* e *cenobitas*. (E)

BASTARDO

No hebraico, **mamzare**, «poluído», «misto» (Deu. 23:3 e Zac. 9:6). O grego é *nothos*, «bastardo» (Heb. 12:8). No Antigo Testamento, o termo é aplicado a filhos ilegítimos, dentro da proibição de entrarem na congregação, na primeira referência. Isso significa que os bastardos não tinham direitos de cidadania em

Israel. Na referência de Zacarias, a referência é à nação bastarda, a Síria, que não podia compartilhar da herança de Israel quanto à terra. No Novo Testamento, o vocábulo indica alguém «nascido fora do casamento», conforme a palavra era usada desde os tempos homéricos. Descreve aqueles que são rejeitados quanto à autoridade e à disciplina de Deus.

Origens do Problema. 1. Filhos nascidos de prostitutas israelitas, ou devido a contatos com prostitutas estrangeiras. A prostituição era proibida na lei mosaica, mas isso não fez com que ela desaparecesse. (Lev. 19:29; Deu. 23:17). Os filhos de tais pessoas podiam ter pais judeus ou pais pagãos, pertencentes a países limítrofes, que residiam em Israel ou nas proximidades. 2. Filhos ilegítimos, nascidos em Israel, devido a irregularidades sexuais, embora não filhos de prostitutas. O trecho de Juízes 11:1-7 mostra que havia crianças nessa situação em Israel, apesar da rigidez da lei mosaica.

Uso Metafórico. Aponta para os pseudocrentes, que presumivelmente têm a Igreja como sua mãe, embora não na realidade. Os tais objetam à disciplina do Senhor. No grego, a palavra também era usada para indicar alguma coisa espúria, falsa.

Uso Clássico Moderno. A lei canônica da Igreja Católica Romana proíbe os filhos ilegítimos de receberem ordens menores sem uma autorização do bispo. E também não podem ser admitidos às santas ordens, exceto por autorização do papa. Na Igreja Anglicana, eles não podem ser admitidos às santas ordens exceto por autorização do soberano ou do arcebispo. As igrejas evangélicas ignoram a proibição, harmonizando-se muito mais com a graça de Deus e com o espírito do evangelho, embora isso se distancie das atitudes refletidas no Antigo Testamento. Muitos dos mais notáveis ministros do evangelho têm nascido como filhos ilegítimos. A condição deles não exerce qualquer efeito sobre sua eficiência e espiritualidade. Em Israel, uma das razões para a prevalência desse preceito era a proteção da herança das famílias, pelo que a medida era econômica e prática. O problema da ilegitimidade dos filhos existe até hoje, e a legislação varia de país para país. (ID S UN Z)

BATALHA

Ver sobre **Guerra**.

BATALHA DOS DEUSES E GIGANTES

Uma cena imaginária que aparece no **Sofista** de Platão, descrevendo o perene conflito entre dois tipos de pensadores. «Um dos lados arrasta após si tudo quanto existe no céu e no mundo invisível, até à terra, rudemente agarrando rochas e árvores em suas mãos. Porquanto aferram-se a essas coisas, afirmando que só existe aquilo que pode ser tocado e manuseado... (eles são) homens terríveis. Aqueles que combatem contra os tais, defendem-se cuidadosamente, postados em alguma posição no mundo invisível, assegurando que a verdadeira existência consiste em certas formas incorpóreas (mundo das *idéias* platônicas), que são objetos da mente». Na filosofia, os «deuses» são homens como Platão, que acreditam no mundo invisível e o defendem, cônscios da existência imaterial. E os «gigantes» são os materialistas, como Leucipo, Demócrito, Hobbes e Carl Marx. (EP F)

BATALHÃO

Palavra que aparece em algumas versões, em Mat. 27:27 e Mar. 15:16, e onde nossa versão portuguesa diz «coorte». A alusão é à coorte italiana, um grupo de soldados romanos com cerca de seiscentos homens. Ver as notas em Atos 10:1, no NTI.

BATANEA

Nome grego aplicado a Basã, nos tempos neotestamentários. Ver Josefo, *Vida* 11 e *Anti.* xv.10.1; xv.2.1. A LXX diz Basã.

BATE-RABIM

Esse era o nome de uma porta da cidade de Hesbom (Can. 7:4). No hebraico significa «filha da multidão». No livro de Cantares de Salomão, dois poços as proximidades simbolizavam os olhos da noiva.

BATE-SEBA

No hebraico, «filha do juramento», ou então «sétima filha». Em I Crônicas 3:5, ela é chamada Bate-Sua. Era filha de Eliã ou Amiel, e esposa de Urias, guerreiro heteu ao serviço de Davi. Davi ficou fascinado ante a beleza de Bate-Seba, e não pôde resistir à tentação de seduzi-la. Obteve sucesso na sedução, o que geralmente sucedia aos reis nas sociedades primitivas. Davi chegou ao extremo de ordenar que Urias fosse deixado a combater sozinho, a fim de morrer, em campo de batalha (II Sam. 11). Bate-Seba ficou grávida, e, após a morte de Urias, tornou-se uma das esposas do monarca. Mas o menino que nasceu faleceu, por juízo divino (II Sam. 12:15-18), o que foi profundamente lamentado por Davi. Porém, subseqüentemente, houve quatro outros filhos do casamento, incluindo Salomão, que sucedeu a Davi no trono (I Crô. 3:5). Quando Davi estava em seus últimos dias de vida, Adonias reivindicou para si a sucessão ao trono de Israel, mas Bate-Seba e o profeta Natã persuadiram Davi a instalar Salomão como rei (I Reis 1:5-40). Adonias pelo menos queria ficar com a bela Abisague, que fora uma das esposas de Davi, mas que permanecera virgem, como prêmio de consolação. Apresentou o pedido a Salomão por meio de Bate-Seba. Em face disso, Adonias foi executado, provavelmente porque tentou ficar com alguém que fizera parte do harém real, o que poderia ser interpretado como tentativa de obter poderes de mando. Ou talvez Salomão meramente tenha se sentido ofendido pela proposta, livrando-se assim do inconveniente representado pelo irmão mais velho. (I Reis 2:13-25). Bate-Seba é mencionada na genealogia de Jesus, em Mateus 1:6.

Nos Escritos Rabínicos. Os rabinos descreviam Bate-Seba como mulher muito bem informada, dotada de mente brilhante, de incomum beleza física. Supunham que parte da sabedoria de Salomão fora herdada e diretamente ensinada a ele, por sua mãe. (IB ID S Z)

BATE-SUA

No hebraico, «filha de Sua», ou «filha da abundância». É nome de duas mulheres, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Forma alternativa de Bate-Seba (ver o artigo a respeito).

2. Esposa de Judá, uma mulher cananéia, mãe de Er, Onã e Selá (I Crô. 2:3). Em algumas versões, no primeiro livro de Crônicas, encontramos a tradução «filha de Sua», e não Bate-Sua.

••• ••• •••

BATH KOL (QOL)

No hebraico, «filha da voz» (um som, um tom, uma chamada). Termo usado no Talmude, nos Targuns e por alguns escritores rabínicos, quando indicavam alguma espécie de voz, supostamente vinda de Deus ou de um de Seus representantes, transmitindo aos homens alguma revelação. Seria uma forma de comunicação inferior àquela dada através dos profetas, aos quais o Espírito de Deus instruiria diretamente. Presumivelmente distinguia-se por uma notável qualidade de tom, algumas vezes comparado a um cicio ou sussurro. Esse tipo de comunicação teria sido feita a vários personagens do Antigo Testamento, como Abraão, Moisés, Davi e Nabucodonosor. O equivalente grego, no Novo Testamento, é *phone*, e não *echo*. A Midrash e o Talmude referem-se a Bath Kol como uma voz que desce do céu. O trecho de João 12:28 diz apenas «veio uma voz do céu». Ver também Apo. 10:4,8 e 18:4.

Possíveis incidentes do fenômeno:

1. Em muitas instâncias do Antigo Testamento, se lê que Deus falou a alguém, mas não através do ministério formal de um profeta. Isso se vê no relato sobre Adão e os primeiros patriarcas. Essa voz soaria como um trovão ou como algum outro som natural, ou então como se alguém estivesse, realmente, falando. Ver Êxo. 9:23; Jer. 10:13 e Sal. 19:3.

2. A voz que foi ouvida por Nabucodonosor (Dan. 4:31). Alguns intérpretes pensam que, nesse caso, não houve um Bath Kol.

3. João Hircano passou por tal experiência, de acordo com Josefo (*Anti.* xiii.x.3), entre 134 e 104 A.C. A voz teria sido ouvida quando ele oferecia um sacrifício no templo. No Talmude babilônico Sotah (33a), e no Talmude de Jerusalém Sotah (ix.24b), a voz é especificamente chamada Bath Kol.

4. A voz que foi ouvida quando do batismo de Jesus (Mat. 3:17; Mar. 1:11 e Luc. 3:22).

5. A voz que confortou a Jesus, quase no fim de Seu ministério terreno (João 12:28).

6. A voz que foi ouvida por Paulo, por ocasião de sua conversão (Atos 9:4 e 22:7,9).

7. A mensagem recebida por Pedro em Jope, acerca de coisas limpas e imundas, abrindo as portas à missão gentílica da Igreja primitiva (Atos 10:13,15).

8. Naturalmente, o fenômeno era abusado por alguns. Muitos rabinos queriam obter orientação pessoal através dessa voz, para solucionamento de seus problemas. Mas outros rabinos opunham-se a isso, preferindo a revelação escrita, com seus muitos preceitos orientadores. (Ver Test. Doze Patriarcas, Levi 18:6 e II Baruque 13:1).

Maimônides assumia uma posição bastante cética a respeito, dizendo que a imaginação dos homens pode produzir tal fenômeno. Além disso, há a considerar o problema das alucinações, tanto nos que são mentalmente desequilibrados como nos que sofrem de tensões severas. Essas tensões mentais podem produzir tanto impressões visuais quanto auditivas, conforme a psiquiatria tem comprovado sobejamente. A despeito disso, há poderes superiores, que ocasionalmente comunicam-se de maneira estranha, nada havendo de teórico ou impossível no fenômeno do Bath Kol.

Bath Qol, João 12:29: *A multidão, pois, que ali estava, e que a ouvira, dizia ter havido um trovão; outros diziam: Um anjo lhe falou.*

As duas interpretações inferiores:

1. A dos céticos e racionalistas. Esses dão uma explicação «natural». A voz teria sido apenas um trovão.

2. Outros, de natureza mais espiritual: teria sido a voz de um anjo. Uma interpretação melhor, mas ainda aquém da realidade. Assim acontece com muito da religião, que não é cética, mas que não eleva a Cristo à posição de Senhor. A lei teve anjos como mediadores (Atos 7:53), mas a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo (João 1:17).

Sempre houve e sempre haverá indivíduos cuja mente é tão terrena, tão materialisticamente orientada, que nada podem perceber do que é divino na existência humana. Porém, contrariamente a isso, Tennyson manifestou a sua atitude, segundo vemos neste seu poema:

Flor na parede gretada
Arranco-te para fora da greta,
Seguro-te aqui, com raiz e tudo, em minha mão,
Florzinha, se ao menos eu pudesse entender
O que és, com raiz e tudo, e tudo o mais,
Saberia o que são Deus e o homem.

Mostrando ainda mais especificamente como o próprio mundo testifica sobre a existência de Deus, e como a vida, o grande milagre, testifica sobre o criador, para que não mais duvidemos que a voz divina possa reverberar do céu, e como é possível o nosso contato com Deus, temos estes versos de Whitman:

Ver, ouvir, sentir são milagres, e cada porção e partícula minha é um milagre...
O menor movimento de minha mão zomba de todo o maquinismo,
E um camundongo é milagre capaz de deixar atônitos a sextilhões de incrédulos.
(Walt Whitman, *Song of Myself*, estrofes xxiv e xxi).

Assim também, noutra conexão, o grande filósofo árabe, Al Ghazzali, divertiu-se com as explicações dadas pelos químicos e pelos médicos, acerca das enfermidades, nas quais via evidências da existência de Deus, contrariamente ao pensamento popular: «Sem dúvida estão certos, cada qual em seu ramo particular de conhecimento. Não obstante, não lhes ocorre que o *Todo-Poderoso* se interessa pelo bem-estar de minha alma, e que produziu em mim uma condição tal que me faz deixar de lado o mundo e voltar-me para ele, meu criador. Não percebem eles que a enfermidade é *um laço de amor*, através do qual Deus atrai os santos para mais perto dele mesmo. Porquanto a própria doença é uma daquelas experiências pelas quais os homens chegam ao conhecimento de Deus; conforme declarou o profeta: 'As enfermidades são minhas servas e estão atadas aos meus escolhidos». (*Confissões*, Al Ghazzali).

A descrição em João 12:29 se coaduna bem com os conceitos judaicos sobre a *Bath Qol*, que, na literatura dos judeus, era «uma voz que vem do céu, procedente do meio de outra voz, como um trovão». (*Piske Tosephot* no Talmude Bab. Sanhedrim, artigo 30). É perfeitamente possível que esse conceito judaico tenha determinado a seleção das palavras, por parte do evangelista; mas isso de maneira alguma tem o efeito de negar a objetividade ou realidade dessa experiência, e nem que não se trata de alguma espécie de verdadeira comunicação que vem da parte de Deus Pai. (BLA ID S Z)

BATISMO

Esboço:

Introdução - Descrições Gerais

1. Pano de fundo cristão: o batismo de João; o o batismo judaico; o batismo de Jesus.
2. Sacramentalismo: Crasso e Sofisticado
3. Batismo Institucional
4. Batismo Simbólico (ponto de vista dos Batistas)
5. Batismo Simbólico-Místico
6. Negação da Validade do Batismo
7. Batismo Judaico
8. Batismo de João
9. Batismo de Jesus
10. Batismo dos Discípulos de Jesus
11. Batismo Cristão - Significado e Modos
12. Uso Metafórico

Neste artigo, tento expor o assunto de modo geral, deixando para artigos separados questões como: «Batismo pelos Mortos», «Batismo no Espírito Santo», «Batismo Espiritual», «Batismo Infantil» e outros tópicos de menor importância, mas relacionados ao assunto.

Introdução - Descrições Gerais:

O batismo é a aplicação de água, mediante imersão, derramamento ou aspersão, com certa variedade de propósitos predeterminados, como um rito de iniciação, como um ato de purificação cerimonial, como sinal de identificação com a comunidade, como suposto elemento dos requisitos que levam ao perdão dos pecados, e, portanto, da salvação (isto é, quando o batismo é encarado como um *sacramento*—ver o artigo a respeito), ou como um símbolo de união com Cristo, no intuito de obedecer ao seu evangelho e aos seus mandamentos.

Os ritos de iniciação e purificação são antiqüíssimos, sendo comuns praticamente a todas as religiões. As purificações estavam ligadas ao nascimento, à morte, à guerra e ao contato com os mortos ou com supostos espíritos. Nas religiões primitivas, acreditava-se que a *água* envolvia alguma espécie de vida, mormente no caso de águas que manam do solo e se movem sob a forma de ribeiros ou rios. Até mesmo lagos e oceanos, que demonstram movimento à superfície de suas águas, eram tidos pelos antigos como investidos de vida. Na religião dos antigos gregos encontramos muitas alusões poéticas a tais crenças. Na Ilíada, encontramos o rio vivo, divino e personificado de Escamander, bem como as *águas cantantes* da poesia grega. Na Índia, as águas do santo rio Ganges são especialmente valorizadas como purificadoras. No culto de Isis, o rio Nilo figurava de forma proeminente, e suas águas eram levadas até mesmo a países estrangeiros, com o propósito de servirem em ritos religiosos. Os antigos teutões e celtas tinham ritos de iniciação e purificação que envolviam o elemento água, muito antes do cristianismo haver chegado às suas terras. Os romanos davam nomes e reconheciam a paternidade através do uso da água. Entre outros povos, era praticado um certo rito de batismo com sangue e saliva.

1. Pano de fundo cristão: o batismo de João; o batismo judaico; o batismo de Jesus.

O uso do *batismo* entre os cristãos data dos primórdios do cristianismo. (Ver Atos 2:37-42). Porém, o pano de fundo dessa cerimônia remonta ao judaísmo. João Batista imergia os convertidos no rio Jordão (ver Mar. 1:4,5), como sinal de arrependimento e identificação com o novo movimento religioso. João lançou mão da idéia do batismo judaico de prosélitos. A isso, os judeus ajuntavam a circuncisão. Destarte, julgava-se que os pagãos ficavam livres da identificação com a idolatria e o paganismo. Um convertido gentio ao judaísmo imergia a si mesmo em água, para indicar a purificação da idolatria, enquanto dois oficiais judeus ficavam do lado de fora de um recinto fechado com cortinas, recitando passagens da Torah (a lei ou Pentateuco). E isso significava que naquele momento o batizando estava assumindo a obrigação de obedecer à lei.

Não sabemos se Jesus batizou ou não os seus discípulos. O que se sabe é que a tarefa de imergir, desde o começo ou desde algum tempo mais tarde, foi delegada por Jesus aos Seus discípulos (ver João 4:1,2). O ofício de Jesus era batizar no Espírito, e aos Seus discípulos foi deixado o encargo de administrar o ato simbólico.

2. Sacramentalismo: Crasso e Sofisticado.

a. *Sacramentalismo crasso*. O décimo quinto capítulo do livro de Atos mostra-nos que os judeus acreditavam que a circuncisão era necessária à salvação. E o trecho de Colossenses 2:11,12 demonstra ter havido um antigo vínculo entre a circuncisão e o batismo. Se a circuncisão ou o batismo são, realmente, necessários à salvação, e se ambos devem ser administrados a crianças do sexo masculino, então temos de admitir que um rito ou cerimônia tornou-se necessário à salvação, e que tal rito torna-se parte da experiência de uma pessoa, inteiramente à parte de sua busca, de sua vontade e de sua própria experiência espiritual. Isso não faz sentido para mim, e nem vejo tal coisa ser preceituada nas Escrituras. Mas, para alguns, assim é que deve ser. A Igreja Católica Romana faz do batismo um de seus sacramentos, isto é, um dos meios visíveis da operação do Espírito, administrados e controlados pela hierarquia romana, e sem o que a graça divina não operaria. Ver o artigo sobre os *sacramentos*. Isso significa, por sua vez, que a Igreja de Roma julga-se árbitro da salvação, despenseira da mesma, intermediária entre Deus e o homem. Naturalmente, há católicos romanos liberais que pensam que até mesmo os pagãos, que nunca ouviram o evangelho cristão, através da obediência à luz de sua consciência, recebem a *essência* do batismo, mesmo que nunca cheguem a receber o rito administrado pelos clérigos; mas, entre os católicos, isso é a opinião de uma pequena minoria.

Popularmente, propriedades ridículas são atreladas ao ato de batismo. Muitos protestantes sentem-se seguros, somente por haverem recebido o rito do batismo na infância, da parte de algum membro reconhecido do clero. No entanto, a verdade é que não há salvação sem a transformação da alma segundo a imagem de Cristo (ver Rom. 8:20), um processo altamente espiritual, operado pelo Espírito de Deus (ver II Cor. 3:18), acompanhado por uma inegável e vital santificação (ver Heb. 12:14), porquanto, sem a santificação, ninguém verá ao Senhor. Parece-me claro, confirmado na experiência diária, que esse tipo de experiência depende de um contínuo desenvolvimento espiritual, e não do fato de que alguém foi batizado na infância, na igreja certa, por alguma autoridade eclesiástica devidamente constituída. Se a espiritualidade não consegue chegar a esse alvo, então somente um ato mágico do mais extraordinário poder conseguiria obter tal façanha.

b. *Sacramentalismo sofisticado*. Além da Igreja Católica Romana, também as Igrejas Ortodoxas, muitos grupos luteranos e anglicanos, além de vários grupos evangélicos, como a Igreja de Cristo, ou pseudocristãos, como as Testemunhas de Jeová e os Mórmons, supõem que o ato do batismo é necessário à salvação. Muitos deles pensam que o batismo é um sacramento, ou seja, é um meio direto da regeneração. Todavia, uma teologia sacramentalista mais

sofisticada dá a entender que o Espírito Santo realmente aplica seu poder regenerador por ocasião do ato do batismo. Assim, a Igreja de Cristo crê que a regeneração só se completa por ocasião do batismo em água. Assim, sem tal cerimônia, uma pessoa estará eternamente perdida. Isso equivale ao que os judeus acreditavam no tocante à circuncisão; mas Paulo mostra-nos, no segundo capítulo da epístola aos Romanos, que tal idéia é uma falácia, porquanto a verdadeira circuncisão é a do coração, e não a da carne. Outro tanto se dá com o batismo, que representa a identificação espiritual com Cristo. (Ver o artigo sobre o *Batismo Espiritual*, onde há maiores explicações sobre esse conceito). Lamento, mas preciso ser franco. As teologias que misturam à salvação qualquer tipo de rito, são teologias primitivas. Tais teologias não percebem que os ritos são meras representações da espiritualização; são símbolos daquilo que é realizado exclusivamente pelo Espírito de Deus, jamais servindo de causa ou agente da espiritualização da alma, no que verdadeiramente consiste a salvação. As religiões primitivas, conforme temos visto na introdução, atribuem qualidades vivas a coisas como a água, a saliva e o sangue. Essas religiões também têm um caráter sacramentalista, porquanto julgam que divindades se fazem presentes e atuam beneficamente, quando seus adoradores realizam ritos religiosos.

Há certos versículos no Novo Testamento, nas edições populares, que geralmente são usados para dar apoio ao sacramentalismo, no que tange ao batismo. Exemplos notáveis são Marcos 16:16 e Atos 2:38. A simples leitura desses versículos, conforme eles aparecem nas traduções comuns, realmente dão a entender que o ato de batismo é necessário à salvação. O fato, porém, é que Marcos 16:16 não faz parte do evangelho original de Marcos; antes, é um adendo posterior, que reflete uma opinião antiga. E por que ficaríamos surpreendidos diante de tal opinião? O décimo quinto capítulo do livro de Atos mostra-nos que mesmo na Igreja primitiva, enquanto os apóstolos ainda eram vivos, muitos pensavam que a circuncisão e a guarda da lei eram necessárias à salvação. Se, por hipótese, pudéssemos assentar-nos em companhia dos apóstolos e cristãos primitivos, talvez ouvíssimos alguém dando apoio ao ponto de vista sacramental do batismo, e outros combatendo tal idéia. Além disso, muitos grandes problemas teológicos encontram-se nas páginas do Novo Testamento, não tendo sido produzidos por gerações posteriores. A questão do batismo em água pode ter sido motivo de muitos debates entre os primitivos cristãos. Todavia, Paulo, no segundo capítulo da epístola aos Romanos, deixa claro que o que tem valor é a circuncisão do coração, e não da carne. Em todas as exposições feitas por ele sobre a salvação, Paulo jamais incluiu a questão do batismo em água. Em I Coríntios 1:17, Paulo chegou a esclarecer que Cristo não o enviou a batizar, mas antes, a pregar o evangelho. Como explicar essas suas palavras, se o batismo fazia parte integrante do evangelho? Pelo contrário, o batismo deve ser aplicado a pessoas salvas, e não a fim de salvar os perdidos. Visto que Paulo, e, por conseguinte, o grupo apostólico, mantinham uma posição não-sacramental do batismo, então não podemos ser sacramentalistas. Por outra parte, se os apóstolos porventura estavam divididos sobre a questão (alguns estudiosos opinam que há versículos no Novo Testamento que indicam isso), e se os vários segmentos da Igreja cristã estão divididos sobre o assunto, então só resta uma coisa a fazer: que o leitor assuma posição, segundo aquilo que mais lhe pareça fazer sentido espiritual, e que não se preocupe em encontrar textos de prova para todo o pensamento que lhe cruzar a mente.

Quanto a Atos 2:38, a interpretação gira em torno do sentido da preposição grega *eis*, que nossa versão portuguesa traduz por «para», dentro da frase: «...para remissão dos vossos pecados...» Todos os peritos do grego «koiné» afiançam que ali, como em outros trechos similares, temos uma preposição de causa. Vale dizer que uma tradução mais fiel ao original, diria: «...em razão da remissão dos vossos pecados...» Em outras palavras, os ouvintes de Pedro deveriam arrepender-se, em face do que seriam salvos. E então, por já estarem salvos, a fim de mostrarem publicamente a sua identidade com Cristo, deveriam deixar-se batizar. (Ver *A Manual Grammar of the Greek New Testament*, Dana & Mantey, pág. 104).

Um outro suposto versículo de tendências sacramentalistas é I Pedro 3:21, que, em nossa versão portuguesa, diz: «...água, a qual figurando o batismo, agora também vos salva». Uma tradução mais clara, de um trecho confessadamente envolvido, diria algo como: «...água que, como antítipo (do livramento de Noé, por meio da água do dilúvio), agora também vos salva, uma imersão que não consiste na remoção da imundície da carne, mas na indagação de uma boa consciência para com Deus...» Portanto, a salvação é simbolicamente retratada pelo batismo (uma metáfora, conforme também se vê em Rom. 6:2,6). Em todo o Novo Testamento, a única outra passagem onde é usada a palavra «antítipo» é em Heb. 9:24, onde o tabernáculo terreno é o antítipo do tabernáculo celeste, que é o tipo. Em I Pedro 3:21, o tipo é a arca onde oito pessoas foram salvas. Não é a água do batismo que salva, mas estar alguém na arca da salvação, que é Cristo. Está em foco a transformação espiritual, que inclui a santificação. Igual idéia temos em Tito 3:5: «...segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo». Esse «lavar» fala sobre o que sucede à alma, regenerada e renovada pelo Espírito, lavagem essa simbolizada, então, pelo ato do batismo. Quanto a detalhes sobre esses conceitos, ver a exposição desses versículos no NTI. Ver também sobre João 3:5, onde se aprende que o indivíduo precisa nascer da água e do Espírito. A água representa ali a operação do Espírito, sendo símbolo da vida divina.

3. Batismo Institucional. Certas denominações cristãs pensam que exercem monopólio sobre a salvação e seus meios. Imaginam que Deus opera somente através deles. O orgulho e a arrogância dos homens são famosos, por causa de sua irracionalidade. Pensar que a fé religiosa não tem sentido, é absurdo. Mas é igualmente absurdo pensar que qualquer grupo monopoliza a espiritualidade. Todas as denominações religiosas são seitas, com sua mescla peculiar de verdade e erro. Por esse motivo é tão fácil um grupo cristão atacar a outro. É fácil encontrarmos algo *legítimo* a ser atacado em qualquer denominação, e então supormos, com base nisso, que o grupo atacado é falso como um todo. Por sua vez quem participa de qualquer grupo cristão pode encontrar algo de irracional ou absurdo na teologia de outrem, daí chegando à conclusão que somente o seu grupo está isento de erro. As cercas que os homens levantam, em nome de Deus, jamais realmente limitam a mente do Senhor. É curioso como as denominações, que são apenas seitas, atribuem-se à posição de únicos representantes de Deus, como se seus ritos fossem os únicos que abrem as portas do

céu. Jamais deveríamos institucionalizar a espiritualidade. O batismo torna-se institucionalizado quando qualquer grupo cristão afirma: «Nosso batismo é legítimo e salvador, em contraste com o de vocês, que é espúrio». Esses fazem do batismo cristão uma possessão só deles, da instituição deles. Por outro lado, há pessoas que não permitem que sua teologia interfira em sua espiritualidade, porque a teologia (aquilo que cremos sobre as questões espirituais), nunca equivale totalmente à real natureza da espiritualidade e da verdade espiritual. De fato, algumas vezes a teologia nem corresponde à espiritualidade.

4. Batismo Simbólico (ponto de vista dos Batistas)

Entre muitos batistas o batismo é compreendido como uma questão espiritual, e não como um mero rito. Em outras palavras, há uma grande realidade que cerca o batismo, — e que é *simbolizada* pela água. A essência do batismo não seria o rito propriamente dito, mas aquilo que é simbolizado pelo rito. Por essa razão, trechos bíblicos como João 3:5; Tito 3:5 e I Pedro 3:21 são encarados sob o ângulo espiritual, ou seja, aquilo que o Espírito de Deus opera, quando da transformação de uma alma. Segundo essa perspectiva, a água torna-se símbolo das operações do Espírito, e não um meio, e, muito menos ainda, a causa dessas operações. O trecho de Romanos 6:3 faz esse tipo de aplicação: «...ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte?» Ser batizado significa ter sido *sepultado juntamente com Cristo*. E também significa ter sido ressuscitado com Ele. Isso envolve imersão, naturalmente. Descemos à água e mergulhamos, simbolizando a descida à sepultura. E então voltamos à superfície da água e saímos, simbolizando a ressurreição dentre os mortos. Espiritualmente falando, isso fala de nossa *união* com Cristo, em sua morte e ressurreição. O Espírito faz isso tornar-se uma realidade mediante a nossa transformação à imagem de Cristo. No sentido negativo, devido ao fato de que Cristo *morreu para o pecado*; e no sentido positivo, devido ao fato de que Ele *ressuscitou para uma nova vida*. Essa é a essência do *misticismo* que envolve a pessoa de Cristo (ver *Cristo-Misticismo*), de estar alguém em Cristo, expressão usada por Paulo por mais de cento e cinqüenta vezes em seus escritos. O aspecto mais atrativo dessa explicação sobre o batismo é que são evitados os conceitos primitivos, que sempre promovem ritos e cerimônias, como se esses ritos e cerimônias tivessem poder por si mesmos, ou como se fossem necessários para que certas coisas acontecessem. O batismo, naturalmente, simboliza outras coisas, conforme nos ensina o Novo Testamento. Há outros significados, mas esse é o mais importante de todos. Quanto a outros significados, ver o ponto (11) deste artigo.

5. Batismo Simbólico Místico

Alguns batistas (embora não cheguem a ser a maioria) não se sentem satisfeitos em pensar que o batismo e a Ceia do Senhor têm importância meramente simbólica. Eles acreditam que o Espírito de Deus faz-se presente a esses ritos. Essas cerimônias convocam o Espírito, para que Ele realize a sua obra. Esses dizem: «Senhor, estou pensando a teu respeito e obedecendo ao teu mandamento. Faz tua obra em minha alma!» Assim, apesar do batismo não salvar e nem abrir a porta para a regeneração, torna-se um sinal de busca sincera, que convoca o Espírito Santo. E quando o Espírito vem, não atua apenas por alguns instantes, mas de forma permanente. Mas, naquele exato instante, observando a intenção do crente de seguir a Cristo, ele separa aquele homem para sua obra transformadora, e começa a agir exatamente desse modo. A palavra «místico», que aparece neste título, indica qualquer contato genuíno com o Espírito Santo, de natureza sutil ou franca, em que a alma encontra-se com Deus. Por ocasião do batismo em água, a alma encontra-se com Deus, não por causa do que o batismo é em si mesmo, mas por tornar-se uma espécie de invocação a Deus. Naturalmente, o Espírito pode ser convocado sem qualquer rito, pelo que não há, nessa posição, qualquer intuito de dizer que o batismo é *a* avenida dessa convocação. Antes, é apenas uma ocasião conspícua em que o crente pode invocar o Espírito. E uma outra ocasião importante de invocação é a Ceia do Senhor. O autor desta enciclopédia nunca deixou de sentir-se espiritualmente emocionado, ao participar da Ceia, mesmo quando o sermão que a antecede é paralizador e amortecedor. Na verdade, há ocasiões especiais em que o Espírito aproxima-se de nós, porque estamos resolvidos a nos aproximarmos dele.

6. Negação da Validade do Batismo

Algumas pessoas, que costumam espiritualizar tudo, não mostram qualquer paciência com os ritos. Os hiperdispensacionalistas, supondo que os primeiros livros do Novo Testamento refletem um período de transição, só aceitam as epístolas da prisão, de Paulo como dotadas de autoridade doutrinária. E, visto que o batismo e a Ceia do Senhor não são descritos ali, supõem que essas cerimônias não tinham a intenção de prosseguir na Igreja. Naturalmente, esse ponto de vista é extremado e arbitrário. Primeiramente, porque o material das chamadas «epístolas da prisão» é bastante pequeno, e com eles ficamos reduzidos a uma base muito pequena para nosso sistema doutrinário. Em segundo lugar, tal posição é arbitrária porque as próprias Escrituras não ensinam tal coisa. Não obstante, essa posição demonstra um certo discernimento que não deve ser ignorado. É evidente que Paulo cresceu no conhecimento e no entendimento espiritual, conforme foi avançando os anos. Por essa razão, algumas doutrinas, como a da Igreja e a questão do julgamento e do destino humano final (ver as notas no NTI sobre Efé. 1:10), são melhor definidas em suas epístolas finais. Além disso, Paulo foi-se tornando mais e mais interessado em manter a comunhão mística com Cristo do que em combater os judeus, em torno da doutrina da justificação. Por esse motivo, deixamos de lado as intermináveis controvérsias que agitaram o começo do cristianismo, e passamos a demorar-nos mais no tema do conhecimento espiritual. Porém, se pudéssemos voltar à Igreja do fim do primeiro século e do começo do segundo século da era cristã, encontraríamos os cristãos observando o batismo e a Ceia do Senhor, ao mesmo tempo em que estariam lendo a epístola aos Efésios e as epístolas posteriores de Paulo.

Além dos hiperdispensacionalistas, há os quacres, que, em sua busca religiosa mística e intuitiva, simplesmente rejeitam qualquer tipo de rito ou cerimônia, como se não fossem coisas necessárias ao nosso bem-estar espiritual.

7. Batismo Judaico (Ver o artigo separado sob esse título).

8. Batismo de João (Ver o artigo separado sob esse título).

9. Batismo de Jesus (Ver o artigo separado sob esse título).

10. Batismo dos Discípulos de Jesus. O mais provável é que os discípulos originais de Jesus, tendo sido batizados por João Batista (por terem sido seus discípulos), não foram rebatizados quando começa-

ram a seguir a Jesus. Mas à medida que crescia a comunidade, havia o batismo dos novos convertidos. Não há que duvidar que o batismo aplicado pelos discípulos de Jesus era idêntico ao batismo de João, isto é, batismo de arrependidos, dando a entender que os batizandos tornavam-se parte de um novo movimento religioso e rejeitavam a apostasia que se manifestava no judaísmo. O batismo judaico de prosélitos era aplicado pelo próprio batizando, que se imergia. O batismo cristão sempre teve um sujeito que imergia e um objeto que recebia o batismo. Por exemplo: «...ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco» (Atos 8:38). O batismo cristão indica: a. purificação; b. identificação com o novo movimento cristão; c. sinal de arrependimento e de que a pessoa levaria a sério sua fé religiosa, como membro de um movimento reformista. Lê-se que o próprio Jesus a ninguém batizava, e que essa tarefa era delegada por Ele a seus discípulos (ver João 4:1,2). O batismo que Jesus realizava era o batismo no Espírito (ver Mar. 1:8 e a exposição desse versículo, e de Mat. 3:11, no NTI).

11. Batismo Cristão — Significado e Modos

Significado. a. União com Cristo, em sua morte e ressurreição, ou seja, a participação em sua forma de vida (ver Rom. 6:3,4). Ver o artigo sobre o *batismo Espiritual*, que fornece amplos detalhes sobre esse conceito. b. Aquela mesma referência na epístola aos Romanos mostra-nos que o batismo deve resultar em uma *nova maneira de andar*, em santidade e desenvolvimento espiritual. c. Para alguns, o batismo é um *sacramento*, um meio direto da regeneração, conceito esse que já discutimos no segundo ponto deste esboço. d. Para outros, o batismo é o *portão* de entrada à instituição que salva, o que é discutido sob o terceiro ponto deste esboço. e. Para outros, o batismo é apenas um *símbolo* da operação espiritual do Espírito, a saber, do batismo espiritual, sobre o qual falamos algo no quarto ponto deste esboço. f. Para outros, é por ocasião do batismo em água que o Espírito aproxima-se para observar o intuito e a obediência do batizando, separando-o para nele operar de modo especial. Seria o momento em que o poder do Espírito torna-se mais evidente na vida do crente, com resultados a longo prazo. Isso foi abordado no quinto ponto deste esboço. g. Para certas denominações evangélicas, como os batistas, o batismo é considerado como algo necessário para que alguém se torne membro de uma igreja local, se não mesmo da Igreja universal e mística. Seria, portanto, um rito de iniciação no discipulado cristão, expresso mediante a comunhão com a igreja local. h. O batismo é um *ato de obediência* à ordem de Cristo para que fôssemos batizados, bem como uma declaração do *intuito* de sermos seus discípulos (ver Mat. 28:18). i. Para os presbiterianos, o batismo é um sinal e selo do pacto da graça (Confissão de Westminster, art. xxviii). Portanto, mediante esse ato, a pessoa tornar-se-ia membro daquela comunidade e compartilharia do novo pacto estabelecido entre Deus e os homens. Isso significa que o batismo cristão é o equivalente da circuncisão judaica (conforme a sugestão de Col. 2:11-13). Penso que pode ser um *sinal* do pacto da graça, mas não que a pessoa se torne um dos beneficiários desse pacto. A posição presbiteriana dá exagerada significação a sinais externos e físicos. Mas a espiritualidade beneficia a alma, sem depender de quaisquer cerimônias externas. Não obstante, a nossa espiritualidade pode ser indicada por símbolos, e estes tornam-se instrutivos. j. O *pacto noaico* (ver I Ped. 3:18-22) é a contraparte ou tipo do batismo em água, que é seu antítipo. Tal como Noé e seus familiares foram salvos na arca, assim também as águas do batismo simbolizam o ato salvador de Cristo. Noé foi salvo mediante um pacto com ele estabelecido. O Novo Pacto, por igual modo, salva o crente; e as águas do batismo simbolizam esse pacto. Porém, o que realmente salva é o «batismo espiritual», o qual consiste em nossa identificação com Cristo, em sua morte e ressurreição. l. Há um outro paralelismo, no *pacto abraâmico* (descrito sob o ponto «i»), embora não devamos forçar o ponto, de tal modo que a causa da salvação seja um mero ato físico como o é o batismo em água. Lembremo-nos que Paulo destacou que a verdadeira circuncisão não é a da carne (externa), mas é a do coração (interna) (ver Rom. 2:29). Portanto, o batismo que salva é o espiritual, e não o literal. m. Há ainda um outro paralelo, que é o *pacto mosaico*. (Ver I Cor. 10). O povo de Israel esteve sob a nuvem protetora, atravessou o mar em seco e comeu de um alimento sobrenatural, também bebeu de uma rocha sobrenatural, a qual Paulo diz representar Cristo. Desse modo, os israelitas participaram do pacto mosaico, tornando-se o povo que Deus livrara da servidão e ao qual concedera vida. (Ver também sobre o *novo pacto*, nesta enciclopédia). Participamos de todas as provisões que há em Cristo, e o batismo em água simboliza a passagem pelo mar, a fim de escaparmos da escravidão ao pecado; e assim chegarmos a desfrutar da nova vida. Mas o batismo em água não *realiza*, realmente, tal coisa, como a passagem pelo mar não espiritualizou o povo de Israel. (Ver os artigos sobre os pactos). n. O batismo em água proclama que houve arrependimento e perdão de pecados (ver Mat. 3:6 e Mar. 1:4). o. O batismo em água antecipa o batismo no Espírito (ver João 1:30-34; 3:5 e Atos 2:38). p. O batismo em água simboliza o poder purificador da Palavra de Deus, e, por conseqüência, da regeneração (ver Tito 3:5). q. O batismo em água é símbolo das operações do Espírito Santo (ver João 3:5). r. Contudo, o batismo em água não garante que todos os que são batizados são possuidores das realidades por ele simbolizadas (ver I Cor. 10:1 *ss* , onde se lê sobre a ilustração baseada em Israel, pois esse povo atravessou o mar, mas depois caiu em idolatria; ver também Atos 8:21-23; João 13:10,11 e 15:1-6).

Modos. O termo grego **bapto**, «mergulhar», deu origem à sua forma intensiva, **baptizo**, usada no Novo Testamento, e que remonta aos tempos de Homero. Ver Odisséia ix.392, onde alude ao ato de *mergulhar* um ferro em brasa, em água, a fim de temperá-lo. *Baptizo* tem vários sentidos, incluindo o de «mergulhar», «afundar», «imergir». Pode exprimir a idéia de *lavar*, como se vê em Mar. 7:4. Qualquer pessoa que se dê ao trabalho de examinar um léxico grego descobrirá que essa palavra denota imersão, ou, pelo menos, o uso de grande quantidade de água, do que obtemos outros sentidos como «avassalar», «ensopar», etc. Tentar furtar à palavra *baptizo* de seu sentido básico, «imergir», é ridículo, uma violência à língua e à história do termo. A maioria dos eruditos admite isso, mesmo quando não são membros de denominações evangélicas que imergem. Mas então, alguns encontram outras justificativas para não imergirem, usando de argumentos como: a. o modo do batismo não é importante; b. a Igreja primitiva praticava vários modos de batismo; c. as condições de clima exercem influência sobre o modo de batizar; d. havia algum antecedente judaico para a aspersão, como as cerimônias em que o sangue era aspergido. Mas, contra tais argumentos podemos observar que todo o batismo judaico dava-se por imersão. (Ver sob o ponto «1», *Pano de fundo cristão*, neste artigo).

Somente a imersão total pode simbolizar devidamente a purificação de uma pessoa de sua antiga vida, por estar em foco uma lavagem. Ninguém pode lavar uma pessoa salpicando-lhe algumas gotas sobre a cabeça. João Batista batizava onde havia «muita água» (João 3:23). Ele lançou mão de uma corrente de água, porque as águas do batismo não devem ser estagnadas. Podemos estar certos de que ele usava o modo judaico padrão de imersão, quando batizavam prosélitos. João *lavava* os convertidos. Não fazia somente suas cabeças ficarem molhadas. Os pecadores precisam ser lavados de seus pecados, e o batismo por imersão é o modo que representa corretamente essa lavagem.

O modo de batizar é importante? Uma vez que se admita que o modo original de batismo era a imersão, conforme é deixado bem claro por Paulo, em Rom. 6:3,4, com seu símbolo de sepultamento-ressurreição, a próxima questão diz respeito à importância do modo de aplicação. Tentar mostrar, conforme faz Unger em seu Dicionário Bíblico, que: a. mergulhar não é um sentido primário de *baptizo*, mas um sentido derivado; e b. que há outros simbolismos para o batismo, que não subentendem imersão, como a morte e a crucificação (ver Rom. 6:3), o revestir-se de Cristo (ver Col. 3:27) e a circuncisão (ver Col. 2:11-14), conforme diz a Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible, é por demais ridículo para levar a sério. Em primeiro lugar, a observação de Unger é completamente infundada. Em segundo lugar, é óbvio que o batismo envolve muitos simbolismos, a maioria dos quais nada diz sobre o modo, se é por aspersão, imersão ou derramamento. Porém, o próprio simbolismo que diz respeito ao *modo* é aquele que projeta a idéia de imersão. Espanta-nos ver como os homens, na promoção de seus preconceitos, que aprenderam em seus seminários e denominações, esquecem-se completamente do que é esclarecido nos dicionários e do que ocorreu no decurso da história, que são precisamente os dados que nos deveriam guiar na interpretação da questão do modo de batizar. Quão facilmente os homens apelam para os *sofismas*, quando correm o perigo de ter de alterar alguma idéia querida, mas relutam em fazê-lo. Naturalmente, isso não sucede somente no caso do batismo. Os batistas, que podem regozijar-se quanto à sua interpretação correta sobre o modo de batizar, deveriam chorar ao considerarem o que têm feito, ao interpretarem o sentido da descida de Cristo ao hades (ver I Ped. 3:18-20), ou quando eliminam o poder da missão de Cristo de salvar além do sepulcro, conforme se aprende em I Ped. 4:6, ou quando desconsideram a plena extensão da missão de Cristo (ver Efé. 1:10). Já o disse antes, e creio estar dizendo uma verdade: Todas as denominações são seitas que promovem seus sistemas particulares, que envolvem verdades e erros. Todas as denominações evangélicas podem regozijar-se e chorar, dependendo das idéias que estiverem defendendo.

Porém, voltemos à questão da *importância do modo* do batismo. Certamente não se trata de uma questão que requeira uma guerra a respeito. E nem devemos arrastar a discussões acaloradas, que geram o ódio e se esquecem da lei do amor, que é o fator mais importante na vida cristã. Tal questão também não é suficientemente importante para tornar-se motivo de orgulho, ou para a usarmos como medida para aquilatar a verdade de qualquer denominação evangélica. Posso estar equivocado aqui, como em qualquer ponto de meu credo. Porém, visto que a «imersão» concorda mais com o sentido e com o simbolismo do batismo, do que qualquer outro modo, do ponto de vista simbólico, lingüístico e histórico, não erram aqueles que batizam por imersão. Na língua portuguesa a palavra «batizar» perdeu seu sentido original de «imergir», para adquirir o sentido popular de aplicar uma cerimônia cristã, a qual recebeu esse nome. Porém, não podemos firmar doutrinas com base no sentido popular adquirido posteriormente pelas palavras. A Igreja Ortodoxa Grega, cuja Bíblia é grega, batiza por imersão, por ser esse o sentido da palavra no grego.

Conheço um ministro batista que, devido a certas circunstâncias, freqüentava uma igreja presbiteriana e a ajudava. Mostrava-se muito ativo naquela igreja, e era bom amigo do seu pastor. Quando um de seus filhos chegou à idade de entrar na universidade, ele o enviou ao mesmo seminário presbiteriano onde o pastor daquela igreja se formara. Porém, quando outros de seus filhos tiveram de ser batizados, ele pediu ao pastor presbiteriano que usasse o modo de imersão. O pastor presbiteriano concordou, e o batismo foi feito por imersão; e depois disse o pastor presbiteriano: «Essa foi uma experiência nova para mim!» A situação inteira foi muito instrutiva. Não houve nenhuma divisão por esse motivo. Foi mantida a cooperação no trabalho do evangelho. Não houve conflitos devido as implicações teológicas do modo de batismo. Mas, quando teve de ser feita uma escolha, o modo preferível foi utilizado.

Batismo Infantil. Essa questão é tratada no artigo *Batismo dos Crentes* e *Batismo Infantil*.

12. Uso Metafórico.

Sob o ponto nº 11, «Batismo Cristão—Significados e Modos», alistei dezessete significados, vários dos quais são simbólicos. Acrescento aqui mais alguns significados:

a. Josefo, em *Guerras* 4.3.3 diz que os refugiados que fugiram para Jerusalém *inundaram* a cidade. Em outras palavras, vieram em grande número, como se fosse um dilúvio. E para dizer isso, ele usou a palavra grega *baptizo*. Esse é um uso muito instrutivo, porquanto mostra que a palavra grega em questão indica quantidade, sem importar se aplicada à água ou metaforicamente, a alguma outra coisa.

b. O trecho de Marcos 10:38 *ss* (paralelo em Luc. 12:50) refere-se ao *batismo* do qual os discípulos de Cristo compartilhariam. Isso é uma alusão a seus futuros sofrimentos, que haveriam de avassalá-lo como um dilúvio. E o trecho de Salmos 42:7 diz algo similar: «...todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim». De forma não-expiatória, os discípulos de Cristo podem compartilhar de seus sofrimentos, conceito esse que figura em Filipenses 3:10. Ver também I Pedro 4:13.

A lei do amor. Como sucede em qualquer controvérsia, mostramos a nossa espiritualidade discutindo as idéias pacificamente e no espírito de tolerância, reconhecendo que todos nós somos culpados de nossos erros de crença e prática. (AM B BM BRO FL S UN Z)

BATISMO DE CRENTES

Consideremos cuidadosamente os pontos abaixo:

1. O batismo em água foi obviamente ordenado aos crentes (ver Mat. 28:19). Ninguém põe isso em dúvida. Há crentes que acreditam que somente o batismo deles é legítimo. Jesus ordenou que Seus discípulos fizessem discípulos e os batizassem. Nunca os ensinou a batizarem infantes ou não convertidos. (Ver o artigo sobre o *Batismo Infantil*, que apresenta argumentos favoráveis e contrários a essa doutrina).

2. O trecho de Atos 2:38 mostra-nos que o batismo em água seguiu-se à pregação e à conversão dos ouvintes. A maioria das pessoas batizadas havia recebido a circuncisão, mas isso nem foi levado em consideração. Se o batismo equivale à circuncisão, por que o batismo foi aplicado a circuncisos? Lemos que o eunuco etíope desejou ser batizado, o qual recebeu com base em sua fé em Cristo, após ouvir a exposição do evangelho por parte de Filipe (ver Atos 8:36 *ss*).

3. No caso de batismos de famílias inteiras, encontramos a mesma exigência de conversão prévia. O evangelho era pregado, as pessoas criam no mesmo, e em vista disso eram batizadas. Não há qualquer menção de batismo de infantes, em todos os textos que relatam batismos de famílias inteiras. (ver Atos 10:45; 16:32 *ss* e I Cor. 1:16).

4. A *teologia do batismo* encontra-se em Romanos 6:3,4. É nesses trechos que chegamos a entender o sentido básico desse rito. O batismo simboliza a identificação com Cristo, em sua morte e ressurreição. O batismo deve ser aplicado a convertidos. O batismo em água só poderia ser aplicado a infantes se pudéssemos aceitar que eles já fossem convertidos e já estivessem em união com Cristo. No entanto, isso é inteiramente estranho ao contexto das declarações de Paulo. A idéia mais distante de sua mente era a que as crianças, por meio do batismo, chegavam a adquirir tais privilégios. Paulo estava falando sobre o que é mister para que os crentes professos vençam o pecado. (Quanto a comentários completos sobre essa questão, ver o artigo sobre o *Batismo Espiritual*).

5. É verdade que o trecho de Colossenses 2:11 *ss* vincula o sentido da circuncisão ao batismo. Mas ali Paulo fala sobre a santificação, sobre a participação na santidade e na nova vida, coisas que só se aplicam a pessoas convertidas e que estão procurando seguir a trilha do discipulado cristão. Nesse texto bíblico não há o menor indício de que tais coisas eram esperadas da parte dos infantes, e nem há ali qualquer tentativa de promoção do rito do batismo em substituição a circuncisão.

6. O interesse de Jesus pelas crianças que lhe foram trazidas, para que as abençoasse, não nos encoraja a pensar no batismo de infantes (ver Mar. 10:13 *ss*). Sabemos que o evangelho pode ser compreendido e aceito até mesmo por crianças; se uma criança converter-se, ante a pregação do evangelho, cremos que ela tem o direito de ser batizada. Mas um infante, que ainda nem começou a falar, e, portanto, não tem consciência de pecado e não pode converter-se, não pode ser candidato ao batismo em água.

7. *Exposição bíblica*. Fiquemos exclusivamente com as Escrituras. Que o leitor apanhe sua concordância e que examine todas as referências atinentes ao batismo. Então averiguará estes pontos: a. não há na Bíblia qualquer menção a batismo de infantes. b. O batismo em água está reservado a pessoas convertidas. É um erro supor que quando o evangelho é pregado em algum novo lugar, que então é próprio para batizar aos crentes, e que, uma vez estabelecida uma comunidade evangélica, que naturalmente envolve crianças pequenas, haja condições para a administração do batismo infantil.

8. Os argumentos baseados na história, que incluem citações dos pais da Igreja, em favor do batismo de infantes, são duvidosos, pelos seguintes motivos: a. antes de tudo, quanto à exatidão desses argumentos; e b. mesmo que esses argumentos sejam exatos, nossa fé e nossa prática deve alicerçar-se exclusivamente sobre as Escrituras Sagradas.

BATISMO DE FOGO

A expressão faz parte das palavras de João Batista, em Mateus 3:11, em alusão ao batismo no Espírito Santo, que Jesus haveria de conferir, em contraste com o batismo em água, aplicado por ele, no tocante ao seu poder e eficácia. Todavia, a expressão também é aplicada em relação ao fogo do julgamento, e é assim que a passagem em Mateus é compreendida por alguns estudiosos. Ainda outros, entretanto, têm aplicado o termo ao «purgatório», como fase preparatória para o crente entrar no céu. As Escrituras, porém, reconhecem a existência de apenas dois lugares para a alma: o céu e o hades. E, por ocasião do juízo do trono branco, o hades entregará as almas que ali se encontram; estas, uma vez reunidas a seus corpos ressurrectos, serão lançadas na geena, o verdadeiro inferno. Ver o artigo sobre o *purgatório*. Outros estudiosos, ainda, aplicam a expressão «batismo de fogo» aos sofrimentos e provações que os crentes precisam passar, em conexão com o discipulado cristão. De modo muito ridículo, grupos cristãos antigos, como os hermenianos e os seleucianos pensavam que esse fogo deveria ser compreendido de forma literal, associado ao rito do batismo em água. Valêncio fazia com que as pessoas atravessassem chamas, de forma literal. Heráclio aplicava um ferro em brasa à orelha das pessoas batizadas, marcando-as de forma permanente, para que não se esquecessem de seus votos batismais. (S)

BATISMO DE JESUS

Está aqui em vista o batismo que Jesus recebeu, administrado por João Batista (ver Mat. 3:13-17). Vários significados têm sido conferidos a esse acontecimento, a saber:

1. Ele foi feito pecado por nós, e assim teria de tomar a posição de pecador necessitado do *batismo de arrependimento*. Jesus recebeu esse rito porque tomou a posição de pecador sob a lei. Todavia, não é provável que um motivo tão complexo, teologicamente falando, fosse a idéia que Jesus tivesse em mente, ao aproximar-se de João, a fim de ser batizado.

2. Jesus fez isso para justificar e *valorizar* a mensagem de João. É possível que isso tenha feito parte de suas razões.

3. Outros intérpretes, sem base alguma, dizem que ele veio «santificar a água para servir de limpeza mística do pecado» (Inácio). E Agostinho disse que Cristo «veio para batizar a água, ao ser batizado nela».

4. Outros pensam que Cristo foi batizado para *instituir* o batismo como um rito de sua Igreja.

5. Outros pensam que Jesus foi batizado para dar *exemplo* da necessidade do batismo ao povo.

6. Para os gnósticos, o batismo de Jesus assinalou o instante em que foi possuído pelo *aeon*, ou poder angelical, ou, como alguns deles supunham, pelo Espírito de Cristo. Desde então, o corpo de Jesus passou a ser manipulado por esse elevado poder angelical, a fim de realizar a elevada missão de que fora encarregado, embora sem a identificação da pessoa entre Jesus e esse poder. Por essa razão, os gnósticos davam valor ao batismo de Jesus, mas não à expiação por meio de seu sangue (ver I João 5:6). Ainda segundo os gnósticos, esse poder teria abandonado a Jesus por ocasião de sua morte, razão pela qual ele soltou seu grito de desespero: «Pai, por que me abandonaste?» Portanto, os gnósticos rejeitavam qualquer idéia de identificação das naturezas divina e humana em Cristo Jesus, mas

mantinham um rígido *dualismo* (ver o artigo a respeito).

7. Os modernos teólogos liberais dizem (pelo menos alguns deles) que a idéia de que Jesus era impecável e que sempre teve consciência de seu ofício messiânico, são invenções da igreja, e não idéias ensinadas pelo próprio Cristo. Assim sendo, Jesus teria vindo receber o batismo de João pelos mesmos motivos que outras pessoas vieram, isto é, declarar-se arrependido e desejoso de identificar-se com a reforma de João.

8. Podem ser combinados vários elementos viáveis para formar uma idéia possível: O batismo de Jesus, ainda que administrado por João, não é paralelo ao batismo normal de João, exceto que Jesus *tomou o seu lugar* junto à minoria crente, mostrando que reconhecia a autoridade e a missão de João Batista. Esse batismo marca a *unção* e a aprovação de Jesus, da parte do Pai, tal como no caso dos sacerdotes do Antigo Testamento. Isso aprovou o ministério de Jesus, à semelhança daqueles sacerdotes (ver Êxo. 29:4-7). No rito do batismo há um aspecto que depende do batizando, e que indica que ele está abandonando a velha vida e entrando em uma nova vida. Jesus estava fazendo exatamente isso, e talvez quisesse demonstrar esse fato. A despeito de não ter uma vida pecaminosa para abandonar, estava realmente iniciando uma vida nova, com uma missão específica, sob o poder e a orientação do Espírito. (AM S UN)

BATISMO DE JOÃO BATISTA

Trataremos aqui do batismo administrado por João Batista. Alguns supõem que João Batista fazia parte do grupo dos *essênios* (ver o artigo a respeito). Sabe-se que os essênios consideravam apóstata o resto do judaísmo. João apareceu em cena como o *novo Elias*, para chamar um remanescente fiel. Ele os chamava ao arrependimento e à renovação espiritual. Pregava que em breve viria o reino de Deus (ver o artigo) e a necessidade dos homens prepararem-se para o mesmo (ver Mat. 3:1 *ss*). Também surgiu em cena como o precursor do Messias, cônscio de que teria de haver um novo movimento religioso se a missão do Messias tivesse de alcançar bom êxito. O arrependimento era atitude necessária, e era simbolizado pelo batismo em água. Não há que duvidar que João Batista imitava o batismo judaico de prosélitos, que requeria imersão em água, representando a purificação da anterior vida pecaminosa. Enquanto a pessoa se imergia na água, trechos da lei eram lidos, dando a entender que ele tencionava fazer da lei o guia da nova vida na qual a pessoa estava entrando.

O batismo de João, estritamente falando, não era cristão. O batismo cristão simboliza principalmente a nossa união com Cristo, em sua morte e ressurreição (ver Rom. 6:3,4). Os motivos pelos quais João batizava nada tinham a ver com as razões dos judeus, porque ele estava iniciando um novo movimento religioso, que eventualmente proveu o núcleo para a emergente Igreja cristã. João tratava os judeus como pagãos, requerendo um batismo condicionado à conversão a um novo caminho. João impunha esse tipo de batismo para reforçar sua mensagem de que a verdadeira espiritualidade não depende do legalismo e nem da identificação com alguma nacionalidade. João censurava os fariseus por dependerem de sua nacionalidade, como garantia da salvação. (Ver Mat. 3:8,9; Luc. 3:7,8). Por igual modo, o *batismo* cristão, sem importar o grupo cristão que o esteja administrando, se for considerado como *institucional*, não se revestirá de qualquer valor, pois esse valor depende da espiritualidade autêntica.

Contudo, o movimento de João Batista não era apenas o rompimento com um antigo sistema. Também era um palco onde teria início um novo sistema, fundamentado sobre Jesus Cristo. Sem dúvida, João tinha consciência de que algo de extraordinário estava acontecendo, e que um povo especial precisava ser preparado para isso. João predisse o aparecimento de Alguém que viria após ele mesmo, que batizaria no fogo, e não na água; e assim antecipou um notável avanço no plano de Deus (ver Mat. 3:11 e João 1:26). Podemos estar certos de que a maioria dos discípulos de João não foi rebatizada quando começaram a seguir a Cristo. Mas aqueles que não tinham tomado conhecimento da vinda do Messias e sua obra, foram rebatizados como uma instrução no verdadeiro discipulado cristão, conforme se vê em Atos 19:1-7.

BATISMO DE SANGUE

Tertuliano dava esse nome ao martírio ocorrido antes do batismo, bem como à morte dos mártires, de forma geral. Ele e outros pais da Igreja pensavam que o martírio tinha a eficácia de purificar o pecado. Por causa disso, o martírio era recomendado entre os cristãos, e alguns deles chegavam a procurá-lo propositalmente. Gregório Nazianzeno refere-se a um batismo de martírio e sangue, com o qual o próprio Cristo foi batizado. Houve exageros que foram associados ao batismo de sangue, no caso de crentes. As pessoas tendiam por olvidar-se que somente em Cristo há perdão para nossos pecados, sem importar quão recomendável seja a disposição de morrer pelo nome de Cristo. (Ver I João 1:7; Apo. 1:5 e 7:14). (NTI S)

BATISMO DO ESPÍRITO SANTO

Esboço

I. História das Operações do Espírito
II. A Obra do Espírito e de Seu Batismo
III. O Batismo do Espírito e seu Relacionamento Com Línguas
   A. Confronto do uso das línguas em Atos e em I Coríntios
   B. Variedades antigas e modernas do falar em línguas
   C. Avaliação do fenômeno das línguas
IV. O Batismo do Espírito em I Coríntios 12:13

Atos 2:4: *E todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.*

Aqui é historiada por Lucas a doação *do dom do Espírito Santo*. O tema de que não muito depois da ressurreição de Cristo Jesus a comunidade dos discípulos foi robustecida por um derramamento especial do Espírito Santo, é um fator constante no N.T., tanto nas profecias antecipatórias, que aparecem nos diversos evangelhos, como no livro de Atos e nas epístolas dos apóstolos, com um fato realizado. (Ver Atos 10:44 e I Crô. 10:13 para tratamentos do assunto).

Os evangelhos sinópticos encerram essa promessa da descida do Espírito quase que em seus primeiros lances, através da mensagem de João Batista. (Ver Mat. 3:11,12; Mar. 1:8 e Luc. 3:16,17). O evangelho de João contém igualmente essa promessa, embora alicerçada em fonte informativa diferente. (Ver João

1:33). Quanto a explicações sobre as fontes informativas utilizadas pelos evangelhos, ver o artigo sobre cada um deles· e quanto a um tratamento especial relativo às fontes informativas usadas pelos autores sagrados dos evangelhos sinópticos, ver o artigo intitulado o *Problema Sinóptico*.

I. História das Operações do Espírito

1. Nas páginas do A.T., o Espírito Santo não era outorgado como dádiva *permanente*. Aparentemente isso sucedia até mesmo no caso dos profetas, embora seja seguro pensarmos que os homens mais profundamente espirituais daquele período possuíam o dom do Espírito por tempos mais dilatados que o comum. (Ver Mal. 2:15 e Sal. 51:11). A operação do Espírito Santo, nos tempos do A.T., era equivalente ao que sucede no período neotestamentário, pelo menos em termos gerais, excetuando o fato de que ele então não habitava permanentemente no crente, conforme sucede aos crentes do N.T., segundo é expressamente ensinado nas Escrituras. No A.T., o Espírito Santo é retratado a lutar com os homens (ver Gên. 6:3), a iluminá-los (ver Jó 32:8), a dar-lhes forças especiais (ver Juí. 14:6,19), a conceder-lhes sabedoria (ver Juí. 3:10,6:34), a outorgar-lhes revelações (ver Núm. 11:25 e II Sam. 23:2), a prestar-lhes instruções sobre a sabedoria, o entendimento, o conselho, o poder, a bondade e o temor de Deus (ver Isa. 11:2) e a administrar-lhes a sua graça (ver Zac. 12:10).

2. Durante a vida terrena do Senhor Jesus, a atuação do Espírito Santo acompanhava as linhas gerais estabelecidas no A.T., com a exceção de que houve então a promessa da vinda do Espírito Santo como *alter ego* de Cristo, como quem haveria de dar continuidade à presença e à obra de Cristo no mundo, como agente de sua personalidade. (Ver João 14:15-17,25,26; 15:27; 16:5-15). O Senhor Jesus ensinou aos seus discípulos, quando de sua presença entre os homens, que o Espírito Santo lhes seria dado em resposta às suas orações. (Ver Luc. 11:13).

3. Quando do encerramento de seu ministério terreno, Jesus prometeu que ele mesmo rogaria ao Pai, a fim de que o dom do Espírito Santo fosse *amplamente outorgado* aos seus seguidores. (Ver João 14:16,17).

4. Na noite do dia em que ressuscitou, Cristo deu aos seus discípulos, no cenáculo, um bafejo *preliminar* do Espírito Santo, como promessa e garantia do dom mais completo que se seguiria, ao soprar sobre eles, provavelmente no mesmo cenáculo. (Ver João 20:22).

5. No dia de Pentecoste, o Espírito Santo desceu sobre todos quantos estavam reunidos no mesmo cenáculo, num total de cerca de cento e vinte pessoas. Não se há de duvidar que essa dádiva do Espírito envolveu mais do que os doze apóstolos, segundo fica subentendido no trecho de Atos 2:14, como também na profecia de Joel, conforme Simão Pedro mencionou em seu sermão, como interpretação daquela extraordinária ocorrência, que acabara de suceder. (Ver Atos 2:16-21 e Joel 2:28-32). Essa profecia revela-nos como o Espírito haveria de ser derramado sobre toda a carne, de modo *pleno* e transbordante. Os cento e vinte irmãos reunidos no cenáculo, pois, foram os primeiros a experimentar isso.

6. O restante da história diz respeito a como esse dom *se expandiu* a ponto de abarcar todos os povos: tanto aos judeus (evidentemente através da imposição de mãos, como método principal — ver Atos 8:17 e 9:17) como aos gentios (sem imposição de mãos, mas assim exerceram fé — ver Atos 10:44 e 11:15-18).

7. *Todo crente* deve possuir o Espírito Santo, pois de outro modo nem crente é. Isso pelas seguintes razões: a. Todo crente é nascido do Espírito (ver João 3:3 e I João 5:1). b. Todo crente é habitado pelo Espírito (ver I Cor. 6:19; Rom. 8:9-15; I João 2:26 e Gál. 4:6), e é assim que o crente se torna templo de Deus. c. Todo crente possui o que se chama de batismo do Espírito (Ver I Cor. 12:12,13; I João 2:20,27). d. Esse batismo é o selo de Deus que lhe assegura a obra final e completa da graça divina em sua vida (Ver Efé. 1:13 e 4:30).

8. Mas nem todo crente é *igual* aos demais, na questão da experiência da presença habitadora do Espírito Santo ou da vida espiritual que ele nos concede. (Ver Atos 2:4 em comparação com Atos 4:29-31). Esses passos bíblicos mostram-nos que até mesmo os discípulos originais, que miraculosamente receberam o Espírito Santo, no dia de Pentecoste, depois, receberam-no *novamente*, de maneira notável. Com base nessa informação, podemos supor que *não há limites* para o que o Espírito Santo pode e quer fazer na vida do crente, dependendo das circunstâncias e da obediência pessoal daquele a quem o Espírito infunde. Outrossim, nem todos os seguidores de Cristo são iguais na questão dos dons que o Espírito oferece.

II. A Obra do Espírito e Seu Batismo

A promessa da descida do Espírito Santo é mais amplamente desenvolvida no evangelho de João, nas declarações do Senhor Jesus sobre o divino *paracleto* (que vide) que se encontram nas seguintes referências: João 14:15-17,25,26; 15:26,27 e 16:5-11,12-15. Os discípulos seriam um povo especial, dotado de um poder todo particular, vindo do alto, unidos através da influência e da presença habitadora do divino Consolador, Conselheiro e Ajudador. A vinda do Espírito Santo habitador criaria as seguintes bênçãos vantajosas ao movimento cristão e a cada crente individualmente:

1. Unidade
2. Pureza
3. Santidade
4. Aumento do conhecimento espiritual
5. Observância do novo mandamento, o qual nos recomenda amarmos uns aos outros.

6. *Poder, interno e externo* — o qual conduziria os crentes à transformação de seus seres, conforme a imagem moral e metafísica de Cristo (ver as notas sobre Rom. 8:29 no NTI), transformação essa que leva o crente a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4); poder externo *no ministério*, que deveria ter um alcance universal entre os homens.

7. *Manifestação do variegado fruto* do Espírito Santo, conforme aprendemos em Gál. 5:22,23. Aqui se encontra o desenvolvimento prático e diário do indivíduo, no homem interior; a sua santidade pessoal, a sua transformação na natureza divina moral e ética, o que provoca a transformação metafísica.

8. *Esse enchimento do Espírito Santo* é igualmente acompanhado pela outorga de diversos *dons* do Espírito, os quais são conferidos ao crente individual para que este se torne um instrumento especial de serviço, tanto no seio da igreja como fora dela. Ver o artigo sobre os *Dons Espirituais*.

Ora, tudo isso pode ser descrito como um batismo, pois esse rito se presta admiravelmente bem para descrever a influência total do Espírito Santo na vida do crente. (Ver Atos 1:4). No batismo em água, o corpo inteiro do crente é imerso na água, e todos os seus membros são cobertos. A esse respeito, traçamos as seguintes considerações:

1. Isso simboliza quão *completa é a benéfica influência* do Espírito Santo, o que é aqui expresso pelas palavras «...cheios do Espírito Santo...» O ser inteiro do crente torna-se sujeito à influência do Espírito, e é possuído por ele. Idealmente falando, nenhum aspecto da personalidade do crente deveria ficar isento do controle do Espírito, tal como nenhuma porção de seu corpo deixa de ser imersa na água, quando do batismo.

2. Em alguns contextos bíblicos, o batismo implica em *purificação*. E essa é, igualmente, uma das funções do Espírito Santo na vida do crente.

3. Outrossim, o batismo fala da *identificação* do crente com Cristo, em tudo quanto ele fez, foi, e é. Note-se que essa identificação não envolve meramente o que Cristo fez, mas também o que ele é no presente. Começamos a fazer o que ele fez, porque nós estamos transformados no que ele é, em sua natureza moral, como também na própria composição de sua natureza essencial. Deus está duplicando Cristo nos crentes, no sentido mais literal possível. Essa completa identificação do crente com o Senhor Jesus é simbolizada pelo batismo.

4. O batismo se tornou símbolo da *vida transformada* do crente, em que ele assumiu uma perspectiva de vida inteiramente nova e está seguindo um novo destino, porquanto possui agora uma lealdade totalmente diversa. A vinda do Espírito Santo possibilitou os homens a realizarem esse elevadíssimo alvo, não apenas teoricamente, mas também na vida diária. Tais indivíduos ficam estragados para o mundo, pois são renovados, transformados e tornados cidadãos daquele outro mundo, mais elevado e melhor que o nosso.

5. O trecho de I Ped. 3:21 emprega o vocábulo «batismo» para referir-se à *totalidade da salvação*; porque assim como Noé e a sua família passaram através das águas do dilúvio (um batismo) e assim como foram preservados em vida no meio das águas (no meio de seu batismo) também em Cristo o crente é salvo em meio a este mundo turbulento, sendo conduzido à segurança e à inteira salvação que há na pessoa de Cristo. Está em foco a purificação do indivíduo; porém, mais do que isso ainda é simbolizado aqui. O trecho de I Ped. 3:22 alude à ascensão de Cristo, ficando nisso subentendido tudo quanto ele obteve, mediante a sua ascensão e subseqüente glorificação, para os seus seguidores. Nisso consiste a salvação completa, pois haveremos de participar de sua herança e de sua natureza. O batismo do Espírito Santo, pois, é o que nos garante isso. Em seu sentido mais lato, fica subentendido muito mais do que a purificação e a preparação para o serviço, pois o crente individual é permeado pelo Espírito, e nesse processo se torna uma criação inteiramente nova.

III. O Batismo do Espírito e Seu Relacionamento com Línguas

A. Confronto de uso das línguas em Atos e I Coríntios.

1. No livro de Atos, foram falados idiomas humanos, revertendo, por assim dizer, a maldição da confusão das línguas, imposta em Babel.

2. As línguas, quando do Pentecoste, tiveram um efeito evangelizador. Possibilitaram que alguns poucos ensinassem a tantos em tão pouco tempo. Todavia, também serviram de sinal da realidade da descida do Espírito.

3. É possível, entretanto, que, quando do Pentecoste samaritano (Atos 8:14 e *ss*, se línguas foram faladas naquela oportunidade) e do Pentecoste gentílico (Atos 10:44 e *ss*), que essas línguas tivessem sido um sinal de poder e de prova da descida do Espírito, pois não mais havia a necessidade de línguas com vistas à evangelização. Portanto, nesses casos, temos uma razão diferente para o fenômeno, sendo indubitável que as línguas então faladas não foram entendidas e nem interpretadas. Seu intuito não era nem evangelizar e nem ensinar.

4. Em I Coríntios, as línguas são essencialmente didáticas em sua natureza, tanto para aquele que as fala (pois assim lhe é possível aprender intuitivamente certas realidades espirituais), como para outras pessoas, quando algum intérprete explicava o que fora dito. (Ver I Cor. 14:2 e *ss*).

5. Em I Coríntios, as línguas também serviam de sinal para os incrédulos (I Cor. 12:28-31), demonstrando a presença do poder espiritual no seio da igreja, onde pode suceder o que é miraculoso e onde as vidas humanas podem ser transformadas.

6. As línguas ocupam um lugar bastante inferior em comparação com a profecia (I Cor. 14:1 e 19). Foram classificadas entre as «coisas infantis» do desenvolvimento espiritual (I Cor. 13:11). Paulo recomendava que se buscassem dons superiores a isso, I Cor. 12:31.

7. *Tipos*. a. línguas reais, Atos cap. 2; b. sons inarticulados, ou talvez uma mistura de vários idiomas, palavras e frases individuais, juntamente com sons que não podem ser identificados com qualquer idioma; c. idiomas angelicais. Abaixo oferecemos notas sobre as «línguas», na tentativa de dar descrições e avaliações mais completas.

As Línguas no Livro de Atos — A posição do fenômeno das línguas, no livro de Atos, obviamente é mais elevada do que aquela atribuída pelo apóstolo Paulo em suas epístolas. O livro de Atos parece ter sido a confirmação do recebimento do Espírito Santo (entre outros sinais), pois em cada caso em que o evangelho era anunciado em algum novo lugar, depois do Pentecoste no cenáculo, e em cada instância em que um novo grupo de pessoas recebia o evangelho, era também batizado no Espírito Santo, com o acompanhamento da experiência das línguas; pelo que também parece que o autor sagrado tencionava que entendêssemos que essa experiência era a validação visível da genuinidade do batismo do Espírito Santo. (Ver Atos 2:4; 10:46 e 19:6). Deve-se observar, por semelhante modo, e em contraste com as línguas descritas por Paulo, que no livro o fenômeno aparece como o falar em idiomas estrangeiros, que podiam ser compreendidos pelos presentes que normalmente falavam os mesmos. (Ver Atos 2:6,11). É óbvio que isso tem por intuito indicar que a *confusão das línguas*, quando da construção da torre de Babel, por causa da revolta dos homens contra Deus, foi aqui *revertida*. Por igual modo, a universalidade do cristianismo foi destacada por esse fenômeno, o que é um tema tanto dos evangelhos como também deste livro de Atos. O Espírito Santo outorgou poder à igreja cristã a fim de que a mensagem de Cristo fosse levada a todas as nações, a fim de que pudesse ser uma gloriosa realidade, a redenção da humanidade, em grande escala.

B. Variedades do falar em línguas, antigas e modernas.

1. Meios naturais (puramente humanos).

a. Transe hipnótico: tem sido demonstrado em estudos realizados, que, sob a hipnose, o indivíduo pode experimentar um grande aumento na capacidade psíquica como a telepatia, as curas, e algumas vezes, o conhecimento prévio. As línguas podem ser

faladas por efeito telepático, em que uma mente toma emprestado de outras, e a hipnose facilita tal experiência.

b. O falar simultâneo: trata-se de uma forma de telepatia. Nos anos de 1966 e 1967, apareceu um homem na televisão norte-americana, que podia duplicar, simultaneamente, qualquer coisa que outra pessoa falasse, mesmo que o fizesse em idioma estrangeiro ou que estivesse lendo um material inteiramente desconhecido. Além disso, a distância não fazia qualquer diferença. No momento exato em que tal material fosse lido, ou que outra pessoa falasse, sem importar em que idioma, aquele homem era capaz de duplicar tudo com perfeição. (Registrado no artigo intitulado em inglês: «Simultaneous Speaking», na revista Fate, de julho de 1967).

O autor desta enciclopédia conhece pessoalmente um caso em que certa mulher, quando de visita ao Brasil, embora nunca tivesse estudado o português, era capaz de acompanhar, cantando, hinos que fossem entoados em português, simultaneamente, embora não fizesse a menor idéia do que estava cantando, e sem entrar em qualquer estado hipnótico. Era pura telepatia, o que, conforme estudos feitos em laboratório, tem sido demonstrado ser uma propriedade comum a todas as raças humanas.

c. Estados especiais, como estados *febris*: em um relato fidedigno, contou-se como uma arrumadeira, que trabalhava em certa universidade, ao sofrer de febre alta, podia falar em grego ou latim. As investigações feitas descobriram que ela costumava trabalhar na sala ou próximo da sala onde um professor de idiomas clássicos tinha por hábito caminhar para lá e para cá, repetindo passagens de autores clássicos. Essa forma de línguas apenas trazia do subconsciente o que lá foi entesourado pelo ouvir. O estado especial da febre, podia ativar aquele estado novamente.

d. Participação na mente universal: certos estudos (apoiados por séculos de teoria filosófica), indicam que há um depósito universal de conhecimento. A mente humana individual, sob certas circunstâncias (sobretudo em estados alterados da consciência), pode tomar algo por empréstimo desse fundo comum, e ao assim fazê-lo, em alguns casos, pode falar um idioma antigo ou moderno, que nunca foi estudado

Não sabemos dizer se a Mente Universal é pessoal (envolvendo seres inteligentes) ou impessoal, como se assumisse a forma de alguma energia que registra pensamentos, tal como um disco pode registrar sons. As especulações sobre esse fundo comum de inteligência, retrocedem até pelo menos o tempo de Anaxágoras, 500 A.C.

A história demonstra que o fenômeno das línguas com freqüência se tem manifestado inteiramente à parte da fé religiosa, e sem intuitos religiosos de qualquer espécie. Trata-se de um fenômeno estranho, que a *psique humana pode produzir* por meios puramente naturais. Os estudos feitos em laboratório, demonstram que há capacidades telepáticas no homem, e a experiência demonstra que as línguas podem não ser outra coisa além de uma espécie de ginástica mental.

e. Freud. Afirmava que algumas vezes as línguas não passam de palavreado sem sentido, produzido propositalmente com a finalidade de autoglorificar quem as fala.

2. Línguas demoníacas (desnaturais). Alguns casos, bem documentados, mostram que, nas igrejas, algumas vezes as línguas exprimem blasfêmias e obscenidades. Em alguns desses casos, pois, podemos ter línguas «naturais» que operam desde as profundezas da mente humana depravada. Em outros casos, por certo, forças espirituais estranhas se apossam dos homens (até mesmo no seio da igreja cristã), usando-os para proferirem suas blasfêmias.

3. Línguas angelicais. Se as línguas podem ser línguas de anjos — conforme nos diz I Cor. 13:1 — então parece lógica a suposição de que podem ser inspiradas pelos anjos. Isso poderia fazer parte dos ministérios angelicais mencionados em Heb. 1:14. Os anjos poderiam, nesse caso, inspirar e usar os dons espirituais. Quiçá alguns de nossos homens mais poderosos sejam aqueles que possam manter-se próximos de seus anjos guardiães, recebendo deles o impulso.

4. Línguas sobrenaturais. O Espírito Santo pode inspirar línguas nos crentes, como um sinal para os incrédulos ou com propósitos didáticos, bem como para a edificação daquele que as fala.

C. Avaliação do fenômeno das línguas

1. Não há qualquer razão dogmática para pensarmos que as línguas e outras manifestações espirituais *tenham o propósito* de desaparecer da igreja cristã, no esquema divino, ou que tais manifestações não se revistam de grande valor na igreja moderna. Esse tipo de raciocínio parece ter-se derivado da tentativa de fazer nossas doutrinas *se adaptarem* àquilo que *praticamos atualmente*, e não àquilo que deveríamos ser e praticar em nossas igrejas. Sem dúvida, tal raciocínio representa um erro, por mais comum que seja o mesmo. Entretanto, os homens agem assim, até mesmo em relação às Escrituras, que os homens afirmam ser seu guia nas questões de fé e prática. Por exemplo, as Escrituras que versam sobre o estilo das vestes e do corte de cabelos das mulheres cristãs são variegadamente interpretadas, dependendo da *prática* que o intérprete particular *aceita* ou *tolera*. Se a esposa de um pregador qualquer usa cabelos curtos (contrariamente às recomendações de I Cor. 11:6,15), tal pregador geralmente expõe alguma explicação retorcida sobre esses versículos, preferindo passar adiante, apresentando razões vazias de sentido, ao passo que, se costuma praticar outras recomendações bíblicas, expõe uma interpretação clara sobre as mesmas. Nada existe de mais comum entre os homens, incluindo os evangélicos, do que fazer Deus e as Escrituras se conformarem àquilo que é praticado, e não a prática conformar-se àquilo que Deus e as Escrituras estipulam.

I Cor. 13:8 não serve de texto de prova de que as línguas pertenciam só a época apostólica. Ver ponto 8, a seguir. Este texto fala sobre a *Parousia*, não sobre o cânon do Novo Testamento.

2. No entanto, a busca indiscriminada e ignorante do fenômeno das línguas e de outros dons miraculosos, na igreja cristã, evidentemente abre o caminho para a *invasão* por parte de *espíritos estranhos* na igreja, o que tem convertido um grande segmento da mesma em centros espíritas tão-somente, enquanto os homens, ignorantemente, atribuem tudo quanto ali sucede à influência do Espírito Santo. Isso é evidenciado pelos seguintes fatores: a. a *baixa qualidade* dos dons, que com freqüência são inferiores àquilo que geralmente se aceitaria da parte de Deus; b. em muitos casos o fato óbvio de que a *possessão demoníaca* se tem tornado — um grave problema em tais igrejas, subentendo que os espíritos que inspiram ali o fenômeno das línguas, são os mesmos que precisam ser expulsos, posteriormente.

3. Não se há de duvidar que os crentes concordam

que as línguas e outros dons espirituais seriam *desejáveis* se fossem sempre verdadeiramente dados pelo Espírito Santo, conservados dentro dos seus limites apropriados, isto é, enfatizados, quanto à sua importância, na ordem das instruções do apóstolo Paulo, nos capítulos doze e treze de sua primeira epístola aos Coríntios. Como se conseguiria realizar isso, dentro da confusão e do ludíbrio provocado pelos espíritos malignos que evidentemente estão vinculados a essas manifestações, — se empenhando em confundir as mentes e as ações dos homens, é o verdadeiro problema, e não se o dom das línguas é uma experiência válida e possível.

4. Sob as atuais circunstâncias, é proposição extremamente dúbia aquela que assevera que o batismo do Espírito Santo *só* pode ser conferido através da experiência das línguas. O batismo do Espírito Santo, segundo ensina Paulo, destina-se a todos os crentes. Todos os crentes são possuidores da presença habitadora do Espírito, de conformidade com as afirmações desse apóstolo. (Ver I Cor. 12:12,13; João 3:3,6; I João 5:1; I Cor. 6:19; Rom. 8:9-15; I João 2:26; Gál. 4:6 e I João 2:20,27). Porém, se estivermos falando sobre a mesma experiência mística especial, que *capacita* os crentes a servirem ao Senhor, ou a aumentar sua percepção e utilidade espirituais, e chamarmos a isso de «batismo», o que é um emprego perfeitamente válido do termo, então é óbvio que nem todos os crentes são assim batizados. Além disso, o livro de Atos não indica dogmaticamente que a experiência do batismo do Espírito Santo é obrigatoriamente acompanhada pelo falar em línguas (apesar de ser fácil deduzir-se isso com base nas declarações do livro); e certamente tal doutrina não é claramente ensinada em qualquer das epístolas de Paulo. *Deus pode agir como quiser.* Se ele quiser encher e outorgar poder a alguém, de acordo com o estilo historiado no livro de Atos, pode fazer tal coisa; e quem poderia opor-se ou contradizer ao Senhor? E se ele quiser agir de outro modo no caso de alguns, está no direito de fazê-lo. O que dificilmente pode ser negado é que todos nós precisamos de experiências espirituais especiais e elevadas, de conformidade com a orientação do Espírito Santo, visando tanto a nossa purificação como o nosso fortalecimento espiritual.

5. Pode-se dizer que a posse do fenômeno das línguas é uma experiência disponível para muitos membros de igrejas evangélicas atuais, porquanto o fenômeno abunda por toda a parte. Porém, ter uma experiência válida do falar em línguas, *conferida pelo Espírito Santo*, talvez seja mais difícil e raro do que ousaríamos imaginar.

6. A interpretação que indica que a compleição do «cânon» do Novo Testamento eliminou a necessidade (e a realidade dos dons do Espírito para os tempos modernos) se baseia numa interpretação *errada* de I Cor. 13:10 (Mas, quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado). O exame honesto do contexto, mostrará que a *parousia* é o que é «perfeito», em suas obras, i.e. «a segunda vinda» de Cristo, quando «conhecerei plenamente, como também sou plenamente conhecido» (vs. 12 do mesmo capítulo). O «*cânon*» do Novo Testamento não se encontra entre os assuntos do capítulo. A observação de que os dons, no correr da história, desapareceram, não é um argumento dos livros sagrados, nem uma prova daquilo que «*deveria ter acontecido*». O próprio crescimento da igreja se baseia no uso dos dons segundo Efé. cap. 4. Isto implica que a igreja que precisa crescer, precisa dos dons.

7. Mas *praticamente* falando, por mais que observamos o atual movimento carismático, menos achamos que este movimento, *como um todo*, é inspirado por Deus. Tumultos e desordens dificilmente recomendam o movimento para nada falar sobre a óbvia influência maligna que muitos sofrem. Os dons miraculosos seriam desejáveis se fossem dados verdadeiramente pelo Espírito de Deus.

Conclusão

8. Embora não exista qualquer razão dogmática (como uma prova das Escrituras) para demonstrar que o dom das línguas deveria ter desaparecido da igreja, depois da era apostólica, achamos bem possível que o processo histórico espiritual tenha *ultrapassado* esta forma de expressão espiritual. I Cor. cap. 13 mostra que no tempo da *parousia* (segunda vinda de Cristo) os dons do Espírito — como manifestos no primeiro século — vão desaparecer, dando lugar para uma modalidade de espiritualidade mais elevada. Isto já pode ser o caso, em nossos tempos. Desde o princípio o dom das línguas se mostrou sujeito a uma variedade de abusos, e por causa disto, é possível que o Espírito não mais inspire este dom. Espíritos ainda podem dar estas inspirações e o espírito humano é capaz de inspirá-lo, sem a ajuda de qualquer força exterior. O problema não é se existe ou não o fenômeno das línguas. O fenômeno existe, a despeito de muitos casos de fraude. Mas a experiência do fenômeno não prova que é o Espírito Santo que inspira a prática. O fenômeno pode acompanhar uma esperiência espiritual válida e *poderosa*, ou pode ser fraudulenta ou fingida. Parte do movimento carismático representa o *oculto* na igreja, parte não. As línguas podem se originar de um truque *apto* de forças malignas, ou podem partir do próprio Espírito.

9. Que a igreja precisa dos dons espirituais é óbvio. Mas estes dons podem se manifestar sem o *modus operandi* do primeiro século, que sempre foi sujeito a muitos abusos.

10. No lugar de uma *restauração* de alguma coisa duvidosa, devemos preferir um *avanço* na nossa espiritualidade que preservará os dons espirituais, mas que evitará os abusos que tinham no primeiro século. Os dons podem se manifestar sem línguas e profecias. Eles podem ser os meios de uma transformação radical da própria alma, fazendo a pessoa mais útil no seu serviço na comunidade.

11. O movimento carismático é por demais complexo para receber uma única explicação. Estamos observando o bem e o mal neste movimento: estes dois princípios estão ativos nele. Precisamos julgar cada caso individualmente. Mas o movimento *como um todo* não me impressiona como se fosse uma grande obra do Espírito.

IV. O Batismo do Espírito de I Coríntios 12:1.

Pois em um só Espírito fomos todos nós batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres; e a todos nós foi dado beber de um só Espírito.

A. Declaração.

Do que Consiste o Batismo Referido Neste Texto?

1. Não se trata do batismo que infunde poder, aludido em Atos 2:4.

2. Não é a mesma coisa que o *batismo espiritual* de Rom. 6:3, o qual fala da identificação espiritual com Cristo, em sua morte e vida ressurrecta.

3. Não é idêntico ao batismo *em água* (que vide).

4. Também não é o batismo em água como *sacramento*. Não há poderes regeneradores no batismo em água (ver as notas sobre isso, em Atos 2:38).

5. Antes, é o poder do Espírito, *o qual une a todos os homens*, sem importar sua raça ou estado anterior, escravos ou livres, pagãos ou santos, moldando-os em um só corpo. A influência do Espírito é que os *transforma e une*, conferindo-lhes uma mentalidade espiritual e um só estado metafísico. Faz deles uma só entidade espiritual.

a. Esse ato do Espírito é retratado como «imersão» em um «elemento comum», da mesma maneira que, no batismo em água o indivíduo é imerso em água literal. Essa imersão fala de «saturação». Todos aqueles que são assim batizados ficam sob a influência do Espírito, sob seu poder e suas graças.

b. Essa imersão faz Cristo tornar-se o Senhor de todos, a Pessoa em redor de quem todos estão reunidos.

c. Todos os indivíduos em quem o Espírito habita, são realmente convertidos (ver Rom. 8:9 e I Cor. 6:19). Isso lhes proporciona uma espiritualidade comum. Esse é um elemento necessário nesse batismo de união.

B. Detalhes.

Qual é o batismo referido neste texto? Existe aquele poder unificador do Espírito Santo, o qual habita em todos os crentes. (Ver Rom. 8:9 e I Cor. 6:19). Sua influência geral e preenchimento da igreja cristã inteira se chama de «batismo», porquanto nisso os crentes são imersos e completamente cobertos, tal como se verifica no caso do batismo em água. No Espírito há influência. Isso envolve todos os membros. E deve-se dizer que alguns supostos membros, que não são assim «batizados», não são convertidos a Cristo sob hipótese alguma. Esse batismo derruba por terra as fronteiras humanas ordinárias, criadas por diferenças de raça e de posição social; tornando todos os membros dotados de um só espírito, de uma só mente, de um só propósito, de um único destino, pertencentes todos ao mesmo Senhor, estando todos igualmente no processo da transformação segundo a sua imagem. Portanto, a unidade orgânica se faz completa, e o corpo começa a assumir a natureza de Cristo, aquilo que o cabeça exige do mesmo. Por causa da imersão no único Espírito, da influência e do poder de sua operação, é criada uma unidade essencial, tanto como fato quanto como expressão. Mas, onde falta isso, pode-se duvidar que houve qualquer batismo.

A interpretação *sacramental* desta passagem deve ser rejeitada. O *batismo* aqui aludido não é o batismo em água, e nem nas Escrituras há qualquer pensamento de que o batismo em água confira o Espírito. (Ver notas expositivas, no NTI, sobre o fato de que o batismo não é a fonte do dom do Espírito, ver Atos 2:38). Paulo sempre se mostrou um místico; e suas doutrinas sempre foram místicas, e não de natureza sacramental. Naturalmente, a menção de «batismo» leva-nos a pensar em água; e isso propositadamente, a fim de ilustrar a verdade focalizada com a natureza daquele rito. Por semelhante modo, a idéia de «beber de um Espírito» bem poderia ser uma alusão à Ceia do Senhor. Mas Paulo, de forma alguma dizia que esses *sinais externos* realmente transmitem as verdades simbolizadas. Assim é que um crente poderia passar eternamente sem batismo em água e sem participar da Ceia do Senhor, e continuar possuindo as coisas ali simbolizadas, a saber, a união no Espírito, com sua influência e permanência, e o seu poder transformador, que produz Cristo no íntimo. Mas tudo isso ocorre através de meios místicos, e nunca sacramentais.

BATISMO ESPIRITUAL

Temos diante de nós o **tema central** do sexto capítulo de Rom., aquele que promete a vitória sobre o pecado, a saber, o tema do *batismo espiritual*.

O batismo espiritual consiste da união espiritual com Cristo, em sua morte e ressurreição, juntamente com tudo quanto isso significa para o homem. O batismo espiritual é a «realidade simbolizada», da qual o batismo em água é o «sinal» ou símbolo externo e físico.

A fé não é uma fantasia ou uma crença cega, sem base alguma nos «fatos». Antes, une-se ao poder espiritual e vivo; e o conceito do *batismo espiritual* diz-nos «como» isso sucede.

Já declaramos, de modo geral do que consiste o batismo espiritual. Façamos agora algumas adições a isso, esclarecendo tais conceitos de maneira ainda mais específica:

O que o batismo espiritual não é:

1. *Não é a justificação*. Paulo deixa o tema de justificação no quinto capítulo desta epístola, embora, conforme mostram as notas expositivas sobre Rom. 3:24,26, a justificação não consiste apenas da declaração forense de posição aceitável diante de Deus; antes, isso envolve a semente viva daquilo que denominamos de «santificação», a saber, a glorificação. (Ver as notas expositivas em Rom. 3:24 no NTI quanto a esclarecimentos sobre essa questão). O batismo espiritual inclui a justificação mas é uma realidade mais ampla.

2. A mais comum interpretação «não-sacramental» do batismo, no sexto capítulo da epístola aos Romanos, consiste em identificá-lo com o batismo do Espírito Santo, referido em I Cor. 12:12,13. Mas aquele batismo, que consiste em «união de judeus e gentios», formando o único corpo de Cristo, não é o tema do sexto capítulo da epístola aos Romanos. A leitura das notas anteriores, onde o «batismo espiritual» é caracterizado de forma geral, nos convencerá de que o conceito do batismo espiritual é muito mais amplo e extenso do que a idéia da «união» dentro do corpo de Cristo. Naturalmente, esses conceitos estão relacionados entre si e se justapõem. Mas o batismo espiritual envolve muito mais, teológica e experimentalmente, do que o batismo que «une em um corpo» a todos os crentes.

3. Estritamente falando, não é a mesma coisa que a *regeneração*, que está em foco no sexto capítulo da epístola aos Romanos. Contudo, a regeneração é uma idéia tão *lata* que, naturalmente, inclui aspectos do que se poderia chamar de batismo espiritual; de fato, esse conceito é tão amplo que inclui quase todas as doutrinas cristãs. A fé, o arrependimento, a conversão e a glorificação são todas idéias que naturalmente fazem parte da «regeneração», porque isso subentende não apenas o passo «inicial» da conversão, mas também tudo quanto está envolvido em nossos seres, nascidos nas esferas celestiais como filhos de Deus, para participarmos da glória do Filho. Portanto, o batismo espiritual não pode ser separado do conceito da regeneração; mas faz parte da mesma. Ou então é uma diferente maneira de contemplar essa realidade, embora expresse os mesmos conceitos gerais.

4. O batismo espiritual não é a *presença habitadora do Espírito*. Mas essa presença é a *força ativa* que possibilita a união com Cristo, em sua morte e ressurreição. Poderíamos expressar a relação entre a presença habitadora do Espírito e o batismo espiritual, afirmando que essa presença é o «modus operandi» do batismo referido no sexto capítulo da epístola aos Romanos.

5. O batismo espiritual, tema que está diante de nós, neste sexto capítulo também não é a mesma coisa que o batismo *em água*. O batismo em água de modo algum poderia efetuar aquilo que Paulo diz ser realizado pela união com Cristo. Naturalmente, o batismo em água está bem definidamente em foco, neste capítulo. Pois este é o «sinal» simbólico do batismo espiritual, o qual é a «realidade simbolizada». O batismo em água aponta, em simbolismo vívido, os dois principais aspectos da nossa união espiritual com Cristo: a união em sua morte (a descida para a água, como se fora um sepulcro), e a união em sua nova vida (a saída da água, como se fora uma vida nova, que escapa do sepulcro). Alguns intérpretes ficam muito aquém do sentido tencionado neste capítulo, ao deixarem entendido ou mesmo declararem abertamente, que a ordenança do batismo «comunica» graça ao participante. Essa é a posição da «religião sacramental», a qual é tão errada quanto a «religião legalista», embora seja óbvio que muitos homens bons e santos tenham sido «sacramentalistas».

Os **teólogos sacramentalistas**, porém, evitam os excessos dos cristãos comuns de tendências sacramentalistas. Procuram evitar qualquer implicação do que é «mágico», como se tivesse isso, poder espiritual. Antes, o Espírito Santo, ao contemplar a obediência do batizando, confere-lhe as graças espirituais necessárias, embora não transmita sua graça para aqueles que repelem o batismo em água. Exceções a isso são possíveis quando o ato do batismo em água é impossível, como se deu no caso do ladrão arrependido, na cruz. Essa espécie de «sacramentalismo», na realidade é uma forma de «misticismo», contra o que não podemos levantar objeções violentas, a não ser salientar que fazer depender a transmissão das graças divinas, pelo Espírito Santo, a qualquer ato físico, como o do batismo em água, certamente não concorda com a teologia paulina em geral. Nas notas abaixo, procuramos dar uma explanação sobre o *significado do batismo*; e o leitor é convidado a examinar essas notas expositivas. (Ver também as notas expositivas sobre Atos 2:38 no NTI quanto a comentários adicionais sobre a «dificuldade sacramentalista»).

O grande sacramento do judaísmo era a circuncisão; e Paulo a equipara, de modo geral, com o batismo cristão, em Col. 2:11,12. Contudo, o segundo capítulo da epístola aos Romanos mostra-nos que o «sinal externo», ato físico, não é a verdadeira circuncisão (ver Rom. 2:28,29). A verdadeira circuncisão é a «operação espiritual», efetuada sobre a alma. Portanto, o «batismo em água» não é o batismo real, embora certamente seja seu *símbolo*, tal como a circuncisão física era o sinal da operação espiritual, no A.T., sinal de que alguém fora separado para Deus e purificado de sua velha natureza. O exame cuidadoso do trecho de Atos 15:6 e *ss* no NTI, e a consulta às notas expositivas naquele ponto, deverá ser o suficiente para convencer o leitor que apesar dos sacramentos e ritos poderem ser símbolos e veículos apropriados da fé cristã, não podem ser sua substância, e nem podem participar dessa substância. A fé paulina não é nem «legalista» e nem «sacramentalista», e, sim, «mística». Em outras palavras, as realidades da fé cristã são transmitidas mediante o contacto da alma com o Espírito de Deus. Assim, pois, apesar deste capítulo envolver definidamente o batismo em água, a verdade é que a grande vitória sobre o pecado e a participação na vida ressurrecta de Cristo não são atribuídas a isso, e, sim, àquilo que o batismo em água simboliza, isto é, o «batismo espiritual».

6. O batismo espiritual não consiste da mera *identificação federal* com Cristo, contida na declaração forense divina. O batismo espiritual é muito mais que a «imputação forense». Também envolve isso, mas inclui a «transmissão» de uma experiência real, que comunica tudo quanto é forensicamente imputado.

7. O batismo espiritual não se limita ao processo da *santificação*. Mas é verdade que o batismo espiritual *deve incluir* a santificação, porquanto, no capítulo à nossa frente, esse batismo é muito envolvido na «feitura» de homens santos; e é a isso que chamamos de santificação. Ver I Tes. 4:3 quanto à nota de sumário sobre a «santificação» no NTI. Ver também o artigo sobre *Santificação*.

Do que consiste o batismo espiritual?

1. *Sua definição básica*. O batismo espiritual é a «coisa simbolizada» pelo «sinal» do batismo em água. É a participação mística em tudo quanto está envolvido na morte e na ressurreição de Cristo. Envolve o processo de «espiritualização» do Espírito Santo, dentro do que, antes de tudo, ele transforma as nossas naturezas morais, para que venhamos a participar da vitória de Cristo sobre o pecado; e, em segundo lugar, é aquela transformação da natureza básica que nos leva a participar, de maneira bem literal, na própria forma de vida e na natureza de Cristo. Desse modo, tudo quanto a ressurreição e a glorificação de Cristo indicam e podem efetuar potencialmente, é conferido aos remidos.

2. A fim de sermos ajudados em nossa compreensão sobre o «batismo espiritual», notemos os «níveis de conceito do batismo»:

a. O ponto de vista físico-literal-mágico. Não nas explicações teológicas, mas nas explanações «amadorísticas», alguns cristãos sacramentalistas expõem um conceito que nada é senão uma forma de mágica. Supõem eles que, de alguma maneira, a água literal do batismo está carregada de poder divino; e assim, de forma «mágica» (embora nunca empreguem esse vocábulo), quando alguém entra em contacto com essa água muito especial, ocorrem transformações espirituais em seu ser, ou, pelo menos, a alma é beneficiada, devido ao reconhecimento dado por Deus.

b. Indivíduos sacramentalistas de idéias mais sofisticadas deixam de lado o conceito «mágico», mas insistem que, sem o batismo literal, em água, não podem ser transmitidas pelo Espírito as graças divinas, como a da regeneração. Nossas objeções a esse ponto de vista têm sido esboçadas nas notas expositivas acima.

c. O ponto de vista *simbólico-místico* do batismo. Este artigo defende a idéia de que o batismo em água é um «símbolo» da comunhão mística interior do Espírito de Deus com a alma remida. O batismo real, tal como a circuncisão verdadeira, é a operação feita sobre a alma, nada tendo a ver com o corpo. É aquilo que o Espírito Santo faz à alma e em benefício dela—identificando-a com Cristo, em sua morte e ressurreição. Já que o batismo místico começa na fé e na conversão, as suas operações *antecedem* ao sinal simbólico, e existem separadamente do mesmo. O «sinal» se cumpre no batismo em água, não a fim de pôr em processo o movimento do batismo espiritual, mas a fim de declarar pública e particularmente, que Cristo é agora o Senhor da vida daquela pessoa.

A comunhão mística da alma humana com o Espírito *divino* faz o homem participar na *natureza divina*, II Pe. 1:4.

d. Porém, se o Pai e o Filho participam infinitamente dessa forma de vida, com sua natureza e atributos, os filhos de Deus participam disso de modo *finito*. E isso significa que apesar dos filhos terem a mesma natureza do Filho, isto é, o mesmo «tipo» de natureza (exaltados muito acima da natureza angelical, por exemplo), a *extensão* em que participam disso é bem menor. Assim deverá ser para sempre, ainda que a própria eternidade sirva de meio para ir diminuindo essa diferença. O «batismo espiritual», pois, ensina-nos que devemos participar da vida de Cristo. E aqui estamos explicando o quanto está envolvido nisso. Trata-se de uma glorificação eterna, pois a ressurreição será o começo da glorificação. As notas expositivas sobre Atos 2:32,33 no NTI mostram que a menção da ressurreição, no N.T., quase sempre antecipa a glorificação subseqüente. Ver o artigo sobre a *Glorificação*.

e. Se mergulharmos um vaso no oceano, não poderá conter o oceano, mas antes, o oceano o conterá. Mas poderíamos ir aumentando as dimensões do vaso, para que vá contendo porção cada vez maior das águas do oceano. Imaginemos que esse vaso tenha a mesma natureza do oceano. O vaso poderá ir aumentando eternamente de tamanho, contendo mais e mais do oceano. Desse modo, terá a natureza do oceano, mas também irá sendo cheio do oceano. É isso que nos ensina o trecho de Efé. 3:19, de maneira não metafórica. É isso que está envolvido no lado positivo do «batismo espiritual», do ponto de vista de «longa distância».

f. *A vida ressurrecta*, por conseguinte, envolve a «transformação moral»,um viver segundo os «valores celestes», um viver conforme a inspiração celeste, já que a vida ressurrecta é a modalidade de vida que existe nas esferas celestiais. Todavia, a vida ressurrecta é, igualmente, a atual espiritualização da alma humana, e não apenas aquela imensa glorificação que ocorrerá nos mundos eternos. E tudo isso é operação do Espírito Santo, mediante seu contacto direto com a alma remida, ou seja, trata-se de *um processo místico*.

3. Prosseguindo agora, armados de uma descrição específica do que está envolvido no «batismo espiritual», salientamos que, antes de tudo, isso envolve a participação em tudo quanto é salientado na morte de Cristo, porquanto «fomos sepultados com ele».

a. Tudo quanto está envolvido na expiação (que vide), no sangue de Cristo, entra aqui em foco. Trata-se da correta posição «forense» em Cristo, mediante um decreto divino; mas também é a operação da santidade em nós, de tal maneira que a «correta posição» se torna real na experiência do crente. Portanto, envolve a «justificação», e a «santificação». Por meio da morte de Cristo vêm os meios de santificação (ver I João 1:9).

b. A morte de Cristo destruiu parcialmente, como um fato real e presente, embora tenha destruído completamente, em sentido potencial, os poderes do reino de Satanás, que são os poderes da maldade, ver Cor. 2:15.

c. A morte de Cristo destruiu o poder da lei sobre nós, como uma autoridade condenadora. Rom. 8:2 e Col. 2:14.

d. A morte de Cristo proporciona-nos *os meios da comunhão* positiva com o Senhor Deus, o que conduz à santidade e à correta exposição diante dele, por causa daquilo que somos, e não meramente por causa daquilo que Deus declara forensemente em nosso favor. (Ver Col. 1:20-22).

e. Os «meios» ou o «*modus operandi*», que torna real para nós, tudo quanto está envolvido na morte de Cristo, são a presença habitadora e o poder transformador do Espírito Santo. Isso significa que aquilo que é dito aqui foi exposto para mostrar que a morte de Cristo é muito mais que um mero «motivo» para vivermos na santidade. Certamente, com base na gratidão pelo amor de Deus, haveremos de «esforçar-nos na direção da santidade». Mas a união mística na morte de Cristo é muito mais que uma questão de motivação. Antes, o Espírito Santo, que em nós vem habitar, transforma nossa natureza moral, levando-nos a ser santos, a vivermos vitoriosamente sobre o pecado. Ele é a tábua da lei, escrita sobre o coração (ver II Cor. 3:3). Ele é o meio espiritual da santificação (ver II Tes. 2:13). Ele é a força que nos propicia a própria natureza de Cristo, e portanto, todas as suas vitórias e a sua própria glória (ver II Cor. 3:18). Dizendo a mesma coisa, de maneira bem simples, podemos afirmar que ele faz com que deixemos de ser o que somos, e começa a tornar-nos semelhantes a ele. Finalmente, ele duplica em nós a própria natureza de Cristo, moral e metafisicamente. A morte separa a nossa relação com o mundo; e assim também, a morte «com Cristo» põe fim à nossa lealdade ao sistema deste mundo, porquanto ficamos mortos para o mesmo.

4. Mas o batismo espiritual também tem aspectos *positivos*—é a participação na vida ressurrecta de Cristo. Somos soerguidos a uma vida nova, e a nossa lealdade se centraliza, então, nos lugares celestiais.

a. Trata-se de *algo moral*. (Ver Col. 3:1 e *ss*). Moralmente, chegamos a participar dos próprios atributos e das perfeições de Deus (ver Mat. 5:48 e Heb. 12:14), conforme estão investidos em Cristo (ver Gál. 5:22,23). O Espírito Santo também é o agente desse processo (ver II Cor. 3:18). Se participarmos dos atributos morais de Cristo, só poderemos fazê-lo participando da natureza moral mesma de Jesus Cristo. O Espírito está duplicando Cristo em nós, pois somos filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória (ver Heb. 2:10). Essa duplicação deve ser de natureza moral, pois somente a própria retidão divina, compartilhada pelos remidos, poderá habitar nos céus (ver Rom. 3:25).

b. Mas é algo mais do que moral, é algo *metafísico*. Chegamos a participar da própria natureza metafísica de Cristo (ver Rom. 8:29). A potencialidade dessa participação é infinita, pelo que o processo será contínuo e eterno. Seremos cheios de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10), tal como o próprio Cristo. Isso indica a participação na «natureza divina», de maneira perfeitamente real, e não apenas figurada (ver II Ped. 1:4).

c. Haveremos de participar da mesma «forma de vida» que tem Deus, através do Filho, o qual, na qualidade de homem, foi o primeiro a receber tal modalidade de vida, por ser o Cabeça federal da raça remida. (Ver João 5:25,26 e 6:57 que esclarecem esse conceito).

BATISMO INFANTIL

Este artigo está dividido em duas seções principais: Argumentos favoráveis e argumentos contrários ao batismo infantil.

Argumentos Favoráveis:

1. Argumentos com base bíblica

Desde tempos remotos, infantes eram batizados na Igreja cristã. É até mesmo possível que tal prática fosse praticada desde o começo do cristianismo, pelo

menos em alguns lugares. É verdade que é impossível a obtenção de informações detalhadas e exatas sobre a questão. Se procurarmos achar uma base bíblica para essa prática, poderíamos usar Marcos 10:14, que diz: «Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porque de tais é o reino de Deus». Além disso, há casos de batismos de famílias inteiras, que poderiam incluir infantes, conforme se vê em Atos 16:31 *ss* e I Coríntios 1:16. O batismo cristão tem alguns paralelos nos pactos noaico, mosaico e abraâmico, o que é discutido no artigo geral *Batismo*, sob «11», letras «j», «l» e «m». É de presumir-se que essas famílias incluíam os infantes, os quais deviam ter sido batizados, porque aqueles pactos certamente incluíam famílias inteiras. Destaca-se acima de tudo a circuncisão, sinal do pacto abraâmico. O trecho de Colossenses 2:11 *ss* estabelece o paralelo entre a circuncisão e o batismo. Se a circuncisão envolvia crianças, por que não o batismo? A aceitação de infantes, no batismo cristão, pode ser subentendido em textos como Mateus 18:3: «Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus».

2. Argumentos com base histórica

Há evidências conclusivas de que pelo menos no segundo século cristão estava sendo praticado o batismo infantil. Orígenes (185-253 D.C.) aludiu ao batismo infantil como prática generalizada da Igreja, afirmando que a mesma havia sido ensinada pelos apóstolos. «Por essa razão, a Igreja recebeu uma tradição, da parte dos apóstolos, para aplicar o batismo até mesmo a infantes». Tertuliano (160-240 D.C.) opunha-se à prática do batismo infantil, achando ser mais conveniente adiar o batismo até mais tarde na vida, a fim de que os pecados cometidos na vida adulta pudessem ser lavados. Naturalmente, no caso de Tertuliano encontramos grande exagero quanto às funções do batismo. Justino Mártir, em sua Apologia (138 D.C.), relaciona a circuncisão ao batismo, e, como é evidente, era favorável ao batismo de infantes. É razoável supor que visto que o batismo estava assim relacionado à circuncisão, desde os tempos neotestamentários (ver Col. 2:11 *ss*)—embora os apóstolos não nos dêem qualquer informação direta a respeito—muitos cristãos batizavam infantes, da mesma maneira que os judeus circuncidavam os mesmos, embora só disponhamos de citações de pais da Igreja, em apoio à doutrina do batismo de infantes.

3. Argumentos com base teológica

Esses argumentos são os seguintes:

a. O argumento do interesse de Jesus pelas crianças, conforme se lê em Marcos 10:14 e Mateus 18:3.

b. Os argumentos baseados na Bíblia, dados acima, que foram acolhidos por certos sistemas teológicos.

c. O argumento baseado na idéia geral dos pactos, que nos permitem entender que Deus cuida da família inteira de um homem, fazendo provisão em favor da mesma, e não apenas em favor dos crentes adultos.

d. A relação do pacto encoraja os pais a orientarem seus filhos no caminho certo, e o ato do batismo faz parte desse pacto.

e. Aqueles que acreditam na *regeneração batismal* têm aí um argumento importantíssimo em favor do batismo infantil, porquanto é de extrema importância que as crianças recebam as vantagens da graça de Deus, tendo em vista o bem-estar de suas almas eternas.

f. O princípio geral da graça divina parece indicar que Deus cuida dos infantes, e não apenas dos adultos, e que, através do batismo, os infantes chegam a fazer parte do novo pacto. O amor de Deus garante benefícios às crianças, e o batismo é um sinal do amor de Deus ao indivíduo, desde a mais tenra idade.

Argumentos Contrários:

1. Argumentos com base bíblica

Contrariamente aos argumentos expostos acima, afirmamos que textos como Marcos 10:14 e Mateus 18:3 nada dizem sobre o batismo. Só aqueles que querem encontrar apoio bíblico de qualquer maneira para sua doutrina de batismo infantil podem alicerçar-se sobre trechos assim. Há, realmente, certo paralelo entre os antigos pactos e o batismo, mas isso não nos autoriza inferir sobre o batismo infantil. O paralelo entre o batismo e a circuncisão, em Colossenses 2:11 *ss* é absoluto; mas devemos tomar cuidado para não injetar no texto aquilo que ele não diz, percebendo o que ele realmente diz. O que está em foco no texto é a santificação, pondo de lado a antiga vida pecaminosa, como também a participação na nova vida espiritual, coisas essas que certamente dizem respeito a adultos convertidos, e não a infantes. Também é verdade que o Novo Testamento alude a certos casos de batismo de famílias inteiras; mas não há menção a nenhum caso de batismo de infantes. No cristianismo primitivo só eram batizadas pessoas que pudessem «crer», após terem ouvido a exposição da Palavra de Deus. O que significa isso, senão que o batismo sempre foi aplicado a pessoas convertidas? Eram batizadas pessoas com idade suficiente para tomarem decisão, diante do evangelho, no tocante às suas condições espirituais. (Ver o artigo sobre o *Batismo de Crentes*, quanto à confirmação dessa observação).

2. Argumentos com base histórica

É verdade que nos escritos dos chamados pais da Igreja há citações favoráveis ao batismo infantil. Mas, até que ponto esses escritos são fidedignos? Se, por exemplo, Orígenes sabia que os apóstolos aprovavam o batismo de infantes, por qual razão não citou algum trecho apostólico em confirmação? Replicamos que é muito mais seguro basearmos nossas doutrinas sobre declarações expressas da Bíblia do que sobre citações duvidosas de qualquer pai da Igreja. Digamos que, por analogia, os apóstolos tivessem batizado infantes (embora não haja qualquer registro bíblico a esse respeito). Nesse caso, indagaríamos: Os apóstolos estavam com a razão ao assim proceder? Será necessário supormos que os apóstolos nunca erraram? Então por que Paulo teve de repreender publicamente a Pedro? (Ver Gál. 2:11—14). Uma vez mais, é muito mais seguro alicerçarmos nossas doutrinas sobre a Palavra escrita. E a Palavra ensina que o batismo deve ser aplicado somente a convertidos. Quando os fariseus e os saduceus quiseram ser batizados, sem terem se convertido, o Batista recusou-se a aceitá-los, dizendo: «Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, fruto digno do arrependimento...» (Mat. 3:7,8). Portanto, fiquemos com a Palavra escrita, e não com supostas práticas apostólicas, *se* o batismo de infantes fazia parte da mesma. Mas, enquanto não se puder provar o ponto pelas Escrituras, o batismo infantil terá de permanecer no terreno das meras conjecturas.

3. Argumentos com base teológica

Há alguma força nesses argumentos; mas muito menos do que seus defensores supõem, porquanto a força verifica-se mais na mente dos advogados do batismo infantil do que na teologia propriamente dita. Para tanto, eles precisam aplicar vários

argumentos racionalistas, fazendo aplicações desnecessárias, a fim de tentarem encontrar apoio à sua posição. É perigoso substituir as claras instruções da Bíblia por meras especulações teológicas. Quase qualquer argumento poderá ser consubstanciado, se apelarmos para esses sofismas. Permanece de pé o fato bíblico de que o batismo em água sempre era aplicado a pessoas convertidas, após ouvirem a exposição do evangelho da graça. Qualquer coisa que ultrapasse disso é interpretação maculada por grande série de dúvidas. A honestidade na exegese nos força a repelir qualquer opinião que não possa ser claramente defendida com a Bíblia aberta.

BATISMO JUDAICO

A forma nominal **baptismós** é usada no original grego, em Heb. 9:10, para indicar as muitas «abluções» dos judeus, em suas cerimônias religiosas. Todavia, tais ablusões nada têm a ver com o batismo cristão. Antes, os judeus batizavam os gentios que tinham se convertidos ao judaísmo, aos quais chamavam de «prosélitos». Duas coisas eram exigidas dos gentios prosélitos. Em primeiro lugar, precisavam receber o sinal do pacto abraâmico, a circuncisão. Isso simbolizava a remoção da carne ímpia. Em segundo lugar, precisavam ser batizados. Os convertidos imergiam-se totalmente na água, indicando que estavam passando por uma completa purificação dos pecados próprios do paganismo. Enquanto os gentios faziam isso, dois judeus ficavam do lado de fora do recinto fechado por cortinas, onde o batismo estava tendo lugar, recitando passagens da Tora (lei ou Pentateuco). Isso significava que aqueles gentios estavam se submetendo aos preceitos da lei mosaica como novo padrão de sua conduta. A partir daquele instante, quem assim fizesse tornava-se parte da comunidade judaica, apesar do fato de que não era descendente direto de Abraão. (AM)

BATISMO LEIGO

De acordo com a doutrina católica romana, qualquer pessoa leiga pode batizar de modo válido, e de fato, está na obrigação de fazê-lo, em ocasiões de emergência, quando o clérigo a quem compete fazê-lo não se achar presente. Um caso de emergência seria a morte próxima de uma pessoa, que ainda não fora batizada. Essa doutrina é tão liberal que afirma que até mesmo não-católicos podem batizar legitimamente, contanto que tal pessoa tenha a intenção de batizar segundo o espírito católico, ou seja, como um católico faria, se estivesse disponível. De acordo com a doutrina romanista, a água é derramada sobre a cabeça do batizando, ao mesmo tempo em que são repetidas as palavras: «Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo».

Também há um batismo leigo não-católico, entre aqueles grupos que não dispõem de qualquer clero formal, e, portanto, não têm ministros encarregados da função distintiva de cumprir os ritos litúrgicos, entre outros deveres clericais. O próprio Novo Testamento não nos fornece exemplos de batismo válido, exceto no sentido de que um *ancião* ou pastor da igreja local o administre, a despeito do fato de que talvez não seja um ministro pago. Nesse sentido, tal pastor é um leigo, porquanto não recebe salário de sua congregação. Porém, desde tempos antigos, quando não estavam presentes ministros do evangelho, sempre houve o chamado batismo leigo. Tertuliano defendia essa prática, com base na idéia de que o sacramento é mais importante que a ordem que o governa, pelo que a ordem pode ser ignorada em ocasiões emergenciais. Naturalmente, isso já reflete um sacramentalismo incipiente. Lutero aprovou tal prática, com base no exercício do sacerdócio de todos os crentes. Porém, as igrejas reformadas, de modo geral, não têm encorajado tal costume, e, em algumas denominações cristãs a prática é ativamente suprimida, como algo contrário à ordem neotestamentária. O batismo de nascituros, por parte das parteiras, á ali especialmente criticado. A prática foi intensamente debatida na Igreja Anglicana, até ter sido eventualmente descontinuada, após a Conferência de Hampton Court, em 1604. Ver sobre o *Batismo Infantil* e sobre a *Regeneração Batismal*.

BATISMO NÃO-CRISTÃO

A eficácia da água como agente purificador levou a seu uso cerimonial como meio de remover o contágio adquirido mediante o contato com substâncias perigosas, como o sangue, a morte e coisas proibidas. Por extensão, o contágio das falhas morais e do pecado seria removido pelo batismo ritual e religioso. Os ritos batismais dividem-se em três categorias: a. Infantil, usualmente associado à outorga de um nome próprio; b. de adolescentes, como parte da cerimônia tribal de iniciação (ver o artigo); e c. de adultos, como admissão aos privilégios de alguma religião ou como um rito de iniciação ou consagração. O líquido batismal usualmente era a água, mas, em alguns lugares também eram usados fluidos como sangue, vinho, azeite, mel, saliva ou urina de vaca. Os modos de aplicação incluíam a imersão, a lavagem e o derramamento. Entre os tibetanos e budistas pratica-se a imersão trina. Usualmente, o rito é realizado por um sacerdote ou oficial religioso qualquer, embora, algumas vezes, o pai de uma família ou o chefe de uma aldeia aja como batizador. No caso de infantil, supõe-se que as impurezas próprias do nascimento são removidas, e que isso dá proteção contra forças malignas de vários tipos. O processo de doação de um nome próprio, ligado ao rito, identifica a criança como um membro legítimo da comunidade, pondo-a debaixo da proteção do clã e da família, bem como uma pessoa a quem os deuses da comunidade devem resguardar. O batismo por ocasião da puberdade assinala o fim da meninice e o início das responsabilidades da vida adulta. Essa iniciação é uma espécie de segundo nascimento, sendo considerado como início de um novo tipo de vida. Algumas vezes, incluía o recebimento de um novo nome.

As religiões misteriosas (ver o artigo a respeito), como a eleusiana, a órfica, a mitraica, a egípcia e a síria requeriam o batismo para que fosse lavado o mal moral, como preparação para participação nos ritos religiosos, mediante os quais o deus da comunidade era procurado. O alvo final de todas essas religiões misteriosas era a imortalidade. Portanto, algumas vezes esses batismos simbolizavam a morte para a vida antiga e a vida para uma nova vida. Naturalmente, vemos paralelos disso tanto no batismo judaico quanto no batismo cristão. (AM E)

BATISMO PELOS MORTOS

I Cor. 15:29: *De outra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos? Se absolutamente os mortos não ressuscitam, por que então se batizam por eles?*

Batismo pelos mortos.

O Batismo vicário? Batismo em favor dos mortos? O simples fraseado deste texto parece indicar somente que, em Corinto, com aprovação ou não do apóstolo,

havia alguns que tinham dado início à prática do batismo pelos mortos, sem dúvida alguma pensando que tal rito teria algum mérito e que beneficiaria a salvação pessoal de certos indivíduos que já haviam falecido. Os intérpretes que procuram encontrar alguma outra significação, fazem-no ou à base da tese que essa prática era uma «superstição», que não poderia ter-se originado em uma igreja que Paulo iniciara, ou então, devido à ausência de evidências históricas, procuram mostrar que, naqueles tempos remotos, de fato existia tal prática.

Esse tema (isolado no N.T., pois aparece somente em I Cor. 15:29), tem provocado muita e intensa discussão. J.W. Horsley, Newbery House Magazine, Junho de 1890, alistou trinta e seis diferentes explicações. Neste ponto, examinamos onze dessas possíveis explicações.

1. Alguns estudiosos pensam que está em vista o batismo cristão ordinário, e interpretam as palavras «...por causa dos mortos...» no sentido «a interesse da ressurreição dos mortos»; isto é, na expectativa da ressurreição. Mas o original grego não pode incluir tal significado. Pois o que faríamos com a palavra grega «uper» e com o artigo «oi», isto é, «os batizandos», o que parece apontar para um grupo distinto de pessoas, atarefadas nesse rito, pessoas essas que eram excepcionais? A palavra *mortos* significaria, nesse caso «a ressurreição dos mortos». Grande número dos primeiros intérpretes do grego pensavam que essa opinião é a correta, mas mesmo assim ela não convence.

2. Outros eruditos têm pensado que pessoas pagãs, que conheciam cristãos que haviam falecido, «em respeito a elas», como que para confirmar a sua fé, quando se convertiam se submetiam ao batismo (assim se tornando crentes reconhecidos), como se fosse um gesto de confirmação da fé de seus amigos ou parentes. Assim sendo, teríamos de pensar no batismo cristão comum, embora efetuado com propósitos especiais de comemoração. Podemos supor, neste caso, que tais crentes, que haviam falecido, tinham estado especialmente interessados pela conversão daqueles que agora se batizavam; e, por causa desse interesse, os batizandos honravam-nos com esse batismo «por causa» dos mortos. Essa explicação parece harmonizar-se bem com o texto grego, mas é altamente especulativa.

3. As palavras aqui traduzidas como *por causa dos mortos*, também têm sido compreendidas no sentido de «preencher o número» daqueles que já haviam falecido; ou então no sentido de «preencher o lugar vago na igreja», deixado por tais pessoas mortas. Assim sendo, o batismo cristão ordinário estaria novamente em foco, embora aqui deva ser compreendido como um meio para multiplicar o número dos membros da igreja. Assim, estas pessoas preencheriam as vagas produzidas pelos falecimentos. Porém, essa interpretação também é improvável.

4. Uma outra opinião é aquela que diz que crentes vivos eram batizados em lugar de crentes mortos, os quais, por alguma razão desconhecida, não haviam sido batizados em água, embora crentes. É possível que alguns desses crentes tivessem falecido repentinamente, devido a alguma praga ou outra ocorrência funesta, não tendo tido oportunidade de se batizarem. Esta quarta interpretação é mais provável do que as três primeiras, mas dificilmente reflete ela a plena extensão dessa prática.

5. Alguns supõem que o *batismo*, neste caso, equivale a *martírio*, e que teríamos aqui um «batismo de sangue». E os crentes que tivessem passado por essa experiência, tê-lo-iam feito com a esperança de ressuscitarem. Mas não é muito provável essa explicação, ainda que se possa mostrar que a palavra «batismo» podia ser usada nesse sentido, conforme de fato vemos em Mat. 20:22,23.

6. Ainda outros estudiosos pensam que Paulo aludiu a alguma prática das religiões misteriosas do paganismo, as quais tinham certo rito de batismo pelos mortos, e do que os crentes de Corinto certamente tinham conhecimento. Então Paulo ter-se-ia usado dessa circunstância para comprovar o que dizia. Entretanto, uma alusão a ritos pagãos dificilmente seria reputada autoritária na igreja de Corinto, sobretudo para os membros contrários à doutrina da ressurreição.

7. Lutero pensava que se deve traduzir *por sobre os mortos*, isto é, «por sobre suas sepulturas», como se houvesse batismos efetuados dessa maneira; mas tal idéia foge muito da realidade, além de não ser uma maneira satisfatória de explicar o sentido do termo grego «uper».

8. A interpretação de alguns é que devemos compreender aqui «por causa do morto», isto é, Cristo. Porém, no original grego, encontramos o plural, «mortos», sendo extremamente difícil vermos como Cristo poderia representar uma «categoria» inteira de pessoas. Além disso, Jesus não está morto, e, sim, ressurrecto dentre os mortos.

9. Outros ainda pensam que o verbo «batizar» deve ser aqui compreendido no sentido de «ser imerso em sofrimentos», ao passo que a palavra «mortos» significaria «a ressurreição dos mortos». Isso faria de I Cor. 15:29 um paralelo da idéia expressa nos versículos trinta e trinta e um desse mesmo capítulo. Porém, isso é dar às palavras um sentido inesperado, sendo muito menos provável essa idéia do que muitas outras.

10. Alguns autores pensam que essas palavras significam: «Por que uma pessoa sofreria por si mesma, ao ser batizada, por causa dos mortos (com o sentido de pertencer a eles, formando um reino só em companhia dos mortos)?» Esse seria o caso se a vida cristã terminasse na morte, e não na ressurreição. Porém isso daria a entender que os oponentes de Paulo negavam tanto a doutrina da imortalidade como a doutrina da ressurreição. Mas essa dupla negação, conforme já temos podido observar, não é provável. Além disso, tal uso da expressão «por causa dos mortos», é altamente *artificial*.

11. Terminando a lista neste ponto—visto que todas as demais interpretações são ainda menos prováveis do que as dez anteriores—precisamos dizer que a maneira mais natural de compreender essas palavras, é tomá-las em seu sentido mais literal. Parece que na igreja de Corinto havia alguma forma de «ministério» em favor dos mortos, que recomendava o batismo para eles. E é provável que alguns crentes, que seguiam essa prática, fossem batizados tanto em prol de crentes não-batizados (visto que muitos adiavam o rito do batismo até imediatamente antes da morte, pensando que o batismo envolvesse algum mérito místico no perdão dos pecados), bem como em favor de seus amigos e parentes ainda incrédulos. Naturalmente que esse ponto de vista também tem sido combatido por objetores. Perguntam estes: Por que Paulo não condenou tal prática? Não sabemos dizê-lo; mas é possível que Paulo tivesse mencionado a questão de passagem, a fim de provar seu argumento em prol da realidade da ressurreição, sem vincular tal declaração a alguma aprovação ou desaprovação dessa prática. Não há que duvidar que isso é possível. (Ver I Cor. 11:5 em comparação com I Cor. 14:34,

como um exemplo de prática idêntica. E um exemplo mais notório ainda aparece em I Cor. 10:8, onde Paulo menciona o fato de que certos cristãos comiam em templos idólatras e não lhes faz qualquer censura. Mas a censura aparece em outro trecho, isto é, I Cor. 10:14 e *ss*).

Uma outra objeção é que não dispomos de qualquer evidência histórica em comprovação a essa prática, senão já em um período bem posterior. Tal prática, além disso, mui provavelmente se baseava no que diz I I Cor. 15:29, como texto de prova. Mas, apesar disso expressar uma verdade, não há motivo algum para supormos que não existia em Corinto alguma prática dessa natureza, talvez baseada em noções preservadas das religiões misteriosas dos pagãos. Qualquer referência histórica a isso facilmente poderia ter sido omitida em qualquer documento que chegou até às nossas mãos, porquanto quase todos os documentos históricos dessa natureza desapareceram.

Em um período posterior, todavia, encontramos evidências da prática do «batismo em favor dos mortos». Isso era praticado entre as seitas hereges dos coríntios (ver *Ephiph. Haer.* xxviii. §6, pág. 114) e dos marcionitas (Crisóstomo, Tertuliano, *de ressurr.*, 48, vol. ii. pág. 865, *adv. Marc.* v. 10, pág. 494). Tal prática, como é evidente, confere ao batismo um valor muito maior do que o apóstolo dos gentios lhe atribuia, fazendo com que o mesmo tivesse um valor vicário, podendo salvar a alma. Porém, não há razão alguma para pensarmos que alguns cristãos primitivos não davam tal valor ao batismo, certamente em resultado de suas idéias pagãs, transferidas para o cristianismo, idéias essas que davam um valor sacramental e místico aos ritos.

Crisóstomo conta-nos como esses ritos eram levados a efeito, segundo ele os conhecia: «Depois que um catecúmeno (alguém que ainda não fora batizado, mas que já estava preparado para o batismo) falecia, punham um homem vivo oculto debaixo de seu leito; então, aproximando-se do leito do morto, falavam com ele e indagavam se ele queria receber o batismo. Não dando ele resposta, o outro respondia em seu lugar. Assim batizavam 'o vivo pelo morto'». Contudo, é possível que várias outras maneiras fossem empregadas nesse rito.

Essa prática também fazia parte dos ritos observados pelos montanistas (fins do segundo século e princípios do terceiro século da era cristã), sendo praticada ainda pelos mórmons, até hoje. No mormonismo, o batismo tem certo mérito, de acordo com as idéias errôneas da regeneração batismal (ainda que ali o batismo, isoladamente, de forma alguma seja visto como um agente salvador; todavia, faz parte integrante e necessária da salvação). Os espíritos dos mortos não são forçados a aceitar o mérito oferecido a eles através desse rito, mas tal mérito lhes é posto à disposição, se desejarem tal vantagem. O livre-arbítrio de cada um desses espíritos, escolhendo ou rejeitando tal mérito, é que determinará a questão. Os mórmons procuram batismo dessa natureza para todos os seus parentes, antepassados, amigos e totais estranhos, que tenham morrido, «incrédulos». O ideal seria que todas as pessoas que tivessem morrido sem a fé correta, em todos os séculos, tivessem esse mérito à sua disposição, através do rito. Por isso mesmo os mórmons preparam elaborados registros genealógicos. De fato, essas genealogias são as mais completas do mundo, para que sejam guiados na realização desse rito, em grande escala. Seus registros genealógicos, encerrados em vastos salões escavados nas Montanhas Rochosas a leste de Salt Lake City, no estado de Utah, nos Estados Unidos da América do Norte, poderiam resistir a qualquer desastre provocado pelo homem, exceto uma explosão direta de um engenho atômico. *Oh, o poder de um único versículo das Escrituras*, na influência que exerce sobre os homens, ainda que esse versículo seja de dúbia interpretação, como é o caso deste versículo!

Sem importar qual a natureza exata do costume que Paulo alude aqui, ele usou o mesmo a fim de indicar que os próprios crentes coríntios, ou pelo menos alguns deles, indicavam a realidade da doutrina da ressurreição dos mortos, mediante seus ritos religiosos.

BATISTAS

Uma das denominações evangélicas de maior coerência em sua fé e prática, embora também haja pontos de debilidade, que poderiam ser aprimorados. Consideremos as questões principais abaixo:

1. Origem. Um grupo religioso separado; os Batistas tiveram origem no século XVII, como um ramo que se separou dos congregacionais ingleses, os quais, por sua vez, compunham-se originalmente de elementos da Igreja Anglicana e do movimento puritano. As tentativas para fazer as origens batistas retrocederem à época dos apóstolos, através de grupos mais antigos como Waldenses, Albigenses, Cátaros, e outros (ver os artigos a respeito), são histórica e teologicamente absurdas. Isso pode ser facilmente demonstrado, mediante a simples leitura das crenças de tais grupos. De imediato, podemos perceber que aqueles grupos não eram em nenhum sentido grupos Batistas. Os Batistas nem mesmo se assemelham aos Anabatistas (ver o artigo a respeito). As crenças teológicas dos Anabatistas certamente não eram batistas. De fato, qualquer grupo evangélico tradicional de nossos dias assemelha-se mais aos Batistas do que aos Anabatistas do passado. Mas, seja como for, o valor da fé religiosa de alguém, como interpretação do Novo Testamento e do evangelho de Cristo, não depende de qualquer continuação histórica que possa ser traçada. Antes, seu valor reside nos seus méritos intrínsecos, devido às idéias que ela promove e devido ao serviço que presta a Deus e aos homens.

Se a veracidade de um grupo cristão depende da antiguidade de sua continuação histórica, então teríamos de pensar sobre a Igreja Católica Romana e sobre a Igreja Ortodoxa Grega. Não há grupo cristão que se compare com eles quanto ao fator antiguidade. No entanto, esses grupos só podem jactar-se de serem os grupos cristãos mais antigos, se não recuarmos mais do que o cisma do século XI D.C., quando a anterior Igreja Católica dividiu-se nesses dois grupos. E a Igreja Católica perdurou do imperador Constantino (século IV D.C.) até o cisma de que acabamos de falar. Houve grupos dissidentes durante a Idade Média, alguns dos quais já desapareceram, e outros que continuam até hoje. Entre os que continuam, podemos falar sobre os Waldenses, até hoje numerosos no sul da França e no norte da Itália. Os grupos protestantes tiveram início somente no século XVI, a começar com os luteranos. Os grupos pentecostais começaram no início do nosso século XX. Como estamos vendo, a autenticidade cristã de um grupo qualquer não depende de sua antiguidade. A verdade e a autenticidade consiste na fidelidade à Palavra de Deus. A continuidade histórica nada significa; o que vale é a continuidade do espírito. A espiritualidade não depende de fatores humanos, mas dos movimentos do Espírito de Deus.

No entanto, os Batistas diferem de outros grupos

separatistas devido a algumas das doutrinas que eles defendem: o batismo de crentes, igrejas locais formadas idealmente por pessoas convertidas e um governo eclesiástico democrático. (Ver o artigo sobre o *Batismo de Crentes*). No entanto, no início da história dos Batistas, houve os Batistas Gerais na Inglaterra, que eram arminianos e praticavam o batismo por afusão. Somente mais tarde o batismo por imersão tornou-se generalizado entre os Batistas.

Na segunda metade do século XVI, pequenos grupos de puritanos tornaram-se impacientes em relação à reforma dentro da Igreja Anglicana. Finalmente, romperam com a Igreja oficial da Inglaterra, tornando-se conhecidos como *separatistas*. Aqueles entre eles que acreditavam no batismo só de crentes tornaram-se os originadores do que, finalmente, veio a tornar-se uma denominação separada, com o nome de Batistas. Esses puritanos também defendiam uma forma de governo eclesiástico democrático, um outro típico princípio batista. John Smyth, anterior pregador anglicano de Lincoln, na Inglaterra, tornou-se um ministro separatista. A perseguição forçou-o a mudar-se para a Holanda. Ele opunha-se ao batismo infantil. Em 1609, ele e mais 36 pessoas formaram uma nova igreja. Crendo no batismo *de crentes*, Smyth batizou a si mesmo por aspersão, e então às outras pessoas, aplicando água sobre suas frontes. Por assim dizer, temos aí uma igreja pré-batista. Posteriormente, Smyth duvidou da propriedade do autobatismo, a menos que nenhuma igreja verdadeira pudesse ser encontrada. Então decidiu que os menonitas constituíam uma igreja verdadeira. (Ver sobre os *Menonitas*). Recomendou a seu grupo que se unisse aos menonitas. Mas alguns dos primeiros batistas (ou pré-batistas) recusaram-se a isso, como Thomas Helwys. Vários outros uniram suas forças a Helwys, retornaram a Londres e estabeleceram a primeira igreja batista de Londres. O grupo da Holanda não demorou a desfazer-se. As pessoas que seguiam a Smyth e Helwys assumiram uma abordagem teológica calvinista moderada, tornando-se conhecidas como igrejas Batistas Gerais, porquanto acreditavam que a expiação de Cristo era para todos os homens. Porém, em 1638, surgiu um grupo de batistas que acreditava na expiação limitada, ou seja, Cristo teria morrido somente por seus escolhidos, tendo-se organizado como Igrejas Batistas Particulares. A palavra «particular», dentro desse nome, refere-se à idéia da expiação limitada (em contraste com a expiação geral). Em 1640 houve ainda mais uma divisão, quando alguns ficaram convencidos de que a imersão é o único modo válido de batismo. Foi então que os batistas deixaram para trás o seu estágio pré-batista.

Os anos de 1640 a 1660 viram um considerável desenvolvimento entre os batistas. A liberdade religiosa tornou-se uma outra forte ênfase das igrejas batistas, e muitos crentes batistas foram aprisionados ou tiveram seus bens confiscados. John Bunyan, um pregador batista, foi confinado por doze anos em uma prisão de Bedford, na Inglaterra. Aproveitou seu período de aprisionamento para escrever um bom número de livros. O ímpeto revivalista e de missões ao estrangeiro, entre os batistas, deveu-se a homens como William Carey e Adoniram Judson (ver os artigos a respeito deles), embora tivessem sofrido oposição dentre seus próprios pares, sobretudo o primeiro. É impossível alguém exagerar a importância dos batistas dentro do movimento das missões estrangeiras. É por esse motivo que atualmente há igrejas batistas em todas as porções do mundo, inclusive atrás da Cortina de Ferro (União Soviética e países satélites).

2. Doutrinas distintivas. A democracia gera diferenças de opinião, e não há grupo mais democrático do que os batistas. Alguém, em tom de brincadeira, declarou que os batistas são tão livres como porcos sobre o gelo. Esse tipo de liberdade tende por criar diferenças e divisões, e por essa razão, há muitas variedades de crentes batistas, desde os ultraconservadores aos muito liberais. Não obstante, podemos enumerar algumas características tradicionais dos batistas:

a. Autoridade da Bíblia como única regra de fé e prática. Ver o artigo sobre AUTORIDADE, quanto a variegados pontos de vista sobre essa questão. No entanto, as igrejas batistas aceitam ter «declarações de fé», as quais, por não serem completas, deixam de lado muitos pontos doutrinários que muitos dos irmãos nem aceitam discutir. Isso constitui uma falha por omissão. O Espírito de Deus avança, e muitos batistas marcam passo.

b. Batismo de crentes, com total rejeição do batismo infantil. Imersão como modo correto de batismo. Muitas igrejas batistas rebatizam aqueles que, vindos de outras igrejas, se unem a elas, mesmo que essas outras igrejas também pratiquem o batismo por imersão. Esse extremo cheira a sectarismo. Contudo, a partir de 1900 muitas igrejas batistas têm recebido tais membros sem exigirem o rebatismo.

c. O batismo em água e a Ceia do Senhor são as únicas ordenanças da Igreja, não sendo considerados *sacramentos* (ver o artigo a respeito).

d. A Igreja de Cristo compõe-se apenas de crentes. A maioria dos batistas acredita na Igreja mística ou universal, composta de todos os regenerados, sem importar a quais grupos evangélicos pertençam. Mas, para muitos batistas, a admissão à igreja local requer o rito do batismo por imersão. Entretanto, os batistas não crêem na regeneração batismal (ver o artigo).

e. Sacerdócio de todos os crentes. No Novo Testamento não há tal coisa como uma classe sacerdotal. Cada crente é responsável diretamente a Deus.

f. Autonomia da igreja local e governo democrático. Os batistas podem pertencer a associações e denominações, mas não aceitam autoridades hierárquicas acima da igreja local. Assim, todas as questões atinentes à igreja local são decididas pelo voto da congregação, e não por autoridades externas à mesma.

g. Ministério. Os ministros batistas usualmente são homens dotados de treinamento teológico, os quais são sustentados pelas ofertas de suas respectivas congregações. A autoridade dos pastores, porém, depende de sua espiritualidade e de seu treinamento intelectual superior, e não de alguma superioridade doutrinária conferida por dom escriturístico ou por tradição. Há pastores e mestres (embora estes não constituam um ministério), não levantados por algum sistema eclesiástico, e sim, pela autoridade providencial do Espírito. Atualmente, entre muitos batistas, nota-se um certo desconforto diante do fato de que geralmente seus pastores são homens treinados em seminários e institutos bíblicos. Esses pensam que tal sistema dá pouca margem à atuação selecionadora do Espírito. Talvez isso se deva às influências dos grupos pentecostais, talvez por impulso legítimo do Espírito. O futuro decidirá a questão.

h. Separação entre a Igreja e o estado. Via de regra, os batistas nunca se revoltaram contra o estado. De fato, os primeiros batistas contendiam em favor do

direito de reis governarem, com base em textos neotestamentários como o décimo terceiro capítulo de Romanos. Também nunca aceitaram tornar-se a religião oficial de qualquer país, por defenderem o conceito da separação entre a Igreja e o estado. Esse princípio promove a liberdade cristã; havendo intervenção governamental nessa questão, surgem muitas restrições prejudiciais, e a pureza da doutrina e a vivacidade espiritual sofrem imenso retrocesso.

De algumas poucas décadas até a nossa época, têm aparecido igrejas batistas *sui generis*, que as demais igrejas batistas rotulariam de «pentecostais». Esse fenômeno veio para ficar, e ninguém pode fechar os olhos ao mesmo. De um ponto de vista estritamente intelectual, só o futuro nos dirá se isso será para melhor ou para pior, no caso dos batistas. O perigo consiste na perda de certas doutrinas bíblicas, como a «segurança dos salvos», doutrina essa que por certo não é um apanágio dos grupos pentecostais. Todavia, uma coisa não terá de se seguir necessariamente à outra. O tradutor desta valiosa obra converteu-se entre os batistas; após quinze anos, teve uma experiência mais profunda com o Espírito de Deus, isso lhe sucedeu há mais de dezenove anos. Mas, nem por isso deixou de sentir-se batista no fundo do coração, no que tange às doutrinas distintivas dos batistas; mas aprendeu a incluir em seu credo certas doutrinas neotestamentárias que geralmente não figuram nas declarações de fé batistas, e espera poder continuar ampliando seus horizontes espirituais, aberto a todas as bênçãos que Deus, em Cristo, tenha em reserva para seu povo, ensinadas na Bíblia.

3. Supostas Debilidades. O autor desta **Enciclopédia**, bem como do **Novo Testamento Interpretado** foi criado como crente batista. Seu trabalho como pastor e autor de livros evangélicos tem sido sustentado mais por igrejas e particulares batistas do que por pessoas de qualquer outro grupo evangélico. Todavia, creio que todos os grupos evangélicos, incluindo os batistas, muito têm a aprender. Sugiro que é uma debilidade batista tomar um ponto de vista bastante pessimista quanto ao resultado final do ministério do evangelho e da missão de Cristo. Os batistas geralmente ignoram o fato de que Cristo desceu ao hades e ofereceu salvação aos perdidos, mesmo após sua morte biológica. Ver I Ped. 3:18-4:6 e o artigo *Descida de Cristo ao Hades*. Não percebem que certas porções do Novo Testamento mostram-se mais agudas em sua visão espiritual do que outras, expondo uma promessa mais esperançosa acerca do que a missão de Cristo tem para oferecer-nos. Também acredito que o resultado final da missão de Cristo será maior do que os crentes batistas ordinários antecipam. O trecho de Efésios 1:10 certamente ensina uma restauração final que, mui provavelmente, incluirá os perdidos, embora não lhes conferindo os privilégios que pertencerão exclusivamente aos remidos. No que concerne a isso, devemos notar que Paulo, naquele texto, fala sobre o *mistério* da vontade de Deus. Ao usar esse termo (ver o artigo sobre «mistério»), Paulo nos diz que estava falando de algo *novo* sobre o que Deus tenciona fazer a respeito da criação em geral. Se não fosse algo novo, então também não seria para nós um «mistério». É inútil tentar limitar essa nova mensagem, apelando para versículos menos amplos do Novo Testamento, e que falam sobre o julgamento dos perdidos. De fato, esse mistério ultrapassa, em profundidade, a outros versículos, oferecendo-nos um ponto de vista altamente otimista daquilo que a missão de Cristo, finalmente, realizará. Esse aspecto do ensino bíblico geralmente é exposto pelos antigos pais gregos da Igreja, e omitido pelos pais latinos. Os pais gregos influenciaram o pensamento da Igreja Ortodoxa, dos anglicanos e dos grupos evangélicos eslavos. Os pais latinos influenciaram o cristianismo ocidental, do qual fazemos parte. A história da doutrina mostra-nos que as distorções doutrinárias devem-se a um processo de simplificação, de acordo com o qual muitos pontos doutrinários vão sendo abandonados, com a conseqüente redução do «credo». E os espaços em branco, que assim sobram, são preenchidos com noções ditadas pela tradição. Um crente esclarecido jamais pode aceitar esse empobrecimento da doutrina cristã. Portanto, aqueles cristãos orientais, quanto a certas questões, têm um credo mais completo e sábio do que o nosso, embora o credo deles não concorde cem por cento com a posição batista tradicional. Mas isso em nada detrata as realizações dos batistas através dos séculos, e nem suas doutrinas distintivas, que mostram sinais de sabedoria espiritual. Tal como em todas as questões controvertidas, a lei do amor deveria governar nossos raciocínios, quando expressamos idéias, debatemos e mostramos nossa atitude para com os irmãos na fé. A teologia do ódio e da intolerância, que fere e queima, dificilmente pode ser inspirada por Deus. (AM B C TO)

Os Batistas no Brasil. O trabalho batista no Brasil, depois de uma tentativa em 1871 (Santa Bárbara, SP), que não durou, teve início, em caráter permanente, em Salvador, onde se organizou, em 1882, a primeira igreja batista brasileira, como resultado do trabalho dos missionários William Buck Bagley, Zachary Clay Taylor e do ex-padre católico romano, Antônio Teixeira, organizando-se no Rio de Janeiro em 1884; Maceió, 1885; Recife, 1886; Juiz de Fora, 1889; Natal, 1896; Belém, 1897; São Paulo, 1899; Manaus, 1900 e em muitos outros lugares no Brasil. Mantêm, além de igrejas, faculdades e seminários teológicos, imprensas, escolas e hospitais. Em cerca de 1970, tinham 300.000 membros e 2.200 igrejas. (DL)

BATISTAS DO SÉTIMO DIA

Um pequeno grupo de batistas, sobreviventes da obra iniciada por John Conrad Beissel, o qual, em 1732, organizou a famosa Sociedade Efrata (que vide) como sociedade monástica, com base nos ideais do celibato e da comunidade de bens. Os que atualmente fazem parte do grupo não preservam esses ideais específicos do grupo original. Eles têm afinidades com os *dunkers* (que vide).

Princípios Distintivos. Observância do sábado, o sétimo dia, como dia de guarda; bênção aos infantes; não resistência; lava-pés; unção dos enfermos e imersão tríplice, para a frente.

BATISTAS GERAIS E BATISTAS PARTICULARES

Os Batistas Gerais eram aqueles batistas (que vide) que criam na expiação geral de Cristo em favor de todos os homens. Thomas Helwys, que esteve sujeito à influência menonita em Amsterdan, fundou — em Londres, a igreja-mãe dos Batistas Gerais (arminianos), em 1612. Posteriormente, de um centro em Southward, surgiram diversas igrejas Batistas Particulares (calvinistas). Estas últimas publicaram conjuntamente uma confissão de fé, em 1644. Somente em 1891, os dois ramos uniram-se, formando a União Batista da Grã-Bretanha e da Irlanda. O nome

«particular» refere-se à idéia da expiação limitada, isto é, a noção que Cristo morreu exclusivamente pelos seus eleitos, pelo que sua expiação seria particular, e não geral. Ver os artigos sobre o *Determinismo* e o *Livre-Arbítrio*. (C E)

BATISTAS PARTICULARES

Ver o artigo sobre **Batistas Gerais e Batistas Particulares**.

BATISTÉRIO

Nos templos católicos romanos, o batistério é um lugar em que se acha a pia batismal, reservada para o ato do batismo. Algumas vezes, um edifício separado é dedicado a esse propósito. Batistas e outros, que praticam batismo por imersão, geralmente dispõem de um grande tanque, no interior do templo, que é usado com essa finalidade. No cristianismo primitivo eram utilizados os rios (o que, naturalmente, continua sendo usado por alguns). Porém, a partir do século III D.C., batistérios continuaram sendo erigidos. Durante a Idade Média, muitos templos católicos tinham uma fonte batismal localizada na nave, mas, no nosso século XX, tem-se retornado ao uso de uma sala separada, edificada para ali se realizarem batismos. (AM E)

BATIZAR (Dar Nome)

Quatro coisas diferentes estão em foco: 1. O ato de receber uma pessoa na igreja local, mediante o ato de batismo, usualmente referindo-se ao batismo infantil, quando então à criança se dá um nome próprio. 2. Nas igrejas evangélicas onde o batismo só é aplicado após a conversão, essa palavra pode referir-se à consagração dos infantes, sem que isso inclua batismo propriamente dito. 3. A palavra também pode significar dar nome por ocasião do batismo, e nada mais. 4. Ou, popularmente, simplesmente significa dar nome a um objeto, como no caso de um navio, por exemplo.

BATO

Ver **Pesos e Medidas**.

BAUMGARTEN, ALEXANDER GOTTLIEB

Filósofo alemão (1714-1762), da escola de Wolff (ver a respeito), que se tornou melhor conhecido devido à sua teoria da estética. Ele supunha que a arte fundamenta-se sobre representações mentais sensuais e vinculadas aos sentimentos, e que, quanto a isso, a *beleza* (ver o artigo) não é alguma idéia simples e intelectual, mas um complexo confuso e elaborado. Sua obra inacabada, *Aesthetica*, apresenta o conceito. Suas obras anteriores foram *Metafísica* e *Filosofia da Ética*.

BAUR, FERDINAND CHRISTIAN

Teólogo alemão (1792-1860), fundador da famosa Escola de Tubingen. A filosofia exercia grande influência sobre ele, especialmente as idéias de Hegel. Contudo, não devemos pensar nele como um simples copiador, pois ele pode ser encarado como um pioneiro no método histórico-crítico da crítica bíblica (ver o artigo). Como tal, ele foi um dos mais importantes vultos religiosos do século XIX. Ver o artigo sobre a *Escola de Tubingen*. (C HOD)

BAURIM, BARUMITA

O adjetivo gentílico «barumita», em II Sam. 23:31 e I Crô. 11:33, aponta para uma aldeia no território de Benjamim, identificada com a moderna Ras et-Tmim, a suleste de Tsawihey e a leste do monte das Oliveiras, no lado norte da estrada romana de Jericó a Jerusalém. Foi nesse lugar que Patiel foi separado de sua esposa, Mical, filha de Saul, quando Abner a fez retornar a Davi, de quem era legítima esposa (ver II Sam. 3:16, onde a aldeia é mencionada pela primeira vez na Bíblia; ver também II Sam. 16:5; 17:8; 19:16 e I Reis 2:8). Davi tomou o caminho que passava por essa aldeia, quando fugia de Absalão (ver II Sam. 16:5). Ali habitava Simei, que lançou pedras contra Davi, enquanto o amaldiçoava, porém nesse mesmo lugar Davi contava com alguns que o apoiavam (ver II Sam. 17:18 *ss*). Um dos trinta heróis de Davi, Azmavete, era barumita (ver II Sam. 23:31 e I Crô. 11:33). (SI Z)

BAUTAIN, LOUIS ABBÉ

Filósofo francês católico romano (1796-1867). Nasceu em Paris, afastou-se do catolicismo para o ceticismo, e reconverteu-se ao catolicismo em 1821. Entretanto, continuou dando apoio à contenção de Kant de que os argumentos empíricos e racionais não podem provar a existência de Deus. Em lugar de tais argumentos, ele defendia o *fideísmo*, a idéia que diz que Deus só pode ser conhecido através da *fé*. A isso ele acrescentava os outros métodos de investigação, como o dos sentimentos, o do discernimento místico, etc. Para ele, a razão é metafisicamente incompetente. O papa Gregório XVI condenou o «fideísmo» em 1840. Por esse motivo, Bautain foi forçado a retratar-se, aceitando os poderes da razão nessa tarefa. Suas obras incluem os seguintes títulos: *Filosofia do Cristianismo; Psicologia Experimental, Religião e Liberdade;* e *O Espírito Humano e Suas Faculdades*. (EP P)

BAVAI

No hebraico, «desejador». Nome de um levita, filho de Henadade, governador de metade da cidade de Queila. Bavai ajudou na reconstrução das muralhas de Jerusalém, após o exílio (Nee. 3:18). Ele é chamado Binui, no v. 24 do mesmo capítulo. Talvez o nome Bavai seja uma forma corrompida de Binui.

BAXTER, RICHARD

Eminente pregador e autor puritano (1615-1691). Não freqüentou qualquer universidade, mas foi pessoalmente instruído por John Owen e outros eruditos, além de ser um devorador de livros. Foi consagrado em 1638 como bispo de Worcester. — Finalmente, foi atraído para o partido dos não-conformistas. Teve um frutífero pastorado em Kidderminster, tendo formado ali uma associação de ministros. Durante a Guerra Civil, serviu por algum tempo como capelão do exército do parlamento inglês. Por ocasião da Restauração, declinou da oferta que lhe foi feita de um bispado, em Heredord. Durante o reinado de Carlos II foi perseguido e encarcerado por dezoito meses.

Baxter escreveu vários livros e foi um pregador eficaz. Suas obras devocionais são melhor conhecidas, mas ele também lançou obras eruditas. Podemos incluir: *O Descanso Eterno dos Santos; O Pastor Reformado* e um *Dicionário Eclesiástico*. O primeiro desses títulos é uma obra devocional extensamente

usada no passado. Baxter era classificado como presbiteriano, mas ele preferia intitular-se de *verdadeiro católico*. Com o passar dos anos, tornou-se mais liberal e tolerante, tendo-se esforçado pela pacificação e cooperação entre as denominações evangélicas. Defendia a doutrina da eleição, mas sem o aspecto da reprovação negativa; e também advogava uma espécie de *universalismo hipotético*. Na política, assumia uma posição de governo pluralista, ou de monarquia com poderes limitados. Procurou reviver a proposta de um episcopado modificado, exposta por seu falecido amigo, arcebispo Usher. Porém, seus esforços nesse sentido foram inúteis. Sua tentativa de revisar a liturgia (acerca da qual argumentou em sua obra *Reforma da Liturgia*) também não obteve sucesso.

Baxter faleceu a 8 de dezembro de 1691, e em suas cerimônias fúnebres havia tanto anglicanos quanto *dissenters* (que vide). (AM C)

BAYLE, PIERRE

Filósofo francês (1647-1706). Estudou com os jesuítas em Toulousse. Tornou-se católico romano, mas depois reconverteu-se ao calvinismo. Fugindo das perseguições, terminou em Genebra, onde interessou-se especialmente pelo estudo dos escritos de Descartes (ver o artigo). Retornou à França e tornou-se professor de filosofia no colégio calvinista de Sedan. Teve de enfrentar novas perseguições e fugiu para Rotterdam, onde deu continuação à sua carreira de professor. Foi despedido dessa universidade em 1693, sob a acusação de ser agente francês e inimigo do protestantismo.

Sua principal obra é o *Dicionário Histórico e Crítico*, com original em francês. É uma espécie de argumento do ceticismo contra teorias teológicas e filosóficas. Ele chegou à conclusão de que os esforços racionais são inúteis, e que o indivíduo precisa voltar-se para a fé, quanto às suas crenças religiosas. A obra foi violentamente atacada, sob a acusação de ser profana, por conter a afirmação de que a moralidade independe da religião. Hume e Voltaire usaram alguns de seus argumentos em seus ataques contra a teologia tradicional. Os enciclopedistas e filósofos têm usado a obra como fonte, a qual reveste-se de alguma importância até os nossos dias.

BAZAR

No hebraico, **chuts**, «rua», «lado de fora». É palavra usada por cento e setenta e seis vezes, sozinha ou em combinação com prefixos. Em I Reis 20:34, a nossa versão portuguesa diz «bazar», como tradução dessa palavra. Nos países do Oriente Próximo e Médio, os bazares eram armados em plena via pública, nas ruas ou nas praças. Ben-Hadade permitiu que Acabe tivesse bazares em Damasco, em retribuição ao fato de que o pai de Ben-Hadade tivera bazares em Samaria. (Z)

BAZLITE

No hebraico, «petição» ou «nudez». Era cabeça de uma família cujos descendentes retornaram do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel, junto com os servidores do templo (Nee. 7:54), em cerca de 536 A.C. Em Esdras 2:52, temos uma forma variante do nome, «Bazlute». Não se sabe qual é a forma correta. (S Z)

BDÉLIO

Termo que no hebraico é **bedolach**, e que aparece somente por duas vezes: Gên. 2:12 e Núm. 11:7. Na primeira referência aparece como uma das riquezas da terra de Havilá, na segunda, como descrição da aparência do maná. O bdélio é uma resina gomosa aromática, da espécie *Commiphora*. Exuda de uma árvore similar à mirra. Era muito apreciado pelos povos antigos, para ser usado na arte do perfumista. Assemelha-se à mirra tanto quanto a cor quanto no tocante a seu gosto amargo. Por ser uma verdadeira goma, está relacionada aos açúcares e é solúvel em água. (S UN Z)

BEALIAS

No hebraico, «Yahweh é Senhor». Foi um guerreiro ambidestro, da tribo de Benjamim, que deu apoio à causa de Davi (I Crô. 12:5), em cerca de 1054 A.C.

BEALOTE

No hebraico, «cidadãos» (?); ou então, através do grego, «possuidoras» ou «senhoras». Era nome de uma cidade no extremo sul do território de Judá (ver Jos. 15:24), que talvez deva ser identificada com a Baal aludida em I Crônicas 4:33 ou com a Baalate-Beer, que era a Ramá do Neguebe (Jos. 19:8). Alguns estudiosos também pensam em Alote, referida em I Reis 4:16, como uma possível identificação.

Um distrito que, juntamente com Aser, fazia parte do distrito do nono oficial de Salomão (ver I Reis 4:16). Havia doze intendentes que forneciam mantimentos ao rei e à casa real (ID).

BEATIFICAÇÃO

Vem do latim, **beatus**, «bendito», e **facere**, «fazer». O termo refere-se àquele estágio da canonização (que vide), dentro da Igreja Católica Romana, mediante o qual um candidato à classificação de «santo» é declarado uma pessoa «bendita», com o direito de receber honras religiosas públicas. (E P)

BEBAI

No hebraico, «paternal». Na Bíblia devemos pensar em três homens com esse nome; a saber:

1. O cabeça de uma das famílias que retornou com Zorobabel, após o cativeiro (ver o artigo) (Esd. 2:11; Nee. 7:16). Dentre essa família, outras vinte e oito pessoas retornaram do exílio com Esdras. (Esd. 8:11). Alguns deles haviam-se casado com mulheres estrangeiras, das quais tiveram de divorciar-se. (Esd. 10:28). Alguns estudiosos, porém, pensam que devemos pensar, nesse caso, em um outro Bebai, líder dos vinte e oito homens que vieram com Esdras.

2. Um homem que assinou o pacto referido no décimo capítulo do livro de Neemias (Nee. 10:15), em cerca de 445 A.C.

No livro de Judite (15:4), há menção a uma cidade chamada Bebai, até hoje não identificada, cujos habitantes perseguiram as forças assírias em fuga, após a morte de Holofernes. (ID S)

BEBEDICE

Ver os artigos sobre **Alcoolismo** e **Bebida Forte**.

••• ••• •••

BEBER O SANGUE DE CRISTO

Ver **Comer a Carne e Beber o Sangue de Jesus**.

Estes termos implicam comunhão *mística* do homem com Deus. Ver *Jesus como o Pão da Vida*.

BEBIDA, BEBER

Consideremos estes pontos a respeito:

1. *O uso de bebidas alcoólicas*. Ver o artigo sobre o *alcoolismo*. No hebraico temos a palavra *shekar*, usada por vinte e três vezes (por exemplo: Lev. 10:9; Núm. 6:3; Pro. 20:1; Isa. 5:11; 56:12; Miq. 2:11). No grego, temos as seguintes palavras a considerar: 1. Síkera (usada por uma vez, em Luc. 1:15), «cerveja de cevada». 2. *Ôksos* (usada por cinco vezes: Mat. 27:48; Mar. 15:36; Luc. 23:36; João 19:29,30), «vinho azedo» ou «vinagre». 3. *Oînos*, «vinho» (usado por trinta e cinco vezes: Mat. 9:17; 27:34; Mar. 2:22; 15:23; Luc. 1:15; 5:37,38; 7:33; 10:34; João 2:3,9,10; 4:46; Rom. 14:21; Efé. 5:18; I Tim. 3:8; 5:23; Tito 2:3; Apo. 6:6; 14:8,10; 16:19; 17:2; 18:3,13; 19:15). 4. *Gleûkos*, «vinho novo doce» (usado apenas em Atos 2:13).

Os hebreus faziam seu vinho de uva, de romã (Can. 8:2) e de outras frutas. Além disso, vários cereais eram empregados para a produção de certo tipo de cerveja. Havia também a cidra ou vinho de maçã. Vinho de mel era preparado com vinho misturado com mel e pimenta. No Egito, também fabricava-se vinho de tâmaras. Plínio informa-nos que, em sua época, se fazia vinho de figos, de espelta e de alfarrobeira. Os antigos árabes usavam passas de uvas para fabricar uma bebida fortemente alcoólica, sendo possível que os judeus conhecessem tal tipo de bebida. Ver o artigo sobre o *Vinho*. Os judeus, como muitos povos antigos e modernos, — eram um povo que costumava beber vinho; — porém, a moderação em sua ingestão sempre foi preceituada. Esse conceito passou para as páginas do Novo Testamento. Assim, lemos Paulo recomendando a Timóteo que usasse um pouco de vinho, para ajudá-lo em seus problemas estomacais (*I Tim.* 5:23). Os líderes da Igreja cristã precisavam dar exemplo de moderação na ingestão do vinho, um item que aparece entre as qualificações essenciais aos pastores (I Tim. 3:3,8). Não obstante, o Novo Testamento sempre se volta contra as idéias ascéticas (que vide), conforme se vê, por exemplo, em Col. 2:16 *ss*.

Fala a Ciência. Sabe-se atualmente que qualquer dose de álcool, posta a circular na corrente sangüínea, mata células do cérebro. Isso significa que o consumo de qualquer quantidade de bebida alcoólica é um assalto contra o próprio cérebro de quem o bebe. Visto que isso é verdade, então, com base em I Cor. 3:16,17, é errado consumir qualquer quantidade de bebidas alcoólicas. Observemos, pois, que a ciência é capaz de melhorar os princípios éticos, acima daquilo que é antecipado pela fé religiosa!

2. *Outros usos de bebidas nas Escrituras*. a. A ingestão de qualquer líquido (I Cor. 10:31), o que, como todas as atividades humanas, pode redundar na glória de Deus. b. Como *símbolo* da expressão espiritual da fé de alguém em Deus (Isa. 32:6; João 6:54,55; 7:37; I Cor. 10:4). c. Beber metaforicamente do sangue de Cristo, — equivale a alimentar-se espiritualmente e participar de seu ser, compartilhando de sua natureza (Jo. 6:54). Naturalmente, há nisso uma certa alusão à Ceia do Senhor (que vide), mas, o que está em pauta é aquilo que é simbolizado pelo rito, e não o rito propriamente dito. Ver o artigo sobre o conceito de *comer a carne e beber o sangue de Cristo*, que participa dos vários sentidos vinculados a essa passagem. Ver também sobre a *transubstanciação* e sobre *Jesus como o Pão da Vida*. d. A aceitação simbólica da vontade do Pai, por parte do Filho (João 18:11). e. A participação da *Ceia do Senhor* (que vide) Mat. 26:27; I Cor. 10:21; 11:25, que inclui as idéias de participação espiritual em suas virtudes e em sua natureza, como quem festeja em sua *memória*. f. O recebimento da ira e do julgamento de Deus é como sorver uma bebida (Jó 21:20; Sal. 75:8; Apo. 14:10). g. Participação simbólica em toda a espécie de mal, por parte dos pecadores (Jó 15:16; Pro. 4:17; 26:6). h. Beber sangue simboliza provocar matança entre os inimigos (Eze. 39:18). i. O processo mediante o qual a terra é regada pelas chuvas que caem do céu é retratado pela idéia de beber (Heb. 6:7). (LAN NTI S UN Z)

BEBIDA FORTE

Várias palavras hebraicas e gregas precisam ser consideradas:

a. Uma palavra hebraica indica o suco fermentado da uva, sendo geralmente traduzida por «vinho». Essa palavra é usada por cento e quarenta e uma vezes no Antigo Testamento, com cognatos nas línguas dos povos que viviam ao redor da Palestina, embora talvez não de origem semita. O seu equivalente grego é *oînos*, «vinho». (Ver Gên. 9:21; Êxo. 29:40; Núm. 6:3; Zac. 10:7, etc.).

b. Uma outra palavra hebraica é usada por trinta e oito vezes no Antigo Testamento, também traduzida por «vinho» ou «vinho novo», esta última sendo a sua verdadeira tradução. As alusões da palavra indicam que essa bebida era tóxica quando ingerida em grande quantidade. Oséias 4:11 diz que tanto o «vinho» quanto o «mosto» (outra tradução para essa palavra) «tiram entendimento» (cf. Juí. 9:13; Atos 2:13). A LXX também traduziu essa palavra por *oînos*.

c. Outra palavra hebraica deriva-se de uma raiz que significa «fermentar». Essa é a forma poética para indicar «vinho», no hebraico (ver Deu. 32:14), aparecendo também como seu cognato aramaico (ver Esd. 6:9; 7:22; Dan. 5:1,2,4,23).

d. Um sinônimo poético da segunda dessas palavras deriva-se da raiz que significa «esmagar». É usado apenas por cinco vezes na Bíblia, em Can. 8:2; Isa. 49:26; Joel 1:5; 3:18 e Amós 9:13).

e. Uma quinta palavra hebraica usualmente é traduzida por «bebida forte», proveniente de uma raiz que significa «ficar embriagado». Essa palavra era usada para denotar qualquer bebida alcoólica feita de fruto ou cereal, embora originalmente incluísse o vinho (ver Núm. 28:7; cf. 28:14). Em Isaías 5:11, essa palavra é usada como paralelo da primeira delas, como alusão a bebidas alcoólicas em geral. Mas nossa versão portuguesa, nesse versículo, só faz alusão ao vinho. Com o tempo, essa quinta palavra veio a indicar somente bebidas intoxicantes não feitas com base na uva. Sacerdotes e nazireus não podiam consumir vinho e bebida forte (ver Lev. 10:9; Núm. 6:3; cf. Juí. 13:4,7,14; e também Luc. 1:15, «*oînon kai síkera*»). Em Pro. 20:1, lê-se que o vinho é «escarnecedor» e que a bebida forte é «alvoroçadora» (cf. Pro. 31:4,6). Quando Eli acusou Ana de estar embriagada, ela retrucou: «Não bebi nem vinho nem bebida forte; porém venho derramar a minha alma perante o Senhor» (I Sam. 1:15).

Vinho misturado. No período do Antigo Testamento, o vinho era tomado puro porque diluí-lo com água era considerado indesejável. O vinho diluído com água tornou-se símbolo de adultério espiritual (ver Isa. 1:22). Nos tempos romanos algumas vezes o vinho era misturado com água, porque alguns criam que isso melhorava a qualidade do vinho (ver II Macabeus 15:39). O vinho vermelho geralmente era considerado melhor e mais forte que o vinho branco (ver Sal. 75:8;

Pro. 23:31). Os vinhos do Líbano (ver Osé. 14:7) e os de Hebrom (ver Eze. 27:18) provavelmente eram vinhos brancos. As vinhas de Hebrom eram famosas por seus imensos cachos de uvas (ver Núm. 13:23). Samaria era um centro de viticultura (ver Jer. 31:5; Miq. 1:6), e os efraimitas tinham a má reputação de serem grandes bebedores de vinhos (ver Isa. 28:1).

Também há menção ao «vinho aromático», em Can. 8:2. Eram vinhos preparados com diferentes espécies de ervas, seguindo o costume de povos não-israelitas do Oriente Próximo, e muito mais embriagadores que o vinho regular. Esse fato fazia esse tipo de vinho muito popular nos banquetes e ocasiões festivas (ver Pro. 9:2,5). A Bíblia proíbe claramente o uso desse tipo de bebida alcoólica (ver Pro. 23:29,30; em português, «bebida misturada»).

Quando o vinho era misturado com mirra, era usado como um anestésico. Foi esse tipo de bebida que ofereceram a Jesus, quando de Sua crucificação (ver Mat. 27:34; Mar. 15:23). Os rabinos, em seus escritos, referem-se a várias misturas de vinhos. Havia uma mistura de vinho velho com água cristalina e bálsamo, usada especialmente após o banho. Havia também um vinho de uvas passas e um vinho misturado com um molho de azeite e (garum?). Uma mistura popular era a de vinho com mel e pimenta. E havia muitas outras formas de mistura com vinho. Um bom vinagre era feito misturando-se cevada ao vinho.

Atitude da Bíblia para com o uso do vinho. A atitude refletida por toda a Bíblia, quanto ao uso do vinho como uma bebida, é muito bem expressa por Ben Siraque: «O vinho bebido com moderação e no tempo certo produz alegria no coração e ânimo mental» (Eclesiástico 31:28,29). Todos os israelitas consumiam regularmente o vinho, exceto – no caso dos sacerdotes que ministravam no santuário, os nazireus e os recabitas. Mas a Bíblia constantemente denuncia a incontinência no uso do vinho, pois o *excesso* era considerado pecaminoso (ver Prov. 20:1; 23:29-35; Isa. 5:11,22; 28:7,8; Osé. 4:11). Paulo recomendava moderação no uso do vinho (ver I Cor. 8:7-13 e Rom. 14:13-21).

Todavia, o vinho também é elogiado na Bíblia. Ver Juízes 9:13: «Deixaria eu o meu vinho, que agrada a Deus e aos homens...?» (Cf. Sal. 104:15; Ecl. 10:19). *Metaforicamente*, o vinho representa a essência da bondade. Algumas vezes os israelitas acompanhavam com cânticos a ingestão de vinho (ver Isa. 24:9). A boa esposa é comparada a uma «videira frutífera» (Sal. 128:3). Israel é comparada a uma vinha que Deus trouxe do Egito e plantou na terra prometida, onde «deitou profundas raízes e encheu a terra» (Sal. 80:8-11). A prosperidade algumas vezes é simbolizada pela abundância de vinho, como quando Jacó abençoou a Judá (ver Gên. 49:11). Os tempos de paz e de prosperidade são descritos como segue, em I Reis 4:25: «Judá e Israel habitavam confiados, cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira...» Isaías utiliza-se do vinho como figura das bênçãos espirituais (ver Isa. 55:1,2).

Ao que tudo indica na Bíblia, o uso moderado de vinho não é repreensível (ver Est. 1:10; Sal. 104:15; Ecl. 10:19; Zac. 10:7). As referências bíblicas ao vinho mostram que a ingestão dessa bebida fazia parte da dieta regular dos israelitas (ver Gên. 14:18; Juí. 19:19; I Sam. 16:20; II Crô. 11:11). Se a mera ingestão de vinho fosse pecaminosa, Jesus não teria transformado água em vinho no casamento em Caná da Galiléia (ver João 2:1-11), e nem Paulo teria recomendado a Timóteo: «Não continues a beber somente água; usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas freqüentes enfermidades» (I Tim. 5:23). O que as Escrituras condenam não é o uso e, sim, o *abuso* de bebidas alcoólicas. «E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito» (Efé. 5:18). Os crentes não devem assemelhar-se aos incrédulos, muitos dos quais tornam-se viciados no alcoolismo, como em vários outros vícios (ver I Ped. 4:3). Por isso mesmo, os líderes cristãos são exortados à temperança (ver I Tim. 3,3,8). Há somente uma ocasião em que Paulo veda totalmente o uso do vinho ao crente, isto é, se chegar a ser pedra de tropeço a algum irmão (ver Rom. 14:21).

A viticultura na Palestina. A produção de vinhos era importante no Oriente Próximo, sendo descrita na Bíblia com muitas referências. (Ver Gên. 40:11; Deu. 18:4; Jos. 9:4; I Crô. 27:27; Eze. 17:5-10). A viticultura era considerada tão importante em Israel que os proprietários de vinhas eram isentados do serviço militar, no tempo da colheita da uva, no mês de setembro (Jer. 25:30; 48:33). A vindima, ou colheita da uva, é referida em conexão com a festa dos tabernáculos (ver Deu. 16:13). Os pobres podiam ficar com as uvas que caíssem ao chão, como também podiam fazê-lo com todas as outras colheitas. No ano sabático, as vinhas não recebiam cultivo, tal qual sucedia a qualquer outro tipo de plantação. O vinho, enquanto fermentava, era sujeito a muitos cuidados. Um deles consistia em derramar o vinho de um receptáculo para outro, para evitar qualquer engrossamento indesejável. Jeremias 48:11 faz alusão a esse costume. Uma vez que o vinho estivesse refinado e pronto para ser guardado por longos períodos de tempo, era colocado em jarras forradas com betume, postas então em «adegas» (ver I Crô. 27:27). Vinho não-fermentado, ou suco de uva, na opinião de alguns especialistas no assunto, era impossível de ser guardado por qualquer período de tempo, na Palestina antiga. Portanto, o vinho referido no Antigo e no Novo Testamentos tinha certa dosagem alcoólica. A preservação do suco de uva é um processo moderno.

Usos do vinho no mundo bíblico. Por todo o Oriente Médio e Próximo o vinho era usado nas libações aos deuses pagãos. Os hebreus foram constantemente advertidos pelos profetas de Deus a não se deixarem envolver nesses sacrifícios (ver Deu. 32:37,38; Isa. 57:6; 65:11; Jer. 7:18; 19:13). As libações que faziam parte dos sacrifícios levíticos eram de vinho (ver Êxo. 29:40; Lev. 23:13; Núm. 15:7,10; 28:14). Os adoradores, quando ofereciam sacrifícios, geralmente levavam vinho, entre outros requisitos, (ver I Sam. 1:24; 10:3,8). Havia certo suprimento de vinho guardado no templo, para propósitos de sacrifícios (ver I Crô. 9:29).

Além disso, o vinho era usado como medicamento, para revivificar os que desmaiassem (ver II Sam. 16:2), ou como sedativo, «aos amargurados de espírito» (Pro. 31:6). Os rabinos tinham um ditado que dizia: «O vinho é o melhor dos medicamentos; quando falta o vinho, tornam-se necessárias as drogas». O vinho era até mesmo derramado sobre os ferimentos, como se vê no caso do homem vitimado pelos assaltantes, em Lucas 10:34. Finalmente, o vinho era um importante artigo comercial e também era doado como presente. Davi recebeu de Abigail «dois odres de vinho» (I Sam. 25:18), e Ziba lhe deu «um odre de vinho» (II Sam. 16:1). Quando Salomão edificou o templo de Jerusalém, pagou a Hirão, entre outras coisas, «vinte mil batos de vinho» (II Crô. 2:10), pela madeira do Líbano e pela ajuda dos operários de Hirão.

Nos tempos modernos, a viticultura tem-se tornado a mais importante atividade agrícola em Israel. (I ID LAN UN)

BEC

Famoso centro monástico de erudição, com influências sobre a Normandia e a Inglaterra. Foi fundado perto de Rouen, na França, em cerca de 1034 D.C. Foi imortalizado por causa de grandes líderes e mestres que dali saíram, como Lanfranc e Anselmo (ver artigo a respeito). Muitos teólogos, mestres, legistas e arcebispos tiveram seus nomes associados àquele lugar. (E)

BECA

Ver **Pesos e Medidas.**

BECK, JOHANN TOBIAS

Teólogo protestante (1804-1874). Foi professor do Novo Testamento em Basel, em 1842, professor em Tubingen (ver o artigo), e um dos principais representantes modernos do realismo bíblico. Beck produziu frutíferas obras exegéticas e teológicas. *Suas idéias*: Ele concebia o Espírito Santo como agente da vida criativa. Sua atuação envolveria a formação e orientação de seu povo, bem como a produção das Sagradas Escrituras. Os pontos de vista de Beck ajudaram a entravar os excessos da teologia liberal. Através de seus seguidores, especialmente Ad. Schlatter, sua influência prossegue até hoje na teologia do continente europeu. (E)

BECKET, THOMAS

Arcebispo de Canterbury e chanceler da Inglaterra (1118-1170). Nasceu em Londres e faleceu em Canterbury. Foi um dos favoritos de Henrique II, distinguiu-se como militar, estadista e eclesiástico. Porém, sua lealdade à Igreja e sua oposição às intervenções do estado, deixaram o rei inglês indignado. E isso forçou Becket a refugiar-se na França. Houve a reconciliação, e Becket retornou à Inglaterra. Porém, surgiram novas dificuldades. Então Becket foi assassinado por homens enviados por Henrique II, a sua catedral de Canterbury. Foi canonizado três anos após sua morte. O lugar de seu sepultamento tornou-se objeto de peregrinações, até que foi violado por Henrique VIII. A festa em sua honra é celebrada a 29 de dezembro. Ver o artigo sobre as Constituições de Clarendon. (AM E)

BECORATE

No hebraico, «primogênito». Era filho de Afia ou Abia, neto de Bequer, um antepassado de Saul (I Sam. 9:1). Cerca de 1225 A.C.

BECTILETE

Uma planície que havia em algum trecho entre Nínive e o norte da Cilícia (Judite 2:21). Holofernes, partindo de Nínive, chegou a essa planície, após uma marcha de três dias. Naquele livro é dito que a planície ficava próxima de um monte no norte da Cilícia Superior. Ali estabelecido, Holofernes começou a assaltar as áreas adjacentes. Alguns estudiosos pensam que Bactali, que figura nas tabelas de Peutinger, cerca de 34 km de Antioquia, é a antiga localização.

BEDÃ

No hebraico, «filho de julgamento», embora outros estudiosos prefiram dizer que o significado do nome é incerto. Era filho de Ulão, descendente de Manassés (I Crô. 7:17). Seu nome aparece entre os juízes, em I Sam. 12:11, à margem, embora nada se saiba sobre isso em qualquer trecho da Bíblia. Na LXX e na versão Peshita, aparece ali o nome Baraque (ver o artigo). Alguns eruditos pensam que o nome é a forma abreviada de Abdom (ver o artigo), filho de Hilel, que julgou Israel por oito anos, em Piratom (Juí. 12:13). Há outras identificações ainda menos prováveis. Os estudiosos confessam que não há como estabelecer uma identificação indiscutível. (S Z)

BEDADE

No hebraico, «sozinho». Um rei idumeu, pai de Hadade (Gên. 36:35 e I Crô. 1:46), que reinou em Edom antes que houvesse rei em Israel. Cerca de 1500 A.C.

BEDE, O VENERÁVEL

Monge e erudito inglês (673-735). Foi autor de uma *História Eclesiástica do Povo Inglês*. Passou a maior parte de sua vida no mosteiro de Jarrow. Era altamente respeitado em face de sua piedade e erudição, e sua fama espalhou-se por toda a Europa. Sua maior obra literária foi a história que ele escreveu, que continua sendo usada, até hoje, como obra de referência sobre a história eclesiástica de sua época para trás, embora ele tivesse escrito um total de quarenta livros. (AM E)

BEDIAS

No hebraico, «servo de Yahweh», um homem da família de Bani, que se casara com uma mulher estrangeira, estando no cativeiro, na Babilônia (Esd. 10:35), em cerca de 458 A.C.

BEDLAM

A palavra é contração do inglês Bethlehem, «Belém». A princípio foi um famoso hospital em Londres, fundado em 1247 pela ordem de Nossa Senhora de Belém. Era um hospital dedicado aos pobres. Posteriormente, tornou-se um asilo de alienados mentais (1405). Sofreu várias mudanças de localização, terminando em Southward, nos Campos de São Jorge. Tornou-se conhecido como um lugar de desespero e vergonha. No século XVIII, seus internos eram exibidos aos visitantes, que podiam entrar ali gratuitamente; e assim o nome tornou-se sinônimo de abuso e opróbrio. Atualmente, entretanto, é conhecido pelo tratamento humano e bem-sucedido oferecido aos insanos. (E)

BEECHER, HENRY WARD

Ministro congregacional (1813-1887). Nasceu em Litchfield, estado de Connecticut, nos Estados Unidos da América, filho de rev. Lyman Foote e sua esposa, Roxana. Formou-se em Amherst, em 1834, tendo estudado teologia no Seminário Lane, em Cincinnati, estado de Ohio, onde exerceu atividades pastorais. Finalmente, estabeleceu-se na Igreja Plymouth (congregacional), no Brooklyn, Nova Iorque, onde permaneceu pelo resto de sua vida. Beecher foi um dos mais brilhantes e influentes pregadores dos tempos contemporâneos. Foi líder na campanha

antiescravagista, e terminou envolvendo-se em outras reformas. Ajudava a causa unionista do presidente Lincoln através de seus discursos, tendo ido à Inglaterra com esse propósito, em 1863. Caiu em desgraça através de um notório julgamento de adultério, em 1874. O juri não conseguiu chegar a um consenso. Posteriormente, Beecher foi inocentado por um concílio eclesiástico. Grandes homens, grandes vícios, *talvez*. Em seu leito de morte, foi ouvido a sussurrar: «Agora, estou indo para o Grande Desconhecido». Verdadeiramente, nosso conhecimento do após-vida não é muito grande, a despeito de nossas experiências e de nossa teologia. Mas o crente fundado na Bíblia sabe para onde está indo. O que Beecher sabia é que ele estava indo para uma outra faceta da existência, sem importar as surpresas que por ele esperavam. As pesquisas modernas demonstram que há evidências científicas da existência da alma e de sua sobrevivência ante a morte física. E, quanto mais sabemos, mais otimistas ficamos acerca de toda essa questão. (AM E)

BEELIADA

No hebraico, «o Senhor sabe», ou «conhecido por Baal». Foi um dos filhos de Davi, nascido em Jerusalém (I Crô. 14:7). Posteriormente, seu nome foi mudado para Eliada, que no hebraico significa «Deus sabe», quando o nome de Baal passou a ser evitado, devido à sua conexão com a idolatria (II Sam. 5:16), em cerca de 1045 A.C. (S)

BEEMOTE

Essa palavra transliterada do hebraico, e que é apenas a forma plural de *behamah*, «fera», não figura em nossa versão portuguesa. Mas em Jó 40:15 está em foco algum animal, que nossa versão confiantemente traduz por «hipopótamo». Nesse caso, o plural deve ter um uso intensivo. Na verdade, a passagem em Jó é figurada, e a única coisa que se pode dizer com certeza é que está em foco algum animal aquático, poderoso (vs. 23), que come erva (vs. 15).

O hipopótamo era conhecido nos tempos bíblicos, e os registros antigos mostram cenas de caça a esse animal por meio de arpões e ganchos munidos de farpa (Diod. *Siculus* 37:35). Sabemos que o hipopótamo tem seu habitat na África, e que, em te npos antigos, existia no Egito e nos rios que desembocam no Mediterrâneo oriental. Há evidências de que havia hipopótamos no rio Orontes, na Síria, em cerca de 1500 A.C., porém, pelo século XII D.C., o hipopótamo foi extinto na Síria. Embora seu nome signifique, no grego «cavalo do rio», o hipopótamo é mais aparentado ao porco. Seu casco é dividido, mas não rumina, embora dotado de um complexo estômago com três câmaras, para digerir as massas de alimento vegetal que ele devora. (BOD WOD)

BEER

No hebraico, «poço». Um nome próprio que denota duas localidades no Antigo Testamento:

1. Um lugar em Moabe, onde Israel acampou (Núm. 21:16), do outro lado do ribeiro de Arnom. O lugar era assim chamado porque havia um poço naquele local, escavado pelos príncipes do povo. Ali Deus deu ao povo de Israel água abundante, para deleite deles. O local tem sido identificado com Beer-Elim, «poço dos heróis», referido em Isaías 15:8.

2. Uma aldeia da tribo de Judá, para onde Jotão fugiu, após haver enunciado a parábola em que denunciava seu irmão Abimeleque, por haver este se apossado sangüinariamente do poder (Juí. 9:21). O local é desconhecido, mas muitos supõem que ficava perto do monte Gerizim. (ID)

BEER-ELIM

No hebraico, «poço dos heróis», que figura somente em Isa. 15:8. Talvez se trate de outro nome do mesmo lugar chamado Beer (que vide), referido em Núm. 21:16,18, como uma das cidades moabitas.

BEER-LAAI-ROI

No hebraico, «poço do Vivo que me vê». Um poço localizado entre Cades e Berede (Gên. 16:14), onde o anjo do Senhor apareceu a Hagar, quando ela fugia de Sara, sua patroa. Ver o artigo sobre Hagar. Os arqueólogos têm identificado tentativamente esse poço a dezenove quilômetros a noroeste de Ain Kadis, em 'Ain el-Muweileh, cuja pronúncia árabe assemelha-se um pouco ao nome original e tem o mesmo significado.

BEERA

No hebraico, «o poço». Foi chefe guerreiro da tribo de Aser (I Crô. 7:37), filho de Zofa. Cerca de 1570 A.C.

Em nossa versão portuguesa aparece um outro *Beera* em I Crô. 5:6, embora o hebraico grafe o nome deste de modo levemente diferente do daquele. Este último foi um dos chefes do clã da tribo de Rúben, que foi levado ao exílio por Tiglate-Pileser, rei da Assíria, em cerca de 740 A.C. Os estudiosos afiançam que seu nome significa «expositor», embora outros discordem da interpretação.

BEERI

No hebraico, «fonte» ou «ilustre». Há duas pessoas com esse nome:

1. Um heteu, pai de Judite, uma das esposas de Esaú (Gên. 26:34) em cerca de 1963 A.C. Com toda a probabilidade, Judite é a mesma Aolibama de Gênesis 36:2. Isso faria de Beeri e Anaque a mesma pessoa.

2. Pai do profeta Oséias (Osé 1:1), em cerca de 800 A.C. (S)

BEERÓTE-BENE-JACÃ

No hebraico, «poços dos filhos de Jacã». Alguns estudiosos opinam que se trata do mesmo lugar chamado algures de Beer (que vide). Mas outros negam essa identificação. Seja como for, foi uma das quatro cidades envolvidas no tratado com os gibeonitas (Jos. 9:17), que a confederação dos heveus, por meio de ludíbrio, estabeleceu com Josué (Jos. 9:7). Posteriormente, tornou-se cidade pertencente à tribo de Benjamim (Jos. 18:25; II Sam. 4:2). Após o exílio, foi repovoada (Esd. 2:25).

Um dos trinta principais guerreiros de Davi era natural dali, de nome Naarai. que foi armeiro de Joabe (II Sam. 23:27; I Crô. 11:39). Atualmente, o lugar é de localização desconhecida, embora alguns o identifiquem com a moderna el-Bireh, a treze quilômetros ao norte de Jerusalém. Porém, várias outras identificações, antigas e modernas, têm sido propostas, sem que se chegue a uma certeza indiscutível.

Em Números 33:31,32, esse nome reaparece, sob a forma Bene-Jaacã, como localidade onde os israelitas

passaram por duas vezes, em suas andanças pelo deserto, com seus acampamentos de número vinte e sete e trinta e três, em sua jornada do Egito à terra de Canaã. Provavelmente ficava no vale de Arabá, um lugar distinto daquele acima mencionado. O local mencionado em Números tem sido identificado com a moderna Birein. (SI UN)

BEESTERÁ

No hebraico, «em Astarte». Essa cidade pertencia à meia-tribo de Manassés, que habitava na Transjordânia, e que foi dada aos levitas (Jos. 21:27). Na lista paralela de I Crônicas 6:71, o nome Astarote aparece, porquanto Beesterá é apenas uma forma contraída de Bete-Astarote, «casa de Astarte».

BEHAVIORISMO

O nome indica uma psicologia moderna, baseada nas idéias de Pavlov, um russo, e de J.B. Watson (ver o artigo), um norte-americano. Visto que esse sistema alicerça-se sobre pressupostos do materialismo, suas bases encontram-se em Demócrito e em Thomas Hobbes. De acordo com esse sistema, qualquer idéia de uma alma imaterial, e conseqüentes fenômenos mentais, é repudiada. O pensamento é equiparado aos movimentos do corpo, a ações e reações. O ato de pensar é chamado de fala subvocal. Mas, se o pensamento consiste apenas nisso, então a observação dos behavioristas sobre o *meu comportamento* consiste na mera observação de minha laringe em movimento! Quando a laringe é removida mediante uma intervenção cirúrgica, não há cessamento de pensamento! A fim de evitar essa conclusão lógica, os behavioristas têm expandido extraordinariamente a sua definição de pensamento, a ponto de incluírem na mesma todos os hábitos formados durante o processo do exercício das aptidões biológicas. Segundo eles dizem, não há mentes, mas tão-somente corpos dotados de cérebros físicos e reações a estímulos externos e internos. Nesse sistema, são negados os instintos e a introspecção. Todo comportamento vê-se reduzido a ações de estímulo e reação. Em outras palavras, o homem seria apenas uma máquina de carne. O papel do condicionamento (que seria tudo quanto está envolvido no *aprendizado*) é a função toda-importante dessa máquina. Isso significa, por sua vez, que todo conhecimento é reduzido ao que os sentidos do corpo físico são capazes de colher. Como uma ciência social, esse sistema é extremamente determinista, porquanto, segundo o mesmo, o homem é apenas uma vítima impotente de seu meio ambiente, não dispondo de recursos internos para alterar a sua sorte e destino. O comportamento seria apenas a soma total das influências que atuam sobre um indivíduo. Esse ponto de vista não abre espaço para as determinações da vontade e nem para a responsabilidade moral.

A falácia do sistema é que o mesmo ignora tudo quanto a filosofia, a psicologia, a ciência e a teologia têm podido recolher de informes em favor dos fenômenos não-materiais, incluindo os fenômenos da alma (ver o artigo). Ver também o artigo sobre o problema do corpo-mente. Ver também as experiências quase-morte, as quais demonstram claramente, pela experiência humana, que há uma outra dimensão da vida.

Do ponto de vista moral, o sistema behaviorista caracteriza-se por uma pobreza extrema. Segundo ele, o homem é uma vítima ao longo de sua existência, sem qualquer capacidade de vencer, triunfar e criar. Porém, quanto mais aprendemos sobre o ser humano, tanto mais se torna evidente, mesmo sem levar em conta a teologia, que o homem é um ser criativo, e não um mero robô, que atua quando estimulado ao acaso. (H P)

BEIJO

Ninguém sabe quando os homens começaram a beijar, mas podemos estar certos de que o costume nunca terminará. Há o beijo casto, como de uma mãe em seu filhinho, ou de uma criança em outra. Há o beijo de saudação, especialmente nos tempos antigos, que tem reflexos até nas Escrituras (ver Gên. 29:11; I Cor. 16:20b). E há também o beijo sensual. O beijo boca a boca é perigoso, por causa da contaminação que pode transmitir. Ver o artigo sobre *Boca*, quanto a evidências sobre a questão. Pelo menos na Bíblia, o beijo é tão antigo quanto a própria história. E, visto que alguns animais têm uma espécie de beijo, podemos especular que o beijo deve ser tão antigo quanto os próprios corpos físicos.

1. *Modo de beijar*. O beijo é uma carícia que consiste em pressionar os lábios e sugar de leve sobre outros lábios, rosto, barba, testa, mão, pé, etc. Mas, de algumas outras vezes, as pessoas soltam beijos no ar, o que não requer qualquer contacto físico. Também são beijados objetos, como sinal de alegria ou afeto. Algumas pessoas chegam a beijar animais!

2. *Sua significação*. As ações com freqüência falam mais alto que as palavras. Assim, o ósculo é usado para expressar afeto, respeito, homenagem, saudação, despedida, gesto cerimonial, sinal de intuito pacífico, sinal de respeito religioso, ou mesmo intuito sedutivo. Naturalmente, há também o beijo romântico, que Hollywood se encarregou de popularizar.

3. *Alusões bíblicas ao beijo*. O beijo era usado, nos dias patriarcais, como uma saudação (Gên. 29:13), ou como sinal de afeto (Gên. 27:26,27). Também era sinal de amizade, quando se saudava alguém na chegada ou na partida (II Sam. 20:9; Tobias 7:6; 10:12; Luc. 7:45; 15:20; Atos 20:37; Mat. 26:48). O beijo, com parecer fatal, também era usado em conexão com as práticas idólatras, como quando se osculava a um ídolo, a um altar, ou se lançava beijos aos corpos celestes, que eram venerados (I Reis 19:18; Osé. 13:2; Tácito, *Hist*. iii.24,3; Luciano, *De Salt*., c. 17; Plínio, *Hist. Nat*. xxviii,5). Em Salmos 2:12; I Samuel 10:1 e Xenofonte *Cyrop*., encontramos menção ao beijo de homenagem. Xenofonte informa-nos que era um costume dos persas. Beijar os pés de alguém era sinal de obediência e sujeição. Isso pode ser comparado ao beija-pé dado por alguns no papa e em outras altas figuras da hierarquia da Igreja Católica Romana. De algumas vezes, a marca deixada pelo pé no chão, recebia o beijo, e não o pé propriamente dito, o que era um ato de supremo respeito, como se o pé de uma pessoa não pudesse ser osculado devido à elevada posição que a mesma ocupava. Ver Isa. 49:23; Miq. 7:17; Sal. 77:9; Dion Cass. lix,27; Sêneca, *De Benef*. ii.12. Entre os judeus, posteriormente as instruções rabínicas limitaram o beijo a somente três categorias: o beijo de reverência, o beijo de recebimento e o beijo de despedida, *Breschith Rabba*, comentando sobre Gênesis 29:11. Nas páginas da Bíblia, o beijo se dava entre pessoas do mesmo sexo e entre pessoas de sexos diferentes, Gên. 29:13; 45:15; 19:11; I Sam. 10:1 e 20:41.

4. *O ósculo santo do Novo Testamento*. Ver Atos 20:37; Rom. 16:16; I Cor. 16:20; II Cor. 13:12; I Tes. 5:26; I Ped. 5:14. Já aprendemos que o beijo era uma maneira das pessoas exprimirem afeto, saudação ou

despedida. Esse costume era praticado e mesmo recomendado nos dias do Novo Testamento, sendo ainda usual em alguns países do mundo, como na América Latina, incluindo o Brasil. Mas alguns povos vêem com muito maus olhos o ósculo entre homem e homem, embora ali, ocasionalmente, se veja um homem beijar uma mulher nas saudações ou nas despedidas. Quanto ao ósculo santo, recomendado no Novo Testamento, era apenas natural que a Igreja cristã primitiva incorporasse o que já era um costume social em suas congregações, onde irmãos e irmãs na fé formam uma família, algumas vezes com laços de afeto mais íntimos que as famílias de autênticos laços de sangue. O ósculo santo, em algumas denominações evangélicas, tornou-se parte da liturgia, primariamente como uma forma solene de saudação ou de despedida, e como se fosse até uma das ordenanças da Igreja. Na antiguidade, o ósculo santo tornou-se parte integrante da Ceia do Senhor, embora o próprio Novo Testamento não faça tal conexão. Geralmente, o ósculo santo era dado no final da cerimônia. Justino Mártir, *Apol.* 1, op. 65, mostra-nos que, em seus dias, o ato de beijar fazia parte da cerimônia que circundava a celebração da Ceia do Senhor. As *Constituições Apostólicas* fornecem-nos a mesma informação (século III D.C.). Na Igreja Ortodoxa Oriental, o ósculo santo é dado nos dias de festividade religiosa. Em outros lugares, mais recentemente, pessoas recém-batizadas eram osculadas, como também o eram os convertidos, por ocasião de sua profissão de fé. Os candidatos à ordenação ministerial eram osculados, como também os cadáveres dos líderes! O concílio de Auxerre, em 578 D.C., proibiu essa última prática, pelo que podemos agradecer! O ósculo de paz era um costume comum na Igreja, até durante a Idade Média. Tertuliano, em 150 D.C., refere-se a esse «beijo de paz»; e Clemente de Alexandria alude ao *ósculo místico* (século III D.C.). Não há que duvidar que esses ósculos ocorriam tanto entre pessoas do mesmo sexo como entre pessoas de ambos os sexos. Mas também é quase certo que o ósculo sempre era aplicado na testa ou em uma das mãos, e jamais sobre os lábios. Vários grupos evangélicos de hoje em dia, como a Igreja Ortodoxa Oriental, em suas festas religiosas, os Dunkers (batistas alemães), e alguns grupos evangélicos, como certos grupos de «restauração», retêm essa prática como parte da liturgia e como um ato comum de despedida ou acolhida. Em alguns lugares, em vez de serem osculadas as pessoas, era passada entre os circunstantes uma tabuinha, onde eram aplicados os ósculos, como ato meramente simbólico. Sem dúvida isso passou a ser usual devido aos abusos a que a prática se sujeita. Pensemos na teoria das infecções por germes patogênicos, e sobre essas tabuinhas! E, naturalmente, as pessoas de fortes tendências religiosas continuam a beijar os ídolos, os altares, as relíquias e também o dedão do pé do papa e dos bispos!

Costumes sociais. Alguns insistem que as referências ao ósculo santo, no Novo Testamento, fazem o mesmo tornar-se obrigatório; mas outras pessoas simplesmente não podem aceitar tal posição por causa de costumes sociais ou do senso de propriedade. Na Índia, há o costume de dois homens darem-se as mãos, quando são muito amigos. Se mulheres fazem isso, em outras culturas, nada se repara. Mas por outro lado, se dois homens se dão as mãos, imediatamente surgem dúvidas quanto a seus motivos. O espírito inglês-norte-americano jamais permitiria que homens se beijassem; mas, em outros países, como na Rússia, por exemplo, isso é praticado sem qualquer escrúpulo. Tudo depende dos costumes vigentes. Por outro lado, **um norte-americano,** quando saúda a uma mulher que não seja sua esposa, com um aperto de mão, fá-lo com vigor, pois um aperto de mão mais suave seria olhado com desprezo. No Brasil, porém, dá-se precisamente o contrário. Sei de um missionário norte-americano que foi envolvido em um escândalo porque continuou a praticar em um país estrangeiro, onde foi trabalhar no evangelho, o tipo de aperto de mão norte-americano em relação às mulheres. As referências neotestamentárias mostram que o ósculo santo era um costume generalizado entre os cristãos primitivos, podendo até mesmo ser interpretado como obrigatório, mediante o estudo dos vários trechos bíblicos que aludem à questão. Por outra parte, temos ali um costume tipicamente oriental, com o qual alguns povos modernos não se sentem à vontade. As pessoas que não se sentem bem em oscular outras pessoas, sobretudo no caso de homens com homens, naturalmente, continuarão a prática do aperto de mãos, como substituto. (G LAN NTI WAR).

BEIRA DO RIO

São as margens delimitadoras da largura de um rio. Moisés foi salvo por sua mãe ao ser posto dentro de uma cestinha calafetada, à beira do rio Nilo (ver Êxo. 2:3). O rio Jordão transbordava de suas margens durante a primavera (ver Jos. 3:15 e 4:18). *Uso figurado*: Ezequiel 47:7,12 refere-se às ribanceiras do rio, onde havia certa variedade de árvores, de frutos e folhas igualmente úteis. A Assíria é retratada como um rio que transborda de suas margens e se precipita contra Israel, para destruí-la como um dilúvio (ver Isa. 8:7). (ID S)

BEL

Cognato hebraico do semita ocidental **Baal**, que significa «senhor» ou «proprietário». O equivalente sumério era *En*, um dos títulos de Enlil, deus do vento e das tempestades, um dos participantes originais da tríada suméria de divindades. Com o tempo, o deus Marduque obteve ascendência, e Bel tornou-se um título de honra que lhe era dado, ao passo que o deus Enlil deixou de ser importante. Na Bíblia, Merodaque é mencionado somente em Jer. 50:2; Bel aparece em Isa. 46:1; Jer. 50:2; 51:44, e também na epístola de Jeremias 6:41, obra apócrifa, como parte do nome Belsazar. (Z)

Heródoto (i:181-183) refere-se a um templo em forma de pirâmide, em honra a Bel, construído na Babilônia. Os sacrifícios ali oferecidos consistiam em gado adulto e suas crias. De acordo com o livro apócrifo «Bel e o Dragão», foi a imagem de Bel (Merodaque) que Daniel e seus companheiros se recusaram a adorar. (ID S Z)

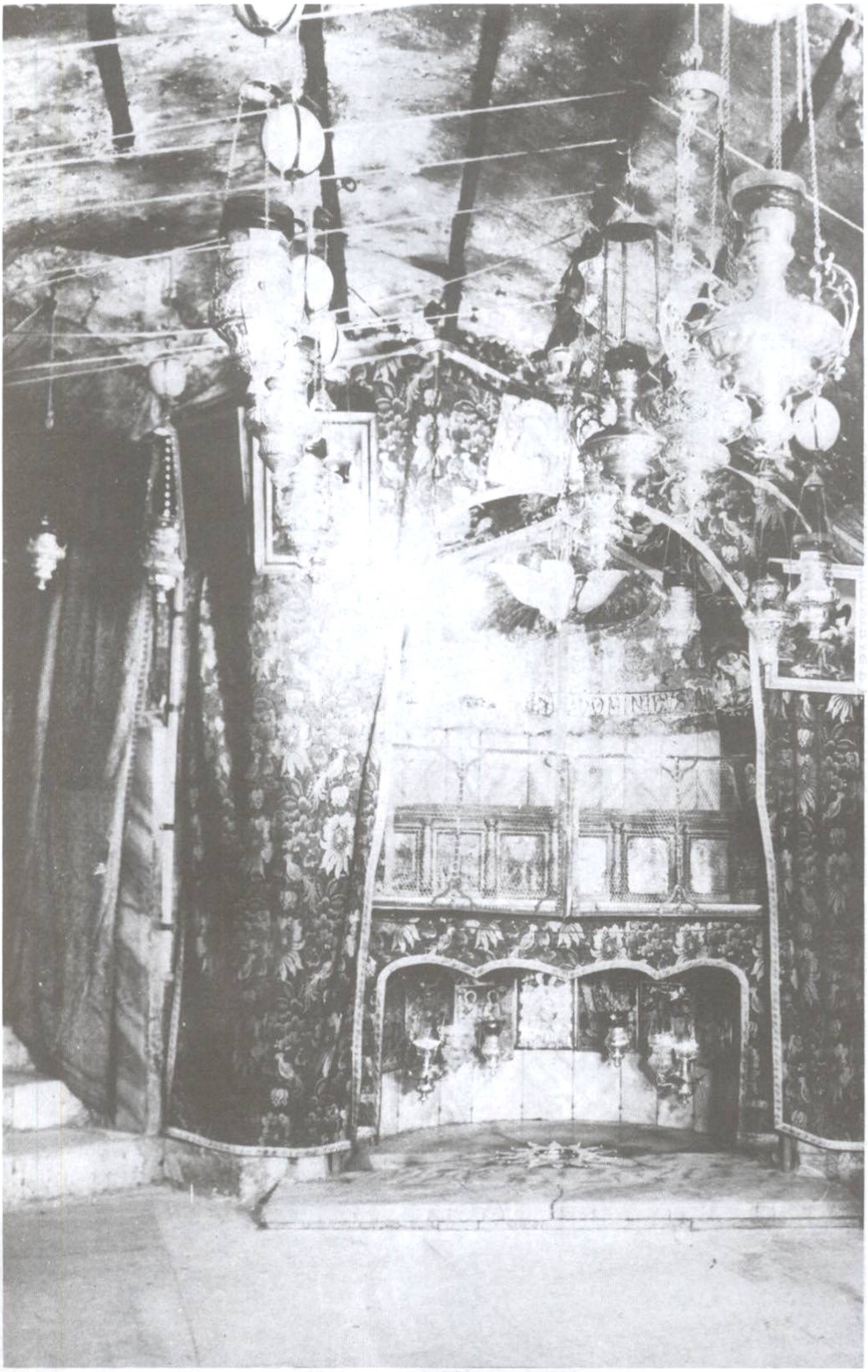
BELÁ

No hebraico, «devorado» ou «destruição». É nome de uma localidade e de várias pessoas, referidas no Antigo Testamento:

1. Um lugar onde reinava Zoar (Gên. 14:2,8).

2. O filho de Beor que reinou sobre Edom, em cerca de 1618 A.C., na cidade de Dinabá, oito gerações antes de Saul (Gên. 26:32,33; I Crô. 1:43). Em português, o nome dele é grafado como Bela, sem acento agudo na sílaba final.

3. O filho de Azaz, um rubenita (I Crô. 5:8). Seu nome também é grafado como Bela.



Gruta da Natividade, Belém
—Cortesia, Matson Photo Service



BELÉM CERCADA COM VIDEIRAS E OLIVEIRAS — Cortesia, Matson Photo Service

4. Filho mais velho de Benjamim, cabeça da família dos belaítas, dentre a qual Eúde foi o mais notável, em cerca de 1700 A.C. (Gên. 46:21; Núm. 26:38). Essa última referência fala sobre os belaítas.

BELAS ARTES

Ver o artigo sobre **Artes**, que inclui uma discussão sobre as muitas teorias filosóficas acerca da natureza da arte. Ver o artigo separado sobre a *Música*.

BELÉM

No hebraico, «casa do pão» (isto é, do alimento) Alguns estudiosos pensam que a terminação da palavra (no hebraico, *lehem*) alude a uma divindade assíria chamada Lakmu. Nesse caso, o significado do nome seria «casa de Lakmu». Porém, não há a mínima evidência de que tal divindade tivesse sido adorada na área em questão. Há duas aldeias chamadas por esse nome nas páginas do Antigo Testamento, e atualmente têm o nome árabe de *Bayt Lahm*, com sentido idêntico ao hebraico.

1. Uma cidade na Palestina, perto de onde Jacó sepultou Raquel, e que na época era conhecida como Efrata (Gên. 35:19; 48:7), razão pela qual também é denominada Belém Efrata, em Miquéias 5:2. Outros nomes que lhe foram aplicados são: Belém de Judá (I Sam. 17:12); Belém da Judéia (Mat. 2:1); e «cidade de Davi, chamada Belém» (Luc. 2:4; cf. João 7:42). O antigo nome, Efrata, continuou a ser-lhe dado por muito tempo depois que Israel ocupara o território (Rute 1:2; 4:11; I Sam. 17:12; Sal. 132:6). A cidade dá frente para a estrada principal para Hebrom e o Egito, estando situada em uma cadeia de pedra calcária, na região montanhosa da Judéia. Após a conquista, a cidade foi outorgada à tribo de Judá (Juí. 17:7). Ibsã, que era de Belém, julgou Israel após Jefté (Juí. 12:8). Elimeleque, marido de Noemi e sogro de Rute, também era belemita (Rute 1:12), o que também sucedia a Boaz (Rute 2:1,4,11). E, naturalmente, Davi era natural de Belém, onde também foi ungido por Samuel para ser o futuro rei de Israel (I Sam. 16:1 *ss*). Por isso, compreendemos o motivo pelo qual Davi anelava por água dali, quando estava no exílio (II Sam. 23:15 *ss*). A fonte de onde a água lhe foi trazida, aparentemente existe até hoje, juntamente com outras, no lado norte da aldeia.

Belém atingiu seu ponto culminante na história quando Jesus Cristo ali nasceu (Mat. 2:1). Herodes ordenou que todos os meninos de Belém e dos arredores, de dois anos de idade para baixo, fossem mortos, conforme estava predito nas Escrituras, em uma tentativa satânica de destruir o Rei quando ainda infante. O relato sobre os magos também gira em torno de Belém. O imperador romano Adriano mandou devastar o lugar, no século II D.C., para tentar abafar um levante dos judeus. Isso assinalou o começo do grande exílio dos judeus, que foi revertido somente a partir de 1948, com a formação do Estado de Israel. Os turistas em Belém costumam visitar a gruta da Natividade, a igreja da Natividade, mandada erigir por Helena, mãe do imperador Constantino, uma edificação que presumivelmente assinala o local do nascimento de Jesus. Além disso, o tradicional túmulo de Raquel pode ser visto ali, tal como os campos dos pastores. Ver o artigo geral sobre Arqueologia. Atualmente, Belém é um dos principais lugares de peregrinação do mundo, sagrado tanto para os judeus quanto para os cristãos. (AM AH ALB KO)

2. Belém no território de Zebulom (Jos. 19:15), mencionada juntamente com Idala. Essa tem sido identificada com a moderna Beit Lahm, a onze quilômetros a nordeste de Nazaré. Provavelmente era a terra natal de Ibsã, um dos primeiros juízes de Israel (Jos. 12:8,10), onde também ele foi sepultado. A arqueologia tem descoberto ruínas que indicam que, em tempos passados, deve ter sido lugar de alguma importância.

BELÉM, ESTRELA DE

Ver **Estrela dos Magos**, bem como o artigo sobre a **Astronomia**.

BELEMITA

Um habitante de Belém de Judá (ver o artigo) (I Sam. 16:1; Rute 1:1,2; I Sam. 17:12).

BEL E O DRAGÃO

Três trechos diferentes foram adicionados ao livro canônico de Daniel, e esse é um deles. Essas adições aparecem na tradução grega, mas não no original hebraico. Os outros dois trechos são Susana e o Cântico dos Três Mancebos. O concílio de Trento, da Igreja Católica Romana, reconheceu esses livros como inspirados, pelo que se tornaram parte dos livros apócrifos do Antigo Testamento (ver o artigo), em 1545-1563. Alguns poucos dos antigos pais da Igreja, como Orígenes, defendiam o direito desse livro em fazer parte do cânon, mas os protestantes, seguindo o cânon hebraico, têm-no rejeitado coerentemente, junto com todos os livros não reconhecidos pelos judeus. Ver o artigo sobre o *cânon*.

1. *Textos*. Em grego encontramos dois textos básicos: a. um manuscrito da LXX, o códice Chisianus, do século IX D.C.; b. o texto de Teodoreto, representado em vários manuscritos, principalmente B A Q Gamma e Delta. E há também o texto siríaco, um manuscrito do século VIII D.C., feito sobre uma *Hexapla* de Orígenes, col. 6, que segue bem de perto a versão da LXX.

2. *Versões*. a. As versões gregas, segundo dissemos acima. b. Teodoreto, segundo dissemos acima. Ele preparou o seu texto entre 100 e 130 D.C., e Bel e o Dragão faz parte desse texto. c. A versão siríaca é representada por duas versões diferentes: a sírio-a xapla e a Peshita, que mistura o texto da LXX e o de Teodoreto. d. A versão latina, no latim antigo, que se aproxima do texto de Teodoreto e da Vulgata, alicerçada principalmente sobre a tradução de Jerônimo. e. A versão aramaica, uma versão das Crônicas de Yerahmeel, que alguns estudiosos pensam representar o texto original.

3. *Língua Original*. Há evidências lingüísticas nos manuscritos existentes, como hebraísmos, traduções equivocadas em outras versões, com base no mal-entendido quanto às palavras hebraicas, que parecem apontar para um original em hebraico e aramaico. Todavia, os primeiros pais da Igreja nunca mencionam um original hebraico. Como não há manuscritos mais antigos, escritos em hebraico, a maioria dos eruditos antigos, como muitos de nossa época, pensam que o livro foi originalmente escrito em grego. Mas, o peso maior das opiniões favorece um original hebraico.

4. *Autor, Lugar e Data*. O lugar depende do idioma original. Se esse idioma é o hebraico, então devemos pensar na Palestina; se é o grego, então devemos pensar no Mediterrâneo oriental. Seu autor é absolutamente desconhecido e a data de sua

composição é incerta, embora muitos falem no século II A.C.

5. *Propósito Principal.* O autor procura divertir o leitor, embora se mostre sério em sua denúncia contra a idolatria. Como um propósito secundário, o autor exalta o trabalho de detetive, efetuado por Daniel.

6. *Conteúdo.*

Acerca de Bel. A narrativa é simples. O rei adorava o ídolo Bel na Babilônia, mas Daniel recusou-se a fazê-lo. O rei relembrou Daniel acerca de como o ídolo comia diariamente as quatro (LXX) ou quarenta (Teodoreto) ovelhas, a ele oferecidas, juntamente com certos líquidos: azeite (LXX), mais vinho (Teodoreto). Daniel sabia que em tudo isso havia um engodo, pelo que o rei exigiu dos sacerdotes que provassem a contenção. Foram providas as ofertas. Foi descoberto que os sacerdotes tinham um alçapão secreto, por meio do qual vinham e levavam as ofertas ali postas. Daniel e seus servos espalharam cinzas no caminho que levava ao alçapão. Pela manhã, as ofertas haviam desaparecido — e o rei regozijou-se. Mas Daniel mostrou as pisadas nas cinzas. E assim, os sacerdotes tiveram de confessar o truque. Em face disso, tanto Bel como o seu templo foram destruídos, e o Deus criador foi vindicado.

Acerca do Dragão. Um grande dragão era adorado na Babilônia. Esse dragão tinha o costume de comer e beber. Daniel declarou que era capaz de matar o dragão sem usar a espada. O rei deu-lhe permissão para fazer a tentativa. Daniel fez um preparado com piche, gordura e cabelos, cozendo tudo e fazendo bolos com a mistura. O horrível alimento foi demais para o dragão, pois, ao ingeri-lo, explodiu pelo meio. Então o povo ameaçou matar o rei, por haver permitido que o dragão fosse tratado daquela maneira. E assim Daniel foi lançado em uma cova com sete leões. Esses leões costumavam ser bem alimentados com os corpos de pessoas condenadas à morte ou com ovelhas. Porém, quando Daniel foi posto ali, os leões passaram fome. No sexto dia, Habacuque foi trazido da Palestina por um anjo, até à Babilônia, trazendo alimentos para Daniel. Assim, Daniel banqueteou-se, ao passo que os leões passaram fome. Habacuque voltou à sua pátria e Daniel foi solto. Então o rei lançou na cova os opositores de Daniel e os leões tiveram o seu banquete. (CH J JE)

BELEZA

Na Bíblia não há qualquer filosofia estética de belo. Porém, a apreciação natural da beleza é referida por muitas vezes. Em primeiro lugar, o próprio Deus declarou sua criação «boa». «Viu Deus tudo quanto fizera e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia» (Gên. 1:31). Ver também quanto à devida apreciação da beleza, em Sal. 8; 18:1-6; 29; 65:9-13; 104; 147:8-18. O que as Escrituras exaltam, acima da beleza física, é a beleza moral. «Enganosa é a graça e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada» (Pro. 31:30).

1. *Na Filosofia.* Os filósofos aludem à excelência estética, que desperta nas pessoas sensíveis um dos mais puros prazeres. De acordo com Platão, a beleza é uma propriedade intrínseca dos objetos, mensurável em termos de exemplo, pureza, integridade, harmonia de proporções ou perfeição. De acordo com a sua filosofia, somente Deus, em última análise, pode ser chamado Belo. As pessoas e os objetos apenas exibem aspectos do belo, porquanto se aproximam do ideal de Deus, de alguma maneira. Para outros filósofos, a beleza é algo *subjetivo*, ou seja, impressiona o senso estético de quem a contempla. Um objeto ou pessoa pode despertar essa percepção do espírito. Naturalmente, os filósofos analíticos salientam que um termo tão geral e vasto como «beleza» não pode ser definido com facilidade, mas tão-somente pode ser sujeito a uma série de descrições, o que corresponde à realidade dos fatos. Ver o artigo sobre a *arte*, quanto aos muitos conceitos filosóficos a respeito, onde está incluída a idéia da beleza.

2. *Na Antiga Israel.* Para eles, por mais humilde que fosse, não havia lugar como o próprio lar. Mas, nos tempos antigos, a Terra Prometida era, realmente, bela. As mudanças ocorridas desde então modificaram o aspecto da Palestina para pior, transformando-a em um lugar desértico. Tito destruiu as florestas em redor de Jerusalém, a fim de construir máquinas de guerra, durante o cerco da cidade, no ano 70 D.C. Ver a apreciação da beleza da Terra Santa, em Jer. 3:19; Lam. 2:15; Esd. 7:27, que são trechos que se referem à terra, à cidade de Jerusalém, ao povo de Israel e ao templo.

3. *Referência a Terras Não-Judaicas.* O Egito foi comparado a lindos ramos do cedro do Líbano, belo em sua grandiosidade (Eze. 31:3,7,9). O rei de Tiro, em seu resplendor, é descrito mediante os termos mais gloriosos (Eze. 28:12). Após ser julgada pelo castigo divino, Samaria é comparada a uma flor que fenece (Isa. 28:1,4).

4. *As Pessoas.* Certas mulheres são declaradas bonitas. Os cosméticos destacavam a beleza feminina, corrigindo imperfeições naturais (Isa. 3:18-24; Eze. 10:9-14). Mulheres que o Antigo Testamento declara como belas são: Sara, Rebeca, Raquel, Abigail, Abisague, Bate-Seba e Ester. Homens bonitos são José, Moisés na infância, Davi, Jônatas e Absalão.

5. *Deus.* A presença e a glória de Deus envolvem a mais pura beleza (Êxo. 16:7,10; 24:16; 40:34; Lev. 9:6; Núm. 14:10; Jos. 7:19). Deus é como um lindo diadema para o seu povo (Isa. 28:5). O Messias é um belo rei (Isa. 33:17). Porém, em sua humilhação, a beleza do Messias foi ocultada (Isa. 53:2). O livro de Apocalipse encerra muitas descrições de coisas belas pertencentes a Deus, embora não tente qualquer descrição antropomórfica do próprio Deus. Apesar de que tal conceito não é filosoficamente declarado, é óbvio que toda a beleza tem sua origem em Deus, visto ser Ele o Criador e Planejador de todas as coisas.

6. Será glorioso o estado final dos remidos, que Deus está preparando. Lemos em Apocalipse 21:2: «Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ornada como noiva, adornada para o seu esposo». Paulo também declara que a Noiva de Cristo, a Igreja, é adornada e gloriosa, sem qualquer distorção como mácula ou ruga, mas «santa e sem defeito» (Efé. 5:27). (EP F MONT Z)

BELEZA ESPIRITUAL

Platão, em seu diálogo, **Banquete**, identifica a mais elevada identidade metafísica (Idéia ou Forma) com a *Beleza*. Portanto, naquele diálogo, utilizando-nos de termos tipicamente cristãos, podemos dizer que Deus é a Essência da Beleza. Desse ponto de vista, a qualidade suprema de Deus é a beleza. Em outros de seus diálogos, Platão exalta a bondade como a suprema qualidade espiritual. O ensino dele no *Banquete* é que todas as formas de beleza são, na realidade, reflexos da beleza de Deus, sendo essa, exatamente, a razão pela qual desejamos coisas belas, pois sabemos, intuitivamente, que, *nelas*, Deus transparece. O anelo e apreciação do homem pela beleza procede do senso de beleza de que ele é possuidor. A criação é, principalmente, uma situação *estética*, de acordo com

a definição que aparece no *Banquete* de Platão. Se a bondade é a mais alta qualidade divina, então a criação é, essencialmente, uma situação ética. Um homem assemelha-se mais a Deus quando é uma pessoa boa, e também quando é possuidor das qualidades espirituais da beleza. Essas qualidades demonstram harmonia e desígnio. Elas são ordeiras e simétricas. De certo ângulo de visão, os vários aspectos do fruto do Espírito (Gál. 5:22 *ss*), são as lindas coisas que o Espírito Santo cultiva em nós. Admiramos a beleza de uma vida espiritual e somos inspirados a imitá-la. Detestamos a feiúra e a hediondez do pecado, mesmo quando nos envolvemos na transgressão. A feiúra caracteriza-se pela desordem, pela desarmonia e pela imperfeição.

BELIAL

No hebraico, «indignidade» ou «iniqüidade». A palavra tornou-se associada a palavras como filho, filha ou filhas *de Belial*. Isso indicava uma «pessoa indigna», embora a expressão possa assumir o sentido mais forte de «agente de Satanás».

No Novo Testamento aparece a forma alternativa Beliar. Os habitantes de Gibeá, que abusaram da esposa do levita, foram chamados «filhos de Belial» (Juí. 19:22). No Antigo Testamento, não há qualquer indicação de que a palavra era usada como nome próprio, retendo assim seu sentido simples de pessoa *ímpia*. Ver I Sam. 1:16; Deu. 17:4; Pro. 19:28; Juí. 19:22; Sal. 18:4.

Nos escritos judaicos posteriores, tal como nos livros apocalípticos judaicos de Jubileus, Ascensão de Isaías e os Oráculos Sibilinos, a palavra torna-se um nome próprio, que alude a Satanás. O uso neotestamentário envolve esse desenvolvimento. Ver II Cor. 6:15. Ali, nos melhores manuscritos do Novo Testamento, o nome é soletrado como *Beliar*. Alguns intérpretes supõem que desde o trecho de Naum 1:15 a palavra já aparece personificada. Além disso, de acordo com alguns estudiosos, Beliar, no Novo Testamento, torna-se um sinônimo de Beelzebube (ver o artigo). Nos escritos pseudepígrafos, o nome é usado para indicar o anticristo, o principal agente humano de Satanás. O termo «homem da iniqüidade» (o anticristo), usado em II Tes. 2:3, poderia ter esse título por detrás do mesmo, embora sob forma traduzida. (E IB K NTI)

BELLAMY, JOSEPH

Pupilo e intérprete de Jonathan Edwards (ver o artigo). Tornou-se famoso por suas declarações paradoxais, como: «Deus age conforme gostaria que agíssemos com ele», referindo-se ao castigo dos pecadores, por toda a eternidade. Ou então: «Quanto mais incapazes somos de amar a Deus, mais culpados somos». Suas obras principais foram: *True Religion Defined* e *The Wisdom of God in the Permission of Sin*. (AM E)

BELLARMINE, St. ROBERT

Jesuíta italiano (1542-1621). Foi arcebispo de Cápua e, depois, cardeal. Sua obra, *De Controversiis Christiannae Fidei* foi a melhor discussão católica romana sobre a posição protestante, em seus primórdios. Essa obra incorpora uma compreensão incomum sobre a antiguidade e o conhecimento da teologia tradicional. (E)

••• ••• •••

BELMAIM

Cidade que figura no livro apócrifo de Judite (4:4 e 7:3). Seria uma aldeia nas vizinhanças de Dotã, perto de onde Holofernes acampou com seu exército. Tem sido tentativamente identificada com o local de Ibleã (ver o artigo), a oito quilômetros a nordeste de Dotã. (Z)

BELOT, GUSTAVE

Filósofo francês, cujas datas são 1859-1930. Ele negava a possibilidade de qualquer especulação *a priori*, afirmando a inutilidade da metafísica como meio para se estabelecer um código e uma técnica moral. Portanto, ele se opunha à ciência da ética. Acusava Sócrates, Jesus e o socialismo, além de Tolstoy, de se terem manifestado contrários à maré da moral de suas respectivas épocas. Segundo ele pensava, a moralidade genuína resulta do desenvolvimento pessoal, e não de imposições externas. (E)

BELSAZAR

O termo hebraico deriva-se do vocábulo babilônico *Bel-sar-usur*, «o deus Bel protegeu o rei». Era filho de Nabonido e seu co-regente (556-539 A.C.), o rei caldeu ao tempo da captura da cidade da Babilônia por Dario, o medo, em 539 A.C. (Dan. 5:30;7:1). Em Daniel 5:11,18 Nabucodonosor é chamado de seu pai, mas isso significa apenas que ele pertencia à linhagem de Nabucodonosor, atribuição comum nas antigas genealogias. Seu pai, Nabonido, tornou Belsazar co-regente e comandante do exército em cerca de 550 A.C., enquanto Nabonido se ausentava para Teima', na Arábia central. Belsazar governou por cerca de dez anos, até à volta de seu pai, em 542 A.C. É possível que o rei cujo nome não é dado, que morreu quando a cidade caiu diante de Ugbaru, governador de Gutium, e líder do exército persa, tenha sido esse homem (Dan. 5:30). Mediante um decreto de Belsazar, Daniel tornou-se o terceiro maior mandatário do reino, quando o profeta interpretou corretamente o escrito na parede, durante um banquete real. Se Belsazar era o segundo homem do reino e o primeiro sendo seu pai ausente, Nabonido, isso explica por que razão Daniel é chamado de terceiro. As crônicas de Nabunaide, dos séculos VII, IX,X e XI confirmam detalhes acerca de Daniel, referindo-se à co-regência de Belsazar e à ausência de Nabonido. Daniel estava com a razão, ao apresentar Belsazar como o último rei da Babilônia. (DOU UN)

BELTESSAZAR

No hebraico significa «príncipe de Bel» ou «líder do senhor». Porém, alguns estudiosos preferem pensar em um sentido como «Bel protege a sua vida», o que representaria o babilônico *balatusu-usur*. Foi um nome babilônico dado a Daniel, na corte de Nabucodonosor (Dan. 1:7; 2:26; 4:8,9; 18:19, etc.). O nome não aparece fora do livro de Daniel.

BELTÉTMO

No livro apócrifo de I Esdras 2:16,26, aparece como nome de um oficial de Artaxerxes, na Palestina. Na verdade, porém, não é um nome próprio, mas é a transliteração para o grego do título aramaico do ofício ocupado por Reum. Em I Esdras 2:17, esse nome é traduzido por «comandante», ou então por «cronista», de acordo com outras versões.

BELZEBU

Ver o artigo sobre **Baalzebube**. Essa palavra significa «senhor da imundícia» ou «senhor do lixo». A mudança de Baalzebube para Belzebu ocorre na versão da Vulgata Latina. Belzebu significa «senhor das moscas». A referência é a uma divindade pagã, que era tida como o príncipe dos maus espíritos (Mat. 10:25; 12:24,27; Mar. 3:22; Luc. 11:15). O Novo Testamento adota a identificação desse nome com o nome de Satanás. O apelativo foi aplicado a Jesus por determinados líderes judeus (Mat. 10:25), a fim de tentar identificá-lo com o reino das trevas. Em Mateus 12:24, Jesus foi acusado de expulsar os demônios através da autoridade de Belzebu, príncipe dos demônios, o que Jesus, naturalmente, repeliu com um argumento irretorquível.

Não se sabe com certeza como surgiu essa variante do nome, de *Baal* para *Bel*. Mas é bem provável que as duas formas sejam sinônimas, pelo que, em qualquer de suas formas, devemos pensar numa divindade pagã, mesmo que o significado dessas formas divirja em sentido. Apesar de que, originalmente, o nome talvez fosse aplicado a algum príncipe do mal, entre as muitas gradações de espíritos malignos, é quase certo que, pelos tempos neotestamentários, tornara-se o nome apenas um outro título de Satanás, o rei de todos os espíritos malignos. Ver Mateus 12:26,27, que certamente dá a entender exatamente isso. (JE ALB PF)

BEM-AVENTURANÇA

No grego, **makarismós**, «felicidades». O substantivo aparece somente em Rom. 4:6,9 e Gál. 4:15. O verbo, em Luc. 1:48 e Tia. 5:11, e o adjetivo por cinqüenta vezes, desde Mat. 5:3 até Apo. 22:14.

1. Para os gregos antigos, ser bem-aventurado ou feliz (*makários*) era viver livre de sofrimentos e preocupações. Os judeus entendiam a bem-aventurança principalmente em termos de bem-estar material, mas também como recompensa pela observância fiel da lei. Para o crente, entretanto, a felicidade consiste na participação no reino de Deus. Esse último conceito ajusta-se perfeitamente à doutrina de Cristo. Como em quase tudo o mais, Jesus veio ensinar-nos noções contrárias àquilo que os homens concebem, em seu estado de perdição e embotamento espiritual. Aquilo que o Senhor considerou bem-aventuranças ou felicidades invertem diametralmente o julgamento humano.

2. As bem-aventuranças foram expostas por Jesus mormente em seu sermão da montanha (Mat. 5:1-12). Embora ele e os escritores sagrados tenham voltado regularmente ao tema, é nesse trecho que temos o sumário de seu ensino a respeito. Os estudiosos hesitam entre quatro e nove bem-aventuranças. Sem importar se Jesus as proferiu todas numa só ocasião, ou se Mateus posteriormente as juntou em um bloco, se cada felicidade é indicada pelas palavras «bem-aventurados», então teremos de dizer que elas são nove. Em Mateus, cada bem-aventurança tem uma causa e um efeito: Primeira—os que reconhecem sua falência espiritual, pois deles é o reino de Deus. Segunda—os que sofrem aflições, pois receberão consolo. Terceira—os mansos, porque serão os futuros donos do mundo. Quarta—os que anelam por retidão, porque haverão de encontrá-la. Quinta—os que são misericordiosos, porque Deus terá misericórdia deles. Sexta—os dotados de impulsos puros, porque contemplarão a glória de Deus. Sétima—os pacificadores, pois isso mostra que são autênticos filhos de Deus. Oitava—os perseguidos por causa da retidão, porque isso prova que estão no reino de Deus. Nona—os vilipendiados por causa de Jesus, porque serão grandemente galardoados na vida vindoura, equiparando-se aos profetas.

Nas bem-aventuranças sempre se acentua a disposição interna do indivíduo, e não alguma condição externa. Felicidade é um estado de alma. O restante das Escrituras encarrega-se de ensinar que essa disposição interna não é natural do homem; antes, é-lhe outorgada pela operação renovadora e regeneradora do Espírito. Isso se vê desde o Antigo Testamento: «Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo...» (Eze. 36:26). Isso é reafirmado no Novo Testamento: «Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus» (João 3:5).

3. Pode-se dizer que todos os aspectos da vida cristã consistem em bênçãos conferidas pelo Senhor. Assim, a felicidade consiste na apropriação da sabedoria divina (Pro. 3:13); em ouvir a Deus e ser-lhe obediente (Pro. 8:23); em ter confiança no Senhor (Pro. 16:20); em observar os seus mandamentos (Pro. 29:18). O contrário disso, só traz a infelicidade: «Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição: escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência» (Deu. 30:19).

4. Se a perfeição espiritual importa em felicidade, então segue-se que ninguém é mais feliz do que Jesus Cristo. De fato, ele é o Cristo, o Filho do Deus Bendito (Mar. 14:61) pois Deus é supremamente bem-aventurado e rico em bem-estar espiritual (ver I Tim. 1:11 e 6:15). O nascimento de Jesus envolveu bem-aventurança (Luc. 1:42,48). A Ceia do Senhor é chamada de «cálice da bênção» (I Cor. 10:16). O ministério de Cristo entre os homens foi bendito, superior à administração do Antigo Testamento (Heb. 7:1,6). O segundo advento de Cristo promete bênçãos singulares (Apo. 14:13; 16:15; 19:9; 22:7,14). O pacto firmado no sangue de Cristo confere-nos uma bem-aventurança especial, a saber, a participação no Espírito Santo (Gál. 3:8,13,14). O crente é bem-aventurado porque é uma pessoa que foi justificada (Rom. 4:7). Por sua vez, o crente deve invocar bênçãos até sobre os seus perseguidores (Rom. 12:14; I Cor. 4:12; Mat. 5:10-12). Os crentes servem de bênçãos uns para os outros, tanto nas coisas materiais quanto nas espirituais (Rom. 15:29 e contexto). (B C NTI)

BEM-AVENTURANÇAS

I. De Mateus 5:3-12

Introdução: Informações Gerais.

As bem-aventuranças são *promessas* feitas aos discípulos *fiéis* do reino dos céus. Apesar de Jesus ter proferido essas palavras originalmente a Israel, não há que duvidar que ele queria que se aplicassem plenamente ao Novo Israel, a igreja. O evangelho de Mateus foi escrito quando a era cristã já tinha cinqüenta anos, e não tem sentido supor que não tencionava ser um documento inteiramente «cristão». Os discípulos de Cristo devem aprender a apegar-se a ele, a confiar nele e em suas palavras explicitamente. Não pode haver reservas na dedicação a ele e às suas palavras. — As bem-aventuranças mostram como seremos abençoados se fizermos disso a regra de nossas vidas. Os crentes seriam oprimidos pelo mundo (talvez um reflexo da perseguição de Domiciano, que a igreja sofria quando o evangelho de Mateus foi escrito). Mas os oprimidos haverão de

obter, finalmente, a vitória, - embora nunca sem uma clara lealdade ao seu Senhor. «...as bem-aventuranças mostram que, para Jesus, a retidão é mais do que a súmula de seus mandamentos; é uma total atitude de mente, uma forma particular de caráter». Aqueles que são louvados no evangelho são homens e mulheres humildes, amorosos, confiantes, fiéis e corajosos. Ainda não são perfeitos, mas são convertidos. Seus interesses e desejos se voltam na direção do reino de Deus. Mateus aparentemente enumera nove bem-aventuranças, embora a oitava e a nona possam constituir uma só; e se for removido o vs. 5, teremos apenas sete. Lucas 6:20-23 contém quatro bem-aventuranças, todas as quais têm paralelos aqui. «*Q*» provavelmente tinha as mesmas, na terceira pessoa, e não na segunda, conforme se vê em Lucas. Mateus, entretanto, adicionou termos tais como 'em espírito' (vs. 3) e 'justiça' (vs. 6). Também haveria bem-aventuranças em L e M? Nesse caso, os quatro *ais* de Lucas (Luc. 6:24-26) podem provir de L, e pelo menos algumas das bem-aventuranças de Mateus se derivam de M. (Ver informações completas sobre as fontes informativas dos evangelhos, referidas aqui pelas abreviações «Q», «L» e «M», no artigo intitulado o *Problema Sinóptico*).

A Palavra.

Bem-aventurados. Essa palavra e suas cognatas são usadas cerca de *cinqüenta* vezes no N.T., sendo uma das muitas que o uso do N.T. expandiu e dignificou quanto ao seu sentido. A raiz original, no grego clássico, parece significar «grande», e desde cedo foi usada como sinônimo de *rico*, mas quase sempre aludindo à prosperidade externa (não à espiritual). Na literatura grega primitiva, era palavra aplicada aos deuses e à sua condição de «felicidade», em contraste com a situação medíocre de homem. Os filósofos gregos usavam-na dotada de certo elemento moral, e algumas vezes indicavam, por meio dela, que a felicidade resulta da excelência do caráter. Alguns intérpretes acreditam que o uso que Jesus fez da palavra em Mat. 5:3 reflete as idéias e expressões hebraicas que se encontram, por exemplo, em Sal. 1:1; 32:1 e 112:1, onde a palavra hebraica «*ashrê*» ou «quão feliz», indica a condição de felicidade em vista. As «bem-aventuranças», portanto, declaram quem são os *felizes*, aos olhos de Deus. O uso neotestamentário tem soerguido a idéia inteira de—felicidade—até às regiões espirituais. A verdadeira felicidade inclui aquele bem-estar ou estado de bem-aventurança associado à correta relação do homem para com Deus. Esse mesmo vocábulo é aplicado aos mortos que morrem no Senhor (Apo. 14:13) e esse uso, por sua vez, é extremamente instrutivo. Poderíamos dizer com igual verdade, «Bem-aventurados os que vivem no Senhor», e é essencialmente isso que Jesus dizia, ao pronunciar as «bem-aventuranças».

O Número e Sumário de Idéias.

Os eruditos não concordam quanto ao número exato das bem-aventuranças. A palavra *bem-aventurados*, ou *felizes*, aparece por nove vezes, pelo que alguns intérpretes preferem esse número. Outros crêem que sete é o número tencionado, e explicam que os vss. 10 e 11 realmente formam uma única bem-aventurança, embora a palavra apareça por duas vezes, enquanto que o vs. 5 é rejeitado por alguns, como se não fosse autêntico. Aqueles que preferem o número sete evidentemente fazem-no a fim de que transpareça o simbolismo que indica algo completo, divino e santo. Outros pretendem aumentar seu número para dez, para fazer o autor expor um novo decálogo. Não é provável que o autor tivesse qualquer dessas idéias, apesar de ser justa a observação que de fato temos aqui um novo decálogo, princípios éticos perfeitos e a oitava das músicas do reino.

Antes de observarmos cada bem-aventurança de *per si*, notemos as principais idéias expostas: 1. *Humildes de espírito*: parece significar aquela humildade espiritual que percebe sua aguda necessidade de desenvolvimento. É o oposto do orgulho espiritual. 2. *Choram...serão consolados*. Embora tenhamos aqui a mesma palavra usada para indicar a lamentação feita pelos mortos, o intuito de Jesus, uma vez mais, é salientar um aspecto do exercício espiritual que se baseia na tristeza por causa do pecado; e provavelmente essa segunda bem-aventurança está vinculada à primeira porque esse choro é aquela resposta das emoções à percepção da carência espiritual dos que são «humildes de espírito». Tais pessoas, porém, receberão aquele fortalecimento infalível e o consolo que estão subentendidos na palavra «consolados». 3. *Mansos*. Os antigos não reputavam essa virtude (certa serenidade suave, algumas vezes negativa e outras vezes positiva) como virtude. O seu sentido primário é a serenidade gentil. Essa qualidade cristã tem origem na percepção que o crente tem de sua pequenez em face da grandeza de Deus. 4. *Fome e sede de justiça*, frase que se explica por si mesma, pois todos conhecem o instinto jamais satisfeito que pede alimentos e água, necessários para a sobrevivência física. Em sentido espiritual, também deveríamos possuir um instinto difícil de satisfazer, necessário para a sobrevivência espiritual verdadeira e própria. Poucos sabem o que significa ficar *cheio*, expressão usada aqui, empregada na literatura grega para a ceva do gado. Muitos estão satisfeitos, com estômagos espirituais vazios. Jesus queria que os seus discípulos estivessem cheios, pois somente esses são realmente «bem-aventurados» Assim como o estômago físico pode encolher, não sendo mais capaz de conter a nutrição apropriada, também com a faculdade espiritual isso pode acontecer. Muitos não sabem que estão em estado de inanição espiritual, incapazes de se nutrir espiritualmente como convém. Os verdadeiramente felizes entre os discípulos de Jesus são aqueles que têm grande fome e sede, e subseqüentemente são satisfeitos até na sociedade. 5. *Misericordiosos*. Indica a capacidade de sentir a miséria humana, ligada ao impulso de aliviar essa miséria. Essa combinação resulta em um ministério prestado aos outros. 6. *Limpos de coração*. Não é sinônimo de castidade (embora possa incluir essa idéia), mas antes, indica singeleza de mente, um propósito espiritual, incorrupto, inatingido pelo mundo. A essa bem-aventurança está vinculada a maior das promessas, a visão beatífica. 7. *Pacificadores*: não meramente os dotados de natureza pacífica, mas aqueles que promovem ativamente a paz e a harmonia entre os homens. 8. *Perseguidos*. Não aqueles que desfrutam de uma modalidade suave de martírio, sensíveis a qualquer menosprezo por parte de outros, e sim, o sofrimento produzido pela vida piedosa e de serviço cristão, que provoca a oposição do mundo hostil. 9. «*...vos injuriarem...disserem.todo mal contra vós*». Refere-se à forma verbal de «perseguição», que ocasionalmente é mais virulenta ao indivíduo do que a violência física, e que, desafortunadamente às vezes é sofrida pelos benfeitores da parte daqueles para quem ministram.

As bem-aventuranças constituem promessas dos *benefícios* inerentes ao reino do céu, pois os que a ele pertencerem saberão o que significa ser consolado, herdar a terra, ser satisfeito, obter misericórdia, ver a Deus e ser chamado filho de Deus. As bem-aventu-

ranças ilustram de imediato que a nova lei de Jesus consiste em mais do que a simples observância de determinado número de preceitos. Jesus alude aqui às atitudes da mente e do coração, e não apenas aos atos que podem ser vistos pelos homens. Os seus discípulos são homens e mulheres dotados de humildade, amor, confiança, fidelidade e coragem.

As Bem-aventuranças de Mat. 5:3-12.

1. 5:3: *Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.*

Humildes de Espírito.

Não ensina em Mateus a pobreza física **literal**, embora se possa obter essa idéia pelo paralelo de Luc. 6:20. Alguns crêem que a fonte «Q», neste caso, e a declaração original de Jesus, não continham as palavras «de espírito», mas que se trata de uma adição do autor do evangelho de Matues, como interpretação do sentido da declaração. Isso não é de todo impossível, essa «interpretação» sem dúvida é a correta. Todavia, se todos os *pobres* fossem *bem-aventurados*, especialmente na Palestina dos dias de Jesus, a vasta maioria do povo estaria entre os bem-aventurados, e ainda que Jesus sempre tivesse demonstrado simpatia incomum pelos pobres e por outros elementos desafortunados da sociedade, não é provável que tenha incluído tão vasto número de pessoas nessa bem-aventurança. É verdade que Jesus se dirigiu aos pobres, que a maioria dos que lhe deram ouvidos pertencia a essa classe; porém, do ponto de vista judaico, jamais poderíamos afirmar que a simples pobreza física é sinal de bem-aventurança. Sabemos, pelo V.T., que o oposto é a verdade.

Também notamos, pela história *eclesiástica*, que essa bem-aventurança tem sido interpretada literalmente em alguns círculos, e que a *pobreza física* tem sido necessária para que alguém seja membro de certas ordens religiosas. Tais ordens alicerçam sua regra de pobreza voluntária em passagens como esta, mas parece que isso não passa de exagero, se não mesmo de uma perversão do texto.

Outros pensam que essa pobreza se refere à *privação mental*, como se somente os mentalmente símplices pudessem ouvir, receber e aplicar os ensinos de Jesus. Também não passa de uma perversão do sentido tencionado no texto.

Ainda que Jesus deva ter proferido essas palavras a pessoas reais e literalmente pobres, espezinhadas sob a autoridade de Roma e desprezadas por seus próprios líderes religiosos, aquela classe da sociedade verdadeiramente «pobre» em vários aspectos, e apesar de que ele possa ter derivado a lição espiritual da observação dessa pobreza «física» literal, contudo, a sua lição é de natureza *essencialmente* espiritual. Nenhuma outra interpretação seria coerente com o que sabemos da natureza intensamente espiritual de Jesus e sua doutrina. Jesus fala de certa qualidade espiritual, e a adição das palavras, «de espírito», é justa. Trata-se de uma atitude do coração, o reconhecimento da grandeza de Deus e a necessidade de desenvolvimento espiritual, tendo a sua perfeição como modelo (ver Mat. 5:48). Essa atitude é o contrário do orgulho espiritual, e todos temos podido observar esse elemento negativo, tanto em nós mesmos como nos outros. Jesus jamais usou de ostentação e nunca manifestou atitudes e ações soberbas. Quer que os seus discípulos o imitem. Requer deles simplicidade, humildade, mansidão e bondade. O orgulho é uma das raízes principais do pecado: a humildade de espírito é uma das raízes da virtude cristã.

Talvez uma das mais notáveis ilustrações derivadas de uma fonte não-bíblica sobre o que está aqui incluso se encontra na *Divina Comédia*, de Dante. Dante ter-se-ia encontrado com o anjo da humildade. O anjo tocou na testa de Dante com suas asas, apagando o sinal do orgulho. Enquanto um coro angelical entoava «*Beati pauperes spiritu*», Dante se afastava com passos leves, porque, uma vez apagada a marca da soberba, todos os outros pecados se tornam fardos mais leves.

Pelo texto e também pelas implicações da ilustração acima, podemos dizer com verdade que essa bem-aventurança forma uma espécie de alicerce para as demais, qual pedra fundamental. O código ético de Jesus não poderia perdurar sem ela, e o valor de todos os outros preceitos teriam de ser grandemente diminuídos se essa virtude não se fizesse presente. É verdade que Jesus bem poderia estar pensando na futura dispensação, quando haverá de se manifestar o reino sobre a terra, e estivesse expressando assim as exigências éticas daquele reino; mas é igualmente verdadeiro que deve ter esperado essas qualidades em seus discípulos, e que esses seus padrões de ética se fizessem presentes a despeito do período da história em que eles vivessem.

«*Porque deles é o reino dos céus*». Jesus falou não só sobre o «reino no íntimo» ou sobre o reino vindouro, isto é, o céu, mas particularmente sobre o reino que ele esperava firmar sobre a terra, o reino que continuamente anunciara a partir de seu batismo, o mesmo reino que João Batista anunciara estar *próximo*. Os judeus anelavam intensamente pela esperança de livramento da opressão romana. Certamente que Jesus esperava essa libertação, e Jesus aguardava um novo governo, um «reino sobre a terra». Não obstante, a promessa continua sendo essencialmente espiritual, pois Jesus sempre manifestou intenso interesse pelas questões espirituais, e certamente pouco pensava sobre funções políticas, pelo menos no que era envolvida a sua própria pessoa. Jesus não contemplava um reino de ostentação e de glória terrena para si mesmo e para os seus seguidores (embora isso pudesse ser uma espécie de resultado natural do reino), mas pensava—no estabelecimento—de princípios religiosos justos e na obediência de seus «discípulos» a esses princípios. Tinha em mente o caráter real e principesco do desenvolvimento espiritual, a «ostentação» legítima e aceitável diante de Deus.

Neste mundo, os «pobres», quer os que o são literalmente, quer os *humildes de espírito*, nada podem esperar da glória de qualquer reino. Jesus mostrou que essa não será a condição existente em seu reino. O que tem valor ali não é a riqueza nem o poder, mas as qualidades morais e o desenvolvimento espiritual. E apesar de que Jesus pode ter esperado um reino literal que ainda será estabelecido, para incorporar os seus ensinos em cada nível da sociedade, ansiava que os seus discípulos manifestassem essas virtudes aceitáveis em seu reino, e que a posse e exibição dessas virtudes tivessem início imediatamente. Contraste-se esses elevados ideais sobre a herança de um reino espiritual com um paralelo rabínico: «Torna-te mais e mais humilde de espírito, postò que o que o homem pode esperar é tornar-se comida de vermes (J.R. Dummelow).

Aqueles que dão ouvidos a esses preceitos estão fazendo apenas aquilo que o próprio Jesus fez: «*...assumindo a forma de servo...* a si mesmo se humilhou...» (Fi. 2:7,8). «Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus» (Fil. 2:5).

Na Igreja abundam interpretações presentes e

futurísticas sobre esse versículo. Um grande segmento da igreja ainda espera um reino literal sobre a terra, onde serão praticados esses princípios. Outros, sem esperar tal reino, em qualquer sentido literal ou político, exortam que esses princípios sejam praticados, pois para nós *«o reino está no íntimo»*.

2. 5:4: *Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.*

Os que Choram.

Os códices D 33 565 600 Sy e o pai Clemente Alexandrino (212 D.C.), invertem a ordem dos vss. 4 e 5. Algumas autoridades sobre questões textuais aceitam essa inversão como original, mas a maioria prefere a ordem familiar. A coerência lógica das sentenças parece igualmente boa de um modo ou de outro. A maioria da evidência dada pelos mss indica que a ordem familiar era a original. Alguns acreditam que o vs. 5 tenha sido uma glosa antiga, baseada em Sal. 37:11, que provocou a variação na ordem de versículos, mas não há qualquer prova objetiva em favor disso.

Jesus falava novamente de um exercício espiritual, e não da expressão de tristeza pessoal devido a alguma perda pessoal. Aludia à tristeza devido ao pecado, à necessidade de arrependimento, ou, talvez, a alguém que sofria tristeza não merecida, por motivo de perseguição por causa da justiça. Essa bem-aventurança parece ter base em Is. 61:1-3 e 66:2. Essa segunda bem-aventurança pode ser vinculada à primeira. *O lamento* é uma expressão que toma conta da verdadeira humildade de espírito. A chegada do Messias, que é denominada «consolo de Israel» (Is. 6:12; Luc. 2:25), indica que Israel tinha razões para aguardar tal consolo. Israel, dessa forma, poderia livrar-se de adversários opressivos, nacionais ou individuais. Esse lamento não tem causa apenas no pecado, mas também nos resultados do pecado no seio da sociedade. Provavelmente Jesus inclui ambas as possibilidades. Paulo menciona a opressão exercida pelo mundo, bem como nossa ansiedade de libertação (Rom. 8:18,19; II Cor. 4:17; ver também João 14:3). Aqueles que aprendem a permitir que a opressão, pessoal ou impessoal, sirva de instrumento de instrução, que os conduz ao arrependimento e à dependência a Deus, poderão encontrar, no fim, um bom resultado de seu «choro» e assim serão verdadeiramente «bem-aventurados». Essa bem-aventurança é proveniente do *consolo divino*, consolo no perdão e na restauração, bem como na participação na «manifestação dos filhos de Deus», conforme o ensino de Paulo. Aprendemos, pois, que o dardo do—sofrimento—pode ser armado com a vida, e não com o veneno da morte. Podemos chorar de muitos modos: pelos nossos pecados; pelos pecados de nossa nação; pelos amigos e conhecidos; pelos males humanos; pelos sofrimentos alheios. Aqueles que choram não se contentam com uma vida não-examinada, que, segundo disse Sócrates, nem é digna de ser vivida.

3. 5:5: *Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.*

Os Mansos.

Serenidade, às vezes negativa e às vezes positivamente boa. Essa bem-aventurança se alicerça no Sal. 37:11. Os homens que padecem sob o mal, sem se deixarem contaminar pelo espírito de amargura, mas com paciência, possuem qualidades aprovadas por Deus. Tais homens, como Natanael, são *israelitas em quem não há dolo* (João 1:47). Na história da Inglaterra houve pessoas que, ao serem perseguidas pelo governo e pela sociedade (e até pela igreja oficial), herdaram o continente americano. O Messias mostra que a nova ordem do reino de Deus promete a—terra—a tais pessoas. Essa é uma das características dos regenerados. Talvez haja alguma alusão a profecias como a de Dan. 7:27, que fala da esperança da vinda do Messias, no reino de Deus sobre a terra e de uma nova ordem social. Na citação de Sal. 37:11 temos a idéia de que Deus removerá da terra os inimigos de Israel, e assim a terra santa será entregue ao povo de Deus. Isso seria símbolo do grande dom que é a promessa contida neste versículo. Ver o artigo sobre o *Milênio*.

4. 5:6: *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.*

Os que têm fome e sede da justiça

A fome e a sede deveriam ser experiências comuns para aqueles com quem Jesus falava. Lembramo-nos de certa vez em que a multidão ficou com ele *alguns dias*, quando foi preciso satisfazer-lhes a fome por meio de um notável milagre. Provavelmente muitos dentre eles nem tinham o que comer. Jesus usa esses instintos como ilustração, mostrando que devemos sentir essa necessidade espiritual. Jesus também padeceu fome (Mat. 4:2) e podia ilustrá-la com sua experiência pessoal. O desejo é tão intenso que se transforma em dor. Jesus mostra que precisamos de tal desejo em relação às coisas espirituais, relativas à justiça. O desejo físico pelo alimento impele o indivíduo a buscar comida, quase sem considerar o preço da mesma ou as dificuldades de sua obtenção. Precisamos de—atitude similar—quanto à justiça de Deus. Qualquer um concorda que o mais forte e insistente dos instintos naturais, como também o mais necessário, é o da alimentação. O alimento sustenta a vida física. A alma também têm fome e sede.

5. 5:7: *Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.*

Os Misericordiosos.

Evidentemente as palavras vêm de Sal. 18:25. Col. 3:13 e Efé. 4:32 mostram que o crente é alvo de misericórdia, precisa da misericórdia divina, e tem a obrigação de exercer essa qualidade. Deus mostra sua misericórdia, sem merecimento da parte de quem a recebe. O povo de Deus deve imitá-lo, lembrando-se especialmente que ainda precisa de algo. Mat. 18:23-35, na parábola do credor incompassivo, ensina que aqueles que recebem misericórdia estão na obrigação de demonstrá-la, e que, se assim não fizerem, receberão mais severo julgamento. (Ver Luc. 6:37 e Tia. 5:9). Bengel tem belos pensamentos sobre o reino de Deus, dado aos «humildes», como o *benigna talio*, que significa «absolvição graciosa». Aqueles que são assim absolvidos dificilmente deixam de apresentar a mesma atitude para com seus semelhantes. Os que mostram tal misericórdia para com a humanidade estão sujeitos, *ipso facto*, à mesma graça.

6. 5:8; *Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.*

Os Limpos de Coração.

Pode incluir a idéia de castidade, mas indica principalmente a *singeleza* de mente, o propósito sincero e puro. Sal. 24:3,4 evidentemente é trecho básico dessa bem-aventurança. Os líderes judaicos falavam com insistência sobre a pureza cerimonial, a pureza da forma, a pureza da lei. Mas Jesus mostra, aqui e noutros trechos, que Deus se interessa pelo coração, isto é, pelo homem interior, quanto ao seu caráter na sua própria condição de ser. A justiça deve ser o princípio que guia a vida e cria, no homem interior, uma condição que resulta do contato com

Deus e da transformação à imagem de Cristo. Nessas palavras sentimos que isso é impossível sem a ajuda do poder e do contato do Espírito de Deus. Indicam elas—o resultado—da regeneração. A personalidade humana não tem essa inclinação por si mesma. Tais palavras provavelmente indicam, igualmente, o processo de santificação que prepara o crente, qualificando-o para receber a visão beatífica. O propósito da vida cristã é possibilitar essa experiência.

Verão a Deus. Palavras que têm duas aplicações: a primeira é *imediata*, referindo-se aos que recebem compreensão e visão interiores da natureza e da pessoa de Deus (como vemos em Efé. 1:18). A outra é que essa visão interior também têm *aperfeiçoamento* no futuro, que é a visão beatífica, a experiência mística mais elevada. Os indivíduos podem receber vários níveis dessa visão. Os trechos de I João 3:2, Apo. 22:3,4 e Rom. 8:29 apresentam o cumprimento total dessa visão. Ela inclui a idéia de transformação do ser de acordo com a imagem de Cristo, na forma de mudança de natureza, em que a mortalidade humana é transformada na imortalidade, dotada da natureza e da glória de Cristo, o que torna o homem um ser mais elevado que os anjos, capacitando-o a tornar-se um elemento especial de Deus para realizar as suas obras divinas na eternidade futura. Aqueles que receberem essa visão completa serão perfeitos como Ele é perfeito. Esse é o plano do evangelho, a consideração mais elevada nele contida. «Seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é». (I João 3:2). Significa participação na divindade, II Ped. 1:4.

Buttrick (in loc.) diz: «O que significa ver a Deus. A visão beatífica tem sido um alvo milenar, tanto do filósofo como do santo, mas essa bem-aventurança promete mais do que mera visão. Talvez nosso mais profundo anelo, se pudéssemos analisar os nossos desejos, consista em ver a Deus. Tennyson deixou instrução de que o seu *Atravessando a Barra* sempre deveria ser posto no fim de suas obras publicadas. Termina como segue:

Espero ver meu Piloto face a face
Quando eu tiver atravessado a barra.

No império medo-persa havia sete conselheiros e amigos íntimos que *...se avistavam pessoalmente com o rei...*' (Est. 1:14). Talvez esse costume daquela época estivesse na mente de Cristo quando fez essa promessa. Galaade viu o Santo Graal, embora outros tivessem falhado nisso, porque o seu coração era puro. O poeta Shelley insistia em que essa bem-aventurança é apenas uma *repetição metafórica* de nossa convicção comumente expressa de que 'a virtude é sua própria recompensa' (*Shelley, Memorials*). Para Cristo, porém, Deus não era uma virtude abstrata. Deus era *Fato* e *Vida*.

7. 5:9: *Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.*

Os Pacificadores.

Não somente os dotados de natureza pacífica (Tia 3:15), nem os que aceitam a paz sem protesto ou que preferem a paz ao desacordo, nem os que têm paz na alma, com Deus, como explicou *Agostinho*, e nem os que amam a paz (Grotius, Wetstęin), mas aqueles que promovem ativamente a paz e procuram estabelecer a harmonia entre inimigos. O sentimento aqui referido é mais nobre que o de Rom. 12:18, que diz: «Se possível, quanto depender de vós, tendo paz com todos os homens».

«Serão chamados filhos de Deus». Significa mais do que reconhecimento. Está em foco a realidade de ser alguém filho de Deus. (Ver Rom. 8:17,28-32; I João 3:2). O versículo implica em participação na herança dos santos (Efé. 1:13,14), e, assim sendo, trata-se de filhos adultos, como Cristo, revestidos da plenitude e divindade de Cristo (Efé. 1:23, II Cor. 3:18, II Ped. 1:4).

Os rabinos também davam grande valor aos pacificadores. *Hilel*, famoso rabino contemporâneo de Jesus, escreveu: «*Sê dos discípulos de Aarão, amando a paz e seguindo a paz*» (*Aboth* 1:2). Tais seriam os filhos de Deus. O V.T. emprega esse termo, «filhos de Deus», referindo-se aos anjos ou aos seres divinos (Jó 38:7), e algumas vezes também a pessoas piedosas, seres humanos que são objetos do amor especial de Deus (Deut. 32:6). Aqueles que buscam a paz amando os seus inimigos agem segundo o próprio Deus, e por isso são filhos de Deus em sentido verdadeiro. (Ver os vss. 44,45 deste capítulo). A paz é uma das virtudes cardeais da ética cristã. O exclusivismo dos judeus era e é bem conhecido, e já se tornara proverbial antes dos dias de Jesus. O discípulo—autêntico—do reino não é aquele que odeia, mas aquele que ama os seus inimigos. Isso faz do exclusivismo uma impossibilidade na ética cristã. Jesus deu a sua vida a fim de trazer a paz universal no sentido mais lato possível, tanto na terra como nos lugares celestiais. (Ver Efé. 2:14-16 e Col. 1:20). Agostinho louvou altamente à sua própria genitora, Mônica, quando escreveu: «Ela mostrou ser uma pacificadora tal que, de ambos os lados ouvindo as coisas mais amargas...nunca deixou transparecer algo, para um ou para outro, senão aquilo que contribuísse para sua *reconciliação*» (*Confissões* ix.21). Haveria aplicação para algumas Mônicas hoje em dia na igreja. Suas adversárias formam multidões. Lê-se acerca de Richard Dobden que, ao ser-lhe mencionado que talvez adquirisse tanta fama a ponto de ser sepultado na abadia de Westminster, replicou que esperava que isso nunca lhe acontecesse, porque «Meu espírito não descansaria em paz entre aqueles homens de guerra». É uma tragédia que até mesmo muitos líderes cristãos sejam respeitados por serem homens *contenciosos*, e que os grandes guerreiros do mundo são feitos seus heróis.

8. 5:10: *Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.*

Os Perseguidos.

Segundo a maioria das autoridades, esta é a última bem-aventurança, porque o vs. 11 é continuação da mesma idéia, e se destaca por ter a mesma promessa que a primeira: o reino de Deus. Provavelmente Jesus, o Cristo, o Rei do reino de Deus, estivesse antecipando a mudança que será necessária para que o reino seja estabelecido. João Batista já estava na prisão, prestes a morrer. É possível que muitos outros tivessem o mesmo destino. Considerando a intensa força do mal, a força das autoridades religiosas que se oporiam ao reino e ao Rei, a luta não seria fácil e sem problemas. As velhas formas da religião e da ordem política não se renderiam sem luta. — Naturalmente, essas palavras têm uma aplicação ainda mais ampla; pode ser que em algum tempo a perseguição venha a ser por causa da «justiça». Jesus também indicou isso (ver João 16:1-4 e 17:14). Ver o artigo sobre *Reino dos Céus*. Ver o artigo sobre *Tribulação e Perseguições, Valores de*.

5:12: *Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiam aos profetas que foram antes de vós.*

«*Regozijai-vos e exultai*».

Saltai e continuai saltando, porque essa perseguição prova que vossa religião é verdadeira, que estais realmente prestes a participar do reino. Não temos

alegria por causa da perseguição em si, mas porque é sinal dos tempos (isto é, o reino chegou), e também é sinal pessoal (isto é, vossa religião não é falsa, mas autêntica). Isso nos serve de motivo de alegria. Paulo traz a mesma idéia: «...se com ele sofrermos, para que também com ele sejamos glorificados» (Rom. 8:17). Em I Ped. 4:13 lemos: «Pelo contrário, alegrai-vos na medida que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também na revelação de sua glória vos alegreis exultando». É interessante que Pedro usa a palavra, *exultando*, e que temos aqui, «exultai». Provavelmente a passagem de Pedro é eco das palavras de Jesus. Pedro deve ter aprendido bem essa lição.

«*Assim perseguiram aos profetas*». Qualquer judeu sabia das histórias de perseguição movida contra os profetas, e qualquer um deles tomaria o partido dos profetas, e não das autoridades religiosas que moveram a perseguição. Jesus mostra aqui que ninguém deve esperar tratamento diferente das autoridades civis e eclesiásticas. Outrossim, Jesus situou seus discípulos em boa e aceitável companhia, a despeito das dificuldades de conservação de tal companhia. Mais do que isso, ao tomarem a posição dos profetas, os discípulos também receberão o galardão dos profetas, que é o céu. Lemos na história eclesiástica que tais palavras e pensamentos eram importantes para a mentalidade geral da igreja, porque a perseguição foi muito real e perdurou cerca de *duzentos* anos. Quase não houve família que não tivesse algum mártir, e quase todos foram atingidos. Em nossos dias é difícil avaliar o impacto de tais palavras.

«*Galardão*» (que vide). A idéia da possibilidade de ganhar uma recompensa espiritual e eterna, a despeito de sua forma particular, mudaria e *enriqueceria* muitas vidas. Esse galardão é dado gratuitamente, e não é obrigação de Deus, conforme vemos na parábola do cap. 20:1. A palavra «galardão» foi tomada como empréstimo da vida comercial, e é aplicada à vida espiritual para mostrar que faz grande diferença aquilo que fazemos em relação ao nosso futuro fora deste mundo, não menos que o lucro do negociante, o esforço e a diligência que este aplica em sua empresa.

«*Nos céus*». Não «no céu». Provavelmente Jesus se refere à idéia judaica da existência de três ou mesmo de sete céus. Ver nota sobre o assunto em II Cor. 12:2 no NTI. Ou talvez indique a grande incerteza do caráter definido «*dos céus*», como as «muitas moradas» de João 14:2. De fato, não sabemos muito sobre os «céus», mas sabemos que nossos galardões serão de tal envergadura que vale a pena o esforço ou o sofrimento da perseguição que acompanha a vida cristã. Os verdadeiros discípulos já são considerados cidadãos «dos céus», e apenas aguardam a manifestação da glória. (Ver Fil. 3:20). Deve-se evitar a idéia materialista sobre os céus. A principal idéia é a de mudança de natureza, de *transformação* segundo a imagem de Cristo, de elevação do ser acima do nível dos anjos, e não a simples possessão de grandes riquezas e bens.

As bem-aventuranças apresentam uma decadência aparente do indivíduo, acompanhada de um autêntico soerguimento na sua condição espiritual:

DESCIDA (aparente)	*ELEVAÇÃO* (verdadeira)
1. humildade de espírito	posse do reino, no coração ou em sentimento real
2. choro	consolo
3. mansidão sob injustiça	terra como herança
4. fome e sede de justiça	fartura de virtudes divinas
5. misericórdia para com os outros, levando a carga alheia	misericórdia de Deus e participação de bênçãos dadas pela misericórdia divina
6. pureza de coração, com rejeição dos benefícios do mundo	benefícios celestiais, visão de Deus agora e futura visão beatífica
7. promoção de paz entre os homens	glória, beleza e paz conferidas pela posição de filhos de Deus
8. sofrimento pelo Rei e pela justiça de seu reino	posse do reino dos céus no homem interior, do novo mundo, da herança eterna e dos galardões

II. Do Apocalipse.

1:3: *Bem-aventurado aquele* lê e bem-aventurados os que ouvem as palavras desta profecia e *guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo.*

Bem-aventurados. No grego temos o termo *makarios*. Fala, basicamente, da felicidade física e da boa sorte. Mas o N.T. eleva essa palavra, a fim de que signifique «bem-estar espiritual», bem como as boas fortunas e a felicidade que, naturalmente, acompanha essa bem-estar. Originalmente, essa palavra era usada para falar sobre a «bem-aventurança» dos deuses, em contraste com o homem mortal, o qual, por sua própria natureza, deve passar pelas misérias e incertezas da existência. O evangelho confere aos homens as boas novas e diz como os homens podem chegar a compartilhar da «divindade» (ver II Ped. 1:4), chegando a possuir toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19) e seu próprio tipo de vida (ver João 5:25,26 e 6:57), por serem transformados segundo a imagem de Cristo (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18), passando assim a possuir sua natureza e seus atributos.

É através desse processo transformador, pois, que os remidos chegam a receber a «felicidade divina» com base na posse da própria vida e natureza de Deus. O que os antigos gregos ousavam atribuir exclusivamente à condição dos deuses, chamando-os de *makarios*, o N.T. mostra que pode ser dito com segurança acerca dos que encontram a redenção que há em Cristo.

Chegaremos a participar de «toda a plenitude de Deus», tal como Cristo dela participa. Sua natureza e seus atributos estão envolvidos nisso. Trata-se de um elevadíssimo conceito, de nossa mais sublime revelação. Isso é que fará os homens tornarem-se verdadeiramente *bem-aventurados*. — Disso consiste o evangelho cristão.

O uso deste vocábulo, neste versículo, naturalmente fala daquele bem-estar espiritual que será dado aos leitores que não negligenciarem este livro, mas antes, familiarizarem-se com o seu Cristo, que é o Alfa e o Ômega da criação, sofrendo perseguições por amor a ele, enquanto esperam sua volta dos céus, dando ouvidos às predições que estavam prestes a ser feitas. *Neste livro há sete bem-aventuranças*:

1. O bem-estar espiritual dos leitores que derem ouvidos e obedecerem às predições e suas exigências (ver Apo. 1:3). Felizes são aqueles que ouvem e observam o que aqui é dito.

2. ***Bem-aventurados são os mortos*** que morrerem no Senhor. Esses agora descansam; suas boas obras os seguem e lhes servem de bênçãos; e viverão para sempre (ver Apo. 14:13).

3. **Bem-aventurados são aqueles** que, mediante pureza na vida, conservam suas vestes sem mácula, e

que esperam pelo retorno imediato do seu Senhor. As suas expectações se cumprirão e sua fidelidade será recompensada. (Ver Apo. 16:15).

4. ***Bem-aventurados*** são aqueles convocados à ceia das bodas do Cordeiro. (Ver Apo. 19:9).

5. ***Bem-aventurados*** e santos são aqueles que tiverem parte na primeira ressurreição, sobre os quais a segunda morte não exerce poder. (Ver Apo. 20:6).

6. ***Bem-aventurados*** são aqueles que observam e obedecem às declarações deste livro. (Ver Apo. 22:7).

7. ***Bem-aventurados*** são aqueles que observam os mandamentos de Deus; esses terão acesso à «árvore da vida», isto é, participarão na «vida eterna». A vida eterna consiste na mesma modalidade de vida que Cristo possui, com base no seu mesmo tipo de natureza, que é a natureza divina. Ver Apo. 22:14 no NTI. Ver o artigo sobre *Vida Eterna*.

III. De João 20:29: *Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram.*

«Maravilhosa verdadeiramente, e rica em bênçãos, para nós que não temos podido contemplar a Cristo, é essa declaração final do evangelho. Pois essas palavras não se aplicam aos dez discípulos, pois eles, a exemplo de Tomé, haviam visto para crer». (Alford)

Paralelo do Judaísmo. «O rabino Simeon ben Lachesh disse que o prosélito é mais amado pelo Deus santo e bendito do que toda a multidão que se postou defronte do monte Sinai; pois a menos que tivessem ouvido os trovões e tivessem visto os relâmpagos, as colinas a estremecerem e as trombetas a retinirem, não teriam jamais recebido a lei. Porém, o prosélito não viu nada dessas coisas, e, contudo, ele entra e se consagra ao Deus santo e bendito, tomando sobre si mesmo o jugo do reino dos céus». (*Rabino Tanchum*)

Uma *felicidade* especial ou bem-estar espiritual é vinculada àquela fé que não requer qualquer tipo de evidência, mas que acredita na evidência do coração. (I IB NTI Z)

BEM E MAL, ALÉM DO

Uma obra filosófica de Friedrich Wilhelm Nietzshe (que vide), publicada em 1886. O livro examina as estruturas e propósitos de sistemas morais.

Idéias. 1. Os códigos morais absolutos não são válidos. 2. A moralidade é relativa. 3. Existem duas formas de moralidade: a. *a moralidade dos mestres* (governantes, fortes), e b. *a moralidade dos escravos* (os humildes, os governados, homens comuns). A moralidade dos governantes incorpora as virtudes esperadas dos fortes, como força e independência. A moralidade dos escravos incorpora as virtudes de pessoas fracas como humildade, dependência, mansidão. Os dois grupos rejeitam às virtudes do outro. A moralidade é um desenvolvimento natural de tipos de pessoas, não uma entidade fixa, absoluta ou eterna.

BEM COMUM

Ver o artigo sobre **Utilitarismo**.

BEM GERAL

Ver o artigo geral sobre **Utilitarismo**. A expressão «bem geral» refere-se ao princípio utilitarista de que o objetivo da ética é o maior bem para o maior número possível de pessoas, fazendo contraste com o bem que beneficia apenas a um pequeno número de interessados. A democracia, como um sistema político, visa a esse ideal. O princípio é abusivamente exagerado quando aquilo que se julga bom para as massas populares é usado para perseguir ou mesmo tentar extirpar indivíduos ou minorias. Quando Deus amou o *mundo*, estava em pauta o bem *geral*. A redenção nunca será uma questão exclusivamente individual, embora também envolva esse aspecto. Pois Cristo está redimindo o *corpo*, composto de membros individuais. (EP MM)

BEM INSTRUMENTAL

Chama-se assim a algum bem que só é tal por causa dos bons efeitos que produz. Qualquer ação que produza um resultado avaliado pode ser chamada de bem instrumental. As leis podem ser chamadas de bens instrumentais. Em uma forma extrema, a doutrina dos bens instrumentais declara que a própria definição de bondade é uma definição prática, ou seja, o que funciona bem e obtém os resultados desejados.é bom, e o que não funciona e nem obtém os resultados desejados não é bom. Ver sobre o *Pragmatismo*.

BEM INTRÍNSECO

Chama-se assim a algum bem que tem valor por si mesmo, inteiramente à parte das conseqüências da experiência e da aplicação. Poderíamos falar sobre a lei do amor e suas implicações éticas, ou sobre o Ser divino e sua transmissão de vida. O *pragmatismo* (que vide) não reconhece como bom senão aquilo que tem bons resultados práticos. Mas existem coisas, boas em si mesmas, que, naturalmente, produzem bons resultados.

BEM (prefixo)

No hebraico, «filho de». Era prefixo usado para indicar linhagem, e não apenas filiação direta. Podem ser distinguidos os seguintes usos: 1. filiação real, o que representa o uso mais freqüente. 2. Relação de homem ou de mulher para com os seus pais (Gên. 3:16). 3. Relação de descendência, sem importar quão remota. 4. O estado próprio da juventude (Pro. 7:7). 5. Participação em uma profissão ou guilda, como na expressão «filho de profeta» (Amós 7:14). 6. Cria de algum animal (Jó 39:4). 7. Um rebento de planta que medra (Gên. 49:22). 8. Metaforicamente, indicando objetos inanimados, como «filhos da chama», que significa «fagulhas» (Jó 5:7). 9. Um uso adjetivado para indicar alguma característica notável de alguma pessoa, como quando os ímpios são chamados de «filhos da maldade», em II Sam. 3:34. 10. Indicação da idade de uma pessoa, como filho de quinhentos anos, o que significa quinhentos anos de idade (Gên. 5:32). (Z)

BEN-ABINADABE

No hebraico, «filho de Abinadabe». Foi um oficial sob Salomão, cuja responsabilidade era prover os alimentos da casa real, um mês a cada ano. O seu distrito ficava em Dor (I Reis 4:11). Houve pelo menos três Abinadabes durante o período do governo de Salomão, um deles sendo um filho de Jessé (I Crô. 2:13), e um outro filho de Saul (I Crô. 8:33).

BEN-AMI

No hebraico, «filho do meu povo». Foi o progenitor dos amonitas (Gên. 19:38), filho de Ló com uma de suas filhas, conforme se vê na narrativa do décimo nono capítulo de Gênesis. Ló havia fugido de Sodoma. As filhas de Ló estavam preocupadas com o

futuro da linhagem de seu pai, pois dificilmente elas poderiam casar-se naqueles ermos. Embrigaram o pai e promoveram relações incestuosas com ele, uma a cada noite. O filho que nasceu da mais velha recebeu o nome de Moabe; o filho da mais nova foi chamado Ben-Ami. As nações daí resultantes, Moabe e Amom, tornaram-se motivos de contínua irritação para o povo de Israel. Alguns intérpretes têm imaginado que a história foi criada a fim de conferir uma reputação má àqueles tradicionais adversários de Israel, mas tal conjectura não pode ser provada. As hostilidades que posteriormente surgiram envolveram direitos de terras, e não foram causa de supostas origens degradadas. (ID)

BEN-DEQUER

Nome alistado em I Reis 4:9, entre outras onze pessoas, indicando um oficial responsável pelo provimento dos alimentos da casa real de Salomão. Ele estava encarregado do segundo distrito, que correspondia, a grosso modo, ao território de Dã.

BEN-GEBER

No hebraico, «filho de Geber» ou «filho do forte». Foi um dos doze oficiais administrativos de Salomão. Cuidava do sexto distrito, ao norte da Transjordânia, cuja capital era Ramote-Gileade (I Reis 4:13). Alguns têm equiparado Geber, filho de Uri (I Reis 4:19) com Ben-Geber (I Reis 4:13), como se fossem variantes do mesmo nome, visto que ambos aparecem como prefeitos de Gileade. Porém, a LXX, o manuscrito B e o códice Lagardiano (vs. 19) frisam «território de Gade», e não de Gileade. Cinco dos doze nomes alistados, são conhecidos apenas através do patronímico de «filho de» alguma pessoa. Paralelos existentes nos textos de Ugarite, também empregam somente uma designação patronímica. Com base em tais evidências, alguns estudiosos supõem que as duas pessoas de nomes tão parecidos não devem ser identificadas uma com a outra. (Z)

BEN-HADADE

No hebraico, «filho de Hadade». Foi apelativo de três reis da Síria, em Damasco. O nome «Hadade» está relacionado ao deus sírio Adade, idêntico ao deus chamado Rimom, na Assíria.

1. *Ben-Hadade I.* Rei da Síria. Fez pacto com Asa, rei de Judá, para invadir Israel, o reino do norte. Isso compeliria Baasa, rei de Israel, que invadiria Judá, a retornar à sua capital, para defender o seu reino da invasão síria (I Reis 15:18-20; II Crô. 16:2-4), em cerca de 907 A.C. Ver o artigo sobre *Asa*. Asa obteve bom êxito no plano, mas foi repreendido pelo profeta (II Crô. 16:7-10), de nome Hanani, por haver entrado em aliança com um monarca pagão.

Ben-Hadade fez significativas incursões no território do reino do norte, Israel. Asa foi responsável pelo fortalecimento de Ben-Hadade, o qual foi responsável, pelo menos em parte, por muitos pontos débeis do reino do norte. Contudo, do ponto de vista moral, Deus tinha tudo sob seu controle, e o episódio contribuiu para o desdobramento do plano de Deus relativo às nações.

2. *Ben-Hadade II*, presumivelmente filho do anterior e rei da Síria. Tempos atrás, os eruditos distinguiam quase unanimamente entre Ben-Hadade I, filho de Tabrimom, filho de Heziom, contemporâneo de Asa e Baasa(I Reis 15:18) e Ben-Hadade II, contemporâneo de Elias e Eliseu. Somente alguns julgavam que se tratasse do mesmo indivíduo. Porém, as evidências fornecidas pela estela de Ben-Hadade I sugerem poderosamente a identidade dos dois (ver *Bulletin of Am. Schools*, nº 83, págs. 10-12). O reajuste da cronologia dos reis de Israel também sugere que uma única pessoa deve ter estado envolvida nos acontecimentos historiados. Apesar disso, muitos eruditos continuam distinguindo as duas personagens.

A história inicial de Ben-Hadade II está envolvida com a história de Acabe, rei de Israel. Esses dois monarcas viveram em contínua hostilidade mútua. Acabe terminou levando vantagem, podendo então ter imposto a sua vitória. Em lugar disso, estabeleceu um acordo de paz com Ben-Hadade II, em cerca de 900 A.C. Esse tratado foi observado por cerca de doze anos. Mas então Ben-Hadade declarou guerra contra Jeorão, filho de Acabe, e invadiu Israel. Todavia, os planos do rei sírio foram frustrados por Eliseu, o profeta (II Reis 6:8), em cerca de 893 A.C. Alguns anos mais tarde, Ben-Hadade renovou as hostilidades e cercou Jeorão em sua capital, Samaria. Ben-Hadade reduziu Israel a quase nada; mas então, conforme Eliseu havia predito, o cerco foi inexplicavelmente levantado. No ano seguinte, Ben-Hadade enviou Hazael com presentes a Eliseu, a fim de consultá-lo sobre a enfermidade que o monarca sírio contraíra. Eliseu respondeu que a enfermidade não era mortal, mas que, não obstante, seu período de vida era curto. Poucos dias mais tarde, Hazael sufocou o rei sírio em seu leito, com um cobertor molhado em água, e apossou-se do trono sírio. Medidas políticas! (Ver II Reis 8:7-15).

3. *Ben-Hadade III* (II se é que os dois primeiros Ben-Hadades foram o mesmo indivíduo). Era filho de Hazael, mencionado no segundo ponto, que assassinara Ben-Hadade I (ou II). Foi derrotado por três vezes por Jeoás, rei de Israel, que recuperou todos os territórios que haviam sido perdidos para os sírios na Transjordânia (II Reis 13:3,34,35). As Escrituras declaram que essa contínua hostilidade era punição divina contra Israel, porque o rei e o povo seguiam os caminhos iníquos de reis anteriores (II Reis 13:2,3). Todavia, Deus mostrou-se misericordioso, provendo vitória, a fim de que Israel pudesse escapar dos ataques de Ben-Hadade (II Reis 13:5). A providência divina incluiu as derrotas dos sírios por Adade-Nirari III, rei assírio que se lançou contra Damasco. Em Amós 1:4 e Jer. 49:27, também é declarado que a derrota de Ben-Hadade se devia a falhas morais e lapsos espirituais de sua parte. (BRUC UN)

BEN-HESEDE

No hebraico, «filho de Hesede», ou «filho da gentileza», um dos doze oficiais de distritos de Salomão. A seu encargo ficava o terceiro distrito administrativo, a parte ocidental da tribo de Manassés (I Reis 4:10).

BEN-HINOM, VALE DE

Ver **Hinom, Vale de.**

BEN-HUR

No hebraico, «filho de Hur» ou «filho de nobre». Um dos doze oficiais administrativos dos distritos criados por Salomão. Ele administrava o território de Efraim (I Reis 4:8).

••• ••• •••

BEN-HUR (novela)

Esse é o título de uma novela escrita por Lew Wallace, cujo subtítulo é «Um Conto Sobre Cristo». Foi publicada pela primeira vez em 1880, tendo sido reeditada por muitas vezes, como um dos sucessos de livraria mais notáveis. A narrativa gira principalmente em torno das aventuras do fictício Ben-Hur dos dias de Jesus, que juntamente com João Batista, aparece apenas incidentalmente na novela. O herói converte-se à fé cristã. Depois é falsamente acusado por Messala, seu amigo de infância, de tentar assassinar o governador romano da Judéia, em face do que é sentenciado à galé perpétua. Sua mãe e sua irmã são lançadas em uma masmorra, onde contraem a lepra. Mas Ben-Hur escapa da galé e salva a vida de um romano poderoso, o qual subseqüentemente o adota e o leva a Roma. Então Ben-Hur retorna a Jerusalém, onde se vinga de Messala em uma corrida de biga, o evento mais emocionante da novela. Posteriormente, Ben-Hur reúne-se à sua mãe e à sua irmã, às quais Jesus cura miraculosamente da horrível enfermidade.

Ben-Hur tem sido freqüentemente apresentada nos palcos, servindo de base de duas fitas cinematográficas espetaculares, rodadas em 1926 e 1959. Aquilo que, mesmo indiretamente, toca na vida do grande Mestre, adquire uma força de atração que não é fácil de ser explicada. (AM)

BENAIA

No hebraico, «Yahweh edifica». Era nome bastante comum entre os levitas, razão pela qual é o nome próprio de vários personagens do Antigo Testamento:

1. Filho de Joiada, de Cabzeel, um dos heróis de Davi, cujo total era de trinta (II Sam. 23:20,21). Benaia serviu corretamente a Davi e permaneceu fiel a ele até o fim, pelo que foi honrado ao ser escolhido para fazer os arranjos para a proclamação de Salomão como rei (II Sam. 1:32-40). Sob Salomão, ele se tornou o comandante do exército (II Sam. 2:35; 4:4), em substituição a Joabe.

2. Benaia de Piratom, outro dos trinta heróis de Davi (II Sam. 23:30), comandante de vinte e quatro mil homens.

3. Um governante alistado na genealogia da casa de Simeão (I Crô. 4:36).

4. Um levita da segunda ordem de cantores e harpistas, sob Etã (I Crô. 15:18). Davi desenvolveu a expressão musical dos sacerdotes mediante inovação, e esse homem esteve envolvido nesse esforço.

5. Um sacerdote que tinha por tarefa tocar a trombeta, diante da arca da aliança (I Crô. 15:24).

6. Pai de Joiada, sucessor de Aitofel (I Crô. 20:14).

7. Avô de Jaaziel, da casa de Asafe (II Crô. 20:24).

8. Um supervisor da preparação das câmaras do templo no tempo de Conanias (II Crô. 31:13).

9 a 12. Quatro homens diferentes que se haviam casado com mulheres estrangeiras durante o cativeiro babilônico, e que tiveram de separar-se delas, ao retornarem à Palestina (Esd. 10:25,30,35,43).

13. O pai de Pelatias, ao qual Ezequiel viu em uma visão, de pé entre os príncipes que estavam destruindo a moral do povo com maus conselhos (Eze. 11:1-4). (BRI S Z)

BÊNÇÃO

Está em foco o ato de benzer (ver o artigo) alguma pessoa ou objeto, com a finalidade de dedicar essa pessoa ou coisa. No caso de pessoas, está em foco uma intercessão em favor delas, pedindo a bênção de Deus. No caso de objetos, o ato consagra os mesmos a alguma utilidade ou roga a sua prosperidade. A palavra «bênção» vem do latim, que tem o mesmo sentido da palavra hebraica *berakah*, vocábulo que também pode significar «felicidade», além de «bênção».

No Antigo Testamento, uma bênção usualmente consistia em uma oração ou em um pronunciamento solene. Em Salmos 103 temos uma expressão pessoal de agradecimento, em face das bênçãos divinas recebidas. O Antigo Testamento encerra várias bênçãos domésticas, nas quais o pai da família invoca a bênção divina sobre seus filhos (Gên. 9:26; 27:27-29; 48:15,16). A essas bênçãos dava-se grande valor, pois as pessoas criam no Deus de Israel. Moisés proferiu uma bênção sobre o povo de Israel como um todo (Deu. 28:1-14). A bênção clássica é a bênção de Aarão (Núm. 6:24-26), que diz: «O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz».

Bênçãos eram invocadas quando da adoração pública (Lev. 9:22; Deu. 10:8). A postura física dos invocantes usualmente incluía o gesto das mãos erguidas (Lev. 9:22).

Nas páginas do Novo Testamento há bênçãos eloqüentes, em Rom. 15:3; II Cor. 13:14; Heb. 13:20,21; Judas 24; I Ped. 5:14 e III João 15, várias dentre as quais são comumente usadas nos cultos de adoração dos evangélicos. (BLA E)

BÊNÇÃO DO BENDITO SACRAMENTO

Uma devoção que data do século XIV. Consiste em hinos e orações compostos por Tomás de Aquino, empregados antes do sacramento (ver o artigo). Conclui com uma bênção com o sacramento. (E)

BÊNÇÃO E MALDIÇÃO

Desejos, expressos mediante palavras proferidas, algumas vezes apoiadas em alguma ação, podem redundar em bênção ou infortúnio. As religiões primitivas sempre confiaram em declarações emocionalmente carregadas, como causas de bênçãos ou maldições. Há evidências de que uma maldição proferida, quando não é injusta, pode causar a morte de outrem. Algumas vezes indagamos o que estará envolvido em fenômenos dessa ordem, se tudo não será mera coincidência ou se há algo de profundamente psicológico nos mesmos. Segundo esta última alternativa, os temores da pessoa amaldiçoada explicariam muita coisa.

Por outro lado, precisamos levar em conta o poder espiritual daquele que abençoa ou amaldiçoa. Jacó abençoou não somente seus netos, Efraim e Manassés, mas também convocou seus doze filhos para abençoar a cada um deles. E essas bênçãos têm feito sentir o seu poder entre os seus descendentes até hoje. (Gên. 49:1-33). Por outra parte, há pessoas malignas, que recebem a ajuda de espíritos maus, e que evidentemente podem prejudicar ou mesmo levar outras pessoas à morte. Naturalmente, não devemos ser supersticiosos ao ponto de acreditar no que o vulgo chama de «mau olhado», e coisas similares. Mas sabe-se que há pessoas más dotadas de grande poder psíquico, que podem produzir efeitos adversos nas vidas de seus semelhantes. Todavia, quem estiver sob a proteção do Senhor, não sofrerá por causa de tais influências estranhas. «Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel» (Núm.

23:23).

O poder espiritual de grandes homens de Deus às vezes atua de modos extraordinários. Consideremos as roupas usadas para curar enfermos, segundo se lê em Atos 19:12. Notemos que essas roupas também eram usadas para efeito de exorcismo (ver o artigo). Pouco sabemos sobre essas coisas, mas não há que duvidar que por detrás delas opera uma energia real, que talvez a ciência investigue e venha a descobrir. Vê-se, no A. Testamento, que a benção paterna era muito valorizada (Gên. 27:49). As bênçãos proferidas no leito de morte às vezes incluem predições, conforme já vimos no caso de Jacó.

Sabemos que os judeus muito temiam as maldições proferidas por esmoleres, mulheres, escravos e pessoas oprimidas, as quais nada podiam fazer senão amaldiçoar, não lhes restando outro poder. Bênçãos e maldições também eram proferidas acerca de animais e propriedades. Muitos acreditavam que uma pessoa qualificada era capaz de contrabalançar uma maldição com outra maldição, fazendo o feitiço virar contra o feiticeiro. Um bom exemplo disso é o episódio de Balaão (Núm. 22-24). A maldição que os moabitas desejavam que recaísse sobre Israel, acabou ricocheteando neles. «Povo meu, lembra-te agora do que maquinou Balaque, rei de Moabe, e do que lhe respondeu Balaão, filho de Beor, e do que aconteceu desde Sitim até Gilgal; para que conheças os atos de justiça do Senhor» (Miq. 6:5).

O autor desta Enciclopédia teve um aluno de filosofia cuja irmã experimentou uma série de acontecimentos estranhos, em conexão com uma maldição. A jovem quase se casara com um homem estrangeiro, mas terminou rejeitando-o. O homem voltou à sua pátria. Um dia, a jovem recebeu um vestido de seda muito bonito, enviado por aquele homem. Ela começou a usá-lo. — Então uma série inexplicável de infortúnios começou a cair sobre ela e seus familiares. A jovem acabou sentindo que tudo aquilo tinha algo a ver com o presente. — Ela jogou o vestido em um rio, e os infortúnios cessaram. Coincidência? Não vale a pena fazer experiências, quando tratamos com possíveis forças diabólicas. Há muitas variedades de maldições, com muitos modos de operação. Um professor muito cético que conheci, um dia precisou revisar seu ceticismo, quando um conhecido dele faleceu sem razão aparente, presumivelmente vítima da maldição de uma garota que ele enganara e rejeitara, menos de duas semanas antes! Quem se arriscaria com as palavras de fogo de uma mulher rejeitada? Ele se arriscou! (E HA)

BÊNÇÃO ESPIRITUAL

Efésios 1:3

Bendito. Expressão rabínica comum, que indica louvor a Deus, devido aos seus muitíssimos benefícios. Lemos em Sal. 68:19: «Bendito seja o Senhor que, dia a dia, leva o nosso fardo. Deus é a nossa salvação. (Selá)». O termo hebraico «barukh» (*bendito*) figura nesse Salmo citado, aparecendo na versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã) sob a tradução «eulogetos», que é exatamente a palavra empregada em Efé. 1:3.

A forma verbal desta palavra, *eulogeo*, significa «abençoar», «bendizer», «dizer bem de», «louvar», «exaltar». Portanto, sua idéia é, «que Deus seja louvado», «exaltado», devido, naturalmente, àquilo que ele fez em favor dos homens por intermédio do Senhor Jesus Cristo. Um dos nomes conferidos a Deus, na cultura dos hebreus, era «o Bendito», por motivo de reverência ou talvez temor, visto que os israelitas temiam proferir os nomes santos e sagrados de Deus. Além disso, desse modo Deus era representado como o benfeitor supremo da humanidade. E aqueles que recebem de suas bênçãos espirituais também são chamados «benditos», por se encontrarem em estado de bem-estar espiritual, tal como aquele que Deus igualmente desfruta.

Um termo grego diferente é usado nas «bem-aventuranças», em Mat. 5:3, onde tal palavra é plenamente anotada, quanto à sua história e ao seu uso. O conceito subjacente difere entre aquela e esta palavra. Pois o homem jamais deve ser «louvado» ou «exaltado», embora possa vir a ser «abençoado» por motivo do amor de Deus. E os remidos haverão de participar do estado exaltado de Deus por meio de Cristo Jesus, o que significa que desfrutarão do bem-estar divino

Nos tem abençoado. A raiz do mesmo vocábulo grego é empregada aqui para indicar nosso ato de «bendizer» a Deus, embora aqui tenha um significado diferente. Deus é «louvado», «exaltado». Mas o homem é «abençoado», «beneficiado», recebedor da «abundância e graça de Deus», conforme esse vocábulo grego nos indica. Há aqui um jogo de palavras: Deus é «bendito» porque nos «abençoa». (Quanto a outras referências bíblicas que contêm a expressão «bendito seja Deus», ver Luc. 1:68; Rom. 1:25; 9:5; II Cor. 1:3; 11:31 e I Ped. 1:3).

«Deus não é um Deus que é apenas o autor de verdades matemáticas, ou da ordem dos elementos, conforme se dá no caso do deus dos pagãos e dos epicureus. E nem é ele meramente um Deus que dispõe providencialmente da vida e da sorte dos homens, a fim de coroar seus adoradores com anos longos e felizes...Mas o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó, o Deus dos cristãos, é um Deus de amor e consolo, um Deus que enche as almas e os corações daqueles que lhe pertencem, um Deus que os faz sentir sua miséria íntima e a sua infinita misericórdia, que se une ao mais íntimo de seus espíritos, enchendo-os de humildade e de júbilo, de confiança e de amor, tornando-os incapazes de qualquer outra finalidade senão ele mesmo». (Blaise Pascal, *Pensamentos*, pág. 93).

Com toda sorte de bênção espiritual. Palavras que indicam uma idéia lata e indefinida, indicativa de tudo quanto somos e possuíamos em Cristo, o que também nos torna cidadãos aptos para o mundo espiritual. Essa expressão, ampla e indefinida, sugere «totalidade» e «elevado caráter», porquanto aquelas bênçãos nos são dadas inteiramente da parte do outro mundo, por serem elevadíssimas, exaltadas, divinas. As bênçãos de Deus não são parciais, e também não têm limite. Temos indicação da mesma idéia em Rom. 8:32, onde se lê: «...porventura não nos dará graciosamente com ele todas as cousas?» O mesmo conceito transparece igualmente em I Cor. 3:21: «...porque tudo é vosso...», a saber, o mundo, os ministros de Deus, este mundo, a vida inteira, tudo quanto resulta da morte física, o mundo vindouro; tudo é dos crentes; os crentes são de Cristo, e Cristo é de Deus. (Ver I Cor. 3:22,23).

De conformidade com essas bênçãos tão definidas na epístola aos Efésios, elas envolvem os seguintes pontos:

1. Cidadania no mundo celestial (ver Efé. 2:6).
2. Transformação segundo a pessoa de Cristo, a ponto de virmos a possuir a sua própria plenitude (ver Efé. 1:23).
3. Liberação das cadeias; do paganismo, do

pecado, do princípio do pecado-morte, paralelamente à entrada na vida eterna e imortal (ver Efé. 2:1-6).

4. Fim da alienação com Deus, o que significa que nos tornamos habitação espiritual do Espírito de Deus, com a obtenção de tudo quanto Israel possuía, mas muito mais ainda (ver Efé. 2:19 e *ss*).

5. Seremos o mais exaltado tipo de ser inteligente, em Cristo (ver Efé. 1:10 e *ss*).

6. Seremos algo sem igual na criação e na utilização nas mãos de Deus, a saber, a igreja eterna, a noiva de Cristo (ver Efé. 3:1-11; 5:32).

7. Em suma, seremos tudo quanto Cristo é (compartilhando de sua natureza essencial), e teremos tudo quanto ele possui, pois seremos seus coherdeiros. (Ver Efé. 1:23 e 2:4-7). Toda a seção «doutrinária» da epístola aos Efésios (capítulos primeiro a terceiro) descreve essas bênçãos celestiais.

A palavra grega aqui traduzida por *bênção* procede da mesma raiz que o termo usado para falar sobre o *Deus bendito* e sobre o «sermos abençoados». Notemos o jogo de palavras em torno desse mesmo vocábulo, que destaca seus vários sentidos e usos possíveis. Esse termo fala de todo o grande benefício espiritual da salvação, da imortalidade, da transformação segundo a imagem de Cristo, e de tudo quanto essas realidades envolvem. (Ver o artigo sobre a *Salvação*).

BÊNÇÃO SACERDOTAL

Estamos falando sobre a bênção que os aaronitas receberam ordem de invocar sobre o povo de Israel, em Números 6:22-27. Isso era um aspecto importante do culto no templo de Jerusalém; e até hoje, faz parte do ritual de muitas sinagogas. Antes da dispersão dos judeus, os sacerdotes de Israel se descalçavam e lavavam as mãos. De rostos voltados para a congregação, eles proferiam solenemente a bênção requerida, com as mãos erguidas. Nas sinagogas modernas, onde não há descendentes de Aarão reconhecidos, essa bênção é dada pelo rabino, terminada a função religiosa. A prática também tem sido preservada em muitas igrejas cristãs, até mesmo evangélicas. (E)

BÊNÇÃOS ÀS CRIANÇAS, Mat. 19:13-15.

Esta seção tem paralelos em Mar. 10:13-16 e Luc. 18:15-17. A fonte do material é o *protomarcos*. Consultar os detalhes sobre as «fontes» informativas dos evangelhos no artigo intitulado *O Problema Sinóptico*.

Esta seção apresenta um *breve catecismo* sobre o tratamento que se deve conferir às crianças na comunidade religiosa. Observa-se, na literatura judaica, que os judeus davam grande valor à família, e entre os escritos rabínicos há passagens carinhosas sobre a questão das crianças. Exemplos disso se vêem na obra de Joseph Klausner, *Jesus of Nazareth*, the Macmillan Co., N.Y., 1925, pág. 306. Na cultura judaica era costume que as crianças pedissem a bênção de seus genitores, — e os discípulos costumavam fazer a mesma coisa a seus mestres, os rabinos. Aquele que abençoava impunha as mãos sobre os solicitadores. O A.T. também apresenta exemplos desse costume (ver Gên. 48:14,15).

Mat. 19:13: *Então lhe trouxeram algumas crianças para que lhes impusesse as mãos, e orasse; mas os discípulos os repreenderam.*

Jesus acabara de pronunciar-se acerca da santidade do matrimônio, e era mui apropriado que agora abençoasse as crianças de várias idades, como nos indicam as palavras das diversas narrativas. O paralelo de Luc. 18:15 tem a palavra grega *brephe*, que usualmente indica bebês de pouca idade e que ilustra que as crianças que foram trazidas para serem abençoadas por Jesus pertenciam a várias idades, incluindo até mesmo bebês de colo. Provavelmente, na igreja primitiva, textos como este forneciam base suficiente para a idéia de que todas as pessoas da família, até mesmo as crianças mais novas, necessitam e devem ter acesso aos benefícios dos cultos e do ministério na congregação. Alguns intérpretes, observando essa verdade e também o fato de que Lucas usou a palavra «brephe» (bebês), ensinam o batismo de bebês pelo uso desse texto, mas tal idéia, como é claro, não passa de exagero das intenções do texto, porquanto simplesmente não encontramos nessas palavras confirmação dessa doutrina. O respeito dos rabinos pelas crianças era tão grande que eles ensinavam que até mesmo os filhinhos dos pagãos teriam parte no «mundo vindouro». De maneira geral, a igreja cristã tem conservado essa doutrina, dizendo que as crianças que morrem antes de atingirem a idade da responsabilidade estão salvas. Jesus reflete, em grau elevado, o amor da sociedade judaica pelas crianças.

Trouxeram-lhe...algumas crianças. Mateus e Marcos empregam o vocábulo grego **paidia**, que em seu sentido geral indica «crianças», mas que pode incluir uma ampla gama de idades. A palavra *brephe*, em Luc. 18:15, significa, usualmente, *bebê*. Jesus, que observava as exigências próprias ao celibato (que vide), não tinha os seus próprios filhos, e por isso adotou, como Salvador que é, a todas as crianças. O celibato pode ser um bom e desejável estado civil para alguns, mas o estado matrimonial, abençoado por filhos, é o estado comum e natural aos homens. A vida em família é o ponto central nos propósitos de Deus (ver Mat. 18:1-4; 18:10-14). É óbvio que a amabilidade de Cristo atraía a atenção das mães, e elas se aproximavam dele, sem receio, confiando que ele abençoaria os seus filhos. No notável *texto das crianças*, em Mat. 18:1-9, temos outra indicação da atitude de Jesus para com as crianças.

«Para que». Atitude própria do ato de abençoar, entre os judeus. As mãos eram e continuam sendo símbolos de oração e bênção, e freqüentemente simbolizavam o poder da transmissão de bênçãos espirituais ou físicas, como se dá no caso das curas espirituais. A parapsicologia tem demonstrado que os que são dotados do poder de efetuar curas mediante a imposição de mãos, emitem uma forma de energia por meio delas; essa energia é capaz de deixar marcas em um filme de raios-X. Talvez a observação dos efeitos da imposição de mãos, ainda que nada se soubesse sobre os efeitos reais desse ato, tenha dado origem à idéia de que a colocação das mãos pode ocasionar benefício moral ou espiritual. Orígenes sugere que talvez as pessoas que levaram as crianças a Jesus pensassem que aquele ato *protegeria* dos maus espíritos. A imposição de mãos era símbolo de consagração e de curas físicas no V.T. Ver exemplos disso em Gên. 48:14; Êx. 29:10 e II Reis 4:34. Na história dos judeus lê-se que os dirigentes das sinagogas abençoavam as crianças mediante—a imposição—de mãos. O trecho de I Tim. 4:14 diz: «Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério». Alguns intérpretes opinam que o Espírito Santo aprovava tal imposição de mãos, por parte das autoridades da igreja, pelo fato de que ao mesmo tempo eram transmitidos os «dons do Espírito», os quais seriam

utilizados para benefício da igreja. Assim sendo, alguns intérpretes têm sugerido que, neste caso, a bênção dada por Jesus não consistiu de mero ato ou rito sem substância ou efeito, mas que, mediante a bênção concedida, as crianças realmente receberam um benefício moral e espiritual. O próprio texto não expõe tais detalhes, mas isso não expressa um pensamento impossível. Pelo menos ficou claro que a igreja deve cuidar das crianças, e que até mesmo crianças pequenas podem participar dos benefícios do ministério da igreja. Não obstante, este não é texto no qual alguém possa alicerçar o ensino do batismo de infantes; e, pelo fato de que tal ensino não encontra base mais ampla do que encontramos aqui, temos toda a razão em rejeitar o batismo infantil. Se o batismo infantil é válido, terá de ser ensinado à base de outros textos e argumentos, mas não à base de implicações originadas neste texto.

Mas os discípulos. Marcos dá a idéia de que os discípulos repreendiam aos pais. Pela gramática do evangelho de Mateus, a repreensão era dirigida às próprias crianças, embora seja provável que a intenção do autor fosse idêntica à de Marcos. Com freqüência a multidão se aglomerava ao redor de Jesus, aborrecendo-o ou mesmo ameaçando-o fisicamente. Os discípulos, com toda a sinceridade, pretenderam protegê-lo dessa situação. Nesse caso pode ser que houvesse crianças pequenas demais para compreenderem os ensinamentos de Jesus, e os discípulos tivessem pensado que estas não poderiam receber qualquer benefício. Jesus, entretanto, não concordou com essa avaliação.

Mat. 19:14: *Jesus, porém, disse: Deixai as crianças e não as impeçais de virem a mim, porque de tais é o reino dos céus.*

Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos. Marcos adiciona a idéia da condição emotiva de Jesus, quando percebeu a atitude dos discípulos: «Jesus, porém, vendo isto, *indignou-se*». Lucas não dá essa descrição; portanto, somente Marcos conservou esse detalhe (10:14). O fato de que Jesus sentiu tão forte emoção demonstra o amor genuíno que ele tinha pelas crianças; também não teria gostado de ver as mães desapontadas em seu desejo que seus filhos recebessem a bênção. Por conseguinte, erramos quando ignoramos as crianças em nossas igrejas. O ministério da igreja local deve oferecer às crianças os benefícios que o cristianismo oferece ao mundo inteiro.

Não os embaraceis de vir a mim. Nestas palavras temos uma indicação sobre a humildade e a ternura de Jesus. Ele não levantava obstáculos no caminho de quem quer que fosse, mas recebia até mesmo as pessoas mais humildes. Antes desta ocasião, Jesus usou uma criança como símbolo dos «crentes» mais humildes e fracos e, por meio das palavras «porque dos tais é o reino dos céus», proferidas neste mesmo versículo, ele repetiu as implicações desse ensino. Jesus não aprovou a atitude dos discípulos, ao ignorarem os fracos e ignorantes. A avaliação feita por Jesus não coincidia com a deles. Pelo contrário, mostrava que todos são candidatos ao benefício do reino, não somente os que podem ser reputados inteligentes, nobres ou importantes. Os detalhes deste texto dão outro exemplo da grandeza moral de Jesus ao fazer a avaliação dos homens, isto é, da humanidade em geral. No sistema metafísico de Cristo, qualquer membro da humanidade é importante. Provavelmente essa idéia tem base nos ensinos do cristianismo sobre o grande destino que Deus tem reservado para a humanidade, que, uma vez cumprido, tornará os redimidos mais elevados que os anjos, quando os crentes estiverem plenamente transformados segundo a imagem de Cristo. Esse é o ponto mais alto da mensagem evangélica. Ver o artigo sobre a *Transformação do Crente à Imagem de Cristo.*

BENDER, WILHELM

Foi professor na Universidade de Bonn, na Alemanha. Nasceu em 1845 e faleceu em 1901. Promoveu a tendência antimetafísica das idéias de Ritschl (ver o artigo), degradando a idéia de revelação a uma posição secundária. Tornou-se um dos defensores da crítica ilusionista da religião. (E)

BENE

No hebraico, «filho de». No trecho I Crônicas 15:18 aparece como um músico levita. Naquele trecho, a LXX omite o nome, e tanto a LXX quanto o texto massorético omitem-no no vigésimo versículo.

BENE-BERAQUE

No hebraico, «filhos de Baraque» ou «filhos do relâmpago» (Jos. 19:45). Era uma cidade no território de Dã, que tem sido identificada com a moderna el-Kheiriyeh, nos subúrbios a noroeste de Tel-Avive. Foi uma das cidades da Palestina conquistadas por Senaqueribe.

BENE-HAIL

No hebraico, «filho de força». Foi um dos príncipes enviados por Josafá para ensinar nas cidades de Judá (II Crô. 17:7).

BENE-HANÃ

No hebraico, «filho de graça». Era filho de Simão, da tribo de Judá (I Crô. 4:20).

BENÊ-HASÉM

No hebraico, «rico». Foi um gizonita, um dos trinta heróis militares de Davi (I Crô. 11:34). No paralelo de II Sam. 23:32, temos Bené-Jásen.

BENE-JAACÃ

No hebraico, «filhos de Jaacã» ou «filhos da inteligência». O nome aparece em Núm. 33:31; e também em Deu. 10:6, sob a forma Beerote-Bene-Jaacã, que significa «poços dos filhos de Jaacã». Aparentemente, o nome originou-se em I Crô. 1:42. Se os filhos de Jaacã eram os mesmos nomeados entre os filhos de Seir, o horeu, em Gên. 36:20-30, então os poços de Jaacã estariam localizados nos montes que circundam a Arabá. O povo em questão, finalmente foi expulso dali pelos idumeus (Deu. 2:12).

BENÊ-JÁSEN

Um dos trinta heróis de Davi. O texto hebraico de II Sam. 23:32 diz «filhos de Jásen», e o seu paralelo de I Crô. 11:34 diz «filhos de Hasém», o gizonita. A palavra «filhos» representa uma ditografia das últimas três consoantes da palavra anterior, pelo que se trata de um erro textual. A forma original, sem dúvida alguma, era Jásen ou Hasém, sem a palavra «filhos».

BENE-ZOETE

No hebraico, «filho de Zoete» ou «filho do

corpulento». Era filho ou neto de Isi, descendente de Judá através de Calebe (I Crô. 4:20). Coisa alguma se sabe acerca dele, além do seu nome.

BENEDICTUS

Uma das fases da missa (ver o artigo) da Igreja Católica Romana, imediatamente após o *Sanctus* (ver o artigo), e parte integrante daquela seção. O termo deriva-se do latim *benedicare*, «abençoar». O cântico do Benedictus segue em linhas gerais o Benedictus do Novo Testamento (Luc. 1:68-79), conforme a descrição abaixo.

No Novo Testamento. Benedictus é uma designação técnica do trecho de Lucas 1:68-79, onde se encontra a profecia de Zacarias, pai de João Batista, acerca do Redentor de Israel, e onde a primeira linha diz, segundo a Vulgata Latina: *Benedictus Dominus Deus Israel*, «bendito seja o Deus de Israel». E ao trecho de Mateus 21:9, tradicionalmente tem-se dado o título de *Benedictus Qui Vinit*, onde se lê: «Bendito o que vem em nome do Senhor!» Há antecedentes veterotestamentários em Sal. 105; Miq. 4:4 e Mal. 3:10. (E Z)

BENEDITINOS

Essa é a mais antiga ordem religiosa do Ocidente, fundada por Benedito de Núrsia, iniciada no século VI D.C.; é regida pelas Regras de São Benedito (ver o artigo). De acordo com essa regra, os monges são forçados a permanecer dentro da ordem, o que garante a estabilidade das ordens religiosas. Assim, cada uma delas torna-se um centro de atividades religiosas, culturais e de caridade. Os beneditinos têm exercido larga influência sobre o desenvolvimento da civilização, sobretudo nos primórdios da Idade Média. A ordem ajudou a estender a civilização ocidental, antes e após o colapso do Império Romano (em seus segmentos Ocidental e Oriental), quando a Europa inteira entrou em um período de turbulência. Os beneditinos têm promovido a fé religiosa, a erudição e as artes. (E)

BENEDITO DE NÚRSIA

Ver o artigo sobre o **Monasticismo**.

BENEDITO DO MONTE CASSINO (Núrsia)

Suas datas são 480-543 D.C., segundo alguns. Foi o fundador do célebre mosteiro do monte Cassino, bem como autor da *Regra* que veio a ser conhecida como a principal legislação acerca do monasticismo ocidental (ver o artigo). Através de suas próprias experiências, ele transmitia aos outros as normas da vida monástica, orientando na vereda da renúncia do que é mundano e profano. Benedito tinha o gênio organizador, em pensamento e ação, e isso inspirava a outros. Seu programa de serviço a Deus estava alicerçado sobre a adoração divina, acima de qualquer outra consideração. Os beneditinos (ver o artigo) foram os que maior proveito tiraram de seu sistema, razão pela qual ele é considerado o fundador dessa organização religiosa. (E)

BENEDITO XIV, PAPA

As datas do seu pontificado são 1749-1758. Seu nome era Prospero Lorenzo Lambertini. Nasceu em Bolonha, a 31 de março de 1675. Tornou-se cardeal em 1726, bispo de Ancona em 1727, e arcebispo de sua cidade nativa em 1731. Foi um dos mais eruditos entre os papas, um estadista moderado que fez algumas concessões com muito tato e bom humor. Tinha muitos amigos e poucos inimigos. Por causa de sua extraordinária vocação política, foi capaz de solucionar disputas em Portugal, em Nápoles, em Sardenha e na Áustria, que tinham envolvido as relações Igreja-estado. Mantinha boas relações com os protestantes e islamitas. Voltaire dedicou a ele uma obra que escreveu sobre Maomé.

Esse papa trouxe de volta à comunhão da Igreja Católica Romana duas igrejas orientais: a Igreja Grega Malquita, de Antioquia e os maronitas (ver o artigo). Benedito XIV opunha-se à maçonaria e condenou a acomodação dos católicos a ritos pagãos, em lugares onde trabalhavam os missionários católicos. Promoveu as artes liberais, bem como reformas morais das mais diferentes variedades. Aumentou as dimensões da biblioteca do Vaticano e fundou quatro academias: a. de Antiguidades (especialmente Romanas e Cristãs); b. — de Estudos das Leis Canônicas; c. de História da Igreja e dos Concílios; e d. de Liturgia Sagrada. Também enriqueceu o acervo dos museus de Roma e Bolonha, tendo promovido a causa das universidades e de outras instituições de ensino. Escreveu muito sobre vários assuntos religiosos e eclesiásticos. Suas obras foram coligidas e publicadas como uma unidade, em 1904. (E)

BENEDITO XV, PAPA

Seu pontificado foi de 1914-1922. Nasceu em uma antiga e nobre família italiana, della Chiesa, a 21 de novembro de 1854. Seu nome era Giacomo Paulo Giovanni B. della Chiesa. Formou-se advogado na Universidade de Gênova, estudou teologia na Universidade de Roma, foi ordenado padre em 1878, ocupou diversos ofícios, tornou-se Secretário de Estado sob Leão XIII (ver o artigo), tornou-se arcebispo de Bolonha em 1907, cardeal em 1914 e papa no mesmo ano. Seu pontificado deu-se durante a I Grande Guerra. Através de discursos, encíclicas, protestos, orações, atos pessoais de diplomacia, escritos, etc., tentou obter a paz, embora alguns tenham dito o contrário a seu respeito. A 1° de agosto de 1917, publicou seu *Apelo às Nações*, com catorze artigos em favor da paz, similar ao apelo adotado e proposto pelo presidente norte-americano Woodrow Wilson. Seu oferecimento de mediação foi ignorado, mas o prestígio do Vaticano aumentou, em vista desse esforço. Durante e após o choque armado, Benedito XV realizou muitas obras de caridade para com povos e nações, no esforço de curar as cicatrizes da guerra. Ele salientou que para impedir tão insensata matança e sofrimento, os homens precisam mudar desde o íntimo. Terminada a guerra, o número de representantes oficiais junto ao Vaticano aumentou.

Sua obra inclui várias peças literárias, o aprimoramento da lei canônica, a promoção das missões católicas, a melhoria das escolas. Mas, acima de qualquer outro fator, sua reputação repousa sobre sua obra durante a guerra, —que conquistou para ele o título de «Apóstolo da Paz». Foi sepultado em uma cripta da Basílica de São Pedro, em Roma, em um esquife de bronze, sobre o qual há uma placa que descreve os seus esforços em favor da paz. Uma estátua sua, em posição ajoelhada, foi posta no lado esquerdo da basílica. (AM E)

BENEFICÊNCIA

Ver o artigo sobre o **Altruísmo**. A beneficência consiste em praticar o bem ao próximo. Jesus ensinou

aos crentes que permitissem que sua luz brilhasse diante dos homens, mediante boas obras que glorificam a Deus Pai (Mat. 5:16). A preocupação pelo bem-estar do próximo — foi eloqüentemente expressa por Aristides (*Apologia* 15), o qual empregou idéias do Novo Testamento.

Aquele que é beneficente evita os vícios que prejudicam tanto a ele mesmo quanto aos seus semelhantes, promovendo atos que levam em conta os interesses alheios, igualmente. Quanto mais universal se torna esse nosso interesse, tanto mais nos tornamos semelhantes a Deus, que amou ao mundo inteiro (João 3:16). Ver o artigo sobre o *Amor*, que expande muito essas idéias. (H NTI)

BENEFÍCIO DO CLERO

Está em foco a isenção dos clérigos da jurisdição dos tribunais seculares, que foi praticada em parte durante o século IV D.C., mas, especialmente durante os séculos XII e XIII. Presumia-se que um clérigo podia ser melhor manuseado por seus superiores do que pelas autoridades seculares; mas muitos buscavam fugir dos tribunais seculares, porque os tribunais eclesiásticos eram bem mais lenientes. A classificação era bem geral, incluindo os padres, os monges, os professores e os estudantes de universidades controladas pela Igreja Católica Romana. Todas as espécies de problemas eram examinadas, e não apenas os que tivessem algum reflexo sobre a fé religiosa. Essa prática foi abolida na Inglaterra, em 1827, e nos Estados Unidos da América, em 1789-1790. Ver os artigos sobre *Imunidade*, *Lei Canônica* e *Tribunais Eclesiásticos*. (E)

BENEKE, FRIEDRICH

Filósofo alemão (1798-1854). Nasceu em Berlim e educou-se em Halle e Berlim. Ensinou em Berlim e em Gottingen, como um anti-hegeliano durante o período de maior influência de Hegel. Beneke considerava-se um discípulo de Locke, e provomeu a psicologia associativa (ver o artigo, sob o ponto terceiro). Ele argumentava que toda a filosofia deriva-se de uma análise psicológica.

Suas obras. The Empirical Doctrine of the Soul as the Basis of All Knowledge; New Basis for Metaphysics. (EP P)

BENEVOLÊNCIA

Deriva-se do latim, **bene**, «bem», e **volens**, «vontade». Significa a idéia de dar apoio aos interesses alheios, em vez de deixar-se controlar pelo egoísmo (ver o artigo). Ver sobre o *Amor*, porque esse pode ser um sinônimo. Ver também sobre *Beneficência* e *Filantropia*. Está incluído nesse conceito a idéia bíblica do coração quebrantado e do espírito contrito, que evita o orgulho e o auto-interesse exagerado (Sal. 51:16,17). (H P)

BENEVOLÊNCIA DESINTERESSADA

Expressão que precisa ser compreendida de dois modos diversos: 1. Bondade expressa para com outrem, sem qualquer motivo egoísta ou expectativa de que o ato será recompensado. Trata-se, nesse caso, simplesmente do exercício da lei do amor (que vide). 2. Amor para com Deus como o supremo objeto do amor, sem qualquer idéia de compensação. O mandamento que nos ordena amar ao próximo como a nós mesmos, dá a entender amar àquela pessoa pelo valor que ela mesma tem, e não por causa de algo que se possa ganhar egoisticamente com isso. Usualmente, o ódio também é interesseiro. Em outras palavras, uma pessoa odeia a outrem por alguma razão egoísta. Ele *me* enganou! Ele *me* dirigiu palavras ofensivas. Ele *me* defraudou. Por semelhante razão, o amor e a bondade por muitas vezes alicerçam-se sobre os auto-interesses. Jesus ordenou que amássemos os nossos inimigos (Mat. 5:43 *ss*), àqueles que poderíamos odiar por alguma causa justa e pessoal. Longe de termos um ódio interesseiro, cumpre-nos ter um amor desinteressado para com aqueles que nos prejudicam. O samaritano fornece-nos um bom exemplo de benevolência desinteressada (Luc. 10:33 *ss*). O próprio uso da palavra «samaritano», nesse relato de Jesus, significa que da parte dele não se esperava qualquer ajuda. Isso pode ser contrastado com o que sucede nas grandes cidades, hoje em dia. Publicamente, em plena luz do dia, pessoas indefesas são atacadas, enquanto outras vêem tudo com indiferença, não querendo envolver-se.

Está em pauta a doutrina filosófico-teológica da ética que diz que a *verdadeira virtude* envolve os afetos e as paixões, devendo ser definida como amor altruísta. Cada ser vivo deve ser amado de acordo com sua posição na escala do ser. Por conseguinte, o amor a Deus é o mais importante princípio moral, ao passo que o pecado consiste em auto-amor, sendo o pior de todos os vícios, sobretudo porque o auto-amor exlui ou prejudica ao próximo. A espiritualidade, uma vez renovada pelo Espírito de Deus, manifesta-se através da prática da benevolência, que inclui a eliminação dos excessos do auto-serviço. Essa doutrina tem provido a base de muitas das atividades filantrópicas e missionárias. (E)

BENFEITOR

Palavra que passou pelo latim, procedente do grego, *euergétes*, «benfeitor», que figura somente em Lucas 22:25, onde Jesus diz: «...e os que exercem autoridade são chamados benfeitores». O título foi, realmente, conferido a monarcas como Ptolomeu II (247-242 A.C.) e Ptolomeu VI (147-117 A.C.), e, igualmente, era dado a homens importantes, como prêmio por serviços notáveis por eles prestados. Jesus repreendeu os que buscavam tal espécie de reconhecimento. No dizer de Jesus, os gentios chamavam suas autoridades de *benfeitores*. Em contraste com isso, ainda segundo o ensino do Senhor, os apóstolos deveriam ser servos humildes, e não cobiçosos de títulos pomposos; e a instrução do Senhor pode ser aplicada a todos os crentes de modo geral.

BENGEL, JOHANN ALBRECHT

Teólogo protestante (1687-1752). Nasceu em Winneden, Wurtemberg. Foi ministro ativo do evangelho, autor e mestre, tendo administrado a Igreja Luterana de Wurtemberg. Ele é considerado o pai do pietismo da Swábia. Foi muito influente como erudito do Novo Testamento. Dentro da história da crítica textual, foi o primeiro a arranjar os manuscritos em famílias. Ver o artigo sobre os manuscritos do Novo Testamento, que inclui os princípios usados pela crítica textual. Sua obra mais bem conhecida é o *Gnomen Novi Testamenti*, uma breve exposição do Novo Testamento, mas valiosa por suas observações breves e penetrantes. Muitos autores posteriores de comentários bíblicos deixaram-se influenciar por Bengel.

Infelizmente, ele predisse a «parousia» para o ano

de 1837, e assim mostrou-se equivocado quanto às suas idéias escatológicas. Contudo, seu interesse pelo assunto valeu-lhe o título de «pai do moderno pré-milenialismo» (ver o artigo sobre o *Milênio*). Seu labor na crítica textual ganhou para ele a perseguição daqueles que insistiam no uso de manuscritos menos fidedignos, que foram usados por Erasmo de Roterdão na compilação do seu Textus Receptus. As pesquisas modernas, no campo da crítica textual, têm mostrado que Bengel estava certo em sua abordagem. (E)

BENINU

No hebraico, «nosso filho». Foi um dos levitas que assinou o pacto juntamente com Esdras (Nee. 10:13).

BENJAMIM

No hebraico, «filho da mão direita», ou, como outros pensam, «filho do sul». É nome de vários personagens e de uma das tribos de Israel, a saber:

1. *Filho caçula de Jacó*, cuja mãe foi Raquel (Gên. 35:18), cerca de 1900 A.C. Raquel não resistiu ao parto e faleceu imediatamente após o nascimento de Benjamim, tendo-o chamado, no último suspiro, de Benoni, «filho de minha dor». Mas Jacó alterou-lhe o nome para Benjamim, de som similar, mas refletindo a idéia de consolo. E, se o nome realmente significa «filho da mão direita», então a idéia era que Benjamim seria o arrimo de Jacó em sua velhice.

Benjamim era irmão de pai e mãe de José, mas meio-irmão dos demais filhos do patriarca. Grande foi a relutância de Jacó em permitir que Benjamim descesse ao Egito, em companhia de outros dez irmãos quando, por força das circunstâncias, tiveram de ir novamente ao Egito buscar alimentos (Gên. 4:24). Jacó preferia conservá-lo em casa, em cuja atitude vemos um apego especial do patriarca por seu filho caçula, algo que geralmente sucede aos filhos mais novos. Jacó não queria que nenhum mal sucedesse também a Benjamim, conforme ele pensava que havia sucedido a José (Gên. 42:4). Mas, terminou anuindo, e Benjamim também desceu com os dez irmãos ao Egito.

Deus controlava o episódio inteiro, pois há coisas que não podem ser explicadas como meras coincidências. Quando José deu-se a conhecer a seus irmãos, houve muita compunção de espírito e lágrimas, mas o amor lavou uma multidão de pecados. Então José mandou buscar seu idoso pai, Jacó (Gên. 45:4 - 46:7), com todos os seus familiares e pertences. Assim, o povo de Israel deixou de ser um pequeno clã para tornar-se um numeroso e temido povo no Egito. No relato bíblico, Israel aparece como quadro simbólico da redenção, em que uma pessoa pecadora encontra-se com seu Senhor e é chamada para fora do Egito, que representa o mundo pecaminoso.

Lemos em Gênesis 46:21 que Benjamim teve dez filhos. A bênção de Jacó, em Gên. 46:21 (ver o artigo sobre *Bênção*), garantiu uma vida frutífera para Benjamim, e os seus descendentes tornaram-se uma das doze tribos de Israel.

2. *A Tribo de Benjamim*. Quando Moisés fez o recenseamento, quando da entrada do povo de Israel em Canaã, a tribo de Benjamim supria 35.400 homens na idade própria do serviço militar (Núm. 1:37). Por ocasião do segundo recenseamento, esse número aumentou para 45.600 homens (Núm. 26:41). Tendo Abdom como seu príncipe, a tribo de Benjamim ocupava seu lugar, juntamente com Efraim e Manassés, no lado ocidental do tabernáculo (Núm. 2:18-24). Quando os espias foram pesquisar a terra de Canaã, o representante da tribo de Benjamim foi Palti (Núm. 13:9). O território dado à tribo, após as bem-sucedidas conquistas militares, foi aquele entre o de Judá e o de José (Jos. 18:11). Lugares notáveis do território de Benjamim eram Jerusalém, Gibeom, Betel, o vale de Aijalom e as duas Bete-Horom. Houve representantes bons e maus dessa tribo, incluindo Eúde, o juiz canhoto, Saul, primeiro rei de Israel (I Sam. 9:1), que ajudou a defender Israel no tempo de Débora e Baraque; também havia os maus representantes da tribo que atacaram a concubina de um levita, incidente esse que provocou uma guerra civil, no decurso da qual a tribo de Benjamim quase foi aniquilada (Juí. 20:3-48).

Há uma história das dez tribos perdidas de Israel. Muitos judeus dizem que só se tem conhecimento, na atualidade, da existência de israelitas descendentes de Judá, de Levi ou de Benjamim. Se isso corresponde ou não aos fatos, não sabemos dizê-lo. Mas também sabemos que houve tribos que absorveram outras, e que, por diversas oportunidades, muitos israelitas que pertenciam às tribos do norte vieram para Judá, quando da apostasia que culminou com o cativeiro assírio. A opinião da maioria dos eruditos é que, em torno de um núcleo da tribo de Judá, há descendentes de todas as demais tribos de Israel entre os modernos judeus. Mas também é fato de que a dispersão fez muitíssimos judeus, e seus descendentes, perderam totalmente a sua identidade. Isso chega a formar um capítulo importante na história do Brasil colônia, e têm sido escritas obras eruditas em torno da questão.

3. Um bisneto de Jacó, e neto de Benjamim, também tinha esse nome (I Crô. 7:10).

4. Um homem que se casara com uma mulher estrangeira, nos dias de Esdras (Esd. 10:32).

A Arqueologia e a Tribo de Benjamim. As famosas cartas de Mari, do médio rio Eufrates, encontradas em 1933, têm sido datadas como pertencentes ao século XVIII A.C.; mencionam os *Banu Yamina*, «filhos da direita», que provavelmente significa «sulistas». Esses estavam assediando a região naqueles tempos. Alguns estudiosos supõem que alguns dos antigos benjamitas estariam envolvidos naquele grupo, embora não haja qualquer registro de que a tribo de Benjamim chegou a habitar na Mesopotâmia. O mais provável é que tudo quanto temos nesse episódio seja uma coincidência verbal, porquanto em Mari também se falava uma língua semítica. Nos documentos de Mari, parece certo que «direita» significa sul, e que «esquerda» significa norte, visto que, no antigo Oriente Médio, as direções eram tomadas com a pessoa de face voltada para o leste, na direção do pôr-do-sol. (BRI ID NO NOT)

BENJAMIM, PORTA DE

No hebraico, «porta da mão direita» ou «porta do sul». Uma porta de Jerusalém dos tempos pré-exílicos (Jer. 37:13, 38:7). Conduzia à residência de Jeremias, em Anatote (Jer. 37:12), defronte da «porta da esquina», que ficava no lado ocidental da cidade (Zac. 14:10). Corresponde à «porta superior de Benjamim», que levava ao templo (Jer. 20:2), construída pelo rei Jotão (II Reis 15:35). (Z)

BENJAMITA

Designação dada a qualquer descendente de Benjamim (ver I Sam. 9:21; 22:7; I Reis 2:8; Juí. 3:15; 19:16; II Sam. 20:1).

••• ••• •••

BENO

No hebraico, «seu filho». Esse nome aparece somente em I Crô. 24:26,27, como apelativo de um dos descendentes de Merari, filho de Levi (cerca de 1014 A.C.). Parece que ele era filho de Jaazias, que era descendente de Merari. Algumas traduções tratam a palavra não como um nome próprio, e sim, como «seu filho». No entanto, o contexto parece exigir que se entenda como um nome próprio. (Z)

BENONI

Nome que Raquel deu a Benjamim, quando do nascimento deste. O nome significa «filho de minha tristeza». Mas seu pai, Jacó, deu-lhe o nome de Benjamim, que tem um sentido mais otimista. Talvez Jacó tivesse planejado que seu filho caçula seria o filho de sua «mão direita», isto é, seria o arrimo do patriarca, quando este chegasse à idade avançada. (Gên. 35:18).

BENTES, JOÃO MARQUES

O pastor João Bentes tem feito uma singular contribuição à causa da literatura bíblica na língua portuguesa. Ele já traduziu, a partir de 1957, mais de duzentos títulos. Entre esses destacamos *O Novo Testamento Interpretado* (seis volumes) e a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* (seis volumes), a presente obra. A essas duas obras ele dedicou cerca de doze anos de sua vida.

O pastor Bentes também é co-autor desta enciclopédia, tendo contribuído com muitos artigos bíblicos e teológicos, além de haver acrescentado valiosos comentários e observações àquilo que foi escrito por mim mesmo (Russell Norman Champlin).

Destacamo-nos fisicamente e em nossa formação acadêmica. Pois enquanto tenho 1,93 m, o pastor Bentes, descendente de judeus pelo lado paterno e português e índio pelo lado materno, tem 1,73 m. Além disso, o pastor Bentes é, essencialmente, um autodidata, o que de modo algum obscurece sua reconhecida capacidade em vários campos da erudição bíblica. Espiritualmente, porém, assemelhamo-nos muito (com distinções, naturalmente), pois amamos ambos à Palavra de Deus, como remidos que somos pelo sangue expiatório de Cristo Jesus, o Logos de Deus.

Na *Introdução* à presente obra, provi um completo artigo biográfico sobre o pastor Bentes, juntamente com outro acerca de minha pessoa. Isso aparece imediatamente após a página dedicatória.

BENTHAM, JEREMY

Escritor inglês (1748-1832). Escreveu sobre jurisprudência, ética, economia, lógica e outras disciplinas. Defendia com denodo as leis e os processos legais mais simples na Inglaterra. Ele promovia a causa de certa forma de utilitarismo (ver o artigo). Para ele, o prazer seria o impulso de toda e qualquer ação, e o prazer deveria ser medido quantitativamente. Ele defendia a idéia de que o bem deve alcançar o maior número de beneficiários, e que cada pessoa deveria ser contada como uma pessoa, e não mais do que uma.

Princípios. Seriam quatro: 1. O prazer deveria ser seguido como o grande alvo da vida, ao mesmo tempo em que a dor deveria ser evitada. 2. Socialmente falando, o maior bem para o número máximo de beneficiários deveria ser a norma de todas as ações, conforme foi descrito acima. O grande alvo seria o prazer para as multidões. 3. O prazer deveria ser julgado com base em vários critérios, como intensidade, duração, certeza e incerteza, frutificação do prazer, o seu grau de pureza, se livre de dor ou misturado com a mesma, e o número de indivíduos a desfrutar desse prazer, visto que o prazer do indivíduo isolado teria de ser subserviente ao prazer coletivo. 4. Seriam ficções doutrinárias como as dos direitos naturais e as próprias leis naturais.

Escritos. A Fragment on Government; Principles of Morals and Legislation; Handbook of Political Fallacies; Outline of the New System of Logic; Deontology or the Science of Morality; Bentham's Theory of Fiction. (E EP P)

Pedras Fundamentais do Utilitarismo:

1. As questões éticas deveriam ser guiadas, acima de todas as coisas, pelo princípio da *utilidade*.

2. Esse princípio com freqüência é expresso em sua declaração «o bem (ou felicidade) maior para o maior número possível». Não há felicidade sem **prazer**.

3. Esses critérios aplicam-se a atos individuais e coletivos, igualmente, incluindo até as regras básicas que governam a conduta humana.

4. O utilitarismo é uma espécie de aritmética moral, e sua fórmula basilar é a maior felicidade para o maior número possível de pessoas.

5. Uma aplicação teísta do utilitarismo assevera que essa felicidade mais ampla só pode ocorrer mediante o concurso da vontade de Deus, com base em princípios justos, e não apenas pragmáticos.

6. A maioria dos pensadores utilitaristas, entretanto, enfatiza o *pragmatismo* (vide).

BEOR

No hebraico, «tocha». É nome de duas personagens do Antigo Testamento:

1. Pai de Bela, rei dos idumeus, antes que Israel se tornasse uma monarquia (Gên. 36:32; I Crô. 1:43).

2. Pai do vidente Balaão, ao qual Balaque convocou para vir amaldiçoar a Israel (Núm. 22:5; 24:3; Deu. 23:4; Jos. 13:22).

BEQUER

No hebraico, «primogênito», «jovem» ou «camelo novo». É nome de dois homens referidos no Antigo Testamento:

1. O segundo filho de Benjamim, filho mais novo de Jacó (Gên. 46:21). Descendia, pois, de Raquel, que descera ao Egito com Jacó e ali se estabelecera. Entre seus descendentes podemos enumerar Saul e Seba. Este último encabeçou uma revolta contra Davi (II Sam. 20).

2. Um dos filhos de Efraim, filho de José (Núm. 26:35). Esse Bequer foi o fundador de uma família que, em Números 26:35, aparece como os «bequeritas». Em I Crônicas 7:20, seu nome aparece com a forma de Berede.

BERA

No hebraico, **presente**. Era rei de Sodoma nos dias de Abraão. Pagava tributo forçado a Quedorlaomer, rei de Elão, mas depois revoltou-se, juntamente com quatro outros reis. Após várias manobras, Quedorlaomer, com mais três reis, derrotou em batalha a Bera e seus quatro aliados. No processo da luta, Ló e sua gente foram levados cativos. Tomando conhecimento do fato, Abraão reuniu trezentos e dezoito homens dos mais capazes, nascidos em sua casa, e

perseguiu os captores de seu sobrinho Ló, libertando-o. Isso permite-nos ver que Abraão era chefe de um clã poderoso, embora tenhamos de levar em conta que os reis antigos eram mais chefes de cidades-estados do que mesmo de nações inteiras. (Gên. 14:1-17).

BERACA

No hebraico, «bênção». Foi um dos guerreiros, dentre a parentela de Saul. Aliou-se a Davi, durante o exílio deste em Ziclague (I Crô. 12:1-3).

Há um «Vale de Beraca», que nossa versão portuguesa traduz por «Vale da Bênção». Era um vale no deserto da Judéia, a leste de Tecoa, — que tem sido identificado com o moderno wadi Bereikut. Foi nesse vale que Josafá derrotou uma coligação formidável de amonitas e moabitas, com a miraculosa ajuda do Senhor (II Crô. 20:1-30, esp. o vs. 26).

BERAIAS

No hebraico, «Yahweh fez». Um dos chefes benjamitas, filho de Simei (I Crô. 8:21), em cerca de 1340 A.C.

BERDYAEV, NICOLAI ALEXANDROVITCH

Suas datas são 1874-1948. Eclesiástico russo que, ameaçado de expulsão da Igreja Ortodoxa Russa, tornou-se professor da Universidade de Moscou. Foi expulso da União Soviética e estabeleceu a Academia de Filosofia Religiosa, em Berlim, Alemanha. Tornou-se o principal teólogo leigo da Igreja Ortodoxa Russa. Mostrou-se ativo no desenvolvimento do aspecto ético e social da fé ortodoxa, e suas obras exibem uma crítica penetrante, com extremo racionalismo e liberalismo. Era um crítico acerbo do comunismo (ver o artigo), do escolasticismo tomista, do humanismo ateísta, da democracia e do capitalismo. Opunha-se a todos esses sistemas porque dizia que cada um deles, à sua própria maneira, reduz o homem a um mero objeto, assim distorcendo e negando sua liberdade, o que termina na perda de todo o sentido da vida humana.

As idéias de Berdyaev fazem-nos lembrar de um dos cristãos gnósticos, embora acompanhadas de um forte elemento místico. Ele acreditava que o cristianismo havia introduzido no mundo uma poderosa tensão, diante das instruções existentes, que finalmente veio a favorecer o progresso da ciência e da tecnologia.

Idéias. 1. À semelhança de Deus, o homem é criativo. A criação emerge do nada. 2. A liberdade humana, pois, é uma autocriação, completando a obra do Criador. 3. A criação é um processo contínuo que caracteriza tanto a Deus quanto o homem; e a satisfação e o sofrimento são elementos necessários nesse processo. 4. O mal origina-se da liberdade, sendo uma forma degenerada da mesma. A criatividade autêntica é orientada pelo amor. O egoísmo degenera a liberdade, mas o egoísmo pode ser vencido pela tragédia da cruz. 5. O tempo divino é eterno, e o mundo é uma degeneração do tempo divino. 6. O homem não está sozinho no universo. Faz parte da comunidade dos seres. Essa comunidade também não está sozinha, pois deve manter comunhão com Deus.

Obras: *The Meaning of History; The Destiny of Man; Freedom and the Spirit; Slavery and Freedom; The Beginning and the End; The Russian Idea; Dream and Reality.* (E P)

••• ••• •••

BEREDE

No hebraico **saraiva**. — No Antigo Testamento, nome de um homem e de uma cidade:

1. Um filho ou descendente de Efraim (I Crô. 7:20), e talvez o mesmo que em Números 26:35 é chamado Bequer (cerca de 1856 A.C.).

2. Uma cidade de Judá, perto de Cades (Gên. 16:14), que em caldaico chamava-se Agara, e em siríaco, Gedar. Talvez se trate da mesma Arade, referida em Josué 12:14, na parte sul do território de Judá. A. Hagar parou com seu filho, Ismael, ao vir ao encontro deles o anjo, próximo ao poço de Beer-Laai-Roi. O local tem sido identificado com a moderna El-Khulassah, a dezenove quilômetros ao sul de Berseba. Mas outras identificações também têm sido propostas.

BERÉIA

Uma cidade da Macedônia (ver o artigo), às margens do rio Astreu, não muito distante de Pela, que lhe fica a sudoeste, e próxima ao monte Bérmio. Começou a ser povoada desde cerca do século V A.C. Não tinha qualquer importância especial política ou econômica; mas, nos dias do Novo Testamento, tornara-se um dos centros mais populosos da Macedônia. Contava com uma considerável colônia judaica. A famosa estrada Inácia, com trânsito entre o Ocidente e o Oriente, ou seja, entre a Itália e a Ásia Menor, passou a poucos quilômetros ao norte de Beréia.

Ao deixar para trás as agitações havidas durante o seu ministério em Tessalônica (ver o artigo), o apóstolo Paulo chegou a Beréia, em busca de refúgio. Ali, em contraste com o que acontecera em Tessalônica e na maioria de outras localidades, a comunidade judaica (pois Paulo sempre ministrava primeiramente aos judeus) mostrou-se dotada de mente aberta à mensagem cristã, rebuscando diariamente as Escrituras, para ali encontrar confirmação do que Paulo ensinava, incluindo os seus informes sobre o Messias prometido. As Escrituras asseveram que os judeus de Beréia eram «mais nobres» que os de Tessalônica, o que ressalta uma mente receptiva nas investigações, atitude essa que não se manifesta ordinariamente entre as pessoas religiosas. (Atos 17:11). Na Bíblia, a cidade só é mencionada, além desse versículo, em Atos 17:13 e 20:4.

Há uma curiosidade histórica que envolve as cidades de Beréia e Tessalônica. Cícero apresentara um férvido discurso contra Piso, e isso provocara profunda comoção em Beréia. Em vista disso, ele foi forçado a refugiar-se em Tessalônica, para onde fugiu à noite. Cícero deixou registrado que Beréia ficava fora da vereda palmilhada, em *Piso* 36. A reversão do drama, vivida pelo apóstolo dos gentios, ocorreu cerca de um século depois desse incidente. O nome helenista da cidade era Alepo (II Macabeus 13:4). Atualmente, o lugar chama-se Verria, e conta com uma bem diminuta população. (ID ND UN Z)

BERENICE

Era a filha mais velha de Herodes Agripa I, nascida em 28 A.D, que figura em Atos 25:13-27. Suas outras duas irmãs eram Drusila e Mariamne. Berenice primeiramente se casou com seu tio Herodes, rei de Calquis. Após o falecimento deste, ela evidentemente iniciou relações incestuosas com seu próprio irmão, Agripa II. Mais tarde uniu-se por matrimônio a

Pólemon, rei da Cilícia, mas não tardou a abandoná-lo a fim de voltar ao seu irmão. Posteriormente tornou-se amante de Vespasiano, e depois do filho deste, Tito. Quando Tito se tornou imperador, por causa da opinião pública que era contrária a Berenice, o imperador a expulsou. (Ver Josefo, *Antiq.* xix.5, I. xx.7,2,3; Tácito, *História* ii.81; Suetônio, *Tito* 7).

Esses dados biográficos mostram-nos que Berenice era uma mulher fascinante, ainda que totalmente devassa. Houve certa feita, entretanto, em que ela resolveu exibir um ato magnânimo. Isso sucedeu, com grande risco da própria vida, quando ela compareceu para interceder, de pés descalços, em favor de alguns judeus, a quem ela procurava defender da brutalidade do procurador Géssio Floro. (Ver Josefo, *Guerras do Judeus*, II.15.1).

O poeta romano, Juvenal, escreveu a respeito de Berenice:

Deinde adamas notissium, et Berenices
In digito factus pretiosior: hunc dedit olim
Barbarus incestae, dedit hunc Agrippa sorori.

A tradução desse poema é a seguinte:

Depois, um valiosíssimo diamante, tornado ainda mais
Precioso por ter sido posto no dedo de Berenice;
Um bárbaro o deu a essa mulher incestuosa, anteriormente
E Agripa deu o mesmo à sua irmã.
(Juvenal, *Sat.* vi. ver 155)

Houve um tempo em que se segredava insistentemente que ela se tornaria imperatriz; porém, a grita popular contra isso foi tanta que ficou abafada a idéia. É evidente que Berenice era ao mesmo tempo mulher de grande beleza física e de grandes dotes. Todavia, empregava essas coisas para o desperdício e a dissipação.

Assim vemos esse famoso, mas infame, par de irmãos incestuosos em visita ao governador Festo, o qual, não tardou a conceder-lhes algumas horas de diversão às expensas do apóstolo Paulo. A visita que Agripa e Berenice fizeram a Festo provavelmente era só uma visita cordial de reconhecimento, por ser ele o recém-chegado novo procurador da província da Judéia. (Quanto a notas expositivas sobre a ênfase que Lucas, o autor sagrado, dá às mulheres, dentro da tradição dos evangelhos, ver o trecho de Atos 5:14 no NTI). (ID ND)

BEREQUIAS

No hebraico, «aquele a quem Yahweh abençoou». É nome de sete personagens do Antigo Testamento.

1. Um dos principais homens da tribo de Efraim, no tempo do rei Acaz (II Crô. 28:12), em cerca de 750 A.C.

2. Um dos filhos de Zorobabel, da família real de Judá (I Crô. 3:20), em cerca de 597 A.C. Ele descendia de Jeconias, o rei que foi levado cativo para a Babilônia, por Nabucodonosor, em 597 A.C.

3. O pai de Mesulão, um sacerdote que ajudou a reparar as muralhas de Jerusalém, nos dias de Neemias. Sua área de trabalho foi próxima da porta do Peixe (Nee. 3:3,4), e também defronte de sua morada, nas proximidades da porta Oriental (Nee. 3:30), em cerca de 520 A.C.

4. Pai do profeta Zacarias (Zac. 1:1), em cerca de 500 A.C. É possível que ninguém tivesse auxiliado tanto a Josué e Zorobabel quanto Zacarias, na tarefa de reconstruir o templo de Jerusalém, após o cativeiro babilônico (ver o artigo).

5. Um dos porteiros que cuidava da arca da aliança ao tempo de Davi, quando este reestruturou as atividades dos levitas. Muitos dos que cuidavam da arca eram cantores ou músicos; mas o filhos de Berequias eram porteiros (I Crô. 15:23). Essa função foi mantida por Salomão, após a construção do templo de Jerusalém.

6. Genitor do lêvita Asafe, que retornara da Babilônia a Judá e estabelecera residência em Netofá ou em uma de suas vilas. Ele participou da reconstrução do templo e da cidade (I Crô. 6:31-39 e 15:16,17).

7. Um gersonita, e, portanto, levita, pai do cantor Asafe (I Crô. 6:39), em cerca de 1043 A.C. (ID UN)

BERGSON, HENRI

Suas datas são 1859-1941. Foi judeu francês. Um dos mais notáveis, brilhantes e influentes filósofos de nossa época. Ele não percebia ou não expressava as implicações religiosas de sua filosofia, senão quando da publicação de sua última obra. Bergson chegara a uma posição que se poderia classificar de posição teísta, não-escolástica, modificada, tendo abandonado a idéia de um Deus estático, de acordo com a perfeição concebida pela teologia escolástica, para um Deus que se manifesta através de eventos concretos e na história de indivíduos e organismos vivos. Rejeitava a deidade absoluta de Aristóteles, preferindo um Deus pessoal e dinâmico, que atua pelo amor.

Suas Idéias. Podemos enfocar nove pontos principais:

1. A filosofia deve formar-se de acordo com a experiência pessoal. Somos possuidores de razão e de intuição, e podemos julgar as nossas experiências. A razão tende a fornecer-nos uma visão estática das coisas; mas a intuição tende à flexibilidade e à mudança, o que é mais harmônico com a realidade.

2. A razão falsifica as experiências, conforme vemos nos paradoxos de Zeno, onde encontramos as categorias da razão a interpretar a fluidez do tempo.

3. Aprendemos a entender o significado de um objeto mediante a consciência intuitiva, por meio da qual de algum modo identificamos o próprio objeto. A razão produz um *conceito*. Mas a intuição produz uma *metáfora*, que se aproxima mais da verdade das coisas.

4. A realidade encontra-se em estado de fluxo, ou seja, está evoluindo. Deus opera nesse processo, e é a força por detrás do mesmo. Ele é o *elo vital*, que faz o processo ser o que é. Esse elo vital é o impulso primário que atua no mundo, como poder evolucionário ativo que opera e guia toda a existência.

5. A evolução é dotada de propósito, e é aventurosa. A verdade, portanto, —não fica estagnada em forma de conceitos. Os conceitos geralmente obscurecem e distorcem a verdade. Antes, nosso conhecimento da verdade está sempre em estado de fluxo, expressando-se por meio de parábolas.

6. A liberdade é uma das principais características da verdade, sendo, igualmente, a essência do ser. O homem e Deus criam as alternativas que possibilitam o futuro, e isso assegura a expressão da liberdade.

7. Matéria e espírito. O espírito mantém-se em estado de fluxo. A matéria, ao contrário, é estagnação. As duas coisas podem ser comparadas a uma fonte de água. A água mana (espírito); mas então entra em repouso (matéria). Isso também assemelha-se à razão (força estagnadora) e à intuição (o surgimento de uma idéia).

8. Falamos em termos similares a respeito do *tempo*. O passado continua a existir, fazendo parte do presente, e sendo aquilo que chamamos de memória. A questão toda parece-se com uma bola-de-neve que contém em si mesma o que ela era no começo, ao mesmo tempo em que vai adquirindo novas camadas.

9. As mesmas espécies de metáforas aplicam-se às *variedades de religião*. A religião institucionalizada é estagnada em seus conceitos. A religião mística (extática) sempre se renova, como um manancial que nunca cessa, mas antes, evolui, muda sempre e transmite vida a tudo quanto por ele é banhado. A religião mística pode ser ameaçada pela letra, a qual mata quando as pessoas insistem em obter conceitos credais, que limitam e estagnam a vida e o pensamento. As idéias religiosas são melhor expressas sob a forma de parábolas, o que lhes concede fluidez.

Sobre conceitos éticos. Há duas fontes originadoras da ética e da religião. Uma dessas fontes é *fechada*, consistindo em instintos sociais limitados por leis. Nesse caso, a verdadeira moralidade é impossível, porquanto falta-lhe a liberdade, estando estagnada como conceitos racionais. Baseia-se no auto-interesse (ou egoísmo), adquirindo importância devido aos interesses grupais ou ao egoísmo coletivo. A moralidade *aberta*, em contraste, alicerça-se sobre a compreensão intuitiva do próprio «eu», com base nos afetos, e não na fria razão. A moralidade aberta está arraigada no «eu» supra-racional. Ali é possível o altruísmo genuíno, a verdadeira moralidade. Bergson concebia os evangelhos e o cristianismo como alicerçados sobre conceitos de moralidade aberta, em contraste com o pano de fundo veterotestamentário, fechado, legalista.

Obras. Time and Free Will; Essays on the Immediate Giving of Awareness; Creative Evolution; Introduction to Metaphysics; The Two Sources of Morality; Thought and the Moving. (E EP H P)

BERI

Um aserita, filho de Zofa (I Crô. 7:36). Seu nome é omitido nas genealogias paralelas de Gên. 46:17 e Núm. 26:44-47. Aparentemente não há qualquer conexão com os beriitas de Núm. 26:44, ou com os beritas de II Sam. 20:14.

BERIAS

No hebraico, «proeminente», embora alguns preferam «mau» ou «filho do mal»; ou então algo relacionado ao termo árabe *bara'a*, «excelente». É nome de quatro pessoas mencionadas no Antigo Testamento:

1. Nome do último dos filhos de Aser, pai de Heber e Malquiel (Gên. 46:17; I Crô. 7:30). Seus descendentes são chamados de beriitas, em Núm. 26:44,45.

2. Um filho de Efraim, que obteve esse nome da casa de seu pai, onde nasceu. Alguns dos filhos de Efraim foram mortos por homens de Gate, quando tentavam furtar cabeças de gado (I Crô. 7:23).

3. Um benjamita, aparentemente filho de Elpaal. Ele e seu irmão, Sema, foram os ancestrais dos habitantes de Aijalom, e expulsaram os habitantes de Gate (I Crôn. 8:13).

4. Um levita, o último dos filhos de Simei a ser nomeado em I Crô. 23:10,11. Sua posteridade não era numerosa, tendo sido contada juntamente com a de seu irmão, Jeús.

••• ••• •••

BERIGARD, CLAUDE

Filósofo francês (1578-1633). Estudou em Paris e trabalhou na Itália. Reviveu a filosofia epicurista (ver o artigo), mas com uma metafísica diferente. Seu ponto de vista sobre o vácuo era que o mesmo estaria repleto de átomos puntiformes,— cada um ocupando a dimensão de um ponto. Movimento e mutação envolveriam a transmissão de qualidades sensíveis de um átomo para outro, ou de um conjunto de átomos para outro conjunto de átomos.

Escritos: *The Circle of Pisa; Doubts Concerning the Dialogues of Galileo.*

BERITAS

Descendentes de **Berias** (ver o artigo), mencionados somente em Núm. 26:44. Berias era filho de Aser (Gên. 46:17 e Núm. 26:45).

BERILO

Uma gema usualmente de cor verde pálido, embora também existam variedades amarelas, róseas e brancas. Desde a antiguidade o berilo era usado como pedra preciosa. Sua única menção na Bíblia é em Apocalipse 21:20. Modernamente, o termo berilo é aplicado a um tipo grosseiro de esmeralda. O berilo é o *Beryllium aluminum silicate*. Cristais de berilo são comuns, com freqüência atingindo avantajadas dimensões, feitos de prismas hexagonais, limitados por um plano basal, algumas vezes com formas piramidais hexagonais, estriados verticalmente. Os antigos geralmente davam o nome de crisólita ao tipo amarelo e verde transparente de berilo.

A antiga designação *crisópraso* (ver o artigo) indicava uma pedra preciosa verde-dourada, que, provavelmente, também era uma variedade de berilo. A substância é mais comumente encontrada em rochas graníticas, ou encobrindo a superfície de cavidades no granito ou em veios. O berilo pode ser encontrado em muitos lugares do mundo. Ver Êxo. 28:20; 39:13; Can. 5:14; Eze. 1:16; 10:9; Dan. 10:6, trechos onde, no original hebraico, aparece o termo hebraico correspondente, *tarshish*. Nossa versão portuguesa, porém, diz «jacinto», em lugar de «berilo», na referência de Cantares. (RE)

BERITAS

Um povo mencionado somente em II Sam. 20:14, na narrativa sobre a perseguição de Seba, filho de Bicri, por parte de Joabe. Parece que eles residiam no norte da Palestina, embora alguns estudiosos localizem-nos em Biria, ao norte de Safede, a qual é então identificada com Berote, uma cidade da alta Galiléia, não distante de Cadas. Ali, de acordo com Josefo (*Anti.* v.1.18), a confederação cananéia acampou em oposição a Josué. A narrativa aparece em Josué 11, onde, entretanto, lê-se que o acampamento era próximo das águas de Merom. (UN)

BERITE

No hebraico, «aliança». É nome de um ídolo adorado em Siquem. Em nossa versão portuguesa, aparece como Baal-Berite em Juí. 8:33 e como El-Berite, em Juí. 9:46.

Essa palavra também aparece no Antigo Testamento com o sentido de «pacto», «acordo», «confederação», etc., por cerca de duzentas e oitenta vezes. Envolve um dos mais importantes conceitos teológicos

do Antigo Testamento. Ver sobre *Testamento*. Nesse sentido, corresponde à palavra grega *diathéke*, «acordo», «testamento». Por ocasião da instituição da Ceia, disse o Senhor Jesus: «Este é o cálice da nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vós» (Luc. 22:20).

BERITO

Antigo nome da cidade de Beirute que, nos tempos antigos, era um dos notáveis portos da costa da Fenícia, rivalizando com Biblos, ao norte, e com Sidom e Tiro, ao sul. O lugar não é mencionado no Antigo Testamento, visto que a Berota de Eze. 47:16 e a Berotai de II Sam. 8:8, não são a mesma coisa que Berito. Porém, Berito é mencionada nos registros egípcios desde o século XV A.C., nas listas de Tutmés III. Também figura nas cartas de Amarna, em cerca de 1400 A.C. Para o Egito, Berito era importante como porto exportador de cedro, e também como um posto avançado marítimo de defesa contra os hititas. Na época, a cidade estava sob controle egípcio. Operava como um porto comercial, durante todo o período da Assíria, da Babilônia, da Pérsia e dos reis selêucidas. Foi conquistada e destruída por Trífon, em suas lutas pelo trono selêucida, em cerca de 140 A.C. O representante de Augusto, Marcos Agripa, ocupou o porto de Berito em 15 A.C., transformando-o em colônia militar romana.

Herodes I adornou a cidade, onde também instaurou um tribunal que sentenciou à morte dois de seus filhos (Josefo, *Anti.* xvi.11.2). Agripa I e Agripa II construíram teatros na cidade (Josefo, *Guerras* vii.3.1). Tito celebrou a queda de Jerusalém, bem como o aniversário natalício de Vespasiano, com jogos atléticos em Berito. As forças dos exércitos orientais, que guindaram Vespasiano ao poder, em 69 D.C., tinham-se reunido em Berito (Tácito, *Hist.* 2:81). Berito tornou-se um importante local de erudição, especialmente de estudos legais. Sua antiqüíssima história praticamente terminou por causa de um desastroso terremoto que a atingiu em 521 D.C. (Z)

BERKELEY, GEORGE

Bispo irlandês (1685-1753). Foi fundador do *idealismo subjetivo* (ver o artigo). Formou-se pelo Trinity College, de Dublim. Serviu naquela instituição em várias capacidades. Viajou extensamente pela Europa. Foi capelão e tutor. Estabeleceu um colégio missionário nas Bermudas, onde residiu por cinco anos. Viveu por três anos no estado de Rhode Island, nos Estados Unidos da América. Em 1734 tornou-se bispo de Cloyne, e passou ali quase vinte anos. Em seguida, mudou-se para Oxford, onde seu filho estava estudando. E ali faleceu, em 1753.

Uma famosa declaração sua introduz a sua filosofia: «Primeiramente, levantamos uma poeira; e então queixamo-nos de que não podemos ver». Isso equivale a dizer que os filósofos criam problemas artificiais e então procuram encontrar soluções para os mesmos. É o que se dá com o materialismo e a metafísica vinculada à posição. Supomos que a matéria é real, e então lançamo-nos à tentativa de explicá-la. Mas tudo quanto existe é *idéia* (ver o artigo sobre o idealismo).

Idéias. Consideremos os nove pontos seguintes:

1. *Ser é ser percebido.* Isso porque não há existência sem idéia. Nisso encontramos o imaterialismo de Berkeley.

2. Todas as idéias originam-se na percepção dos sentidos, conforme dizia Locke. Contudo, não temos percepção imediata do mundo material; antes, todas as nossas percepções são nossas idéias, que então impomos sobre uma suposta existência exterior. A epistemologia chama isso de *idealismo subjetivo* (ver o artigo). Aquilo que existe independente de nossas idéias, continua sendo imaterial ou idéia, o que a filosofia denomina de *idealismo objetivo* (ver o artigo). Vários filósofos que advogam o idealismo subjetivo não afirmam que não existe um mundo exterior, mas apenas que tomamos conhecimento do mesmo simplesmente como uma idéia, e não como percepções reais de tal existência.

3. A matéria, considerada como independente da mente, é autocontraditória, visto que todas as suas propriedades são apenas idéias.

4. Há um fundo de informes fixos e compartilháveis, que várias mentes podem sondar (e há outras mentes). Esses informes compartilháveis nos são impostos pela mente comunitária, ou pela mente divina, algumas vezes contradizendo idéias individuais.

5. Os informes mentais dependem do próprio Deus, que nos comunica a sua linguagem.

6. Os nomes vinculados aos informes tornam-se um idioma. Berkeley agrupava as idéias, mediante o princípio de associação, substituindo a doutrina das abstrações (ver o artigo) de Locke.

7. Berkeley também negava a validade da distinção feita por Locke de qualidades primárias e secundárias. As qualidades primárias seriam: extensão, figura e movimento; as qualidades secundárias seriam: cor, paladar, olfato. Portanto, estão em foco aquelas qualidades necessárias à existência de um objeto (qualidades primárias), bem como aquelas coisas que são meros acidentes, e não são essenciais (qualidades secundárias). Berkeley reduzia tudo isso a idéias. *Ser é ser percebido*, e ser percebido é a idéia que temos de alguma coisa.

8. Até mesmo o tempo e o espaço nada são, à parte de nossa percepção mental.

9. Em sua obra final, *Siris*, Berkeley acrescentou a categoria das *noções*, ou seja, idéias de alma e de Deus.

Obras. A New Theory of Vision; Treatise Concerning the Principles of Human Understanding; Three Dialogues Between Hylas and Philonus; The Theory of Vision or Visual Language, Vindicated and Explained; Siris. (E EP F P MM)

BERLIN, SIR ISAIAH

Filósofo político e moral inglês (1909— ?). Também é historiador que tem argumentado vigorosamente contra tipos deterministas da filosofia da história, tendo atacado especialmente a idéia marxista da marcha inevitável da história, com seus valores e elementos predeterminados. Ele tem salientado a importância dos valores morais, que necessariamente incluem responsabilidade e liberdade. Berlin via esses valores morais solapados por um suposto processo histórico predeterminado. Antes, os seres humanos seriam pessoas livres, criadoras, motivadas e dotadas de propósito, que poderiam moldar os eventos, e não apenas ser vítimas dos mesmos.

Escritos: Karl Marx, Historical Inevitability; Two Concepts of Liberty. (F)

BERNARDO DE CHARTRES

Filósofo platônico, escolástico (1080?-1167). Ensinou durante cinco anos em Chartres, na França, e

então tornou-se chanceler. Segundo ele, as *idéias* existem desde a eternidade na mente de Deus, embora não sejam co-eternas com Deus. Às cópias dessas coisas, nas coisas (os particulares de Platão), ele intitulava de *formae nativae* (formas nativas). Ele combinava o seu realismo (ver o artigo) com um retorno aos conceitos naturais, sendo assim um dos precursores da renascença (ver o artigo). (P)

BERNARDO DE CLAIRVAUX

Suas datas são 1090-1158. Desejando separar-se do mundo, ingressou na Citeaux, em 1112. Ali, alguns poucos anos mais tarde, fundou a abadia de Clairvaux. Saindo de sua solidão, ele tornou-se um dos mais poderosos clérigos do século XII. Conselheiro e crítico de papa e reis, fundador de mosteiros, pregador de cruzadas (ele foi o organizador da segundo cruzada), e incansável defensor da ortodoxia, conforme ele a via, foi autor de muitas obras. Não era exatamente um antiintelectual mas não simpatizava com os resultados das investigações sociais que não se confinassem com os limites de sua ortodoxia. Lamenta-se que ele tenha perseguido àqueles que dele discordavam! Temia a abordagem filosófica dos problemas teológicos. Sua própria abordagem desses problemas era mística, sendo ele homem de grande piedade pessoal. Em face de sua aversão à heresia, algumas vezes mostrava-se por demais impulsivo, e sempre haverá de ser lembrado por causa de seu brutal tratamento a Abelardo (ver o artigo), por cuja condenação ele foi o grande responsável. Grandes homens, grandes vícios! Não obstante, Bernardo de Clairvaux foi um gigante espiritual, e coisa alguma que dissermos a seu respeito poderá detratar de sua grandeza.

Idéias. 1. Mesmo caído no pecado, o homem retém a sua liberdade. Doutra sorte, a culpa seria inexplicável. O homem precisa consentir com a graça de Deus que lhe é estendida, e o mérito consiste na união da graça divina com a liberdade humana.

2. A verdade é percebida *através da fé*, e a razão é eficaz apenas para esclarecer. A razão pode ajudar-nos a desembrulhar o dom da fé, quando nos é dado.

3. O conhecimento mais alto nos é outorgado através da intuição, que resulta em alguma experiência mística. O intelecto não serve de guia na inquirição espiritual. A meditação deve ser praticada como um *modus operandi*, para que o indivíduo chegue à experiência espiritual.

4. Os quatro estágios do amor. a. O amor carnal, ou auto-amor; b. o amor egoísta a Deus, que resulta do sofrimento; c. o amor altruísta a Deus; d. a união com Deus, — que resulta no aniquilamento do auto-amor.

Escritos: *On the Love of God; On Grace and Free Will; On Contemplation; Sermons on the Song of Songs*. (AM EP)

BERNARDO DE CLUNY (de Morlaix)

Um poeta beneditino que viveu na primeira metade do século XII. Foi o autor do poema *Sobre o Desprezo a Este Mundo*. Nesse poema, ele satirizava a vida de sua época e as figuras notáveis de seu tempo. Sua obra foi dedicada a Pedro, o Venerável, abade de Cluny. Talvez tenha exercido influência sobre a *Divina Comédia*, de Dante. Compôs numerosos hinos, e a ele é atribuído um tratado sobre a Trindade.

••• ••• •••

BERNARDO DE TOURS (B. Silvestris)

Erudito do século XII, talvez da escola de Chartres e autor da obra *De Mundi Universitate*, onde se alternam a poesia e a prosa. Apesar de Bernardo interessar-se pela teologia cristã, ele pertencia à escola dos platônicos cristãos, que procuravam suplementar a doutrina cristã com idéias e especulações filosóficas. Para exemplificar, ele modificou a narrativa da criação, no livro de Gênesis, com o diálogo platônico *Timeu*. (E)

BERODAQUE-BALADÃ

Ver **Merodaque-Baladã**.

BEROTA

No hebraico, «alimento». Palavra que aparece somente em Eze. 47:16, como uma das cidades fronteiriças do Israel restaurado, e, portanto, ainda futuro.

BEROTAI

No hebraico, «cipreste de Yahweh». Palavra que figura apenas em II Sam. 8:8, que alguns estudiosos pensam ser a mesma Berota (que vide). Nessa referência lemos que Davi levou dali e de Betá, cidades pertencentes a Hadadezer, grande quantidade de bronze. O lugar tem sido identificado como Beirute; mas os estudiosos modernos pensam estar em pauta a cidade de Bereitan, ao norte de Damasco.

BERSEBA

No hebraico, «poço do juramento» ou «poço de sete». Uma cidade que ficava na porção sul da Palestina, que tem sido identificada com a moderna Tell es-Saba, a meio caminho entre o mar Mediterrâneo e a extremidade sul do mar Morto. O nome foi dado a esse lugar por causa do poço que foi ali cavado e devido ao acordo firmado entre Abraão e Abimeleque (Gên. 21:31).

Aparentemente, era um dos lugares favoritos de Abraão, onde também ele plantou um dos bosques que chegou a ser local de um dos templos da antiguidade do povo israelita (ver Gên. 21:33). Isaque habitava ali quando Esaú vendeu a Jacó o seu direito de primogenitura. Foi do acampamento que havia nas proximidades que Jacó partiu em sua viagem à Mesopotâmia. Jacó fez uma parada em Berseba a fim de oferecer um sacrifício ao Deus de seus antepassados, quando, noutra ocasião, estava a caminho do Egito (Gên. 46:1). As disputas entre Jacó e Esaú tiveram lugar nessa região (Gên. 28:10).

Quando da distribuição do território palestino, a região foi dada à tribo de Simeão (Jos. 19:2). Porém, visto que essa tribo chegou a mesclar-se tanto com a tribo de Judá (Juí. 1:3), as cidades pertencentes a Simeão, incluindo Berseba, também aparecem entre as aldeias do distrito de Neguebe, pertencente a Judá (Jos. 15:28). Antes do estabelecimento da monarquia, Samuel deixou ali instalados os seus filhos, para atuarem como juízes (I Sam. 8:2). - Com o tempo, Berseba passou a indicar, proverbialmente, o extremo sul do território de Israel, dentro da expressão: «De Dã a Berseba», que indica a extensão total da Terra Santa (Juí. 20:1; I Sam. 3:10). Isso continuava tendo aplicação durante o reinado de Saul (II Sam. 3:10).

Elias fugiu para Berseba, que era uma cidade de refúgio no século VIII A.C., freqüentada por gente

vinda do norte de Israel (Amós 5:5; 8:14). Quando os dois reinos separaram-se; no norte, Israel; no sul, Judá, a expressão «de Dã a Berseba» foi alterada para «desde Berseba até o vale de Hinom» (Nee. 11:27,30). Após o exílio babilônico, foi repovoada (Nee. 11:27). A arqueologia tem encontrado ali consideráveis ruínas. Há ali sete poços que podem ser facilmente distinguidos, e, nas colinas que circundam o vale, há várias ruínas. (ALB UN Z)

BERTOLDO DE REGENSBURG

Suas datas são 1220-1272. Foi um pregador popular franciscano (que vide), que demonstrou agudo senso e interesse missionário. Era um poderoso pregador ético. Seus sermões eram simples, mas eloqüentes, plenos de simpatia humana, dotados de excelente espiritualidade e de um vívido apelo. Em suma, foi um grande pregador que também fez muito trabalho missionário. (E)

BES

Nome do deus egípcio do prazer, que também teria o poder de anular a feitiçaria (ver o artigo sobre o fetichismo). Os gnósticos adotaram sua imagem como um amuleto. (E)

BESAI

No hebraico, «conquistador». Aparece nas listas de Esdras (2:49), como o pai de uma família de servos do templo que voltou do exílio. Eles estavam entre aqueles que retornaram da Babilônia em companhia de Zorobabel. Ver também Nee. 7:52.

BESCASPASMIS

Forma alternativa de **Matanias** (que vide).

BESODIAS

No hebraico, «íntimo de Yahweh» ou «no conselho secreto de Yahweh». Era o pai de Mesulão, um dos que ajudaram a reparar as muralhas de Jerusalém, nos dias de Neemias. (Nee. 3:6).

BESOR

No hebraico, «frio». Nome de um ribeiro, mencionado em I Samuel 30:9. Davi cruzou o ribeiro após ter partido de Ziclague, ao perseguir os amalequitas, um grupo de nômades das regiões do Neguebe e do Sinai, que haviam atacado Ziclague (I Sam. 30:9,10,21). Nesse wadi, Davi deixou duzentos homens, exaustos demais para prosseguirem. Provavelmente trata-se do wadi Ghazzeh, o maior dentre os vários wadis a sudoeste de Ziclague, que atualmente é chamado Tell el-Khuweilfeh. (Z)

BESSARION

Monge distinguido por sua erudição (1403-1472). Nasceu em Trapesus, no Ponto. Era dotado de grande percepção espiritual e de profundo intelecto. Estudou em Constantinopla e em Esparta, sob o filósofo grego Gemistos. Finalmente, tornou-se o arcebispo de Trapesus, onde ganhou reputação de grande mestre e pregador. Ele enfatizava a importância da ação social e do amor. Foi nomeado representante da Igreja Grega, tendo proposto então a união das igrejas cristãs (1436). Após a queda de Constantinopla, a Igreja Católica o nomeou cardeal, em reconhecimento por seus serviços. Sendo cardeal, ele procurou organizar cruzadas contra os turcos, mas fracassou na empreitada. Escreveu muitas obras teológicas, mas seu nome é mais lembrado em face de seus esforços tendentes à união das igrejas. (E)

BESTA

No hebraico precisamos considerar quatro palavras, e no grego três.

1. *Behemah*, «gado», «quadrúpede». Palavra usada por cento e oitenta e nove vezes (por exemplo: Gên. 6:7; 7:2,8; Êxo. 8:17; Lev. 7:21; Núm. 3:13; Deu. 4:17; Sal. 8:7; Jer. 7:20; Eze. 8:10; Joel 1:18; Zac. 8:10; 14:15).

2. *Beir*, «bruto», «besta». Palavra usada por seis vezes (por exemplo: Gên. 45:17; Êxo. 22:5; Núm. 20:8,11).

3. *Chaiyah*, «criatura vivente». Palavra usada por noventa e quatro vezes com o sentido de animal. Por exemplo: Gên. 1:24; Lev. 5:2; 26:22; Núm. 35:3; Jó 5:22; Sal. 50:10; Isa. 35:9; Jer. 12:9; Eze. 5:17; Dan. 2:38; 4:12-32; Ose. 2:12; Sof. 2:15.

4. *Tebach*, «animal abatido». Palavra usada por onze vezes, mas com o sentido de «animal» em Pro. 9:2.

5. *Zoon*, «criatura viva». Palavra grega usada por vinte e três vezes, a começar em Heb. 13:11, mas a maioria das vezes é usada no Apocalipse, como, por exemplo: 4:6-9; 5:6,8,11,14; 6:1-7, etc.

6. *Ktenos*, «besta de carga». Palavra grega usada por quatro vezes. Ver Luc. 10:34; Atos 23:24; I Cor. 15:39; Apo. 18:13.

7. *Therion*, «fera», «besta». Palavra grega usada por quarenta e seis vezes, a começar em Atos 28:5, mas a maioria das vezes no Apocalipse, como, por exemplo, 6:8; 11:7; e nos capítulos 13 a 20:10.

Distinções:

1. Um mamífero, distinto do homem, das aves e dos répteis (Gên. 1:29,30).

2. Animais selvagens, em distinção aos animais domesticados (Lev. 26:22; Isa. 13:21).

3. A classe dos animais inferiores, distintos dos seres humanos (Sal. 147:9; Ecl. 3:19; Atos 28:5).

Proibições Mosaicas. Os israelitas não eram vegetarianos, mas também não podiam consumir a carne de todos os animais. No décimo primeiro capítulo do livro de Levítico, os animais são distinguidos entre os que têm cascos sólidos e aqueles de cascos fendidos. Além disso, os animais são classificados em limpos e imundos, indicando, respectivamente, se podiam ou não ser usados como carnes comestíveis. A ciência tem mostrado a sabedoria de algumas dessas proibições; porém, o que realmente está envolvido são questões religiosas e cerimoniais, que ensinam lições morais e espirituais. Os peixes e as aves também eram divididos em limpos e imundos.

Usos Metafóricos. 1. As criaturas celestes (Apo. 4:6. Ver Eze. 1). 2. Os santos temerários são comparados com animais, por causa de sua vileza, ignorância e estupidez (Pro. 30:2). 3. Os homens em geral são chamados de «animais» devido à sua ignorância e má natureza (Ecl. 3:18). 4. Contudo, animais úteis, como bois, vacas, ovelhas, cordeiros e pombas podem servir de símbolos dos seres humanos, segundo se vê no décimo capítulo do evangelho de João. 5. Ursos, leões, lobos e serpentes servem como símbolos do mal (Isa. 11:6-8). 6. Certos animais poderosos como a águia, o leão, o touro, o bode, o carneiro e o leviatã

(hipopótamo?) servem de símbolos de reis e governantes, os poderosos e os ricos (Eze. 31:6; Dan. 4:14). 7. Homens iníquos são chamados «feras», em face de sua iniqüidade e violência (I Cor. 15:32; II Ped. 2:12). 8. Os maiores impérios mundiais, como a Caldéia, a Pérsia, a Grécia e Roma são retratados por feras (Dan. 7:11; 8:4; Apo. 12, 13 e 18). Isso se refere a um grande poder e autoridade, posto a serviço do mal. 9. O anticristo e seu falso profeta são apresentados como a besta saída do mar (das nações) e a besta saída da terra (Israel), respectivamente (Apo. 13 e 17:3). 10. Os vingadores contra o mal são chamados águias (Apo. 19:17,18), divinamente nomeados para a tarefa. 11. A travessia do mar Vermelho e do deserto, por parte do povo de Israel, é comparada com uma besta que atravessa um vale, de maneira fácil e segura, sob a proteção divina (Isa. 43:14).

Observações. Dentre todo o mundo visível, os animais terrestres são os que aparecem em mais íntima conexão com o homem, tendo sido criados, no mesmo dia (Gên. 1:24). No início os animais consumiam os vegetais e serviam ao homem (Gên. 1:26-30; 2:20 e seu paralelo, 1:28). O fato de que Adão recebeu o direito de dar nomes aos animais pressupõe um direito de superioridade e domínio sobre eles. Talvez por essa razão, Deus tenha resolvido que seriam destruídos juntamente com a humanidade, durante o dilúvio (Gên. 7:21). A harmonia entre o homem e os animais, quebrada por causa do pecado (cf. Gên. 3:15 *ss*), será restabelecida por ocasião do milênio (Isa. 11:6-8; cf. Gên. 9:2,3 e Mar. 1:13).

A Bíblia não reflete qualquer hostilidade contra os animais, sendo reiterado por muitas vezes que Deus cuida deles, conforme o próprio Jesus expressou (Mat. 6:26). A legislação mosaica protegia os animais, conforme se vê em Deuteronômio 22:6. (Cf. Mat. 16:12). Todavia, o homem pode dispor dos animais, sobretudo em sua alimentação, no caso dos animais puros, quando da vigência da legislação mosaica, e no caso de qualquer animal, na era da graça, quando não mais imperam as restrições alimentares. Certos animais, além de serem considerados puros, isto é, comestíveis, também foram declarados próprios para serem oferecidos nos sacrifícios levíticos, como, por exemplo, o boi, a ovelha, a cabra, e dentre as aves, a pomba e a rola; mas, nesse caso, os animais e as aves oferecidos não podiam ter qualquer defeito físico (Lev. 3:1-6).

O conceito de que o sangue é a sede da vida biológica requeria uma maneira toda especial de abater os animais (Gên. 9:4,5; Deu. 15:23). Os animais de grande porte eram presos pelos caçadores (Pro. 7:23; Amós 3:5), mediante armadilhas (Isa. 51:20), laços ou redes (Pro. 6:5; Osé. 9:8); os pássaros eram apanhados em seus ninhos (Deu. 22:6), os animais aquáticos com anzol, rede (Hab. 1:15) ou arpão (Jó 40:26). A criação de gado era conhecida desde os tempos mais remotos (Gên. 4:2,20; 12:16, etc.). Os animais eram empregados na tração de carros (cavalo, boi), ou para servirem de montaria (camelo, cavalo, jumento, burro). Dos animais aproveita-se muita coisa, como a carne e o couro, o leite e os pêlos, os excrementos como estrume e alguns órgãos internos como medicamento, como a vesícula, o coração e os rins dos peixes. Do elefante aproveita-se o marfim.

Alguns homens estudavam os pássaros e divertiam-se com eles (Jó 40:24), observavam seus hábitos e migrações (Jer. 8:7). Espantalhos eram colocados nos campos plantados para afugentar certas aves (Jer. 10:5). Os homens conheciam certas enfermidades que afetavam os animais (Êxo. 9:2-9). Os israelitas foram proibidos da tentativa de cruzar animais diferentes (Lev. 19:19), e sobretudo, de ter relações sexuais com eles (Êxo. 22:18), sendo isso considerado uma abominação (que vide).

Às vezes, os animais eram usados por Deus como um castigo contra os homens, devido ao pecado (Êxo. 7 em diante), especialmente no caso dos animais ferozes (Lev. 26:22; II Reis 17:25). Por causa de certas características, alguns animais simbolizam certos tipos de pessoas. Por exemplo, a cerva e a camurça representam a mulher atraente (Can. 7:4). Chamar uma mulher de pomba era usar da linguagem de adulação para com ela (Can. 2:14). Muitos nomes próprios de pessoas eram apenas nomes de animais. Assim, Raquel = ovelha; Débora = abelha; Zeebe = lobo; Áquila = águia. (IB ID NTI S DEB)

BESTA DA TERRA

Os intérpretes disputam sobre se o anticristo será a besta saída do «mar» ou a besta saída da *terra*, e se é a mesma personagem identificada no segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses. Em espírito e ação geral, ambas podem ser identificadas com a figura daquele capítulo; mas o mais provável é que ali haja uma alusão específica à besta saída do «mar», pois parece ser o poder maior, recebendo a ajuda e a exaltação conferidas pela outra. A besta saída do «mar» parece que será uma figura política, ao passo que a outra será uma figura religiosa, um «falso profeta», o «João Batista» do anticristo. Alguns intérpretes, porém, preferem pensar que a segunda besta é que será o anticristo. O ponto não é muito importante. Haverá uma figura política de grande autoridade militar, um ditador mundial, mas que governará especificamente uma federação de dez nações, a qual servirá de trampolim para seu domínio mundial. Cremos que essa figura será o anticristo. Mas haverá um ajudante, que fará a propaganda do anticristo. E esse *ajudante* será a besta saída da «terra». Também é provável que «terra», neste caso, aponte para a nação de «Israel», ao passo que o *mar* alude às nações gentílicas. A primeira besta, pois, será produto das «nações», o maior e mais horrendo pagão de todos os tempos. A segunda será produzida por Israel, sendo largamente proclamada como se fosse o «Messias» ou Cristo, porquanto será considerada como um grande profeta.

As predições dos místicos contemporâneos indicam que um indivíduo do estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, agirá como uma espécie de «João Batista» do anticristo. E esses místicos afirmam que o anticristo já está vivo. O seu «*João Batista*» espalhará a sua fama por toda a parte, por intermédio dos meios de comunicação em massa. Parece-me que essa será, entretanto, uma «terceira figura». Essas questões são obscuras porque ainda não começaram a cumprir-se, para que as possamos entender. Os eventos lançam sombras à sua frente, e quanto mais se aproximam, mais bem definidas ficam essas sombras. Cremos que o anticristo e seu falso profeta já estão vivos, e que pelos começos da década de 1990 saberemos quem são eles. Devemos estar preparados para tal evento.

Há muita disputa, naturalmente, quanto aos símbolos usados acerca de ambas as «bestas»; e nada de dogmático dizemos sobre isso. Confiamos, porém, que quanto mais se aproximar o tempo, mais o futuro definirá as coisas. Há aqui uma trindade satânica: o próprio Satanás, a besta saída do mar e a besta saída

da terra. Ou então essa trindade poderá ser formada pelo «João Batista» do anticristo (a besta saída do «mar»; a besta; e a besta saída da terra). O certo é que o texto que ora consideramos deixa claro que o papel da besta saída da *terra* será de apoiar e promover a causa da besta saída do *mar*. Não devemos ver nisso o «papa», conforme têm dito alguns intérpretes protestantes, e, sim, uma nova forma de apostasia, que terá seu falso Cristo, e que quase certamente receberá o apoio de várias denominações cristãs apóstatas, bem como o apoio de Israel, como nação.

A besta saída do mar seria o anticristo. Em favor dessa idéia, poderíamos asseverar os seguintes fatos:

1. Essa besta virá *em seu próprio nome*, conforme foi predito acerca do anticristo, segundo se lê em João 5:43. A segunda besta, porém, promoverá a primeira, e não a si mesma.

2. O trecho de Apo. 16:13 fornece-nos a trindade ímpia—o dragão (Satanás), a besta e o falso profeta. Um «profeta» fala em lugar de outrem, e não por si mesmo; e o «profeta», neste caso, definidamente é a segunda besta, dando a entender que se tratará de um subordinado. De maneira alguma poderíamos atribuir tal subordinação ao anticristo, apesar de que poderíamos atribuir tal coisa aos «anticristos» secundários, personagens satânicas de menor envergadura.

3. O segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses fala sobre o anticristo. Ali vemos que ele será *adorado*. Isso sucederá no caso da «primeira» besta. A segunda apenas promoverá a adoração à primeira, pelo que a segunda não poderá ser «o» anticristo. Ver o décimo segundo versículo do décimo terceiro capítulo de Apocalipse.

4. É provável que a primeira besta, devido ao seu grande poder político, seja a figura focalizada em Dan. 9:27, que estabelecerá um pacto com a nação de Israel, somente a fim de desrespeitá-lo. Apesar de que poderíamos conceber aqui a segunda besta, envolvida em atividades políticas, é mais provável que esteja em pauta a primeira besta, a personagem política forte. A figura profética do anticristo, Antíoco IV Epifânio, que aparece nos capítulos oitavo e décimo primeiro do livro de Daniel, se coaduna melhor com a «primeira besta», e não com a segunda.

5. Satanás ofereceu a Cristo os *reinos* deste mundo (ver Mat. 4:8), mas o Senhor repeliu essa oferta, segundo as condições de Satanás. Esse mesmo oferecimento será feito ao «anticristo». Assim sendo, somente a besta saída do «mar» tem estatura suficiente para ser uma figura universal e para cumprir o papel previsto para o anticristo, com seu reino universal de maldade e apostasia. (Ver Apo. 19:19 no NTI onde há uma óbvia alusão à primeira besta e seu tremendo poder). Esse terá de ser «o anticristo».

6. A tradição cristã sempre viu o anticristo como quem, pelo menos, teria seu centro em Roma, embora talvez não se originasse dali. Mas não há razão para duvidarmos que ele também operará em Jerusalém apesar de que Roma seja sua verdadeira capital. Isso se harmoniza com a primeira, mas não com a segunda besta, pelo que esse será o anticristo. Esperava-se que «Nero redivivo» fosse o anticristo, e os trechos de Apo. 13:3 e 17:9 e *ss* quase certamente refletem essa tradição antiga.

7. Notemos, em Apo. 13:2, que é a primeira besta quem incorporará em si mesma todos os impérios pagãos anteriores. Ele será a concretização do que há de pior na humanidade, em revolta contra Deus. Portanto, esse será, específica e inequivocadamente «o anticristo», apesar de poder haver muitos outros anticristos, entre eles, o falso profeta.

Identificação da besta saída da terra. Há certo sentimento que favorece a idéia de Judas Iscariotes reencarnado como esse homem, tal como alguns pensam em «Nero» reencarnado, como a besta saída do mar. A idéia acerca de Judas envolve o fato de que ele é chamado *filho da perdição*, dando a entender que ele era tal em sentido elevado ou até mesmo exclusivo. Notemos, porém, que isso é dito acerca do anticristo, em II Tes. 2:3. E alguns estudiosos, por causa disso, pensam que a segunda besta é tanto o anticristo quanto Judas Iscariotes revivido. Mas talvez não devamos dar importância demasiada a esse «título», forçando qualquer identificação por meio dele. As passagens de Luc. 22:3 e João 6:70 indicam haver uma malignidade especial em Judas, o que poderia indicar que lhe está reservada uma futura missão diabólica, tão grande seria a sua estatura maligna. Atos 1:25 fala do fato de Judas ter ido para «seu próprio lugar», o que poderia indicar que a sua alma não foi tratada como outras almas, mas foi preservada e guardada em lugar especial, a fim de ressurgir em alguma manifestação futura. Porém, isso pode ser um refinamento demasiado, estranho ao texto sagrado. Por esse motivo, é melhor dizer que simplesmente nada sabemos com certeza, ainda que a idéia da reencarnação de Judas Iscariotes, na qualidade de «besta saída da terra», não é nenhum absurdo. Alguns têm sentido que em face do «anticristo» vir a ser uma «imitação» do verdadeiro Cristo, será ele essencialmente um *profeta falso*, e não um político ou militar; e isso favorece a idéia da segunda besta ser o anticristo. Que os próprios acontecimentos futuros definam para nós esses problemas.

Apo. 13:11: *E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como dragão.*

Outra besta. Será uma «fera», um ser humano mas com a disposição de um animal satanicamente inspirado, em que todos os vestígios de humanidade serão eliminados por aquela supermaligna influência. Em II Baruque 29:4 e II Esdras 7:49-52, temos duas bestas, o «leviatã», ou terrível crocodilo do mar, e o «beemote», o terrível animal terrestre. É possível que o vidente João tenha tomado dali, por empréstimo o simbolismo que se vê em todo este capítulo.

Emergir da terra. Essa terra poderia ser a «Palestina», a «terra» do povo escolhido. Mas essas palavras também poderiam indicar «de dentro da terra». Nesse último caso, talvez esteja em foco o «hades», já que os antigos pensavam que a habitação dos espíritos desencarnados ficava no centro do globo terrestre. Assim, em Apo. 11:7, temos a besta que emergiu do abismo ou «hades», a fim de matar as duas testemunhas. No caso de uma ou de outra das duas bestas, isso indicaria que teria havido uma história prévia, à face da terra, um longo período de permanência no hades, e a renovação de sua missão maligna na terra. O judaísmo helenista favoreceria esse conceito; e, teologicamente falando, nada há que possamos apresentar contra tal doutrina. Cremos que os destinos finais dos homens serão fixados quando da segunda vinda de Cristo, e não por ocasião da morte física de cada um. Portanto, o presente submundo dos espíritos se acha em estado líquido: trata-se de um estado intermediário, e não de um estado permanente. Essa idéia é comentada detalhadamente em I Ped. 4:6 no NTI. — I Ped. 3:18-20 certamente mostra que Cristo levou esperança aos habitantes do submundo; e supomos que essa esperança será válida

até que ele feche as cortinas, quando de sua segunda vinda.

A primeira besta vem do mar, i.e. «das nações». Ele será o produto supremo do paganismo das nações. Para controlar a confederação das dez nações, ele terá seu centro principal em Roma. A segunda besta, da terra (da Palestina) terá o seu centro principal em Jerusalém, ou pelo menos, parece assim. Quase certamente a segunda besta será judeu e alguns acham que a primeira também será desta raça, mas outros dizem que ele será «romano» (italiano). Não temos qualquer certeza sobre estas idéias. Quando chegarem os acontecimentos descritos neste capítulo, tudo será esclarecido, e não temos muito tempo antes desta realização.

BESTA DO MAR

Besta do Mar — O Anticristo.

Do mar, ou seja, das nações agitadas. O anticristo será a encarnação do que há de pior entre as nações. Se estas são ímpias e violentas, ele será prodigiosamente ímpio. Se elas representam a revolta, ele será o rei dos revoltados contra Deus. Se elas perseguem à igreja, ele será o campeão de todos os perseguidores. Se, antes dele, outros homens têm emergido dentre o «mar das nações, que não têm descanso», ele fará todos aqueles outros parecerem crianças, paralelamente à sua imensa perversão moral.

«O mar representa a grande e desassossegada massa da espécie humana; ou então, conforme é expresso em Apo. 17:15, 'povos e multidões'. Tiago compara o indivíduo indeciso com uma onda impelida pelo vento (ver Tia. 1:6). Os indivíduos tal como ondas maiores e menores, compõem esse grande oceano dos homens, impelido pelas paixões impulsivas. Dentre esse mar é que surgirá a besta. Não temos aqui o mesmo vocábulo usado em Apo. 4:7...mas é uma palavra que subentende o predomínio da natureza bestial. Qualquer que seja o poder que tiver de se levantar, não governará pelo amor ou pela habilidade, mas voluntariosamente, impondo terror. É a grande força do poder mundial, que em todas as eras tem sido contra o poder da razão. As feras sempre servem de símbolo dos reinos deste mundo, isto é, dos reinos fundamentados sobre a paixão ou o egoísmo». Carpenter, em Apo. 13:1.

Besta. No grego é *therion*, «fera», palavra usada na literatura grega para indicar animais «perigosos». (Ver *Antig. Car.* 29). Assim é que Policarpo foi condenado a combater contra as feras (a mesma palavra usada neste texto: ver *Martírio de Policarpo* 2:4). Tal palavra também era utilizada para indicar seres animalescos, de natureza sobrenatural (ver Barnabé 4:5). Há o uso dessa palavra para indicar um dragão monstruoso (ver *Dam. Vi Isid.* 140; *Hv. 4,1:6; 10, 4:21*). Também era usada essa palavra para referir-se a indivíduos de natureza bestial (ver Aristófanes, *Equ.* 273; *Plutus* 439; Josefo, *Guerras dos Judeus* 1,624,627; *Antiq.* 17,117,120). Há aqui um duplo simbolismo. A «besta» é o império romano, em sua impiedade; mas também é um indivíduo, Nero reencarnado, —que morreu, desceu ao hades, mas haverá de subir dali (ver Apo. 11:7 e 17:8), esperando-se que ele volte a fim de promover outro reinado de terror.

Dez chifres e sete cabeças. Essa descrição fora dada ao dragão, Satanás, em Apo. 12:3. O trecho de Apo. 17:12 diz-nos que os «dez chifres» são «dez reis»; e aquela passagem deixa patente que estão em foco auxiliares do imperador ou dos imperadores romanos. (Há notas expositivas completas sobre os «dez chifres», que são dez reis, em Apo. 17:12, no NTI). Os «sátrapas» persas, que eram esperados vir acompanhando a «Nero redivivo», em seu assédio contra Roma (ver Apo. 17:16), conforme diziam as tradições antigas que falavam sobre esse Nero redivivo, poderiam estar em foco. Mas também poderiam estar em foco os governantes das províncias senatoriais, que a cada ano eram mudados por apontamento do senado. Profeticamente falando, porém, pensamos que se trata de uma *federação de dez reinos*, que o anticristo encabeçará nos últimos dias, e que envolverá uma área bem mais vasta e diversa do que o antigo império romano. As «sete cabeças» são «sete montes», conforme diz Apo. 17:9, o que é uma alusão velada à cidade de Roma; ao mesmo tempo, porém, são *sete imperadores romanos*. (As notas expositivas em Apo. 12:3 e 17:12 no NTI abordam essas questões detalhadamente, oferecendo interpretações alternativas).

E, sobre os chifres, dez diademas. Em Apo. 12:3, os «diademas» estão sobre as «cabeças» do dragão, mas aqui estão sobre os «chifres». Essa mudança no simbolismo provavelmente não tem qualquer significação especial. Pouca diferença faz se os diademas estão nas *cabeças* ou nos *chifres*. Seja como for, a autoridade satânica estará investida sobre o *anticristo* (que vide) de tal modo que ele governará por intermédio de seus títeres, que serão *governantes terrenos*; mas tal autoridade será realmente satânica, conforme a comparação entre essas duas passagens o demonstra. (Ver Apo. 12:3).

Fonte original do simbolismo. Não pode haver dúvidas de que o sétimo capítulo do livro de Daniel é o pano de fundo literário do simbolismo desta passagem. Naquele capítulo, várias bestas surgem do mar agitado pelo vento. Os «ventos», mui provavelmente, indicam os «poderes angelicais» que exercem controle sobre a terra, poderes angelicais malignos, bem entendido. Assim também agora o grande dragão, Satanás, põe-se de pé sobre a areia da praia do mar (ver Apo. 12:17), e convoca duas bestas horrendas, uma saída do mar e a outra saída da terra, a fim de fustigar os homens. As bestas, na visão de Daniel, representam diversos impérios mundiais, a saber: o babilônico, o medo-persa, o grego e o romano. O trecho de Apo. 7:7,24 mostra-nos que «dez chifres» surgem da quarta besta, pelo que também o aspecto «profético», do império romano dos últimos dias é dado. O «pequeno chifre» de Apo. 7:8, apesar de certamente apontar para Antíoco Epifânio (ver também Dan. 8:23-35; 9:26,27; 11:36-45), provavelmente é um símbolo profético do próprio anticristo.

Blasfêmias. Um paralelo a isso é o segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses. O anticristo fará oposição a tudo quanto é direito; haverá de se exaltar acima de tudo quanto é chamado Deus, e exigirá adoração, tal como os antigos imperadores romanos exigiam, no «culto ao imperador». Ocupará o templo de Deus, em Jerusalém, exibindo-se como se fora uma divindade. Nele operará amplamente o «mistério da iniqüidade» (ver II Tes. 2:7). Seu aparecimento será no poder de Satanás, e ele fará muitos prodígios da mentira (ver II Tes. 2:9,10). No anticristo haverá, destilada, a própria essência da blasfêmia. Ele operará muitos «milagres científicos», os quais, supostamente, eliminarão a necessidade de crer-se ou prestar lealdade a qualquer Deus «invisível». Já que ele será o falso «cristo» de Satanás, presumivelmente ele eliminará qualquer necessidade de conhecer-se ao Cristo de Deus. Por essa razão, perseguirá à igreja cristã, conforme esta nunca antes

fora perseguida; e até os judeus piedosos serão objetos de sua cólera pervertida.

A Segunda Vinda

Girando e girando em círculos cada vez maiores,
O falcão não pode ouvir o seu treinador;
As coisas se despedaçam; o centro não pode manter-se:
A maré sangrenta se abate, e por toda parte
A cerimônia da inocência é abafada.
Aos melhores falta convicção; os piores
São cheios de intensa paixão.

Certamente alguma revelação está próxima,
Certamente a segunda vinda está às portas,
A segunda vinda! Nem bem são ditas essas palavras
E a vasta imagem do espírito do mundo
Atribula minha visão: em algum deserto arenoso,
Uma forma, com corpo de leão e cabeça humana,
Com olhar vazio e sem dó como o sol,
Move-se lentamente, havendo em seu redor
Sombras revoluteantes de aves indignadas do deserto.
As trevas sobrevêm novamente; mas agora sei
Que vinte séculos de sono de pedra
Foram agitados em pesadelo por um berço que balança.
E que fera violenta, que haverá de surgir,
É essa que se avizinha de Belém?

(William Butler Yeats)

Outras Idéias Sobre A Besta do Mar.

1. O «nome» de blasfêmia, se a forma singular é a correta, poderia ser uma referência específica ao «divus» ou «augustus» dos títulos com que os imperadores romanos exaltavam a si mesmos, supondo-se que eram divindades dignas de adoração. — Quanto a esse *nome*, outros eruditos pensam que «papa», «Sua Santidade», etc. são títulos em foco. Mas isso sai muito do centro do alvo.

2. O segundo versículo demonstra que essa «fera» incorpora as características das quatro feras do livro de Daniel, pelo que será o ponto culminante do governo humano rebelde, que vem afligindo a terra por tanto tempo.

3. Se a forma plural, «nomes», é a correta, então provavelmente o quadro de cada uma das sete cabeças, munida de um «nome» de blasfêmia, totalizando sete nomes assim, é o que se deve pensar aqui. No anticristo, as blasfêmias terão sua fruição perfeita. Além disso, historicamente falando, sete específicos imperadores romanos estão em foco, cada qual representando uma «blasfêmia».

4. Há diversas outras interpretações deste versículo e desta passagem em geral, conforme mostramos nos pontos abaixo:

a. Os intérpretes da escola histórica vêem aqui muitas coisas diferentes, pois não há acordo entre eles. A maioria não pensa em um «anticristo pessoal», isto é, um indivíduo que seria «o» anticristo. Mas pensam no «sistema romano», em certo número de imperadores romanos ou no papado romanista. Aqueles que pensam estar aqui em pauta a «Roma pagã» (posteriormente «cristianizada») procuram mostrar que havia «sete» formas principais de governo romano, desde reis e cônsules até o papa. Os «dez chifres», conforme esse sistema de interpretação, não seriam governantes contemporâneos, sob o poder de Roma, e, sim, sucessivos imperadores romanos, como Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Oto, Vitélio, Vespasiano e Tito. Alguns preservam o «décimo» chifre para um governante futuro, talvez do império romano revivido. Essa interpretação faz a visão ser apenas uma revisão mambembe da antiga história romana, o que dificilmente está em consonância com a natureza profética do Apocalipse, o que tem por fito revelar-nos algo sobre as condições reinantes nos «últimos dias», isto é, aqueles tempos que precederão de imediato à segunda vinda de Cristo.

b. Alguns estudiosos vêem aqui algum anticristo pessoal, julgando que será «Nero» ou algum outro imperador romano especialmente poderoso; e diversos intérpretes protestantes pensam que se trata do «papa».

c. Outros procuram incorporar toda a «história do governo humano», como se o poder aqui focalizado fosse a incorporação de todos os principais governos, desde os tempos dos babilônios. Esse seria o «anticristo», em revolta contra Deus. Toda a autoridade humana sem Deus seria o anticristo, sem importar seu lugar no tempo e na história. Mas isso é contra o pano de fundo histórico e profético do livro de Apocalipse. Historicamente falando, o vidente João atacava o império pagão e perseguidor de Roma; mas, profeticamente falando, apontava para o «anticristo» e sua federação futura de dez reinos.

5. As «sete cabeças» são uma alusão aos «sete montes» da cidade de Roma. E o próprio número fala da culminação da sabedoria satânica no anticristo. (Ver Apo. 17:9,10).

6. O anticristo encabeçará uma espécie de «império romano revivificado», mas sua federação de dez reinos incluirá nações que não faziam parte do império romano antigo. Essas nações, provavelmente, serão os Estados Unidos da América, o Canadá, o Japão, e outras (ver as notas expositivas a respeito, em Apo. 12:3 no NTI). Os dez poderes não corresponderão exatamente a dez reis, em que um seria ocidental e outro oriental, aos pares, de acordo com o simbolismo das duas pernas da imagem visionária de Daniel. Mas seu império será universal, espalhando-se para leste e para oeste, embora não queira dizer com isso, que 5 nações serão do Oriente e outras 5 do Ocidente.

Alguns estudiosos conjecturam que os «dois» pés da imagem de Daniel (ver Dan. 2:40 e *ss*) indicam dois grandes poderes entre os dez. Os pés e os artelhos são de «ferro misturado com barro», isto é, ao mesmo tempo fortes e fracos, uma federação poderosa, embora frouxamente vinculada entre si, sobre a qual o anticristo terá completa autoridade. O império romano, dessa maneira, ressuscitará, ficando curada a sua «ferida mortal» (ver Apo. 13:3) embora essa descrição final também se aplique pessoalmente ao anticristo.

7. A adoração ao anticristo será, *ipso facto*, a adoração a Satanás, porque ele será o «falso cristo» de Satanás, o instrumento de seu poder e presença.

8. O trecho de Apo. 17:12 mostra que os dez chifres serão dez reinos que receberão sua força por se associarem ao anticristo. Seus chefes não terão qualquer reino real e nem poder, enquanto o anticristo não lhes entregar esse poder. O anticristo consolidará tal autoridade, porquanto ele será um técnico nesse mister. Também derrotará as forças comunistas, primeiramente a União Soviética (na Terceira Guerra Mundial) e então a China (na Quarta Guerra Mundial) por causa das quais a humanidade andará perto de desaparecer do nosso planeta. Esperamos que a primeira dessas guerras ocorra em cerca de 1999, ao passo que a segunda delas se dará por volta de 2020, se é que podemos confiar nas declarações dos místicos contemporâneos. O elemento tempo das predições é sempre *incerto*; mas especulamos que essas datas não estarão muito longe do alvo.

13:2: *E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão, e o dragão deu-lhe o seu poder e o seu trono e grande autoridade.*

O empréstimo literário é do sétimo capítulo de Daniel, e as «quatro bestas» daquele capítulo, que representam diferentes impérios mundiais, são agora combinadas em uma estranha e aterrorizante fera, apropriada para a figura do anticristo. O vidente João evidentemente deseja dizer-nos que o anticristo e sua confederação de dez nações combinarão toda a perversidade e poder dos reinos antigos, como se fora uma espécie de paganismo supremo. O seu chefe será o homem de Satanás, tal como Jesus Cristo era o homem de Deus. Assim como Cristo foi supremamente possuído pelo Espírito Santo, para o bem, assim esse homem será supremamente possuído pelo diabo, para o mal.

As representações originais. Muitos intérpretes concordam que, originalmente, as quatro bestas do sétimo capítulo do livro de Daniel representavam a Babilônia, a Média, a Pérsia e a Grécia-Síria. O pequeno chifre, um poderoso governante do último desses impérios, foi Antíoco IV Epifânio (último nome este que significa «Deus manifesto»). Suas blasfêmias e abusos precipitaram a revolta dos Macabeus, o que, segundo pensam alguns estudiosos, exerceu certa influência nos escritos de Daniel e suas interpretações. Daniel teria prometido a queda de Epifânio para dentro de três anos e meio. É fato histórico que Epifânio não perdurou por muito tempo, e os judeus obtiveram a sua independência. Mas o soerguimento de Roma e a perda da independência mudou a interpretação sobre as «quatro bestas», de tal forma que a quarta tornou-se símbolo de Roma, seu governante, ou ambas as coisas. Isso é claramente visto no tratado talmúdico de *Abodah Zarah* 2b, e em II Baruque 36:40. Portanto, o vidente João, em Apocalipse, segue essa «reinterpretação» de Daniel, com a única diferença que agora as quatro bestas são combinadas em uma só; e esse monstro é Roma, e o anticristo, por assim dizer, é o novo e muito pior Epifânio.

O que fica implícito nos elementos da fera combinada?

1. O leopardo representa o reino grego (ver Dan. 7:6), rápido, veloz, conquistador e incansável. O anticristo terá essas qualidades em grau supremo.

2. Os pés de urso representam o império persa (ver Dan. 7:5), dando as idéias de força, estabilidade e consolidação. O anticristo também incorporará esses aspectos em seu poder.

3. A boca de leão representa a monarquia babilônica (ver Dan. 7:4), subentendendo ruína ameaçadora, rugidos de blasfêmia, despedaçamento carniceiro, perseguição e matança. O anticristo será o possuidor supremo dessas qualidades.

4. A quarta besta do livro de Daniel, terrível e feroz dotada de dez chifres, já fora incorporada nesse simbolismo em Apo. 13:1, na Besta do Mar. Notemos a ordem reversa de apresentação. A feroz besta de dez chifres, que aparece em último lugar no livro de Daniel, aparece em primeiro lugar no Apocalipse. Então seguem-se os outros três na ordem reversa de sua apresentação em Daniel, provavelmente porque o vidente olhava para trás, ao passo que Daniel olhava para a frente, historicamente falando.

«O anticristo sumariará todo o brilho (Grécia), todo o poder maciço e pesado (Pérsia), todo o domínio absoluto, real e autocrático (Babilônia) que os gentios já conheceram». (Newell, em Apo. 13:2). Mas acrescentamos que o império romano também é enfocado nesse quadro profético.

«Essa besta combina características das primeiras três feras de Dan. 7:2 e *ss*. A força e a brutalidade do império babilônico, medo e persa aparecem também no império romano. A vigilância felina do leopardo, o poder lento e esmagador do urso e o rugido do leão, que eram características familiares para os pastores da Palestina». (Robertson, Apo. 13:2, com uma citação de Swete).

E deu-lhe o dragão o seu poder. Já temos observado a sobejo, especialmente no estudo sobre os juízos das trombetas, que o Apocalipse promete uma imensa invasão de forças satânicas nos últimos dias, o que avassalará e aterrorizará totalmente aos homens, tornando-os corruptos e violentos de modo incrível, chegando quase a se extinguirem da face da terra. A principal manifestação satânica será o próprio anticristo, com a sabedoria de todos os séculos em seus olhos, mas dedicado ao mal. Também será o grande enganador, pois muitos, especialmente a juventude, segui-lo-ão com um senso de realização. Assim como Jesus Cristo foi Deus encarnado, assim também o anticristo será a encarnação de Satanás. Assim como Cristo foi rejeitado pela maioria, assim o anticristo será quase universalmente aceito pela humanidade. Assim como Cristo saiu a fazer o bem, do mesmo modo o anticristo sairá ao redor praticando a maldade. Cristo chamou Satanás de «príncipe deste mundo» (ver João 12:31; 14:30 e 16:11), e no tempo da tribulação, isso tornar-se-á uma verdade claríssima, porquanto Satanás virá a ser adorado diretamente, mas também indiretamente, por meio de seu anticristo.

O seu trono e grande autoridade. **O João Batista** do anticristo, que alguns místicos identificam como um político do estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, fará bem o seu trabalho. O poder que se desenvolverá rapidamente no homem de Satanás, tornar-se-á universalmente conhecido através dos meios de comunicação em massa. Seus discursos e seus arbítrios nas questões e problemas mundiais serão admiravelmente sábios. É claro que ele possuirá uma inteligência prodigiosa. Logo a sua vasta inteligência será recompensada por vasta autoridade. Ascenderá ao trono da aliança de dez reinos, e, com a ajuda do poder do diabo, derrotará a todos os adversários, até mesmo a União Soviética, em uma guerra nos fins do nosso século XX, bem como a China, na segunda década do século XXI. Por conseguinte, nem indivíduos e nem nações serão capazes de resistir-lhe, e a sua supremacia excederá a de qualquer homem que já viveu. Todos os ímpios do passado parecerão crianças inocentes em comparação com ele.

BESTIALIDADE

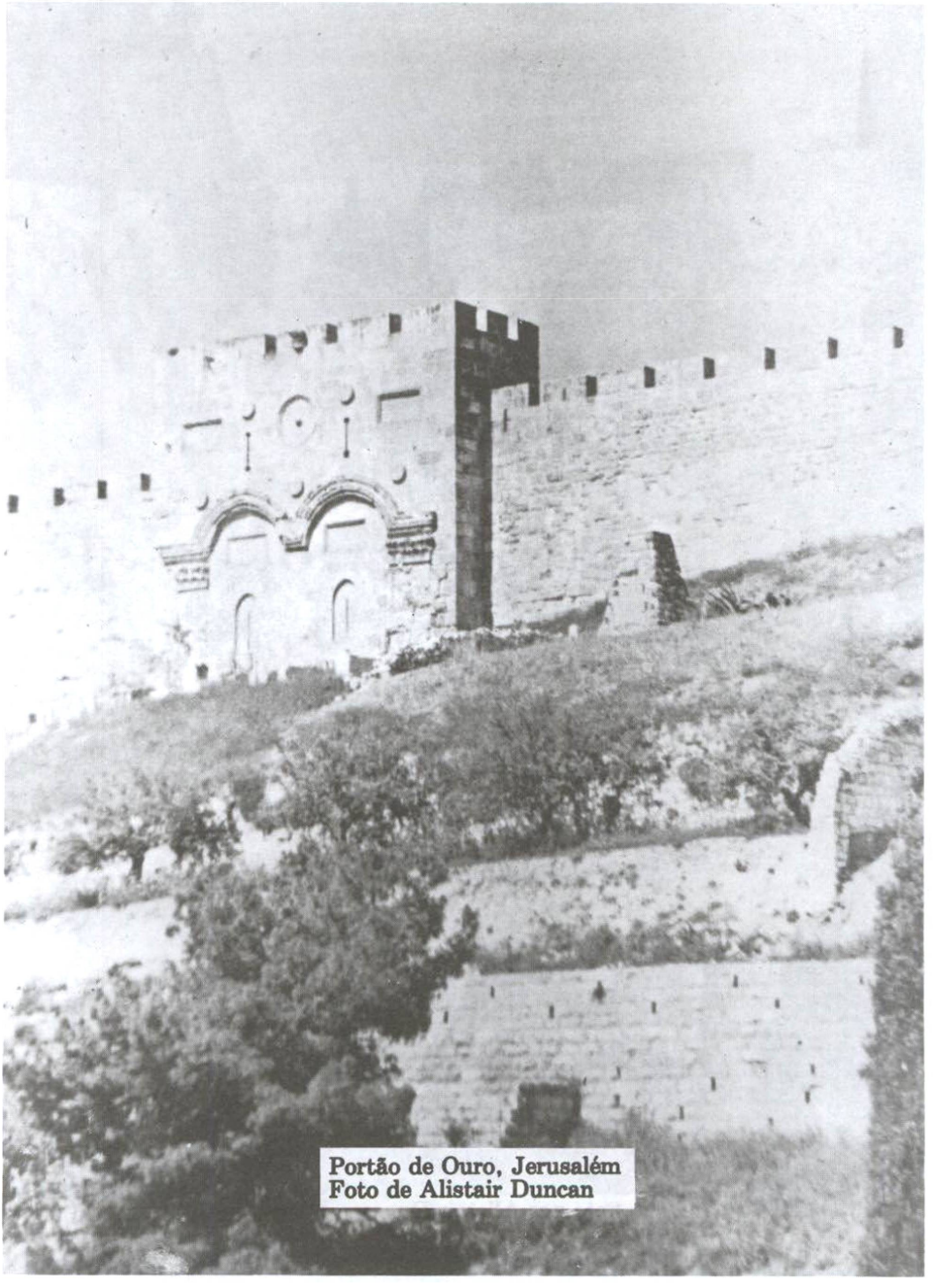
Um vocábulo que indica a prática de contato sexual entre seres humanos e outras formas de vida animal. O Antigo Testamento condena a prática, chamando-a de «abominação» (Lev. 18:23; Deu. 27:21). O épico de Gilgamés retrata Enkidu, o caçador de feras, a praticar atos sexuais com as feras. É possível que a expressão usada por Paulo em Rom. 1:18-27, «imundícia», inclua tais práticas antinaturais.

1. *Práticas Modernas.* O famoso relatório Kinsey, que estudou estatisticamente o comportamento sexual do povo norte-americano, afirma que entre quarenta e cinqüenta por cento dos varões daquele país, que residem em áreas rurais, têm contatos sexuais ocasionais, não-habituais, com animais das fazendas.



Betânia

Foto por Alistair Duncan



Portão de Ouro, Jerusalém
Foto de Alistair Duncan

Entre as mulheres, a porcentagem é menor que dois por cento. Nas cidades, a porcentagem de varões envolvidos na prática cai para cerca de quatro por cento. Tal prática é proibida por lei em 49 dos 50 estados norte-americanos. Se fôssemos fazer um estudo semelhante no Brasil, provavelmente as taxas encontradas não seriam muito diferentes disso.

2. *A Moralidade Cristã.* A Igreja cristã sempre assumiu a posição do Antigo Testamento, condenando tal prática. Os psicólogos afirmam que o senso de culpa que os culpados adquirem é algo muito injurioso ao bem-estar e a tranqüilidade deles.

3. Um uso sinônimo do termo «bestialidade» indica qualquer ato cruel, degradante e vil, praticado por indivíduos que agem como se fossem irracionais. (H PRI WA)

BESTIÁRIO

Vem do latim **bestia**, «fera». Era o nome que se dava a livros escritos em poesia ou prosa, ilustrados com animais, fabulosos ou reais, muito populares durante a Idade Média. Tais imagens contribuíram para a decoração dos estilos esculturais gótico e romanesco, em que se usavam animais como representações simbólicas. (E)

BETÁ

No hebraico, «confiança». Trata-se de uma cidade da Síria-Zobá, conquistada por Davi de Hadadezer (II Sam. 8:8). No trecho de I Crônicas 18:8, a mesma cidade é chamada Tibate. Desconhece-se o local da mesma.

BETÂNIA

No hebraico, «casa das tâmaras». No Novo Testamento há duas cidades com esse nome, a saber:

1. Uma localidade desconhecida, referida em João 1:28, erroneamente chamada Betabara (ver o artigo sobre Bete-Arabá), em alguns manuscritos posteriores, e onde João Batista efetuava batismos, às margens do rio Jordão. O nome poderia ter sido mudado acidentalmente, por associação verbal, pelo autor original do quarto evangelho, pelo que teríamos tanto um lugar sem nome como um lugar de localização desconhecida. Outros estudiosos dizem que Orígenes foi o autor da troca do nome, de Betânia para Betabara, apoiado em meras conjecturas.

2. Uma aldeia cerca de três quilômetros a suleste de Jerusalém (João 11:18), na vertente oriental do monte das Oliveiras, assim chamada por causa das tamareiras que ali cresciam. Ali residiam Lázaro, Maria e Marta; e Jesus com freqüência ia ali, quando estava na área de Jerusalém, porquanto eram seus amigos especiais. Ver Mat. 21:17; 26:7; Mar. 11:1,11,12; 14:3; Luc. 19:29; 24:50; João 11:1,18 e 12:1. A localidade até hoje existe, em um wadi raso, nas faldas orientais do monte das Oliveiras. Conta com uma pequena e empobrecida população de cerca de mil habitantes. Por causa da circunstância em que ali Jesus realizou um de seus maiores milagres — a ressurreição de Lázaro — seu nome moderno é el-'Aziryeh, «lugar de Lázaro». O sepulcro tradicional de Lázaro é assinalado, onde continuam florescendo figueiras, oliveiras e amendoeiras. A suposta casa de Lázaro, Maria e Marta é mostrada aos turistas; mas, de modo geral, todas as identificações dessa natureza são fictícias.

Betânia também era a terra de Simão, o leproso, em cuja casa Jesus foi ungido com o ungüento guardado no vaso de alabastro, por parte de uma mulher de reputação duvidosa, mas que teve seus pecados perdoados: «Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ele fez, para memória sua» (Mar. 14:3-9).

BETE

No hebraico, «casa». Era a segunda letra do alfabeto hebraico. Introduz a segunda porção de Salmos 119, onde cada verso começa, no hebraico original, com essa letra. Numericamente, representava o numeral *dois*. Também pode ser encontrada em muitos nomes compostos, como «Betel», «casa de Deus». (S Z)

BETE-ANATE

No hebraico, «casa do eco». Era uma cidade no território de Naftali (Jos. 19:38; Juí. 1:33). Os habitantes originais da cidade foram escravizados pelos israelitas invasores, contrariando a ordem divina de que todos eles deveriam ser mortos. A cidade também é mencionada em diversas inscrições egípcias. Talvez seja a moderna Safed el-Battikh.

BETE-ANOTE

No hebraico, «casa do eco». Era uma aldeia na região montanhosa de Judá (Jos. 15:59), que muitos pensam ter sido um antigo altar e santuário dos cananeus, e que também parece ter sido mencionada em várias listas egípcias de cidades da parte ocidental da Palestina. Ficava situada no distrito de Bete-Zur. Modernamente é a Khirbet Beit 'Ainum, perto de Halhul.

BETE-ARÃ

No hebraico, «casa da montanha». Era uma cidade pertencente a Gade, defronte de Jericó, a pouco mais de cinco quilômetros a leste do Jordão (Jos. 13:27), e que talvez seja a mesma Bete-Harã mencionada em Núm. 32:36. Herodes trocou-lhe o nome para Julias ou Livias, em honra à esposa de Augusto. Atualmente chama-se *er Rameh*. Ver também Bete-Harã.

BETE-ARABÁ

No hebraico, «casa da travessia». Era uma cidade na margem oriental do rio Jordão. Ver João 1:28, que fala sobre «Betânia», e que tem sido identificada como a antiga Bete-Arabá, que era onde João Batista batizava. O trecho de Josué 15:6,61 é a única passagem, em nossa Bíblia portuguesa, onde figura o nome «Bete-Arabá». Quanto a João 1:28, até mesmo manuscritos inferiores dão apoio à forma «Betânia». Ver a discussão, no NTI, sobre o problema textual envolvido. Naturalmente, essa Betânia não pode ser a mesma localidade onde habitavam Lázaro e suas irmãs, Maria e Marta, porquanto, na cidade deles não havia água em abundância. Portanto, os estudiosos opinam que deveria existir uma outra Betânia, às margens do Jordão — a que se refere o quarto evangelho. Naturalmente, o autor desse evangelho poderia ter incorrido em erro, por motivo de associação verbal, um erro comum entre autores e copistas. A mudança de Betânia para Betabara, no trecho de João, foi feita por Orígenes, — que identificou o lugar com uma aldeia que ele conhecia, na localidade em foco. No entanto, Betabara significa

«casa de Arabá», ou seja, «casa do deserto», ao passo que Bete-Arabá significa «casa de travessia». Além disso, a substituição de um nome por outro precisou ser feita com base na suposição, visto que havia um lugar com esse nome às margens do Jordão, não muito longe de Jericó, na margem ocidental desse rio (ver Jos. 18:18).

Provavelmente, a localidade pode ser identificada com a moderna 'Ain-el-Gharabeth, no wadi Qelt. Entretanto, nada se sabe acerca de uma Betabara nos tempos do Novo Testamento, nem mesmo como forma alternativa para Betânia. O problema permanece sem solução. Parece que Orígenes, que foi originador de muitas distorções e equívocos, repetiu nesse caso a sua fama. (NTI)

BETE-ARBEL

No hebraico, «casa da corte de Deus». É cidade mencionada exclusivamente em Osé. 10:14. Aparentemente era uma fortaleza, que poderia ser a mesma Arbela, mencionada por Josefo (*Anti.* xii.11,1; I Macabeus 9:2). O texto de Oséias menciona Bete-Arbel, juntamente com outras cidades, como a localidade destruída por Salmã, embora esse monarca não seja mencionado e nem identificado em qualquer porção das Escrituras. Salmaneser III (858-824 A.C.), rei da Assíria, é o mais provável candidato à vaga.

Um distrito pertencente à tribo de Zebulom, na Galiléia (ver Osé. 10:14), ou uma cidade daquela região. Josefo (*Anti.* XIV.xv.4 ss ; *Guerras*, 1.xvi.2 ss.) escreveu que os assaltantes que foram mortos por Herodes, que infestavam o interior da Galiléia, eram de Bete-Arbel. Eles se tinham entrincheirado em cavernas fortificadas, na baixa Galiléia (*Vida*, 37). O local moderno é desconhecido, embora tenha sido identificado com Bete-Arbel em Gileade, ou com a Khirbet Irbid da Galiléia, dando frente para o Wadi el-Hamam, a oeste do mar da Galiléia.

BETE-ASMOTE

Também grafada como Bete-Samos, uma forma helenizada de Azmavete (ver o artigo). Essa palavra aparece somente em I Esdras 5:18, como lugar de origem de um grupo de pessoas que retornou com Zorobabel, após o cativeiro babilônico.

BETE-ÁVEN

No hebraico, «casa da nulidade» (isto é, da idolatria). Uma alcunha aplicada a Betel, que lhe foi dada depois que essa cidade tornou-se a sede da adoração a bezerros de ouro. Entretanto, não muito distante, para leste, havia uma cidade que realmente tinha esse nome (ver Jos. 7:2; I Sam. 13:5). A existência dessa cidade deu origem ao apelido dado a Betel (ver artigo). Alguns supõem que se trata de um nome arcaico para Ai (ver o artigo); porém, não há qualquer evidência conclusiva para a suposição. Também havia um deserto com esse nome, ver Jos. 18:12. (ID S)

BETE-AZMAVETE

No hebraico, «casa da força da morte», forma alternativa para Azmavete (ver o artigo).

BETE-BAAL-AMOM

No hebraico, «casa do senhor da habitação». Uma localidade atribuída à tribo de Rúben, nas planícies do Jordão (Jos. 13:17), anteriormente chamada Baal-Meom (Núm. 32:38) ou então Beom (Núm. 32:3), a qual o termo Bete veio a ser prefixado. Posteriormente, a cidade foi conquistada pelos moabitas (Jos. 13:17). A cidade é mencionada por Mesa, de Moabe, em sua estela, juntamente com a cidade de Bete-Diblataim (ver o artigo). O local é identificado com a moderna Ma'in, a dez quilômetros a sudoeste de Madeba.

BETE-BARA

No hebraico, «casa do vau». Estava em um dos principais vaus do Jordão, talvez onde Jacó atravessou esse rio, conforme se lê em Gênesis 32:22. Foi bem perto dali que Gideom obteve uma grande vitória (Juí. 6:24), e foi ali, igualmente, que Jefté abateu os efraimitas (Juí. 12:4). Atualmente, não há qualquer localidade que corresponde ao lugar antigo. Alguns, porém, identificam-na com Bete-Arabá (que vide).

BETE-BASI

Um lugar mencionado em I Macabeus 9:62-64, fortificado por Jonatã e Simão Macabeu. A cidade resistiu ao cerco lançado por Baquides, governador helenista da região oeste do Eufrates, sob o rei Demétrio I. Essa mal-sucedida invasão (158—157 A.C.), levou a um tratado de paz com os judeus e ao triunfo de Jonatã. O local tem sido identificado com a moderna Khirbet Beit Bassa, no deserto da Judéia.

BETE-BIRI

No hebraico, «casa do criador» ou «casa da cidade». Uma cidade de Judá (I Crô. 4:31), no extremo sul de seu território. Tem sido identificada com a cidade pós-exílica de Bete-Lebaote (Jos. 19:6).

BETE-CAR

No hebraico, «casa das ovelhas». Era uma cidade do território de Dã (I Sam. 7:11), a oeste de Mispa. Foi ali que Israel alcançou uma grande vitória sobre os filisteus. Alguns identificam-na com a localidade árabe de Khirbet-heir, embora a maioria dos estudiosos negue essa possibilidade. Há alguma confusão nos manuscritos onde esse termo aparece, visto que a LXX substitui Bete-Horom, em Jos. 10:10, por Baithchor. E outros manuscritos seguem o texto massorético.

BETE-DAGOM

No hebraico, «casa de Dagom», ou seja, um templo edificado em honra àquele deus pagão. Há duas cidades com esse nome, mencionadas no Antigo Testamento:

1. Uma localidade nas terras baixas de Judá, mencionada em Jos. 15:41. A localização exata é desconhecida em nossos dias. Só pode ser dito que ficava nas proximidades de algum templo, ali existente, em honra a Dagom, uma divindade pagã por toda parte venerada. Ver o artigo sobre Dagom. Alguns identificam a cidade com Khirbet Degun, uma localidade romana a três quilômetros a sudoeste da moderna Beit Dagan.

2. Uma cidade fronteiriça da tribo de Aser, a leste do monte Carmelo (Jos. 19:17), cuja localização é desconhecida.

3. Um templo em Azoto (Asdode), mencionado em

I Macabeus 10:83,84.

4. Uma fortaleza mencionada por Josefo (*Anti.* XII.8.1), localizada perto de Jericó.

Essas diversas referências ao nome Bete-Dagom indicam que havia muitas aldeias e vilas onde se cultuava a Dagom. Seu nome aparece pela primeira vez na Mesopotâmia, em cerca de 2500 A.C., podendo também ser achado em documentos e inscrições em Ugarite, na Fenícia, e na terra dos filisteus. (ID Z)

BETE-DIBLATAIM

No hebraico, «casa dos círculos» (isto é, dos bolos de figos). Era uma cidade de Moabe (Jer. 48:22). O local também é mencionado na estela de Mesa (I.30), rei de Moabe, em cerca de 830 A.C. Encontra-se nas suas listas de cidades conquistadas, que chegavam acerca de cem. Uma outra forma do nome da cidade, «posto rodoviário dos bolos de figos», fala sobre uma localização mencionada em Osé. 1:3, lugar do nascimento de Gomer, esposa do profeta Oséias (em nossa versão portuguesa, Diblaim). Tem sido identificada com a moderna Deleitat-esh-Sherqiyeh, mas sem qualquer grau de certeza.

BETE-ÉDEN

No hebraico, Bete-Éden, significa **casa do deleite**. Fala sobre um principado arameu, localizado na cabeceira do rio Eufrates, que deve ser identificado com a Bit-Adini das fontes assírias. Aparentemente foi um pequeno estado arameu que prosperou, mas posteriormente sucumbiu diante de potências maiores, nos séculos IX e VIII A.C. Seus habitantes foram transportados para Quir, segundo foi profetizado por Amós (Amós 1:5). (Ver II Reis 19:12 e Isa. 37:12).

BETE EGLAIM

No hebraico, «casa dos dois bezerros». Uma antiga cidade que não é mencionada no Antigo Testamento, mas ocorre no *Onomasticon* (48:19,20) de Eusébio. A cidade tem sido identificada com um cômoro escavado pelos arqueólogos, que se chama Tell el-Ajjul, que significa «cômoro do bezerrinho». Está situada a pouco mais de seis quilômetros a sudoeste de Gaza, ao lado norte da desembocadura do wadi Ghuzzeh, perto da costa marítima. As especulações afirmam que o local pode ter estado associado com os dois bezerros de ouro, dos dias de Jeroboão (I Reis 12:28). A localidade também tem sido identificada com Gaza, a qual, finalmente, foi abandonada por causa da malária, que era endêmica ali, e afetou os trabalhadores que ali escavavam modernamente. A cidade foi então transferida para o local da moderna Gaza, no começo da Idade do Bronze Posterior. Os arqueólogos só conseguiram trabalhar ali, depois que os pântanos da região foram drenados. As escavações descobriram belos exemplos de fortificações dos hicsos, um palácio, grande quantidade de cerâmica, armas feitas de bronze, escaravelhos, objetos talhados em ouro, prata, marfim e basalto, além de muitas edificações dos mais diversos tipos.

Quando surgiu um problema de segurança durante as escavações, por causa do descobrimento de ouro, o arqueólogo chefe, Petrie, deu um espetáculo para todos os trabalhadores verem. Exibiu engradados cheios de areia, engradados esses que deveriam estar cheios de ouro. No entanto, ele já tinha escondido o ouro.

Um outro palácio escavado representava uma era posterior à dos hicsos (ver o artigo); e uma terceira edificação aparentemente era uma fortaleza egípcia. Uma quarta edificação foi encontrada, pertencente aos séculos XVI e XIII: e ainda uma quinta, pertencente ao século X ou IX A.C.

Foram encontradas evidências da prática do consumo de carne de cavalo, sob o quarto palácio, o que se coaduna com aquilo que se sabe sobre a cultura dos hicsos. Foram encontrados restos de cavalos, burros e seres humanos, sepultados todos juntos em uma vala comum. Isso apresenta um quebra-cabeças para os estudiosos. (AH PET WRI)

BETE-EMEQUE

No hebraico, «casa do vale». Uma cidade da tribo de Aser, perto de sua fronteira suleste (Jos. 19:27). Talvez deva ser identificada com o moderno Tell el-Mimas, acerca de oito quilômetros a nordeste de Aco.

BETE-EQUEDE

No hebraico, «casa da tosquia». Era uma localidade à margem da estrada entre Jezreel e Samaria, na qual Jeú, a caminho de Jezreel, encontrou quarenta e dois membros da família real de Judá, aos quais matou no poço do palácio (II Reis 10:12,14). Alguns eruditos põem, à margem dessa referência, «casa dos pastores amarrados», o que indica que não se sabe com certeza qual era o sentido do nome do lugar. Comumente o mesmo é identificado com Beit Kad, cerca de vinte e seis quilômetros a nordeste de Samaria.

BETE-EZEL

No hebraico, «casa da raiz firme». Outros estudiosos preferem «casa da descida». Trata-se de uma cidade mencionada apenas em Miq. 1:1, e que talvez não ficasse muito longe da cidade de Samaria. Alguns a identificam com Ezel ou Azel, referida em Zac. 14:5, embora o local moderno seja desconhecido. Não obstante, há quem a identifique com Deir el-Asal, cerca de três quilômetros a leste do Tell Beit Mirsim. No texto sagrado, Azel será o lugar até onde se formará um imenso valé, quando da divisão do monte das Oliveiras em duas porções, por ocasião da segunda vinda de Cristo.

BETE-GADER

No hebraico, «casa da fonte». Outros preferem pensar em «casa murada». Era uma cidade de Judá (I Crô. 2:51), talvez a mesma que, em Josué 12:13, aparece com o nome de Geder. O nome aparece em uma lista de cidades pertencentes a Judá e a Simeão.

BETE-GAMUL

No hebraico, «casa do camelo». Era uma cidade moabita, no tabuleiro de Moabe, e contra a qual foi proferido o juízo de Deus, por causa da maneira como seus habitantes haviam tratado Israel (Jer. 48:23). Alguns pensam que o local moderno é Khirbet el-Jemeil, cerca de oito quilômetros de Aroer.

BETE-GILGAL

No hebraico, «casa de Gilgal» ou «casa da recompensa». Esse nome aparece somente em Nee. 12:29. É provável que a cidade deva ser identificada com Gilgal (ver o artigo), cerca de seis quilômetros e meio a suleste de Jericó. Era uma das aldeias de onde

vieram cantores para celebrar a dedicação das muralhas reconstruídas nos dias de Neemias.

BETE-HAGÃ

No hebraico, «casa do jardim». Foi por esse lugar que fugiu o rei Acazias, filho de Acabe, de Israel, quando era perseguido por Jeú. O local fica no lado sul do vale de Jezreel. Tem sido identificado com a moderna Jenin.

BETE-HANÃ

Ver **Elom**.

BETE-HAQUERÊM

No hebraico, «casa das vinhas». Figura nos trechos de Nee. 3:14 e Jer. 6:1; fora da Bíblia, em II Esdras 13:14. Era uma cidade de Benjamim, situada no topo da elevação entre Jerusalém e Tecoa, cerca de cinco quilômetros a suleste de Belém. Seu prefeito, Malquias, reparou a porta do Monturo, quando ajudava Neemias a reerguer as muralhas de Jerusalém, terminado o exílio babilônico. A arqueologia a tem identificado com a moderna Ain Karem. Contudo, parece ainda mais apropriada a localidade de Ramet Rahel, que fica em uma elevada colina entre Belém e Jerusalém.

BETE-HARÃ

No hebraico, «casa da altura». É cidade que figura apenas em Núm. 32:26, embora talvez seja a mesma Bete-Arã de Jos. 13:27. Pertencia à tribo de Gade, na Transjordânia. Posteriormente recebeu o nome de Livias ou Júlias. Ficava defronte de Jericó. Por ocasião da conquista da Terra Santa pelos israelitas, foi tomada dos amorreus e transformada posteriormente em uma fortaleza, ficando com a tribo de Gade. Alguns crêem que se trata da cidade síria de Bete-Aramftá, mencionada por Josefo. Seu local moderno tem sido identificado com o Tell Iktanus, a quase treze quilômetros a nordeste da desembocadura do Jordão, ao sul do wadi Heshban.

BETE-HOGLA

No hebraico, «casa da corvina» ou «casa da perdiz». Foi uma das catorze cidades entregues à tribo de Benjamim (Jos. 18:21); modernamente se chama 'Ain Hajlah, a seis quilômetros e meio a suleste de Jericó. Ficava localizada na Arabá, na fronteira sul de Benjamim (Jos. 18:19) e era a fronteira norte do território de Judá (Jos 15:6).

BETE-HOROM

No hebraico, «casa das cavernas». Dois lugares tinham esse nome, nos dias do Antigo Testamento, a «Bete-Horom de baixo» e a «Bete-Horom de cima» (Jos. 16:3,5; I Crô. 7:24). Atualmente existem as aldeias de Beit 'Ur et-Tahta, (de baixo) e de Beit-'Ur el-Faqa (de cima). A de baixo fica acerca de 335 m acima do nível do mar, e a de cima fica cerca de 550 m acima do nível do mar, sendo esta última menor que a primeira. As escavações ali efetuadas mostram que sua origem remonta pelo menos ao fim da Idade do Bronze. Havia uma estrada romana ligando uma com a outra, entre Gibeom, no leste, e o vale de Aijalom e a planície costeira a oeste. Ambas ficavam na fronteira dos territórios de Benjamim e Efraim (Jos. 16:3-5; 18:13 *ss*). Quando ocorreu a divisão dos reinos — Israel, ao norte e Judá ao sul — elas ficaram com Israel (Jos. 21:22). Visto que ambas essas cidades estavam localizadas em um passo montanhoso na fronteira, foram a cena de muitas batalhas sangrentas. Eram também contadas entre as cidades dos levitas. Uma famosa batalha teve lugar ali, no tempo de Josué (Jos. 10:6-15). Os egípcios também combateram no local (I Reis 9:17); e elas foram atacadas por mercenários efraimitas (II Crô. 25:12, 13). Salomão reconstruiu e fortaleceu a ambas (II Crô. 8:5). Seerá, filha de Berias, reconstruiu ambas, terminado o exílio babilônico (I Crô. 7:24). Sambalate era natural do lugar (Nee. 2:10).

A literatura pseudepígrafa e apocalíptica menciona esses lugares em várias oportunidades (Jubileus 34:4; Judite 4:4; I Macabeus 3:15,16; 7:39-43), onde há menção a outras batalhas sanguinolentas no local. Baquides fortificou o lugar, após uma batalha contra Jonatã Macabeu, no deserto de Tecoa.

BETE-HOROM, BATALHA DE (O Dia Longo de Josué)

O artigo acima, sobre as duas cidades de Bete-Horom, mostra quantas batalhas ferozes foram travadas ali, durante a longa história das mesmas. Porém, aquela que se tornou conhecida como a «batalha de Bete-Horom» foi aquela travada entre as forças israelitas de Josué e os cinco reis de Canaã, perto de Gibeom, Bete-Horom e o vale de Aijalom. A descrição desse choque aparece no décimo capítulo do livro de Josué. Jericó já havia caído, e a batalha foi apenas estratégica, visando o controle do território. Os gibeonitas, observando o esmagador avanço dos israelitas, enganaram com truques a Josué; mas o ludíbrio não tardou a ser descoberto. Então os gibeonitas foram subjugados, embora não destruídos. Em face disso, os habitantes de Gibeom foram tidos como traidores pelos demais reis cananeus, os quais atacaram aquela cidade. Foi então que os gibeonitas apelaram para Israel, pedindo ajuda. Josué atacou-os imediatamente, e os reis cananeus e suas hordas entraram em pânico. A rota da fuga deles levou-os diretamente a Bete-Horom, quando subiam na direção do passo entre as montanhas. Uma grande saraivada caiu sobre os cananeus, o que o autor do livro de Josué atribui à intervenção divina. «Mais foram os que morreram pela chuva de pedra do que os mortos à espada pelos filhos de Israel» (Jos. 10:11).

O Longo Dia de Josué. A fim de que pudesse aniquilar os adversários nessa batalha, Josué ordenou que o sol estacasse em seu curso (Jos. 10:12). E o Senhor o atendeu, e o dia foi extraordinariamente prolongado. Há muitas interpretações acerca do fenômeno: 1. Explicação mitológica. Uma grande vitória, ao ser relatada, foi emendada, incluindo os lances da saraivada e o fenômeno do longo dia. A história está recheada de lendas, e o Antigo Testamento não está isento dessas interpolações. 2. Ou então, tudo quanto sucedeu foi que as nuvens encobriram o sol escaldante, facilitando a perseguição por parte dos exércitos de Josué. Porém, os vs. 13-15 mostram que o que esteve envolvido foi a passagem do tempo, e não apenas condições atmosféricas. 3. O milagre teria envolvido apenas uma questão de reflexo, e não de real envolvimento da passagem do tempo. Deus causou condições atmosféricas abaixo do horizonte, capazes de refletir os raios solares sobre o território, mesmo após dopôr-do-sol. Tudo não teria sido causado por condições extraordinárias, mas apenas naturais. 4. Ou então, conforme diz a Bíblia,

Deus impediu a rotação da terra por algum tempo, ou fez esse movimento tornar-se bem mais lento. Essa interpretação também tem sido sujeitada por alguns a uma adaptação natural. Esses dizem que teria havido uma leve mudança dos pólos, provocando assim o prolongamento daquele dia. Sabemos que as mudanças de pólo realmente ocorrem, embora mui raramente. Talvez uma mudança de pólos tenha ocorrido quando do dilúvio de Noé. Porém, se isso sucedeu naquele dia de Josué, então a mudança de pólo foi realmente mínima, pois, doutra sorte, teria havida destruição generalizada. Alguns estudiosos também têm dito que esse prolongamento do dia, quando da batalha de Bete-Horom, foi corrigido na época de Isaías, conforme se lê em Isaías 38:8: «Eis que farei retroceder dez graus a sombra lançada pelo sol declinante no relógio de Acaz. Assim retrocedeu o sol os dez graus que já havia declinado». 5. Finalmente, a questão inteira envolve um mistério sem explicação, não importando se o fenômeno foi natural ou sobrenatural. (WHI VE Z)

BETE-JESIMOTE

No hebraico, «casa de desolação». Era uma cidade do território de Rúben, entre os montes de Abraim e o rio Jordão (Núm. 33:49), —cerca de dezesseis quilômetros a suleste de Jericó (Jos. 12:3). Posteriormente, foi conquistada pelos moabitas (Eze. 25:9). O último acampamento dos israelitas, antes de haverem cruzado o Jordão, foi perto desse lugar (Núm. 33:49). Tem sido identificado com o Tell el-Azeimeh, perto da extremidade nordeste do mar Morto. (GL)

BETE-LE-AFRA

No hebraico, «casa da poeira», uma cidade desconhecida, mencionada exclusivamente em Miquéias 1:10. Há um jogo de palavras nesse trecho, pelo que algum lugar como Ofra ou Betel poderia estar envolvido. As identificações incluem o wadi el Ghafr, entre ed-Daweimeh e o Tell ed-Duweir e Beit-Offa, a dez quilômetros a suleste de Asdode. (SI)

BETE-LEBAOTE

No hebraico, «casa da leoa». Era uma cidade de Simeão (Jos. 19:6), que é chamada Lebaote em Josué 15:32. Muitos pensam que esse lugar é a mesma Bete-Biri, que figura em I Crô. 4:31, um nome que mui provavelmente tem sido preservado no nome de Jebel el-Biri, no deserto da Judéia.

BETE-LOMOM

Assim aparece na LXX, o nome de Belém da Judéia (ver o artigo). Em I Esdras 5:17, as pessoas que residiam na área são alistadas entre os homens da Judéia que retornaram em companhia de Zorobabel, após o exílio babilônico. Nessa conexão, ver Belém, em Esd. 2:21.

BETE-MAACÁ

Ver **Abel-Bete-Maacá**

BETE-MARCABOTE

No hebraico, «casa das carruagens». Era uma cidade pertencente a Simeão (Jos. 19:5; I Crô. 4:31), no extremo sul de Judá. O nome pode ter-se originado do fato de que ali era uma das paradas de carruagens que transitavam entre o Egito e Jerusalém (I Reis 10:19,29; I Crô. 8:6). Tem sido identificada com a antiga Madmana e com a moderna Khirbet Umm ed-Deimineh, cerca de 24 km a sudoeste de Hebrom, o que é também sugerido pela lista correspondente, em Josué 15:31.

BETE-MEOM

No hebraico, «casa da habitação». Aparece somente em Jer. 48:23, como uma cidade moabita, próxima de Bete-Gamul. A forma completa do nome, Bete-Baal-Meom, aparece em Jos. 13:17, como cidade moabita outorgada, após a conquista, à tribo de Rúben. Ficava na margem ocidental do rio Arnom.

BETE-MILO

No hebraico, «casa da plenitude». Está em foco algum cômoro, terraço, platô, ou coisa semelhante, provavelmente onde havia um fortim (Juí. 9:6,20). Ficava perto de Siquém. Seus habitantes estavam entre aqueles que proclamaram Abimeleque o rei. Ver o artigo sobre *Milo*.

BETE-NIMRA

No hebraico, «casa da água doce». Era uma cidade de Gade (Jos. 13:27). Com a forma de Ninra, a cidade é alistada em Núm. 32:3. Foi chamada Bete-Nabris por Eusébio, como cidade que ficava cerca de oito quilômetros ao norte de Livias. Foi edificada e fortificada pelos gaditas, tendo-se tornado lugar apropriado para a guarda de ovelhas (Jos. 13:27). O local é atualmente ocupado pelo Tell Bleibil, a 16 km a nordeste de Jericó, no lado norte do wadi Shaib. Posteriormente, a cidade foi transferida para cerca de quilômetro e meio para sudoeste, onde seu nome está preservado no Tell Nimrin. (GLU)

BETE-PAZES

No hebraico, «casa da dispersão». Era uma cidade de Issacar (Jos. 19:21), próxima do monte Tabor. Sua localização moderna é desconhecida.

BETE-PELETE

No hebraico, «casa da fuga». Uma cidade no extremo sul de Judá (Jos. 15:27), que foi outorgada àquela tribo, quando da conquista da Palestina. Terminado o exílio babilônico, foi reedificada e reocupada por Judá (Nee. 11:26). Helez, o paltita, um dos trinta heróis de Davi, provavelmente era natural do lugar. Sua localização moderna é desconhecida.

BETE-PEOR

No hebraico, «casa de Peor» ou «casa da abertura» (Deu. 3:29). No primeiro caso, talvez o nome se referisse a um templo dedicado a Baal-Peor. A cidade era moabita, mas foi outorgada à tribo de Rúben, tendo-se tornado famosa como santuário daquela divindade. (Deu. 4:46; Jos. 13:20). Estava localizada na margem oriental do Jordão, defronte de Jericó, a dez quilômetros ao norte de Livias ou Bete-Harã, conforme é afirmado por Eusébio em seu *Onomasticon*. O nome Peor provavelmente significa «abertura» ou «abismo». É possível que o profeta Moisés tenha sido sepultado naquela região (Deu. 34:6). Antes de entrarem na terra de Canaã, os israelitas acamparam no vale diante de Baal-Peor, enquanto Moisés avistava a — Terra Prometida — do alto do

monte Pisga (Deu. 3:29). Na ocasião alguns preceitos foram dados a Israel (Deu. 4:46). O lugar tem sido identificado com a moderna Khirbet esh-Sheikh-Jayil, ao norte do monte Nebo e a oeste de Hesbom. (S UN Z)

BETE-RAFA

No hebraico, «casa de Rafa» ou «casa do gigante». Em I Crô. 4:12 aparece com o nome do filho de Estom, dentro da genealogia de Judá (cerca de 618 A.C.). Em I Crônicas 20:6,8, a palavra aparece com o artigo, e a tradução deve ser «dos gigantes», conforme, realmente, se vê na nossa versão portuguesa.

BETE-REOBE

No hebraico, «casa de uma rua». Era uma cidade ou distrito dos arameus, perto de Laís (em Dã) (Juí. 18:28). Havia ali um vale, formando a porção superior das terras baixas de Huleh, através das quais flui o manancial central formador do rio Jordão e perto do qual ficava a cidade de Laís-Dã (que talvez seja a atual Tell el Qadi). Naquele lugar, os amonitas obtiveram mercenários para lutarem contra Davi (II Sam. 10:6). Alguns identificam o local com a moderna Banias, a oito quilômetros a nordeste de Dã; ou então com Hunin, a oeste de Banias. Porém, não há certeza quanto à questão.

BETE-SEÃ

No hebraico, «casa da segurança» ou «casa do descanso», embora talvez haja uma alusão ao deus babilônico Shahan, ao Sha'an dos fenícios e ao deus serpente dos sumérios. Se esse era o caso, então o local era um antigo santuário dedicado a essa divindade. Seja como for, pertencia à meia-tribo de Manassés (Jos. 17:11). Ficava na margem ocidental do Jordão, fazendo fronteira a oeste, com os montes de Gilboa. Era uma antiga fortaleza, estrategicamente colocada, que dominava o vale de Esdrelom. Tem sido identificada com a moderna Tell el-Husn, que significa «cômoro da Fortaleza». Outros pensam em uma identificação com a moderna Beisan.

A cidade foi fundada em cerca de 3000 A.C. Tutmés III conquistou-a em batalha, e, durante cerca de trezentos anos, foi uma fortaleza egípcia. Duas estelas, uma de Seti I e outra de Ramsés II, foram descobertas ali pela arqueologia. Sabemos que por ocasião da invasão da Palestina, pelos israelitas, os habitantes de Bete-Seã possuíam carros de guerra feitos de ferro (Jos. 17:16), e o povo de Israel não conseguiu expulsar dali os seus habitantes. No entanto, estes ficaram na obrigação de pagar tributo (Jos. 17:12-16). Quando da batalha de Gilboa, em cerca de 1000 A.C., o lugar aparentemente estava sob o controle dos filisteus, porquanto penduraram os ossos de Saul e de seus filhos na muralha da cidade (I Sam. 31:10). O trecho de I Crônicas 10:10 alude a um segundo templo existente em Bete-Seã, chamado «casa de Dagom», onde a cabeça de Saul ficou exposta.

A arqueologia tem feito importantes descobertas ali, como o templo de Astorete, um outro templo ao sul do mesmo, e o templo de Dagom. Ali há um elevado cômoro, que tem produzido, nas escavações, vários templos egípcios, datados desde 1413 a.C. As escavações têm descoberto muitos níveis de cidades, pertencentes a diversas épocas diferentes. Durante o período grego, a cidade passou a chamar-se Citópolis, isto é, «cidade dos citas», talvez por causa da cavalária cita que estava associada ao lugar, e compunha parte do exército de Ptolomeu II. Caiu sob o governo dos Selêucidas no século II A.C., e passou a chamar-se Nisa. O seu antigo nome é retido no nome de uma aldeia árabe próxima do cômoro, chamada Beisan. No tempo dos Hasmoneus, a cidade atingiu considerável prosperidade, sendo a única cidade da Decápolis no lado ocidental do rio Jordão (I Macabeus 12:40; Josefo *Anti.* xiv.5.3). Algumas poucas figurinhas, pertencentes à época dos citas, sugerem que havia um santuário no alto de alguma colina, durante o período de dominação persa. No terceiro nível, foi escavado um templo, provavelmente romano. Ao lado do mesmo havia uma cisterna, onde se encontrou a cabeça de uma estátua do deus Dionísio (ver o artigo). Os níveis segundo e primeiro correspondem aos períodos bizantino e árabe. No segundo nível foi encontrado o que restava de um templo cristão de forma circular, e também um mosteiro do século VI D.C. A cidade caiu diante dos árabes em 636 D.C. (ROWE TH UN)

BETE-SEMES

No hebraico, «casa do sol». Foi o nome de vários lugares do Antigo Testamento, sendo lugares de considerável atividade arqueológica nos nossos tempos, a saber:

1. Uma cidade sacerdotal (Jos. 21:16; I Sam. 6:15). Ficava no território da tribo de Judá, na fronteira suleste com Dã (Jos. 15:10), a terra dos filisteus (I Sam. 6:12). Eusébio a situava a dez milhas romanas de Eleuterópolis, na direção de quem vai para Nicópolis. Em tempos mais remotos, pertencia aos filisteus. No tempo de Acaz (I Reis 4:9; II Crô. 28:18), os filisteus a reconquistaram de Israel. Foi naquele lugar que a arca da aliança foi tomada pelos filisteus, e também foi ali que mais de cinqüenta mil homens foram miraculosamente mortos, quando tentavam examinar irreverentemente o objeto sagrado (I Sam. 6:19). A Ir-Semes de Josué 19:41 tem sido identificada por alguns estudiosos como Bete-Semes. O local tem sido identificado com a moderna Ain-Shema, nas vertentes nordestinas das montanhas de Judá, onde há o Tell er-Rumeileh. O lugar foi habitado desde 2000 A.C., o que prosseguiu até 600 A.C., quando foi destruído pelo exército de Nabucodonosor II.

A arqueologia tem feito ali muitas descobertas. Têm sido identificados nada menos de sete níveis de ocupação, cada qual produzindo muitos artefatos. As descobertas pertencentes à Idade do Bronze Posterior revestem-se de importância especial, no que diz respeito à história da escrita, em Canaã. Há um tablete de argila com uma inscrição enigmática, similar àquela usada para se escrever na língua de Ugarite (ver o artigo). Alguns cacos de barro representam uma forma de escrita protocananéia. Da Idade do Ferro há asas de jarras estampadas, uma das quais diz: «Pertencente a Eliaquim, mordomo de Jeoaquim». Dois exemplares desse selo foram encontrados em Tell Beit Mirsim, e um outro em Ramat Rahel.

2. Havia uma outra cidade com esse nome, na fronteira sul do território de Issacar, entre o monte Tabor e o rio Jordão (Jos. 19:22), que até hoje não foi localizada.

3. Havia uma cidade de Naftali, com suas aldeias (Jos. 19:38; Juí. 1:33), dentre as quais estava a cidade de Bete-Anate, de onde os cananeus não foram expulsos, que também era chamada Bete-Semes.

4. O trecho de Jeremias 43:13 atribui esse nome a uma cidade do Egito,—que usualmente era chamada Heliópolis, conforme chegou seu nome até nós, através do grego, o termo grego também significa «casa do sol». (AH GRA YE)

BETE-SEMITA

Adjetivo gentílico para quem nasceu em Bete-Semes (I Sam. 6:14,18).

BETE-SITA

No hebraico, «casa da acácia». Foi para esse lugar que fugiu o derrotado exército midianita, diante do avanço de Gideão (Juí. 7:22). Provavelmente é a atual Shattah, cerca de quatro quilômetros a leste da moderna En-Harod, na direção de Zaretã, e talvez o moderno Tell es-Sa'idihey, que fica perto do rio Jordão, a 29 km a oeste de Jerasa. Visto que Zaretã ficava perto da cidade de Adão (Jos. 3:16), às margens do rio Jordão, é óbvio que os homens se lançaram à travessia do rio Jordão.

BETE-TAPUA

No hebraico, «casa das maçãs», uma cidade a oito quilômetros a oeste de Hebrom (Jos. 15:33). Modernamente, Taffuh. Uma outra cidade, que terminou pertencendo à tribo de Judá, também se chamava, simplesmente, Tapua (Jos. 12:17) (ver o artigo). Bete-Tapua estava associada a outras sete cidades da região montanhosa (I Crô. 2:43). O distrito era frutífero e rico. Ficava à beira da cadeia montanhosa, dando frente para os férteis terraços, mais embaixo.

BETE-TOGARMA

Ver **Togarma**.

BETE-ZACARIAS

No hebraico, «casa de Zacarias» ou «casa de Yahweh lembra». Uma cidade cerca de 16 km a sudoeste de Jerusalém. Não é mencionada nas Escrituras. Mas, de acordo com I Macabeus 6:32, foi ali que Judas Macabeu foi derrotado por Antíoco V Eupator, filho de Antíoco Epifânio. Antíoco viera à batalha bem preparado e equipado, acompanhado por elefantes, e os judeus, inferiorizados, fugiram (Josefo, *Anti.* xii.9,4). Tem sido identificada com a moderna Khirbet Beit Sakaria.

BETE-ZAÎTE

No hebraico, «casa das oliveiras». Foi o lugar onde Baquides, um dos generais do rei Demétrio, massacrou a muitos judeus, durante a guerra dos Macabeus (I Macabeus 7:19). Baquides, fingindo-se amigável, enganou Judas, levando-o a confiar nele; e isso armou o palco para a matança de sessenta homens, e, posteriormente, de muitos outros, lançando-os em um poço. O local tem sido identificado com a moderna Beit-Zeita, cerca de seis quilômetros a sudoeste de Belém, perto de Bete-Zur.

BETE-ZUR

No hebraico, «casa da rocha». Era uma cidade na região montanhosa da Judéia, fundada pelos habitantes de Meom, descendentes de Hebrom (I Crô. 2:45). Era uma fortaleza colocada em posição elevada e estratégica, entre Belém e Hebrom. O local foi escavado, tendo sido encontradas ruínas da Idade do Bronze Média, de cerca do século XVI A.C. Foi uma cidade fortificada da era dos Macabeus, quando era chamada Bete-Sura. Contava com uma numerosa população durante o período dos hicsos, na porção final da Idade de Bronze Média II. Existem algumas evidências arqueológicas referentes àquele período. Existem artefatos pertencentes ao período do Bronze Posterior, bem como aos séculos XIII e XII A.C. A ocupação israelita terminou em meio a um incêndio, em meados do século XI, talvez envolvendo guarnições filistéias. Uma outra ocupação israelita teve lugar no período dos séculos X e IX A.C., incluindo a fortificação de Reoboão. Continuava ocupada nos séculos VIII e VII A.C. A invasão feita por Nabucodonosor, bem como o período persa dos dias de Neemias (Nee. 3:16), também deixaram alguns itens, descobertos pelos arqueólogos. Os monarcas Ptolomeus são representados através de algumas moedas, 124 das quais pertencentes a Antíoco IV Epifânio, 18 aos Macabeus e 16 a João Hircano. O local foi abandonado cerca do ano 100 A.C. Foi ali que Judas Macabeu derrotou os gregos, dirigidos por Lísias. (SEL UN)

BETEL

No hebraico, «casa de Deus». Uma cidade da antiga Palestina, a quase dezoito quilômetros ao norte de Jerusalém, que originalmente se chamava Luz. Para os antigos hebreus, tratava-se de um lugar sagrado, quase tão importante quanto Jerusalém, devido à sua íntima associação com a história dos israelitas, a começar com Abraão. Foi ali que Abraão acampou de certa feita (Gên. 12:8; 13:3). Quanto ao antigo nome, Luz, que significa «amendoeira», ver Gên. 28:19. Até hoje o local é próprio para pastorear ovelhas.

A cidade chegou a adquirir o nome de Betel, «casa de Deus», porque foi nas proximidades que Jacó sonhou com uma escada que subia da terra ao céu (Gên. 28:10-22). Isso posto, veio a ser considerada uma espécie de abrigo de anjos, um lugar de comunicação entre o céu e a terra. Originalmente, era uma espécie de lugar santo dos cananeus, antes de haver sido ocupada por Israel, o que constitui uma informação interessante. A arqueologia tem demonstrado que era uma espécie de santuário ao ar livre, no período calcolítico posterior (cerca de 3200 A.C.). Uma segunda leva de ocupação pode ser datada em cerca de 2400-2200 A.C. Mas o sítio foi abandonado, e então reocupado, já no século XIX A.C. Nos séculos XVIII e XVII A.C., Betel tornou-se um forte complexo defensivo. E foi durante esse período, no começo do Período Médio do Bronze, que entraram em cena os patriarcas hebreus.

Para Jacó, Betel tornou-se um lugar especial. Ele o revisitou e ali renovou o seu pacto com Yahweh. Foi ali também que Jacó edificou um altar, e também foi ali que ele recebeu seu novo nome, Israel, que significa «dotado de poder diante de Deus».

A ausência de material pertencente a era do Bronze Posterior I sugere a destruição do local, pelos egípcios, em cerca de 1550 A.C. Foi nesse tempo que os egípcios conseguiram expulsar os hicsos do Egito e da Palestina. Porém, no período do Bronze Posterior II, isto é, nos séculos XIV e XIII A.C., Betel foi reedificada. Tornou-se então uma cidade bastante próspera, dotada de indústrias, de um sistema de esgotos e de prensas de extração de azeite de oliveira.

Então os israelitas invadiram a área. A arqueologia tem descoberto evidências da destruição que ocorreu, no século XIII A.C. (cerca de 1240-1235 A.C.). Betel foi ocupada por Josué (Jos. 8:7), e outorgada à tribo de Benjamim. Após a guerra civil contra a tribo de Benjamim, Betel passou à tribo de Efraim, tendo ficado na fronteira entre Efraim e Benjamim.

Durante algum tempo, esteve ali localizada a arca da aliança, o centro da vida religiosa de Israel. Os oráculos divinos eram ali consultados (Juí. 20:18). A profetisa Débora vivia perto de Betel (Juí. 4:5). Foi em Betel que o profeta Samuel estabeleceu um de seus tribunais, em seus circuitos por todo o território de Israel (I Sam. 7:16).

O local não é mencionado por nome nos dias de Davi e Salomão, mas a arqueologia tem mostrado que foi cidade próspera durante o período. Jeroboão fez de Betel o seu extremo sul, ao passo que Dã era o seu extremo norte. E Betel foi transformada em sede da adoração aos bezerros de ouro (I Reis 12:28-33 e 13:1). Os profetas abominavam tal associação, intitulando a cidade de Bete-Áven, «cidade de ídolos» (Amós 1:5; Osé. 4:15 e 5:8). Foi conquistada por Abias, rei de Judá (II Crô. 13:19), mas posteriormente reverteu ao reino do norte, Israel (II Reis 10:28). Quando Josias marchou para o norte, após a queda da Assíria, ele não destruiu Betel, mas apenas o templo que ali havia. No entanto, a cidade foi destruída juntamente com Jerusalém, pelos babilônios, em 587 A.C. A presença de colonos babilônios, na região de Samaria, é notada em II Reis 17:24,30. Betel foi destruída mediante um grande incêndio, em 553 ou 521 A.C., talvez a mando de Nabonido da Babilônia, ou então pelos persas, imediatamente antes do reinado de Dario.

Após o exílio, Betel tornou-se uma pequena aldeia de mínima importância. O recenseamento da época de Esdras e Neemias mostra que sua população era diminuta (Esd. 2:28). Aparece entre as duas aldeias situadas mais ao norte de Benjamim (Nee. 12:31 *ss*). A arqueologia também tem provado que Betel foi ocupada durante o período helênico, embora não haja referências literárias a ela, durante esse período. Os trechos de I Macabeus 9:50 e Josefo (*Anti.* xiii.1,3) mostram que ela foi fortificada por Baquides. Era cidade florescente na época dos Macabeus. No começo da dominação romana, houve alguma destruição ali, promovida por Pompeu ou Vespasiano. Algumas construções romanas têm sido ali escavadas pelos arqueólogos. De acordo com Josefo (*Guerras* iv.9,9), Vespasiano capturou a cidade, deixando ali uma guarnição romana.

Não há qualquer alusão a Betel no Novo Testamento, — mas Jesus deve ter passado pela localidade, em suas viagens de Siquém a Jerusalém. Eusébio alude à localidade como uma aldeia extensa, no século IV D.C., quando então continuava sendo considerada um santuário. Foi construída uma igreja bizantina em sua extremidade oriental, talvez para assinalar o local da visão de Jacó. Uma outra igreja cristã foi erigida ali no século VI, talvez para comemorar o santuário de Abraão, que havia no lugar. Uma terceira igreja bizantina foi levantada em Betel. Em cerca de 500 D.C., foi levantada ali uma nova muralha, talvez como defesa contra os samaritanos revoltados. Interessante é que a cidade acabou desaparecendo da história, sem qualquer explicação conhecida. Perto de suas ruínas há a atual aldeia de Beitin. A história de Betel tem sido ilustrada pelas descobertas arqueológicas, que nos fazem retroceder aos tempos mais primitivos. Ver o artigo geral sobre o assunto. (ALB AM KEL UN Z)

BETEL (DEUS PAGÃO)

No hebraico, «casa de El». El era uma divindade dos semitas ocidentais, o que tem sido confirmado pelo onomástico dos papiros aramaicos de Elefantina, do Egito e dos textos cuneiformes neobabilônios, que contêm cerca de quinze nomes diferentes. Quanto ao Antigo Testamento, ver Zac. 7:2; Jer. 48:13; Amós 5:5. Na primeira dessas referências a alusão é ao templo dessa divindade, visto que a expressão encontrada no versículo seguinte é «bete Yahweh» (em nossa versão, «casa do Senhor»). Isso significa que uma tradução mais apropriada de Zacarias 7:2 diria «casa de El», em vez de Betel. Há outras combinações do nome, referindo-se àquela divindade pagã, como Bete-Eloim (cerca de cinqüenta vezes), Bete-Sharezer, e também nomes babilônicos como Bitilishezibe e Bitilisharusur. A combinação bete Yahweh ocorre por cerca de duzentas e cinqüenta vezes no Novo Testamento. Mas Betel, sem qualquer combinação, não figura no Antigo Testamento hebraico, exceto quando se refere à cidade desse nome, nunca o fazendo no caso do nome daquela divindade. Os textos Elefantinos provam, acima de qualquer dúvida, que tal nome era aplicado a uma divindade. Tanto é assim que uma outra divindade desse nome era conhecida no panteão fenício de Ugarite, que dá nomes de deuses até do segundo milênio anterior à era cristã. (ALB VI Z)

BETEL, MONTE DE

Uma cadeia montanhosa que ficava ao sul da cidade de Betel (Jos. 16:1), —que deve ser distinguida da cidade propriamente dita.

BÊTEN

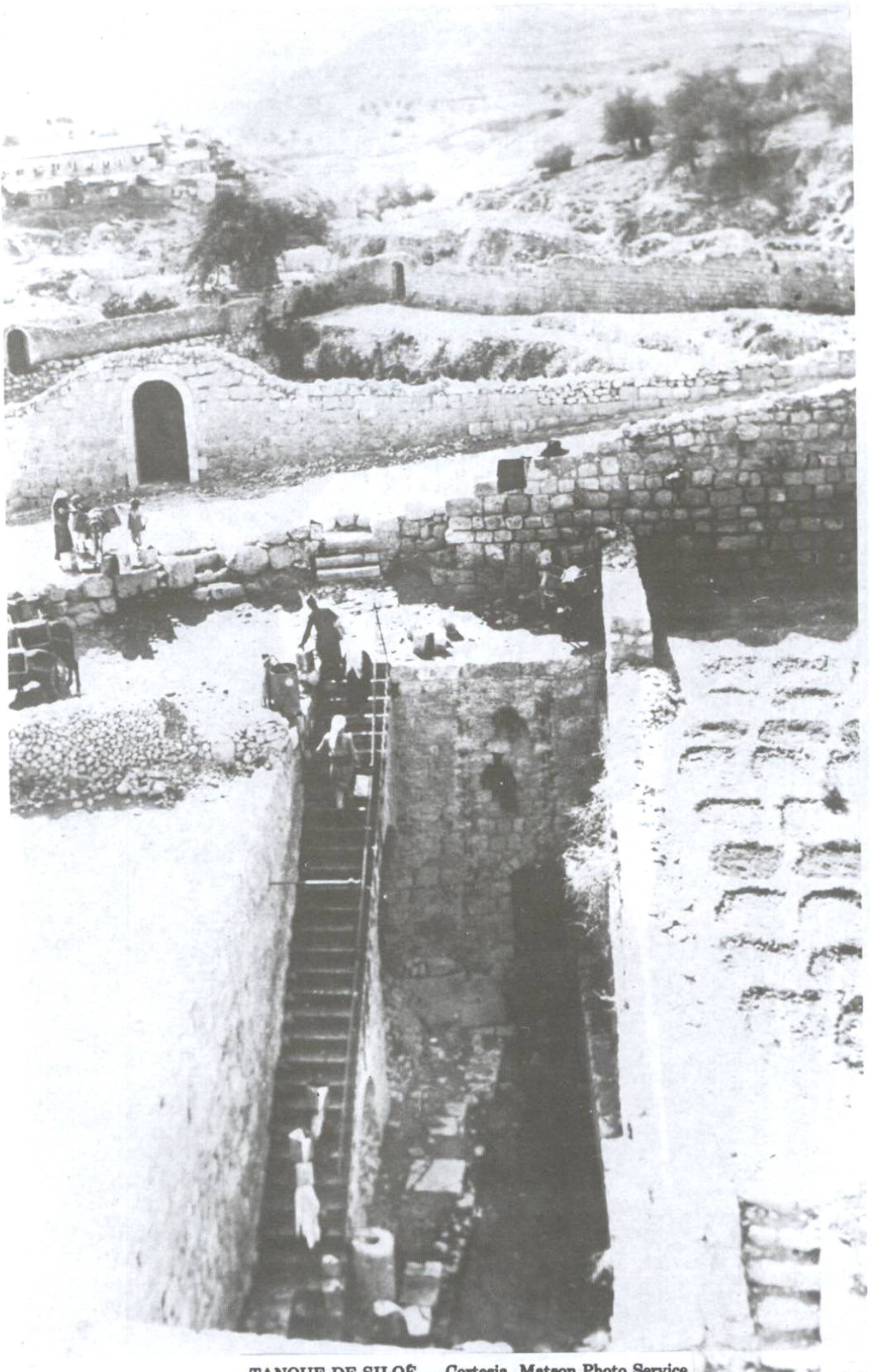
No hebraico, «ventre» ou «útero». Uma cidade pertencente à tribo de Aser (Jos. 19:25). Eusébio informa-nos que ficava a oito milhas romanas a leste de Acre, e que era chamada em seus dias pelos nomes de Bebeten ou Betebeten (onomástico). Tem sido identificada com a moderna El B'aneh, embora não haja certeza absoluta quanto a isso.

BETESDA

Aparece somente em João 5:2. No grego, **Bethesdá**, é a transliteração do termo aramaico que significa «casa da misericórdia». Era o nome de um tanque ou reservatório que ficava perto da porta das Ovelhas, em Jerusalém. Ao redor desse tanque havia cinco alpendres ou pavilhões, onde muitos enfermos eram deixados, à espera do suposto benefício das águas do tanque, que vez por outra, eram agitadas, produzindo curas maravilhosas em quem primeiro se atirasse nas mesmas. O local está envolvido em um dos maiores milagres realizados por Jesus, relatado na íntegra em João 5:1-18. O quarto versículo dessa passagem não é autêntico, porquanto não figura no original grego; antes, trata-se de uma glosa escribal posterior, que procura explicar por que razão os enfermos eram deixados ali. Ver uma discussão sobre essa variante textual, *in loc.*, no NTI. O relato fala da cura de um homem que estivera paralítico durante trinta e oito anos. Por causa dessa cura, o ódio dos judeus incrédulos contra Jesus redobrou, visto que o milagre ocorreu em um dia de sábado. Quando Jesus defendeu-se da tola acusação, explicou: «Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também». E o escritor sagrado ajunta: «Por isso, pois, os judeus mais ainda procuravam matá-lo, porque não somente



TANQUE DA BETESDA — Cortesia, Matson Photo Service



TANQUE DE SILOÉ — Cortesia, Matson Photo Service

violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus» (vss. 17 e 18).

O local é atualmente identificado com um tanque encontrado durante reparos feitos em 1888, próximos da igreja de Santa Ana, no bairro de Bezeta, em Jerusalém, não distante da porta das Ovelhas e da torre de Antônia. O tanque foi encontrado por débaixo da cripta do templo cristão arruinado (século IV D.C.), com um pórtico dotado de cinco arcos e com pinturas afresco muito esmaecidas, retratando a cura miraculosa do paralítico. Os cruzados consideravam que aquele era o lugar autêntico do milagre, razão pela qual construíram aquela igreja.

Orígenes e Cirilo de Jerusalém mencionaram a presença de uma fonte que jorrava de forma intermitente, com águas muito ferruginosas, parecendo sangue. Eusébio imaginava que a coloração dessas águas provinha dos sacrifícios de animais que se ofereciam no templo. Seja como for, o mais provável é que a lenda de um anjo que vinha agitar ocasionalmente as águas do tanque se devesse à ação do jorro intermitente, talvez devido às flutuações das águas freáticas. Ver a completa exposição da questão no NTI. (NTI UN)

BETEZATA

Ver o artigo sobre **Betesda**.

BETFAGÉ

Deriva-se de um termo aramaico que significa «figos verdes». Era uma aldeia existente nas faldas do monte das Oliveiras. É mencionada no relato da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, paralelamente à Betânia (Mat. 21:1; Mar. 11:1 e Luc. 19:29). Fica à margem ou nas proximidades da estrada de Jericó a Jerusalém. No Talmude, Betfagé é algumas vezes mencionada como separada de Jerusalém; mas, de outras vezes, como parte integrante da mesma. Uma possível identificação moderna é Kefr et Tur. Não há qualquer menção à localidade, nas páginas do Antigo Testamento.

BET HAMIDRASH

No hebraico, literalmente, «casa de estudo». Indica algum lugar onde os estudantes judeus costumam reunir-se para ouvir a Midrash (ver o artigo), ou seja a interpretação expositiva das Escrituras. Tal expressão é freqüentemente empregada como sinônimo de sinagoga (ver o artigo), visto que a sinagoga também é uma casa de estudo. (E)

BET HILLEL E BET SHAMMAI

Duas escolas rabínicas, compostas dos discípulos de Hillel e de Shammai (ver os artigos), que floresceram durante o primeiro século da era cristã. Os discípulos levavam a seus mestres pontos debatíveis sobre a lei, as Escrituras, a ética e a política. Os discípulos de Hillel eram mais liberais e lenientes, — ao passo que os de Shammai eram inflexivelmente severos. Para exemplificar, na questão do divórcio, os discípulos de Hillel aceitavam que um casamento terminasse por certa variedade de razões; mas os discípulos de Shammai só permitiam o rompimento dos laços do matrimônio por motivo de adultério. Finalmente, prevaleceu a posição da escola de Hillel, pois, em cerca de 100 D.C., ficou decidido que, em todas as disputas legais, seriam seguidas as opiniões da Bet Hillel. (E)

BETH, KARL

Professor da Universidade de Viena, na Áustria (1872- ?). Foi investigador de fenômenos religiosos à luz da filosofia, da psicologia e da sociologia. Escreveu sobre o fenômeno dos milagres, adotando o dito de Reinhold Seeberg de que «Cristo é um milagre tão grande, que todos os outros são pequenos em comparação a ele». Beth rejeitava a crítica da religião, feita por Freud, como também a teologia dialética de Karl Barth, e, igualmente, toda forma de secularização. (E)

BETOMASTAIM

Um lugar nunca identificado, que fazia frente para a planície de Esdrelom, no lado oposto da planície, perto de Dotã (Judite 4:6). Era uma posição militar estratégica, no tocante à planície de Esdrelom. Por esse motivo, o sumo sacerdote Joaquim requereu que o local fosse bloqueado, a fim de impedir a passagem das hordas de Holofernes, o general assírio. Depois que Judite tirou a vida de Holofernes, em sua tenda, um magistrado de Betúlia (terra natal de Judite), de nome Uzias, solicitou ajuda da parte de Betomastaim (Judite 15:4), para que pudesse destruir os exércitos assírios. (Z)

BETONIM

No hebraico, «nozes de pistácia». Era uma cidade do território de Gade, bem ao norte, já na fronteira com Manassés (Jos. 13:26), — cerca de 27 km a nordeste de Jericó. A palavra aparece novamente em Gên. 43:11, onde, em português, é corretamente traduzida.

BETSAIDA (da Galiléia)

Vem do aramaico, «casa de pesca» ou «casa do pescador». Era uma cidade da Galiléia, na costa ocidental do mar de Tiberíades (João 1:44; 12:21). Ficava localizada perto de Cafarnaum (Mar. 6:45; 8:22). O lugar nunca é mencionado no Antigo Testamento. Era cidade natal de Pedro, André e Filipe. Foi freqüentemente visitada por Jesus. Pedro também possuía uma casa em Cafarnaum. Ali Jesus entrou na casa de Pedro (casa de sua sogra?), e curou a sogra dele de uma febre (Mat. 8:13,14). Foi também em Betsaida que Jesus multiplicou os pães e os peixes para os cinco mil homens (Luc. 9:10).

A narrativa do quarto evangelho lança alguma confusão ao dizer que «...atravessou Jesus o mar da Galiléia, que é o de Tiberíades» (João 6:1), e então realizou o milagre de multiplicação. Isso faria com que o local desse milagre tivesse sido no lado oriental do lago; mas, algures, lê-se que Betsaida ficava na própria Galiléia (João 12:21). Por causa disso, alguns eruditos têm imaginado a existência de duas Betsaidas, para justificar essa dificuldade, um antigo truque dos harmonistas. Plínio e Jerônimo dizem-nos que Betsaida ficava no lado oriental, o que fortaleceria o argumento dos harmonistas. A tradição localiza o sítio da multiplicação em 'Ain et-Tabighah, a dois quilômetros e meio a oeste de Cafarnaum, concordando com os evangelhos sinópticos. Portanto, há alguma coisa que não podemos compreender e harmonizar nos relatos. Se havia apenas uma Betsaida, então não podemos ter certeza de sua localização antiga, e nem de qualquer identificação moderna. As referências feitas por Josefo (ver *Anti.* xviii.2.1; e *Guerras* ii.9,1) situam a cidade no lado oriental do rio Jordão e ao norte do lago de

Tiberíades. Em vista desses informes, é possível que a expressão «Betsaida da Galiléia», em João 12:21, seja uma expressão muito liberal, como designação geral, fazendo com que a Galiléia envolvesse a margem oriental do rio Jordão e o norte do lago de Tiberíades. Não obstante, a questão não se reveste de maior importância.

Após uma viagem na direção de Tiro e Sidom, Jesus retornou à Galiléia, onde curou o surdo-mudo, multiplicou pães para quatro mil homens, argumentou com os fariseus e chegou a Betsaida (Mar. 8:22). Curou um cego que lhe fora trazido da cidade, e em seguida, partiu para o norte, para Cesaréia de Filipe. Em Marcos 8:26, Jesus chamou Betsaida de «aldeia». Jesus não obteve grande sucesso em Betsaida, a despeito de seus diversos milagres na região (Mat. 11:21 *ss*; Luc. 10:13). Somos informados, em João 5:2, que Jesus curou um inválido à beira do tanque de Betesda (ver o artigo),— que, em alguns manuscritos latinos, bem como em certos manuscritos siríacos e etíopes é chamado de—tanque de Betsaida. Porém, melhor é a outra variante, Betesda. Ver o problema dessa variante e suas evidências, *in loc.*, no NTI. (EW KO SM)

BETSAIDA DE GAULONITE

A Betsaida mencionada em Marcos 8:22-26, de acordo com alguns estudiosos, tem sido identificada como a mesma Betsaida da Galiléia (ver o artigo). Outros eruditos, porém, pensam que se tratava de uma localidade diferente daquela, além de afirmarem que foi ali que ocorreu o milagre da multiplicação dos pães para os cinco mil homens e a cura do homem cego, na estrada para Cesaréia de Filipe. Originalmente, era uma pequena aldeia, mas o tetrarca Filipe adornou-a e deu-lhe o novo nome de Julias, em honra a Júlia, filha do imperador Augusto (Josefo, *Anti.* xviii.2.1). Filipe foi sepultado ali. Os árabes identificam-na com a moderna El Tel. Muitos estudiosos não vêem qualquer necessidade da postulação de duas cidades chamadas Betsaida; e a questão ainda não foi resolvida. (UN)

BETUEL

No hebraico, «residência de Deus» ou «residente em Deus». Era nome de um lugar e de um indivíduo, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Uma cidade pertencente à tribo de Simeão (I Crô. 4:30). Essa forma do nome é preferida pelos eruditos, que supõem que o nome foi corrompido em sua forma variante, Betul (Jos. 19:4), ou em sua outra forma, Betel (I Sam. 30:27). Alguns estudiosos identificam-na com a Khirbet el-Qaryatein, uma ruína ao sul de Hebrom. (ALBA SP)

2. O último dos filhos de Naor, irmão de Abraão. Ele era o pai de Rebeca e de Labão (Gên. 22:22,23; 24:15,24,27; 25:20; 28:2,5). Os documentos da irmandade de Nuzu (tuppi ahatuti) explicam o importante papel desempenhado pelo irmão de Rebeca, Labão, no arranjo do casamento dela, junto ao servo de Isaque, papel esse que esperaríamos que fosse desempenhado por seu pai, Betuel. Josefo (*Anti.* I.16,2) provavelmente estava equivocado ao dizer que o pai de Rebeca estava morto na ocasião, e que, por isso, as negociações foram dirigidas por Labão, irmão da noiva.

BETÚLIA

No hebraico, «habitação de Yahweh». Uma aldeia mencionada somente no livro apócrifo de Judite (4:5; 7:1,3) e que, segundo parece, ficava perto da planície de Esdrelom, pelo lado sul, não longe de Dotaim. Essa cidade estava localizada de tal modo que o exército adversário, dirigido por Holofernes, foi impedido de penetrar na planície que levava diretamente à região montanhosa, bloqueando o acesso para a Judéia, por onde uma pessoa teria de subir a Jerusalém (Judite 4:6,7).

Essa cidade tem sido identificada com a Sheih Shibil, devido a descrição de sua localização. Do alto daquele lugar, i cerca de 475 m acima do nível do mar, obtém-se uma ótima visão das colinas de Samaria e das planícies de Esdrelom. Ali foi sepultado o marido de Judite (Judite 8:3). É questão debatida se Betúlia é cidade real ou imaginária. Poderia ser um nome simbólico, porquanto o autor desse livro apócrifo estava descrevendo uma espécie de cidade ideal, fiel ao verdadeiro Deus em meio a terríveis ameaças. (SI)

BETUME

Há um termo hebraico, que aparece em Gên. 11:3; 14:10 e Êxo. 2:3, cognato da palavra egípcia e cópta, e que tem o sentido de «asfalto», «betume». No Oriente Médio, de 2500 A.C. em diante, tornou-se um artigo comerciável. Naturalmente, as ocorrências desse asfalto nativo aparecem na área da Síria-Palestina e em derredor. O material era usado para vedação e como argamassa. A tradução grega, na LXX, é *asfaltos*. Essa substância era tida pelos autores gregos, que freqüentemente descreveram o mar Morto, como «limne asfáltitis», especialmente Deódoro Sículo 19.98; e Estrabão 7.5,8. Era material extremamente abundante ao sul do mar Morto, onde antes ficavam as cidades da planície (ver Gên. 18 — 19:29).

BEYSCHLAG, WILLIBALD

Nascido em 1823 e falecido em 1900. Foi um dos líderes da chamada *teologia medianeira*, que combatia tanto a ortodoxia rígida quanto o radicalismo, sobretudo quando se manifestava como ceticismo teológico. Ele também se mostrou atuante em prol da unidade da Igreja. Suas obras mais bem conhecidas são: *Life of Christ* e *New Testament Theology*. (E)

BEZA, THEODORE

Suas datas são 1519 e 1605. Foi amigo, biógrafo e sucessor de João Calvino. Foi líder e teólogo da Igreja Reformada. Vinha de uma próspera família da Burgúndia, na França, tendo sido tutorado por Melchior Womar no estudo dos clássicos, antes de ingressar na faculdade de direito de Orleães. Todavia, não se sentia feliz com a profissão de advogado, e apelou para a literatura. Mantinha benefícios eclesiásticos católicos romanos, mas havia-se casado secretamente, o que veio à luz em 1544. Uma enfermidade série levou-o à conversão a Cristo, e uniu-se à fé reformada, em 1548. Tornou-se professor de grego na academia dirigida por P. Viret, em Lausanne. Mas as condições ali ficaram difíceis, pelo que ele liderou uma migração de ministros e mestres para Genebra, onde se tornou professor de grego, em 1558. Calvino nomeou-o redator de uma recém-fundada academia, em 1559. Beza foi muito bem-sucedido ali, transformando a academia em lugar de erudição clássica e teológica, internacionalmente reconhecida. Envolveu-se também em várias funções

políticas, quase sempre em defesa da causa da Reforma.

Calvino reconhecia nele um de seus mais habilidosos cooperadores, tendo empregado os seus talentos de negociador. Foi enviado ao rei Antônio, de Navarra, em Nérac, para obter a tolerância para os huguenotes (ver o artigo). Quando a guerra civil irrompeu, entre os huguenotes e os católicos da França, em 1562, ele acompanhou o príncipe de Condé como capelão, durante a guerra. É quando foi restaurada uma paz temporária, em 1563, ele retornou a Genebra, onde voltou aos seus deveres.

Quando Calvino faleceu, em 1564, Beza tornou-se uma das principais figuras políticas e religiosas em Genebra. Tornou-se então o principal teólogo da Igreja Reformada Suíça, passando a ser considerado a *verdadeira alma* da Academia de Genebra. Continuou representando a causa reformada em várias capacidades e lugares. Quando da conferência religiosa de Monteplier, em 1586, Beza opôs-se à posição luterana dos teólogos de Wurtemberg. A primeira esposa de Beza faleceu em 1588 e ele casou-se, no ano seguinte, com Catarina del Plano, viúva de um cidadão de Genebra. Passou a ser assediado por calvinistas e luteranos apóstatas, bem como por padres jesuítas. Os jesuítas espalharam o rumor de que Beza falecera e retornara à Igreja de Roma antes de morrer. Isso foi ridicularizado por Beza, em um vigoroso poema. Francisco de Sales tentou muito convertê-lo de volta à Igreja de Roma, mas sem sucesso, para desapontamento do papa Clemente VIII. Beza faleceu em Genebra, a 13 de outubro de 1605.

Obras Principais. Confession of the Christian Faith; Life of Calvin; Ecclesiastical History of the Reformed Churches in France.

O nome de Beza está ligado ao manuscrito grego e latino do Novo Testamento, pertencente ao século VI D.C., chamado Códice D, que contém os evangelhos e o livro de Atos, e que foi apresentado por ele a Universidade de Cambridge, em 1581. Ver o artigo sobre os *Manuscritos*. (AM E C)

BEZAI

No hebraico, «vitória» ou «conquistador»; outros também lhe dão o sentido de «brilhante». Os descendentes de Bezai, em número de 323, estavam entre os que retornaram do exílio babilônico, em cerca de 536 A.C., sob Zorobabel (Esd. 2:17 e Nee. 7:23). Em Nee. 10:18, seu nome também aparece entre os signatários do pacto de Neemias.

BEZALEL

Nas páginas do Antigo Testamento há duas pessoas com esse nome, que, no hebraico, significa «na sombra de Deus», ou seja, sob a proteção divina:

1. Um famoso artífice, filho de Uri (Êxo. 3:30; 31:1-6), ao qual Yahweh encarregou da construção da arca, no deserto. A seu encargo estava todo o trabalho em metais, madeira e pedras, e ele atuou como supervisor geral da construção (Êxo. 31:1-5). Pertencia à tribo de Judá, descendente de Perez, através de Hezrom e Uri (I Crô. 2:5; 18:20). Além de sua habilidade como artífice, o Senhor também lhe deu o impulso de ensinar a sua arte a outros (Êxo. 35:34). Viveu em torno de 1490 A.C.

2. Um dos filhos de Paate-Moabe, um daqueles que se tinham casado com mulheres estrangeiras e foram obrigados a se divorciarem delas, terminado o exílio babilônico (Esd. 10:30), em cerca de 458 A.C.

BEZEQUE

No hebraico, «brecha», posto que alguns preferem «brilho». Era nome de dois lugares, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Uma cidade, residência de Adoni-Bezeque (ver o artigo), pertencente a cananeus e ferezeus (Juí. 1:4,5). Tem sido tentativamente identificada com a Khirbet Bezaq, perto de Gezer.

2. Um lugar onde Saul numerou as forças de Judá e Israel, antes de sair em ajuda a Jabes-Gileade (I Sam. 11:8). Tem sido identificado com a Khirbet Ibziq, a oeste do rio Jordão e a sudoeste de Jabes-Gileade.

BEZER

No hebraico, «forte». Alguns pensam em «minério», de ouro ou de prata. No Antigo Testamento é nome de uma pessoa e de uma cidade:

1. Um filho de Zofa, da casa de Aser (I Crô. 7:37).

2. Uma cidade dos levitas, na região de Rúben (Jos. 21:36; I Crô. 6:78). Tornou-se uma das seis cidades de refúgio em Israel (Deu. 4:43; Jos. 20:8). De acordo com a pedra de Mesa, a cidade ficava situada no território de Moabe. Talvez fosse a mesma Bozra de Moabe, em distinção à Bozra de Edom. Segundo a LXX, em Jer. 48:24, aparece com o nome de Bosar. Foi uma das cidades fortificadas pelo rei Mesa, em cerca de 830 A.C., e talvez deva ser identificada com a moderna Umm el 'Amad, a nordeste de Medega e a leste do monte Nebo.

BEZERRO

Ver **Gado**.

BEZERRO DE OURO

No hebraico, «vitela fundida». Trata-se da imagem que Aarão fabricou, com as jóias que os judeus lhe entregaram, para o fabrico de uma estátua. Ver Êxo. 32; Deu. 9:16; Nee. 9:18; Sal. 106:19; Atos 7:41. Além disso, dois bezerros de ouro foram levantados por Jeroboão I (I Reis 12:28-33; II Reis 10:29; 17:16; Osé. 5:6). Os dois incidentes não tiveram relação mútua, embora ambos dissessem respeito à adoração ao touro, que Israel havia observado entre os egípcios. Ver o artigo sobre *Boi Ápis*.

1. *Êxodo 32 - O Caso de Aarão*. É por demais caridosa para com Aarão a suposição de que ele fabricou esse ídolo a fim de exibir a força de Yahweh, porque o touro (que vide) era símbolo de força para muitos povos antigos. Aarão simplesmente cedeu diante da pressão popular e resolveu agradar ao povo. Mas também é por demais severa a opinião de que Aarão fez isso de todo o coração, julgando que a estátua tivesse algum valor espiritual. Seja como for, encontramos um violento contraste: Moisés estava no monte, recebendo de Yahweh os Dez Mandamentos. Mas Aarão, no sopé do monte, fazia um bezerro de ouro. O quinto versículo parece mostrar que Aarão, de algum modo, procurou justificar o feito, como se o mesmo estivesse relacionado à adoração a Yahweh. Moisés, porém, demonstrou melhor bom senso, deixando claro a enormidade do erro e fazendo o povo *ingerir* o bezerro de ouro, o qual foi moído até tornar-se pó e dissolvido na água (vs. 20). Os levitas, por ordem do Senhor, tiraram a vida a três mil pessoas (vs. 27 *ss*), e a praga que veio em seguida causou ainda pior matança (vs. 35). Esse incidente ilustrou graficamente a seriedade do pecado de idolatria, como também a estupidez dos líderes

espirituais quando concordaram com essa prática.

2. *I Reis 12:26-33 — O Caso de Jeroboão I.* Tendo rompido com Judá e com a adoração em Jerusalém, Jeroboão instituiu dois santuários, um em Betel e outro em Dã. Talvez a fim de imitar os querubins do templo de Salomão, ele levantou dois bezerros de ouro, supondo que Yahweh haveria de manifestar a sua presença entre eles. Alguns estudiosos pensam que os bezerros visavam representar Yahweh diretamente, visto que, no Egito, era comum representar as divindades sob a figura de um touro. Alguns outros têm negado enfaticamente esse ponto, procurando mostrar que essa não era uma prática conhecida entre os povos da Síria e da Palestina, mas muitas coisas podem ter ocorrido naqueles dias sobre as quais nossa arqueologia nada sabe. O relato, mui provavelmente, não deveria ser compreendido como uma tentativa, por parte do rei de Israel, de instituir uma nova religião, e sim, de mostrar que ele foi culpado de corrupção proposital, não sendo inocente em nenhum sentido. Ver I Reis 12:28, que demonstra isso sem a menor sombra de dúvida. Jeroboão disse ao povo: «Basta de subirdes a Jerusalém; vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito!»

Os querubins (esfinges aladas), no templo de Jerusalém, não levavam à idolatria, antes de tudo, porque eram representações de poderes espirituais, e não terrenos; e, em segundo lugar, porque não tinham paralelo nas religiões pagãs dos países vizinhos, o que poderia ter corrompido os israelitas por motivo de associação. A idolatria, na moderna Igreja cristã, é algo inteiramente descabido e incompreensível, considerando o enfático ensino bíblico a respeito, bem como a verdadeira adoração. Consideremos a declaração de Salmos 106:19-21: «Em Horebe fizeram um bezerro e adoraram o ídolo fundido. E assim trocaram a glória de Deus pelo simulacro de um novilho que come erva. Esqueceram-se de Deus, seu Salvador, que, no Egito, fizera cousas portentosas». (ALB GORD)

BHAGAVAD-GITA

Esse nome vem do sânscrito e significa «Cântico dos Bendítos». É o título de um poema filosófico, no sexto livro do *Mahabharata*, um poema épico que supostamente data do século IV A.C. Trata-se de um diálogo entre Arjuna e o deus Khrishna, que atua ali como o condutor da carruagem de Arjuna. Arjuna estava dirigindo sua família em um ataque contra uma outra família, hostil, e o diálogo acompanha as ações. Envolve principalmente problemas éticos.

Temas Principais: 1. Amor a Deus, expresso através de conhecimento, devoção e estrita atenção aos próprios deveres. 2. Essa vereda conduz à salvação ou Nirvana (ver o artigo). 3. A vereda do dever, que expressa amor e devoção, é a vereda superior, embora também haja outras veredas que levam à salvação. Na realidade, o poema é eclético, expondo muitos pontos de vista religiosos. É ali mencionado o caminho do conhecimento, o caminho do trabalho, o caminho das experiências místicas e o caminho do amor. Esses vários caminhos ajudariam o homem a ir-se libertando do «ego» e do que é material. A ênfase maior da obra recai sobre o caminho da fé ou devoção (Bhakti), mas o caminho que cada indivíduo toma depende muito das disposições pessoais e dos dotes de cada um. Naturalmente, um homem bom pode misturar métodos, ao mesmo tempo em que ressalta um deles. 4. As formas do divino são duas: *Brahman*, o conceito impessoal e absoluto de Deus, e *Krishna*, a encarnação pessoal da divindade. 5. A alma não é capaz de nascer e nem de morrer, porquanto é *eterna*. 6. Uma vez liberada de suas existências terrenas, prosseguem em sua individualidade na presença de Deus e em unidade com ele. Mas, se a salvação é encarada como a absorção pelo absoluto impessoal, então isso implica na perda da individualidade. Não obstante, a individualidade que se perde pode ser interpretada como o tipo de individualidade que atualmente conhecemos, ao passo que a individualidade que está em foco é a participação na divina consciência universal, a qual será retida. Assim, na salvação, segundo esse ponto de vista religioso oriental, a alma pode se comunicar com a *Mente Divina*, participando individualmente na essência do *Ser Absoluto*. Esses pontos têm sido debatidos, e diversas conclusões a respeito são atingidas por diferentes teólogos. 7. A doutrina de Deus assume diversas formas.

Essa obra é o livro de devoção mais popular e mais largamente distribuído na Índia, sendo a fonte principal da religião hindu. Esse é um dos três livros canônicos básicos do hinduísmo. Os outros são as *Upanishadas* e o *Brahamasutras* (vide). Há interpretações antigas e modernas a respeito. (AM P SMIT)

BHAIRAVA

No hinduísmo, um dos nomes de Shiva (ver o artigo). O nome significa «temível». Esse é o nome do terceiro membro da trindade hindu. Uma dúzia de formas desse Bhairava-Shiva manifesta-se de vários modos, cada um com um título diferente. (P)

BHAKTI

Vem do sânscrito. Significa «adorar». Esse é o nome dado ao caminho da devoção, segundo o hinduísmo (ver o artigo geral). Os três bem conhecidos caminhos da tradição religiosa hindu, que supostamente levam à união mística com Deus são o caminho das obras (Karma yoga), o caminho do conhecimento (Jnana yoga) e o caminho do amor (Bhakti yoga). Esse último nome é dado às seitas hindus que enfatizam a fé devocional como meio de se atingir a salvação ou o *Nirvana* (que vide). Qualquer pessoa supostamente pode aplicar todos esses métodos de realização, embora usualmente enfatize algum deles mais do que os demais. O hinduísmo bishnuita é aquela seita que mais salienta o caminho *Bhakti* da salvação, contando com várias centenas de milhões de aderentes. Ver o artigo sobre a *yoga* e seus caminhos. A mais recente das yogas é a Hatha Yoga, alicerçada sobre uma fantástica teoria fisiológica, que ensina a existência de uma potência divina dormente em cada pessoa, na base de sua espinha dorsal. Referimo-nos aqui à questão porque a Hatha Yoga, ou «caminho da força», tem-se tornado famosa por todo o mundo, havendo quem a pratique visando apenas supostos benefícios orgânicos e longevidade, embora o sistema se proponha ser um dos caminhos da salvação do hinduísmo. A Hatha Yoga é pouco mais antiga que a invasão islâmica na Índia (712 D.C.). Cada um desses caminhos tem o propósito declarado de permitir que um homem fuja do mundo da matéria, assim liberando sua alma da necessidade de voltar à existência terrena, em um ciclo repetitivo. A extinção é o grande alvo desses caminhos. Mas, segundo o hinduísmo, seria a derrota do egoísmo a fim de ser atingido o superego, no qual o indivíduo é absorvido, e deixa de existir. (P)

••• ••• •••

BIATAS

Ver **Pelaías**.

BÍBLIA — Ver os artigos sobre *Antigo Testamento*, *Novo Testamento* e o tratamento sobre a *Bíblia* abaixo.

A Bíblia como *literatura*. Ver o artigo, *Literatura, A Bíblia como.*

BÍBLIA

Há um certo número de artigos, nesta Enciclopédia, diretamente relacionados à Bíblia, mas que são apresentados em separado, sob outros títulos. Ver os seguintes:

Arqueologia
Autoridade
Bíblia, Versões da
Bíblia, Implicações Éticas
Bíblia em Português
Cânon do Antigo e do Novo Testamentos
Antigo Testamento
Crítica da Bíblia
Dicionários Bíblicos
Exegese Bíblica
Historiografia Bíblica
Inspiração das Escrituras
Língua do Antigo Testamento
Língua do Novo Testamento
Livros Apócrifos, Antigo e Novo Testamentos
Introdução da Bíblia
Manuscritos, Antigo e Novo Testamentos
Novo Testamento
Pseudepígrafos, Antigo e Novo Testamentos
Teologia Bíblica

Esboço

1. Os Termos
2. As Designações Antigo e Novo Testamentos
3. A Coletânea
4. A Unidade da Coletânea
5. Línguas
6. Divisões
7. Usos da Bíblia

1. Os Termos

A palavra portuguesa Bíblia vem do grego, **bíblia**, que é o plural de *bíblion*, «livro». Portanto, significa «livros». Essa palavra deriva-se originalmente da cidade fenícia de Biblos (no Antigo Testamento, Gebal), que era um dos antigos e importantes centros produtores de papiro, o papel antigo. Com o tempo, esse vocábulo terminou sendo usado para designar as Sagradas Escrituras. A palavra grega *bíblos* significa um livro, um escrito qualquer, tendo mesmo servido para indicar o livro da vida, como se vê em Apo. 3:5, isto é, um livro sagrado. Estritamente falando, *bíblos* era um livro, e *bíblion* era um livrinho.

A palavra *Bíblia*, mediante um desenvolvimento histórico divinamente dirigido, segundo cremos, veio a designar o Livro dos livros, as Escrituras Sagradas, compostas do Antigo e do Novo Testamentos, a principal fonte de ensinamentos religiosos e éticos de nossa civilização.

Por volta do século II D.C., os cristãos gregos já chamavam suas Escrituras Sagradas de *ta Bíblia*, ou seja, «os livros». Quando esse título foi então transferido para a versão latina, foi traduzido no singular, dando a entender que «o Livro» é a Bíblia. Nos livros apócrifos do Antigo Testamento, a versão LXX usa o termo grego *bibloi*, «livros», indicando os escritos sagrados. Ver também I Macabeus 12:9. Em I Macabeus 1:57, encontramos os livros do pacto. No prólogo do livro de Eclesiástico, as Escrituras são chamadas de a lei, os profetas e outros livros (*bíblia*). No Novo Testamento encontramos o vocábulo «Escrituras», empregado para indicar o Antigo Testamento (Mat. 21:42; Mar. 14:49; Rom. 15:4), ou «Sagradas Escrituras» (Rom. 1:2), ou «a lei e os profetas» (Mat. 5:17), ou «lei» (João 10:34), ou «os oráculos de Deus» (Rom. 3:2).

2. As Designações Antigo e Novo Testamentos

Essas expressões vêm sendo usadas desde os fins do século II D.C., para distinguir entre as Escrituras judaicas e as Escrituras cristãs. Alguns preferem a palavra «pacto» (no grego, *diatheke*), — em vez de «testamento». Todavia, tornou-se generalizado o uso da palavra «testamento». Visto que os pactos dependem da morte do testador (Heb. 9:1-8,16,17; 10: 19-22, especialmente 9:16,17), os dois grandes pactos das Escrituras na realidade são testamentos. Ver o artigo geral sobre os pactos que fazem parte integrante do grande Pacto entre Deus e o homem. Quanto a uma completa discussão sobre o termo «pacto», onde se discute se o mesmo é melhor ou não que o termo «testamento», ver as discussões em Heb. 9:16-18, no NTI. A palavra «testamento» entrou em uso por haver sido a tradução adotada na versão latina para o vocábulo grego *diatheke*. Daí por diante, o termo passou para muitos idiomas modernos. A palavra hebraica correspondente é *berit*, que foi traduzida por *diatheke*, tanto na LXX como, mais tarde, no Novo Testamento.

3. A Coletânea

A Bíblia é uma coletânea de sessenta e seis livros: 39 no Antigo e 27 no Novo Testamento. Foram reunidos em um só volume através do processo da canonização. Ver o artigo sobre o *cânon*, quanto a plenos detalhes sobre a questão. A LXX (tradução completada cerca de duzentos anos antes da era cristã, das Escrituras judaicas para o grego) conta com catorze livros adicionais, chamados *livros apócrifos* (ver o artigo), os quais foram aceitos pela Igreja Católica Romana como parte integrante de sua Bíblia oficial, no Antigo Testamento, por ocasião do concílio de Trento (1545-1563), com a exceção de I e II Esdras e a Oração de Manassés.

O processo de canonização precisou de vários séculos para terminar. Várias autoridades antigas rejeitavam livros que atualmente aceitamos. Apesar disso, podemos estar certos de que o processo histórico estava sendo controlado pelo Espírito de Deus, de tal modo que a coletânea que possuímos é autoridade espiritual genuína, devendo ser tratada como tal, mesmo quando a nossa idéia de autoridade (ver o artigo) inclua mais do que documentos escritos em qualquer número.

4. A Unidade da Coletânea

A Bíblia, naturalmente, é muito mais heterogênea do que muitas pessoas querem admitir. Alguns chegam a pensar que a reunião do Antigo e do Novo Testamentos, em um único volume, é uma perversão; mas tal opinião é exagerada. Não obstante, precisamos reconhecer que a natureza absolutamente homogênea da Bíblia, que é defendida por aqueles que têm a Bíblia como sua única regra de fé e de prática, é um conceito imposto à coletânea sagrada pela interpretação de indivíduos ou denominações. Disso resulta que se o indivíduo ou sua denominação encontram na Bíblia algum ensino com o qual não concordam, o ensino bíblico termina sendo distorcido, para concordar com os padrões denominacionais.

O primeiro problema a ser enfrentado é a rejeição de certas porções do Antigo Testamento pelo Novo Testamento. Muitas das instituições religiosas do povo israelita, como o sistema de sacrifícios, a tentativa de justificação mediante a observância da lei, etc., foram suplantadas por novos conceitos, que figuram no Novo Testamento. Se não houvesse notáveis diferenças entre o antigo e o novo pactos, Paulo não teria sido perseguido e nem teria sido reputado um herege. Não podemos ocultar as diferenças. Podemos tentar explicar, dizendo que Deus guiava o processo, e que o antigo pacto mesclou-se com o novo, em uma evolução histórico teológica. Mas declarações como essa não explicam as grandes diferenças entre os dois testamentos. Na verdade, a *mudança* faz parte da essência ou mecanismo do nosso crescimento teológico. Sem tal mudança, jamais avançaríamos em nosso conhecimento sobre as realidades divinas. Por conseguinte, onde houver mudança e transformação, esperamos também encontrar desenvolvimento, *crescimento*.

As pessoas que se opõem às mudanças, com base em dogmas supostamente imutáveis, também se opõem ao crescimento. Nada há de errado no fato de que o Novo Testamento incorpora algumas mudanças radicais de conceito. — Isso pode suceder e, realmente, sucederá novamente, quando nosso conhecimento de Deus passar para um nível superior. Algum dia, não sabemos quando, outras revelações nos serão confiadas, que suplantarão muito daquilo que o Novo Testamento diz — embora outras coisas sejam permanentes — da mesma maneira que o Novo Testamento suplantou o Antigo Testamento. Talvez isso venha a ocorrer quando Israel tornar-se a cabeça das nações, e nosso sistema mundial tornar-se coisa do passado, quando estivermos vivendo na era do milênio. Uma das coisas que as Escrituras predizem acerca do milênio é que a lei de Deus será observada com um rigor como nem mesmo no antigo Israel se viu qualquer coisa similar. (Ver Isa. 51:4,5). Isso não representará um retrocesso, mas sim, um avanço. O milênio será uma excelente ocasião para novas revelações, embora eu diga isso especulativamente, e pense que tal especulação é razoável.

Naturalmente, mesmo em nossos dias alguns afirmam já ter recebido novas revelações, como os mórmons e os espíritas. Este artigo não pretende ventilar tal questão. Ver os artigos específicos sobre esses grupos, e também sobre os *Modernos Livros Apócrifos*.

No próprio Novo Testamento não encontramos uma única teologia, sempre no mesmo nível de revelação e sempre congruente. Consideremos o livro de Tiago, lado a lado com a epístola paulina aos Gálatas! Sem dúvida, de um para o outro, houve evolução na exposição da verdade divina. Mas isso não nos choca, quando levamos em conta a controvérsia que houve na Igreja primitiva, —que é refletida no décimo quinto capítulo de Atos. Por assim dizer, Tiago representava a facção legalista da Igreja, ainda sem se haver desmamado inteiramente da sinagoga, ao passo que Paulo é representante de uma nova onda de pensamento, que já se afastava radicalmente das idéias judaicas. No entanto, as idéias expostas por ambos encontram-se, lado a lado, no Novo Testamento.

A epístola a Tiago foi um dos livros disputados nos primeiros séculos da Igreja cristã, exatamente em face de sua divergência em relação a Paulo. Interpretações modernas podem tentar fazê-los dizer uma mesma coisa, mas a harmonização forçada visa muito mais o nosso conforto mental. Todavia, a fé robusta não precisa de harmonização completa entre todos os escritores sagrados. Às vezes eles estavam tratando de questões multifacetadas, sem qualquer tentativa de combinar suas idéias com as de outros escritores sagrados. Por essas razões, a fé pode florescer mesmo em meio a divergências, mistérios e controvérsias. Além disso, se há pontos duvidosos nos livros que foram rejeitados como parte integrante do Novo Testamento, não sou forçado a seguir tudo o que esses livros dizem, somente porque neles há coisas que me podem ser de proveito. É mesmo possível que o Espírito do Senhor tenha permitido essa diversidade, dentro de nossos documentos sagrados, com o propósito de alertar-nos para o fato de que, no estágio espiritual em que nos achamos, sempre nos veremos às voltas com divergências e questões teológicas não resolvidas. Isso equivale a dizer que ainda somos crianças espirituais, que ainda estamos mexendo com conceitos simples, que de modo algum esgotam *toda* a verdade divina. Há mistérios que Deus ainda não revelou. Isso vem sendo dito desde o Antigo Testamento: «As cousas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus; porém, as reveladas pertencem a nós e a nossos filhos para sempre...» (Deu. 29:29).

Certamente a teologia não é simples e fácil. É fácil distorcer o que o Espírito nos diz nas Escrituras. Pedro adverte-nos acerca disso, II Ped. 3:15-18. Portanto, concluo que a coletânea sagrada, embora não sejamos capazes de harmonizar cada particular com o resto, serve de seguro guia espiritual. Afinal, é a única revelação em forma escrita que temos da parte de Deus! Atrevo-me mesmo a dizer que as dificuldades são pseudodificuldades, motivadas pelo fato de que ainda estamos na fase da mamadeira, espiritualmente falando. Apesar disso, quando da formação do cânon, aquilo que entrava em divergência patente com o ensino bíblico, foi sendo rejeitado, e, em nossas mãos, restou uma coletânea de livros fidedignos.

A maior parte dos livros apócrifos do Novo Testamento envolve os primeiros escritos gnósticos. O gnosticismo foi um formidável adversário do cristianismo primitivo. Há livros inteiros escritos para combatê-lo (Gálatas, Colossenses, I João, etc.). Se o gnosticismo tivesse ganho na disputa, o cristianismo ter-se-ia transformado em mais uma das religiões misteriosas da cultura grego-romana. Ver o artigo sobre o *gnosticismo*. Mas, a despeito de algumas divergências e pontos obscuros, há uma espécie de unidade geral que vincula entre si o Antigo e o Novo Testamentos, bem como os elementos heterogêneos do próprio Novo Testamento. O Espírito de Cristo transparece em meio a tudo, o que podemos divisar no desenvolvimento histórico-teológico que nos está conduzindo cada vez mais para perto de Deus. Nessa conexão, é significativo o fato de que tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos foram produzidos pela fé dos hebreus, em estágios distintos de crescimento, embora haja alguma mistura com idéias helenistas, o que já ocorria no próprio judaísmo do começo da era cristã. Para exemplificar o que dizemos basta-nos pensar nos muitos temas doutrinários comuns. Também há uma ética comum, embora a ética do Novo Testamento seja mais profunda e espiritualizada que a do Antigo Testamento, pois, no novo pacto leva-se mais em conta o motivo por detrás das ações, e não apenas os atos externalizados. Um laço de união é a esperança messiânica, forte tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Não fora Cristo a figura central da Bíblia! Por isso mesmo, há muitíssimas citações diretas e alusões do Antigo Testamento no Novo. Westcott e Hort, em seu Novo Testamento Grego,

encontraram nada menos de cerca de 980 citações diretas (360 só no Apocalipse), algumas das quais combinando duas ou três passagens do Antigo Testamento! As alusões são simplesmente incontáveis. Ver o artigo sobre *Citações do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Ver o artigo separado sobre *Teologia Bíblica*, que também ilustra a unidade da coletânea sagrada, do ponto de vista doutrinário.

5. Línguas

Nesta Enciclopédia há artigos separados para os idiomas em que foram escritos o Antigo e o Novo Testamentos. Portanto, aqui expomos uma breve declaração. O Antigo Testamento foi escrito em hebraico, excetuando-se unicamente os trechos de Dan. 2:4 — 7:28; Esd. 4:8-6:18; 7:12-26 e Jer. 10:11, que foram escritos em aramaico. O aramaico era um dialeto semita que os israelitas adquiriram como seu idioma quando estavam no exílio, e que gradualmente foi suplantando o hebraico. Por causa de algumas poucas citações em aramaico, postas nos lábios de Jesus, sabemos que ele falava o aramaico como seu idioma natural. O hebraico antigo (clássico) era um dialeto cananeu, bem próximo do fenício e do ugarítico. (Ver o artigo sobre o *Alfabeto*, que nos fornece discernimento quanto à relação entre o hebraico e línguas semíticas cognatas. Ver também sobre o *hebraico*).

O Novo Testamento foi integralmente escrito em grego, excetuando-se algumas expressões usadas por Jesus e por Paulo. Algumas poucas autoridades opinam que os evangelhos sinópticos tinham um original em aramaico, mas tal idéia é rejeitada pela vasta maioria dos especialistas. Naturalmente, há até mesmo expressões hebreu-aramaicas (*hebraísmos*), — incluídas no texto do Novo Testamento. O grego do Novo Testamento é, essencialmente, a linguagem comum que se falava por todo o império romano como língua franca, chamada grego «koiné» (comum). Esse foi o tipo de grego propagado pelas tropas de Alexandre o Grande, durante suas conquistas, e foi herdado pelo império romano. O latim (língua do Lácio, a região em redor da capital, Roma) só conseguiu suplantar o grego, no imenso império romano, no século IV D.C. Todavia, a linguagem do Novo Testamento sofreu influências do grego do período anterior, através da Septuaginta (LXX), que é a tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, terminada cerca de duzentos anos antes da era cristã, além de ter sofrido influências do pano de fundo hebreu.

6. Divisões

Entre os judeus, o Antigo Testamento era dividido como segue: a. a Lei (Torah) — os primeiros cinco livros, também chamados, coletivamente, de Pentateuco; b. os Profetas (quatro anteriores: Josué, Juízes, Samuel e Reis); (três posteriores: Isaías, Jeremias e Ezequiel); (os doze: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias). Os três livros mais extensos, Isaías, Jeremias e Ezequiel são chamados de *profetas maiores*, nos comentários bíblicos modernos, enquanto que os demais livros proféticos são chamados de *profetas menores*, meramente em vista da quantidade de material que eles contêm — e não porque sejam menos importantes do que os outros. c. Os escritos (Kethumbim), que são os livros poéticos: Salmos, Provérbios e Jó; e d. os Rolos: Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester e Daniel. Nas edições modernas, os livros de Samuel, Reis e Crônicas são divididos em I e II, cada um.

O *Novo Testamento* é o mesmo, no cânon protestante e no cânon católico. Os livros antigamente disputados (sobre os quais várias antigas autoridades do cristianismo tinham dúvidas), como Hebreus, Tiago, II Pedro, II e III João, Judas e Apocalipse, desde o século IV D.C. foram universalmente ou quase universalmente aceitos. Os mesmos nossos vinte e sete livros do Novo Testamento nem sempre eram arrumados na mesma ordem em que aparecem em nossas Bíblias. Assim, os evangelhos, o livro de Atos, as epístolas católicas (ou universais) e o Apocalipse eram escritos em separado. Poucos manuscritos antigos continham todos os nossos vinte e sete livros.

7. Usos da Bíblia

a. Como Literatura. Os dois testamentos constituem um dos mais importantes documentos da humanidade, totalmente à parte de seu uso teológico, porque ali encontramos tesouros preciosíssimos de história, poesia e expressão devocional. Muitas universidades, ao redor do mundo, oferecem cursos de Bíblia somente do ponto de vista literário. Visto que a Bíblia é um dos alicerces da nossa moderna civilização ocidental, uma pessoa realmente educada não pode ignorar a Bíblia, ao menos como literatura. Onde fiz especialização, pós-graduada nos clássicos e em filosofia, havia um professor de filosofia contratado para ensinar assuntos relativos ao Novo Testamento, sob o ponto de vista filosófico, em face da tremenda influência que esse documento tem exercido sobre a história das idéias humanas. Algumas das traduções da Bíblia têm exercido notável influência sobre os idiomas para os quais as Escrituras foram traduzidas. A Bíblia traduzida para o alemão por Lutero padronizou os dialetos germânicos da Alemanha e produziu o alemão moderno. Também não se pode subestimar a influência da *King James Version* da Bíblia sobre o idioma inglês. A Bíblia encerra trechos de esplêndido drama, poesia, prosa histórica, filosofia, teologia e ensinamentos éticos e morais. As composições epistolares de Paulo têm poucos paralelos tão excelentes na literatura mundial.

b. Uso particular. A Bíblia é usada para dar instruções quanto a ética, a doutrina cristã, a doutrina judaica, a história (inclusive como guia das descobertas arqueológicas), e como fonte de consolo pessoal, por muitos milhões de pessoas, inteiramente à parte de escolas e igrejas. Na antiguidade, bem poucas pessoas sabiam ler, além do que os manuscritos eram raros, confinados a bibliotecas, mosteiros e igrejas. Com a invenção da imprensa, tornou-se possível o uso particular das Escrituras. Não demorou muito para que as crianças de alguns lares soubessem mais a respeito da Bíblia do que muitos padres. Os evangélicos sempre se mostraram muito dados ao estudo particular das Escrituras. A Igreja Católica Romana limitava essa prática de forma drástica, temendo interpretações particulares que debilitassem a autoridade da Sé de Roma. De fato, em muitos lugares, o estudo particular da Bíblia tem sido proibido por Roma. É possível que esse tenha sido o pior erro do catolicismo romano, que tem produzido a ignorância quase total das Escrituras pelas massas católicas. As autoridades religiosas que assim prescrevem a Bíblia dos lares e das mãos de particulares devem ser responsabilizadas, pois as pessoas são adultas, não devendo ser tratadas como menores, incapazes de chegarem a conclusões próprias sobre uma questão tão importante quanto é o eterno bem-estar da alma. — Todavia, o Segundo Concílio do Vaticano alterou bastante a situação e as idéias dos católicos romanos a esse respeito. A posição

rígida, assumida quando do Concílio de Trento, contra o exame particular das Escrituras (ver *Trento, Concílio de*), foi abrandada. Atualmente, muitos segmentos da Igreja Católica Romana promovem o estudo da Bíblia, nas igrejas e nos lares. Isso só poderá resultar em grande benefício para os milhões de pessoas envolvidas.

c. Uso Litúrgico. No judaísmo, a leitura das Escrituras, nas sinagogas e em público, era um costume generalizado. Sabemos que nos primeiros séculos do cristianismo havia um lecionário para três anos, que cobria todo o Antigo Testamento. Isso significa que o volume do Antigo Testamento era dividido de tal maneira que podia ser lido publicamente, para a congregação judaica em geral, naquele período de tempo. Um lecionário era uma seção das Escrituras, para ser lida publicamente. Visto que poucas pessoas sabiam ler, e visto que poucos eram os manuscritos existentes, o conhecimento das Escrituras precisava ser divulgado mediante leituras públicas ou mediante o aprendizado particular. Todavia, não sabemos dizer qual era a prática seguida pela primitiva Igreja cristã, embora possamos ter a certeza de que se aproximava da prática judaica, incluindo trechos tanto do Antigo quanto do Novo Testamentos. Com a passagem dos séculos, surgiram os lecionários do Novo Testamento. Aqueles que chegaram até nós pertencem ao século IX D.C. Mas alguns deles contêm textos de grande antiguidade, embora tivessem sido escritos em séculos posteriores; e isso indica que a prática do uso do lecionário mui provavelmente é antiqüíssima entre os cristãos. O texto do Novo Testamento Grego da *United Bible Societies* contém evidências de mais de cem desses manuscritos. As citações que aparecem nas obras dos primeiros pais da Igreja mostram que a leitura pública de um livro servia de sinal de sua aceitação como livro autoritário entre os cristãos. Outros livros de cunho religioso, que os antigos julgavam dotados de valor, eram lidos em estudos individuais, particulares. Uma dessas obras chamava-se Pastor de Hermas. Na Idade Média, parece que diminuiu sensivelmente a prática da leitura pública das Escrituras, exatamente por haver sido uma era de profundo obscurantismo, quando a prepotência papal chegou ao auge. A Renascença, iniciada no século XV, e a Reforma protestante do século XVI reacenderam a prática nobre do estudo da Bíblia, embora não por intermédio dos lecionários. Somente na Igreja Católica Romana são lidos sempre os mesmos trechos criteriosamente selecionados durante a missa, destacados dentre a Bíblia. Os evangélicos preferem ter a Bíblia em casa, folheando-a à vontade, de Gênesis ao Apocalipse.

d. Uso Teológico. A Bíblia sempre foi a principal fonte de informes teológicos, tanto no judaísmo quanto no cristianismo. Uma abundante literatura, sob a forma de comentários, teologias e estudos de tópicos tem ajudado na promoção da *teologia bíblica* (ver o artigo). Alguns supõem, erroneamente, em minha opinião, que a Bíblia precisa ser a única fonte de todas as nossas idéias teológicas. Outros, mais corretamente, dão lugar a outras fontes informativas, na consciência de que nenhum livro ou coletânea de livros pode conter tudo aquilo que Deus sabe e nos comunica. Os apóstolos não citaram exclusivamente as Escrituras do Antigo Testamento, a fim de alicerçarem ou ilustrarem alguma doutrina. Citaram tanto dos chamados livros apócrifos quanto até mesmo da literatura profana, quando isso servia para ressaltar algum ponto doutrinário. Seja como for, todos os cristãos reconhecem a absoluta necessidade de um sólido conhecimento bíblico, se tivermos de organizar qualquer sistema de teologia que mereça o nome. Isso se alicerça sob a fé de que a Bíblia nos foi dada mediante inspiração divina e que ela não é apenas mais um livro entre tantos. Ver o artigo sobre *Autoridade*, que inclui a noção de autoridade bíblica. Em qualquer debate teológico cristão, a Bíblia permanece como obra central, porquanto é o padrão da doutrina revelada; contudo, não nos devemos tornar culpados de *bibliolatria* (ver o artigo), dando à Bíblia um lugar que pertence exclusivamente a Deus.

e. Uso Ético. Os hebreus destacavam-se como homens preocupados com o que era certo e com o que era errado. Estavam dispostos a sacrificar tudo nessa inquirição, sentindo-se na contínua obrigação de agradar a Deus em tudo. Dentro da história da humanidade, os hebreus foram praticamente a única nação que, como uma comunidade, estava interessada na revelação divina. Pode-se dizer que a nação de Israel era uma sociedade religiosa. Toda a cultura judaica alicerçava-se sobre a fé e a prática religiosas. Na sociedade grega, em contraste com isso, encontramos alguns poucos filósofos e legisladores preocupados e pesadamente envolvidos com as questões éticas. Todos os aspectos da vida dos hebreus eram controlados pelos preceitos da lei mosaica. O Novo Testamento aprimorou muitos dos conceitos emitidos pelo Antigo Testamento, incluindo a questão fundamental da motivação e tendo feito da lei do amor um princípio de aplicação universal no campo da ética. A Igreja herdou de Israel esse profundo respeito pelas Escrituras. (AM B IB C E GRE GT H ME)

BÍBLIA, Comentários e Dicionários. Ver estes títulos.

BÍBLIA como Literatura. Ver **Literatura, a Bíblia como.**

BÍBLIA, Crítica da. Ver **Crítica da Bíblia.**

BÍBLIA EM PORTUGUÊS (História da)

Esboço

1. Anos de Preparação
2. Tradução da Bíblia Completa
   a. Almeida
   b. Figueiredo
   c. Rodhen
   d. Soares
   e. Brasileira
   f. Revisão de Almeida
   g. Revisão de Almeida (*Imprensa Bíblica Brasileira*)
   h. A Bíblia na Linguagem de Hoje (*Novo Testamento*)
3. A Bíblia e Os Meios de Desenvolvimento Espiritual
4. Bibliografia
5. Diagrama de Ilustração

1. Anos de Preparação

a. *O rei de Portugal.* D. Diniz (1279-1325) traduziu os vinte primeiros capítulos do livro de Gênesis usando a Vulgata Latina como base. Pode-se ver que o começo da tradução da Bíblia em português ocorreu antes da tradução da Bíblia para o inglês, por João Wycliff.

b. *O rei D. João I* (1385-1433) ordenou a tradução dos evangelhos, do livro de Atos e das epístolas de Paulo. Essa obra foi realizada por «padres» católicos, que se utilizaram da Vulgata Latina como base. Desses esforços resultou uma publicação que incluía os livros mencionados e o livro de Salmos do V.T.,

traduzido pelo próprio rei.

c. *Nos anos seguintes* foram preparadas diversas traduções de porções bíblicas como os evangelhos, traduzidos do francês pela infanta Dona Filipa, filha do infante D. Pedro e neto do rei D. João I; o evangelho de Mateus e porções dos demais evangelhos, pelo frei cisterciense Bernardo de Alcobaça, que se baseou na Vulgata Latina. Este último trabalho foi publicado em Lisboa, no século XV. Valentim Fernandes publicou uma harmonia dos evangelhos, em 1495. Nesse mesmo ano foi publicada uma tradução das epístolas e dos evangelhos, feita pelo jurista Gonçalo Garcia de Santa Maria. Por ordem da rainha Leonora, dez anos mais tarde, eram traduzidos e publicados o livro de Atos e as epístolas gerais.

2. Tradução da Bíblia Completa

a. *Tradução de João Ferreira de Almeida*

Nasceu João Ferreira de Almeida em Torre de Tavares, Portugal, em 1628. Ao realizar sua obra de tradutor era pastor protestante. Aprendeu o hebraico e o grego e assim usou os mss dessas línguas como base de sua tradução, ao contrário dos outros tradutores mencionados acima, que sempre se utilizavam da Vulgata Latina como base. Todavia, aqueles que conhecem os mss, sabem que um bom texto da Vulgata Latina (a despeito das desvantagens de usar latim em vez de grego), é superior aos mss do Textus Receptus, como representante do texto original. O Textus Receptus serviu de base para a primeira tradução de Almeida. O Textus Receptus representa os mss do grupo *bizantino*, o mais fraco e mais recente entre os mss gregos. A Vulgata Latina representa o grupo de mss que se intitula «ocidental», que é superior ao «bizantino». Almeida traduziu em primeiro lugar o N.T., publicando-o em 1681, em Amsterdã na Holanda. O seu título foi: «O Novo Testamento, Isto he o Novo Concerto de Nosso Fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo, traduzido na Língua Portuguesa», o qual por si mesmo revela o tipo de português arcaico que foi usado. Essa tradução continha numerosos erros. O próprio Almeida compilou uma lista de dois mil erros, e Ribeiro dos Santos afirmou que encontrou um número ainda maior de erros. Muitos desses erros foram feitos pela comissão holandesa, que procurou—harmonizar—a tradução de Almeida com a versão holandesa de 1637. Nota-se, igualmente, que Almeida preparou uma tradução literal, e que teve cuidado demais em harmonizá-la com as versões castelhana e holandesa. Além de se ter baseado no Textus Receptus, foi influenciado pela edição de Beza, que pertence aos mss «ocidentais». No artigo sobre os *Manuscritos*, o leitor encontrará explicações sobre os tipos de textos e os valores dos diversos mss gregos e latinos, onde será abordada a questão dos mss do N.T. Devemo-nos lembrar que ao tempo de Almeida, não existia 'nenhum papiro', e poucos eram os unciais (mss em letras maiúsculas), razão pela qual foi necessário lançar mão de fontes inferiores. Por exemplo, o Textus Receptus, feito por Erasmo, em 1516, e que foi o primeiro N.T. impresso, teve como base principal quatro mss, a saber: Ms 1 (século X), ms 2 (século XV), ms 2 (Atos e Paulo, século XIII) e ms 1 (Apocalipse, século XII). Somente o ms 1 tem algum valor, e mesmo assim Erasmo não se apoiou muito nele, por achá-lo um tanto errático. O ms 2 é, essencialmente, o Textus Receptus, pertencente, assim, ao século XV. Almeida empregou a edição de Elzevir do Textus Receptus, de 1633. E a Bíblia completa, traduzida por Almeida, só foi publicada nos primórdios do século XVIII. A despeito do texto inferior por ele usado, bem como dos muitos erros e das edições e correções, essa é a tradução que tem sido melhor aceita pelos protestantes de fala portuguesa. As edições mais modernas têm obtido notáveis progressos na melhoria do texto e da tradução em geral. Depois da *Reforma*, a tradução original de Almeida foi a décima terceira a ser feita em um idioma moderno.

b. *Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo*

Antônio Pereira de Figueiredo, que preparou a primeira tradução da Bíblia inteira, baseada na Vulgata Latina, nasceu em Mação, Portugal, a 14 de fevereiro de 1725. Essa tradução consumiu dezoito anos de trabalho. Em 1896 foi publicada a primeira tradução de Figueiredo, em colunas paralelas da Vulgata Latina e da tradução em português. Essa tradução foi aprovada e usada pela Igreja de Roma, e também foi aprovada pela rainha D. Maria II em 1842. Penetrou em Portugal através de publicações da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. É inegável que a linguagem de Figueiredo era superior à de Almeida, porquanto era mais culto do que este último. Naturalmente que, por haver usado a Vulgata Latina, como base, tem a desvantagem de não representar o melhor texto do N.T. que conhecemos hoje em dia, mediante os mss unciais mais antigos e mediante os papiros, os quais Figueiredo desconhecia por só terem sido descobertos muito mais tarde. A tradução de Figueiredo, pois, saiu do prelo um século depois da de Almeida.

Em 1952 foi publicada uma nova edição pela Livraria Católica do Rio de Janeiro, com comentários baseados em vários teólogos católicos. No Brasil, a primeira tradução foi feita por frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, somente do N.T. Foi publicada em São Luís do Maranhão, e a impressão foi feita em Portugal.

Várias traduções de porções bíblicas ou da Bíblia inteira têm sido feitas neste século XX. Entre elas temos a tradução dos evangelhos feita por D. Duarte Leopoldo e Silva (na forma de harmonia), evangelhos e Atos traduzidos do francês pelo Colégio da Imaculada Conceição, em Botafogo, Rio de Janeiro, e os evangelhos e o livro de Atos, traduzidos da Vulgata Latina, pelos padres franciscanos, em 1909.

c. *Tradução do Padre Huberto Rodhen*

Em 1930, o padre Huberto Rodhen traduziu o N.T. inteiro diretamente do grego, o primeiro tradutor católico a fazer tal tipo de tradução na história da Bíblia portuguesa. Essa tradução foi publicada pela Cruzada de Boa Imprensa, organização católica romana. A linguagem da tradução é bela, mas, infelizmente, tal como na tradução de Almeida, foram usados textos inferiores.

d. *Tradução do Padre Matos Soares*

Essa é a versão *mais popular* entre os católicos. Foi baseada na Vulgata Latina, e em 1932 recebeu apoio papal por meio de carta dirigida do Vaticano. Quase a metade dessa tradução contém explicações dos textos, em notas entre parênteses. Essas notas parentéticas incluem, naturalmente, dogmas da Igreja Romana, da qual pertencia o tradutor.

e. *Tradução Brasileira*

Foi preparada sob a direção do Dr. *H. C. Tucker*, tendo sido concluída em 1917. Essa tradução nunca foi muito popular. Em 1956, de cada cem Bíblias vendidas pela Sociedade Bíblica do Brasil, somente oito pertenciam à Tradução Brasileira. Sua grande vantagem era ter usado mss melhores do que os de Almeida, além de ter sido melhorada na ortografia portuguesa da época. A despeito desses fatos, tal tradução não é mais impressa.

f. *Revisão da tradução de Almeida*—Edição Revista e Atualizada

. Trabalho realizado por uma comissão que agiu sob os auspícios da Sociedade Bíblica do Brasil, trabalho esse iniciado em 1945. A linguagem foi *muito melhorada*, e não resta dúvidas que nessa revisão foram usados mss gregos dos melhores, muito superiores aos do *Textus Receptus*, que Almeida tinha à sua frente para usar na tradução original que fez. Apesar disso, em diversos lugares do texto nota-se que foram *retidas palavras inferiores*, que só figuram nos manuscritos mais recentes. Por exemplo, em Mt. 6:13, «...pois teu é o reino, o *poder* e a glória para sempre, Amém»; são palavras que só aparecem nos manuscritos gregos mais recentes, e em certas edições têm sido usadas sem qualquer sinal que indique que tais palavras não fazem parte do texto original. Algumas edições têm o cuidado de colocar tais palavras entre parênteses, a fim de indicar que não se baseiam em autoridade suficiente nos mss gregos para serem usadas. Isso provoca grande confusão entre as edições. Os textos de João 5:4; Mt. 18:11; 21:44 e Mar. 5:3, entre outros, podem ser mencionados. Todos esses versículos contêm palavras que só aparecem em mss inferiores. Não obstante, somos forçados a admitir que a base do texto grego dessa revisão é *muito superior* àquela usada por Almeida, em sua tradução original.

g. *Revisão da tradução de Almeida*—Imprensa Bíblica Brasileira

Foi publicada como Bíblia completa em 1967, no Rio de Janeiro. Essa revisão é recente e ainda não houve tempo suficiente para se notar a reação do público brasileiro quanto à linguagem e ao estilo da tradução. Só o futuro pode aprovar ou não essa tradução e mostrar a sua aceitação entre as igrejas. Porém, *facilmente* se comprova que essa tradução está mais *bem baseada* nos mss gregos do que a Almeida Revista e Atualizada. Como exemplo disso, as referências mencionadas no parágrafo acima trazem algum sinal que mostra que se trata de palavras duvidosas, baseadas em mss inferiores e não nos melhores mss. Usualmente essas palavras foram deslocadas do texto e postas em nota de rodapé. Outros exemplos que indicam que essa tradução segue os melhores mss são: Mar. 3:14, que elimina as palavras *aos quais deu também o nome de apóstolos*, palavras essas que procedem de manuscritos inferiores do grego. Mar. 7:16 foi um versículo eliminado. Entrou no texto de Marcos como uma *harmonia* com o texto de Mt. 11:15. Também foram eliminados os vss. 44 e 46 do nono capítulo do evangelho de Marcos. Tudo isso serve apenas de exemplos, dentre muitos casos nos quais essa revisão segue os melhores manuscritos. O leitor poderá notar muitos outros casos, nas notas da própria revisão. Gostaríamos que sua linguagem e estilo fossem bem acolhidos pelo povo evangélico, porquanto a sua base está nos melhores mss., devendo ser aceitável a qualquer pessoa que conheça o texto grego no Novo Testamento e os manuscritos que formam uma sólida base na qual se alicerçou essa revisão.

h. *A Bíblia Na Linguagem De Hoje* (Novo Testamento)

Essa publicação da United Bible Societies (através de seu ramo brasileiro) se baseia na segunda edição (1970) do texto grego dessa sociedade. Esse texto tem tirado proveito da *vantagem* da maior parte da pesquisa moderna, pelo que é bom representante do original. Não é diferente do texto de *Nestle* em qualquer ponto essencial, embora o «aparato crítico» que acompanha a edição de *Nestle* e a edição da United Bible Societies, em publicações técnicas. se diferencie quanto à apresentação, embora baseados nos mesmos estudos sobre os manuscritos.

Foi propósito da United Bible Societies publicar em vários idiomas, Novos Testamentos que refletem a linguagem comum e corrente. Portanto, é de se esperar que essas publicações, apesar de serem em idiomas diversos, tenham apresentações similares. Todas as novas traduções tradicionalmente são vilipendiadas por pessoas que as ouvem pela primeira vez, estando elas afeitas a ouvir o evangelho de certo modo. Usualmente, um raciocínio mais sóbrio e a passagem do tempo suavizam o tratamento inicial duro que uma nova tradução recebe. Infelizmente, a crítica com freqüência se baseia apenas na observação que, «Esta tradução é *diferente* aqui e ali», quando comparada com «esta outra tradução de que costumo usar». Raramente tais críticas se baseiam na erudição e no texto grego. Outrossim, as «formas deixadas de fora» em novas traduções normalmente são as simples excisões de adições, mudanças e harmonias feitas por escribas medievais (que distorceram o texto original), adições que não têm qualquer direito a serem reputadas originais, pois estão ausentes na maioria dos manuscritos antigos, especialmente nos papiros.

A passagem do tempo provará para nós uma avaliação adequada sobre esta nova tradução. Gostaríamos que isso se desse mediante o estudo do original, e não mediante meras comparações com as traduções já existentes.

3. A Bíblia e Os Meios do Desenvolvimento Espiritual

A Bíblia, obviamente, tem um lugar entre os meios do desenvolvimento espiritual. As pessoas que usam a Bíblia constantemente para instrução, conforto e inspiração, não a consideram um livro comum. Até as pessoas religiosas mais liberais, acham que, pelo menos em alguns lugares, a *Palavra de Deus* é contida na Bíblia. As pessoas mais conservadoras acham que a Bíblia é a Palavra de Deus escrita, e a tratam com o maior respeito. Ver o artigo sobre *Inspiração*.

Os Meios do Desenvolvimento Espiritual

a. *A leitura da Bíblia* e outros livros de natureza espiritual e inspiradora. A melhor parte da filosofia tem seu lugar como parte deste meio, se usada com a devida cautela. Os livros, de outros campos, que têm alguma relação com a vida espiritual, também têm sua importância no desenvolvimento do espírito. Este meio melhora os nossos conhecimentos e o conhecimento tem uma poderosa influência nas nossas vidas.

b. *A oração* e a *meditação*. A oração é o nosso meio de comunicarmos com o divino. A meditação é o nosso meio de escutar as instruções da *Mente Divina*.

c. *A santificação*, sem a qual, ninguém verá a Deus, Heb. 12:14.

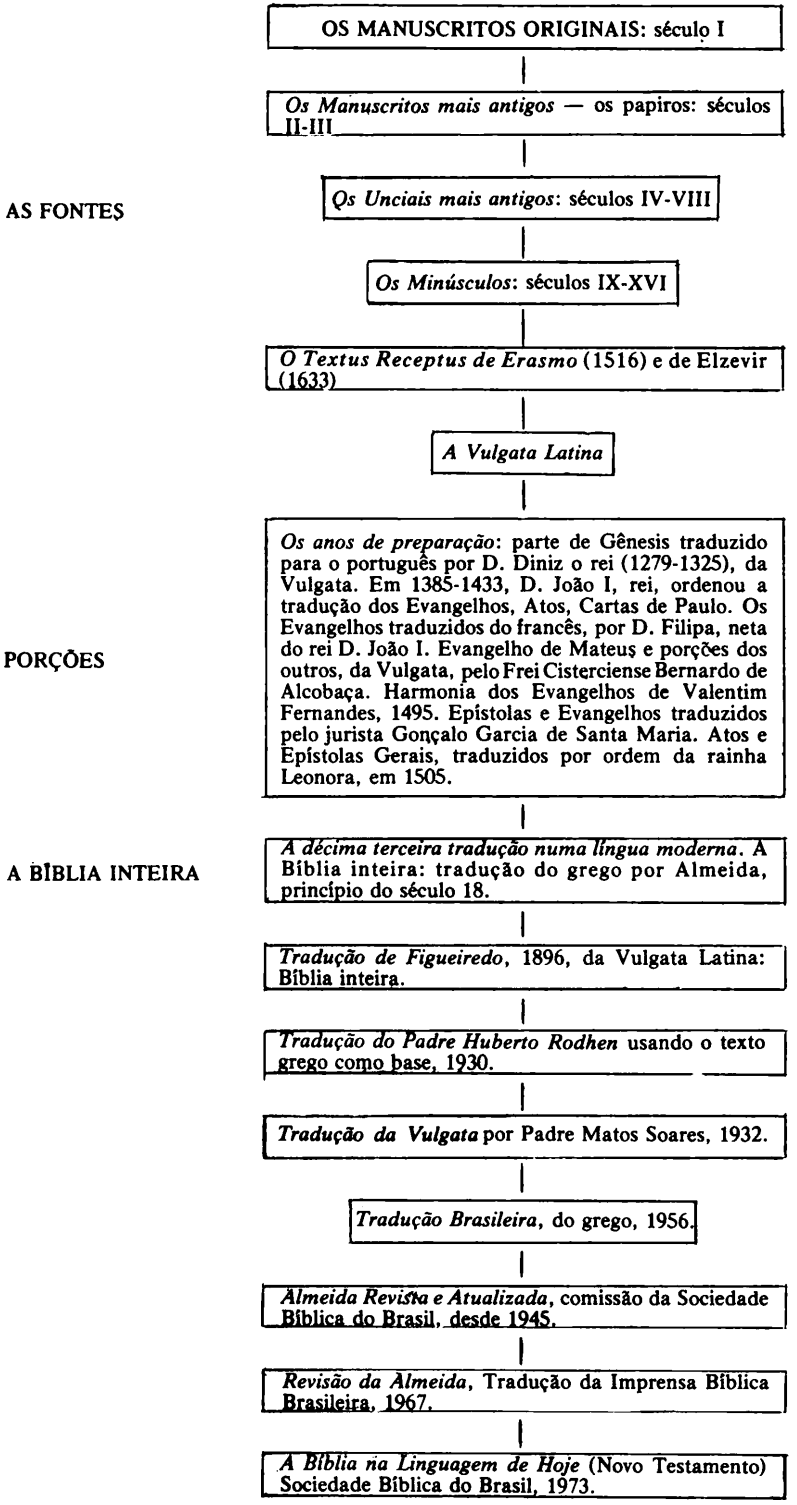
d. *O toque místico* em comunhão com o Espírito: os dons espirituais e a *iluminação*.

e. *A prática da lei do amor* e as boas obras. Cada vez que fazemos o bem em favor de outra pessoa, melhoramos a nossa própria espiritualidade.

4. BIBLIOGRAFIA. Enciclopédia Delta Larousse, Artigo sobre *A Bíblia*, Editora Delta, Rio de Janeiro, 1970. Mein, John, *A Bíblia e Como Chegou Até Nós*, Imprensa Bíblica Brasileira, 1972. Metzger, Bruce M. *The Text of the New Testament*, Oxford, New York, 1964.

Ver o gráfico ilustrativo a seguir:

5. DIAGRAMA DE ILUSTRAÇÃO:



BÍBLIA PAUPERUM

Esse título significa **Bíblia dos Pobres**. Há duas obras diferentes com esse título, a saber:

1. Nome dado a uma Bíblia ilustrada, em alemão e holandês, manufaturada antes da invenção dos tipos móveis, ou seja, com a ajuda de blocos de madeira. Tinha quarenta folhas impressas de um lado só, nas quais havia quarenta cenas extraídas da vida de Cristo, juntamente com algumas ocorrências do Antigo Testamento, acompanhadas de um texto ilustrativo ou de uma sentença em latim. Não visava tanto o benefício dos pobres, pois poucos deles podereiam obter uma dessas cópias, mas sim para os pregadores viajantes, que eram ajudados por aquelas gravuras e comentários. As gravuras do livro enfocavam esculturas, pinturas e altares. Os vitrais da capela de Lambeth também figuravam como gravuras naquele livro. Houve sete edições desse livro ilustrado, mas apenas cinco exemplares chegaram até nós. Tais edições circularam no século XV.

2. Uma obra de autoria de Bonaventura (ver o artigo), na qual os eventos bíblicos são arranjados alfabeticamente, com anotações como ajuda aos pregadores. (AM E UN)

••• ••• •••

BÍBLIA, SOCIEDADES DA

Ver **Sociedades Bíblicas**.

BÍBLIA, VERSÕES DA

Versão e tradução é a mesma coisa. As versões servem a vários propósitos, a saber: a. Possibilitam às pessoas que não podem ler os originais tomarem conhecimento da mensagem *universal* das escrituras Sagradas. b. No caso das versões antigas, encontramos testemunhos adicionais do texto original, porquanto, em alguns casos, as formas ali contidas derivam-se de manuscritos mais antigos do que aqueles que chegaram até nós. No caso do Antigo Testamento, surpreendentemente há poucos manuscritos realmente antigos, e as versões antigas, como a LXX, têm sido usadas como auxílio para a confirmação de textos. Isso também sucede em parte ao Novo Testamento, embora disponhamos de muitos e antigos manuscritos gregos. c. As versões também são um prestimoso auxílio missionário. d. Algumas versões têm servido ao propósito lingüístico de unificar certos idiomas, — que antes existiam sob a forma de variantes dialetais. Para exemplificar, a tradução da Bíblia para o alemão, feita por Lutero, deu origem à moderna língua alemã, eliminando usos meramente locais e dando àquele idioma um caráter unificado, universal.

Infelizmente, muitas versões têm servido também para obscurecer certos pontos de doutrina. Os critérios de tradução eram deficientes em vários particulares, ou então atendiam aos interesses denominacionais. Isso tem sido remediado através das *traduções modernas*, sobre as quais falamos no décimo ponto deste artigo.

I. Versões do Antigo Testamento

1. *A Septuaginta* (LXX)

Muitas lendas circundam a produção dessa versão. No artigo separado sobre a mesma, o leitor poderá adquirir um conhecimento geral a seu respeito. A LXX é a tradução do original hebraico do Antigo Testamento para o grego, e é a mais importante entre outras traduções similares. Foi preparada em Alexandria por diversos tradutores, que trabalharam nela entre os séculos III e I A.C. Conforme ocorre com todas as obras de vários autores, seu material difere bastante quanto ao nível lingüístico e à qualidade literária. A edição de Orígenes (a *Hexapla* — ver o artigo), levou à corrupção do texto grego mediante influências do hebraico. Mais de dois mil manuscritos da LXX têm sido encontrados, redigidos desde o século II até o século XVI D.C., os quais têm sido devidamente catalogados. A descoberta dos *Manuscritos do Mar Morto* (vide), — mostrou aos estudiosos que aqueles manuscritos antecedem por vários séculos a todos os demais manuscritos do Antigo Testamento até então existentes, demonstrando também que a LXX preserva, em alguns casos, textos mais antigos do que se verificam nos manuscritos hebraicos que chegaram até nós. Os críticos textuais sempre suspeitaram disso. Também é interessante observar que, em certos trechos do Novo Testamento grego, há citações extraídas diretamente da LXX, e não do hebraico. Os escritores sagrados teriam consciência da antiguidade do texto hebraico por detrás dessa versão?

2. *Latim Antigo*

São versões assim chamadas para distingui-las de manuscritos posteriores, como os da Vulgata Latina. Essas versões já existiam nos fins do século II D.C. Todavia, elas não são muito importantes para o estudo do texto do Antigo Testamento porquanto chegaram até nós somente em forma muito fragmentada, e também por serem traduções feitas com base na LXX. Todavia, serviram ao propósito colimado, na época em que foram produzidas, isto é, pôr o Antigo Testamento ao alcance de quem falava e lia o latim.

3. *Siríaco Peshitta*

Também dedicamos um artigo separado a essa versão. Era o Antigo Testamento padrão para os cristãos sírios. Data do século II D.C. e foi traduzida do hebraico. Posteriormente foi revisada com a ajuda da LXX, e isso diminuiu bastante a sua serventia para a crítica textual.

4. *Hexapla Siríaca*

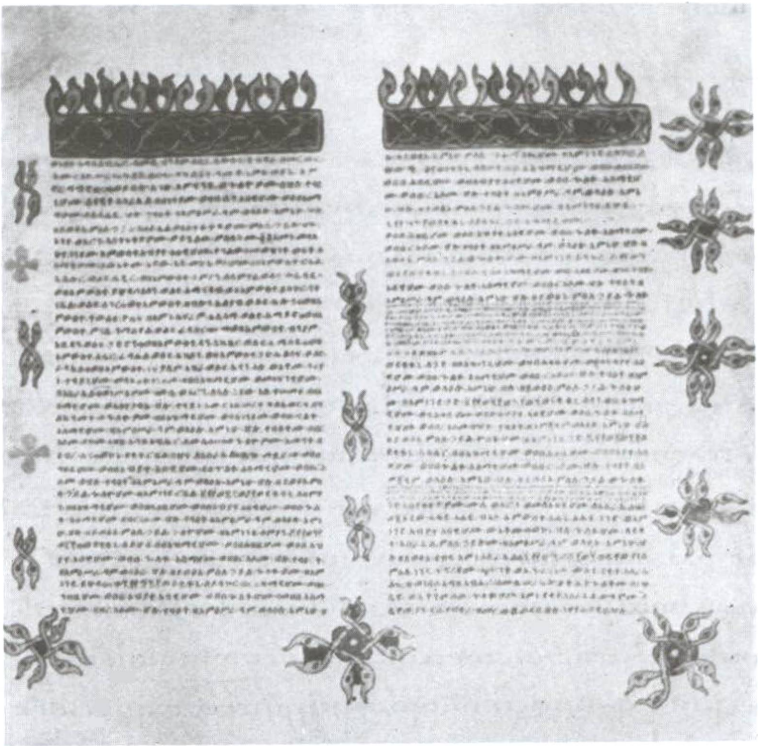
Foi traduzida tendo por base a edição da LXX de Orígenes. Foi preparada pelo bispo Paulo de Tela, em 617 D.C., — que preservou as notas críticas do original grego de Orígenes. Desse modo, os estudiosos foram capazes de remover muito da corrupção dos manuscritos pós-Orígenes da LXX. Por essa razão, esse manuscrito tem sido muito estudado no exame da LXX.

5. *Copta* (egípcio)

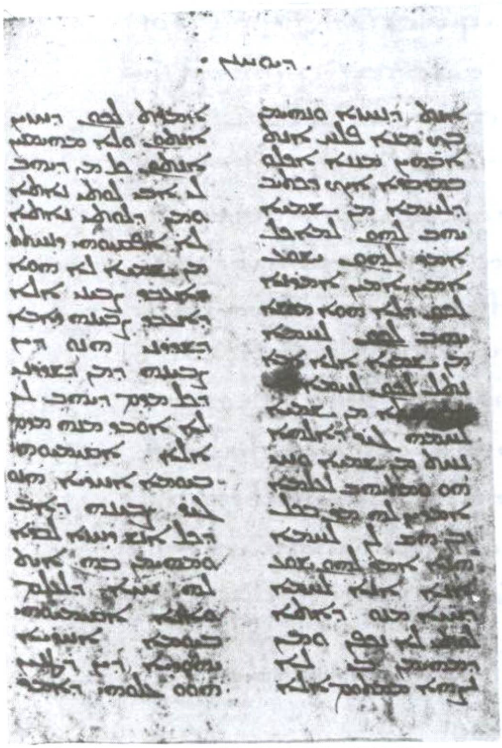
Há quatro versões do Antigo Testamento nessa língua. A mais antiga é a *saídica* ou tebaica. Foi preparada no sul do Egito, no século II D.C., baseada na LXX. Ajuda os especialistas a chegarem a uma forma do texto grego mais antiga do que aquela que foi usada por Orígenes. A versão *boárica* ou menfítica foi preparada no norte do Egito, pelo menos dois séculos depois daquela. Além dessas, há as versões chamadas fayumica e akhmímica, das quais existem apenas alguns poucos fragmentos.

6. *Vulgata Latina*

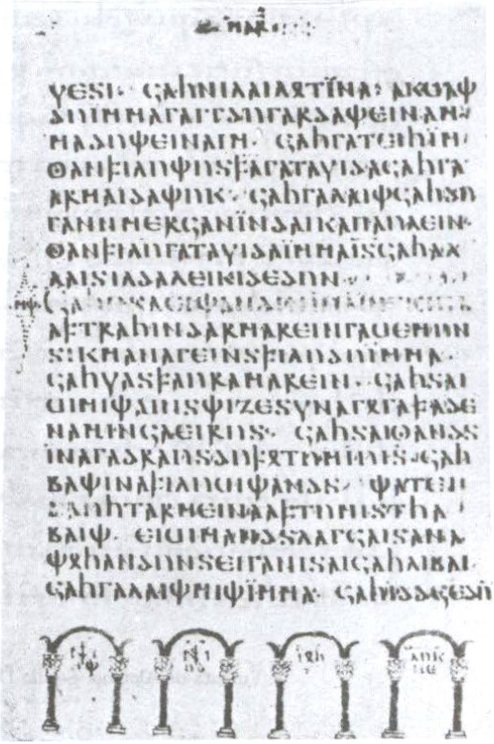
Foi produzida por Jerônimo (ver o artigo), perto do fim do século IV D.C. Ele fez três traduções do livro de Salmos, cada uma mais fiel ao original hebraico mas foi a segunda delas que terminou sendo oficialmente adotada. A princípio, sua tradução geral do Antigo Testamento deixou de lado os livros



Ms Etiópico, Século XVII, — Cortesia, British Museum



Siríaco Curetoniano, Século V, João 6:30-41,
— Cortesia, British Museum



Códex Argenteus, Gótico, Século V, Marcos 5:18-24,
— Cortesia, University Library, Uppsala



O ódio matou

apócrifos, porque ele não queria que os mesmos fossem incluídos, embora elé houvesse traduzido os livros de Judite e Tobias. Todavia, os livros apócrifos terminaram sendo adicionados, tornando-se parte da Vulgata. Essa versão foi a Bíblia oficialmente aceita na Europa ocidental durante todo o decurso da Idade Média. Atualmente existem cerca de oito mil manuscritos da Vulgata. Ela dá testemunho sobre o texto hebraico massorético. Ver sobre a *Massora*.

7. *Versões Menores*

Incluem manuscritos gregos não pertencentes à tradição da Septuaginta, e que foram traduzidos para o gótico, o etíope e o armênio. Todas elas datam de cerca do século IV D.C.

II. Versões do Novo Testamento

1. *Latim Antigo*

Originária do fim do século II D.C., e provavelmente produzida na África. Há pelo menos duas formas diversas, chamadas africana e européia. A forma européia, ou itálica, foi uma das bases da Vulgata de Jerônimo, quanto ao Novo Testamento. A forma africana foi empregada por Cipriano (ver o artigo). Ver o artigo sobre *Manuscritos, Novo Testamento*, quanto a maiores detalhes. A versão em Latim Antigo serve de importante testemunho do tipo de texto anterior ao Textus Receptus, mostrando que esse texto é de origem posterior, porquanto os manuscritos gregos que foram usados como base são mais próximos do grupo alexandrino de manuscritos gregos, representando o estágio mais antigo do tipo textual ocidental.

2. *O Diatessaron*

Trata-se de uma harmonia dos evangelhos de autoria de Taciano (ver o artigo), de cerca de 160 D.C. Foi preparada em grego e traduzida para o siríaco. Há uma folha do mesmo em um manuscrito grego do século III D.C. Além disso, é conhecido em uma versão armênia do comentário de Efraem, e com menos exatidão, em uma tradução árabe editada por Marmardji.

3. *Siríaco Antigo*

Assim chamada para distingui-la da versão Peshitta posterior. A *Peshitta* era a versão popular em siríaco, como se fosse a Vulgata daquele idioma. Essa versão existe nos manuscritos sinaítico e curetoniano. Ambos são importantes manuscritos, e o primeiro deles é o mais antigo. Representam o texto chamado ocidental.

4. *Peshitta*

Tradução para o siríaco, que surgiu perto do fim do século IV D.C. Essa versão suplantou as versões mais antigas, que com ela divergiam. Seu cânon consiste apenas em vinte e dois livros, com a ausência de II Pedro, II e III João, Judas e Apocalipse. Existem mais de trezentos e cinqüenta manuscritos da Peshitta. Nos evangelhos, a versão aproxima-se mais do texto bizantino, embora no livro de Atos reflita mais o texto ocidental. Vários outros manuscritos siríacos existem, sendo descritos no artigo sobre os *Manuscritos, Novo Testamento*.

5. *Copta*

Há cinco versões do Novo Testamento em copta ou egípcio, que chegaram até nós. A mais antiga delas é a versão saídica do sul do Egito, que apareceu já no século II D.C. A versão boárica vem do norte do Egito; mas, embora seja um texto mais recente, tornou-se a versão dominante, pelo que é representada por um número maior de manuscritos. Outras versões em copta são a fayumica, a akhmímica e a do Egito Médio, algumas das quais talvez sejam mais antigas que a versão boárica, e talvez tão antigas quanto a saídica. A versão akhmímica conta com dois manuscritos do século IV D.C. A tradição copta inteira testifica um tipo de texto anterior àquele usado no Textus Receptus de Erasmo, o que mostra que esse último foi um desenvolvimento de séculos posteriores. Foi uma espécie de amálgama dos vários tipos anteriores de texto.

6. *Armênia*

Foi preparada em cerca de 400 D.C., com base em uma fonte cujo texto era similar aos manuscritos gregos Theta, 565 e 700. Há cerca de 1.244 cópias dessa versão. Seu texto é de tipo cesareano e koiné (bizantino), dependendo do livro do Novo Testamento que se esteja considerando. Representa um movimento de afastamento para longe dos melhores manuscritos gregos, na direção do Textus Receptus, o que, novamente, demonstra que o Textus Receptus representa uma involução do texto, e não um representante legítimo do original.

7. *Geórgia*

Era a Bíblia do povo de Geórgia, uma nação do Cáucaso, um acidentado distrito montanhoso entre os mares Negro e Cáspio. Seu mais antigo manuscrito do evangelho é o Adysh, de 897 D.C. Há também o manuscrito Opiza, de 913 D.C. Alguns poucos manuscritos posteriores também representam essa tradição. O tipo de texto é o cesareano. Aparentemente, essa versão foi traduzida diretamente do armênio.

8. *Vulgata Latina*

Foi uma revisão e uma harmonia de manuscritos latinos mais antigos. Foi preparada por Jerônimo, algum tempo depois de 380 D.C. Nos evangelhos, os manuscritos gregos usados eram similares ao Sinaítico (Aleph). Quanto ao livro de Atos, assemelhavam-se ao manuscrito Alexandrino (A). Esse texto tornou-se o texto latino do Novo Testamento considerado oficial pela Igreja Católica Romana, desde a declaração feita quando do Concílio de Trento (ver o artigo), em 1546. Sua origem deve-se à solicitação feita pelo papa Damasco de que Sofrônio Eusébio Hierônimo, atualmente mais conhecido como Jerônimo, aceitasse a incumbência de preparar uma Bíblia Latina padrão. Os textos por detrás da Vulgata aproximam-se mais do tipo alexandrino de texto, embora a Vulgata, como um todo, represente mais o texto ocidental, ainda mais corrompido do que aquele. Há cerca de oito mil manuscritos da Vulgata, que exibem uma prodigiosa mescla de tipos textuais, em face de adições, eliminações e contaminações cruzadas, feitas por muitos escribas, através dos séculos. Seja como for, a tradição latina inteira presta testemunho sobre um texto mais antigo que aquele que serviu de base ao Textus Receptus, o qual foi o produto final de um processo de mistura, e não representante do texto original.

9. *Versões Secundárias*

Entre elas podemos incluir as versões gótica, etíope, eslavônica, árabe e persa, as quais são comentadas no artigo sobre os *Manuscritos do Novo Testamento*. As versões, de modo geral, mostram o avanço da Bíblia entre diversos povos; e a própria existência delas mostra-nos o poder de penetração e a importância da Bíblia, no Antigo ou no Novo Testamentos, entre todos os povos do mundo.

10. *Traduções Modernas*

Antes mesmo da Reforma protestante, houve traduções da Bíblia ou de porções da mesma, para o vernáculo, isto é, línguas faladas. Por exemplo, a Bíblia inglesa teve início com John Wycliff (ver o artigo), com data de 1382. A tradução dele foi feita

com base na Vulgata Latina, e não com base no grego, pelo que também incluiu os livros apócrifos. Porções da Bíblia em português apareceram em cerca de 1280, enquanto que outras porções só apareceram em 1400. Ver o artigo separado sobre a *Bíblia em Português*. Durante a Idade Média contava com pouco apoio o movimento para tradução da Bíblia para línguas faladas. Já existia a Vulgata Latina, mas essa não era usada pelo povo, porque bem poucas pessoas tinham educação suficiente para utilizá-la, redigida como estava no latim — Em conseqüência, não foi senão quando da Reforma que a Bíblia começou a ser traduzida para idiomas modernos. E então começou a produção da Bíblia traduzida para o inglês, para o alemão, para o francês, para o italiano, para o espanhol, para o português, e para diversas outras línguas européias.

Todavia, como reflexo da época, o critério que norteava essas traduções era o critério da economia, para que as edições não fossem volumosas e o menos dispendiosas possível. Os tradutores procuravam traduzir o texto sagrado com economia de palavras. Isso resultava em Bíblias compactas, mas em que muito da riqueza de significado das línguas originais se perdia. Com o desenvolvimento da erudição bíblica entre os evangélicos, em vários países essa debilidade das primeiras traduções tem sido remediada. Os países de língua inglesa têm sido os pioneiros nessa atividade. Surgiram, pois, as chamadas traduções expandidas, nas quais a preocupação não é a economia de palavras, mas a *exploração* de todo o sentido possível dos textos sagrados, sem perda de sua riqueza. À frente deste tradutor acham-se abertos três representantes notáveis desse critério de tradução: *Amplified New Testament*, da Zondervan Publishing House; *The New Testament* de Charles B. Williams; e *The New Testament, an Expanded Translation*, de Kenneth S. Wuest.

As modernas Sociedades Bíblicas têm ajudado enormemente na divulgação das Sagradas Escrituras. A *British and Foreign Bible Society* começou em 1804, e a *American Bible Society* surgiu em 1816. Depois apareceu a *United Bible Societies*, que congrega sociedades bíblicas de muitos lugares do mundo. A Sociedade Bíblica do Brasil, também muito tem contribuído para a distribuição de Bíblias em nossa pátria, com alvos cada vez mais ambiciosos.

Foi fundada uma Sociedade Bíblica Católica Romana (Regensburgo), em 1805, mas que não foi aprovada pelo Vaticano e teve de ser fechada em 1817. Encíclicas papais opuseram-se ao funcionamento de sociedades bíblicas durante todo o século XIX, mas essa posição foi alterada quando do Concílio Vaticano II (em 1970), que deu seu apoio tácito a esse tipo de atividade. Em 1966, o papa Paulo VI ordenou que fosse estudada a possibilidade de uma futura distribuição conjunta da Bíblia, em cooperação com entidades não-católicas. Atualmente, os católicos romanos em muitos lugares estão efetuando estudos bíblicos, e a Bíblia começa a ser divulgada entre as imensas massas católicas. Isso só poderá produzir um bom resultado.

Além das sociedades bíblicas, temos de levar em conta o trabalho feito por organizações como os Gideões (ver o artigo separado) e os Wycliffe Bible Translators (ver o artigo). Pelo menos o evangelho de João tem sido traduzido para mais de 1.250 línguas e dialetos. Esses esforços promovem a leitura das Sagradas Escrituras como nunca antes se viu, ao redor do mundo. (AM BR GREE KE ME NI NTI Z)

BÍBLIAS POLIGLOTAS

Essas são as edições da Bíblia nas quais o texto original e diversas traduções aparecem em colunas paralelas. A primeira e mais famosa delas foi a Hexapla de Orígenes (que vide), que continha o texto hebraico do Antigo Testamento, com uma transliteração grega, além de quatro versões gregas. Ver o artigo Bíblia, Versões da. A Bíblia Poliglota Complutensiana, de 1514-1517, continha o Novo Testamento em grego e em latim; e o seu Antigo Testamento hebraico aparecia lado a lado com a Vulgata e a Septuaginta (que vide), juntamente com outra tradução latina e uma em caldaico. A prática de pôr duas traduções, em línguas diferentes, lado a lado, tem sido uma prática comum. As Sociedades Bíblicas têm praticado isso. Além disso, existem vários textos em grego interlineares, onde o grego é acompanhado, palavra por palavra, pelos vocábulos de algum outro idioma moderno. (E)

BIBLICISMO

É o nome que se dá à insistência de usar a Bíblia para solucionar todos os problemas teológicos, morais e filosóficos, ou, pelo menos, o uso da Bíblia para determinar o valor da verdade que há nessas questões. O *biblicismo* dá grande valor à interpretação literal da Bíblia. A forma extremada do biblicismo é a *bibliolatria* (ver o artigo).

BIBLIOLATRIA

Palavra baseada em dois vocábulos gregos, com o sentido de «adoração ao livro». O termo é usado para descrever aquelas pessoas e atividades que se utilizam da Bíblia como única regra de fé e prática, paralelamente à insistência de que a Bíblia não envolve erros de qualquer modalidade. Geralmente, isso é acompanhado pela contenção de que toda razão e ciência humanas deveriam ser sujeitadas ao cotejo com a Bíblia, interpretada literalmente. Isso posto, a Bíblia é transformada em um *papa de papel*.

A bibliolatria caracteriza-se por uma atitude pugnaz que rejeita *a priori* todo o estudo e toda e qualquer evidência que mostra que a Bíblia não é um livro perfeito. Mas, visto que a Bíblia tem um lado humano em sua produção, e visto que as produções humanas não são perfeitas, esse elemento humano impede que as Escrituras sejam perfeitas. A bibliolatria também tem a fé de que a Bíblia é a única autoridade *possível* em assuntos de fé e de moral, e que a sua ciência sempre está certa, mesmo em face de qualquer ciência secular em contrário. Mas a Bíblia não foi escrita como compêndio científico, pelo que muitas das coisas ali ditas são cientificamente ingênuas, expressando conceitos populares. Além disso, a bibliolatria também se caracteriza pela síndrome dos textos de prova, como se todo problema, de qualquer natureza, pudesse ser resolvido pela simples apresentação de um texto de prova, extraído da Bíblia.

A bibliolatria assume diferentes aspectos, dependendo de quem lança mão da Bíblia abusivamente. Assim é que, em uma denominação qualquer, a autoridade da Bíblia é usada para promover determinado conjunto de doutrinas particulares, em torno das quais gira a vida daquela denominação; mas, em uma outra denominação, os mesmos textos de prova são usados para dar apoio a idéias às vezes diametralmente contrárias. Tudo isso concorre para lançar uma nódoa sobre o uso são das Escrituras, como a nossa principal autoridade espiritual. E força sobre

a Bíblia uma autoridade sobre campos que lhe são estranhos, além de limitar erroneamente o conceito de autoridade. Ver o artigo sobre *Autoridade*. (E C)

BIBLIOMANCIA

Vem de duas palavras gregas, **biblion**, «livro», e *manteia*, «adivinhação». Trata-se de uma estranha forma de adivinhação em que a pessoa primeiramente pensa sobre algum problema, e em seguida, abre o volume da Bíblia ao acaso, a fim de ver qual resposta poderá obter da mesma. Vício semelhante é aquele que envolve o uso das chamadas «caixinhas de promessas», com pequenos cartões impressos com trechos bíblicos. Toda essa prática é supersticiosa. Havia costume similar no paganismo, onde eram empregadas obras de Homero, Virgílio e outros autores profanos, com idêntico propósito.

Os judeus tinham uma forma de bibliomancia segundo a qual sempre que alguém se punha a ouvir a outrem lendo as Escrituras, as primeiras palavras a serem ouvidas eram consideradas prenhes de significado, uma espécie de voz do *céu*. Durante o tenebroso período da Idade Média, até mesmo coisas importantes eram resolvidas mediante a seleção de trechos bíblicos ao acaso, como nos casos da detecção de hereges ou da seleção de bispos. Conta-se que um crente supersticioso abriu a Bíblia ao acaso, de olhos fechados; ao abri-la, leu: «Judas foi enforcar-se». Chocado, ele fechou a Bíblia, e tentou de novo. E as primeiras palavras que leu, foram: «Vai, e procede tu de igual modo». Não há que duvidar que deve haver melhor maneira de determinarmos a vontade do Senhor! Fico pensativo diante da ação escolhida para selecionar o substituto de Judas Iscariotes, em Atos 1:26: «E os lançaram em sortes, vindo a sorte a recair sobre Matias...» (Ver o artigo sobre *Adivinhação*).

O I Ching também é uma forma de adivinhação baseada no puro acaso (ver sobre o I Ching). A crença por detrás das adivinhações dessa natureza é que existe tal coisa como coincidências significativas, um tema examinado por Carl Jung. No caso do I Ching parece haver o concurso de alguma força telepática e psicocinética da mente, — que pode forçar alguns resultados bastante surpreendentes, visto que os problemas de uma pessoa são revelados, em textos pré-impressos, com admirável exatidão. Assuntos como esses precisam ser melhor investigados. Mas, oxalá Deus sempre se comunicasse conosco através de meios superiores, embora tais meios algumas vezes produzam bons resultados! (E UN)

Outra forma de *bibliomancia* funciona assim: Uma tesoura é amarrada, com barbante, dentro de uma Bíblia, no livro de Rute, em 1:16,17. A Bíblia é suspensa no ar por duas pessoas, como segue: Os dois círculos do cabo da tesoura são suspensos pelas pessoas, cada um colocando um dedo embaixo de um dos círculos. Então, Rute 1:16,17 são lidos. Daí, uma pergunta é feita que pode ser respondida com «sim» ou «não». O livro gira segundo o relógio, ou contra, dando a resposta *sim* ou *não*, segundo a direção da giração. Para estabelecer qual é *sim* e qual é *não*, as pessoas devem experimentar com uma pergunta cuja resposta é conhecida.

A Bíblia gira mesmo, mas experiências mostram que é o poder das mentes das pessoas que controlam o movimento. Isto é, a função é um exemplo de *psicossinésia* (que vide). Se uma pessoa deseja que não funcione, a Bíblia não gira. Se uma pessoa *deseja* que a Bíblia dê uma resposta incorreta, ela obedece o comando mental. Não vou dizer que não existem exceções, mas normalmente, não há nada de sobrenatural ou demoníaco nisto. É simplesmente o poder da mente que tem efeitos sobre a matéria.

BIBLION, BIBLIA

Vem de **biblos**, «papiro». O bíblion era uma faixa de papiro apropriada para servir de rolo de escrita. Tinha oito ou nove metros de comprimento, o que era uma dimensão conveniente para uso e capaz de acomodar um livro do tamanho do evangelho de Mateus. Esse termo acabou significando um livro, em forma de rolo, naturalmente. A forma plural, *bíblia*, dava a entender rolos de papiro, mas terminou sendo aplicada aos livros sagrados do Antigo e Novo Testamentos. Essa palavra passou para a versão latina como um feminino singular, e dali deriva-se a nossa palavra portuguesa «Bíblia», uma palavra no singular, e que se refere, coletivamente, à inteira coletânea dos livros canônicos. (E)

BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA

Ver **Alexandria, Biblioteca de.**

BIBLIOTECAS

Consideremos os pontos abaixo:

1. *Definição*. Uma biblioteca é uma coleção de livros, sem importar se pequena ou grande, reunida com certo propósito em mira, para servir de centro de leitura e pesquisas literárias. Os livros de uma biblioteca não são oferecidos à venda, embora possam ser emprestados por certo prazo.

2. *Bibliotecas Relacionadas à Bíblia*. Não há qualquer referência específica, na Bíblia, a alguma biblioteca, embora haja referências que subentendam a existência de bibliotecas. Paulo deve ter contado com uma pequena biblioteca, para seu uso pessoal (II Tim. 4:13). O fato de que havia muitos livros, e que a produção de livros pode ser uma atividade sem-fim (Ecl. 12:12), mostra-nos que, em Israel, deve ter havido tais coleções de livros. A preparação de livros começou cedo em Israel, conforme se vê em Êxo. 14:4,7; 17:14; e Heb. 9:9. — Os sacerdotes levíticos estavam encarregados dos livros sagrados (Deu. 17:18; 31:24-26). Vários títulos foram dados aos livros sagrados dos judeus, como Livro da Lei, Livro da Aliança, etc., dos quais havia um bom número de cópias, incluindo não somente os livros canônicos do Antigo Testamento, mas até mesmo livros não-canônicos. Ver o artigo sobre os *Livros*. Ver também Isa. 30:9; Jer. 25:15; 30:3,36; 51:60. Alguns estudiosos têm pensado que essas coleções de livros eram conservadas em lugares estratégicos, como Dã, Silo, Siquém e Gibeom, e não somente em Jerusalém, e isso é uma opinião que não pode ser nem confirmada e nem negada, por absoluta falta de evidências. Além dos livros canônicos e não-canônicos (ver Núm. 21:14; Jos. 10:12,13; I Crô. 29:29 e II Crô. 33:17), provavelmente havia extensos registros genealógicos, tratados, contratos, transações comerciais registradas, tudo o que sugere coleções de livros que eram devidamente guardados. Em Esdras 5:17 temos uma referência aos arquivos (de rolos) da Babilônia, o que, quase certamente, é uma alusão à biblioteca que havia naquela cidade. A arqueologia tem descoberto grande número de bibliotecas de tabletes de argila, tanto na Babilônia quanto nas principais cidades do império assírio. A famosa biblioteca de Alexandria (ver o artigo sobre *Alexandria, Biblioteca de*), embora não fosse uma biblioteca nitidamente bíblica, teve

começo em 300 A.C., e continha livros sobre a erudição semita, tendo também sido a biblioteca para a qual foi preparada a versão do Antigo Testamento, intitulada **Septuaginta (ou LXX)**.

As esperanças dos arqueólogos,— de descobrirem bibliotecas nas cidades de Israel, até hoje não se concretizaram. Porém, o descobrimento de bibliotecas na Assíria, na Babilônia e no Egito, bem como os tabletes de Tell el-Amarna, do século XIV A.C., tem compensado parcialmente esse desapontamento. A biblioteca de Sargão (722-705 A.C.) compunha-se de uma grande coleção de tabletes com escrita cuneiforme, que atualmente se encontra no Museu Britânico. O número desses tabletes chega cerca de vinte e cinco mil. A Biblioteca Real de Assurbanipal (662-626 A.C.) também era muito numerosa, com cerca de vinte mil tabletes, que também encontram-se agora no Museu Britânico. Dez mil textos diferentes são ali representados, e Sir Frederic Kenyon referiu-se a essa coleção como «a primeira grande coleção particular de livros que se conhece na história». Em Nuzi (que vide), foram desenterrados cerca de vinte mil tabletes de argila, datados da primeira metade do segundo milênio A.C. A oitenta quilômetros a suleste da cidade da Babilônia, no templo de Nipur, foram encontrados cerca de cinqüenta mil tabletes de argila, pertencentes aos séculos IV e V A.C.

Grandes bibliotecas gregas e romanas surgiram quase no fim do período do Antigo Testamento. Além da biblioteca de Alexandria, havia as coleções guardadas em Pérgamo e em outras cidades, embora nenhuma delas pudesse rivalizar-se com a de Alexandria, cujo intuito era contar com uma cópia de todos os livros do mundo até então conhecido.

Manuscritos do Mar Morto. Do ponto de vista bíblico, a maior descoberta isolada de manuscritos de todos os tempos se deu nos primeiros meses de 1947, quando, em diversas cavernas próximas do mar Morto, foi encontrada uma grande coleção de livros do Antigo Testamento, pseudepígrafos e algum material não-bíblico. Cerca de cem manuscritos bíblicos foram ali encontrados, alguns mais extensos, e outros apenas fragmentares. Entre esses manuscritos, há evidências acerca de todos os livros canônicos do Antigo Testamento, com a única exceção de Ester. O material data de entre 200 A.C. e 50 D.C. (AM ID FK JAS RIC Z)

BIBLOS

Cidade na Fenícia. Maurice Dunand descobriu em Biblos (moderna Gebal). o antigo porto fenício de embarque de cedro e o túmulo do rei Airão, em 1919. (Ver Atos 11:19; 15:3 e 27:12). Ver sobre *Gebal*.

BICRI

No hebraico, «jovem». Foi um homem benjamita cujo filho, Seba, incitou um levante contra Davi, após a morte de Absalão (II Sam. 20:1 *ss*), em cerca de 967 A.C.

BIDCAR

No hebraico, «servo de Kar» ou «filho da perfuração»? Foi um capitão de Jeú, que antes fora seu companheiro de armas (II Reis 9:25). Ele completou a sentença contra o filho de Acabe, Jeorão, lançando seu cadáver no campo de Nabote, depois que Jeú o transpassou com um dardo, em c. de 882 A.C.

••• ••• •••

BIDDLE, JOHN

Suas datas foram 1615-1662. É considerado o pai dos unitários ingleses. Nasceu em Gloucestershire, foi educado no Magdalen Hall, em Oxford, foi professor da Crypt School de Gloucester e faleceu em Londres. Foi estudioso da Bíblia, profundamente versado nas Escrituras. — Ficou convencido de que a doutrina comum da Trindade (ver o artigo) não é uma doutrina das Escrituras e nem concorda com a razão humana. Publicou então quatro pequenos folhetos, com doze argumentos, sobre o assunto, e foi acusado de heresia. Suas publicações despertaram sensação, e então apareceu uma chuva de literatura contrária, na Inglaterra e no estrangeiro. Foi perseguido por causa de suas crenças (intolerância e ódio supostamente postos a serviço de Deus), e passou os últimos dezessete anos de sua vida entrando e saindo de prisões. Quando era posto em liberdade, reunia-se com seus seguidores, nunca se tendo retratado. Seus seguidores foram os primeiros a formar uma congregação unitária. Ver o artigo sobre o *Unitarismo*. Ele acreditava que o trinitarismo termina tornando-se em *triteísmo*, uma forma de politeísmo. O próprio John Biddle era homem que exercia forte atração pessoal, caracterizado por uma piedade devota. Quando faleceu (na prisão), sua congregação dispersou-se, mas a sua influência teve prosseguimento, continuando a estimular as controvérsias trinitarianas. Disso resultou o aparecimento formal dos unitários, nas duas gerações que se seguiram. (AM E)

BIEDERMANN, ALOIS EMMANUEL

Suas datas foram 1819 a 1885. Durante muitos anos foi professor de teologia da Universidade de Zurique, na Suíça. Ele defendia a idéia que infinitude e espiritualidade são os conceitos centrais no estudo da pessoa de Deus. Consideradas juntamente, essas duas idéias formam o conceito do *espírito absoluto*. Mas, a idéia de personalidade não pode ser aplicada a esse conceito, e nisso consistia a grande fraqueza de seu sistema, pois Deus é pessoal. (E)

BIEL, GABRIEL

Escolástico alemão (1425-1495). Nasceu em Speier, ensinou em Tubingen, onde, por duas vezes, foi seu reitor. Era seguidor de Ockham e se opunha ao pelagianismo (ver o artigo). Sua exposição das idéias de Ockham (ver o artigo) expande a área da fé, no que tange à razão. Essa exposição tornou-se muito influente nas universidades alemãs, incluindo a de Wittenberg. Seus pontos de vista sobre a soberania de Deus, e sobre o poder divino absoluto e aparentemente arbitrário, sobre todos (ver sobre o *voluntarismo*), influenciaram os pensamentos de Lutero e Melanchthon. Ver sobre *predestinação* e *livre-arbítrio*. (P)

BIGAMIA

A Bíblia não condena nem a bigamia e nem a poligamia, e a legislação mosaica chega a instruir acerca dos direitos das concubinas (Êxo. 21:7-11; Deu. 21:10-14). Os reis de Israel deram um mau exemplo nesse sentido. Salomão foi o campeão da poligamia. Lemos em I Reis 11:3: «Tinha setecentas mulheres, princesas, e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração». No entanto, visto que a legislação mosaica era omisso a respeito, isso não era considerado imoral ou indecente em Israel. Incidentalmente, isso nos mostra um dos pontos onde a lei mosaica era deficiente, e por que

precisou ser ultrapassada pela lei de Cristo, no Novo Testamento. No Novo Testamento, as instruções de que os ministros do evangelho devem ser maridos de uma só mulher (I Tim. 3:2; Tito 1:6), mostram-nos que pelo menos para os líderes cristãos a monogamia era considerada necessária. Jesus ensinou o conceito ideal de um-marido-uma-esposa (Mat. 19:6 *ss*), onde ele deixa claro que a legislação mosaica era uma adaptação à dureza dos corações humanos. Não obstante, Jesus legislou claramente em favor da monogamia. Quando os discípulos objetaram: «Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar», Jesus retorquiu: «Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado» (Mat. 19:10,11). Os apóstolos secundaram o Senhor Jesus. Paulo ensinou: «...cada um tenha a sua própria esposa e cada uma o seu próprio marido» (I Cor. 7:2). Ver os artigos sobre *Matrimônio, Monogamia* e *Poligamia.*

Nos países onde a poligamia é reconhecida por lei, ou onde é prática arraigada (como em países africanos e islâmicos), a Igreja cristã encoraja a monogamia, embora não tenha sido capaz de pô-la em vigor. Nas regiões mais pobres, onde as mulheres têm poucos meios de subsistência própria, os missionários evangélicos têm descoberto que a poligamia é melhor do que a prostituição das esposas rejeitadas. Nos países onde a prática é proibida por lei, a Igreja cristã sempre a condenou. Em grande número de casos, a prática envolve, necessariamente, engano e maus-tratos.

BIGORNA

No hebraico, **batida**. Um bloco de ferro onde os ferreiros punham a peça de metal a ser moldada. Uma palavra encontrada na Bíblia somente em Isa. 41:7. A bigorna de metal era montada em madeira ou no chão, para torná-la estável, variando quanto ao formato, segundo as peças a serem ali forjadas. Geralmente tinha um bico ou chifre em uma das extremidades, para forjar peças ocas ou arredondadas. A descrição do trabalho desses artífices, em Isa. 41:6,7, é bastante similar àquilo que pode ser visto em muitos países até hoje. O trabalho geralmente era feito por dois homens, cada um de um lado da bigorna, que encorajavam e instruíam um ao outro. (HA S)

BIGTÃ, BIGTÃ

No hebraico, «dado pela fortuna». Era o nome de um dos sete eunucos do harém de Assuero ou Xerxes (Est. 1:10), em cerca de 483 A.C. É possível que se trate do mesmo homem chamado Bigtã, em Ester 2:21 e 6:2. Se isso é verdade então Bigtá ou Bigtã também entrou em conluio com outro eunuco para tirarem a vida do monarca. Essa conspiração foi descoberta por Mordecai, que a revelou a Ester. Feitas as investigações e apurada a culpa de ambos, Bigtã e Teres, os dois conluiados, foram enforcados (Est. 2:23).

BIGVAI

No hebraico, «feliz» ou «do povo». Há dois homens no Antigo Testamento com esse nome, a saber:

1. O cabeça de uma família que retornou do cativeiro babilônico (ver o artigo), em companhia de Zorobabel (Esd. 2:2; Nee. 7:7). No dizer de Nee. 7:19, nada menos de dois mil e sessenta e sete homens vieram com ele. Alguns homens desse mesmo clã vieram da Pérsia com Esdras (Esd. 8:14; I Esdras 5:14).

2. Um homem que assinou, entre outros, o pacto com Neemias (Nee. 10:16), e que, aparentemente, foi um dos chefes da expedição enviada sob as ordens de Zorobabel (Esd. 2:2; Nee. 7:7), em cerca de 410 A.C.

BILA

No hebraico, «terna», embora outros pensem em «timidez». É nome de uma mulher e de uma cidade, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Serva de Raquel, dada por ela a Jacó para que não permanecesse sem filhos, pois até ali ela era estéril. Bila tornou-se a mãe de Dã e de Naftali (Gên. 30:1-8; 35:25; 46:25; I Crô. 7:13). Era apenas uma escrava que, dessa maneira, se tornou uma das matriarcas de Israel. E tudo por causa do ciúme de Raquel, porquanto sua irmã Lia já tinha vários filhos, enquanto ela não tinha nenhum (Gên. 29:31-35; 30:1-8). Os contratos de casamento descobertos pela arqueologia, em Nuzi, demonstram que no segundo milênio A.C., era costumeiro uma mulher estéril fazer o que Raquel fez. O fato de Raquel ter dado nome aos dois meninos assim gerados, mostra-nos que ela manteve a autoridade de mãe principal, embora não biologicamente relacionada às crianças. Posteriormente, Bila tornou-se culpada de incesto com Rúben (Gên. 35:22). Cerca de 1753 A.C.

2. Uma cidade com esse nome estava localizada no território de Simeão (I Crô. 4:29). É bem provável que essa mesma cidade apareça em Jos. 19:3, com o nome de Balá, e em Jos. 15:29, com o nome de Baalá.

BILÃ

No hebraico, «terno». Foi nome de dois homens, que aparecem no Antigo Testamento:

1. Um horeu, chefe do monte Seir, em Edom (Gên. 36:27; I Crô. 1:42). Tornou-se o progenitor de um subclã, em Edom. Cerca de 1963 A.C.

2. Um benjamita, filho de Jediael (I Crô. 7:10). Foi pai de sete filhos, os quais se tornaram cabeças de suas tribos.

BILDADE

No hebraico, «filho da contenção» ou «senhor Adade». Foi um dos confortadores molestos de Jó e segundo de seus oponentes, dentro da vívida discussão filosófica, moral e religiosa que houve entre eles (Jó 2:11; 8:1; 18:1; 25:1). Alguns supõem que, em face de ser ele chamado de «o suíta», na primeira dessas referências, ele pode ter sido descendente de Abraão e Quetura, através de Sua (Gên. 25:2), o que faria dele membro de uma tribo de nômades arameus, que vivia na região suleste da Palestina. Entretanto, outros estudiosos insistem em que, em face da total ausência de genealogias no livro de Jó, isso significa que a obra foi uma novela religiosa e filosófica, sem pretensões históricas. — Ver o artigo sobre *Jó.* As referências dadas acima mostram as intervenções de Bildade. As idéias por ele defendidas são: a. A justiça estava envolvida na triste condição a que Jó fora reduzido. b. Os filhos de Jó haviam morrido por motivo de pecado. c. Se Jó se arrependesse, Deus devolver-lhe-ia a prosperidade. d. A história mostra que Deus castiga os ímpios, fazendo prosperar os retos. e. Os pecadores nada recebem nesta vida além de miséria e de desonra após a morte. f. Finalmente, Bildade exaltou a perfeição de Deus, em contraste com a imperfeição de todas as outras coisas. Na

verdade, porém, alguns desses argumentos de Bildade não correspondem aos fatos. Assim, os justos com freqüência sofrem, ao passo que os iníquos prosperam. Essa é uma das razões da complexidade do *problema do mal* (ver o artigo). O livro de Jó é um estudo sobre esse problema. (ID NTI)

BILEÃ

No hebraico, «lugar da conquista». Era uma cidade do território de Manassés, na parte oriental do Jordão, dada aos levitas da família de Coate (I Crô. 6:70). Em outros trechos do Antigo Testamento a cidade é chamada Ibleã (Jos. 17:11; Juí. 1:27). Tem sido identificada com o moderno Tell Bel'ameh, que fica entre Samaria e Jezreel.

BILGA

No hebraico, «rompimento». Isso seria uma alusão ao fato de que se tratava de um primogênito. Mas alguns estudiosos preferem pensar que a palavra significa «brilho». Foi nome de dois homens, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um sacerdote que retornou do exílio babilônico com Zorobabel (Nee. 12:5,18), e que talvez fosse o mesmo *Bilgai* que foi um dos signatários do pacto com Neemias (Nee. 10:8), em cerca de 536 A.C.

2. Um sacerdote que estava encarregado do décimo quinto turno, no serviço do templo de Jerusalém, na época de Davi (I Crô. 24:14), em cerca de 1043 A.C.

BILGAI

Provavelmente trata-se do mesmo sacerdote chamado Bilga, em Nee. 12:5,18, mas cujo nome é grafado Bilgai em Nee. 10:8. Ver *Bilga*.

BILOCAÇÃO

Esse é o nome da doutrina que diz que, visto ser dupla a personalidade humana, uma pessoa é capaz de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Em um lugar, fisicamente, e no outro através da porção imaterial do ser. Quando isso ocorre, o indivíduo geralmente está dormindo, embora tenha havido casos em que isso não sucede. O fenômeno também é chamado *viagem astral*. Acredita-se que o corpo astral é o veículo da alma. Alguns pesquisadores supõem que todas as pessoas, quando dormem, têm essa experiência. Alguns sonhos seriam experiências reais, no nível da alma, e não meras imagens mentais ou cerebrais.

Parece haver alguma evidência em favor da idéia da "multilocação", segundo a qual uma entidade pode fazer-se presente não meramente em dois lugares, mas em muitos lugares, ao mesmo tempo. Uma aplicação teológica dessa possibilidade seria a doutrina católica romana da transubstanciação (ver o artigo). Há rumores de bilocação nas religiões orientais, bem como acerca de vários santos cristãos. Os parapsicólogos modernos, os psicólogos e os psiquiatras têm feito experiências com o fenômeno, sob condições controladas, com evidências positivas em favor de sua realidade. Porém, haverá de passar-se algum tempo antes que a ciência possa confirmar tal realidade, embora as evidências colhidas já sejam promissoras. Nada existe na fé religiosa que diga que o fenômeno não pode ocorrer e há muito que o consubstancia. Seja como for, trata-se de uma experiência humana comum, que requer maior investigação. Atualmente, é uma das principais evidências científico-empíricas em prol da existência da alma. O seu *modus operandi* é bastante parecido com aquilo que as pessoas experimentam nas experiências de quase morte (ver o artigo), as quais também são muito importantes para demonstrar empiricamente a existência da alma.

Em nossos dias, a ciência está desenvolvendo métodos para investigar e recolher evidências em favor da existência da alma. Portanto, parece perfeitamente possível que, dentro de um prazo não muito longo, a ciência venha a colher provas da existência da alma. Nessa área, pois, veremos um casamento entre a ciência e a religião e grandes serão os frutos daí resultantes. Quanto a detalhes sobre a bilocação, ver o artigo geral sobre a *Parapsicologia*, sob o título *Projeção da Psique*. (E EC)

BILSÃ

No hebraico «pesquisador (do Senhor?)». Foi um dos onze ou doze líderes judeus que retornaram do cativeiro babilônico sob a liderança de Josué e Zorobabel, em resultado do decreto de Ciro, rei da Pérsia (Esd. 2:2; Nee. 7:7). O seu nome aparece com a forma de Belsaro, em I Esdras 5:8, talvez derivado do acádico, *Belshar*, «Bel é rei».

BIMAL

No hebraico, «filho da circuncisão»? Foi um dos três filhos de Jaflete, filho de Aser, através de Berias e Héber. Foi chefe de uma família e guerreiro da tribo de Aser (I Crô. 7:33), em cerca de 1658 A.C.

BINAÇÃO

Um termo que significa de dois em dois ou dois de cada vez. Vem do latim, *binarius*, *bini*. Na Igreja Católica Romana, a palavra indica a celebração da *missa* (ver o artigo) duas vezes em um só dia, por uma mesma pessoa. Pelo menos nos dias de Agostinho (falecido em 430 D.C.), a missa era celebrada uma vez por dia. Mais tarde, duas ou três vezes por dia. Ainda mais tarde, a celebração foi novamente restringida a uma só vez por dia. Atualmente, os padres podem celebrar até duas missas aos domingos e dias santos, para que todos os católicos romanos possam fazer-se presentes. (E)

BINEÁ

No hebraico, «jorro», «fonte» ou «vagabundo». Era um benjamita, filho de Moza e pai de Rafa. Era um dos descendentes do rei Saul (I Crô. 8:37; 9:43). Viveu em cerca de 850 A.C.

BINITARIANISMO

Um termo aplicado à tendência de alguns de se referirem à Trindade de maneira dupla, e não à maneira trinitária comum. Nos dias anteriores ao concílio de Nicéia, o conceito do *Logos* incorporava as idéias e funções atualmente atribuídas ao Filho e ao Espírito Santo. Por isso, falava-se então no Pai e no Logos, e não no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Alguns grupos reputados hereges mantinham formas de binitarianismo, como foi o caso dos monarquianos, os quais concebiam que a deidade consiste no Pai e no Filho (este último incorporando a idéia do Espírito Santo). No século IV D.C., os *tropici* do Egito negavam a divindade do Espírito. Atanásio escreveu

combatendo esse grupo, em suas *Epístolas a Serapião*. Naquele mesmo século encontramos os macedônios (ver o artigo) ou pneumatomáquios (combatedores do Espírito) que também negavam a divindade do Espírito. Basílio escreveu seu tratado sobre o Espírito Santo tendo esse grupo em mira. (C)

BINUI

No hebraico, «edifício» ou «família». Foi nome de várias personagens do Antigo Testamento:

1. Um levita dos dias pós-exílicos, pai de Noadias (Esd. 8:33; I Esdras 8:63), que supervisionou a pesagem dos vasos de ouro e de prata que Esdras trouxêra da Babilônia. Cerca de 536 A.C.

2. Um levita, filho de Henadade, que ajudou nos reparos das muralhas de Jerusalém, sob a supervisão de Neemias (Nee. 3:24; 10:9). Talvez deva ser identificado com o Binui mencionado em Neemias 12:8. Cerca de 446 A.C.

3. O antepassado de alguns que retornaram do exílio babilônico em companhia de Zorobabel (Nee. 7:15). É chamado pelo nome de Bani, em Esd. 2:10 e I Esdras 5:12.

4. O antepassado de alguns judeus que se tinham casado com mulheres estrangeiras, mas que tiveram de se divorciar, terminado o exílio (Esd. 10:38). Talvez deva ser identificado com o Bani de Esd. 10:34 e I Esdras 9:34.

5. Um levita que retornou do exílio, com Zorobabel (Nee. 12:8).

6. Um dos filhos de Paate-Moabe, que se casara com uma mulher estrangeira (Esd. 10:30). Ele é chamado Belnuus, em I Esdras 9:31; e talvez seja o mesmo que o alistado como o número 4, acima.

BIO DE CIRENE

Ver sobre o **Cirenaicismo**, segundo ponto.

BIOLOGIA

Vem de duas palavras gregas, **bios**, «vida» e **logia**, «conhecimento».

Esse ramo da ciência fazia parte central dos estudos do Liceu (ver o artigo) de Aristóteles, onde eram conduzidos em bases experimentais, ao passo que os estudos da física e de outras ciências permaneciam puramente especulativos e teóricos. O conhecimento dos seres vivos era obtido mediante dissecação e através do processo lógico da indução. Aristóteles, por isso mesmo, é considerado o pai da biologia.

Nos tempos modernos, essa disciplina tornou-se distinta da filosofia, embora haia uma filosofia da biologia com três interpretações principais, a saber: 1. o reducionismo (que vide); — 2. o vitalismo (ver o artigo); e c. a biologia organicista (ver o artigo).

Definições:

1. *Reducionismo*. Todos os fenômenos biológicos podem ser adequadamente explicados por meio das categorias da química e da física, através do materialismo (ver o artigo) e do mecanismo (ver o artigo).

2. *Vitalismo*. Existe uma força vital controladora, dentro das formas orgânicas, que não pode ser reduzida a uma interpretação psicoquímica. Há um elemento imaterial no material. A teoria aristotélica da *entelequia* (ver o artigo) é fator importante dentro dessa crença.

3. *Biologia organicista*. Esse sistema nega os dois anteriores, ao mesmo tempo em que encara as ações do organismo inteiro como algo que não pode ser compreendido simplesmente como a soma das ações de cada parte constituinte. Ver o artigo sobre o *Problema Corpo-Mente* (EP MM P)

BIOLOGIA ORGÂNICA

Esse título designa aquelas teorias da biologia que supõem que essa disciplina não pode ser ensinada ou descrita senão do ponto de vista dos reducionistas. Ver sobre o *Reducionismo*. A biologia, porém, envolve mais do que a física e a química. Há considerações não-materiais que precisam ser levadas em conta, — como as energias, que seriam mais básicas que os objetos materiais, e que são imateriais quanto à sua natureza. Ou então, a biologia pode ser encarada sob o ponto de vista de que as entidades biológicas são veículos de energias vitais ou formas espirituais, que não são idênticas aos veículos físicos. Ver sobre o *Vitalismo* e a *Alma*. Ver também sobre o *Holismo*. Platão supunha que a natureza inteira é dual, e que não há tais coisas como meros corpos físicos. Todas as coisas teriam uma porção correspondente, de natureza psíquica. (EP P)

BION DE BORÍSTENES

Filósofo grego do século III A.C. Foi discípulo do acadêmico Crates, de Teodoro de Cirene (Teodoro, o ateu) e de Teofrasto (o filósofo peripatético) (ver os artigos sobre eles). Bion tornou-se aderente da filosofia dos cínicos. Foi ele quem popularizou essa teoria e introduziu a forma da *diatribe*. Não obstante, abrandou um tanto a doutrina cínica, afastando-se do ascetismo e aproximando-se mais do ceticismo. (AM P)

BIRAN, MAINE DE

Suas datas foram 1766-1824. Foi o mais importante psicólogo francês do século XIX. Foi profundo pensador e é considerado o santo patrono do *espiritualismo* francês. Para eles, espiritualismo era o mesmo que para nós é o *idealismo* (ver o artigo). Ele afirmava que o alicerce de nosso conhecimento é a consciência que temos de nossas próprias atividades. Para ele, a religião era definida mais como uma questão de sentimentos do que como uma questão de fé. Mostrava-se incapaz de distinguir entre a própria alma como fonte de conhecimento e o conhecimento divinamente outorgado, mediante influências externas. (E)

BIRGITTA, STª

Suas datas foram 1303-1373. Também é conhecida como Stª Bridget. Nasceu em Uppland, na Suécia, filha de uma família nobre. Casou-se com um dos conselheiros do monarca sueco e tinha acesso aos círculos sociais mais elevados. Era mulher de inclinações fortemente religiosas. Depois que seu marido faleceu, em 1344, começou a considerar-se a noiva de Cristo. Julgou ter recebido revelações da Virgem Maria, provenientes de Cristo, e que falavam especificamente de questões relativas à reforma da Igreja e ao retorno da sede papal de Avinhão, na França, para Roma. Ela trabalhou árdua e longamente em favor de uma nova ordem religiosa, o que em parte se concretizou. Várias instituições orginaram-se de seus esforços ou por inspiração sua. Após uma peregrinação a Jerusalém, Birgitta morreu em Roma, em 1373. Foi canonizada em 1391. Parece que as

supostas visões dela não eram tanto de natureza mística; eram antes ordens éticas a respeito da necessidade de reformar os abusos na Igreja de Roma e do estado. Seus escritos foram publicados em latim, em Lubekc, em 1492. Ela foi a fundadora da ordem das bridgetinas, tendo-se tornado a santa patrona da Suécia. Stª Catarina da Suécia foi filha de Bridget, e abadessa entre 1374 e 1375. A festa de Bridget é celebrada a oito de outubro. (AM E)

BIRSA

No hebraico, «grosso» ou «forte»; mas outros preferem pensar no sentido «filho da iniqüidade». Era o nome do rei de Gomorra, quando Quedorlaomer invadiu o lugar (Gên. 14:2), em cerca de 2080 A.C. Ele é mencionado no Gên. Apocryphon xxi.24. Birsa revoltou-se contra Quedorlaomer, rei do Elão, mas foi finalmente derrotado. Posteriormente, Abraão conseguiu derrotar as forças de Quedorlaomer, libertando os gomorritas e seu sobrinho, Ló, que havia sido levado cativo pelos elamitas. (Gên. 14:12-17).

BIRZAVITE

No hebraico, «poço de azeitonas» ou «azeite de oliveira». Pai de Malquiel e bisneto de Aser (I Crô. 7:31). É possível que a moderna cidade de Bir-Zeite, cerca de 24 km ao norte de Jerusalém, derive do nome dele, talvez por ser povoada antigamente por seus descendentes. Alguns estudiosos pensam que Birzavite era nome de uma cidade, e não nome de um homem, e que tal cidade teria sido fundada por Malquiel. A localidade tem sido identificada por alguns com Zerzeto, a aldeia onde Judas Macabeu acampou pela última vez (Josefo, *Anti.* xiii.11,1).

BISLÃO

No hebraico, «em paz». Um dos oficiais do rei da Pérsia, que escreveu a Artaxerxes, solicitando-lhe que proibisse os judeus de reconstruírem o templo (Esd. 4:7), em cerca de 522 A.C. Alguns estudiosos pensam que esse nome pode ter sido, originalmente, a palavra hebraica que significa «contra Jerusalém», e que posteriormente foi corrompido para que significasse «em paz».

BISMILÁ

Um vocábulo árabe que significa «no nome de Deus (Allah)». É uma exclamação comum entre os islamitas. (E)

BISPO

No grego, **episkopos**, «supervisor». Palavra que é aplicada, antes de tudo, a Cristo (I Ped. 2:25); em seguida, ao ofício apostólico (Atos 1:20, citando Sal. 109:8); e finalmente, aos líderes das congregações locais cristãs (Fil. 1:1). Como verbo, substantivo e adjetivo, a palavra aparece no Novo Testamento por onze vezes (Heb. 12:15; I Ped. 2:12,25; 5:2; Luc. 19:44; Atos 1:20; 20:28; I Tim. 3:1,2; Fil. 1:1, e Tito 1:7.

Origens:

Nosso termo português, «bispo», deriva-se do latim, *biscopus*, mas a palavra no Novo Testamento, é grega e designa o Senhor Jesus e os apóstolos como «supervisores», e finalmente, um dos ofícios do ministério cristão, que são os «supervisores» abaixo de Cristo. Os títulos «bispo», «ancião» e «pastor» eram sinônimos perfeitos, indicando um dos quatro ministérios cristãos: apóstolos, profetas, evangelistas e pastores/mestres (Efé. 4:11). Portanto, aqueles três títulos são intercambiáveis, conforme se vê em Atos 20:28. A palavra grega podia ser usada de maneira não-técnica, aplicada a qualquer pessoa dotada de autoridade de supervisão. Em I Pedro 2:25 é um título de Cristo. Em Filipenses 1:1 indica o grupo de autoridades liderantes de uma comunidade cristã. Tito 1:7 parece usar a palavra como sinônimo de «ancião». Talvez devêssemos dizer que «bispo», «ancião» e «pastor» eram três títulos que ressaltavam três aspectos diferentes de uma mesma função eclesiástica.

Contudo, alguns estudiosos pensam que as epístolas pastorais fornecem indícios para pensarmos de outra maneira. Pois Timóteo recebeu de Paulo o poder de consagrar anciãos para serem oficiais das igrejas da área onde ele trabalhava no evangelho. Isso parece aproximar-se ao ofício distinto de «bispo», conforme o mesmo surgiu posteriormente, o qual já tinha autoridade sobre os anciãos de alguma área geográfica. Todavia, não é necessariamente assim, pois pastores podem consagrar outros irmãos como pastores, sem que isso requeira que o presbitério consagrador componha-se de «bispos» que consagrem «pastores», como se um ofício maior desse autoridade a um menor.

Nas funções e poderes dos apóstolos, encontramos uma função similar à dos futuros «bispos», pois os apóstolos certamente tinham funções que se estendiam a áreas geográficas, e não meramente a igrejas locais isoladas. Porém, esse argumento perde muito de sua força quando consideramos que os apóstolos enfeixavam, em seu ofício, todos os demais ministérios. Em seu trabalho, os apóstolos também eram profetas, evangelistas, pastores e mestres. Portanto, não é de se admirar que fizessem coisas próprias dos deveres que, posteriormente, mas ainda dentro do período neotestamentário, eram entregues aos bispos ou anciãos.

Irineu (ver o artigo) no segundo século da era cristã, refere-se aos bispos como sucessores dos apóstolos, tanto como mestres como administradores das igrejas. Até aí, nada há de mais, pois os bispos poderiam ser os mesmos anciãos. Mas Hipólito (ver o artigo), entre 160 e 235 D.C., assevera que somente os bispos tinham a autoridade para ordenar. Torna-se claro, pois, que em sua época, um bispo era mais que um ancião. Na Síria e na Ásia Menor, cada corpo local governante era supervisionado pelos *chorepiscopoi*, ou «bispos itinerantes», os quais, por sua vez, eram responsáveis diante de um bispo fixado em alguma cidade grande mais próxima. Mas, como é evidente, isso já representa uma evolução que não existia nos tempos dos apóstolos, pelo que não deveria servir-nos de padrão. O ministério das igrejas cristãs foi sofrendo transformações que não têm base bíblica. Assim, na África do Norte, um bispo com plenos direitos era nomeado sempre que vinha à existência alguma comunidade cristã. Nos distritos em redor de Alexandria, as aldeias eram deixadas ao encargo de anciãos, os quais operavam sob a supervisão do bispo de Alexandria. A mesma coisa sucedia na Europa Ocidental, onde somente os bispos tinham o direito de ordenar a ministros locais. Naturalmente, havia muitos lugares onde o bispo era apenas o ancião ou pastor de uma igreja local. Mas, em redor das cidades maiores, surgiu a tendência de um pastor de uma cidade maior exercer influência sobre os pastores de cidades menores. E aquele passou a ser chamado «bispo». O título continuava o mesmo dos tempos do

Novo Testamento, mas as funções dos bispos ultrapassavam em tudo quanto se vê nas páginas sagradas. Esse tipo de atividade continuou até que houve a necessidade de surgirem os «arcebispos», ou «bispos-chefes»; ou então, nas igrejas orientais, os «patriarcas». Em todo esse desenvolvimento, foi surgindo o papa de Roma, que tinha maior prestígio e autoridade que a de todos os arcebispos e bispos. Isso criou toda uma hierarquia eclesiástica, ao passo que o Novo Testamento nos apresenta a idéia de um ministério diversificado, mas sem superioridades e inferioridades. Disse Jesus: «...um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos» (Mat. 23:8).

Intervenção do Estado. Quando o imperador Constantino declarou-se cristão, o estado deixou de ser hostil para com o cristianismo. E, dentro do cristianismo oficializado que se formou em torno do imperador, os bispos começaram a ter poderes políticos, e não meramente eclesiásticos. Outrossim, mediante a força de decretos imperiais, o estado com freqüência conferia-lhes esses poderes. Legados e concessões de terra em vários casos transformaram os bispos em poderosos proprietários de terras, e assim sendo, governantes supremos de suas respectivas comunidades, pois combinavam muito dinheiro, autoridade eclesiástica e autoridade civil. Por essa razão é que, na Idade Média, os bispos, em muitos casos, eram cabeças de alguma comunidade feudal. Ocupavam funções políticas e geralmente eram empregados nas atividades do estado. Na igreja da Inglaterra até hoje há poderosos bispos religiosos políticos. Vinte e seis bispos anglicanos têm assento garantido no Parlamento inglês. O ofício dos bispos está muito diferente do que se vê nos dias do Novo Testamento, quando então eram apenas pastores de congregações locais!

Bispos na Cristandade Atual. Referimo-nos a bispos de grupos cristãos onde o ofício extrapola a tudo quanto o Novo Testamento lhes atribui:

a. *Na Igreja Católica Romana*, um bispo exerce autoridade sobre alguma área, havendo padres sob as suas ordens. A teologia católica romana afirma que os bispos são necessários para a própria existência da Igreja. Pois eles estão investidos de autoridade administrativa, de ensino e de ordenação de sacerdotes. Este último item é considerado o mais importante, inseparável mesmo do ofício. Os bispos católicos são considerados vice-regentes de Cristo, canais através dos quais flui a graça divina.

b. *Nas Igrejas Ortodoxas*, o direito de confirmação é regularmente delegado pelo episcopado ao clero inferior. Portanto, ali os bispos não ocupam posição tão crucial como no romanismo.

c. *Na Igreja Episcopal* a denominação é governada por bispos, que governam dioceses e congregam muitas igrejas. Somente os bispos têm o direito de consagrar, havendo três ordens no ministério episcopal: bispos, padres e diáconos.

Tanto os católicos romanos como os anglicanos insistem que seus bispos podem traçar sua sucessão desde os apóstolos de Cristo. Outros contentam-se em fazer essa sucessão retroceder até muitos séculos atrás, sem a necessidade de fazê-la remontar aos apóstolos. E ainda outros grupos cristãos abandonaram totalmente a idéia de uma real sucessão apostólica (ver o artigo), porque é impossível alguém provar tal sucessão, sem importar em qual denominação cristã estejamos pensando.

d. *Presbiterianos.* Entre eles, não é usado o título «bispo» como título separado. A distinção que fazem é entre anciãos que ensinam e anciãos que administram, tendo em mente o trecho de I Timóteo 5:17. O ancião que ensina recebe sua ordenação da parte de outros anciãos-mestres, tornando-se um pastor local, responsável por funções eclesiásticas gerais, incluindo a administração dos sacramentos (ver o artigo). Mas os anciãos administradores são escolhidos por suas respectivas congregações locais, sendo consagrados por um presbitério local, tornando-se um clérigo consagrado.

e. *Mórmons.* Entre eles o termo *bispo* refere-se à principal autoridade de uma congregação local. Não se trata de um clérigo profissional, mas apenas de alguém que se distinguiu em sua capacidade de liderança e como pessoa espiritual. Seria mais ou menos o equivalente aos pastores das igrejas evangélicas, embora sem treinamento formal e sem serem pagos por seus serviços.

Resta-nos falar sobre dois outros grupos evangélicos, que fogem desse quadro, até agora retratado, sobre o ministério dos bispos. Referimo-nos aos:

f. *Pentecostais.* Há entre eles os *pastores* (em alguns grupos se prefere o título anciãos) e os *presbíteros.* Acreditam que há uma gradação entre pastores e presbíteros. Na verdade, estes últimos não têm funções definidas. São apenas leigos esforçados. Não têm bispos como função separada. Isso torna o sistema ministerial muito ilógico. Têm pastores e presbíteros, mas não têm bispos! A lógica exigiria que, já que distinguem entre pastores e presbíteros, também deveriam distinguir entre esses dois títulos e o de bispos! Mas, como o governo eclesiástico dos pentecostais é extremamente centralizado, eles têm pastores de igrejas centrais, às quais se atrelam às vezes centenas de outras igrejas locais, formando o que eles chamam de «ministérios». Os pastores dessas igrejas centrais são virtuais bispos (aos moldes católicos romanos), embora não sejam intitulados como tais. Também têm diáconos.

g. *Congregacionais.* Os únicos oficiais eclesiásticos ali reconhecidos são os pastores e os diáconos. A ordenação efetua-se quando um grupo de pastores reúne-se com essa finalidade específica. Tal ordenação, porém, não é considerada uma transmissão de graças espirituais. Antes, é apenas o reconhecimento de que essas graças já se fazem presentes nos candidatos. Algumas igrejas congregacionais sentem-se dotadas de autoridade para efetuarem ordenações, sem necessitarem convocar igrejas congêneres para esse mister. Pois a autoridade, entre eles, repousa sobre o voto da congregação local, e não nos pastores da denominação. Os grupos batistas, quanto a esse particular, podem ser categorizados entre os congregacionais. (AM C CAR E REID)

BISPO AUXILIAR

Um bispo sem jurisdição pessoal, que atua como assistente do bispo legitimamente constituído. Tal ofício não era visto com bons olhos na Igreja antiga, embora tenha-se tornado prática regular em tempos modernos. (E)

BITIA

No hebraico, «filhã de Yahweh». Ao que parece, era uma das filhas de Faraó que contraiu matrimônio com Merede, descendente de Judá (I Crô. 4:17). Todavia, não se sabe se o pai de Bitia era, realmente, um monarca egípcio, ou se se tratava de um judeu chamado Faraó. Cerca de 1658 A.C.

••• ••• •••

BITÍNIA

Uma província da Ásia Menor, com o mar Negro ao norte e o Bósforo e o Proponto (mar de Mármara) a oeste. Ao sul limitava-se com a Frígia e a Galácia, e a leste com a Paflagônia. Os bitínios, que eram de origem trácia, eram rudes e pouco civilizados; sua história começa no século VI A.C. Mas, em vista de sua força e unidade, conseguiram manter certa independência, enquanto os persas dominavam tudo. Outra coisa sucedeu durante o tempo dos Selêucidas. Formou-se ali uma dinastia, em 297 A.C., que perdurou por dois séculos, até que foi doada a Roma, em 74 A.C., pelo último dos reis trácios. Pompeu uniu a Bitínia com o Ponto, em 64 A.C., e fez do conjunto uma província senatorial. Plínio, o Moço, foi um legado imperial na Bitínia, de 110 a 112 D.C. Dessa época é que chegaram até nós as *Cartas* de Plínio para o imperador Trajano, as quais nos fornecem abundantes informações acerca de Bitínia, seus problemas administrativos, e as legislações anticristãs da época.

Não sabemos dizer como o cristianismo estabeleceu-se na Bitínia; mas, em I Pedro 1:1 a Bitínia é mencionada como um dos lugares onde havia cristãos a quem Pedro se dirigia. Paulo não teve a permissão de visitar aquela área, em certa ocasião (ver Atos 16:7). No entanto, pode tê-lo feito em outras oportunidades, sobre o que nada se sabe. As cartas de Plínio confirmam a vigorosa natureza da igreja cristã dali, requerendo considerável atenção da parte do governo romano. (ID JON)

BITROM

No hebraico, «quebrada» ou «dividida». Aparentemente era uma localidade em um vale que levava ao lado oriental do rio Jordão, através do qual Abner, comandante do exército de Isbosete, e seus homens, marcharam, após terem cruzado aquele rio, na direção de Maanaim. Isso depois da derrota a eles infligida por Joabe, general de Davi (II Sam. 2:29). Algumas traduções dizem «depois do meio-dia», como se fosse uma designação de tempo. Nossa versão portuguesa omite toda uma frase, «e atravessou toda Bitrom», o que significa que o nome do lugar não figura na Bíblia portuguesa, porquanto ela é mencionada somente nessa referência. Mas, se realmente tratava-se de uma cidade, coisa alguma se sabe a seu respeito em nossos dias. Porém, há estudiosos que acreditam que se trata de uma garganta existente na Arabá ou vale do Jordão.

BIZÂNCIO

Cidade fundada em cerca de 658 A.C. por uma colônia de megarianos, sob a liderança de Bizas, de quem a localidade tomou o nome. O imperador Constantino, em 325 D.C., escolheu-a para ser a nova capital do império romano, tendo-a reedificado para servir aos seus propósitos. A nova cidade, chamada Constantinopla, foi dedicada a 11 de maio de 330 D.C.

BIZIOTIÁ

No hebraico, «oliveiras de Yahweh». O nome aparece somente em Jos. 15:28. Aparentemente era uma vila que ficava no sul de Judá, perto de Berseba. Contudo, a LXX diz «e suas filhas», aludindo às aldeias em redor, uma tradução possível através de uma interpretação diferente do texto hebraico.

••• ••• •••

BIZTA

No hebraico, «eunuco» (?), um dos quatro eunucos do harém de Xerxes ou Assuero. Esse eunuco recebeu ordens para trazer Vasti para ser admirada pelos convidados ao banquete do rei (Esd. 1:10). Cerca de 519 A.C.

BLANSHARD, BRAND

Filósofo norte-americano (1892-?). Foi professor na Universidade de Michigan, no Swarthmore College e na Universidade de Yale.

Idéias. 1. A autonomia da razão, dotada de coerência e consistência, na busca pela verdade. 2. Idealismo. O real consiste na idéia, no espírito; e o conhecimento que temos do real é a idéia que temos, através da razão. A realidade corresponde aos universais da compreensão interna. 3. Realismo radical. O universal é uma entidade separada e real. Ver sobre o *Realismo*. 4. A teoria da coerência da verdade. Ver sobre *Teorias da Verdade*. 5. Determinismo, e não livre-arbítrio humano. 6. No campo da ética, o direito é determinado em termos de teologia, e a bondade em termos de satisfação e senso de realização. (EP P)

BLASFÊMIA Grego **blaks** (mal) + **phemi** (falar)

Há quatro palavras hebraicas e uma grega, a saber:

1. *Gadaph*, «insultar». Palavra hebraica usada por sete vezes. Por exemplo: II Reis 19:6; Sal. 44:16; Isa. 37:6,23.

2. *Naqab*, «transpassar». Usada por vinte e quatro vezes. — Por exemplo: Lev. 24:11,16; Núm. 22:11,17; 24:10.

3. *Naats*, «ferroar». Palavra usada por vinte e seis vezes. Por exemplo: II Sam. 12:14; Sal. 74:10,18; Núm. 14:11,23; Deu. 31:20.

4. *Barak*, «abençoar», quando usada negativamente. Palavra usada com o sentido de blasfemar em I Reis 21:10,13.

5. *Blaspheméo*, «blasfemar». Palavra usada por cinqüenta e seis vezes, como verbo, substantivo e adjetivo, desde Mat. 9:3 até Apo. 17:3.

Idéias envolvidas. De acordo com a mentalidade judaica, blasfemar era cometer uma ofensa séria, porquanto negava ou tratava levianamente a soberania de Deus, bem como a dignidade do homem como criatura de Deus. Além disso, os nomes de Deus eram revelações pessoais do Senhor. Difamar ou degradar o nome sagrado, o tetragramaton—J/YHWH—equivalia a rejeitar ou tratar desprezivelmente sua soberania, sua misericórdia e seu poder.

No grego, a palavra significa dizer coisas abusivas, sendo usada para indicar ofensas contra os homens (Apo. 2:9), contra o diabo (Judas 9), contra Deus (Eze. 32:12; Mat. 26:65; Mar. 2:7; Luc. 5:21; Apo. 13:5) contra os anjos, bons ou maus (II Ped. 2:10,11; Judas 8), podendo também ser usada contra qualquer coisa pertencente a Deus. Ocasionalmente, significava difamação ou calúnia. Algumas das autoridades judaicas acusaram Jesus de blasfêmia, como quando ele afirmou que tinha autoridade para perdoar pecados (Mat. 9:3). Provavelmente, os judeus blasfemaram o nome de Cristo sob muitas circunstâncias, como, por exemplo, aquelas que envolvem a questão do sábado ou aquelas atinentes à fonte de seu poder. O perigo maior não era a blasfêmia contra o nome de Cristo; pois tal pecado, embora sério, pode ser perdoado. Todavia, a blasfêmia contra o Espírito Santo é um pecado imperdoável. Ver o artigo sobre o

pecado imperdoável. Ver as notas sobre Mat. 12:31, no NTI.

A lei de Moisés punia os atos de blasfêmia com a pena capital (Lev. 24:10-16). Isso nos mostra a seriedade com que Deus encara esse pecado. (G ID NTI S)

BLASTO

No grego, «rebento» ou «botão». Era o nome do camareiro do rei Herodes Agripa I, mencionado exclusivamente em Atos 12:20. As pessoas íntimas de homens de grande autoridade geralmente tornam-se donas de considerável poder. Quando aquele rei se indignou contra os habitantes de Tiro e de Sidom, e proibiu a exportação de alimentos para as mesmas, chegaram dali delegações em Cesaréia, pedindo reconciliação. Os delegados procuraram a mediação de Blasto, talvez com um suborno, persuadindo-o a garantir uma audiência deles com Herodes.

BLAVATSKY, MADAME

Ver o artigo sobre a **Teosofia**.

BLONDEL, MAURICE

Um filósofo francês **espiritualista** (1891-1949). Os franceses empregam essa palavra para indicar o *idealismo* (ver o artigo), e não para indicar a religião que no Brasil chamamos de espiritismo.

Idéias. 1. A necessidade de desenvolver uma *filosofia de ação*, segundo a qual o intelecto e a vida contemplativa recebem precedência e significado, nas atividades que antecedem e resultam no pensamento. Ele buscava encontrar o equilíbrio apropriado entre a teoria e o pensamento. 2. Sem a ação apropriada, o pensamento não tem finalidade. Porém, por detrás de qualquer atividade, acha-se a *idéia*, a maior força que existe, e que provê o critério para todos os atos. 3. A análise de Blondel termina centralizando-se na idéia do trabalho puro, visto que o pensamento seria um tipo de trabalho, em si mesmo. Pensamento e trabalho são combinados em uma visão de Deus, o qual é ao mesmo tempo, o cúmulo da contemplação e uma imanência transcendental no mundo.

Obras Principais: *Action; Thought; Being and the Being; Philosophy and the Christian Spirit; Philosophical Requirements of Christianity*. (EP P)

BLONDUS, FLAVIUS

Chamado por outros de Flávio Biondo (1392-1463). Foi humanista, historiador e arqueólogo. Serviu como secretário de quatro papas diferentes. Suas obras, postumamente publicadas, a respeito de Roma e da Itália antigas, bem como acerca da era medieval, fizeram dele um dos principais fundadores da historiografia moderna. (E)

BLUMHARDTS, OS

Christoph Blumhardt (1805-1880) foi um pietista. Foi professor na Escola Missionária de Basel, pastor de uma comunidade rural no sul da Alemanha e combateu poderes demoníacos, além de ter sido o instrumento que deu início a um despertamento espiritual que incorporou elementos do cristianismo neotestamentário.

Seu filho, Cristoph Blumhardt (1842-1919), embora tenha sido, a princípio, um pastor e elemento de proa do movimento pietista, voltou sua atenção para atividades sociais e políticas, porquanto via nessas atividades a mão providencial de Deus para a criação de um mundo melhor. Ele se uniu ao Partido Democrático Social, não como membro, mas como cidadão livre, que queria promover idéias socializantes. Os dois Blumhardts, pai e filho, inspiraram outras pessoas quanto aos ideais cristãos, e eventos significativos ocorreram em Mottlingen e em Bad Roll, os lugares onde eles se mostraram mais ativos. (E)

BOÃ

No hebraico, «polegar». Foi um rubenita, em cuja honra foi erigida uma pedra que, posteriormente, serviu de marco de fronteira entre Judá e Benjamim (Jos. 15:6 e 18:17). O texto sagrado, porém, não nos esclarece se esse monumento era um marco sepulcral, ou se foi levantado para comemorar algum grande feito de Boã, quando da conquista da terra de Canaã. Cerca de 714 A.C.

BOANERGES

Uma alcunha dada por Jesus aos dois irmãos, Tiago e João, filhos de Zebedeu, um nome interpretado nas Escrituras como «filhos do trovão». (Mar. 3:17). O sentido da raiz dessa palavra é incerto, pelo que dependemos do que Marcos nos dá como seu significado. A razão pela qual essa alcunha foi dada por Jesus aos dois irmãos não é inteiramente clara, mas as idéias a respeito incluem estas explicações: 1. Eles eram dotados de grande energia física e de uma disposição explosiva. 2. Eles eram possuidores de notável eloqüência. 3. Eles eram revolucionários políticos, pois talvez fossem elementos dentre os zelotes (ver o artigo). Sabemos que um dos doze apóstolos pertencia a esse partido, a saber, Simão o Zelote (Luc. 6:15; Atos 1:13). 4. Talvez o apelido seja reflexo da antiga mitologia acerca dos Gêmeos Celestes, os *dióscuros*, filhos de Zeus, que era o deus do trovão. (ID S Z)

BOAS, GEORGE

Filósofo norte-americano (1891-1980). Estudou nas Universidades de Brown, Columbia e Harvard, tendo obtido o grau de doutor em Filosofia pela Universidade da Califórnia. Foi professor na Universidade John Hopkins, e tornou-se filósofo da história.

Idéias. 1. Os historiadores das idéias deveriam procurar determinar o papel desempenhado pelas idéias, dentro do processo histórico. O homem procura impor ao processo histórico e sua filosofia a sua lógica mas fracassa devido à existência do tempo. 2. Negou a existência dos Universais; também negou a existência dos particulares. Mas afirmou que é justamente do mundo dos particulares que tiramos as metáforas que fazem a base da nossa explicação da realidade. 3. As idéias começam como figuras de linguagem e como metáforas, e terminam transformando-se em mitos. 4. A idéia de causa, por exemplo, começou como uma metáfora, e então evoluiu até tornar-se um mito. O mesmo pode ser dito sobre o conceito de propósito, Idéias mecânicas e a teleologia, como conceitos, e depois como mitos, expandem-se para além de suas esferas legítimas. 5. Termos abstratos como beleza, verdade, lei, ordem, universo, etc., tornam-se emblemas concentrados, modelando os sentimentos, os pensamentos e os alvos humanos. 6. Todos os sistemas de idéias seguem o mesmo padrão de desenvolvimento, ficando envolvidos em

coisas que não podem manusear adequadamente. 7. Portanto, a *periodização* dentro da história consiste em mito e metáfora. 8. As filosofias ou a história participam do processo da mitologização, pelo que sempre são parcialmente irracionais, e a mesma coisa pode ser dita a respeito de todos os sistemas organizados de pensamento.

Obras: Primitivism and Related Ideas in Antiquity; The Happy Beast in French Thought of the 17th Century; Essays on Primitivism and Related Ideas in the Middle Ages; The History of Ideas. (EP P)

BOAS OBRAS

Convém-nos considerar os pontos abaixo:

1. Considerações Práticas. O homem espiritual foi criado a fim de praticar boas obras (Efé. 2:10). Essas são expressões da operação da lei do amor em nós, e resultam do fato de termos nascido de Deus (I João 4:7,11). As boas obras, de todas as variedades, são recomendadas aos crentes (Efé. 2:10; Tito 2:14). Elas resultam do uso apropriado das Escrituras (II Tim. 3:17). Por intermédio delas, os homens glorificam a Deus (Mat. 5:16). Há uma recompensa à espera daqueles que praticarem boas obras (I Cor. 3:14 e Apo. 22:12). As boas obras devem ser tanto sociais quanto individuais, porquanto, quando expressamos amor, devemos fazê-lo tanto em favor de indivíduos isolados como devemos ter em mira toda a sociedade humana. Fazem bem as igrejas locais que promovem programas de **bem-estar social.** hospitais, orfanatos e cursos práticos de instrução, que ajudam as pessoas a obterem empregos, etc. Não basta evangelizar. Nesse particular, a Igreja Católica Romana tem-se mostrado mais ativa que os evangélicos, porquanto essa igreja tem promovido caridade, escolas, hospitais, etc., e algumas de suas ordens religiosas existem com o propósito explícito de praticar boas obras. Precisamos dar-lhe o crédito por essas atividades. Deveríamos imitá-la, não nos mostrando tão pouco ativos nas boas obras sociais, somente porque não somos justificados pelas boas obras, mas pela fé. A epístola de Tiago, no seu segundo capítulo, instrui-nos quanto a essa questão. Os políticos que, com honestidade, e sem interesses egoístas, promovem o bem-estar social, estão cumprindo a vontade de Deus, e nessa medida, são servos de Deus.

2. Um dos Aspectos do Pragmatismo (que vide). Em certo sentido, a verdade pode ser equiparada às boas obras, porquanto a verdade é aquilo que produz benefícios e opera em benefício dos homens. Se não exagerarmos quanto a isso, não a transformando em uma teoria da verdade (ver sobre as *Teorias da Verdade*), então seremos possuidores de uma compreensão útil. A *verdade* não pode jamais ser apenas um conceito. É necessário que a verdade tenha manifestações práticas. Uma dessas manifestações consiste em boas obras práticas.

3. A Boa Vontade. Alguns filósofos pensam que a única coisa verdadeiramente boa é a vontade (Kant). Os atos bons que podemos realizar não serão tão bons se, por detrás dos mesmos, houver motivos egoístas. Além disso, quase sempre os próprios atos são corrompidos por motivos ulteriores, que geralmente assumem formas egoístas. Portanto, a bondade, quando pura e simples, reside na vontade de se fazer o bem. Seja como for, a boa vontade é a mola impulsionadora de onde fluem os atos bons. No sentido cristão, o Espírito Santo transforma-nos para que sejamos dotados de boa vontade, a fim de podermos praticar o bem.

4. Considerações Teológicas:

a. Em primeiro lugar, temos *o conflito em torno da causa da justificação*. Algumas denominações cristãs, e, na realidade, a maioria das religiões, misturam o que é divino com o que é humano, presumindo que a justificação vem através da combinação da fé e das boas obras. Essa era a posição dos hebreus, refletida no Antigo Testamento. Os primitivos cristãos, conforme vemos no décimo quinto capítulo do livro de Atos, tiveram de enfrentar esse ponto de vista em suas próprias fileiras, o que suscitou forte controvérsia. Além disso, o livro de Tiago reflete essa posição, parecendo uma força opositora à doutrina paulina da justificação exclusivamente pela fé. Não podemos divorciar o livro de Tiago do décimo quinto capítulo do livro de Atos, interpretando-o não-historicamente. A história da Igreja primitiva envolve essa controvérsia, — não nos devendo maravilhar que um dos livros do Novo Testamento assuma uma posição não-paulina sobre a questão. Precisamos reconhecer que uma contribuição tipicamente paulina para a compreensão da doutrina cristã é o seu princípio da graça divina. Há indícios dessa doutrina fora de Paulo, mas é inútil tentar encontrar qualquer apresentação clara da mesma antes das epístolas paulinas. Não obstante, é errônea a aplicação do princípio das boas obras dentro do *sistema de merecimento humano*, segundo o qual, mediante o acúmulo de atos corretos e feitos úteis ao próximo, uma pessoa vai acumulando crédito diante de Deus, até que chegue a merecer a salvação de sua alma, através de suas boas obras.

Essa foi a idéia que os reformadores combateram, e com toda a razão. Os escritos de Paulo são radicalmente contrários a tal noção. Ver Romanos 3-5, quanto a uma prolongada declaração cristã a esse respeito. Ver também Gál. 2:16-21 e 3:1 *ss*. Ver o artigo sobre os *Méritos Humanos*. A posição protestante é que as boas obras são o resultado natural da conversão e da justificação, e jamais a sua causa. A ordem de coisas, em Efésios 2:8-10, serve de apoio a essa contenção. O ponto de vista paulino é que o indivíduo, por si mesmo, é incapaz de agradar a Deus, pelo que suas boas obras não lhe servem de mérito. O terceiro capítulo da epístola aos Romanos é uma extensa declaração a esse respeito. O Espírito nos foi dado mediante o ouvir com fé (Gál. 3:2), e não através das obras da lei. A operação do Espírito é a nossa motivação e o nosso poder, e não a nossa tentativa, mediante as nossas próprias forças, e através de nossos próprios recursos, de acumular merecimento diante de Deus. Ver o artigo sobre a *Justificação*, para uma discussão mais completa sobre esse ponto.

b. *Reconciliação*. Há uma maneira de reconciliar os princípios das boas obras e da fé, como porções integrais da justificação. Se considerarmos que as obras realizadas são frutos e labores do Espírito em, e através de nós, então as obras tornam-se um termo para indicar a sua obra *transformadora* em nós, juntamente com os resultados práticos dessa transformação. Isso é algo necessário à justificação, porque o termo não é apenas uma expressão verbal. Inclui aquilo que é feito na vida do crente pelo Espírito de Deus. A justificação, em uma definição mais ampla, tanto é transformação moral e espiritual quanto é santificação. Se não fosse assim, como Paulo poderia falar sobre a justificação da vida? (Romanos 5:18). Portanto, insisto aqui que a descrição paulina da justificação é mais ampla do que a definição dos reformadores a respeito. É precisamente isso que nos

ensina a epístola de Tiago! Mas, segundo a definição protestante tradicional, a justificação exclui os aspectos posteriores da santificação e da transformação do caráter do crente.

A justificação não é uma categoria isolada das demais operações do Espírito. Somente como concepção mental podemos isolá-la desse modo. Na prática, as operações do Espírito em nós são reais e simultâneas; e essa realidade e simultaneidade fazem parte da justificação. Nesse sentido, a justificação depende tanto da fé quanto das obras da fé. Não obstante, essas obras não devem ser entendidas como meritórias, como se fossem fruto da bondade humana. Antes, trata-se da atuação do Espírito de Deus em nós.

c. *O Acolhimento Humano.* A chamada ao arrependimento mostra que o homem é capaz de arrepender-se; de outro modo, tal chamada seria uma zombaria. O homem caiu no pecado, mas continua **havendo uma — graça geral — que o capacita a reagir — favoravelmente — a Deus. Se não** adotarmos essa posição, perderemos inteiramente o **aspecto do *livre-arbítrio* (que vide), — e tal perda é intolerável. Sem livre-arbítrio, não podem haver** requisitos éticos, e nem responsabilidade humana. Em todos os homens resta bondade suficiente para sentirem a força de atração da bondade de Deus e corresponderem à mesma. Porém, a salvação (que vide) é um ato divino, e tanto a fé quanto as obras da fé são resultantes das operações do Espírito. Contudo, o homem caracteriza-se pela inércia espiritual, e para corresponder aos reclamos do Espírito, é mister que receba o influxo da graça divina capacitadora. Desse modo o homem chega a crer e a agir em consonância com a sua fé, embora suas boas obras não sejam meritórias para a salvação.

d. *A Questão dos Galardões.* Os galardões ou recompensas incluem *aquilo que* recebemos, mas o conceito consiste, essencialmente, *naquilo em que nos tornamos.* Se um homem vier a receber a coroa da justiça (II Tim. 4:8), isso significará que ele adquiriu a natureza moral e santa de Deus. Se ele vier a receber a coroa da vida (Tia. 1:12 e Apo. 2:10), isso significará que ele veio a compartilhar da vida divina, da vida eterna, da vida celestial. Por toda a parte, as Escrituras são claras no sentido de que os homens serão julgados de acordo com as suas obras, recebendo essas coroas em resultado de um *desempenho* fiel, e não meramente por haver crido em certo número de doutrinas acerca de Cristo. Ver Rom. 2:6; Apo. 20:12. O trecho de I Coríntios 3:10 *ss*, deixa claro que esse princípio aplica-se plenamente ao crente. Portanto, podemos concluir somente que a glorificação, que inclui o princípio das recompensas, dependerá das nossas obras, e não apenas da nossa fé. Ao mesmo tempo, precisamos apressar-nos a ajuntar que isso resulta das operações divinas em nós, não sendo méritos que acumulamos mediante nossos próprios esforços desassistidos. Não obstante, esse princípio mostra-nos que as obras, nesse sentido, não são meramente resultados da fé. Elas são, na sua própria essência, aquilo que o Espírito está operando em nós, em seu processo de transformação do crente. Quanto a esse aspecto, fé e obras são sinônimos. Paulo declarou sucintamente esse princípio, ao escrever: «...desenvolvei (efetuai) a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade» (Fil. 2:12,13). Deveríamos notar que ambos os verbos portugueses, «desenvolver» e «efetuar», no original grego procedem da mesma raiz. Ninguém, por si mesmo, pode efetuar a sua salvação. Mas quando alguém, através do Espírito, torna-se capaz disso, então *está na obrigação de fazê-lo.*

e. *Contra a Crença Fácil.* Lamento, mas preciso falar como o estou fazendo. Na Igreja Católica Romana, os sacramentos tomam conta de tudo, e obtém-se a impressão de que o homem nada mais precisa fazer, se tiver sido batizado, se assistir a missa com freqüência, se participar da comunhão, etc. Tal doutrina é enganadora. Nas igrejas evangélicas, por sua vez, isso tem sido substituído pela pública confissão de fé, na qual, presumivelmente, o indivíduo confessa a Cristo e dá seu assentimento diante de certo número de doutrinas acerca de sua pessoa e de sua realização, nada mais faz, e, contudo, supostamente atinge a salvação. Trata-se de uma total insensatez. Pois contradiz todos os conceitos neotestamentários que dizem respeito ao que está envolvido na salvação: a nossa *transformação* segundo a imagem e a natureza de Cristo (Rom. 8:29), através da contínua operação do Espírito (II Cor. 3:18), mediante o *cultivo* em nós das virtudes morais e espirituais (Gál. 5:22,23). Ninguém obterá alguma coroa espiritual (ver o artigo sobre as *Coroas*), a menos que seja digno (Apo. 2:7), e ninguém verá o Senhor sem a santificação (Heb. 12:14). Todas as promessas das sete cartas do Apocalipse foram endereçadas aos vencedores. Aos vencedores é ali prometida a árvore da vida (Apo. 2:14), o escapar da segunda morte (2:11), o poder comer do maná celestial e o receber de um novo nome (2:17), o entrar no reino milenar e o receber a estrela da manhã (2:28), o andar de branco e não ter o seu nome apagado do Livro da Vida (3:5), o tornar-se uma coluna no templo celestial de Deus e ter o nome de Deus nele inscrito (3:12), e o sentar-se no trono de Deus (3:21).

f. *Essas são questões sérias*, e, em minha opinião, são tratadas com superficialidade tanto pela Igreja Católica Romana quanto por muitas igrejas protestantes e evangélicas, embora sob diferentes ângulos. Nada é mais claro para mim do que isto: A confissão de um crente é a sua vida. Sem isso, não há confissão válida. (B C H NTI)

BOAVENTURA, São

Suas datas foram 1221-1274. Nasceu em Toscana, Itália. Era frade franciscano. Foi bispo de Albano e cardeal em 1273. Era homem dotado de natureza pacífica e meditativa, sempre pronto a reconhecer os elementos de verdade contidos nas opiniões que ele rejeitava. Procurava reconciliar pontos de vista divergentes, refreando-se em tomar decisões finais, preferindo aguardar a iluminação de seu entendimento—uma pessoa realmente rara! Sua autoridade favorita era Agostinho (ver o artigo), em quem via uma útil síntese entre Platão e Aristóteles. Em suas obras religiosas e epistemológicas, ele subscrevia a teoria da iluminação. Foi um teólogo místico contemplativo, mas impelido por rigoroso voluntarismo (que vide).

Idéias. 1. A filosofia culmina no misticismo (que vide), sua mais elevada expressão. A fé é central às experiências religiosas. A razão não deve atuar independentemente da fé, visto que a razão isolada sempre cai em erro. 2. Todas as pessoas têm uma consciência e um conhecimento implícitos de Deus. A meditação encoraja o florescimento desse conhecimento. Os próprios argumentos racionais estribam-se em discernimentos intuitivos, aquele conhecimento inato que todos já trazemos conosco. 3. O melhor argumento em prol da existência de Deus é o argumento ontológico de Anselmo (que vide). 4. Há um elemento

ético em todos os homens, que pode ser cultivado na busca pela felicidade. O homem é dotado de uma noção inata de virtude. Ver sobre as *idéias inatas*. 5. No tocante às experiências ordinárias, o conhecimento vem através da experiência dos sentidos, e a mente começa a operar no indivíduo como um tábula rasa. Todavia, o homem possui uma luz natural da razão, a qual lhe permite discernir a universalidade dos princípios, depois que ele já adquiriu as idéias relevantes mediante a observação. 6. A mutabilidade e as constantes alterações do mundo material não nos permitem encontrar a verdade através da observação e da percepção dos sentidos. É necessário a confiança na iluminação quanto a todo o nosso conhecimento, exceto quanto àquilo que é corriqueiro e mundano. Nossas idéias correspondem às idéias da mente de Deus, e por elas são inspiradas. 7. Todas as coisas são reflexos moldados em Deus. E o homem, como imagem de Deus, reflete a Trindade por ser um ser triúno. 8. A alma originou-se do nada, mediante um ato criador de Deus. Em sua relação com o corpo, a alma é a forma e a realidade do corpo, mas também é espiritual e transcendental, em sua natureza e destino. 9. Quando da criação, houve as *rationes seminales*, isto é, as sementes da razão que fazem as coisas serem o que são, os poderes do Logos em operação. A matéria é o canteiro das atividades dessas sementes da razão. 10. Deus é forma pura, é ato puro, o autor da matéria e da forma, e conhece todas as coisas de maneira eterna, e não como meras sucessões de formas e condições. É na direção desse tipo de ser que estamos avançando, e Nele obtemos nossa felicidade, nossa verdade, nossa realidade. Acima da nossa capacidade de percepção há trevas místicas produzidas por uma superabundante iluminação, as quais podem tornar-se uma visão de Deus do outro lado da existência. Ver sobre a *Visão Beatífica*.

Escritos: *Comentário sobre as Sentenças de Pedro Lombardo; Sobre o Conhecimento de Cristo; Sobre o Mistério da Trindade; Sobre a Caridade e as Últimas Coisas; A Jornada da Mente de Deus; As Duas Vidas de São Francisco; Sobre os Sete Dons do Espírito Santo; Sobre os Seis Dias da Criação*. (AM E EP P)

BOAZ

No hebraico, «felicidade» ou «rapidez». É nome de uma pessoa e de um detalhe arquitetônico do templo de Salomão, a saber:

1. Um rico belemita e parente chegado do marido falecido da moabita Rute (vide), e com quem, finalmente, se casou, sob a obrigação do casamento levirato, que ele cumpriu voluntariamente, em cerca de 1360 A.C. A conduta digna de Boaz, sua sensibilidade e seu espírito bondoso, sua piedade e suas boas maneiras, são pontos ressaltados no livro de Rute, oferecendo-nos uma boa idéia de como seriam as pessoas pertencentes à classe alta de Israel. Do matrimônio nasceu Obede, que foi pai de Jessé, que foi pai de Davi. Portanto, Boaz foi um ancestral direto de Jesus. Seu nome ocorre na genealogia de Jesus, em Mat. 1:5.

Apesar de ser proibido por lei que uma pessoa moabita fizesse parte do povo de Israel pelo decurso de dez gerações, Rute aceitou a religião e os costumes de Israel, ao seguir Noemi de volta à Terra Santa. Devido a essa circunstância, surgiu o mais bem conhecido dos versículos do livro de Rute, —que diz: «Não me instes para que te deixe, e me obrigue a não seguir-te; porque aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus» (Rute 1:16). Muitas declarações devotas têm sido inspiradas por esse versículo.

2. Nome de uma das colunas de bronze postas por Salomão diante do templo de Jerusalém. Aquela que ficava no lado norte era chamada Boaz; e a que ficava no lado sul, chamava-se Jaquim. Eram adornadas com capitéis representando lírios. (I Reis 7:21 e II Crô. 3:17). (G H A ID)

••• ••• •••

BOCA

No hebraico, **peh**, palavra que aparece por cerca de quatrocentas e quarenta vezes (por exemplo: Gên. 4:11; Êxo. 4:11; Núm. 12:8; Deu. 8:3; Jos. 1:8; Juí. 7:6; I Sam. 1:12; II Sam. 1:16; I Reis 7:31; Jó 3:1; Sal. 5:9; 145:21; Pro. 2:6; 4:5; 31:36; Isa. 1:20; Jer. 1:9; Eze. 2:8; Zac. 5:8; Mal. 2:6,7). No grego, *stóma*, palavra que aparece por cerca de setenta e cinco vezes, desde Mat. 4:4 até Apo. 19:21.

A boca é a cavidade do começo do aparelho digestivo, localizada entre os maxilares superior e inferior, que conduz diretamente à faringe (garganta). Na boca estão os dentes, as gengivas e a língua. Na boca derramam-se as secreções das glândulas salivares, a saber, as parótidas, as submaxilares e as sublinguais. Essas secreções contêm enzimas que dão início à digestão dos alimentos. Na boca também está localizado o sentido do gosto, e os dentes servem para triturar os alimentos e ajudar a impregná-los com saliva. A boca também está envolvida nos processos da respiração e da articulação da fala, da expectoração e do ato de chupar. As pessoas ficam admiradas ao serem informadas de que a boca é, sem dúvida alguma, a porção mais suja do corpo humano. Consideremos estes fatos espantosos: 1. Não há líquido bucal que possa esterilizar a boca senão aqueles que são tão potentes que destróem os tecidos que recobrem internamente a boca. 2. Nem o ato mais cuidadoso de escovar os dentes é capaz de realmente esterilizar a boca. 3. Os nutrientes que colocamos na boca servem de bom meio de cultura de toda espécie de bactérias, que crescem e se reproduzem na nossa boca. 4. A saliva tende por desencorajar a multiplicação de todas as demais bactérias, excetuando aquelas que produzem enfermidades no homem. Portanto, os germens que podem causar doenças são precisamente aqueles que são ajudados pela saliva. A mordida humana é um dos ferimentos que os médicos têm maior dificuldade em curar! Até mesmo aqueles que sabem desses fatos continuam beijando-se.

Usos Metafóricos: 1. Ser pesado de boca significa falar com lentidão (Êxo. 4:1). 2. A boca macia indica a linguagem lisonjeadora, ou seja, aquele que engana o próximo (Sal. 55:21; 109:2). 3. Falar boca a boca significa comunicar-se com outrem sem a ajuda de intérprete (Núm. 12:8; I Reis 8:15). 4. Pôr palavras na boca de alguém significa sugerir o que esse alguém deve dizer (Est. 4:15, embora a figura de linguagem não apareça em português). 5. Estar na boca significa falar freqüentemente a respeito de algo (Êxo. 13:9). 6. Pôr a mão sobre a boca quer dizer guardar silêncio (Juí. 18:19; Jó 21:5). 7. Pôr um dedo sobre a boca equivale a pedir silêncio. 8. Pedir conselho da boca do Senhor é buscar informação espiritual (Jos. 9:14, outra figura de linguagem que não transparece no texto português da Bíblia). 9. Desandar a boca contra os céus é falar com extrema arrogância (Sal. 73:9). 10. A vara da boca indica a Palavra de Deus (Isa. 11:4). 11. A palavra «boca» algumas vezes indica aquilo que alguém diz (Núm. 3:16). 12. Toda a espécie de maldade procede da boca, —que é considerada a

fonte de grandes males (Mat. 15:18; Rom. 3:14). 13. Entre as bocas não-humanas temos a boca de uma caverna (Jos. 10:27); a boca de um sepulcro (Sal. 141:7); a boca de um saco (Gên. 42:27); a boca de um poço (Gên. 29:10). 14. A ameaça de julgamento severo, por pronunciação de Deus, é uma *espada* que sai de Sua boca (Apo. 19:15). (AD AM BR Z)

BOCCACCIO, GIOVANNI

Poeta e novelista italiano (1313-1375), — que divide com Petrarca (ver o artigo) a honra de ser um dos primeiros humanistas. Embora tivesse estudado por toda a vida as obras de Dante (que vide) de quem era admirador, e tivesse escrito muitos poemas que mostram a influência de seu mestre, ele tornou-se mais conhecido devido ao seu *Decamerom*. Essa obra mereceu-lhe o título de criador da novela, como uma forma de arte da prosa italiana. Posteriormente, Boccaccio deplorou a licenciosidade de certas passagens de seus escritos. Ele veio a tornar-se inspirador dos anedotistas de piadas indecentes, embora seu nome seja distorcido pelo vulgo.

BOCHECHAS Ver **Rosto (Bochechas)**.

BOCRU

No hebraico, «primogênito» ou «jovem». Foi um dos seis filhos de Azel, descendente do rei Saul (I Crô. 8:38). Cerca de 1037 A.C.

BODE EXPIATÓRIO

Ver **Azazel**.

BODELSCHWING, FRIEDRICH VON

Suas datas foram 1831-1910. Era filho de uma antiga família prussiana, habilidoso em questões financeiras e praticante de caridades religiosas. Foi teólogo dotado de fé singela e pastor conhecido por sua notável compaixão, que sempre se mostrou ativo em obras de caridade. Ele estabeleceu a colônia de misericórdia em Betel, em Bielefeld, na Westphalia. Ali, durante setenta anos, milhares de pessoas enfermas vieram buscar ajuda, entre as quais muitos epilépticos que viviam em grupos, formando famílias. Era uma comunidade operosa, que provia para quase todas as suas necessidades. Nas proximidades foi organizada uma colônia de trabalho para os desempregados, uma colônia agrícola, lugares onde podiam ficar trabalhadores imigrantes. Esses estabelecimentos tornaram-se modelos emulados pelo governo alemão. A igreja era um aspecto importante dessas organizações, bem como o centro do consolo que as pessoas ali encontravam. Florescia ali a lei do amor, que é um dos principais aspectos da espiritualidade autêntica. (E)

BODHI

Um termo «sânscrito que significa «sabedoria» ou «iluminação», largamente empregado na filosofia indiana. É o contrário de *avidya* (que vide), e que significa «ignorância». Ver também sobre *Bodhisattva*. (P)

BODHISATTVA

No sânscrito, trata-se da combinação de **bodhi**, «sabedoria», e *sattva*, «existência em». A palavra indica aquele que desiste de tornar-se como Buda, por amor ao próximo. Essa doutrina encontra-se tanto no budismo Hinayana como no budismo Mahayana, embora seja considerada mais importante neste último. Ver sobre o *Budismo Mahayana*. (P)

BODIN, JEAN

Filósofo político francês (1530-1596). Nasceu em Angers, educou-se em Toulouse, e tornou-se advogado. Serviu como parlamentar e posteriormente tornou-se secretário do duque de Alençon. Em 1576 foi nomeado advogado do rei da França.

Idéias. 1. O conhecimento divide-se em história humana, história natural e história divina, com os nomes de antropologia, física e teologia. O aspecto que mais chamava a sua atenção era a história humana. 2. Ele argumentava em prol da monarquia como a melhor forma de governo. A força da lei civil estaria investida no rei, dotado de poderes de vida e morte. O poder monárquico só seria limitado pelo senso de justiça. 3. Ele pensava que a geografia influencia as crenças e os costumes dos povos, incluindo as formas de governo que são estabelecidas.

Obras: *Method for the Easy Comprehension of History; The Response; The Six Books of the Republic; The Theater of Nature* (E EP)

BODMER, Papiros de. Ver **Papiros de Bodmer.**

BOEHM, MARTIN

Suas datas foram 1725-1812. Foi expulso do grupo menonita em face de seu zelo evangelístico. Veio a tornar-se co-fundador, juntamente com Otterbein (ver o artigo) da Igreja dos Irmãos Unidos em Cristo, tendo sido um de seus bispos, de 1800 a 1812. (E)

BOEHME, JACOB

Suas datas foram 1575-1624. Foi filósofo místico e religioso alemão. Nasceu e viveu na Saxônia. Foi criado como luterano, recebeu educação formal e exerceu notável influência sobre o pensamento posterior religioso e filosófico. Entrou em choque com pessoas que defendiam a ortodoxia e foi banido de Gorlitz, sua cidade natal, onde residia. Foi julgado por heresia, mas conseguiu retornar para o lar, sob a proteção do eleitor da Saxônia. Muitos homens eruditos visitavam-no para dialogar, em suas vívidas conversações. Era fabricante de sapatos por profissão, mas sua paixão era o misticismo religioso. Ele compôs material que continua exercendo influência até os nossos dias sobre vários sistemas. Influenciou grupos tão diversos como o pietismo alemão (que vide) e os quacres ingleses (que vide). Homens como William Law, William Blake, Hegel, Schelling, Baader e Schopenhauer muito deviam a ele. Infelizmente, seus escritos são obscurecidos pelo vocabulário que ele tomava por empréstimo da literatura da alquimia da época. Mas, todo o pesquisador de suas obras sente que ali há coisas aproveitáveis, que ainda não foram devidamente perscrutadas.

Idéias. 1. Jacob Boehme afirmava ter recebido iluminação divina acerca da natureza de Deus, da origem e estrutura do universo, de diversos mistérios das Escrituras e de discernimento quanto aos sacramentos. 2. Ele postulava que a criação inteira, em todos os seus aspectos, é manifestação de Deus, e portanto, de duas vontades: uma amorosa, e a outra, iracunda. Dessa maneira, pois, ele explicava o problema do mal (ver o artigo). 3. Por detrás de toda realidade acha-se o *Abismo*, que é o próprio Deus. Disso resultava uma certa manifestação divina, a Trindade. 4. A *Luz primária* é a essência do ser, que contém tudo quanto surgiu em seguida. 5. Da Luz derivaram-se as Trevas, uma existência contrária, que se manifesta nas pessoas sob a forma de egocentrismo e inércia. Luz e trevas seriam vontades. Quando elas entram em conflito ocorre a amargura, o descontenta-

mento espiritual. 6. A amargura aumenta e produz o fogo, a bruxuleante luz do homem exterior. 7. O conflito pode ser resolvido pela luz, quando alguém percebe as coisas conforme elas realmente são. Em termos teológicos, Cristo é a Luz, é a própria manifestação de Deus. 8. Luz é Deus, manifesto em meio às trevas. 9. Cada indivíduo mistura os princípios da luz e das trevas: o primeiro o eleva, mas o segundo desses princípios arrasta-o para baixo. 10. Dentro do processo criativo, há o princípio de negação, existente no ser de Deus. O mundo é um reflexo da essência divina, em suas várias manifestações.

Obras: *Aurora, or the Dawn; De Tribus Principiis,* ou *Description of the Three Principles of Divine Being; Concerning the Three Divisions in the Lives of Men; The Signature of All Things; The Great Mistery, An Explanation of the First Book of Moses.* (E EP P)

BOETHIUS

Anicus Manlius Severinus Boethius, filósofo eclético romano (489-525). Ele tentou uma síntese do pensamento helenista, romano e cristão, preservando o que havia de melhor no antigo sistema, procurando engendrar um novo sistema. Tem sido chamado de último dos filósofos romanos e primeiro dos escolásticos. — Foi cônsul romano e ministro de Teodorico, rei dos ostrogodos, por quem foi acusado de traição, encarcerado e, finalmente, executado. Enquanto aguardava a execução, compôs seu livro *Sobre o Consolo da Filosofia*. Conhecia o grego, e procurou fazer as obras de Platão e Aristóteles disponíveis a leitores de latim. Todavia, não obteve grande sucesso nesse campo, embora tivesse contribuído significativamente para as artes, a filosofia e a música. Sua interpretação sobre as *Categorias*, de Aristóteles, era o único material disponível das obras aristotélicas sobre a lógica, conhecido no Ocidente, até o século XII D.C. A principal mensagem de sua obra, *Sobre o Consolo da Filosofia*, é que o mundo de valores transitórios e em mutação precisa ser contrastado com os valores eternos da filosofia e da teologia, a nós disponíveis mediante a vida contemplativa e a fé na providência de Deus.

Escritos: *Sobre o Consolo da Filosofia; Sobre a Diferença de Natureza e de Pessoa; Comentários* sobre Aristóteles, Porfírio, Cícero e Vitorino. Várias obras teológicas a ele atribuídas, antes postas em dúvida, agora são consideradas produções autênticas de Boethius.

BOFETE

No grego, **kolaphidzo**, «esmurrar», dando a entender um tratamento violento e rude. É vocábulo que figura por cinco vezes: Mat. 26:67; Mar. 14:65; I Cor. 4:11; II Cor. 12:7 e I Ped. 2:20. A ação pode envolver as idéias de várias formas de derrisão e de castigo físico, conforme se vê nas duas primeiras dessas referências, ou de aflição, como se vê em I Cor. 4:11, ou de punição, como se vê em I Ped. 2:20. Os evangelhos narram como Jesus foi moral e literalmente esmurrado pelas autoridades religiosas dos judeus. Os primitivos cristãos foram tratados com a mesma violência (I Cor. 4:11). Paulo era afligido por um espinho na carne (II Cor. 12:7). Ver o NTI quanto à natureza desse espinho na carne.

Um outro termo grego, *upopiádzo*, «bater debaixo do olho», ou produzir um olho roxo, foi usado figuradamente por Paulo, para indicar como ele disciplinava o seu corpo, com finalidades de avanço espiritual (I Cor. 9:27). A persistência na oração é uma espécie de autocastigo (desgastante), tendo em mira um bom propósito (Luc. 18:5).

BOFF, LEONARDO Ver **Teologia da Libertação.**

BOHMER, HEINRICH

Suas datas foram 1869-1927. Foi professor em Bonn, Marburgo e Leipzig. Foi uma das diversas mentes teológicas que contribuíram para a compreensão da Reforma protestante (que vide). Suas observações a respeito do cristianismo alemão serviram de pontos a serem discutidos por investigadores posteriores. (E)

BOICOTE

Prática de alguma recusa coletiva para fazer negócios com algum indivíduo ou com alguma organização comercial, ou mesmo com alguma nação, usualmente no sentido econômico. Isso é usado como protesto contra normas impostas, cujo intuito é alterar práticas econômicas ou políticas indesejáveis. O nome deriva-se do capitão Boycott (1832-1897), que foi alvo de uma medida dessa natureza por parte de residentes irlandeses irados, que buscavam pôr fim às explorações de Boycott, que era o proprietário de suas residências. A prática envolve implicações morais, porquanto, usualmente, é aplicada especificamente dentro de um contexto ético. Trata-se de um protesto contra os abusos daqueles que estão no poder ou exercem controle sobre outros, tendo em vista conseguir condições mais justas.

O grande problema que envolve a prática é que geralmente é difícil determinar o que é justo, porque, algumas vezes, as pessoas «oprimidas» são meramente gananciosas. Assim, indústrias têm sido fechadas por pessoas que exigem salários exageradamente altos, as quais usam de boicote para fazer valer suas demandas. Por outro lado, há alguns grandes abusos que a medida tem ajudado a eliminar. (H)

BOIEIRO

No hebraico, **boqer**, vocábulo que aparece somente por uma vez no Antigo Testamento, em Amós 7:14. Um outro termo hebraico, *noqed*, figura por duas vezes, em Amós 1:1 e II Reis 3:14. Ainda um outro termo hebraico, *raah*, «dar o pasto», é usado por mais de cento e sessenta vezes, muitas das quais traduzidas por «boieiro» ou sinônimo (por exemplo: Gên. 13:7,8; 26:20; I Sam. 21:7).

O boieiro era alguém que cuidava de bois, em contraste com o *roi*, que era quem cuidava de ovelhas. Os proprietários de rebanhos deixavam seus animais aos cuidados dos boieiros, para impedi-los de se dispersarem, para protegê-los das feras, para conduzi-los a convenientes lugares de pastagem. Usualmente, os boieiros levavam consigo uma vara dotada de ponta de ferro, o aguilhão, que podia ser usado para tanger os animais, ou como arma, se necessário fosse. Também levavam uma bolsa para provisões (ver I Sam. 17:40,43; Sal. 23:4; Miq. 7:14; Mat. 10:10). Eles usavam uma capa, com a qual envolviam o corpo (Jer. 43:12). A alimentação deles era simples e frugal (Amós 7:14; Luc. 15:15). Seu salário consistia nos produtos do rebanho (Gên. 30:32 *ss*; I Cor. 9:7). A ocupação deles era considerada honrosa (Gên. 47:6; I Sam. 11:15). Saul exercia esse trabalho, em seus momentos vagos (I Sam. 21:7). No Egito, os irmãos de José trabalhavam nesse mister. Os boieiros de Davi eram contados entre seus principais

oficiais de estado. O profeta Amós era boieiro (Amós 1:1 e 7:14). O material encontrado em Ugarite mostra que aqueles que trabalhavam nos rebanhos reais ocupavam um ofício de grande prestígio. (S UN Z)

BOI SELVAGEM

No hebraico temos uma palavra usada por nove vezes (ver Núm. 23:22; 24:8; Deu. 33:17; Jó. 39:9,10; Sal. 22:21; 29:6; 92:10 e Isa. 34:7). Os estudiosos estão concordes que esse animal, cientificamente conhecido como *Bos Primigenius*, era um magnífico espécime, atualmente extinto, tendo sido o ancestral do moderno gado vacum. Algumas versões trazem a infeliz tradução «unicórnio», um animal imaginário dos relatos míticos.

O boi selvagem era maior que o gado domesticado de nossos dias. O touro era marrom escuro, com longos chifres voltados para frente e para cima. Nos tempos primitivos, esse animal, que em português também é conhecido por «auroque», tinha seu habitat em grande parte da Europa, da Ásia central e ocidental, e em certas porções do norte da África, incluindo o Egito, onde já estava se tornando raro, durante o reinado de Tutmés III (cerca de 1500 A.C.). A última menção ao mesmo, nos escritos egípcios, pertence à época de Ramisés III (1190). Os reis assírios também caçavam esse animal. — Interessante é que ele sobrevivia, até poucos séculos atrás, nas porções menos habitadas da Mesopotâmia. O último espécime vivo na Europa morreu em 1627. Na Palestina, porém, já havia desaparecido desde muito antes da era cristã. O auroque era o ungulado selvagem maior e mais poderoso de todos. O trecho de Isa. 34:6,7 associa esse animal a outros animais limpos. Jó 39:9,10 faz contraste entre o boi selvagem e o boi doméstico. Temos ali apenas referências figuradas que deixam entrever que os escritores sagrados estavam familiarizados com esse animal, e que ele fazia parte da fauna das terras em derredor da Palestina, senão mesmo da Palestina propriamente dita.

BOIS, HENRI

Nasceu em 1862 na França, mas a data de seu falecimento é desconhecida. Foi deão da faculdade teológica de Montaban, na França. Defendeu o teísmo pessoal (ver sobre *personalismo*). Atribuía a Deus qualidades humanas, como sentimentos, paixão e vontade, em contraste com as filosofias panteístas e agnósticas que negam esses atributos tipicamente antropomórficos. Jesus Cristo, conforme ele dizia, trouxe esclarecimentos sobre as qualidades divinas. Bois denunciava as tendências para o panteísmo e para o monismo, que furtam Deus de características pessoais. Ele estava convencido de que o personalismo neocrítico de Renouvier (que vide) fornece-nos a verdadeira solução para o problema da natureza de Deus. (E)

BOLO DE PÃO

No hebraico, **challah**, «bolo perfurado», palavra que ocorre por catorze vezes: Êxo. 29:2,23; Lev. 2:4; 7:12,13; 8:26; 24:5; Núm. 6:15; 19; 15:20; II Sam. 6:19. Nossa versão portuguesa traduz a palavra por «bolos asmos», «bolo de pão», «bolos», «pães». Alguns estudiosos pensam que há aqui menção a uma espécie de bolo de uvas passas pressionadas. Ver o artigo geral sobre *pão*. Vários itens da confeitaria antiga eram chamados *pães*, que nós chamaríamos de *bolos*.

BOLSA

Sacolas feitas de vários materiais, como couro ou fibras trançadas, de uso bastante comum nos tempos bíblicos, para transporte de todo o tipo de objetos, como dinheiro (Isa. 46:6), água e vinho (caso em que eram chamadas «odres», ver Mat. 9:17). Os pastores usavam seus surrões, onde transportavam as mais diversas coisas. No hebraico estão envolvidas quatro palavras diferentes: 1. *Khawreet*, saco, (ver II Reis 5:23; Isa. 3:22). 2. *Tserore*, literalmente, «feixe» (ver I Sam. 25:29), que era uma sacola ou saquitel para transportar dinheiro em uma viagem. 3. *Keece*, também traduzida por bolsa, em Deu. 25:13; Pro. 16:11; Isa. 46:6 e Miq. 6:11, e que indicava uma sacola para transportar pesos. 4. *Keli*, usada por nada menos de duzentas e oitenta e cinco vezes, e traduzida por «armadura», «instrumento», «jóia», «arma», «vaso», etc. (Ver, para exemplificar, I Sam. 17:40 e Zac. 11:15,16). Era usada pelos pastores, pelos médicos, para transportar lâmpadas, etc. No Novo Testamento, temos as palavras gregas *balántion*, «bolsa», em Luc. 10:4; 12:33; 22:35,36; e *glossókomon*, originalmente uma caixa para transportar uma flauta, mas depois um «receptáculo» usado para qualquer finalidade, palavra que aparece somente em João 12:6 e 13:29. (S UN)

BOM, BONDADE

Nos diálogos de Platão, exceto em seu Banquete, a Forma ou Idéia do Bom é o mais elevado princípio moral e metafísico. Portanto, usando termos cristãos, a *bondade* é a principal característica de Deus, da qual tudo o mais se originou, e na direção do que tudo se move. A vida inteira é uma inquirição ética, cujo desígnio é libertar a alma de seu cárcere do corpo mortal, devolvendo-a à liberdade do mundo das idéias (equivalente aos céus cristãos). Dali ela provém, e para ali ela está retornando. Porém, isso torna-se impossível sem a perfeição na bondade moral.

I. Idéias Filosóficas:

1. No seu diálogo, **Leis**, Platão substituiu as idéias pelo termo Deus, fazendo com que as idéias se tornassem atributos de Deus. Portanto, a bondade seria o mais elevado atributo divino. Isso é paralelo à declaração cristã e bíblica de que *Deus é amor* (ver I João 4:16). É interessante que a palavra anglo-saxônica para Deus, *God*, seja a palavra por detrás da palavra bom, *good*. A verdadeira bondade é uma qualidade transcendental.

2. Platão deu início à discussão sobre o que é intrinsecamente bom e sobre o que é instrumento do bem. Um bem intrínseco é aquilo que é bom em si mesmo. Um bem instrumental é aquilo que resulta no bem, mediante o seu uso.

3. O que é intrinsecamente bom mescla-se com o conceito do *bem maior*, ou *summum bonum* (que vide), uma expressão empregada pelos filósofos para referir-se a Deus, ou ao bem mais elevado possível.

4. Aristóteles pensava que a *eudaimonia* (felicidade) é o maior bem, bem como o objeto de nossa inquirição ética. Isso tem paralelo, na teologia cristã, na idéia de que a finalidade do homem consiste em glorificar a Deus e desfrutar de Deus para sempre (Confissão de Westminster, *que vide*).

5. Os filósofos epicureus faziam do prazer o bem mais elevado, embora usualmente o compreendessem como os prazeres intelectuais ou os prazeres moderados. Os hedonistas (ver sobre o *hedonismo*) pensavam que quanto maior fosse o prazer, tanto melhor; e isso, para eles, seria o maior bem.

6. Os estóicos faziam da *apatia* ou indiferença o maior bem.

7. O confucionismo (que vide) enfatiza o *li* (que vide), isto é a propriedade ou princípio do benefício, resultante do amor, como o maior bem.

8. Alguns filósofos vêem a bondade como um conceito mais amplo do que o *direito*. O direito pode ser justo, mas a bondade aplica a misericórdia e o amor a todas as situações; pelo que a bondade é superior ao direito. Ver o contraste feito por Paulo entre o homem justo e o homem bom, em Romanos 5:7, e ver a exposição dessa idéia, no NTI.

9. Helvécio (que vide) fazia a bondade ser equivalente ao prazer coletivo.

10. Para Hegel (que vide) a bondade é a coincidência de uma vontade humana com a vontade universal, isto é, a vontade racional: a correção de vontade, e, por conseguinte, de ação, com base em princípios metafísicos.

11. Para Westermarck (que vide) a bondade equivale à aprovação da sociedade a qualquer ato ou atitude.

12. Os filósofos analíticos desistiram de definir tão importante e amplo vocábulo como é o adjetivo «bom».

13. Berdyaev (que vide) identificava o bom com a criatividade e a espontaneidade.

14. Para Blanshard (que vide) a bondade consistiria na combinação de satisfação e cumprimento.

II. Idéias Bíblicas:

1. Deus é amor, e, portanto, é o ser supremamente bom, bem como a origem de toda a bondade (I João 4:6). Através do amor, as boas obras visam o benefício do próximo. Quando Deus amou o mundo de tal maneira (ver João 3:16), ele fez a missão de seu Filho revestir-se do proveito máximo. O bem mais alto é uma qualidade transcendental, relacionado ao ser divino. (Ver Sal. 34:3 e 149:9).

2. Os homens tornam-se bons quando a bondade divina passa a ser cultivada neles, pelo Espírito Santo, pois a bondade é um dos aspectos do fruto do Espírito de Deus (ver Gál. 5:22).

3. O homem bom é superior ao homem meramente justo, porquanto, além de ser alguém dotado de ética correta, ele é generoso, demonstrando amor em sua vida (ver Rom. 5:7).

4. A criação de Deus é boa, pois ali ele manifestou suas idéias e seus atos (Gên. 3:5).

5. A prosperidade é um bem provido aos homens por Deus. Essa prosperidade pode ser material ou espiritual (ver Jos. 23:14 *ss*; I Reis 22:8 e Jó 2:10).

6. A lei de Deus é boa, porquanto faz a alma prosperar. Ver Deu. 30:15 *ss*; *Pirke Aboth* 6:3: «O que é bom é simplesmente a Torah». Ver Rom. 7:12.

7. O Novo Testamento dá continuidade aos conceitos de bom exarados no Antigo Testamento. O homem é uma boa obra de Deus, criado para praticar o que é bom (Efé. 2:10). As boas obras dos crentes glorificam a Deus (Mat. 5:16).

8. A vontade predestinadora de Deus faz todas as coisas contribuírem juntamente para o bem do crente, e o propósito disso é levá-lo a compartilhar da imagem e natureza do Filho, afinal. Em outras palavras, a salvação (que vide) é o bom ato de Deus, aplicado ao homem (Rom. 8:29).

9. Todas as virtudes cristãs são boas e precisam ser cultivadas (Gál. 5:22,23; Fil. 4:8). Essas virtudes devem ser objetos constantes de nossos pensamentos, a fim de que elas se manifestem em nossas vidas. A alma é moralmente transformada por meio dessas boas qualidades, e a transformação moral nos conduz à perfeição (Mat. 5:48). E isso, finalmente, nos leva à transformação metafísica, de tal modo que os remidos compartilharão da própria natureza divina (II Cor. 3:18; II Ped. 1:4). Isso tem paralelo na idéia platônica de que o mais exaltado aspecto da inquirição ética é a transformação metafísica no mundo das *idéias*.

10. A bondade de Deus garante tanto o poder quanto o cumprimento final de seus planos cosmológicos, por meio dos quais ele chegará a restaurar todas as coisas (Efé. 1:10). O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra-nos que essa bondade será reconhecida pela criação inteira, e o oitavo capítulo de Romanos contém a mesma idéia. E então o problema do mal (que vide) encontrará perfeita solução.

BOM SENSO

A questão do bom senso tem três aspectos:

1. As opiniões das massas populares, na suposição de que há coisas tão patentes e óbvias que não é preciso qualquer argumento para que as pessoas creiam nelas. Estão em foco aquelas coisas que as mentes não-filosóficas acreditam ser indiscutíveis, como a existência de Deus, a existência da alma; ou então incluem crenças equivocadas, como a idéia de uma terra plana, a de que a terra ocupa o centro do universo, ou a de que o sol gira em torno da terra, em uma órbita a cada vinte e quatro horas.

2. Em sentido secundário, temos o *realismo ingênuo* (que vide), segundo o qual a verdade é vista exatamente conforme a percepção dos nossos sentidos a vêem, em contraste com o realismo crítico, que reconhece que nossos cinco sentidos de vista, audição, olfato, paladar e tato transmitem-nos impressões débeis e distorcidas, não se podendo confiar nos mesmos, nem mesmo quando os ajudamos com instrumentos chamados de precisão. Ver o artigo sobre Thomas Reid.

3. Aristóteles usava a expressão a fim de designar a faculdade humana que integra os informes dos cinco sentidos, dando-lhes uma apreensão unificada dos objetos (EP F)

BOM VIZINHO

«Vizinho», significa alguém que nos é «próximo». Trata-se de alguém que vive nas proximidades geográficas e que, presumivelmente, é um amigo, ou, pelo menos, conhecido que nos parece importante. A boa vizinhança fazia parte importante da fé judaica, a respeito do que muitas obrigações eram impostas ao povo de Israel (Êxo. 20:16,17; Lev. 19:18). Nas cidades modernas, esse conceito perdeu-se quase inteiramente, de tal modo que, com freqüência, nem ao menos sabemos os nomes daqueles que vivem no mesmo quarteirão, ou mesmo na casa ao lado. Brigham Young, líder pioneiro dos mórmons, baixou ordens no sentido de que nenhuma cidade grande fosse edificada no estado de Utah, nos Estados Unidos da América do Norte. Apesar disso, Salt Lake City, capital daquele estado norte-americano, atualmente é uma cidade que ultrapassou a casa do meio milhão de habitantes. Young preferia cidades pequenas e bem dispersas, visto que essas comunidades têm taxas de crimes menores, e problemas menos agudos que as cidades grandes. Isso deve-se, pelo menos em parte, ao espírito de boa vizinhança, que prevalece nas comunidades menores, juntamente com a pressão imediata da boa vizinhança e da opinião pública, que se perde nas cidades grandes.

Jesus ampliou a definição de «próximo» a fim de incluir todos aqueles que precisem, porventura, de nossa ajuda (Luc. 10:25-32). Ele também ensinou que a lei pode ser sumária no preceito do amor ao próximo (Luc. 22:37-40), e Paulo reverberou o tema em Romanos 13:8: «...pois quem ama ao próximo, tem cumprido a lei». Ver o artigo sobre *o Próximo*.

Um bom vizinho é alguém que observa esses princípios espirituais e éticos. Não está limitado a condições locais, raciais ou geográficas, mas deixa-se impulsionar pela compaixão e pela lei do amor (que vide). Tiago chama o amor ao próximo de «lei régia» (Tia. 2:8). (H I NTI)

BONALD, LOUIS GABRIEL AMBROISE, VISCONDE DE

Suas datas foram 1754-1840. Ele foi o fundador, juntamente com Joseph de Maistre (que vide), do movimento *tradicionalista* do pensamento católico francês (ver o artigo). Ele supunha que todos os erros nos campos da política, da religião e da filosofia podem ser traçados como desvios da *revelação primitiva* e original, que seria melhor representada pela Igreja Católica Romana, e da qual é a guardiã suprema.

Obras: *Théorie du pouvoir politique et religieux*, em três volumes; *Legislation primitive* e *Recherches philosophiques*, em dois volumes. (E)

BONAR, HORATIUS

Suas datas foram 1808-1889. Foi um ministro presbiteriano escocês, mais famoso por causa dos hinos que compôs, alguns dos quais tornaram-se parte integrante de hinários evangélicos. O Cantor Cristão inclui seis de seus hinos, enumerados ali como hinos 197, 231, 256, 394, 486 e 510. (E)

BONHOEFFER, DIETRICH

Teólogo alemão (1906-1945). Mostrou-se ativo na resistência contra Hitler e terminou morrendo em um campo de concentração. Foi pessoa relativamente desconhecida enquanto viveu. Mas, desde sua morte, tornou-se uma das figuras centrais da Igreja contemporânea na tentativa de esclarecer o problema do discipulado e da disciplina dos crentes. O seu livro, *O Custo do Discipulado*, contém seus princípios inflexíveis de moral e de verdades espirituais. Ele opunha-se a Hitler, tachando-o de anticristo (que vide), fortalecido pelos princípios que incorporara a esse e a outros de seus livros. Sua mente brilhante estava escudada em uma vida totalmente dedicada. Em última análise, é a *vida* que é a medida de um homem, porquanto não há coisas como a piedade de papel, que consiste somente em palavras escritas, mas que não se torna realidade na vida de uma pessoa. Bonhoeffer combatia a divisão comum do mundo e das experiências em duas esferas: a profana e a sagrada. Antes, ele percebia que em nossa vivência devemos viver aquilo que é sagrado. Há somente uma realidade, a saber, a realidade de Deus, e como a mesma opera em nós.

Outras idéias: 1. Bonhoeffer enfatizava o evento *histórico* da revelação de Jesus Cristo, em contraposição a filosofias de atos, que enfatizam o homem, e filosofias do ser, que enfatizam Deus, de maneira não-histórica, ou melhor, a-histórica. 2. Suas atitudes eram um tanto obscuras no tocante à filosofia. Por um lado, ele asseverava que a filosofia ajuda o homem a obter autonomia sobre si mesmo e sobre o mundo. Por outro lado, ele sentia que o crente vê-se melhor servido quando se poupa completamente das inquirições da filosofia, incluindo aquilo que está envolvido na ética e na ontologia. *Obras de Bonhoeffer*: *The Communion of Saints; Act and Being; The Cost of Discipleship; Ethics; Resistance and Submission.* (HP)

BONIFÁCIO VIII, PAPA

Suas datas foram 1294-1303, como papa. Ele procurou restabelecer a supremacia do papado (que vide), conforme fora declarada por Inocente III (ver o artigo). Seu principal conflito foi com Filipe o Belo, da França, que estava em guerra contra a Inglaterra e assim cravou o clero de impostos, recusando-se a estabelecer a paz, por ordem do papa. Bonifácio expediu a bula *Unam Sanctam* (que vide) procurando provar a supremacia papal absoluta. Mas agentes de Filipe, o Belo, detiveram o papa e levaram-no à prisão, onde morreu pouco depois, moído de desgosto. (E)

BONIFÁCIO, São (Mártir)

Suas datas foram 675-755. Apóstolo da Alemanha, nasceu em Devonshire, na Inglaterra, e faleceu em Dolkum, na Holanda. Foi educado em Exeter, uniu-se à ordem dos beneditinos e foi ordenado sacerdote em 705. Foi enviado pelo papa Gregório II (ver o artigo) para pregar aos germânicos do leste de Reno. Em 722 tornou-se bispo, quando então tomou o nome de Bonifácio, talvez uma forma latinizada de Wilfrid, seu nome original. Desferiu um golpe fatal no paganismo germânico destruindo o carvalho sagrado de Tor (que vide) em Geimar. Fundou bispados, reformou toda a igreja franca, efetuou concílios e, em 748 foi feito arcebispo de Mainz, o que ele resignou em 754, a fim de evangelizar os habitantes de Frisland. Foi morto pelos selvagens pagãos, e seus restos mortais acham-se atualmente na catedral de Fulda. Sua festa é celebrada a 5 de junho. Tendo unido a igreja alemã, tornou-se tanto seu apóstolo como seu patrono. (E)

BONOSIANOS

É o nome do bispo Bonosus de Sárdica (séculos IV e V D.C.) — que foi condenado por negar a perpétua virgindade de Maria. Esse grupo sobreviveu na Espanha e na Gália (França), até o século VII D.C.

BONS PORTOS

Nome dado a uma baía perto de Laséia, na costa sul de Creta, acerca de oito quilômetros a leste do cabo Matala. Ver Atos 27:8. Paulo, sob vigilância, velejou para oeste, partindo de Cnido, em um navio alexandrino de transportar cereais. O mau tempo forçou o barco a buscar refúgio, — que foi encontrado em Bons Portos. Porém, esse lugar era apenas uma baía aberta, pelo que o centurião que estava encarregado dos prisioneiros, bem como o capitão e o proprietário do navio, resolveram tentar velejar até Fenice, um porto mais a oeste. A tentativa fracassou, pelo que ficaram boiando ao léu, em alto-mar, durante catorze dias, até que o navio naufragou em uma praia da ilha de Malta. O episódio inteiro da viagem de Paulo a Roma, e das aventuras marítimas pelas quais passou, compõem uma das narrativas bíblicas favoritas, sobre o que muito se tem escrito.

••• ••• •••

BOODIN, JOHN ELOF

Suas datas foram 1869-1950. Filósofo norte-americano de ascendência sueca. Estudou com Royce e foi um dos exponentes do *idealismo* (que vide). Ensinou na Universidade de Harvard e na UCLA.

Idéias. 1. A criação é um processo eterno, e a evolução é um processo de espiritualização. 2. O cosmos deve ser interpretado por meio do conceito dos campos, cada um deles com seus atributos de ser, tempo, espaço, consciência própria e forma, que é a base de toda a organização e estrutura. A consciência é aquele atributo que, sob determinadas condições, *ilumina* uma porção da realidade. 3. As hierarquias, uma idéia utilizada para falar de uma evolução emergente, são campos da física, da vida orgânica, da consciência própria e da sociedade. 4. A justaposição dos campos da consciência própria possibilita o conhecimento e uma sociedade. *Deus* é aquele campo espiritual em que todos nós vivemos, movemo-nos e temos o nosso ser, ocupando tanto o espaço quanto o tempo, em toda a sua extensão.

Escritos: *Time and Reality; A Realistic Universe; Cosmic Evolution; God and Creation; A Cosmic Philosophy*. (P EP)

BOOTH, WILLIAM

Suas datas foram 1820-1912. Foi evangelista e fundador do Exército da Salvação(ver o artigo). Ele fundou esse grupo em 1865. Booth nasceu em Nottingham, na Inglaterra. Ficou órfão de pai aos treze anos, e foi treinado para trabalhar em uma casa de penhores. Em 1855, a instâncias de sua esposa, tornou-se um ministro metodista, tempo integral. — Dez anos depois, havia iniciado o grande empreendimento de sua vida, a missão de anunciar o evangelho aos pobres. Fundou o que se chamou de Sociedade Revivalista do Leste Londrino, posteriormente intitulada Missão Cristã. Não demorou muito para que ele contasse com um grupo de ex-delinqüentes, convertidos, trabalhando em favor da causa. Em 1878, a missão mudou de nome para *Exército da Salvação*, tendo sido criada uma espécie de hierarquia militar, para estimular o progresso dos membros. Esse Exército cresceu até tornar-se uma organização internacional, conforme a vemos hoje. Tragédias domésticas entristeceram Booth. Sua esposa faleceu em 1890, e ele ficou ainda mais dependente de seu filho, Bramwell. A despeito de tudo, cresceram a sua organização e o seu poder. Além do evangelismo, ele ocupou-se em reformas sociais, empregos, programas de treinamento vocacional, colônias agrícolas, abrigos para mulheres perdidas, lares para jovens fugitivas, agências de busca a pessoas desaparecidas, e várias outras organizações que refletem a lei do amor, a essência mesma da espiritualidade. Sua última aparição em público teve lugar no Albert Hall, em Londres, no dia em que completava 83 anos de idade. Pouco depois disso, perdeu a visão e então faleceu, a 20 de agosto de 1912, em Londres.

A filha de Booth, Evangeline Booth, foi a primeira generala do Exército da Salvação. Seus filhos, Bramwell e Ballington, eram elementos ativos do movimento. Emma Moss Booth-Tucker era outra filha, também ativa no movimento. Juntamente com seu marido, Frederick Tucker, ela iniciou o movimento na Índia. Todavia, morreu ainda jovem, em um desastre ferroviário, a 28 de outubro de 1903, em Dean Lake, Missouri, nos Estados Unidos da América. Podemos louvar essa família que trabalhou pela mesma causa e cujas obras seguiram-nos até os mundos iluminados, e cujos labores humanitários provaram que neles operava a lei do Senhor: *Amai-vos uns aos outros*. Quão bom seria se Deus nos presenteassê com mais *famílias* como essa. (AM E)

BOQUIM

No hebraico, «pranto». Nome dado a um lugar, provavelmente perto de Silo, onde se encontrava o tabernáculo armado, quando um anjo do Senhor reprovou os israelitas reunidos por causa de sua desobediência, ao entrarem em liga com os habitantes da terra, e por não se terem apossado de sua herança. Isso causou profundo lamento entre o povo, o que deu nome a esse lugar. (Juí. 2:1,5).

BORDADOR, BORDADEIRA

No hebraico, o bordador era o **raqam**, palavra que ocorre por duas vezes: Êxo. 35:35 e 38:23. O bordado é expresso pelo termo hebraico *shabats*, «entretecer», usado por duas vezes: Êxo. 28:39 e 28:20.

As artes de bordar, costurar e outros trabalhos de agulha eram praticadas tanto entre os hebreus como entre os povos circunvizinhos (Êxo. 28:29,32; 35:25; Juí. 5:30; Sal. 45:14). Muito antes dos dias de Abraão, os cananeus bordavam finos tecidos, empregando padrões de vívidas cores. A arqueologia tem encontrado restos de equipamentos de tinturaria, em Ugarite. Biblos e outras cidades costeiras da Fenícia tinham a reputação de produzir ótimos tecidos e vestes. Da concha do murex era extraído um pigmento púrpura avermelhado, além do que várias plantas produziam material que podiam ser usados como corantes. As descobertas arqueológicas em Tell Beit Mirsim produziram evidências de bordados muito bem-feitos, tecidos tingidos e trabalho artístico com a agulha. Mantas da Mesopotâmia eram proverbiais quanto à sua beleza. Antes mesmo da época de Abraão, governantes babilônicos tinham suas próprias fábricas de produção de bordados. O Egito também produzia excelentes produtos de linho fino, desde 2900 A.C. Foi no Egito que Israel aprendeu essa arte, e algumas famílias faziam do bordado o trabalho de suas vidas inteiras (Êxo. 35:30,35; I Crô. 4:21). O Antigo Testamento mostra-nos que era mister uma grande habilidade na produção das vestes dos sacerdotes e sumos sacerdotes, o que incluía até mesmo o uso de fios de ouro entretecido em linho fino retorcido. O trecho de Jos. 7:21 menciona vestes assírias e babilônicas. Naturalmente, esses produtos eram comercializados em alta escala (Eze. 27:24).

Usos Simbólicos. O trabalho de bordador pode simbolizar o luxo e o comércio lucrativo (Sal. 45:14; Eze. 27:16). As vestes do sumo sacerdote, em seu material e em suas cores, também teriam sentidos simbólicos. As cortinas bordadas para o portão do átrio e para a porta do tabernáculo eram símbolos de restrição ao acesso. (Ver JE, artigo sobre *Bordado*). MIL LUT.

BORLAS

No hebraico temos duas palavras envolvidas: 1. *Tsitsith*, «borlas», palavra usada por três vezes: Núm. 15:38,39. 2. ***Gedilim***, palavra usada por duas vezes: Deu. 22:12 (onde nossa versão portuguesa diz «borlas») e I Reis 7:17, (onde nossa versão portuguesa diz «ornamentos torcidos»). Ambas as traduções desta última palavra fazem sentido, pois ela significa «fio torcido». Os israelitas receberam ordens de costurar

na beirada de suas vestes essas borlas, a fim de lhes servirem de lembretes dos mandamentos de Deus, aos quais deveriam obedecer. Isso lhes servia de lembrete constante, pois era algo que sempre lhes sobressaía diante dos olhos. As borlas eram feitas de linho torcido azul, costuradas em cada canto das vestes. É possível que a cor azul das mesmas, simbolizasse a origem celestial dos mandamentos. Um outro lembrete eram os *tephillim*, ou *filactérias*, usadas sobre a testa, pelos homens judeus, quando da oração matinal. Eram pequenas caixas de pergaminho, com um trecho pequeno das Escrituras no interior. E também havia a *mezuzah*, uma pequena caixa oblonga que continha um trecho copiado das Escrituras, afixada às portas dos quartos de uma residência israelita.

Jesus e as Borlas. Um dos mais notáveis milagres de Jesus ocorreu quando a mulher hemorrágica tocou nas borlas de suas vestes, e seu fluxo de sangue estancou imediatamente (Mat. 9:20). O trecho de Mateus 14:36 mostra-nos que o sentimento dela, de que seria curada, se ao menos tocasse nas borlas das vestes de Jesus, era compartilhado por outras pessoas. De fato, tantos quantos tocaram ali foram curados. Os israelitas sempre tiveram as borlas das vestes em alta conta, como símbolos de poder espiritual, ou essas crenças jamais teriam surgido.

Os Fariseus e as Borlas. O Senhor Jesus condenou a ostentação dos fariseus, que mandavam fazer grandes borlas para suas vestes, a fim de chamarem a atenção alheia (Mat. 23:5). Os homens sempre gostam de receber as honras que pertencem unicamente a Deus.

Outras Referências. As borlas das vestes não tinham, necessariamente, alguma significação religiosa. Com freqüência, eram apenas itens decorativos das vestes. Monumentos provenientes do Egito e do Oriente Próximo mostram que muitos tipos de borlas eram usados, alguns deles bastante elaborados. Os babilônios também decoravam suas vestes com borlas.

Os Hebreus e as Borlas, em Tempos Posteriores. Os judeus deixavam de usar esse item externo de suas vestes em tempos de perseguição, da parte dos pagãos ou dos cristãos, a fim de não serem tão facilmente identificados. Em substituição, eles usavam uma espécie de veste íntima, que lhes cobria o peito e as costas, com borlas. Os modernos judeus ortodoxos até hoje usam borlas em suas vestes. —Xales de oração, com borlas costuradas a elas, também eram usadas. Atualmente, o fio azul retorcido não mais é considerado necessário. (ID Z)

BORNHAUSEN, KARL

Nasceu em 1882, mas a data de seu falecimento é desconhecida. Foi professor em Breslau, e então em Frankfurt, ambas na Alemanha. Foi aluno de Herrmann e de Troeltsch (que vide). Sua ênfase era sobre um cristianismo centralizado em Jesus, isento de intermináveis embaraços históricos e interpretativos. (E)

BORNHOLMIANOS

Um grupo religioso que devia seu nome à ilha dinamarquesa de Bornholm. Eles sofreram a influência do movimento revivalista dos meados do século XIX, na Suécia, sob Hedberg e Rosenius (que vide), e levaram o movimento até àquela ilha. P.L. Trandberg era o principal pregador deles. Ele rompeu com a igreja oficial dinamarquesa, e gradualmente perdeu a liderança do movimento. Vários pregadores espalharam o movimento a outras regiões, incluindo a Dinamarca e a Silésia. A ênfase deles recaía sobre o dom gratuito da graça, independente das condições do homem. (E)

BORRA DE VINHO

No hebraico, **shemarim**, «preservadores», palavra que aparece por cinco vezes (Isa. 25:6; Jer. 48:11; Sof. 1:12; Sal. 75:8). Trata-se daquele sedimento que se ajunta no fundo dos receptáculos com o vinho. Quando o vinho juntava a borra, era considerado de qualidade superior, porquanto o vinho que juntava tais sedimentos tornar-se-ia mais forte e concentrado.

Usos Metafóricos. 1. A era messiânica será um tempo de bênção especial, pois então o vinho será excelente, e por longo tempo ficará com a sua borra (Isa. 25:6). 2. Ficar repousando nas fezes (borra) do vinho indica aqueles que, devido a um longo período de prosperidade, chegaram a uma posição de força, e que, devido às distorções do ócio, terminam deleitando-se em ações corrompidas (Jer. 48:11; Zof. 1:12). 3. Sorver o vinho até às escórias indica experimentar o castigo divino até o fim (Sal. 75:8).

BOSANQUET, BERNARD

Filósofo inglês (1848-1923). Ensinou em Oxford e St° André. Devotou-se às obras sociais, à filosofia e a escrever livros. Foi influenciado pelo idealismo hegeliano, e desenvolveu um sistema no qual o papel central era desempenhado pela idéia do indivíduo, caracterizada como o universal concreto da harmonia de princípios opostos, o que, segundo ele, é a única coisa capaz de independência, ou de permanecer de pé. Tal individualidade, entretanto, pode ser melhor vista na arte, na religião e no absoluto (que vide), que é a unidade de todas as manifestações menores, e não de indivíduos isolados. *Escritos: Knowledge and Reality; Logic; History of Aesthetics; The Principle of Individuality and Value.* (E F P)

BOSOR

Nome de um homem e de uma cidade referida no livro apócrifo de I Macabeus, a saber:

1. Uma forma alternativa do nome de Beor, pai de Balaão, em II Ped. 2:15. Essa forma aparece no original grego do Novo Testamento, sendo seguida por algumas versões. Mas nossa versão portuguesa atém-se à forma derivada do hebraico, *Beor*.

2. Uma cidade de Gileade cujos habitantes perseguiram seus residentes judeus, a qual, subseqüentemente, foi capturada por Judas Macabeu (I Macabeus 5:26,36). Tem sido identificada com a moderna Buar el-Hariri. Houve tempo em que essa cidade ficava dentro do território de Rúben (Jos. 20:8).

BOSORA

Uma cidade de Gileade, identificada com a moderna Busra eski Sham, a 43 km a leste de Ramote-Gileade. Também era chamada Bozra e Bostra. Porém, não devemos confundi-la com Bosor (ver o artigo), que ficava cerca de 40 km a norte-noroeste de Bosora. Também não deve ser confundida com a Bozra de Edom. Judas Macabeu derrotou os habitantes de Bosora durante a sua campanha em Gileade, em cerca de 165-162 A.C. Houve então os usuais incêndios e matanças (I

Macabeus 5:26,28; Josefo, *Anti.* xii.8.3). Nas cartas de Amarna (ver o artigo) encontramos o nome Busruna. Sob o nome de Bostra, a cidade tornou-se capital da Arábia romana. (Z)

BOSQUE Ver **Floresta.**

BOSSUET, JACQUES BÊNIGNE

Suas datas foram 1627-1704. Foi bispo católico romano, controversista, asceta, escritor, filósofo da história. Nasceu em Dkion, na França e foi educado pelos jesuítas, tendo sido ordenado «padre» em 1652. Mudou-se para Paris e dedicou-se, tempo integral, à prédica. Entrou em amarga controvérsia com Fénelon, sobre a questão do quietismo (que vide). (E)

BOTA

No hebraico, **seon**, «sandália» ou «sapato», embora de forma distinta das sandálias e calçados do Oriente. Aparece somente por uma vez, em Isa. 9:5. No Novo Testamento, em Efésios 6:15, temos o verbo «calçar», *upodéomai*, que também figura em Mar. 6:9 e Atos 12:8. O trecho de Isaías provavelmente refere-se à bota militar dos assírios. Mas a alusão paulina, na epístola aos Efésios, deve ser à bota cravejada dos soldados romanos, a *caliga*, da qual Gaio César derivava seu apelido, *Calígula* (que vide). Essa bota era feita de couro, com tiras de couro trançadas até à batata da perna. Os centuriões romanos tinham um calçado melhor, chamado *bardaicus calceus*, cujo nome vinha dos bardaei, uma tribo ilírica (ver Juvenal 16:13 e 3:24). Um outro nome comum para a bota, em latim, era o *calceus*, que também era usado para indicar sapatos. A Vulgata, em Efésios 6:15, diz: *et calceati pedes in praeparatione evangelii pacis.* (Z)

BOUGLÉ, Celestin Charles Alfred

Nasceu em 1870 e faleceu em 1940. Ele rejeitava as teorias econômicas, domésticas e raciais como meios de explicar o sistema de castas da Índia, tentando correlacionar a religião com algum sistema político e social. Também asseverava que um código moral jamais pode tornar-se puro e inteiramente condizente com as necessidades de uma sociedade em mutação, a menos que se desenvolva livre das sanções religiosas.

BOURDALQUE, LOUIS

Suas datas foram 1632-1704. Foi um jesuíta francês e orador de púlpito. A sua pregação era eloqüente, mas a sua influência era devida mais ao caráter piedoso e a simplicidade de sua vida. Em outras palavras, ele vivia os princípios que anunciava em seus sermões, e nisso consistia a sua eloqüência especial. Ele apelava a todas as classes sociais e exercia uma larga influência. (E)

BOURIGNON, MADAME ANTOINETTE

Suas datas foram 1616-1680. Era uma mística francesa da escola do quietismo(ver o artigo).

BOUSSET, JOHANN FRANZ WILHELM

Nasceu em 1865 e faleceu em 1920. Ensinou nas Universidades de Gottingen e Giessen. Juntamente com Hermann Gunkel (ver o artigo) foi um dos líderes do grupo de eruditos teólogos-religiosos históricos. Mediante brilhantes investigações, ele projetou luz sobre o Novo Testamento inteiro e sobre os primeiros séculos da história da Igreja cristã. (E)

BOUTROUX, EMILE

Nasceu em Montrouge, França, em 1854, e faleceu em 1921. Foi eminente professor de filosofia da École Normale Superieúr, na Sorbonne. Foi membro da escola *espiritualista* (isto é, *idealista*) da França. Bergson e M. Blondel foram alguns de seus alunos.

Idéias. 1. Ele opunha-se ao naturalismo mecanicista de sua época. 2. Foi crítico dos padrões usados pelas ciências exatas de seus dias, que ele considerava falhos em suas definições da realidade. 3. A investigação da realidade, segundo pensava, deve incluir considerações sobre os conceitos de necessidade absoluta, necessidade relativa, ser, gênero, matéria, vida e consciência. 4. Cada estágio das investigações envolve, necessariamente, um *salto*, devendo-se admitir os aspectos de contingência e da ocorrência de novidades. 5. A liberdade máxima encontra-se na vida moral, um passo necessário no caminho da vida religiosa. 6. Os ideais da beleza, do bem e da perfeição exercem uma atração sobre as hierarquias do ser, similar ao papel que Deus exerce sobre a sua criação. 7. A realidade fundamental é a liberdade. Tudo quanto sucede acontece espontaneamente e é expressão de uma atividade eternamente criativa. A liberdade é o principal atributo de Deus, o ser dotado de beleza e bondade supremas. 8. A religião existe a fim de ajudar o homem a atingir o ideal divino em si mesmo. A religião não deve guiar-se pela fé cega e crédula. Deve ser intelectualmente satisfatória.

Obras: *A Contingência das Leis da Natureza; A Idéia da Lei Natural na Ciência e na Filosofia Contemporâneas; A Psicologia do Misticismo; Ciência e Religião na Filosofia Contemporânea.* (AM E EP P)

BOUVIER, AMI AUGUSTE OSCAR

Teólogo natural de Genebra (1726-1893). Para ele, a personalidade de Deus é uma grande hipótese que requer ser verificada especulativamente. Quando ele falava sobre Deus, na linguagem usada pela piedade, seus termos eram pessoais. Mas, quando falava sobre Deus em termos filosóficos, usava expressões impessoais. Quando descrevia os atributos de Deus, caía em um imanentismo em que o mundo, o homem e Deus são todos idênticos. Ele se opunha às formulações tradicionais da doutrina da Trindade (que vide), usando essa palavra para indicar uma espécie de auto-evolução de Deus, — como alusão aos níveis ou fases da vida divina. Deus, para ele, é uma personalidade absoluta, que antecede o estado impessoal existente na ordem divina. Jesus seria uma personalidade relativa, sujeito exclusivo do campo religioso. O Espírito Santo, porém, seria impessoal. Ele enfatizava a paternidade divina. (E)

BOVET, PIERRE

Juntamente com E. Claparede, foi fundador do Institute de Jean Jacques Rousseau, em Genebra. Nasceu em 1878 e faleceu em data desconhecida. Para ele, as formas de vida sociais e religiosas seriam meras sublimações dos instintos sexuais e de defesa própria. Os sentimentos religiosos eram explicados por ele como uma transferência do amor filial às divindades, da mesma maneira que as crianças atribuem todas as modalidades de atributos, reais e imaginários, a seus genitores.

••• ••• •••

BOVON, JULES

Suas datas foram 1852-1904. Era nativo de Vaud, na Suíça francesa. Foi professor de teologia da Universidade de Lausanne. *Idéias*: Deus é uma personalidade infinita no que tange aos fenômenos físicos, e é uma personalidade pessoal do ponto de vista da vida espiritual. Podemos obter algumas noções sobre a personalidade divina mediante a analogia com a personalidade humana. Na qualidade de princípio do universo, Deus é infinito, mas na qualidade de Pai celeste, ele é pessoal. Deus teria dois tipos de atributos: 1. Os atributos metafísicos: Deus é infinito e está acima de todos os nossos esforços para compreendê-lo. 2. Deus é pessoal: nossas características humanas são aquelas possuídas por Deus, embora ele as tenha em grau infinito. (E)

BOWNE, BORDEN PARKER

Suas datas foram 1845-1910. Filósofo personalista norte-americano. Nasceu em Leonardsville, Nova Jérsei. Foi professor da Universidade de Boston, com estudos de aperfeiçoamento em Paris, Halle e Gottingen. Ensinava na Universidade de Boston e foi deão da Escola Graduada até seu falecimento.

Idéias. 1. Nenhuma forma de metafísica impessoal pode fazer justiça aos informes colhidos pela experiência, incluindo os conceitos impessoais do naturalismo, do materialismo e do idealismo absoluto. 2. Somente o conceito de personalidade é capaz de produzir uma explicação final da realidade. 3. A personalidade é uma explicação cuidadosa da realidade, e não uma mera abstração alicerçada sobre a experiência. 4. A descrição de um ser humano, bem como a descrição de Deus, segundo se vê no teísmo, requerem a idéia de personalidade. Nada existe de impessoal por detrás da experiência. 5. O ponto de vista resultante chama-se *personalismo* (que vide). Esse ponto de vista é uma espécie de *idealismo* (que vide), e evita os dogmas abstratos e absolutos.

Obras: *Metaphysics; Philosophy and Theism; The Theory of Thought and Knowledge; Theism; Personalism*. (E EP P)

BOXE E LUTA LIVRE

I Cor. 9:27: Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à submissão, para que, depois de pregar a outros, eu mesmo não venha a ficar reprovado.

Esmurro. Alguns estudiosos se têm deixado equivocar pela tradução que diz erroneamente, «*mantenho meu corpo em sujeição*», pensando que Paulo mudou a sua metáfora, em I Cor. 9:27, para a «luta livre». Na realidade, porém, tem prosseguimento o simbolismo do boxe, e essa palavra significa «espanco meu corpo». Originalmente, no original grego, tal vocábulo significa «bater abaixo do olho», a fim de deixar um olho inchado. Nas páginas do N.T. essa palavra grega figura apenas aqui e em Luc. 18:5, onde é usada metaforicamente com o sentido de «exaurir», «aborrecer».

No entanto, há realmente uma modificação importante dentro da metáfora, a saber, que Paulo se torna o seu próprio adversário. É como se ele dirigisse os seus golpes contra si mesmo, a fim de derrubar-se, visando seu corpo, seus apetites carnais, seus desejos desviados, que queriam derrotá-lo em sua inquirição espiritual.

A palavra *corpo*, é empregada aqui no sentido literal, porquanto a «carne» é o veículo das ações errôneas, ainda que não seja o princípio mesmo do pecado. No entanto, a natureza carnal pode ser facilmente utilizada pelo princípio do pecado, a fim de derrotar o crente em sua inquirição espiritual. Outrossim, a palavra «corpo» talvez tenha sido usada como termo metafórico para indicar a luta geral que o crente enceta consigo mesmo, contra a sua antiga natureza, a qual, na realidade, é o seu pior inimigo. As tendências do crente para o desvio, suas propensões para abandonar a Deus, à justiça e ao bem-estar da alma, uma vez atraído o homem de bem pelos espetáculos e ruídos deste mundo, pelos padrões de falsos valores, pelos pecados sensuais, é que estão aqui em foco. Assim sendo, «corpo» equivale aqui ao «velho homem», à *natureza pecaminosa*, que se utiliza do corpo físico para realizar suas ações. (Comparar essa idéia com as passagens de Rom. 6:9,11-13; 7:18,23,24 e Gál. 5:17).

O boxe praticado nos tempos antigos era esporte muito mais brutal que o seu moderno paralelo. Assim era por causa do tipo de luvas que os contendores usavam. Assim é que Virgílio (em *Eneida* v.405) descreve as luvas de Entelo dizendo que as mesmas eram formadas de sete camadas de couro de vaca, com chumbo e ferro entremeados na mesma. Algumas vezes tais luvas eram denominadas *guiotoroi*, isto é, «quebra-membros».

Rodolfo Lanziani, em sua obra intitulada *Ancient Rome in the Light of Recent Discoveries*, ao referir-se a uma estátua exumada nos alicerces do Templo do Sol, erigido por Aurélio, na cidade de Roma, e que representava um boxeador sentado, em bronze, nos dá as seguintes informações: «O nariz está inchado devido aos efeitos do último golpe recebido; as orelhas fazem lembrar — um pedaço chato e sem forma de couro; os ombros e o peito estão repletos de contusões... Os detalhes das luvas de boxe, com quatro camadas de material, também são interessantes. E nos perguntamos, admirados, como é que um ser humano, sem importar quão forte e poderoso fosse, poderia resistir aos golpes de tais instrumentos como são essas luvas, feitas de quatro ou cinco grossuras de couro, fortalecidas com articulações de bronze»?

Com base nessa descrição podemos perceber qual era o tipo de disciplina que Paulo esperava usar consigo mesmo, como achava que deveria tratar sua natureza inferior, e até que extremos ele foi, a fim de chegar ao ponto da vitória em Jesus Cristo.

Luto, I Cor. 9:26. No grego original temos aqui a palavra *pukteuo*, paralelo de *pugme*, «punho», ou seja, bater com o punho, «boxear». Dessa palavra é que se deriva o termo moderno «pugilismo» e seu derivado, «pugilista».

Desferindo golpes no ar. Diz Vincent (*in loc.*, com uma citação extraída de Virgílio): «Poder-se-ia dizer que um boxeador bate no ar quando pratica sem adversário. Esse treinamento era denominado '*skiamachia*', 'luta com sombra'. Ou poderia propositadamente bater no ar, a fim de poupar o adversário; ou talvez o adversário se desviasse de seus golpes, levando-o a desgastar suas energias no ar. Essas duas últimas idéias bem poderiam ser a combinação indicada na metáfora utilizada por Paulo. Assim, ele visaria o alvo e não pouparia, como um pugilista poderia fazer; como o versículo implica quando fala: «*...não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar*». Ele lutava objetivamente, com propósito e diligência.

BOYLE, ROBERT

Suas datas foram 1627-1692. Foi químico e físico

inglês, mas de ascendência irlandesa. Participou da promoção do ponto de vista corpuscular ou atomicista da matéria, em resultado de suas experiências com gases. Seu livro, intitulado «O Químico Cético», publicado em 1661, divorciou a química da alquimia, ao insistir que a natureza das substâncias materiais tinha de estar baseada em evidências experimentais, e não em noções gregas, que continuavam sendo respeitadas na época, as quais misturavam elementos místicos para obter explicações.

Boyle foi membro fundador da Real Sociedade Inglesa, cujo lema era *Nullius in Verba*, ou seja, «nada por mera autoridade». Interessante é observar que os físicos teóricos de nossos dias estão retornando às idéias gregas, porquanto pensam que a própria matéria consiste na concentração de energias psíquicas. Os idealistas, naturalmente, supõem que a *idéia* ou espírito ocupa posição primária, se não mesmo de importância exclusiva. Não obstante, para a ciência coisa alguma fica decidida sem a experimentação. (EP F)

BOZCATE

No hebraico, «altura». Uma cidade situada nas planícies de Judá (Jos. 15:39). Ficava no distrito de Sefelá, perto de Laquis. Era a terra natal da mãe de Josias, Jedida (II Reis 22:1).

BOZES

No hebraico, «altura» ou «brilhante». Era nome de uma das penhas íngremes que havia no desfiladeiro de Micmás. A outra penha era chamada Senê (I Sam. 14:4). Naquela área, Jônatas e seu armeiro subiram, quando atacavam um posto avançado dos filisteus. O local fica perto do moderno wadi es-Suweinit, mas nenhuma identificação exata se tem podido fazer.

BOZRA

No hebraico, «fortaleza», «recinto fechado». Era nome de dois lugares, nas páginas do Novo Testamento, a saber:

1. Uma cidade de Edom, residência de Jobabe (Gên. 36:33; I Crô. 1:44. Ver também Isa. 34:6; Jer. 49:13,22; Amós 1:12). Tem sido identificada com a moderna Buseireh, localizada no início do wadi Hamayideh, em uma escarpa isolada, cercada por três lados por profundos vales. Fica cerca de 48 km ao norte de Petra. Era a mais poderosa fortaleza no norte de Edom, controlando o acesso à Estrada do Rei, e portanto, à Arabá e ao porto de Elate, no mar Vermelho. É possível que tenha funcionado como capital de Edom, pelo menos em parte de sua história. Tornou-se famosa por causa de suas vestes tingidas (Isa. 63:1).

2. Uma localidade de Moabe (Jer. 48:24), que talvez fosse a mesma Bezer (que vide). (UM Z)

BRAÇA

No grego, **orguiá**, «braça». Palavra que figura somente em Atos 27:28, por duas vezes. Era o comprimento dos braços abertos, ou seja, cerca de 1,80 m. O verbo grego por detrás da palavra é *orégo*, «estendo», pelo que a *orguiá* é a própria medição. Antigas fontes informam-nos que equivalia a quatro côvados gregos.

BRACELETES

No hebraico encontramos várias palavras:

1. *Etsadah*, «tira de braço», «corrente», usada apenas por duas vezes: II Sam. 1:10 e Núm. 31:50.

2. *Chach*, «gancho». Palavra usada por sete vezes. Por exemplo: Êxo. 35:22; II Reis 19:28. Geralmente indicava um gancho para manter cativos homens ou animais (II Reis 19:28; Eze. 29:4), embora em Êxo. 35:22 apareça como um ornamento.

3. *Tsamid*, «bracelete». Palavra que aparece por sete vezes. Por exemplo: Gên. 24:22,30,47; Eze. 16:11; 23:42.

4. *Sheroth*, «ornamentos torcidos». Palavra que aparece por cinco vezes. Por exemplo: Isa. 3:19.

Os braceletes eram um artigo de adorno, populares nos tempos antigos e usados por homens e mulheres igualmente (Eze. 16:11). Eram fabricados de vários metais, como bronze, ferro, ouro, prata e até mesmo de vidro. A arqueologia tem trazido à luz muitos tipos de braceletes, inclusive aqueles deixados em túmulos reais, que os reis usavam com insígnias inscritas, designando a autoridade imanente em seu ofício. Alguns braceletes eram muito ornamentados com pedras preciosas incrustadas, pérolas e outras decorações.

Abraão enviou braceletes a Rebeca, através de Eleazar (Gên. 24:22). Em Números 31:50 lemos que braceletes de prata e de ouro foram dissolvidos para o fabrico de vasos para o tabernáculo. Saul usava um bracelete real, quando morreu (II Sam. 1:10). Também havia ornamentos que as mulheres de Israel usavam nos pés, que se assemelhavam a braceletes (Isa. 3:17,18,20) e dos quais o profeta zombou. O trecho de Judite 10:4 alista braceletes entre os muitos itens de enfeites que as mulheres da época costumavam usar. Ver *Ornamentos*. (UN HA)

BRAÇO

Esse vocábulo é usado por 84 vezes no Antigo Testamento e por 3 vezes no Novo Testamento. Em alguns poucos casos, refere-se a um braço humano literal (ver Juí. 15:14 e 16:12); mas, com maior freqüência, há um uso metafórico, — que inclui as seguintes idéias: 1. O braço desnudo e estendido, que representa atos que revelam o poder de Deus a fim de remir ou destruir (ver Êxo. 6:6; Isa. 51:9; 52:10 e Eze. 20:33). 2. Um símbolo de refúgio (ver Deu. 33:27). 3. A diminuição ou destruição de algum poder, quando então a idéia é a de quebrar o braço (ver Sal. 10:15; Eze. 30:21 e João 12:38). 4. O fortalecimento de grandes realizações (ver Sal. 18:34). 5. Como símbolo de grande poder (ver Jó 40:9). 6. O *braço de carne* simboliza a debilidade humana, pelo que não podemos confiar no poder humano (ver Jer. 17:5). 7. O braço mirrado indica a impotência (ver Zac. 11:17). 8. O braço simboliza proteção e preservação (ver Isa. 40:11 e Deu. 33:27). 9. Há também a representação de algum poder ou força impessoal, como os braços de um dilúvio (ver Dan. 11:22). Há um certo paralelismo com a *mão*, especialmente com a mão direita (ver Sal. 44:3). (FA ND S UN Z)

BRADLEY, FRANCIS HERBERT

Suas datas foram 1846-1924. Foi filósofo inglês, um idealista absoluto. Nasceu em Clapham, Glasbury. Educou-se em Oxford, tendo sido um atleta e erudito. Porém, desde 1871 até à sua morte, viveu na invalidez. Foi o primeiro filósofo a receber a Ordem de Mérito, uma alta honraria.

Idéias. 1. Sofreu a influência de Hegel e Kant, embora tivesse postulado suas próprias noções da realidade, de acordo com as quais nenhuma coisa isolada pode ser vista como o conjunto de propriedades a ela atribuídas. A unidade e o caráter de qualquer coisa lhe são conferidas pela *relação* entre a coisa e suas propriedades. 2. O *absoluto* não é apenas um sistema de aparências, mas também é aquilo que contém o sistema. 3. Toda aparência, mesmo que ilusória, no tocante à verdadeira natureza de alguma coisa, faz parte da realidade. 4. A idéia de realidade é dada através de experiências sensíveis, combinando, de forma inseparável, o sensor e a coisa sentida. 5. A noção que um indivíduo faz de si mesmo só pode ser definida em termos do que é *outrem*. 6. Somente o que satisfaz o intelecto pode ser real ou verdadeiro, e o que é mais valioso também é o que é mais real. 7. A tentativa do intelecto encontrar soluções para seus problemas é uma tentativa para ultrapassar as aparências incoerentes, relacionadas entre si e sempre mutáveis nas coisas. Dessa maneira, pois, o intelecto procura chegar ao *absoluto*, que é idêntico àquilo que é real e verdadeiro. Não podemos conhecê-lo em sua completa natureza, mas, ao menos, podemos conhecê-lo em parte. Por exemplo, o absoluto caracteriza-se por suas qualidades de coerência e permanência. O absoluto é inerentemente necessário, não sendo mera aparência, além de ser completo e harmônico. É uma unidade que inclui a diversidade. 8. Se não houver uma total experiência, acima da experiência do indivíduo, então a pessoa termina no solipsismo (que vide). Porém, a experiência de um homem pode transcender ao absoluto, que contém a total diversidade do mundo, em uma unidade. 9. No campo da *ética*, Bradley pensava que o bem mais alto, bem como a grande virtude a ser buscada, é a *auto-realização*, primeiramente no próprio indivíduo, e então naquilo em que ele se relaciona à comunidade, segundo moldes aristotélicos. A religião faz parte dessa auto-realização. Ver o artigo geral sobre o *Idealismo*.

Obras: *Ethical Studies; The Principles of Logic; Appearance and Reality; Essays in Truth and Reality.*

BRADWARDINE, THOMAS

Filósofo e teólogo inglês (1290-1349). Nasceu em Sussex e educou-se em Oxford. Foi chanceler da Universidade de Oxford em 1349, arcebispo de Canterbury, e foi intitulado de *doutor profundo*. Contradizia os seguidores de Pelágio (que vide), afirmando que a vontade de Deus é a primeira causa, responsável por todos os efeitos no mundo, incluindo as ações humanas. Influenciou várias figuras contemporâneas e posteriores, incluindo Wycliff, tradutor da Bíblia para o inglês. Morreu de praga, pouco depois de haver sido nomeado arcebispo de Canterbury.

Escritos: *On the Divine Causality against the Pelagians; On Proportion; On Speculative Geometry.* (AM E P)

BRAHE, TYCHO

Astrônomo dinamarquês (1546-1601). Nasceu em Knudstrup, estudou em Copenhague e Leipzig, Rostock e Ausburgo. Trabalhou por muitos anos como astrônomo. Kepler (que vide) serviu como seu assistente. Aprimorou imensamente as observações astronômicas, e proveu a Kepler o material que o ajudou a aperfeiçoar as revolucionárias idéias de Copérnico. (AM P)

••• ••• •••

BRAHMA (BRAMA)

Paralelamente a Vishnu (que vide) e Siva (que vide), ele compõe a Trindade da concepção hindu. Seria o Deus Criador. Atualmente, sua adoração não é muito difundida na Índia. É a personalização de Brahman. Este último desempenha um importante papel na filosofia do hinduísmo (que vide). (E P)

BRAHMAN (BRAMAN)

O vocábulo sânscrito de onde se deriva esse termo é de sentido duvidoso, embora pareça significar «mágica». Refere-se aos resultados mágicos obtidos através de ritos e sacrifícios. No Rig-Veda aparece com o sentido de oração ou de encantamento por meio de oração. Nos Upanishades, veio a indicar a realidade última. Nos Vedas (que vide), esse nome torna-se sinônimo de vento, hálito, sol e da sílaba Om (que vide), sendo considerado como a essência mística dos Vedas. Na teologia posterior hindu, o termo passou a significar a essência divina pura, imutável e eterna, na qual todos têm sua origem e destino. Esse é o conceito central das Upanishades (que vide), bem como da filosofia Vedanta (que vide). Faz-se ali uma distinção entre o Brahman Saguna (Brahman dotado de qualidades) e o Brahman Nirguna (Brahman sem qualidades). Brahman também é identificado com Átman, dentro da fórmula Brahman-Atman, onde se chega ao monismo. Todas as divindades, como Brahma, o criador, Vishnu, Siva, Krishna, e mesmo as divindades secundárias da religião popular, podem ser assimiladas por Brahman, como manifestações ou aspectos pessoais do mesmo. Entretanto, Brahman é impessoal e superpessoal. Brahman seria tanto imanente quanto transcendental. (AM E P F)

BRAHMANAS (BRAMANAS)

Escritos sacerdotais do hinduísmo, vinculados aos Vedas (que vide), produzidos, mui provavelmente, entre 800 e 600 A.C. Contêm normas relativas aos sacrifícios, e tentam explicar o significado do ritual. São instruções detalhadas e repetitivas, contendo muitos mitos e teologia especulativa. Representam uma transição da fé religiosa entre as idéias dos Vedas e o hinduísmo filosófico. (E)

BRAHMANASPATI

Literalmente, «senhor da oração». Uma deidade védica abstrata, intimamente relacionada a Indra e a Agni (que vide), sendo considerada a expressão do poder misterioso que há em Brahman (que vide). (E)

BRAHMANISMO (BRAMANISMO)

Ver **Hinduísmo**.

BRAHMA SAMAJ

Um moderno movimento eclético e reformista do hinduísmo, fundado por Ram Mohan Roy (que vide), em 1828. No início foi chamado Brahma Sabha, mas depois adquiriu a nova designação. O islamismo influenciou Roy com um ponto de vista monoteísta de Deus; e ele também sofreu influência de idéias cristãs unitaristas. Vários líderes passaram a ajudá-lo, e finalmente surgiram seitas, — entre elas aquela chamada *Nova Dispensação*, iniciada por Keshub Chunder Sen, que era muito influenciado por idéias cristãs.

Características do Movimento. 1. Combate à idolatria. 2. Monoteísmo. 3. Adoração congregacional. 4. Reforma moral, com a aplicação da ética cristã. O grupo nunca foi numeroso, mas tem exercido grande influência sobre a religião hindu, devido ao poder carismático de alguns de seus líderes. (E)

BRAHMINS (BRAMINS)

A classe governante da tradição indiana. Ver a questão, incluída no artigo sobre o Hinduísmo.

BRANCO

Tradução de várias palavras hebraicas e gregas, dentre as quais há uma mais importante no hebraico e no grego, esta última, *leukós*. No Antigo Testamento, a palavra «branco» serve para indicar a aparência natural dos objetos de cores claras, como o linho, a madrepérola e o pão branco (ver II Crô. 5:12; Est. 1:6; Gên. 40:16), além de outros tipos de tecidos e materiais, como as cãs das pessoas idosas (ver Osé. 7:9), as cabras (ver Gên. 30:35), os dentes, a lã, o leite e a lepra (ver Lev. 13:3), ou o maná.

Pode-se obter um branco puro alvejando um tecido por longa exposição ao sol, ou usando fumaça de enxofre sobre o pano estendido. No mundo antigo, o trabalho dos alvejadores geralmente era entregue a pessoas do sexo masculino, por ser um trabalho árduo. O processo de alvejamento é aludido em Salmos 51:7, como símbolo de purificação do homem pecaminoso.

O branco, além de simbolizar a qualidade da inocência (ver Isa. 1:18) e da pureza, era também a cor das vestes dos santos, além de representar a deidade de Cristo (Mat. 17:2). Era também a cor da vitória (ver Apo. 6:2).

Nos dias de Jesus, os sepulcros eram caiados de branco, a fim de que os passantes, inadvertidamente, não pisassem sobre os mesmos, a fim de que evitassem a contaminação cerimonial (ver Mat. 23:27), de acordo com certo preceito constante no antigo pacto (ver Núm. 19:16). Ver também *Côr, Cores*.

BRASAS

Estão envolvidas duas palavras hebraicas e uma palavra grega, a saber:

1. *Pecham*, que aparece por três vezes: Pro. 26:2; Isa. 44:12 e 54:16. A LXX a traduz por *anthrakiá*.

2. *Gacheleth*, «brasa acesa». Palavra que aparece por dezoito vezes (por exemplo: Lev. 16:12; II Sam. 14:7; Jó 41:21; Sal. 18:8; Isa. 44:19; Eze. 1:13; 24:11).

3. *Anthrakiá*, «brasas vivas», usada em João 18:18 e 21:9.

No hebraico, as palavras usadas envolvem, principalmente, carvão de madeira, pois na Palestina não havia depósitos de hulha, embora alguns disputem esse ponto. Os trechos de Isa. 44:12 e 54:16 apontam para o trabalho dos ferreiros, e Pro. 26:21 alude a carvões não acesos ainda. Os trechos de Isa. 47:14 e João 18:18 mostram que carvões eram usados para cozinhar. Os montes do Líbano contêm algum carvão mineral, embora não haja evidências de que os hebreus chegaram algum dia a extraí-lo. O junipeiro e o buxo eram usados para fazer carvão de madeira (Sal. 120:4).

Alguns estudiosos pensam que a alusão a «brasas», em Isa. 6:6, na verdade indica pedras aquecidas (ver também I Reis 19:6). Em Cantares 8:6 a referência é a pedras quentes, e não a brasas de carvão. No Novo Testamento, o «braseiro» aceso tinha por intuito aquecer os circunstantes.

Usos Figurados. 1. O trecho de II Sam. 14:17 refere-se à extinção da família de alguém, quando alguém apaga uma fogueira. 2. Os «carvões», em II Sam. 22:9; Sal. 18:8,18 podem referir-se ao processo de iluminação que procede de Deus. 3. O «amontoar brasas vivas» sobre a cabeça de alguém, em Pro. 25:22 e Rom. 12:20, representa a vergonha e a confusão que os homens sentem quando a maldade que praticam é retribuída com o bem. 4. Em Cantares 8:6, os carvões servem de paralelo do «ciúme», que é tão cruel quanto a sepultura.

BRASEIRO

No hebraico **esh**, «fogo». Essa palavra é de ocorrência muito freqüente no Antigo Testamento, por cerca de trezentas e sessenta vezes. Mas, com o sentido de «braseiro», nossa versão portuguesa só a traduz em Jer. 36:22,23. Se, realmente, está em foco um braseiro, então deve ter sido um receptáculo portátil, feito de metal, onde se punham carvões acesos para aquecer um ambiente, durante os dias de inverno. Nesse caso, a casa de inverno de Jeoaquim era assim aquecida.

BRENTANO, FRANZ

Suas datas foram 1838-1917. Filósofo e psicólogo austríaco. Nasceu em Mariemburgo, ensinou em Wurzburgo, Viena e Florença. Foi professor de A. Von Meinong e E. Husserl.

Idéias. 1. Uma psicologia puramente objetiva deveria ser produzida mediante experimentação e descrição, sem pressupostos *a priori* e *posteriori*, e cujo objetivo deveria ser produzir uma nova classificação dos fenômenos psíquicos. 2. Esses fenômenos aludem a coisas acima de nós mesmos, pois os atos mentais estão relacionados a fenômenos psíquicos. O que quer que se apresente diante de nossa mente será apenas uma representação, isto é, apenas algo que se apresenta à nossa consciência. Essa representação se chama juízo, que pode ser verdadeiro ou falso. Também pode ser um fenômeno que envolve amor ou ódio, isto é, algo aceito ou rejeitado no nível das *emoções*. Em cada caso há um objeto, concreto ou abstrato, real ou imaginário, em torno do qual gira a atividade mental. 3. Todos os juízos dizem respeito a coisas. A *existência* não é um predicado, mas antes, um termo que nos capacita expressar a nossa aceitação ou rejeição das coisas. 4. Os juízos de valor repousam sobre evidências internas, no tocante às relações expressas pelo termo «melhor do que», e podem ser objetivos. 5. A alma e Deus são juízos que precisamos fazer, necessariamente. A filosofia tende por atravessar as fases de declínio e de ascensão (vitalidade). Essas fases incluem a transferência de interesses para questões práticas, com o correspondente declínio dos temas da metafísica, do ceticismo, mas que, finalmente, redunda em um renovado interesse pelo misticismo, quando o que é prático e concreto não mais consegue satisfazer os corações humanos.

Escritos: *Psychology from an Empirical Standpoint; On the Origin of Moral Knowledge; The Four Phases of Philosophy; Truth and Evidence; The Basis and Structure of Ethics*. (EP P)

BREVIÁRIO

No latim, **breviarium**, que significa «resumo» ou

compêndio, um livro que contém salmos, hinos, trechos escolhidos para leitura, orações, etc., extraído do Divino Ofício (que vide), de conformidade com o rito romano. É impresso em quatro volumes, a fim de corresponder às quatro estações do ano. Antes dos séculos XII e XIII D.C., o material estava contido em diversos livros, arranjados para as diversas pessoas que participavam do Ofício Coral. (E)

BREWSTER, WILLIAM

Suas datas foram 1560-1644. Conhecido como Ancião Brewster, foi líder dos peregrinos, que chegaram à América do Norte, vindos da Inglaterra, no navio Mayflower, em 1629. Ele nasceu em Scrooby, em Nottinghamshire, e por algum tempo estudou em Cambridge. Em cerca de 1587, estabeleceu a Scrooby Manor House, passando a agir como uma espécie de hospedeiro de viajantes. Nessa casa, os separatistas (que vide) efetuavam cultos. Em 1608, Brewster mudou-se para a Holanda, onde se ocupou da publicação de literatura puritana. Em 1619, ele obteve os direitos de ocupação de um trecho do território da América do Norte. Juntamente com outros, ele atravessou o oceano; e, uma vez na América do Norte, ele se tornou o líder dirigente da colônia de Plymouth, até à sua morte, que ocorreu em 1644. Portanto, Brewster foi um dos pioneiros que ajudaram nos primórdios da nação norte-americana. (AM E)

BRIDEL, PHILIPPE

Foi professor de teologia da Universidade de Lausanne, na Suíça (1852 ?). *Idéias*. 1. Ele falava sobre o tema de Deus, como um ser pessoal, em contraste com as noções panteístas (que vide). 2. Nossa linguagem humana é insuficiente para falarmos sobre Deus, de tal modo que todos os termos que usamos são apenas relativos. 3. Reveste-se de suprema importância o tema da Paternidade de Deus. Quando aprendemos acerca de Deus, usamos muito desse conceito. 4. Ele preferia a revelação, e não a filosofia, em sua inquirição espiritual. 5. Essa revelação nos foi dada através de Jesus Cristo. (E)

BRIGHTMAN, EDGAR SHEFFIELD

Suas datas foram 1884-1952. Foi um filósofo personalista norte-americano. Nasceu em Holbrook, Massachussets. Foi professor na Universidade de Boston.

Idéias. 1. Meras categorias impessoais não podem explicar a experiência humana. 2. Precisam ser empregadas categorias pessoais. Ver sobre o *Personalismo*. Ver também o artigo sobre Bowne, Borden Parker, quanto ao desenvolvimento dessa idéia. Brightman foi o sucessor de Bowne, na Universidade de Boston. 3. As idéias da filosofia fenomenológica e existencial precisam ser levadas a sério, porquanto apóiam as idéias do personalismo. 4. O personalismo também dá apoio às noções de individualidade, pelo que não devemos permitir que a idéia do senhorio de Deus avassale o conceito de *liberdade*. Ver sobre o *livre-arbítrio*. 5. O problema do mal (que vide) pode ser resolvido se concebermos Deus como um ser finito, e não como um ser infinito. A tragédia também é um problema para Deus, acerca do qual ele está operando.

Escritos: *An Introduction to Philosophy; A Philosophy of Ideals; The Problem of God; Nature of Values; Person and Reality; The Nature of Some of Our Physical Concepts*. (AM EP P)

BRIGITTA, Ver Birgitta, Stª.

BRIHASPATI

Literalmente, **senhor da fala**. Trata-se de uma das divindades abstratas mencionadas na literatura védica posterior. — Estaria intimamente relacionada aos *agni* (que vide). Ver também sobre os *Vedas*.

BRINCOS

No hebraico, **nezem**, «argola de orelha ou de nariz». Essa palavra aparece por quinze vezes (para exemplificar: Gên. 24:22,30,47; 35:4; Êxo. 32:2; Juí. 8:24-26; Osé. 2:13).

O uso de brincos é um costume muito antigo, muito generalizado. Já desde os dias de Abraão há menção ao costume (Gên. 24). Em algumas culturas, tanto homens quanto mulheres usavam brincos (Êxo. 32:2, onde se aprende que, desde a época de Moisés, meninos israelitas usavam brincos). O trecho de Juí. 8:24,25 mostra-nos que os ismaelitas também costumavam usar brincos. A arqueologia tem demonstrado que as estátuas gregas tinham os lobos das orelhas perfurados, para receberem brincos. Muitos tipos de brincos egípcios têm sido descobertos nas escavações arqueológicas. As damas egípcias usavam brincos grandes, tipo argola, feitos de ouro, de quatro a cinco centímetros de diâmetro. Alguns brincos consistiam em até seis argolas soldadas umas às outras. Alguns brincos tinham o formato de vespas, mas parece que o formato limitava-se aos membros da família real. Alguns brincos tinham formatos estilizados de diversos animais. Os antigos assírios, homens e mulheres igualmente, usavam brincos de vários formatos. Entre os hebreus, havia argolas para o nariz, muito parecidas com os brincos. A argola para o nariz está em foco em Gên. 24:47; Pro. 11:22; Isa. 3:21. Algumas vezes, jóias eram vinculadas aos anéis, como decoração extra. — Aparentemente, argolas e anéis de ouro, que os israelitas tinham em sua possessão, foram usados por Aarão para o fabrico do bezerro de ouro (Êxo. 32:2,3), o que nos sugere que muitas pessoas usavam prodigiosa quantidade de jóias como adorno pessoal. É evidente que vários tipos de jóias eram usadas como talismãs e amuletos, pelo que eram usados na idolatria e em práticas supersticiosas. Provavelmente assim se dava com os brincos usados pelos familiares de Jacó, que ele enterrou, juntamente com os deuses estranhos, em Betel (Gên. 35:4). O Novo Testamento recomenda-nos moderação no uso de jóias (I Tim. 2:9,10). (G I IB S)

BRITHWAITE, R.B.

Filósofo inglês (1900- ?). Nasceu em Banbury e foi educado em Cambridge, onde passou a ensinar, a começar em 1924. Era essencialmente um filósofo da ciência, que procurava ampliar seus pensamentos até o campo da ética.

Idéias. 1. As teorias científicas envolvem vários níveis de generalização, cujos termos são interpretados apenas parcialmente pela experiência. As explicações consistem em generalizações menores, por parte de alguma generalização superior. 2. Seu ponto de vista da freqüência de probabilidades contém uma regra de rejeição, quando as freqüências relativas variam em demasia, no tocante às probabilidades inicialmente postuladas. Ele também se mostrava prudente, quando tinha de escolher entre duas hipóteses estatísticas alternativas. 3. Argumentava ele

que não há nenhum círculo vicioso no problema da indução, visto que o pensamento passa da mera crença na segurança da indução para uma crença razoável, alicerçado sobre evidências. 4. Ele aplicava os princípios da teoria dos jogos, sobretudo aqueles entre duas pessoas, aos problemas que envolvem decisões judiciais e problemas de escolhas morais difíceis.

Obras: *Scientific Explanation; An Empiricist's View of the Nature of Religious Belief; Theory of Games as a Tool of the Moral Philosopher*. (AM P)

BROAD, CHARLES DUNBAR

Nasceu em 1887, e a data do falecimento é desconhecida. Filósofo britânico, nascido em Londres. Foi professor das Universidades de St. Andrews, Dundee e Bristol, e de 1933 a 1953 foi professor de Filosofia Moral em Cambridge. Deu continuação à tradição de filósofos anteriores de Cambridge, como Russell, More, W.E. Johnson e McTaggart.

Idéias. 1. No conhecimento, nunca se chega à certeza, embora se possa adquirir um peso maior em favor de uma teoria, e não de outra, em face das experiências apropriadas e do acúmulo de evidências. 2. É necessário o desenvolvimento de uma filosofia crítica, de tal modo que essa filosofia se torne científica. 3. Após o exame de muitas teorias alternativas, Broad chegou à conclusão de que o materialismo está com a razão, isto é, que o mundo não tem componentes não-materiais, e que a consciência é criada pela combinação apropriada das condições físicas. Ver sobre o *epifenomenalismo*. 4. Ele acreditava, porém, na existência de certas condições que produzem a psique, as quais persistiriam após a morte, indefinidamente. As *sensações*, por outro lado, teriam pouca duração. Essas sensações nos proveriam a consciência. As sensações seriam os informes sobre questões imediatas como cor, formato, sons, cheiros e impressões táteis. Portanto, para Broad, as sensações seriam o que outros chamam de percepção dos sentidos. Todavia, ele também as definia como efeitos mentais imediatos das atividades cerebrais, resultantes da excitação de algum órgão dos sentidos, por parte de estímulos externos. 5. A filosofia especulativa, embora não possa apresentar verdades demonstráveis, pode ter uma visão sinóptica que correlacione as descobertas das ciências naturais com as teorias sociais, com a religião, com a arte e com o bom senso. 6. O conceito de uma psique material, a qual, não obstante, é capaz de sobreviver à morte do corpo físico, segundo era defendido pelo estoicismo (que vide); ou conforme as idéias dos mórmons, que acreditam que todas as coisas são materiais, incluindo Deus, embora cada coisa se encontre em um nível diferente de energia material. (AM E P)

BROADUS, JOHN A.

Suas datas foram 1827-1895. Foi ministro batista e erudito do Novo Testamento. Foi presidente do Seminário Teológico de Louisville. Foi muito influente como escritor e mestre. Dirigiu as «Lyman Beecher Lectures», na Universidade de Yale. (E)

BROCHE

Ver o artigo sobre **Ornamentos**. O broche era um fecho ornamental, com fivela, exercendo a função de alfinete de segurança. Alguns deles eram objetos muito dispendiosos, por serem feitos de ouro, de prata ou de bronze. Ver Êxo. 35:22. Havia broches na Palestina, desde o século X A.C., sendo usados por ambos os sexos para manterem as vestes no seu lugar. Eram fabricados com desenhos ornamentais, sendo tanto do tipo com dobradiça como do tipo de mola.

BRONZE

O bronze é uma liga feita de cobre, com algum estanho, embora as referências ao bronze, na Bíblia, possam indicar cobre puro. O bronze é menos maleável e mais duro que o cobre, embora mais apropriado para ser fundido, devido à sua maior fusibilidade, ou seja, seu mais baixo ponto de fusão. Quanto maior for a proporção de estanho, mais baixo será esse ponto de fusão. O uso do cobre remonta de cerca de 6000-5000 A.C., e o do bronze de cerca de 3700 A.C. Esses dois metais encontram-se entre os primeiros sucessos metalúrgicos do homem. A expressão *Idade do Bronze* (que vide) denota um período da história em que começaram a ser feitos instrumentos e armas de bronze (e de cobre), e não de pedra, madeira e osso, materiais que, antes disso, eram empregados com esse propósito.

Nas referências bíblicas, as traduções confundem o latão (que vide) com o bronze, havendo a possibilidade que, realmente, esteja em vista o cobre. Ver Jó 28:2; Êxo. 26:11; II Sam. 8:8; Isa. 26:11; Núm. 21:9; Apo. 1:15; 2:18 e 9:20. Nos tempos do Antigo Testamento, Israel usava largamente o bronze. O templo de Salomão incluía vários objetos de bronze (II Reis 7:1-51), incluindo o lavatório de bronze, também chamado «mar de fundição», que repousava em sua posição sobre as costas de doze bois de bronze, no átrio do templo. Esse objeto, segundo cálculos modernos, pesaria umas trinta toneladas, tendo sido feito por artífices fenícios. — O bronze servia para o fabrico de armaduras (I Sam. 17:5), de algemas (Juí. 16:21) e de receptáculos ocos (II Reis 25:14 e Eze. 27:13), além de servir de material de construção, como portas (Sal. 107:16), ornamentos (I Reis 7:14) e ídolos (Dan. 5:4).

Usos Figurados. 1. O bronze indica dureza e força (Lev. 26:9; Deu. 28:23). 2. Também qualidades morais, como a firmeza (Jer. 1:18), a obstinação (Isa. 48:4), etc. 3. Um firmamento tórrido e sem chuvas (Deu. 28:23), ou um solo gretado pela seca (Lev. 26:19). 4. O cativeiro (Lam. 3:7). 5. Estava associado à brutalidade, ao julgamento, ao sofrimento, etc., devido à sua associação às armas de guerra e às armaduras defensivas. Por essa razão, Homero fala no «bronze sem misericórdia». Em Apocalipse 1:15 e 2:18, o bronze está ligado ao julgamento.

Pelos fins do segundo milênio A.C., o ferro começou a substituir o bronze, naqueles objetos que requeriam maior resistência; e o mundo foi passando para a Idade do Ferro. Ver o artigo sobre a *Arqueologia*. (AM BAR ID UNA)

BROOKE, STOPFORD AUGUSTUS

Suas datas foram 1832-1916. Foi escritor e pregador de fama, autor de livros, de peças teatrais, de discursos e de poemas. Nasceu no condado de Donegal, na Irlanda, e tornou-se sacerdote da Igreja da Inglaterra. Porém, veio a tornar-se um eclesiástico independente, com simpatias unitarianas (que vide).

BRORSON, HANS ADOLF

Suas datas foram 1694-1764. Alguns consideram-

no um dos três grandes compositores de hinos da Dinamarca. Foi ordenado sacerdote, em 1722, e tornou-se bispo em 1741. Porém, é relembrado por sua simplicidade pietista, o que se reflete em seus hinos simples, mas belos. Obteve o seu maior sucesso com os seus hinos de Natal. (E)

BROWNE, ROBERT

Suas datas foram 1550-1633. Nasceu em Tolethorpe, perto de Stafford, na Inglaterra. Foi educado no Corpus Christi College e em Cambridge. Reuniu uma congregação de inconformados em Norwich, e foi aprisionado, em 1581, por haver denunciado o episcopado, mas escapou para Midelburgo, na Holanda, em 1582. Foi na Holanda que ele escreveu seus dois livros: *Reformation Without Tarrying for Any* e *Free Christians*. Nesses livros, ele exibiu sua teoria de independência congregacional. Porém, mais tarde, retratou-se de seus pontos de vista separatistas (que vide), e foi ordenado ao sacerdócio anglicano. Então serviu nessa categoria durante os seus últimos quarenta e dois anos de vida. Seus pontos de vista modificados podem ser vistos em sua obra *Reproof of Certain Shismatical Persons and Their Doctrine Concerning the Teaching and Hearing of the Word of God*. Não obstante, ele continuava defendendo o ideal congregacional da independência de cada igreja local, opondo-se ao unionismo entre Igreja e estado. (E)

BROWNE, SIR THOMAS

Suas datas foram 1615-1682. Foi escritor prosaico e médico. Nasceu na Inglaterra e era místico por natureza; ensinou os princípios da meditação e da inquirição mística. Sua obra mais importante é a *Religio Medici*, de 1643, que é uma confissão de fé e uma coletânea de idéias religiosas curiosamente compostas. (E)

BROWNING, ROBERT

Nasceu em 1812 e faleceu em 1899. Foi poeta e dramatista inglês, religioso quanto ao treinamento e ao temperamento, tendo-se tornado um intérprete moderno, vital e discernidor, através da poesia e do cristianismo. Em seus poemas, intitulados *Cleon*, *Imperante Augusto* e *Uma Estranha Epístola*, ele tornou bem vívida a vida de Jesus. Em seus poemas *Véspera de Natal*, *Dia da Páscoa* e *Uma Morte no Deserto*, ele retratou, mui habilidosamente, os sentidos da encarnação e da revelação. Em sua afirmação sobre *Saul*, *Evelyn Hope* e *Prospício*, ele expressou a esperança de uma vida futura, pós-túmulo. Ele expressava a sua espiritualidade mediante a evolução, e em *Paracelso* ele emprestou à lei do desenvolvimento um sentido humanista e cristão. Browning enfatizava a importância e a natureza crítica do desenvolvimento da alma, conforme fez em seu poema *Rabino Ben Esdras*. Demonstrava profundo otimismo e confiança nos valores espirituais, em muitos dos seus poemas, tendo mostrado como esse meio pode servir aos interesses do espírito. (E)

BROWNISMO

Ver o artigo sobre *Robert Browne*, de cujo nome derivava-se esse nome. O vocábulo *brownismo* era aplicado a um agressivo separativismo que se manifestou na porção final do reinado de Isabel I, da Inglaterra. Embora o próprio Brown, posteriormente, tivesse retornado à Igreja da Inglaterra, muitos outros elementos, principalmente homens de Cambridge, tinham começado a expressar idéias semelhantes, a respeito da reforma, tendo organizado pequenos grupos separatistas. Henry Barrowe e seus aderentes, apodados de Barrowistas, ampliaram os conceitos de Browne, o que resultou em grande oposição à Igreja Anglicana. De acordo com a lei separatista de 1593, Barrowe e outros líderes separatistas foram executados. Os homens transformaram em ódio o amor de Deus, em ambos os lados da controvérsia, e ambos os grupos pensavam que estavam servindo a Deus com palavras odiosas e com punição capital. O resultado dessas execuções foi que muitos se exilaram voluntariamente na Holanda. O nome de Brown passou a ser usado para designar os separatistas, mas eles mesmos repudiavam a ligação com Brown. Esses acontecimentos foram os primórdios dos movimentos dos batistas e dos congregacionais, que, — mais tarde, se tornaram denominações separadas, consolidando assim, uma vez mais, algum grupo religioso, através de posições doutrinárias assumidas. (C)

BROWNSON, ORESTES AUGUSTUS

Suas datas foram 1803 e 1876. Um filósofo transcendentalista e pensador religioso, nascido na América do Norte. Foi discípulo do filósofo francês Victor Cousin, e intimamente relacionado, em suas idéias, ao idealista italiano, Vincenzo Gioberti (1801-1852). Brownson era um deísta (ver sobre o *deísmo*), dependendo não somente da fé, mas também do racionalismo (que vide), quanto a seus pontos de vista. Seus escritos foram publicados em um jornal chamado *Brownson's Quarterly Review*. (F)

BRUNNER, EMIL

Suas datas foram 1899-1966. Foi um teólogo protestante suíço que estudou em Berlim e Zurique, e ensinou em Zurique.

Idéias. 1. Brunner ocupava posição a meio caminho entre o protestantismo liberal e a neo-ortodoxia (e a teologia da crise) de Karl Barth (que vide). Asseverava que apesar do homem não poder prover sua própria salvação, possui determinados poderes naturais para corresponder a Deus, estando na obrigação de utilizar os mesmos. Em outras palavras, o livre-arbítrio (que vide) é uma realidade. 2. A razão não pode solucionar todos os problemas humanos, motivo pelo qual inevitavelmente surgem contradições na filosofia e na teologia. Isso, porém, meramente mostra que a revelação encerra mistérios que, por enquanto, não cedem diante do nosso conhecimento. Uma teologia sem contradições seria uma teologia falsa, porquanto teria a presunção de resolver os grandes mistérios. 3. A tecnologia e a política tendem a despersonalizar o homem. A revelação cristã visa às *pessoas*, provendo uma chave que abre a verdadeira natureza do homem e de sua comunidade. 4. Brunner eliminava de sua discussão todos os tópicos que, para ele, não dissessem respeito imediato à inquirição espiritual do indivíduo, como o nascimento virginal e a maioria dos relatos de milagres do Novo Testamento. Destarte, ele simplificava a ortodoxia, em prol da espiritualidade prática. 5. Ele se opunha ao intelectualismo teológico, e punha a pessoa de Cristo no centro da teologia. 6. Dentro do campo da ética, ele combinava a crítica de Kant com o realismo da Bíblia e do luteranismo moderno. Mostrava-se sempre interessado pelo aspecto prático da ética. Em seu livro, *Homem em Revolta*, ele via o homem como um ser estranhamente

pessoal. Empregava as categorias e discernimentos de Kierkegaard (que vide), bem como o personalismo (que vide) de Ebner e Buber, filósofos que enfatizavam a relação com Deus, expressa pela fórmula do *eu-tu*. O homem é um pecador, responsável diante de Deus, mas revoltado contra Deus, mediante o seu pecado. Porém, o homem pode reagir favoravelmente, e então o Espírito faz dele uma nova criatura. A vontade de Deus opera através das ordenanças da criação, como a família, o trabalho, a Igreja, o estado e a cultura geral. O diálogo com todos os níveis da sociedade ajuda-nos a definir como a vontade de Deus opera através dessas instituições.

Escritos: *The Symbolical in Religious Knowledge; The Mystic and the Word; The Philosophy of Religion of Evangelical Theology; The Mediator; The Divine Imperative; Man in Revolt; Christianity and Civilization*.

BRUNO, GIORDANO

Nasceu em 1548 e faleceu em 1600. Foi filósofo italiano, nascido em Nápoles. Foi monge dominicano, e caiu na heresia através da astronomia, tendo sido então excomungado. A partir daí pôs-se a vaguear de universidade em universidade, como as de Genebra, Lyons, Toulouse, Paris, Londres, Oxford, Wittenburg, etc. Aventurou-se a ir a Veneza, em 1592, mas, para sua infelicidade, foi apanhado pela Inquisição, tendo sido aprisionado em Roma, de 1593 a 1599. Tendo-se recusado a retratar-se, foi executado na fogueira, por aqueles que, supostamente, «amavam» a Deus. Foi sepultado no Campo dei Fiori, a 17 de fevereiro de 1600, e, desse modo, tornou-se mártir da filosofia.

Idéias. 1. O universo é infinito em sua extensão e diversidade, não havendo tal coisa como o centro do universo, pois um lugar qualquer é tão centro do universo como qualquer outro. 2. Não há tal coisa como permanência; antes, tudo está em estado de fluxo. 3. As almas das coisas são mônadas; e Deus é a mônada das mônadas. Os átomos são a base formadora da matéria. Todos os elementos são imortais e eternos. As mônadas mais simples são animadas, e os mundos têm vidas que lhes são próprias. 4. Deus é tanto transcendente quanto imanente. O universo é Um, e esse Um é Deus—panteísmo (que vide). A consideração do universo como Um consiste em pensar na realidade como *Natura Naturans*. Considerá-lo sob o ponto de vista da diversidade é pensar na realidade como *Natura Naturata*. 5. O universo consiste na emanação e no retorno da natureza divina (emanação a moldes estóicos). Isso exibe as potencialidades divinas infinitas. Finalmente, todas as coisas haverão de retornar a Deus, antes que outro grande ciclo possa ter início. 6. O ponto culminante da busca ética, guiada pela razão e inspirada pelo amor, é a união eterna com Deus.

Escritos: The Ash Wednesday Supper; Concerning the Cause; Principle and One; On the Infinite Universe and Worlds; On Heroic Enthusiasma; Concerning the Boundless; Summa of Metaphysical Terms; comentários e sumários sobre a obra de Aristóteles, *Physics*. (AM RP)

BRUNSCHWIGG, LÉON

Nasceu em 1869 e faleceu em 1944. Foi filósofo francês, nascido em Paris. Educou-se na École Normale Supérieure e na Sorbonne. Ensinou na Sorbonne. Foi um idealista crítico que acreditava que a realidade é uma função do pensamento, e que a mente tem progredido através da história. No homem, a mente atinge a autoconsciência, tendo-se tornado a base de toda a ciência. Esse movimento também se dá na direção dos valores espirituais. Conhecer é impor sobre a objetividade as formas da subjetividade. O verdadeiro progresso do homem é na direção do seu interior. A filosofia nada acrescenta ao conhecimento, mas tão-somente é um reflexo seu. Ele salientava o conceito imanente de Deus, rejeitando todo antropomorfismo. (E EP P)

BRUXARIA

Ver **Adivinhação**.

BRUXARIA E MÁGICA

A mágica e a religião sempre estiveram vinculadas bem de perto, e, na maioria dos casos, assim continua sendo até os tempos modernos. Talvez assim suceda tanto por causa da tentativa de elevar o véu que separa o homem do sobrenatural como porque o espírito humano jamais se sente satisfeito com uma perspectiva puramente materialista da existência.

Além disso, tanto a religião como as artes mágicas reivindicam para si mesmas a capacidade de obter ajuda, para o homem, da parte de poderes mais elevados ou sobrenaturais, possuindo alguma forma de credo ou ritual que leva esses poderes mais altos a notarem aos homens, ajudando-os na realização de alguma coisa que porventura sintam não serem capazes de conseguir sem esse auxílio externo e sobre-hunano.

Ao refletirmos pode parecer razoável afirmar que as artes mágicas são meramente uma forma disfarçada de religião, que mantém o seu próprio credo doutrinário. Diferindo grandemente de cultura, mas ordinariamente dotadas dos elementos comuns das *divindades* e dos *espíritos* bons e maus, e sempre, de alguma crença na sobrevivência da alma, que é o estofo essencial que perfaz os alicerces doutrinários de quase todas as religiões, as artes mágicas são seguidas por muitos como sua própria religião. Isso lhes satisfaz o impulso de seguirem alguma expressão religiosa qualquer, que é perfeitamente natural para a natureza humana.

As artes mágicas são de âmbito universal. Existe a *magia branca* e *a magia negra*. Esta última emprega símbolos malignos e com freqüência tenta produzir resultados maléficos através de maldições, encantamentos e bruxarias, mediante a destruição de um bonequinho que representa a vítima, e supostas alianças com os espíritos maus. Essa forma de artes mágicas pode assumir a forma de bruxaria, embora nem todas as formas de bruxaria pratiquem a magia negra—mas podem ser mais acertadamente classificadas como *magia branca*. Por sua vez a *magia branca* procura desfazer as maldições e os encantamentos por meio do uso de contra-encantamentos e encantamentos de natureza boa ou positiva, utilizando-se até mesmo de versículos e de passagens das Escrituras em suas fórmulas fundamentais. A «magia branca», por conseguinte, supostamente procura praticar o bem, e assim sendo, operaria através de espíritos ou deuses bons.

Nas páginas do A.T., a palavra traduzida por *bruxa* ou *bruxaria* mui provavelmente se deriva de uma raiz que significa *cortar* e isso se refere ao ato de cortar as ervas usadas nos encantamentos e adivinhações. (Ver os trechos de Êxo. 22:18; Deut. 18:10; Isa. 47:9,12 e Jer. 22:9). Outros termos, associados às

artes mágicas ou à bruxaria, significam «sussurrar» ou *encantar*, como nas passagens de Isa. 3:20 e Sal. 58:5; «encantador», como em Deut. 18:11 e Isa. 42:9,12; ou *caldeu*, que pode significar a raça ou a classe dos mágicos daquela raça, segundo se lê em Dan. 2:2,4. Todavia, este último vocábulo pode significar *astrólogo*, conforme nos mostram diversas antigas inscrições babilônicas.

Nos livros do NT, a palavra grega magos e seus cognatos podem significar um mágico, um astrólogo. Originalmente, entretanto, se referia a um grupo racial da Idade Média, que assumiu posteriormente essa significação técnica. (Ver os trechos de Atos 8:9,11; 13:6,8 e Mat. 2:1). O emprego desse vocábulo, no evangelho de Mateus, certamente tem o sentido de *astrólogo*, e não de «mágico», conforme este último termo é atualmente compreendido. Lembremo-nos de que no passado a ciência astronômica era infante, empírica, e os seus cultores eram chamados «astrólogos», e não «astrônomos». — A astrologia acredita na influência dos corpos celestes sobre a existência humana; a astronomia verifica as leis que regem os movimentos desses corpos. Há uma outra palavra, no N.T., no grego «*pharmakos*», que se deriva da idéia das poções poderosas usadas nas bruxarias, como drogas, venenos, etc. (Ver Apo. 9:21; 18:23; 21:8; 22:15; Gál. 5:20). O vocábulo grego *goes*, que aparece em II Tim. 3:13, e que em nossa tradução portuguesa aparece como «impostores», pode significar um mágico ou encantador.

Embora as artes mágicas sejam ordinariamente condenadas no A.T. (ver as diversas referências dadas mais acima, que mostram a atitude negativa a respeito), há evidências de que os israelitas praticavam *certas formas* de artes mágicas; e certamente a sociedade judaica não estava inteiramente isenta disso, ainda que, algumas vezes, tais artes fossem praticadas sob a bandeira de *Yahweh*. Ornamentos eram usados como encantamentos, uma forma disfarçada, suave, de artes mágicas (ver Isa. 3:18-23). Esses ornamentos eram na forma de argolas de orelhas, broches com o formato de serpentes e várias outras modalidades de jóias, o que, para as mulheres não serviam de meros ornamentos, mas antes, eram encantamentos que supostamente atraíam a boa sorte, que facilitavam a concepção de filhos, etc. Ou então eram objetos que as judias reputavam valiosos como preservadores contra as forças malignas, como se pudessem mantê-las à distância. O trecho de Gên. 35:4 quase sem dúvida alguma, faz alusão a objetos dessa natureza, bem como a imagens domésticas.

A passagem mais notável à bruxaria dos hebreus aparece em Eze. 13:17-23, onde vemos profetisas judias a praticarem as artes mágicas a fim de preservar ou destruir indivíduos. Nisso elas eram mais *aptas* que as suas colegas pagãs. Outras formas mais inocentes de bruxaria existiam que, aparentemente, passaram sem sofrer condenação, como o uso de *encantamentos* de ervas, usados para assegurar a concepção de filhos, por parte das mulheres. (Ver Gên. 30:14-18). O patriarca Jacó usou certa forma de artes mágicas quando usou varas de vários tipos, que supostamente fizeram o gado nascer com diversos sinais. Se o artifício realmente funcionou ou não, não vem ao caso. É altamente provável que Jacó pensou que tal método *daria certo*, porque, de outra forma não teria perdido tanto tempo com tal insensatez. (Ver Gên. 30:37 e ss).

É possível que o ato de Samuel, ao derramar água (ver I Sam. 7:6), tenha visado *induzir* uma tempestade, e que isso fosse uma forma qualquer de magia, embora alguns intérpretes muito se esforcem por *limpar* essas passagens de tal sentido possível, vendo nelas outros significados, a fim de evitar a idéia de que homens e mulheres de Deus aceitaram essas práticas sem qualquer censura. Outrossim, podemos observar o elevado poder que se dava, entre os israelitas, às bênçãos e às maldições, o que, sem dúvida alguma, eram um fator muito importante na sociedade hebréia. Os resultados disso são sempre apresentados como de conformidade autêntica ao tipo de bênção ou de maldição proferida, como se algum poder místico estivesse em operação por detrás da bênção ou da maldição. (Ver Gên. 27:33,37; Núm. 23:8,20 e II Sam. 16:10).

Na cultura egípcia, as artes mágicas, visando o bem-estar dos vivos e a segurança e o bem-estar dos mortos, — eram praticadas continuamente. Várias modalidades de artes mágicas poderiam ser classificadas como «defensivas», «produtivas», «prognosticadoras», «malévolas», «fúnebres» e «operadoras de milagres». Através de tais meios supunha-se poder ajudar os homens no controle tanto de seu ambiente físico como de suas cercanias sobrenaturais, controlando tudo, desde a ação de um escorpião, de uma serpente, de animais ferozes, até as ações dos deuses ou espíritos, no que essas coisas se relacionam aos homens. O futuro era adivinhado a fim de ajudar os homens a se defrontarem com ele, ou para que pudessem tomar decisões alicerçadas em um conhecimento prévio. Os mortos eram supostamente ajudados em seu vôo para o grande além desconhecido.

Os praticantes das artes mágicas usualmente eram homens conhecedores de certas literaturas e de determinados ritos, e quando em suas manifestações mais formais, eram construtores e chefes de templos.

Nem toda a arte mágica consiste em fraude ou truque. Embora seja óbvio que os efeitos de grande parte das artes mágicas, sobre as pessoas, dependem de suas próprias *reações psicológicas* a tais coisas—e as atitudes psicológicas podem ser *fortíssimas*, causando ou curando enfermidades, e possuindo até mesmo o poder de tirar a vida—não se pode negar que mais do que isso algumas vezes está envolvido nas artes mágicas. Não é mesmo impossível que *espíritos*, de uma ou de outra categoria, estejam em ligação com certos praticantes das artes mágicas, operando através destes últimos. Outrossim, é provável que alguns desses cultores da magia sejam pessoas psiquicamente dotadas, que podem exercer grande influência psíquica, de natureza boa ou má, possuindo poderes de clarividência, de telepatia ou de conhecimento anterior. É insensatez, portanto, classificar todas estas manifestações como fraudes ou truques. Os poderes daqueles que usam das artes mágicas podem ser perfeitamente reais, e incidentes tanto antigos como modernos confirmam isso. Isso não significa, entretanto, que a fraude não seja um elemento quase constante na magia.

As atitudes demonstradas como a de Robertson (em Atos 13:18 **ss**), por conseguinte, laboram em erro, como quando ele diz: «Se alguém fica surpreendido que um homem como Sérgio Paulo tivesse sido vitimado pela influência dessa *fraude*, deveria relembrar-se do que Juvenal disse sobre o imperador Tibério, 'assentado sobre a rocha de Capri, com seu grupo de caldeus ao seu derredor'». É que o professor Robertson evidentemente supõe que as artes mágicas são sempre fraudulentas. Porém, ouso afirmar que se ele pudesse ter investigado os poderes psíquicos de Barjesus e dos «*caldeus*» que guiavam Tibério, teria encontrado um poder genuíno, embora *não* proveniente de Deus. Se tal poder, desses homens e de outros que lhes seguem as pisadas, é de natureza boa

ou má, já é *outra* questão. Lucas informa-nos que o poder de Barjesus era usado para o *mal*; mas esse poder era autêntico, a despeito disso. Mas os homens do nosso século XX são de uma atitude tão materialista que até mesmo comentadores bíblicos supõem que tais práticas devem ser sempre fraudulentas, baseadas em meros truques, ao passo que a parapsicologia está atualmente conseguindo definir, em termos mais científicos, os poderes psíquicos que com freqüência se encontram por detrás de tais manifestações. Ver o artigo sobre *Adivinhação*.

BRUXO

Ver **Adivinhação**.

BRYSON, FILHO DE STILPO

Ver o artigo sobre a Escola Megariana de Filosofia, onde há um comentário a respeito dele.

BUBER, MARTIM

Suas datas foram 1878-1965. Filósofo e místico judeu. Nasceu em Viena, tendo estudado em Viena e Berlim. Tornou-se professor de religião na Universidade de Frankfurt em Main, e professor de filosofia na Universidade hebraica em Jerusalém. Foi influenciado pelos ensinos dos hasidim de Kierkegaard. Apropriou-se do misticismo dos hasidim (que vide), e promoveu o misticismo no seio do judaísmo moderno. Ver sobre *misticismo*.

Idéias. 1. Seu tema dominante dizia respeito a como o indivíduo deve relacionar-se consigo mesmo, com o mundo e com Deus. Distinguia duas relações possíveis: Eu-tu e *eu-a coisa*. O tipo correto de relação é a primeira. O *tu* representa uma existência eterna de substância separada do eu. Esse tu, que pode ser chamado Deus, nunca pode ser apenas uma coisa. 2. Podemos falar sobre o Tu por meio da fé, com base nas experiências místicas, mas não podemos desenvolver uma epistemologia com base na relação dessa essência para com a existência e a experiência. 3. A inquirição espiritual visa o Tu misterioso, e isso requer a experiência mística. 4. A relação *eu-a coisa* diz respeito somente ao nosso conhecimento e uso das coisas, a manipulação dos objetos espaço-temporais. O *eu-eu* é uma relação entre sujeito e sujeito, e não entre sujeito e objeto. 5. *Tu* é o inteiramente outro, que não é observado, mas que pode ser reconhecido quando se revela a nós. 6. Buber opunha-se a todas as filosofias, teologias e sistemas políticos, como o Marxismo, que reduzem a experiência humana a uma relação de eu-a coisa, e que negam que haja um Tu a ser buscado.

Escritos: *I and Thou; Religion and Philosophy; The Kingdom of God; Between Man and Man; The Prophetic Faith; Two Types of Faith; Hasidism and Modern Man; The Eclipse of God; The Origin and Meaning of Hasidism*. (E C P)

BUCER, MARTIN

Suas datas foram 1491-1551. Foi um reformador e teólogo ecumênico de Estrasburgo, que se tornara frade dominicano (que vide) aos quinze anos de idade. Em 1518, ouviu Lutero e conversou com ele, em Heidelberg. Deixou os dominicanos e trabalhou como capelão e pregador, mas foi excomungado por haver contraído matrimônio. Então ele foi para Estrasburgo, associando-se aos reformadores protestantes. Procurou encontrar uma fórmula capaz de reconciliar os pontos de vista divergentes dos protestantes, acerca da Ceia do Senhor. Isso fez parte de seus esforços em prol da unidade cristã. Ele exibia uma atitude transigente pragmática e dinâmica, mas, por causa disso, obteve a reputação de ser dotado de poucas convicções teológicas. Procurou ser o mediador entre os católicos romanos e os reformadores, quando da dieta de Tatisbon, em 1541, bem como por ocasião do colóquio de Regensburgo, em 1546. Porém, a posição de transigência, sugerida pelo imperador Carlos V, no Interim de Augsburgo, em 1548 foi por ele rejeitada, embora algumas de suas próprias idéias tivessem sido utilizadas pelo monarca. Por causa disso, ele foi forçado a deixar Estrasburgo, e foi para a Inglaterra, a convite do arcebispo Cranmer. Então cooperou com a reforma cautelosa efetuada por Eduardo VI. Portanto, exerceu alguma influência sobre o Segundo Livro de Orações (1552), e sobre o Ordenal Anglicano (1550). A pedido de Eduardo, ele escreveu o *De regno Christi*, uma obra política sobre como cristianizar a Inglaterra. Parece que ele se saiu bem como anglicano. Faleceu em Cambridge, a 28 de fevereiro de 1551. Foi sepultado com altas honrarias, mas, posteriormente, a rainha Maria ordenou que seus restos mortais fossem exumados e queimados. A rainha Maria era católica, e isso explica o ato. Porém, no reinado de Isabel I, seu nome foi restaurado à honra. (AM C E)

BUCHMANISMO

Um movimento não-credal, de despertamento religioso, do séc. XX, também conhecido como Grupo de Oxford e Rearmamento Moral, fundado por Frank Buchman, um ministro luterano. Originalmente tinha por centro a Universidade de Oxford, donde se deriva um de seus nomes. Buscava alcançar verdadeira moralidade na dedicação cristã. Ver sobre o *Movimento de Oxford*.

BUCHNER, LUDWIG

Nasceu em 1824 e faleceu em 1899. Foi filósofo alemão, treinado em medicina, porém, escreveu sobre assuntos filosóficos.

Idéias. 1. Toda realidade é material, e a força e a matéria pertencem à mesma natureza, embora sejam aspectos distintos de uma mesma realidade. Ele negava a possibilidade da existência de Deus—ateísmo (que vide). 2. A mente e a alma são apenas funções do cérebro, e não entidades separadas. 3. A realidade material é dinâmica, seguindo linhas darwinianas, o que explica as inúmeras formas que conhecemos pela experiência diária. Isso também explica o desenvolvimento da cultura. 4. No terreno da ética, ele buscava a maior felicidade possível para todos, com base no respeito pelos direitos humanos, tanto individuais quanto comunitários. (P)

BUDDE, KARI

Suas datas foram 1850-1935. Professor do Antigo Testamento por trinta e cinco anos, em Marburgo, foi erudito, comentador, orientalista, teólogo e um prolífico escritor, que exerceu grande influência no ensino pessoal e através de suas obras escritas, sendo considerado um dos grandes mestres da erudição bíblica. (E)

BUDDHA, GAUTAMA SIDDHARTHA

Suas datas foram 560-477 A.C. É considerado o fundador da fé budista. Nasceu no sul do Nepal, na

Índia, nas vertentes da cadeia dos Himalaias, filho de um rei do clã Shakya. Sua grande *renúncia* de todas as coisas materiais, parece ter sido resolvida após o nascimento de seu primeiro filho. A partir de então, ele começou a sua busca pela iluminação, mediante a meditação e certas práticas ascéticas. Por algum tempo, ele viveu como um esmoler. Intensificando sua inquirição, ele sentou-se debaixo da árvore Bo, de frente para o oriente, resolvido a não se movimentar enquanto não recebesse a iluminação buscada. Diz-se que ele ficou sentado em uma só posição, meditando, durante sete semanas. Veio, afinal, a iluminação que ele buscava, e ele tornou-se um Buda, isto é, um *iluminado*. Cinco companheiros, com os quais tinha praticado o ascetismo, tornaram-se seus primeiros monges, mas o número deles cresceu rapidamente. Mais tarde, foi adicionada uma ordem de freiras budistas. Durante muitos anos, ensinou seus discípulos e teve um ministério produtivo. Já idoso, sentindo a aproximação da morte, fez seu leito ser posto entre duas árvores, e passou suas últimas horas sendo servido por alguns discípulos, a quem deu instruções. Ficou registrado que suas palavras finais foram: «Agora, irmãos, despeço-me de vocês. Todos os componentes do ser são transitórios; operai vossa salvação com diligência». Tendo dito essas palavras, passou a um estado de transe. Presume-se que, dali, passou para o Nirvana (que vide). Naturalmente, os detalhes de sua vida e de sua morte são acompanhados por muitas lendas, conforme geralmente se dá no caso de todos os líderes, religiosos ou não, bons ou maus. Há rumores de que se sucederam estranhos eventos, quando da aproximação de seu nascimento, incluindo curas miraculosas, e também música celestial. Quando nasceu, deu um grito de vitória. É de presumir-se que a sua renúncia, bem como os grandes acontecimentos de sua vida, também foram acompanhados por eventos e sinais incomuns. Ver o artigo abaixo, sobre o *budismo*, onde são apresentados os seus pensamentos, e os desenvolvimêntos posteriores do sistema por ele criado.

BUDISMO

I. A Religião: Pano de Fundo Histórico
II. As Idéias de Gautama Siddhartha Buddha
III. A Escola Hinayana (incluindo a Theraveda) do Budismo
IV. A Escola Mahayana do Budismo
V. Contrastes entre as Escolas Theravada e Mahayana
VI. O Budismo na China
VII. O Budismo no Japão

I. A Religião: Pano de Fundo Histórico

O budismo é a religião fundada por Gautama Buddha, no século VI A.C. Surgiu nas províncias orientais, longe do vale do rio Indus, o centro da cultura védica. Foi fundado no mesmo período do jainismo (que vide). O budismo tornou-se a religião oficial da Índia no século III A.C., mas, finalmente, desapareceu da cena indiana. — Posteriormente, tornou-se a religião dominante na China e em outras nações do Extremo Oriente. Naturalmente, em um sentido mais profundo, o budismo não desapareceu da Índia, mas foi assimilado pelo *hinduísmo* (que vide), pois cada um de seus pontos básicos foram aceitos por grandes números de hindus, para os quais Buddha é um dos grandes avatares (que vide), que espalharam a iluminação entre o povo. O budismo é antivédico e contrário às castas. Consiste em dois ramos principais, que são discutidos mais abaixo: o ramo Hinayana e o ramo Mahayana.

II. As Idéias de Gautama Siddhartha Buddha

Buda acreditava que muitas questões não tendem para a edificação, e, por esse motivo, evitava muitas questões metafísicas. O budismo original, por conseguinte, era, essencialmente, uma fé moral e mística. Consideremos os pontos abaixo:

1. A chave para o problema da salvação e da iluminação é a presença do sofrimento, da miséria e da dor. A dor não é apenas um dentre muitos aspectos de nossa experiência, mas é a sua característica mais marcante. Até mesmo muitas outras experiências, não essencialmente dolorosas, incluem seu elemento de sofrimento. Se alguém tiver de experimentar a iluminação, terá de descobrir como eliminar o sofrimento.

2. Tudo tem alguma causa, incluindo a dor; e, se essa *causa* puder ser eliminada, então o sofrimento cessará.

3. O sofrimento tem sua causa na originação dependente. A dor deve-se à *ignorância*, a qual nos leva a tomar decisões impróprias, que nos causam dor. Essas decisões impróprias produzem o *karma*, a bagagem de nossa experiência, que nos faz prosseguir nos ciclos da reencarnação (que vide)—pagando as nossas dívidas, porém, incorrendo em novas dívidas.

4. A chave para o sucesso consiste em saldar todas as dívidas antigas, sem com isso, incorrer em novas dívidas. Se deixarmos de ser ignorantes, poderemos conseguir o feito.

5. Se alguém puder pôr ponto final ao *karma* (que vide), com isso porá fim à consciência, o que importa no fim do *nome* e da *forma*. Isso equivale à cessação das sensações, da percepção, da intelecção e de seus correlatos físicos. Os cinco sentidos serão eliminados, juntamente com o sexto, o *sentido interno*. O desejo termina quando as percepções são eliminadas. Quando o desejo termina, então nosso louco apego ao mundo também termina; e é precisamente nisso que consiste toda a nossa busca.

6. O fim de nosso apego a este mundo significa que a própria existência (conforme a conhecemos) termina. Mediante a nossa busca, pomos fim à ignorância, e, através disso, pomos fim à própria existência.

7. *A vereda nobre e mediana*. Falando em termos práticos, a eliminação da ignorância ocorre quando seguimos a nobre e mediana vereda. Essa vereda evita todos os extremismos. Ela consiste em oito ações específicas, a saber:

a. Fé correta; b. resolução correta; c. linguagem correta; d. ações corretas; e. vida diária correta; f. esforços corretos; g. pensamentos corretos; h. concentração correta.

Aqueles que têm treinamento filosófico vêem nessa vereda uma grande similaridade com os conceitos aristotélicos no tocante ao *meio-de-ouro*. Ver sobre *Aristóteles*. E, naturalmente, o estoicismo romano tirou proveito do grande tema grego da moderação; paralelamente, encontramos as declarações favoráveis de Paulo, acerca do mesmo tema, em Filipenses 4:5. Ver a exposição desse versículo no NTI. Buda pensava que a auto-indulgência e a automortificação são fúteis, e que seus oito atos específicos buscam evitar esses extremos. Portanto, temos a fé correta nas *quatro verdades nobres* (ver abaixo). Resolvemos ter motivos sãos e altruístas; usamos de linguagem correta, empregando somente palavras dignas, que são úteis; praticamos a reta conduta, que inclui o evitar tirar a vida de qualquer criatura viva. Isso também inclui a rejeição dos vícios humanos comuns e os exageros, como o furto, o ódio, a sensualidade e a

intoxicação de qualquer espécie. O indivíduo *vive corretamente* quando evita o luxo e usa a sua vida para benefício do próximo (lei do amor). Um correto esforço significa evitar o mal, desvinculando-se dos desejos mundanos e enfatizando os valores positivos. A correta maneira de pensar inclui a contemplação sobre o caráter transitório da vida e a prática da meditação, de tal modo que a experiência do indivíduo inclua os estados místicos de arrebatamento e felicidade. A prática diária desses princípios éticos leva à eliminação da ignorância, e, portanto, leva à iluminação.

Talvez seja curioso que, a despeito dos ensinamentos de Buda acerca da moderação, os budistas, tanto homens quanto mulheres, geralmente tornam-se seguidores do monasticismo, o que é sinal da seriedade com que enfrentam a sua inquirição espiritual. Outrossim, essa prática foi iniciada pelo próprio Buda. Esse aspecto, pois, deve ter sido considerado um elemento da vida correta, e não um excesso.

8. *As Quatro Verdades Nobres*. a. O *sofrimento*. Esse é o fator mais importante de toda a existência humana, pois até mesmo nas situações que, essencialmente, não envolvem sofrimento, encontramos algum elemento do mesmo. Além disso, há muito sofrimento humano franco. b. — Há uma *causa do sofrimento*, que está inseparavelmente ligada ao desejo louco do homem por uma existência individual. c. Mas, há uma terceira verdade, a saber, que é possível pôr-se um *ponto final* no sofrimento, removendo-se a sua causa. d. A *vereda de oito passos*, descrita acima, é o meio para pormos fim ao sofrimento. Se alguém seguir fielmente essa vereda, poderá libertar-se totalmente do ciclo do renascimento, desenvolvimento, decadência e morte.

9. *O Nirvana*. Isso ocorre quando o karma de uma pessoa se desgasta, quando suas dívidas são pagas, quando ela não incorre em novas dívidas. Então aquela pessoa deixa de renascer, e entra no Nirvana. Contudo, a natureza do Nirvana (que vide) nunca é esclarecida, porquanto está acima das categorias da intelecção humana. Buda dizia que tudo quanto for negado acerca do Nirvana está errado, como também, tudo quanto for afirmado a seu respeito. Mediante a leitura de suas palavras, podemos respigar algumas idéias; contudo, resta um profundo mistério, que tem levado várias escolas do budismo a conjecturar sobre idéias contraditórias acerca do que seria a existência após a morte, se é que há tal existência. Abaixo damos as sugestões que se têm feito a respeito.

10. A alma ou «ego» não é uma entidade, e, estritamente falando, não existe tal coisa como identidade pessoal, porquanto trata-se de um agregado em estado de fluxo. A consciência própria é um agregado. Tal como a chama de uma tocha pode passar de um feixe para outro, sem que dois feixes sejam idênticos, assim também as *características* do próprio eu podem ser transmitidas de um agregado para outro, de tal modo que, na reencarnação, não temos uma alma que migra de um corpo para outro, mas apenas características da personalidade, as quais são transferidas para uma entidade diferente. O que passa de uma pessoa para a outra são as *skandhas*, isto é, parece ser a mesma alma que passa de um corpo para outro, embora não seja, realmente, assim. *Skandha* é um termo que significa *agregado*, referindo-se àqueles inúmeros elementos que compõem uma personalidade, suas características, desejos, vícios, virtudes, etc. Esse agregado encontra-se em estado de fluxo. Existe a identidade pessoal, mas não existe identidade *permanente*.

11. Há vida após a morte? Buda não forneceu resposta a essa pergunta. Ele não se ocupava com especulações metafísicas, porque o seu sistema era, essencialmente, ético. Naturalmente, sua ética tinha muitos elementos metafísicos, mas, a despeito disso, ele não entrou em qualquer discussão racional quanto a certas indagações específicas. Portanto, no tocante à alma, a sua proposta transferência de um corpo para outro e sua sobrevivência sempre podemos assumir diferentes posições. Consideremos a gota de orvalho. Ela termina no rio, e o rio termina no oceano. Assim, a gota de orvalho mescla-se ao oceano e deixa de existir como uma entidade individual. Porém, também podemos imaginar que o oceano entra na gota de orvalho, de tal modo que se torna uma imensidade, deixando de existir *da maneira* como vinha existindo, porquanto assumiu uma nova forma de existência, indizível e elevada. O budismo, pois, especula de ambas essas maneiras, no que diz respeito à alma.

12. *Estritamente falando*, não existe tal coisa como substância material, porque, tal como a alma, a matéria está em estado de fluxo, sendo apenas um agregado de partes em constante mutação. Neste ponto, aplicamos a doutrina budista da *transitoriedade*, que contradiz a idéia de identidade, conforme a mesma normalmente é compreendida.

III. A Escola Hinayana (incluindo a Theravada) do Budismo (500-250 A.C.). Essa foi a escola mais antiga e mais estrita do budismo. A palavra hinayana quer dizer «pequeno veículo», em contraste com o «grande veículo», chamado mahayana (que será explicado abaixo). A palavra *veículo* alude ao sistema e suas provisões. A escola hinayana desdobrou-se em quatro escolas principais? a. Theravada; b. Sarvastivada; c. Mahasanghika; d. Vaibhasika, com similares pontos de vista. A segunda dessas escolas, Sarvastivada, é a mais filosófica, sendo, para nós, a que melhor se presta para um exame de idéias.

Idéias:

1. A dor continua sendo o elemento dominante, como explicação da natureza de toda a existência humana.

Oh, é real. É a única coisa real.
A dor. Que demos nome à verdade, como homens.
Nascemos para a alegria, para que esta se torne em dor.
Nascemos na esperança, para que esta se torne em dor.
Nascemos para o amor, para que este se torne em dor.
Nascemos em dor, para que esta se torne em dor ainda maior.
E desse inexaurível superfluxo,
Possamos dar aos outros a dor, como nossa primária definição.

(Irmão aos Dragões).

2. O mesmo ensino sobre o karma, imitando Buda. Seja o karma desgastado, e não se desenvolva mais karma ainda.

3. A prática disso levará o indivíduo ao Nirvana, conforme foi descrito acima. Porém, agora, temos uma bem definida definição do Nirvana. Significa extinção, podendo ser comparada ao apagar de uma lamparina.

Exaurido o antigo anseio;
Outro não se ergue.
Libertos dos pensamentos de um futuro,
Os anseios, como sementes estéreis, não voltam,

E são apagados como se apaga uma chama.

(Sutta-Nipata)

4. A doutrina das *skandhas*, ou natureza agregada da matéria e da alma, segundo se descreveu sob os ensinamentos de Buda, é retida por essa escola.

5. A idéia da transitoriedade também é retida. Tudo está em estado de fluxo.

6. A reencarnação não envolve uma alma que migra de um corpo para outro, mas é apenas a transferência das *skandhas*.

7. Deus não existe. Buda deixou o ponto muito vago, juntamente com outras idéias metafísicas. Mas essa escola Sarvastivada do budismo nega a existência de um Deus pessoal. Portanto, a responsabilidade da salvação do homem repousa exclusivamente sobre ele mesmo, sem a possibilidade de qualquer ajuda divina.

IV. A Escola Mahayana do Budismo

O seu período formativo vai de 0 a 500 D.C. Essa é a forma mais popular e elaborada das escolas budistas. Esse nome significa «grande veículo», referindo-se ao sistema que é empregado para a busca da iluminação e do Nirvana. O vocábulo «grande» é contrastado com o termo «pequeno», que dá nome ao sistema anterior. Os seguidores do grande veículo desprezam os seguidores do pequeno veículo, sentindo-se superiores àqueles, por estarem aderindo a uma interpretação mais estrita e crua dos ensinos do grande mestre deles, Buda.

Idéias:

1. A instituição da crença no **bodhisattva**, o Salvador. O indivíduo iluminado, que ama os seus semelhantes, pode adiar sua absorção pelo Nirvana com a finalidade de ajudar a outros ao longo da vereda. Naturalmente, o *bodhisattva*, é opcional. Contudo, há muitos, nessa escola, que supõem que a figura é necessária como um estágio na direção dos budas, ou iluminados. A salvação deixa, pois, de ser questão meramente pessoal. O corpo também precisa ser salvo, e não apenas os membros individuais. Isso pode ser comparado à idéia de Cristo, a Cabeça, e da Igreja, o corpo. Estritamente falando, não haveria tal coisa como uma salvação isolada, individual. Sempre fazemos parte da comunidade, e temos responsabilidade de cuidar dela, e não apenas de nós mesmos. Isso sempre corresponderá à verdade. A salvação é uma questão comunitária. Isso faz a lei do amor tornar-se muito importante, sendo um importante discernimento quanto à natureza da espiritualidade.

2. O alvo final de toda vida, de alcance universal, é atingir a natureza de Buda, mas isso requer milênios e mesmo aeons de tempo. Nisso consistiria a salvação. Haveria dez estágios para que alguém chegasse lá: deleite; pureza; brilho intelectual; destruição de quaisquer sedimentos da ignorância e das paixões negativas; vida equânime, contemplando-se a eternidade dentro do tempo, vendo a essência interior imutável das coisas por baixo do mal que as cerca; ignorância e particularidade; obtenção da capacidade de produzir quaisquer meios necessários para a obra da salvação; inocência santa, a par de um conhecimento imediato e intuitivo; um estado mais elevado de conhecimento, que os seres sensíveis não podem seguir e, finalmente, a chegada ao cume: agora, o homem, o *bodhisattva*, é o amor e a simpatia personificados, é onisciente, é virtude, sabedoria e justiça absolutas e perfeitas.

3. O Nirvana torna-se positivo. Um sentido *secundário* é conferido ao termo, passando então a significar a concretização do amor universal e de uma profunda sabedoria, empregados em benefício do próximo. O buda é dotado de tranqüilidade mental. Ele está acima das tempestades da vida. Ele conquistou a dor e o estado de fluxo. Porém, o termo também tem o sentido *primário* de vida do além. A alma foi absorvida pelo Oceano da Vida. A existência, conforme era antes conhecida, deixou de existir. A reencarnação, embora tivesse sido a jornada real da alma, através dos aeons de tempo, terminou; e agora a alma chegou a descansar na extinção.

É verdade que os textos Mahayanas dão apoio à idéia de uma existência imortal, em uma Terra Pura. Porém, essa é apenas uma das interpretações, que não exclui a idéia de extinção.

4. *A Trindade Budista*. O Buda deve ser entendido como dotado de três manifestações: a. o corpo da transformação; b. o corpo da felicidade; e c. o corpo do Dharma. O primeiro é o Buda histórico. O segundo é uma realidade intermediária, compartilhando das qualidades do mundo físico e da realidade última, pondo em ação esquemas de salvação, em todos os lugares e em todas as épocas. O terceiro é similar aos conceitos de deidade. O Dharma é a Realidade Última, bem como o corpo cósmico de Buda, transcendendo ao que é físico. É a parte imortal que existe em nós, em Gautama Buda e em todos os outros Budas. Ver o artigo sobre aquele termo, que também tem outros significados.

V. Contrastes Entre as Escolas Theravada e Mahayana:

Theravada

a. O homem como indivíduo
b. O homem busca a emancipação pessoal por seus esforços
c. Virtude chave: a sabedoria
d. A religião é uma atividade de tempo integral
e. O ideal: o discípulo *perfeito* (o *Arhat*)
f. Buda, o santo
g. Repele as idéias metafísicas
h. Repele o ritualismo
i. Meditação apenas
j. Sempre conservador

Mahayana

a. O homem envolvido com o próximo
b. A comunidade busca a emancipação, com a ajuda do princípio da graça
c. Virtude chave: o amor (compaixão)
d. A religião é relevante a todas as vidas, incluindo os leigos
e. O ideal: o mestre Salvador (o *Bodhisattva*)
f. Buda, o Salvador
g. Inclui uma elaborada metafísica
h. Inclui rituais
i. Meditação e orações peticionárias
j. Liberal

VI. O Budismo na China

Não se sabe dizer quando o budismo atingiu a China, embora deva ter sido antes do início da era cristã. Mas, a data tradicional é 67 D.C.. No primeiro século D.C., já existia lado a lado com o taoísmo (que vide), com o qual, finalmente, se misturou. Mestres indianos foram à China, livros sagrados foram escritos, regras disciplinares foram estabelecidas, e a prática da meditação foi instituída. Finalmente, nada menos de dez diferentes escolas budistas vieram à existência. Na China predomina a escola Mahayana, embora com distorções chinesas próprias. A história do budismo na China é, essencialmente, posto que não exclusivamente, a história do desenvolvimento da escola Mahayana, naquele país. Os desenvolvimentos chineses incluem o idealismo, o

negativismo (nihilismo), o vazio (que vide), a dupla verdade, os três veículos, a sabedoria transcendental, um quádruplo Nirvana, a universalidade da natureza de Buda, a salvação final para todos, — a salvação pela fé, os votos, a possibilidade de uma súbita iluminação, a doutrina da transferência de méritos e missas pelos mortos. De modo geral, pode-se dizer que a postura ética de Buda tem sido enfatizada na China, e que o sistema adquiriu ali aplicações eminentemente práticas.

VII. O Budismo no Japão

Todas as dez escolas budistas chinesas penetraram no Japão, e, por volta de 573 D.C., o budismo mostrava-se florescente ali. Subseqüentemente, desenvolveram-se várias subdivisões dessas dez escolas. As características distintivamente japonesas vieram à tona. Com o Nichiren, o budismo tornou-se, para todos os efeitos práticos, a religião oficial do Japão. As escolas Singon e Zen (Meditação) salientam muito o misticismo. Ver o artigo separado sobre o *Budismo Zen*. Foram efetuadas reformas, que incluem o matrimônio dos sacerdotes. O budismo tem sofrido muito na China, devido ao advento do comunismo, de tal modo que, atualmente, o Japão é o grande centro do budismo, onde há mais de sete mil templos budistas, além de muitas escolas budistas. Eruditos de renome mundial têm emergido desse sistema. Ver o artigo sobre *Religiões Japonesas*. (AM E H HUS P)

BUDISMO CH'AN

Ver sobre o **Budismo Zen**, bem como o artigo geral sobre o **Budismo**.

BUGAEANO

Um epíteto dado a Hamã nas adições a Ester (que vide) (Est. 12:6). Parece que significa brigão ou fanfarrão, correspondente ao uso homérico em *Ilíada* xiii.824, *Odisséia* xviii. 79. Mas também poderia simplesmente significar um agagita, por causa da corrupção da palavra grega *agagaios*.

BUGIOS

No hebraico é **koph**, e no latim é **cephus**. O termo hebraico é amplo em seu sentido, podendo designar vários tipos de símios, como macacos e o babuíno. No Antigo Testamento, a palavra aparece somente em I Reis 10:22, onde alguma variedade de macacos constituía parte da carga importada pela frota mercante de Salomão. Provavelmente, esses animais eram trazidos do leste da África ou da Índia. Talvez esteja em foco o babuíno ou o macaco veludo, embora não possamos determinar o tipo exato envolvido nessa importação. Ao que parece, não havia macacos nativos da Palestina, pelo menos até recentes períodos geológicos. Atualmente, o habitat mais próximo de qualquer espécie de macaco é a costa da Arábia, onde vive o babuíno sagrado (hamardriada). Essa espécie vivia no Egito desde os tempos mais antigos, onde também era adorado. O ídolo babuíno talvez tivesse chifres de cabras, o que também fosse aplicado às figuras de leões, cavalos e elefantes, conforme as mesmas aparecem em moedas. (S UN Z)

BUL

Era o oitavo mês do calendário judaico, correspondente aos nossos meses de outubro e novembro (I Reis 6:38). Ver sobre *Calendário*.

BULA UNIGENITUS

Vem do latim **unus**, «um», e de **genitus**, «gerado». Esse documento foi assim chamado por causa das palavras latinas *Unigenitus Dei Filius*, «o unigênito Filho de Deus», que abrem o texto do tal documento. Essa bula foi expedida pelo papa Clemente XI, a 8 de setembro de 1713, contra a doutrina jansenista de Pasquier Quesnel (que vide). Ver o artigo sobre o *jansenismo*. (E)

BULAS PAPAIS

Esse é o nome dado às missivas oficiais publicadas solenemente pelos papas da Igreja Católica Romana. Esses documentos começam com as palavras em latim Episcopus Servus Servorum Dei, «Supervisor Escravo dos Escravos de Deus», e contêm decretos sobre questões consideradas importantes pela hierarquia romana, como declarações doutrinárias, decretos de canonização, questões disciplinares, promulgação de indulgências gerais, concessões do pálio, etc. A palavra vem do termo latino *bulla*, que indica uma pequena *bola* de metal, que, durante vários séculos, foi usada como selo autenticador dos documentos papais. Tal uso remonta do século VII D.C., e os primeiros selos-bolas eram de chumbo. Até o tempo do papa Leão XIII, as bulas eram seladas com chumbo e os breves pontifícios eram selados com o *anel de pescador*. O papa Leão XIII (que vide), modificou esse costume, passando a usar o selo de chumbo em documentos como aqueles que tratam da ereção, supressão e provisão de bispados. Esses selos, atualmente, de um lado têm as efígies de Pedro e Paulo, e, do outro lado, o nome do pontífice reinante.

Classificados juntamente com as bulas papais estão os breves pontifícios, nome esse que vem do latim *breve*, «curto». Esses outros documentos abordam todas as espécies de questões, mas são de menor importância que aqueles cobertos pelas bulas. Além desses, há as semibulas solenes documentos papais expedidos por papas recentemente eleitos, antes de sua coroação. Além desses, há outros documentos chamados *motu próprio* (que vide) e *rescritos* (que vide). Os primeiros são missivas papais sem selos, preparadas pessoalmente pelo papa, abordando questões de importância secundária. O *rescrito* é um documento preparado para responder a perguntas ou petições feitas ao papa ou a alguma das congregações sagradas, sendo uma espécie de mensagem de indivíduo para indivíduo, que não afeta outras pessoas ou comunidades. (E)

BULLINGER, HEINRICH

Suas datas foram 1504-1575. Foi reformador, mestre e pastor evangélico suíço, sucessor de Zwínglio (que vide), e principal pastor de Zurique, no ano de 1531. Foi um escritor habilidoso e pensador profundo, o qual, mesmo em meio à controvérsia, era capaz de compreender a outros, ansioso por encontrar pontos de acordo com seus adversários. Um homem raro, portanto. Suas obras de controvérsia mostram dignidade e restrição! Foi um dos responsáveis pela Confissão Helvética (que vide), que influenciou o pensamento religioso inglês. (E)

BULTMANN, RUDOLF

Suas datas foram 1884-1976. Teólogo protestante alemão, nascido em Wiefelsted. Estudou em Marburgo, Tubingen e Berlim. Ensinou em Marburgo. Foi influenciado por Heidegger. Bultmann foi um teólogo existencialista. Ver sobre o *Existencialismo*.

Idéias. 1. Ele suspeitava que muitos dos relatos do

Novo Testamento são produtos de uma imaginação superativa, e/ou de elementos mitológicos que ali foram incorporados. A tarefa do intérprete seria a de *demitizar* os textos sagrados, a fim de torná-los relevantes para o mundo contemporâneo. O único aspecto isento desse processo seria a reivindicação fundamental de que Deus tem falado e continua a falar através de Cristo. Aí temos uma verdade que não requer demitologização. 2. A mensagem central evangélica da salvação, que é a pregação do Novo Testamento, o *kerygma*, deve ser reinterpretada segundo a linguagem do existencialismo, com ênfase sobre a doutrina da liberdade humana, com inclusão do elemento do *Angst*, uma espécie de temor indefinível, sem objeto, que seria um dos elementos básicos da existência humana. Ver o artigo sobre a *dimitização*, — quanto a maiores detalhes a respeito. Parece-nos que a suposta necessidade de encontrar o elemento mítico no Novo Testamento escuda-se no *ceticismo* (que vide). Algumas pessoas simplesmente não se mostram capazes de acreditar na veracidade histórica de muito do que é declarado no Novo Testamento, como se Jesus não fosse capaz de realizar as maravilhas que lhe são ali atribuídas. Entretanto, consideremos o caso contemporâneo de *Satya Sai Baba* (que vide), o qual está reproduzindo muitos dos milagres de Jesus, diante de testemunhas oculares, em plena luz do dia, e sob escrutínio cauteloso. O ceticismo ignora o fato de que há grandes maravilhas, milagres estupendos, os quais requerem um ponto de vista mundial que inclui o que é extraordinário e miraculoso. Quando alguém se põe a pensar sobre a própria maravilha da existência, não acha estranho que ocorram milagres, pois o fato das coisas existirem já é o mais admirável milagre de todos! Questões como o nascimento virginal de Cristo, os milagres do Antigo e do Novo Testamento, a ressurreição literal de Jesus Cristo, a existência de demônios, anjos, as intervenções divinas e a expiação do pecado, através do sangue de Cristo (coisas essas que Bultmann preferia eliminar, mediante seu processo de demitização, ajustam-se facilmente em nosso mundo tão repleto de maravilhas que deixa o indivíduo que pensa inteiramente admirado. 3. Abordagem ética: Era quanto a isso que Bultmann mais se declarava um existencialista. Para ele, a existência humana pode ser considerada à parte da fé. Um homem pode se ver dominado pelas questões carnais, pressionado pelo que é visível, concreto, tangível e grosseiro, pelo que é sensual e arrogante. Em outras palavras, pode ser esmagado por toda forma de cuidados, e pela *angústia* que isso produz. Desse modo, torna-se escravo daquilo que deveria dominar.

Não obstante, a existência humana também pode ser vivida sob o pálio da fé. A autêntica vida de fé alicerça-se sobre realidades invisíveis, intangíveis. O homem precisa abandonar toda a segurança por ele mesmo arquitetada, pois isso é apenas outra fonte de sua ansiedade. As Escrituras falam sobre a vida de fé, no Espírito (Rom. 8:13 *ss*; Gál. 2:20 *ss*; Fil. 4:6), o que não consiste em uma atitude de repúdio ascético, e, sim, em certa distância em que o indivíduo se mantém do mundo. A vida espiritual caracteriza-se pela cruz e pela ressurreição, metaforicamente compreendidas, pois Bultmann mantinha uma atitude cética para com a historicidade dos relatos sagrados como base de nossa fé. Através do evangelho, uma pessoa seria liberada de sua servidão ao mundo e aos temores no mesmo existentes. A pessoa seria liberada para amar. A fé consistiria na renúncia das obras, bem como em um ato de decisão, mediante o qual o indivíduo se entrega à graça divina. A fé libertaria o indivíduo do seu passado, conferindo-lhe liberdade para viver para um novo futuro. O imperativo fundamental de toda ética é o amor (que vide). Bultmann convida-nos a ter fé no espírito do evangelho cristão, inclusive em suas leis do amor e da liberdade, sem qualquer necessidade de uma base histórica. Pois, segundo ele, até mesmo os mitos são capazes de comunicar uma profunda mensagem àqueles que têm ouvidos para ouvir.

Escritos: *Jesus and the Word; Belief and Understanding; Theology of the New Testament; The Question of Demythologizing; History and Eschatology; Jesus Christ and Mythology.* (AM C E H P)

BUNA

No hebraico, «discreção», embora outros prefiram «entendimento». Em I Crônicas 2:25 há menção a um homem com esse nome, filho de Jerameel, da família de Perez, de Judá. Cerca de 1658 A.C.

BUNI

No hebraico, «edificado». Há três homens com esse nome, no Antigo Testamento: 1. um levita da época de Neemias (Nee. 11:15), em cerca de 410 A.C. 2. Um levita cujo descendente, Semaías, foi nomeado superintendente do templo de Jerusalém, após o retorno de Judá do exílio (Nee. 11:15), em cerca de 445 A.C. Lightfoot diz que esse era o nome judaico de Nicodemos (João 3:1-3). 3. Um levita que esteve presente quando da leitura pública da lei, por parte de Esdras (Nee. 9:4).

BUNYAN, JOHN

Nasceu em 1628 e faleceu em 1688. Foi um ministro não-conformista e escritor prosaico inglês. Escreveu «O Peregrino». A despeito de sua pobreza, falta de educação formal e de haver passado doze anos encarcerado, por causa de seus pontos de vista e de suas atividades como líder da congregação de não-conformistas de Bedford, na Inglaterra, ele produziu quase sessenta livros e tratados sobre assuntos religiosos. Seu «O Peregrino» tem merecido larga circulação em diversos idiomas. Outras obras suas são: *Grace Abounding to the Chief of Sinners; The Life and Death of Mr. Badman; The Holy War.* Ele se tornou mais conhecido por causa de suas alegorias poderosas; várias de suas figuras de linguagem têm entrado na fala comum dos povos de língua inglesa e outros, como Sábio Mundano, Sussurro do Desânimo, Rio da Morte, etc. (E P)

BUQUI

No hebraico, «dilapidador». Houve dois homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um filho de Jogli, príncipe da tribo de Dã, um dos dez homens selecionados por Moisés para distribuir a conquistada terra de Canaã entre as doze tribos (Núm. 34:22). Cerca de 1618 A.C.

2. Um filho de Abisua, pai de Uzi, da linhagem de Aarão (I Crô. 6:5,51; Esd. 7:4). Cerca de 1618 A.C. Não sabemos se ele chegou a tornar-se sumo sacerdote. Em II Esdras 1:2, ele é chamado Borite.

BUQUIAS

No hebraico, «desgastado por Yahweh». Foi um levita coatita, filho de Hemã. Era músico no templo

de Jerusalém, e a seu cargo estava o sexto turno dos serviçais do templo (I Crô. 25:4). Cerca de 1014 A.C.

BURACO DA AGULHA

Ver **Agulha, Buraco da.**

BURGUESIA (BURGUÊS)

Nome dado à classe média, derivado do vocábulo francês que significa *citadino* ou *negociante*. Parece que a palavra surgiu quando a aristocracia feudal passou a referir-se às classes inferiores, como proprietários de lojas e negociantes, cujas maneiras eles deploravam e cujas condições de vida eles desprezavam, em termos levemente pejorativos. O vocábulo foi tomado por empréstimo por marxistas ou comunistas, como designação de empregadores aos quais atribuíam táticas ardilosas, calculadoras e opressivas. Assim sendo, o termo passou a envolver as idéias de luta de classes, ódio e sentimentos amargos, que são as sementes das revoluções. (E WA)

A aplicação da lei do amor curaria os males da sociedade mas os homens dificilmente aprendem esta lição. (E WA)

BURIDAN, JOHN

Nasceu em cerca de 1295 e deve ter falecido após 1366. Provavelmente nasceu em Béthune, na França. Foi filósofo e reitor da Universidade de Paris, de 1328 a 1340. Filosoficamente ele foi um nominalista moderado (ver sobre os *Universais*). Acreditava em uma força não-local que permearia o espaço e atuaria sobre os corpos locais. Discutiu sobre o problema da relação entre a razão e a vontade. Tornou-se conhecido por sua gráfica ilustração sobre o dilema da seleção entre idéias, quando duas ou mais boas idéias se conflitam. Quanto a essa questão ver o artigo sobre o *Asno de Buridan*. Escritos: *Summulae de Dialectica; Consequentiae; Sophismata; Questions on the Four Books of the Heavens and the Earth. Comentários* sobre Aristóteles. (E EP P)

BURKE, EDMUND

Suas datas foram 1729-1797. Foi estadista e escritor filosófico britânico, nascido em Dublim, na Irlanda. Educou-se no Trinity College, em Dublim. Teve carreira como escritor e filósofo, mas as atividades políticas tiraram-no da carreira de filósofo ativo. Entrou na Casa dos Comuns em 1766, e continuou no poder, no partido Whig, durante um quarto de século.

Idéias. 1. Ele distinguia o sublime do apenas belo. O belo é infinito, e não se mistura com elementos negativos. O sublime é infinito, mas não se mistura com elementos negativos como o terror e a dor. Suas idéias sobre o *sublime* influenciaram Moses Mendelssohn e o movimento do *Romantismo* (que vide). 2. Como político, ele defendeu a Revolução Americana, supondo que a mesma tentava defender liberdades tradicionais que estavam sendo desrespeitadas. No entanto, ele sentia que a Revolução Francesa voltava-se contra as tradições, em nome de um ideal imaginário.

Escritos: *On the Sublime and the Beautiful; Reflections on the Revolution in France.* (AM P)

BURLEIGH, WALTER

Nasceu em 1275, na Inglaterra, e faleceu em 1343. Foi monge franciscano e filósofo. Ensinou em Oxford e na Universidade de Paris. Foi um dos opositores de Ockham. Empregou e elaborou muito a teoria das suposições (ver *Suppositio*). Atualmente, sua obra seria classificada como semântica.

Idéias. Sua obra concentrou a atenção sobre as suposições próprias e impróprias, sobre o inter-relacionamento entre elas, suas categorias, suas descrições, etc. Sua obra aborda os tipos de relação que surgem entre termos, e o que eles designam. Tais relações são chamadas *suposições*.

Escritos: *On Aristotle; On Matter and Form; On Intention and the Remission of Form; On the Purity of the Logical Arts.* (EP P)

BUSHIDO

Vem do termo japonês **bushi**, «guerreiro», com o vocábulo *do*, «caminho» ou «princípio», uma palavra que se refere ao código dos cavaleiros (de origem confucionista e budista zen), dos cavaleiros guerreiros do Japão feudal.

BUSHNELL, HORACE

Suas datas foram 1802-1876. Foi pregador e teólogo norte-americano. Formou-se na Yale College e Divinity School. Foi pastor da North Church, em Harford, estado da Pennsylvania. Sua obra marcou o fim da teologia da Nova Inglaterra (que vide). Suas contribuições incluíram a tentativa de emancipar a Igreja do revivalismo que ignorava a lei do crescimento cristão, um conceito da Trindade que era triteísta do que trinitarista, — um ponto de vista dos milagres que ignorava as leis naturais, teorias de expiação que não levavam em conta as leis que governam a vida humana. Em lugar do revivalismo, ele preferia treinar as crianças, desde tenra idade, nos princípios da educação cristã, temendo o emocionalismo como algo superficial e ilusório na fé religiosa. Em todas as suas escritas, Bushnell desafiava os homens a adquirirem novos hábitos e modos de pensar, afastando-se de definições formais e precisas, que incorporam a letra, mas matam e ignoram o Espírito, que transmite vida. Defendia o fato de que sempre se manifestarão os elementos da intuição e do misticismo na religião, e também que é responsabilidade da teologia reconhecer e interpretar essas questões. Por outro lado, o formalismo e a letra morta como base na fé precisam ser evitados. A despeito disso, o emocionalismo destituído de bases no estudo e no treinamento deveria ser evitado. Tanto o formalismo quanto o emocionalismo são destrutivos do espírito da verdadeira fé cristã. A doutrina cristã sempre deveria ser formulada com base na *experiência* cristã, e não como mero assentimento a idéias abstratas. Bushnell foi um dos grandes pregadores do século XIX, e até hoje seus sermões são lidos com proveito. Também escreveu as seguintes obras: *Christian Nature; God in Christ; God in Theology; Nature and the Supernatural; Forgiveness and Law.* (AM C E)

BUTLER, JOSEPH

Suas datas foram 1692-1752. Bispo e filósofo britânico que, até os nossos próprios dias, tem seu nome ligado de perto às questões éticas. Nasceu em Bristol. Foi deão da catedral de São Paulo e bispo em Durham.

Idéias. O critério do certo e do errado é a nossa *consciência*. Trata-se de um princípio reflexivo e racional, que opera admiravelmente bem dentro do

homem. Na qualidade de bispo, sem dúvida, ele sentia que essa faculdade de consciência era outorgada por Deus, pelo que estaria espiritualmente garantida, embora tal idéia nem sempre seja defendida pelos filósofos que falam sobre a ética de Butler. Para ele, a consciência controla todas as ações humanas, desde o auto-amor até o altruísmo, sem muita sutileza em suas maneiras de operar e não podendo ser reduzida a uma única máxima ou critério. Seria uma faculdade intuitiva, e não meramente utilitária. *Metafísica*: Butler acreditava que a verdade da existência de Deus pode ser explicada pela razão, porquanto nos cumpre conceber um Governante Moral e Autor da natureza, em nossa filosofia. Sem isso, o mundo não tem sentido. Ver o *argumento moral*, em prol da existência de Deus e da alma, um desenvolvimento especial de Emanuel Kant. Butler também defendia a revelação bíblica contra os ataques dos deístas (ver sobre o *Deísmo*). Para ele, há dois livros nos quais o homem deve confiar: o Livro da Revelação (a Bíblia), apesar de suas ambigüidades e problemas; e o Livro da Natureza. E os dois concordam em espírito, porquanto ambos têm sua origem em Deus. A razão recebe destaque, em todas as obras de Butler. Ele argumentava que todo homem racional, ao examinar o caso, teria de admitir quão razoável é a tradição cristã como fé religiosa. A ordem e a beleza, até mesmo das coisas destituídas de vida, desvendam uma inteligência criadora, que manipula todos os objetos com algum desígnio consciente em mira. Ver sobre *Argumento Cosmológico* e *Argumento Teleológico*.

Escritos: *Fifteen Sermons; The Analogy of Religion; Dissertation upon the Nature of Virtue*. (AM C E EP P)

BUXO

No hebraico, **teashshur**. A palavra ocorre apenas por duas vezes, em Isa. 41:19 e 60:13. Indica uma variedade do cedro. A árvore produz uma madeira dura, da qual são feitos muitos objetos, incluindo colheres e pentes. O nome científico da espécie é *Buxus sempervirens longifolia*. A árvore pode atingir a altura de 5,60 m. As folhas são pequenas e escuras. Há flores minúsculas, esverdeadas pálidas, com estâmens amarelos. A espécie continua abundante nas colinas da Galiléia, e era uma árvore comum nos tempos do Antigo Testamento.

BUZ, BUZITA

No hebraico, «desprezo». Foi o nome de duas pessoas, no Antigo Testamento.

1. O segundo filho de Naor e Milca (Gên. 22:21), irmão de Uz. Cerca de 1880 A.C. Sua descendência provavelmente estabeleceu-se na Arábia Pétrea. Jeremias (25:3) anunciou julgamentos contra essa tribo, e o contexto sugere-nos uma localização no deserto da Arábia.

2. Um membro da tribo de Gade (I Crô. 5:14), pai de Jado. Cerca de 1093 A.C.

O pai de Eliú, Baraquel, é chamado de buzita (Jó 32:2,6).

BUZI

No hebraico, «desprezado por Yahweh». Era pai do profeta Ezequiel (Eze. 1:3), provavelmente um sacerdote, visto que Ezequiel também o era. Cerca de 598 A.C. Coisa alguma se sabe sobre esse homem, embora possamos supor que ele era sacerdote e/ou profeta, sendo pai de alguém que era sacerdote e profeta.



Desenho Egípcio
O Deus do Sol — Re Haracti —

Reprodução Artística de
Darrell Steven Champlin

ISBN 85-88234-33-5



Categoria: Referência